

Programa Interuniversitário de Doutoramento em História

Universidade de Lisboa, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Universidade Católica
Portuguesa e Universidade de Évora

SINAIS DE VIDA

CARTAS DA GUERRA, 1961-1974

Margarida Joana Quaresma Tomás Pontes

Tese especialmente elaborada para obtenção do Grau de
Doutor em História na Especialidade de Impérios, Colonialismo e Pós-Colonialismo

Orientador:

Professor Doutor Luís Nuno Valdez Faria Rodrigues, Professor Associado com Agregação
Departamento de História, ISCTE – IUL.

Coorientadora:

Professora Doutora, Maria Rita Braga Marquilhas, Professora Associada
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Março, 2018

Programa Interuniversitário de Doutoramento em História

Universidade de Lisboa, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Universidade Católica
Portuguesa e Universidade de Évora

SINAIS DE VIDA

CARTAS DA GUERRA, 1961-1974

Margarida Joana Quaresma Tomás Pontes

Tese especialmente elaborada para obtenção do Grau de
Doutor em História na Especialidade de Impérios, Colonialismo e Pós-Colonialismo

Juri:

Doutor Luís Miguel Nunes Carolino, Professor Auxiliar, Departamento de História,
ISCTE – IUL

Doutora, Maria Inácia Rezola, Professora Adjunta, Escola Superior de Comunicação Social ,
Instituto Politécnico de Lisboa

Doutora Cláudia Sofia Orvalho da Silva Castelo, Investigadora Auxiliar, Centro
Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia, Universidade de Lisboa
Doutor Miguel Cardina. Investigador, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra

Doutor Paulo Fernando de Oliveira Fontes, Professor Auxiliar Convidado, Universidade
Católica de Lisboa

Doutor Luís Nuno Valdez Faria Rodrigues, Professor Associado com Agregação,
Departamento de História, ISCTE – IUL

Março, 2018

“...j'ai toujours pensé qu'un historien a pour premier devoir, comme disait mon maître Pirenne, de s'intéresser à la vie”.

Marc Bloch

Despedida

*Entre mi amor y yo han de levantarse
trescientas noches como trescientas paredes
y el mar será una magia entre nosotros.*

No habrá sino recuerdos.

*Oh tardes merecidas por la pena,
noches esperanzadas de mirarte,
campos de mi camino, firmamento
que estoy viendo y perdiendo...*

*Definitiva como un mármol
entristecerá tu ausencia otras tardes.*

Jorge Luis Borges

NOTA DE ABERTURA

Há memórias que trouxe comigo muitos anos sem saber bem de onde vinham ou o que significavam. Falo delas neste início porque são a razão de ser, naturalmente longínqua, deste trabalho.

PRIMEIRA MEMÓRIA

Um dia, era eu muito pequena, talvez 6 anos, a minha mãe levou-me ao hospital militar de Luanda. O meu avô estava internado com uma crise de asma e íamos visitá-lo. Trabalhava na marinha, embora fosse civil. Entrámos no hospital. Não me lembro do sítio, apenas que agarrei a mão da minha mãe com força. Cheirava a éter e a outras coisas que sempre associei à doença. Andámos pelos corredores até chegarmos a uma sala grande com muitas camas, tudo pintado de branco, a enfermaria. Fui logo direita ao meu avô. Estava deitado com uma máscara azulada na cara de onde saía um tubo que a ligava a uma garrafa grande e metálica ao lado da cama. Oxigénio, disse a minha mãe. O meu avô pegou-me na mão e apertou-me um bocadinho. Estava triste e eu fiquei incomodada. Soltei devagar a mão e pus-me a olhar para as outras camas. Em frente estava um homem com uma perna totalmente envolta em ligaduras, suspensa num apoio que vinha do teto branco. Os braços e uma parte da cabeça estavam também ligados. Ao lado havia outro que não tinha uma perna. Agarrei na mão da minha mãe com força e ela respondeu: vieram da guerra. Qual guerra? - perguntei baixinho. A nossa guerra, respondeu-me a minha mãe como se fosse evidente. Nada mais perguntei. Ficara a saber que havia uma guerra que era nossa, não muito longe, de onde vinham estes rapazes que estavam com o meu avô na mesma sala branca.

SEGUNDA MEMÓRIA

Passa-se numa casa em Luanda onde vivo com os meus pais e irmão. Estou numa sala ampla, o chão é em pedra de várias cores com uns desenhos miudinhos dispostos num padrão aparentemente irregular. Numa das paredes há duas janelas altas com persianas quase sempre corridas até meio por causa do calor. Lembro-me muito bem de um móvel grande com rádio, gira-discos e altifalante incorporado a que chamávamos *pick up*. É meio da tarde, tenho 6 ou 7 anos e estou sentada no chão a dobrar um maço de papéis, uns amarelos, outros azuis, outros rosa. A minha mãe é enfermeira, está ao serviço da Cruz Vermelha e pediu-me para fazer isto porque estou de férias. Dobro os papéis pelo tracejado impresso nas margens, devagar, ouvindo o programa da tarde que a rádio transmite.

Diz-me a minha mãe que estes papéis são como se fossem cartas. Com as dobras acentuadas ficarão prontos para ser escritos e depois enviados para longe, para a Metrópole. Não sei bem o que é a Metrópole. Para mim é apenas a linha final do endereço das cartas que tenho de escrever no Natal para uma tia-avó que mal conheço.

Na rádio oiço uma suave voz feminina dizer números e nomes de soldados, e também de pais, mães, irmãos e noivas, e as terras onde se encontram, longe, na Metrópole. A voz agradável termina as longas sequências de dedicatórias de uns para outros com músicas que vão sendo pedidas tarde fora. Com muita saudade, com amor, com muita amizade e carinho, desejando que este tempo passe depressa, seja breve...

Na minha ideia de criança não compreendo a razão destas saudades e separações mas a voz e as músicas são uma lengalenga que me vai entorpecendo na quietude da tarde.

Passaram muitos anos de esquecimento sobre estes momentos. Um dia, ao ter nas mãos aerogramas escritos durante a guerra colonial e ao ler cartas em que se falava destes programas de rádio para matar saudades, estas recordações voltaram e ganharam significado.

Quando me candidatei ao Programa Interuniversitário de Doutoramento em História (PIUDH) trazia um projeto de investigação, a que chamei Cartas de Guerra, tendo como objectivo contar a história da guerra colonial a partir da correspondência. Nascera do cruzamento de duas circunstâncias, a minha vida profissional e a amizade com militares ligados ao Arquivo Histórico Militar (AHM). Ao longo de vários anos, com eles fui aprendendo, da guerra e dos homens que nela participaram, o que não se sabia, não se perguntava e, habitualmente, não se dizia.

Como realizadora de documentários, principalmente sobre acontecimentos e protagonistas da nossa história contemporânea, passaram-me pelas mãos e pelos olhos, em diversas ocasiões, inúmeros documentos sobre esta guerra. Vi filmes à guarda da Cinemateca e da RTP com as partidas e chegadas dos soldados, as mensagens de Natal dos militares que estavam no mato, como então se dizia, algumas imagens de combates e muitos discursos: Salazar ordenando “para Angola e em força”, ou Marcello Caetano em família, desmentindo a guerra que corria longe e afirmando-a, tão só, uma missão de policiamento do território. De tudo o que mais me impressionou, retenho o mar de lenços no cais da Rocha do Conde de Óbidos, em Lisboa, mulheres jovens e chorosas com crianças ao colo, mães de preto e pais de chapéu a acenar, desfiles de tropas, discursos sobre a pátria na hora de largar, condecorações no dia de Portugal.

Vi também centenas de fotografias, tão semelhantes entre si que mais pareciam o álbum de um só militar, imagens de uma ausência para lá de vinte meses: ora os homens do grupo, todos juntos, armados com a G3 ou perto do *Unimog* desfeito por uma mina, ora à beira de peças de caça ou de mulheres nativas, às vezes nuas da cintura para cima, frequentemente com crianças embrulhadas em panos, transportadas às costas. E a divisa da unidade quase sempre presente: *que nunca por vencidos se conheçam*, garantiam os paraquedistas, *audaces fortuna juvat*, afirmavam os comandos, *cumprir e honrar*, prometiam os artilheiros.

Vi ainda livros de unidades, relatórios de missões, ordens de batalha de algumas operações militares, inventários e estatísticas. Vi também filmes de televisões estrangeiras com o outro lado da guerra e, nessa altura, inúmeras questões e dúvidas me ficaram sobre este conflito.

Falei com muitos que por lá tinham andado. Contaram-me histórias, trouxeram-me botas, fardas, guiões das unidades, condecorações e recordações, recortes de jornais, até partes de armas e munições. Diários, alguns. Cartas, poucas. Fiquei surpreendida.

No que eu já sabia da vida dos homens mobilizados, solidão e medo eram emoções determinantes no passar dos dias. Escrever, para mim, é também sobreviver. Onde estavam então as cartas?

Com o tempo e a confiança dos envolvidos fui encontrando inúmeras referências a cartas e aerogramas, os *bate-estradas*, como eram mais conhecidos entre vinte e quatro outros nomes que, entretanto, referenciei. A pouco e pouco, entre amigos, gente conhecida e até dentro do meu grupo de trabalho, surgiram notícias de maços de cartas ligados por fitas, geralmente guardados em caixas de sapatos dentro de armários longe do alcance.¹ Senti e percebi que a existência desta memória é comum em muitas famílias. Mas nos arquivos poucos traços há desta passagem pela guerra. Como vim depois a perceber, esta não é uma memória pacífica e poucos tomam a iniciativa de falar dela abertamente e em público.

Na Feira da Ladra encontram-se, às vezes, pequenos conjuntos de aerogramas, frequentemente espólios de alguém entretanto falecido. Um destino comum da correspondência é a fogueira e o argumento para a sua destruição é o de que já não interessa a ninguém. O que resta está à guarda das famílias até, provavelmente, se perder a grande maioria. O mesmo aconteceu com a correspondência relativa à Grande Guerra. Entre 1914 e 1918, foram escritas pelos militares do Corpo Expedicionário Português perto de 32 milhões de cartas, das quais restam agora no AHM cerca de meia centena. Com o seu desaparecimento foi também a memória que conservavam e perdeu-se um posto privilegiado de observação desse tempo.

Ao longo destes anos e porque trabalho há muito com arquivos, andei sempre com a ideia desta perda. E foi com o propósito de a ultrapassar que, com alguns civis e militares, criámos a Liga dos Amigos do Arquivo Histórico Militar (LAAHM) e iniciámos em 2003 o *Projeto Recolha*, com sede num antigo convento situado na Estrada de Chelas, pertencente ao Património Militar de Lisboa, utilizado pelo Arquivo Geral do Exército e pelo AHM, que nos cedeu uma sala.

¹ Esta imagem quase cinematográfica de maços de cartas guardados em caixas aparece frequentemente em descrições relativas a outros países. Em França, por exemplo, os lugares mais frequentes para a guarda de correspondência de guerra são “la boîte à chaussures ou sa variante rurale, le carton de boîtes à lait.” Desbois, Evelyne (1990), “Paroles de soldats, entre images et écrits”, *Mots*, 24, p. 38.

Com o generoso apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e de algumas empresas, entre as quais a agência de publicidade Guerreiro DDB, levámos a cabo uma campanha de divulgação do *Projeto Recolha*, a que chamámos *Faltam Detalhes* e que foi difundida pela comunicação social.² Recebemos centenas de telefonemas, emocionados relatos do tempo passado em África e muita mágoa pela falta de reconhecimento que a pátria mostra pelos sacrifícios passados por todos os envolvidos.

Ao mesmo tempo, desenvolvemos ações de sensibilização junto das famílias de ex-combatentes para a importância da salvaguarda destes arquivos de particulares. Participámos em almoços de confraternização de antigos combatentes onde mostrávamos um pequeno filme que realizei sobre o funcionamento do AHM, desde a recepção dos documentos, tratamento arquivístico e conservação, até à sua guarda. No entanto, sentíamos da parte da maioria uma grande reserva em confiar ao Arquivo papéis e outros objetos trazidos da guerra, paralelamente à imensa ansiedade em os perder e ao desejo de os guardar.

Entre 2003 e 2010 foram feitos 133 depósitos no AHM, iniciando-se o seu tratamento arquivístico e preservação. Deles falarei mais adiante. O objectivo da Liga dos Amigos do AHM foi sempre o de contribuir para o enriquecimento do património do Arquivo. O meu, compreender a guerra através deste olhar das pessoas comuns, expresso na correspondência.

Passados quatro anos sobre o início do Doutoramento, o que me parecia trabalhoso mas simples cresceu em complexidade e em dificuldade. A utilização da correspondência como fonte em história, com estatuto igual a outras fontes, é ainda causa de discussão mas, felizmente, também de muita investigação, com resultados encorajadores. Questões acerca da subjetividade própria e representatividade do meu corpus documental assumiram particular relevância. Para a sua resolução muito contribuiu o conhecimento de abordagens multidisciplinares que utilizam este tipo de fontes levando, em muitos casos, a um enriquecimento das perspectivas de análise. No meu projeto, as cartas adquiriram outras possibilidades de estudo. Deixei para trás a ideia inicial do contributo simples da narração individual para a escrita da história destes 13 anos, como se da verdade se tratasse. O que ficou foi a oportunidade de as

² Em Anexo A, Figuras A.1 e A.2, o panfleto publicado na imprensa escrita e distribuído nas associações de ex-combatentes. Desta campanha constou ainda a exibição televisiva de um pequeno filme publicitário e a participação de militares ligados ao AHM e à Liga dos Amigos do AHM em programas de rádio e televisão.

considerar e estudar como sinais de uma sociedade, “indicios visibles y legibles”³ da história dos homens e mulheres envolvidos neste conflito. De Cartas de Guerra passaram a Sinais de Vida.

³ Petrucci, Armando (2002), “Un paseo por los bosques de la escritura”, entrevistado por Antonio Castillo Gómez, *Litterae, Cuadernos sobre Cultura Escrita*, 2, p. 16.

AGRADECIMENTOS

O trabalho de investigação que realizei foi possível pela generosidade e eficiência de muitos que comigo se cruzaram. Quero aqui agradecer o que me deram amigos, conhecidos e família, durante estes longos anos em que, por várias vezes e circunstâncias, cheguei a pensar não conseguir concluir e escrever a dissertação que agora apresento.

A três deles, em particular, deixo uma referência especial. Sem a sua ajuda paciente, este trabalho não teria sido possível. Ao coronel Aniceto Afonso devo uma amizade sincera, a imensa disponibilidade para me ensinar e tantas conversas que me deram a ver a questão militar, muito para lá do meu horizonte.

Ao meu orientador, Professor Luís Nuno Rodrigues, devo igualmente a amizade e, sobretudo, a confiança que depositou em mim ao aceitar-me como aluna sob a sua orientação, pouco sabendo das minhas capacidades e conhecimentos. Nunca me esquecerei do incentivo que o seu apoio incondicional representou durante este tempo.

À Professora Rita Marquilhas, agradeço a imensa confiança. Mal me conhecia quando não hesitou em dar-me a chave do seu gabinete, no verão de 2010. Na sua secretária encontrei um bilhete de encorajamento e uma vintena de livros que selecionou para me ajudar a situar neste fascinante e complexo mundo das cartas. Não poderei esquecer, também, a paciência e disponibilidade com que esperou por mim.

À Fundação da Ciência e Tecnologia (FCT), agradeço a bolsa de estudo que me concedeu por quatro anos, o que me permitiu dedicar mais tempo ao estudo das cartas; aos meus professores do PIUDH, agradeço o que me ensinaram e aos meus colegas, a inspiração e a ajuda desinteressada que os seus trabalhos trouxeram ao meu, para lá do tempo bem passado que ultrapassou o calendário das aulas. Agradeço ainda às bibliotecárias do Instituto de Ciências Sociais (ICS) o apoio essencial que sempre me deram e a todos os funcionários do PIUDH que, de uma forma ou de outra, me ajudaram a lidar com as várias burocracias deste programa de doutoramento.

Devo ainda referir as inestimáveis ajudas do Arquivo Histórico Militar, da Biblioteca do Exército e do seu alferes Rui Tomás, do Arquivo Histórico e Biblioteca da Fundação

Portuguesa das Comunicações, Dras Dina Grácio e Patrícia Salvado, e, singularmente, do Doutor Eng^o Armando Sousa e Brito.

Lembro também, neste momento, um conjunto de amigos que me acompanharam neste caminho. Sei que eles sabem que é deles que falo: a Ana, o Miguel, a Ângela, a Maria, o Rui, a Fátima, o Castro, o Vítor e a Antónia.

Por fim, o meu coração vai para os meus lá de casa, a Sofia, a Carolina e o Pedro. À sua companhia tirei tempo que lhes pertencia. Em troca, esperaram por mim e deram uma mão de ajuda, preciosa.

RESUMO

Sinais de Vida trata do registo feito por homens e mulheres que, durante os anos da guerra colonial, de 1961 a 1974, fixaram em cartas, escritas ou ditadas, os seus pensamentos acerca do modo como entenderam, sentiram e viveram, em privado, uma missão pública desta natureza. Resultado da circunstância específica da guerra, as cartas cruzaram toda a sociedade, independentemente da classe social, do género e da idade, tornando-se, certamente, numa das mais democráticas fontes para a história deste período.

Escritas para circular no seu tempo, guardadas desde então e, desta forma, constituídas em arquivo, as cartas permitem, a partir das diferentes perspectivas apresentadas pela memória, pelo tempo de quem escreve e pelo tempo do texto escrito, tornar mais ampla a janela que dá a ver este período da nossa história recente e compreender como a evolução do pensamento dos militares em relação à guerra foi determinante para o fim do regime político que vigorava em Portugal.

Palavras-chave:

Portugal, Ultramar, Estado Novo, Memória, Correspondência, Guerra colonial.

ABSTRACT

Sinais de Vida - life signals - deals with the record made by men and women who, during the years of the colonial war (1961-1974) registered in letters, written or dictated, their thoughts about the private ways in which they understood, felt and lived such a collective endeavor. Resulting from the specific circumstances of the war, these letters span across social class, gender and age differences, becoming, certainly, one of the most democratic sources for the history of this period.

Written in a specific time, these letters were stored and compiled into an archive. The different perspectives offered by these recollections widen our perception of this period in Portuguese history and expand our understanding of how the evolution of military thinking was decisive to the end of the political regime that existed in Portugal at that time.

Key-words:

Portugal, Overseas colonies, Estado Novo, Memory, War letters, Colonial war.

ÍNDICE

Nota de Abertura	vii
Agradecimentos	xiii
Resumo	xv
Abstract	xvi
Índice	xvii
Índice de Figuras	xix
Índice de Quadros	xix
Índice de Mapas	xx
Glossário de Siglas	xxi
Critérios de Transcrição	xxiii
Introdução	1
I. Amigo José	1
II. Memória é tudo o que temos, palavra é tudo o que temos	14
III. Conversa entre ausentes	29
IV. Condenados ao esquecimento	33
V. Fontes	47
Capítulo 1 Escrever na guerra	53
I. Cartas são papeis... ..	64
II. ... e nela vi tudo aquilo que me dizias	79
III. Sobre as “palavras escritas no papel e em alma”	82
Capítulo 2 A vida por uma mensagem	87
I. Estar Longe	90
I.1 Quem não aparece, esquece	90
I.2 “Este nó que tenho no peito por não te poder ver”	95
I.3 “A tua fotografia está em todos os cantos da casa”	115
I.4 “Se souberes novidades manda dizer que eu gosto de saber”	119
I.5 “A vida não é como nós queremos é como ela se apresenta”	127
I.6 “O homem é o sexo forte”	135
I.7 “O assunto que nós sabemos”	138
I.8 “Nós só vamos onde o destino marcar”	147
II. Escrever no dia a dia da guerra	160
II.1 A vida que aqui passamos... ..	160

II.2	“Como vês calha a todos”	173
II.3	“Se eu morrer quero que saibas...”	178
II.4	“Ajuda-me a sofrer estes meses que faltam”	186
III.	Sobre a tristeza de “viver por cartas”	190
Capítulo 3	Viver a Guerra	205
I.	Parte Só as Cartas são o meu diário	205
I.1	Angola 1961-1963, honra e glória	205
I.2	Angola 1963-1965, sempre excelentes e valorosos	223
I.3	Moçambique 1964-1966, bravos e sempre leais	239
I.4	Angola 1966-1967, cumprir e honrar	246
I.5	Angola-Moçambique 1966-1968, que nunca por vencidos se conheçam	263
I.6	Guiné 1967-1970, que a tamanhas empresas se oferece	273
I.7	Angola 1967-1969, a patria honrae que a patria vos contempla.....	279
I.8	Moçambique 1969-1970, a sorte protege os audazes	284
I.9	Moçambique 1970-1972, o impossível não existe	292
I.10	Angola 1973-1974, o espírito comanda a massa	313
II.	Parte Sobre Viver a Guerra	319
Epílogo	337
Fontes e Bibliografia	341
Anexos	I
Anexo A	Figuras.....	II
Anexo B	Quadros	XIII
Anexo C	Mapas	XXVII
Anexo D	Sobre a Base de Dados	XXXVII

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.1 Desenho, colagem e carimbo	69
Figura 1.2 Desenho colorido.....	70
<i>Figura 1.3 Desenho e quadra</i>	70
Figura 1.4 Desenho na margem de carta.	70
Figura 1.5 Exemplos de colagem de selos	75
Figura 1.6 Aerograma distribuído no natal pelo MNF	76
Figura 3.1 Selo de Angola alusivo ao povoamento	332
Figura 3.2 Carimbo aposto pelos CTT	333
Figura A.1 Panfleto divulgação, Projecto Recolha, face.....	II
Figura A.2 Panfleto divulgação, Projecto Recolha, contraface.....	III
Figura A.3 Desenhos nas margens de carta.....	IV
Figura A.4 Aerograma de boas festas, com desenho	V
Figura A.5 Desenho alusivo ao tempo de comissão	VI
Figura A.6 “Oração do Soldado”	VII
Figura A.7 Folheto N. S ^a de África pela conversão dos pretos (face e contraface)	VIII
Figura A.8 Poema “A mãe”, escrito por um soldado, publicado em Moçambique.....	IX
Figura A.9 Telegrama dirigido ao Congresso dos Combatentes, 1973.....	X
Figura A.10 Navio patrulha NRP Madeira	XI
Figura A.11 Navio patrulha NRP São Tomé	XI
Figura A.12 Carta de autorização da LAAHM	XII

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro B.1 Relação dos Fundos com correspondência à guarda do AHM	XIV
Quadro B.2 Recrutamento Militar na Metrópole.....	XV
Quadro B.3 Candidaturas à Academia Militar	XV
Quadro B.4 Comissões associadas aos acervos depositados.....	XVI
Quadro B.5 José – Síntese da correspondência.....	XVII
Quadro B.6 José – Diagrama de fluxo epistolar.....	XVII
Quadro B.7 António – Síntese da correspondência	XVIII
Quadro B.8 António – Diagrama de fluxo epistolar	XVIII
Quadro B.9 Manuel – Síntese da correspondência	XIX

Quadro B.10 Manuel – Diagrama de fluxo epistolar	XIX
Quadro B.11 Luís (1ª Comissão) – Síntese da correspondência	XX
Quadro B.12 Luís (1ª Comissão) – Diagrama de fluxo epistolar	XX
Quadro B.13 Carlos – Síntese da correspondência.....	XXI
Quadro B.14 Carlos – Diagrama de fluxo epistolar.....	XXI
Quadro B.15 Francisco – Síntese da correspondência.....	XXII
Quadro B.16 Francisco – Diagrama de fluxo epistolar.....	XXII
Quadro B.17 Mário – Síntese da correspondência	XXIII
Quadro B.18 Mário – Diagrama de fluxo epistolar	XXIII
Quadro B.19 Joaquim – Síntese da correspondência.....	XXIV
Quadro B.20 Joaquim – Diagrama de fluxo epistolar.....	XXIV
Quadro B.21 Luís (2ª Comissão) – Síntese da correspondência	XXV
Quadro B.22 Luís (2ª Comissão) – Diagrama de fluxo epistolar	XXV
Quadro B.23 Emissores/recetores por relação e género	XXVI

ÍNDICE DE MAPAS

Mapa C.1 Angola 1961 – Operações no Norte / Planalto dos Dembos.....	XXVIII
Mapa C.2 Angola – Linhas de infiltração dos guerrilheiros	XXIX
Mapa C.3 Mapa de Angola (atual)	XXX
Mapa C.4 Guiné abril 1968 – Zonas de influência da guerrilha.....	XXXI
Mapa C.5 Mapa da Guiné (atual).....	XXXII
Mapa C.6 Moçambique – Linhas de infiltração dos guerrilheiros	XXXIII
Mapa C.7 Moçambique – Mapa de Cabo Delgado	XXXIV
Mapa C.8 Mapa de Moçambique (atual).....	XXXV

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

AM – Academia Militar

AHM – Arquivo Histórico Militar, por vezes designado apenas como Arquivo

CCS – Companhia de Comando e Serviços

CGM – Contingente geral de milicianos

CMD - Comando

COM – Curso de oficiais milicianos

CSM – Curso de sargentos milicianos

CVP – Cruz Vermelha Portuguesa

DGS – Direção-Geral de Segurança

FAP – Força Aérea Portuguesa

FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia

FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola

FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique

GC – Gago Coutinho

ICS – Instituto de Ciências Sociais

IN - Inimigo

INE – Instituto Nacional de Estatística

LAAHM – Liga dos Amigos do Arquivo Histórico Militar

MNF – Movimento Nacional Feminino

MPLA – Movimento Popular para a Libertação de Angola

NRP – Navio da República Portuguesa

NT – Nossas tropas

NTO-BAKO – Associação dos povos de origem Bakongo

ONU – Organização das Nações Unidas

OPVDCA – Organização Provincial de Voluntários e Defesa Civil de Angola

PAIGC – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde

PIDE – Polícia Internacional de Defesa do Estado

PIUDH – Programa Interuniversitário de Doutoramento em História

PM – Pistola Metralhadora

QG – Quartel General

QP – Quadro permanente

RTP – Rádio e Televisão de Portugal

SIC – Sociedade Independente de Comunicação

SPM – Serviço Postal Militar

TN – Território Nacional

TSF – Aparelhos de comunicação hertziana (telefonía sem fios)

UNITA - União Nacional para a Independência Total de Angola

UPA – União dos Povos de Angola

CRITÉRIOS DE TRANSCRIÇÃO

Os excertos da correspondência citada neste trabalho foram sempre transcritos com a ortografia original, uma vez as cartas têm estatuto de documento. O emprego de parênteses curvos contendo reticências indica supressão de texto. Quando as palavras são ilegíveis essa referência aparece também dentro de parênteses.

Cada missiva citada no texto está referenciada e identificada com a cota atribuída pelo AHM. Há casos em que, junto da cota, vem o nome do autor. Nos casos em que não é referido significa que essa identificação não tem relevância para a compreensão do texto escrito.

INTRODUÇÃO

I. AMIGO JOSÉ...

Amigo José cá recebi a sua carta no dia 2 do corrente e onde vi tudo que me manda dizer e desde já lhe digo para que tenha sempre a fé em Deus que aqui todos nós rezamos por si e por todos que lutam por Portugal que é a nossa querida Pátria.

Amigo José receba deste seu amigo um conselho: tenha sempre coragem e valentia para que tudo corra por bem pois tenho fé em Deus que isto está por pouco e então breve o teríamos na nossa companhia bem como de todos os que aí lutam e então fazia-se aqui uma grande festa em sua honra e na do namoro da Maria bem como do colega dele e depois tratava-se do seu futuro que espero que seja risonho pois são esses os meus desejos e que você bem merece.⁴

Não estava por pouco a duração da guerra que começou em Angola em 1961, como desejava o autor desta carta ao escrever para um amigo, incorporado nas primeiras companhias de caçadores que partiram para a colónia com o objectivo de constituir o dispositivo militar necessário à reocupação do território sublevado a norte.

A “grande festa” do regresso, que haveria de reunir também o “namoro da Maria” e o “colega dele”, será dois anos depois, em 1963, e estarão ausentes muitos outros rapazes e amigos que entretanto haveriam de partir para África.

Tal como José, cerca de 700 mil militares oriundos da Metrópole⁵ vão participar numa guerra que irá durar 13 anos, começando em Angola e estendendo-se à Guiné, em 1963, e a Moçambique, em 1964. Foi a última e mais longa guerra colonial levada a cabo por um país europeu e vai decorrer nos longínquos territórios do Império, a milhares de quilómetros, numa geografia pouco favorável às tropas que chegam de Lisboa. O ambiente inóspito e as longas distâncias a percorrer tornam o abastecimento difícil e desgastam os homens, pouco habituados àquelas paisagens e clima, numa guerra de guerrilha em que têm de enfrentar forças ligeiras nativas, com grande mobilidade, apoiadas do exterior ou vivendo na clandestinidade, muitas vezes misturadas com a população. Sendo o serviço militar obrigatório para todos os portugueses do sexo masculino, a maioria dos jovens foi incorporada e partiu para

⁴ Fundo R11, Caixa 16, série 1, documento 1, 02.06.1961.

⁵ A.A.V.V. (1988), *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974)*, Lisboa, Estado-Maior do Exército, p.258. Metrópole era o nome que se dava a Portugal Continental, europeu.

África. Podemos afirmar que grande parte das famílias portuguesas teve, pelo menos, um filho envolvido no conflito.⁶

José parte de uma aldeia minhota situada no sopé da serra do Gerês. Tem 21 anos, é solteiro e homem pouco habituado às letras. Apesar disso, durante os 25 meses de permanência no norte de Angola, vai tornar-se o centro de uma rede de correspondentes que se constituirá durante a sua ausência, centro esse para onde confluem, principalmente, preocupações e anseios pela distância e pela guerra, geralmente dos familiares e amigos mais próximos, incluindo muitas vezes outros que estão ou foram, entretanto, mobilizados.

Estas redes vão dar origem ao que se pode considerar uma “bulimia epistolar”,⁷ expressão frequentemente utilizada para dar conta do extraordinário volume de correspondência produzida em momentos em que ocorre um conjunto de circunstâncias excepcionais que vai mudar o quotidiano e pôr fim aos padrões habituais da vida familiar e social, como são os casos da guerra e também da emigração. Superar a distância e as saudades da terra de onde se partiu e da casa que se deixou, às vezes pela primeira vez, são as principais razões que levam à extrema necessidade de escrever. É o fim de uma certa ordem com os seus ritmos conhecidos e, de alguma forma, previsíveis, e a transformação das relações habituais que leva a esta torrente de escrita. Para a maioria, é a primeira vez que a necessidade de escrever com regularidade aparece, exigindo de todos uma fluência na leitura e na escrita que não existia até então. Uma parte significativa da população, não alfabetizada ou sendo-o de uma forma rudimentar, teve de recorrer à utilização de intermediários letrados e, por vezes, na sua ausência, correr o risco de redigir as próprias cartas sabendo-as praticamente indecifráveis.

Em 1960 Portugal tem a população mais jovem de toda a Europa ocidental⁸ mas o número de analfabetos ronda os 40%, o valor mais alto entre os países europeus.⁹ Nesta

⁶ Participaram na guerra mais de 800 mil militares se contarmos com o contingente de incorporação nativa das colónias, brancos, mulatos e negros. A necessidade de suprir, a partir de certa altura, a escassez de efectivos levou ao gradual aumento do recrutamento colonial. Sobre a africanização da guerra ver Cann, John P. (2005), *Contra-subversão em África, Como os portugueses fizeram a guerra em África, 1961-1974*, Lisboa, Prefácio, pp.105-127.

⁷ Por exemplo, Caffarena, Fabio (2005), *Lettere dalla grande guerra*, Milano, Edizioni Unicopli, p. 40 e Castillo Gómez, Antonio (2010), “Les écrits du for privé en Espagne de la fin du Moyen Âge à l'époque contemporaine. Bilan et perspectives”, em Jean-Pierre Bardet, Elisabeth Arboul e François-Joseph Ruggiu (orgs.), *Les écrits du for privé en Europe, du Moyen Âge à l'époque contemporaine. Enquêtes, Analyses, Publications*, Bordeaux, P. U. Bordeaux, p. 43.

⁸ Os grupos etários de menores de 15 anos eram quase um terço do total, cerca de 29,2%. A população com mais de 65 anos rondava os 8%. A idade média da população residente era de

altura já os Países Nórdicos, a Alemanha, o Reino Unido, a França, a Holanda, a Suíça, a Bélgica, a Irlanda, a Áustria e a Hungria, por exemplo, apresentam taxas de alfabetização da ordem dos 98%.¹⁰ Apesar desta realidade, durante os 13 anos de guerra, a expedição média de correio entre as colónias e a metrópole chegou a ser de 10 toneladas por dia para um total transportado que ronda as 21 mil toneladas.¹¹ Nenhum outro acontecimento da história portuguesa, até ao final do século XX, teve um tão extenso registo escrito de memória como esta guerra.

Este trabalho trata desse registo feito por homens e mulheres que durante esses anos fixaram nas cartas, escritas ou ditadas, os seus pensamentos acerca do modo como entenderam, sentiram e viveram em privado, uma missão pública desta natureza. Resultado da circunstância específica da guerra, as cartas cruzaram toda a sociedade, independentemente da classe social, do género e da idade, tornando-se, certamente, numa das mais democráticas fontes para a história deste período. Escritas para circular no seu tempo, guardadas desde então e desta forma constituídas em arquivo, as cartas permitem “desde la variada perspectiva que nos presentan la memoria, el tiempo del sujeto que escribe y el tiempo del texto”¹², tornar mais ampla a janela que dá a ver este período da nossa história recente e compreender como a evolução do pensamento dos militares em relação à guerra foi determinante para o fim do regime político que vigorava em Portugal.

No início da guerra, em 1961, ter-se-á registado considerável apoio da sociedade portuguesa à resposta militar que o governo desencadeou perante os massacres ocorridos em março no norte de Angola:

Era preciso restabelecer a paz e a ordem, era preciso salvar vidas, era preciso inclusivamente reocupar o território. Eu devo dizer que essa decisão do Presidente do Conselho teve, na altura, o apoio da esmagadora maioria da opinião pública nacional.

27,8 anos. Para um termo de comparação basta dizer que em 2016 esse valor é de 44,0 anos de idade. <http://www.pordata.pt/Europa/População+residente+idade+média-2265>.

⁹ GEPE/ME/INE, I.P. (2009), *50 Anos de Estatísticas da Educação*, volume I, Lisboa, p.17.

¹⁰ Candeias, António e Eduarda Simões (1999), “Alfabetização e escola em Portugal no século XX: Censos Nacionais e estudos de caso”, *Análise psicológica*, 1 (XVII), quadro I, p168.

¹¹ Barreiros, Luís e Eduardo Barreiros (2004), *História do Serviço Postal Militar/ History of Portuguese Military Postal Service. Aerogramas Militares – Catálogo. Guerra Colonial 1961-1974*, Lisboa, Edição dos autores, p.53.

¹² Lledó, Emilio (1998), *El silencio de la escritura*, Madrid, Espasa Libros, p.13.

Este consentimento, referido pelo então oficial do Estado Maior, capitão Almiro Canelhas¹³, ter-se-á esbatido ao longo dos 13 anos de duração do conflito.

Devo referir que este suposto apoio inicial da população portuguesa é, em si mesmo, indemonstrável. Portugal vivia em ditadura, a comunicação social trabalhava sob censura, não havia eleições, sondagens de opinião ou outras formas de, sem constrangimentos, conhecer o que pensavam os portugueses face ao desencadear do conflito.

No entanto, há dados que permitem levantar esta hipótese. De início, não só houve um grande número de voluntários que se ofereceu para combater nas colónias¹⁴ como a mobilização militar não levantou problemas. A sociedade portuguesa ficou profundamente surpreendida e consternada com as imagens, transmitidas pela televisão e publicadas na imprensa, dos massacres ocorridos em Angola, em Março de 1961, contra a população civil, homens, mulheres e crianças, brancos e negros, mostrando “uma rara e chocante barbaridade.”¹⁵ Nestes ataques, levados a cabo pela UPA,¹⁶ morreram cerca de 800 europeus e 6000 africanos.¹⁷

¹³ Depoimento disponível dos 35'20 aos 35'39 em Pontes, Joana et al (2002), “A Guerra anunciada” em *Século XX Português*, 7º episódio, documentário, Lisboa, SIC.

¹⁴ Não foi ainda possível coligir o número de voluntários que se ofereceram para combater no início da guerra. Há depoimentos públicos que apontam para esta ideia como, por exemplo, o do general Loureiro dos Santos, bem como referências presentes em blogs e sites dinamizados por ex-combatentes. No jornal *Operacional, defesa, forças armadas e segurança*, editado online por ex-combatentes, está publicada uma reportagem sobre a ida em 2011 ao campo militar de Tancos de antigos voluntários paraquedistas. No AHM há um conjunto de cartas dirigidas ao governo de Salazar escritas por homens que se oferecem como voluntários para a guerra.

¹⁵ Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2009) (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1961 – O Princípio do fim do império, volume 2*, Lisboa, QuidNovi, p.41.

¹⁶ UPA, União dos Povos de Angola, foi um movimento nacionalista, dirigido por Holden Roberto, com forte implantação entre os bacongos, povo que habitava o norte de Angola. Este movimento contou com o apoio logístico do Congo ex-Belga, actual Zaire. Sobre os antecedentes deste movimento, a UPNA, União dos Povos do Norte de Angola, e sua transformação na FNLA, Frente Nacional de Libertação de Angola, em 1962, ver Sanchez Cervelló, Josep (2000), “Tribalismo e Nacionalismo UPA FNLA” em Aniceto Afonso e Carlos Matos Gomes (orgs.), *Guerra Colonial*, Lisboa, Editorial Notícias, pp.34-35 e, na mesma obra, de Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes, “Movimentos de Libertação e Guerra, ANGOLA”, pp.138-147.

¹⁷ Não há a certeza sobre o número exato de vítimas dos ataques da UPA, sendo este o valor mais consensual. Este número veio a aumentar dramaticamente na sequência das operações de reocupação do norte de Angola levadas a cabo pelas tropas portuguesas que se comportavam “com emotividade bombardeando e metralhando áreas que não tinham sido afetadas pelos distúrbios”, gerando “um terror indiscriminado” e que “levou mais de 150 000 africanos a

Chamarei a esta primeira reação de apoio, uma espécie de legitimação indireta da guerra. Permitiu a partida para Angola, entre Abril e Dezembro de 1961, de cerca de 33 000 soldados, o que significa “uma impressionante vaga de unidades mobilizadas”¹⁸ em tão pouco tempo.

Com o passar dos anos e o alastrar do conflito à Guiné e a Moçambique, surgem indícios, cada vez mais claros, de uma progressiva diminuição do apoio à continuação da guerra. Esta mudança de atitude traduziu-se numa dificuldade crescente de mobilização militar, aumentando o número de refratários e diminuindo significativamente o número de candidatos à Escola de Oficiais da Academia Militar, conforme se pode observar nos Quadros B.2 e B.3 do Anexo B¹⁹. Basta referir, por exemplo, que o aumento de faltosos à inspeção é, em 1971, acima de 20% do total de recenseados e que em 1961 o número de candidatos à Academia Militar rondava os 300, não chegando a 50 em 1969. Apesar de já em 1963 se começar a colocar a questão do enquadramento dos efectivos mobilizados, em razão da diminuição acentuada do número de candidatos à Academia Militar, é em 1970 que faltam instrutores do quadro permanente para dar instrução militar e comandar o número crescente de mobilizados para a guerra.²⁰

refugiarem-se no Congo.” Cann, John P. (2005), *Contra-subversão em África, Como os portugueses fizeram a guerra em África, 1961-1974*, Lisboa, Prefácio, p.53. Ao mesmo tempo houve “retaliações violentas por parte dos colonos brancos contra os negros, perseguidos e mortos em número indeterminado”. Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2009) (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1961 – O Princípio do fim do império, volume 2*, Lisboa, QuidNovi, p.47.

¹⁸ Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2009) (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1961 – O Princípio do fim do império, volume 2*, Lisboa, QuidNovi, p.60.

¹⁹ Pinto, António Costa (2001), *O Fim do Império Português – A cena internacional, a guerra colonial e a descolonização (1961-1975)*, Lisboa, Livros Horizonte, pp.50-51.

²⁰ Sobre as várias tentativas para resolver este assunto ver, entre outras referências, Cann, John P. (2005), *Contra-subversão em África, Como os portugueses fizeram a guerra em África, 1961-1974*, Lisboa, Prefácio, pp.110-112. O progressivo agravamento da situação militar deu origem, em 1973, a legislação que motivou um grande descontentamento no meio militar e teve como uma das principais consequências a perda por parte do governo do controle político e ideológico sobre os oficiais do escalão intermédio, os capitães, posto chave de toda a estrutura militar na guerra de contra guerrilha. Este facto veio, de alguma forma, fortalecer o movimento de jovens oficiais que derrubaria o regime em 1974.

O telegrama da Figura A.9 do Anexo A ilustra a resposta de cerca de 4 centenas de oficiais do QP a uma tentativa de legitimação da política colonial através da organização de um primeiro congresso do combatente do ultramar, em 1973. O repúdio desta iniciativa mostra a perda de controle referida anteriormente.

Também a emigração, legal e clandestina, atinge os valores máximos entre 1969 e 1970, confirmando a saída do país de muitos jovens em idade de recrutamento.²¹ Como refere Baganha, “O emigrante típico deste período era do sexo masculino, solteiro, entre os 15 e os 45 anos de idade e, em regra, oriundo do sector agrícola.”²² Nos anos 60, de acordo com esta autora, um terço do fluxo migratório é constituído por clandestinos, invertendo-se a situação nos anos 70, em que o número de clandestinos ultrapassa o da emigração legal. Esta saída do país de milhares de portugueses esteve na raiz de uma profunda mudança social, tendo sido, segundo António Telo, “o factor isolado que mais terá contribuído para a democratização da sociedade portuguesa”.²³

Emigrados ou mobilizados, desaparecem os rapazes, como se queixa uma rapariga numa carta que escreve ao seu primo paraquedista:

há falta de rapazes em minha terra já não me lembro quando houvesse um baile e em Casais também é igual (...) os bailes já não teêm a graça que tinham sabes Primo há poucos rapazes e muitas raparigas ²⁴

O aumento constante do número de efetivos militares envolvidos na guerra atinge, no início dos anos 70, o limite da capacidade de mobilização de recursos na Metrópole. Esta dificuldade levou ao reforço gradual do recrutamento de efetivos naturais das colónias, usualmente conhecido como “africanização” da guerra. Entre 1971 e 1974, o recrutamento colonial andava pelos 21% na Guiné, 42% em Angola, e ultrapassou os 50% em Moçambique.²⁵ Outras medidas foram tomadas, nomeadamente a extensão, a

²¹ Baganha, Maria Ioannis (1994), “As correntes emigratórias portuguesas no século XX e o seu impacto na economia nacional”, *Análise Social*, volume XXIX (128) (4º), 1900-1988, quadro I, Emigração Portuguesa, p.974. Idem, nota 9, p.962.

²² Baganha, Maria Ioannis (1994), “As correntes emigratórias portuguesas no século XX e o seu impacto na economia nacional”, *Análise Social*, volume XXIX (128) (4º), p.962.

²³ António Telo citado em Pereira, Victor (2009), “Emigração e desenvolvimento da previdência social em Portugal”, *Análise Social*, volume XLIV (192) (3º), p.472. Como acentua Silva Lopes, o surto de emigração influenciou de forma determinante “a situação económica global, pelas dimensões que atingiu e pelas suas repercussões sobre o emprego, a balança de pagamentos, a taxa de poupança e o consumo privado.” Silva Lopes, José (1996), “Panorama geral da evolução económica entre 1960 e o início da década de 90” em António Barreto (org.), *A Situação Social em Portugal, 1930-1995*, Lisboa, ICS, p.236.

²⁴ Fundo R71, Caixa 56, série 3, documento 25, 29.09.1967.

²⁵ Cann, John P. (2005), *Contra-subversão em África, Como os portugueses fizeram a guerra em África, 1961-1974*, Lisboa, Prefácio, p.112. Ver também Borges Coelho, João Paulo (2003), “Da violência colonial à ordem pós-colonial violenta. Sobre um legado das guerras coloniais nas ex-colónias portuguesas”, *Lusotopie*, nomeadamente as pp.177-188.

partir de 1968, do serviço militar obrigatório que passou de dois para quatro anos, dois dos quais passados em África.²⁶

A sociedade civil, incluindo, a partir de certa altura, a Igreja Católica²⁷, que quase sempre estivera ao lado do regime, dá sinais claros de fadiga e da necessidade de se encontrar uma solução política que ponha fim ao conflito, o qual foi deixando de ser, consensualmente, uma guerra patriótica. Esta evolução será perceptível na correspondência trocada entre militares, familiares e amigos.

O que se sabe desta guerra é, em grande medida, o que os documentos oficiais depositados em arquivos e abertos à consulta permitem estudar. A maioria das investigações baseia-se nestas fontes e nos legados dos principais protagonistas. O conhecimento que há deste período é, sobretudo, relativo a aspectos factuais e institucionais, sendo privilegiada a história política. Existe a análise publicada de aspectos da guerra colonial e os temas em estudo tratam, geralmente, das movimentações políticas do regime, da sua relação com o contexto internacional, nomeadamente com a ONU, e do aparecimento e desenvolvimento dos movimentos de libertação africanos. É esta a altura em que a descolonização e o fim dos impérios se tornam decisivos na política internacional, então muito marcada pela Guerra Fria e pela interferência de países do bloco socialista em geografias tradicionalmente dominadas pelo ocidente.²⁸

²⁶ A.A.V.V. (1988), *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974), volume 1*, Lisboa, Estado-Maior do Exército, p.233.

²⁷ Sobre a evolução do cenário de legitimação para o de contestação da guerra ver Estevão, Nuno (2000), “Os meios católicos perante a guerra colonial: reconfigurações da questão religiosa em Portugal”, *Lusitania Sacra*, 12, 2ª série, pp 221-265.

²⁸ Sobre o Estado Novo, entre outras obras, Rosas, Fernando (1994), “O Estado Novo 1926-1974” em José Mattoso (dir.), *História de Portugal*, volume 7, Lisboa, Círculo de Leitores; Torgal, Luís Reis (2009), *Estados Novos, Estado Novo*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra; Rosas, Fernando e Pedro Aires de Oliveira *et al* (2004) (orgs), *A Transição Falhada, O Marcelismo e o fim do Estado Novo (1968-1974)*, Lisboa, Editorial Notícias; contribuição relevante é o texto crítico de Fernando Tavares Pimenta que coloca em perspetiva abordagens da historiografia portuguesa que considera significativas relativamente à natureza ideológica do Estado Novo e sua dimensão colonialista, à guerra e à descolonização. Pimenta, Fernando Tavares (2013), “A ideologia do Estado Novo, a guerra colonial e a descolonização em África” em João Paulo Avelãs Nunes e Américo Freire (orgs.), *Historiografias portuguesa e brasileira no século XX: olhares cruzados*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp.183-201. Sobre a importância da questão colonial no Estado Novo ver, entre outras obras, Alexandre, Valentim (1993), “Ideologia, economia

e política: a questão colonial na implantação do estado Novo”, *Análise Social*, volume XXVIII (123-124) (4º-5º), pp 1117-1136 e Alexandre, Valentim (1995), “A África no imaginário político português (séculos XIX-XX)”, *Penélope*, 15, pp 39-52.

Sobre a questão diplomática e as movimentações políticas do regime português, ver, entre outras, as obras de Rodrigues, Luís Nuno (2002), *Salazar e Kennedy: A crise de uma aliança*, Lisboa, Editorial Notícias; Marcos, Daniel (2007), *Salazar e de Gaulle: a França e a Questão Colonial Portuguesa 1958-1968*, Lisboa, Ministério dos Negócios Estrangeiros; Calvet de Magalhães, José (1996), *Portugal e as Nações Unidas. A Questão Colonial 1955-1974*, Lisboa, Instituto de Estudos Estratégicos Internacionais; Telo, António (1994), “As Guerras de África e a Mudança nos Apoios Internacionais de Portugal”, *Revista de História das Ideias*, 16, pp.347-369. Telo, António (1996), *Portugal e a NATO: o reencontro da tradição atlântica*, Lisboa, Edições Cosmos; Oliveira, Pedro Aires (2007), *Os despojos da Aliança. A Grã-Bretanha e a Questão Colonial Portuguesa 1945-1975*, Lisboa, Tinta-da-China. Barroso, Luís (2012), *Salazar, Caetano e o “Reduto Branco”: A Manobra Político-Diplomática de Portugal na África Austral (1951-1974)*, Porto, IESM, Fronteira do Caos Editores; Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2013), *O Acordo Secreto do Colonialismo: Portugal, África do Sul e Rodésia na última fase da guerra colonial*, Lisboa, Divina Comédia.

Sobre aspectos da guerra ver, entre outras obras, Cann, John P. (2005), *Contra-subversão em África, Como os portugueses fizeram a guerra em África, 1961-1974*, Lisboa, Prefácio; MacQueen, Norrie (2004), “As guerras coloniais”, em Fernando Rosas (org.), *A Transição Falhada: O Marcelismo e o Fim do Estado Novo*, Lisboa, Editorial Notícias, pp.263-300; Pélissier, René (1979), *Le naufrage des caravelles. Études sur la fin de l’empire portugais 1961-1975*, Orgeval, Editions Pélissier; MacQueen, Norrie (1999), *The Decolonization of Portuguese Africa. Metropolitan Revolution and the Dissolution of Empire*, Londres, Longman; Reis, B. C. e Pedro Aires de Oliveira (2012), “Cutting heads or winning hearts: late colonial Portuguese counterinsurgency and the Wiryamu Massacre of 1972”, *Civil Wars*, 14, (1), pp.80-103; Treistman, J. (2012), “Home Away From Home: Dynamics of counterinsurgency warfare”, *Comparative Strategy*, 31 (3), pp.235-252; Treistman, J. (2012), “The Colonial War revisited: Coding the military outcomes”, *African Security Review*, 21 (3), pp.68-74; Wheeler, Douglas L. (1976), “African Elements in Portugal’s Armies in Africa 1961-1974”, *Armed Forces and Society*, 2, pp. 235-250;

Sobre os movimentos de libertação, por exemplo, ver Pinto, António Costa (2001), *O Fim do Império Português – A cena internacional, a guerra colonial e a descolonização (1961-1975)*, Lisboa, Livros Horizonte; Mabeko Tali, Jean-Michel (2001), *Dissidência e Poder de Estado: o MPLA perante si próprio: 1962-1977*, 2 volumes, Luanda, Editorial Nzila; Mateus, Dalila Cabrita (1999), *A luta pela independência. A formação das elites fundadoras da FRELIMO, MPLA e PAIGC*, Mem Martins, Editorial Inquérito; Pacheco, Carlos (1997), *MPLA. Um nascimento polémico*, Lisboa, Vega; Rocha, Edmundo (1998), *O Clube Marítimo Africano, a sua contribuição para a luta pela independência nacional dos países sob domínio colonial português 1955-1961*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa; Andrade, Mário Pinto de (1997), *Origens do nacionalismo africano. Continuidade e ruptura nos movimentos unitários emergentes da luta contra a dominação colonial portuguesa, 1911-1961*. Lisboa, Dom Quixote.

Sobre a Guerra Fria e a descolonização, entre muitos exemplos, ver MacQueen, Norrie (1999), *The United Nations since 1945: Peacekeeping and the Cold War*, Londres, Longman; Connelly,

Há algumas obras de síntese sobre a guerra que incluem, além de cronologia político-militar detalhada, uma análise das consequências que as principais operações militares tiveram no desenrolar da guerra, bem como, o exame das diretivas oficiais e o seu resultado no terreno. Algumas destas obras fazem já parte da nova história militar, apresentando aspectos materiais e morais da vida dos soldados, outrora ignorados.²⁹

Há publicação recente de biografias de personalidades portuguesas ou africanas muito relevantes para o estudo deste período.³⁰ Por último, são também de referir inúmeros projetos de investigação, concluídos recentemente ou ainda em curso, que apontam para contributos relevantes no sentido de um conhecimento mais amplo sobre o Império Colonial Português.³¹

Matthew (2002), *A Diplomatic Revolution. Algeria's Fight for Independence and the origins of the Post-Cold war Era*, Oxford, Oxford University Press; Fedorowich, Kent e Martin Thomas (orgs.), *International Diplomacy and Colonial Retreat*, London, Frank Cass; Gleijeses, Piero (2002), *Conflicting Missions. Havana, Washington and Africa, 1959-1976*, Chapel Hill, University of North Carolina Press; Luard, Evan (1989), *A History of the United Nations: The Age of Decolonization 1955-1965 volume 2*, London, Macmillan; Nwaubani, Ebere (2003/3), "The United States and the Liquidation of European Colonial Rule in Tropical: Africa, 1941-1963", *Cahiers d'études africaines*, 171, pp.505-551.

²⁹ Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2009) (orgs.), *Os anos da guerra colonial*, 16 volumes, Lisboa, QuidNovi; Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2000) (orgs.), *Guerra Colonial*, Lisboa, Editorial Notícias; Themudo Barata, M. F. et al (1988-2009), *Resenha Histórico Militar das Campanhas de África 1961-1974*, 8 volumes, Lisboa, Estado-Maior do Exército. Obra de grande relevância é também a série documental "A Guerra", da autoria do jornalista Joaquim Furtado. Exibida na RTP a partir de 2007, é composta por 42 episódios, tendo sido editada em DVD em 2017. Apresenta inúmeras entrevistas com protagonistas e envolvidos de ambos os lados do conflito, bem como imagens de arquivo, com frequência inéditas, constituindo um registo de grande importância para o conhecimento sobre este tema.

³⁰ Rodrigues, Luís Nuno (2008), *Marechal Costa Gomes, No centro da tempestade*, Lisboa, Esfera dos Livros; Rodrigues, Luís Nuno (2010), *Spínola*, Lisboa, Esfera dos Livros; Tomás, António (2007), *O fazedor de utopias*, Lisboa, Tinta da China; Duarte de Jesus, José Manuel (2010), *Eduardo Mondlane. Um Homem a Abater*, Coimbra, Livraria Almedina.

³¹ Por exemplo, o Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra tem levado a cabo um projeto de recolha de testemunhos de protagonistas da revolução militar de Abril de 1974, estando já publicados em livro alguns depoimentos: Cruzeiro, Maria Manuela (1998), *Costa Gomes, o Último Marechal*, Lisboa, Editorial Notícias; Cruzeiro, Maria Manuela (2002), *Vasco Gonçalves: Um general na revolução*, Lisboa, Editorial Notícias; Cruzeiro, Maria Manuela (2004), *Melo Antunes, O sonhador pragmático*, Lisboa, Editorial Notícias. O Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa, ISCTE-IUL, teve em curso um projeto dirigido por Luísa Tiago de Oliveira intitulado "A Marinha, a Transição para a Democracia em Portugal: ação e memória." Um outro projeto de investigação da Universidade de Coimbra, coordenado por Margarida Calafate

Como era a sociedade portuguesa nesse tempo? Fazer esse retrato revela-se uma tarefa complexa devido à permanente tensão entre imobilismo e mudança que caracteriza essa época. Por um lado, observamos um país ainda rural, apresentando valores muito desfavoráveis nos principais indicadores que servem de comparação com outros países europeus. Por outro, vemos uma nação que se industrializa, tardia mas rapidamente, com um ritmo de crescimento superior ao da maioria dos países europeus, constituindo um caso único na realidade económica da Europa do pós-guerra.

Como evoluiu o pensamento, a mentalidade e os costumes numa época de tão grandes mudanças como foram os anos 60 e 70? Como é que estas mudanças chegam aos jovens e aos militares e os influenciam na sua forma de viver e pensar a guerra?³² Pouco sabemos pois não há, praticamente, estudos consistentes de carácter cultural, social e antropológico sobre os militares e suas famílias, os seus meios sociais, origens

Ribeiro, que decorreu entre 2007 e 2011, refletiu sobre “Os Filhos do Império: pós-memória e representações”, partindo do testemunho de filhos dos ex-combatentes. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/projectos/filhosdaguerracolonial/pages/intro.html>. Outros projetos do CES como “Os desertores: recusar a guerra, combater o colonialismo”, “Historicizar Memórias da Guerra Colonial” e “Memórias Cruzadas, políticas do silêncio: as guerras coloniais e de libertação em tempos pós-coloniais”, trabalham sobre as memórias sociais e individuais bem como a presença do Estado na mobilização, articulação e reconhecimento do passado. Na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da universidade Nova de Lisboa estão igualmente em curso alguns projetos incidindo nomeadamente em aspectos relevantes para a compreensão do Estado Novo. Por último, Rita Marquilhas dirigiu, no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, o projeto FLY 1900-1974, cartas particulares escritas em contexto de guerra, migração, exílio e prisão, disponibilizando a edição electrónica acompanhada de indexação linguística, histórica e sociológica: <http://fly.clul.ul.pt>. Os resultados destes projetos podem contribuir para, nas palavras de Miguel Bandeira Jerónimo, “uma avaliação crítica mais elaborada do império colonial, menos pródiga na reprodução de histórias oficiais, menos dominada por ou atreita a apropriações ideológicas várias”. Jerónimo, Miguel Bandeira (2013), “O Império Colonial em questão: Problemas e Perspetivas” em Miguel Bandeira Jerónimo (org.), *O Império Colonial em questão (sécs. XIX-XX). Poderes, saberes e instituições*. Lisboa, Edições 70, p.VIII.

³² São fundamentais as contribuições recentes das seguintes obras: Bebiano, Rui (2003), *O Poder da Imaginação. Juventude, Revolta e Resistência nos Anos 60*, Coimbra, Angelus Novus; Cruzeiro, Maria Manuela e Rui Bebiano (2006), *Anos Inquietos, Vozes do Movimento Estudantil em Coimbra (1961-1974)*, Porto, Afrontamento; Pereira, José Pacheco (2013), *As Armas de Papel*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates.

culturais, formação pessoal, aspirações, projetos de vida ou expectativas para depois do regresso de África.³³

O objectivo deste trabalho é, de uma forma lata, olhar este período da história recente a partir de cartas privadas escritas por gente comum. Mais especificamente, é compreender como os militares foram expressando na correspondência o entendimento da sua missão na guerra, como perceberam as colónias e o fim próximo do Império. Pretende-se também avaliar até que ponto o discurso deste grupo, tradicionalmente silenciado, contrasta com as visões oficiais difundidas pelo poder político da época e, também, com as conclusões que a historiografia, até hoje, recorrendo a outras fontes, foi tirando.

Pela sua natureza, como refere Caffarena, estes testemunhos escritos impõem-se como uma questão historiográfica ao revelarem a sua utilidade para que a história geral da guerra seja vista de forma mais abrangente, completando as fontes institucionais e diplomáticas com a pequena história, as “miniature di vita costituite dalle esperienze dei singole individui”,³⁴ permitindo restabelecer os meios social, económico e político no qual viveram. Trata-se de um minucioso e persistente trabalho de cruzamento da história colectiva com a subjetiva, reunião que restitui detalhe aos grandes eventos através das nuances de tantas histórias vividas.

Este trabalho está organizado em três capítulos, antecidos pela introdução e fechados por um epílogo. A **INTRODUÇÃO** diz respeito ao enquadramento teórico-metodológico em que se insere a problemática central desta investigação. Fazemos referência aos três debates que enformam este tema, a saber, a transformação da história como disciplina levando ao aparecimento de novas questões, novos sujeitos e novos objetos de estudo, a relação entre memória e história e terminamos com uma necessária reflexão crítica sobre a particular natureza da correspondência como fonte, sublinhando a importância da carta como prática social.

De seguida passamos à descrição dos acervos depositados no AHM no âmbito do *Projeto Recolha*, que constituíram as fontes deste trabalho. Faremos uma reflexão sobre as razões que motivaram estes depósitos, fazendo notar os limites que se colocam às

³³ A publicação em 2011 dos dois volumes, *A época contemporânea* e *Os nossos dias*, inseridos na *História da Vida Privada*, vieram dar um importante contributo para o conhecimento desta época. Mattoso, José (2011) (dir.), *História da Vida Privada*, Temas e Debates.

³⁴ Caffarena, Fabio (2005), *Lettere dalla grande guerra*, Milano, Edizioni Unicopli, p.20.

possibilidades de interpretação devidos às características próprias deste conjunto de arquivos de particulares.

Segue-se o Capítulo 1, **ESCREVER NA GUERRA**. Aqui aprofundamos, em primeiro lugar, quem são os autores da correspondência recolhida, traçando, quando possível, micro biografias e apresentando as redes de correspondentes que pudemos definir. De seguida, em “**Cartas são papéis**”, fazemos uma sucinta reflexão sobre a materialidade da correspondência depositada, um primeiro olhar que permite a caracterização das missivas presentes nestes acervos. Esta aproximação, completada no ponto seguinte, “**...e nela vi tudo quanto me dizias**”, visa contribuir para a observação de soluções para a escrita encontradas por estes correspondentes, tendo em atenção a sua competência gráfica e o nível de domínio da cultura escrita. Embora fora da nossa abordagem e interessando, sobretudo, à história da cultura escrita, acreditamos que esta reflexão contribuirá para um melhor entendimento deste conjunto de fontes. Este primeiro capítulo termina com algumas considerações em jeito de conclusão, **Sobre as “palavras escritas no papel e em alma**”, onde são abordados os aspetos do domínio da materialidade conjugados com os do domínio da textualidade, observando os aspectos comuns, presentes na correspondência.

O Capítulo 2, **A VIDA POR UMA MENSAGEM**, trata dos temas que surgem na correspondência. Vamos verificar o que se escreve durante a guerra, seja por quem ficou, seja por quem partiu, mobilizado, utilizando assim a correspondência no seu conjunto. Propomos uma reflexão em três partes, partindo de duas realidades que se desdobram em tópicos relacionados, o estar longe e o estar na guerra. Na primeira parte, **Estar Longe**, observaremos os temas que se relacionam com o facto de militares, familiares e amigos se encontrarem separados por longo tempo e a grande distância. Na segunda, **Escrever no dia a dia da Guerra**, trataremos dos temas que se ligam especificamente à vivência da guerra, considerando sempre que possível o conjunto da correspondência. Este capítulo termina com uma terceira parte, **Sobre a tristeza de “viver por cartas**”, onde se apresentam as conclusões que se podem tirar a partir da análise dos temas identificados no fluxo epistolar que alimentou as redes de correspondentes.

O Capítulo 3, **VIVER A GUERRA**, trata da forma como a vivência concreta da mobilização foi passada a escrito pelos militares, em dois tempos: o de cada comissão em África e o do tempo total da guerra. Será feita uma reflexão em duas partes. Na primeira, **Só as Cartas são o meu diário**, é apresentado o que cada militar, centro do respetivo acervo, escreveu sobre a sua comissão. A ordenação é cronológica, começando com o conjunto depositado de correspondência pertencente a uma mobilização entre

1961-1963 e termina com as cartas depositadas escritas por um militar que terá estado em Angola entre 1972-1974. Vamos observar as narrativas individuais dos soldados durante os dois anos de comissão em África, relativamente à situação militar em que se encontravam, à participação em operações, contacto com o inimigo e integração na instituição militar.

Na segunda parte deste capítulo, **Sobre “Viver a Guerra”**, apresentaremos as conclusões relativas ao que as narrativas individuais, expostas na primeira parte, podem mostrar-nos se consideradas no tempo de duração da guerra, 13 anos.

Terminaremos com um resumo das ideias gerais, em **EPÍLOGO**, reflexão elaborada a partir das conclusões que fomos apresentando ao longo do trabalho.

A encerrar a dissertação, apresentamos a bibliografia e os anexos.

II. MEMÓRIA É TUDO O QUE TEMOS, PALAVRA É TUDO O QUE TEMOS³⁵

Posso afirmar que este trabalho está enquadrado por três debates ligados entre si e relevantes para a historiografia atual. O primeiro, mais geral, diz respeito à transformação profunda que ocorreu na história nos últimos 50 anos, estreitamente ligada a alterações políticas e sociais de relevo, ocorridas num tempo de crescente mudança, como foram as últimas décadas do século XX. Esta transformação pôs em causa o entendimento habitual da natureza e dos objectivos da pesquisa histórica, traduzindo-se numa crise epistemológica que representou um desafio sem precedentes para a disciplina. Os resultados obtidos neste questionamento profundo revelaram-se muito positivos pois permitiram não só revigorar o campo histórico mas levar a mudanças significativas que se traduziram no aparecimento de novos temas e problemas bem como no alargamento das fontes utilizáveis.³⁶

Um dos acontecimentos mais marcantes neste percurso foi o aparecimento de novos sujeitos como objetos de estudo, “individus jusque là sans visage ni épaisseur”, nas palavras de Philip Artières, “ordinary people”, segundo Hobsbawn, “classes subalternes”,

³⁵ Palavras do poeta Manuel António Pina, entrevistado por Anabela Mota Ribeiro para o jornal Público, em Abril de 2009. Disponível em: <http://anabelamotaribeiro.pt/20326.html>.

³⁶ Não cabe no âmbito deste trabalho o aprofundamento crítico desta transformação que a história como disciplina tem vindo a sofrer. Entre outras, as obras que se seguem contribuem de forma significativa para o entendimento deste percurso, que vai da crise do historicismo à ligação da história às ciências sociais - que importou modelos teóricos e quantitativos anteriormente estranhos à disciplina -, passando pela tentativa de uma teoria explicativa de pendor marxista para a descoberta da importância das estruturas e processos culturais e pela ascensão do pós modernismo, nomeadamente o que veio a chamar-se “the linguistic turn” - momento em que se considerou que a linguagem é a chave de acesso a toda a experiência, mediando o seu conhecimento e, por esse facto, negando-lhe autenticidade e certeza. A resposta a este relativismo, difícil de ultrapassar, veio da história cultural, surgida nos anos 80, num contexto de grande incerteza com o fim das utopias socialistas, impulsionada pelo vigor de estudos ligados a movimentos identitários à volta de certos temas como o género e a etnia, por exemplo: Tosh, John (2009) (org.), *Historians on History*, Harlow, Pearson Education Limited; Eley, Geoff (2005), *A Crooked Line, from cultural history to the history of society*, Ann Arbor, The University of Michigan Press; Bonifácio, M. Fátima (1999), “A narrativa na ‘época pós-histórica’”, *Análise Social*, volume xxxiv, (150), pp.11-28; Bebian, Rui (2000), “Sobre a história como poética”, Coimbra, s.n; Hobsbawn, Eric (1997), *On History*, London, Abacus; Spiegel, Gabrielle M. (2009), “The task of the historian”, *The American Historical Review*, 114 (1), pp.1-15; Spiegel, Gabrielle (2005) (org.), *Practicing History: New Directions in historical Writing after the Linguistic Turn*. New York, Routledge.

de acordo com Enzo Traverso, “people on their own” na expressão de Ranajit Guha, “the voices of those who have been silent and ignored throughout the centuries”, para Hodgkin e Radstone ³⁷, aqueles sobre quem não reza a história, para utilizar uma forma comum de os referir. Importantes por si sós, o seu estudo permitiu trazer à luz grupos anteriormente silenciados e suscitou o aparecimento de reflexões que desafiaram as narrativas dominantes, geralmente relativas às elites, políticas e militares, intelectuais e religiosas.

O acesso destes grupos à visibilidade histórica levou à discussão e reconhecimento de um novo lugar para a memória na escrita da história. E este lugar é o ponto central do segundo e enérgico debate que constitui um enquadramento mais específico da minha investigação e questiona a relação entre história e memória no quadro mais abrangente da relação entre o passado e o presente. Em que campos este encontro tem sido produzido e que problemas dele emergem?

Se pensarmos no lugar que a memória tem ocupado nas ciências sociais, podemos verificar que passou de uma quase ausência até aos anos 80 do século XX para uma fortíssima presença, sendo hoje central no debate que discute a sua relação com a história e também com a política.³⁸

De onde vem esta mudança? Uma breve revisão da literatura permite perceber que, até ao início do século XX, história e memória andavam juntas como duas faces da mesma realidade, a narração do passado. A memória era o suporte subjetivo da história e acompanhava o seu desenrolar.

³⁷ Artières, Philippe e Dominique Kalifa, (2002), “Présentation. L'historien et les archives personnelles: Pas à pas”, *Sociétés&Représentations* 13, Paris, Publications de la Sorbonne, p. 7; Hobsbawn, Eric (1997), *On History*, London, Abacus, p. 268; Traverso, Enzo (2005), *Le passe, modes d'emploi: histoire, mémoire, politique*, Paris, La fabrique éditions, p.24; Ranajit Guha citado por Chakrabarty, Dipesh (2000), “Subaltern Studies and Postcolonial Historiography”, *Nepantla: Views from the South*, 1(1), Duke University Press, p.14 ; Hodgkin, Katharine e Susannah Radstone (2003) (orgs.), “Introduction: contested pasts”, *Memory, History, Nation: Contested Pasts*, London: Routledge, p.4.

³⁸ Para uma abordagem crítica da explosão de estudos sobre a memória, “memory industry” nas palavras de Kerwin Lee Klein, e a sua relação com a história, ver Klein, Kerwin Lee (2000), “On the Emergence of Memory in Historical Discourse”, *Representations*, 69, e, também, Radstone, Susannah (2008), “Memory Studies: For and against”, *Memory Studies*, 1, pp.31-39, Confino, Alon (1997), “Collective Memory and Cultural History: Problems of Method”, *American Historical Review* 102, (5), pp. 1386-1403; Tumblety, Joan (2013) (org.), *Memory and History, understanding memory as source and subject*, London, Routledge e Cubitt, G. (2007), *History and Memory*, Manchester, Manchester University Press.

Na segunda metade do século XX memória e história separam-se. O passado é o seu objecto comum mas as duas realidades são diversas. Passam a relacionar-se de acordo com o que Traverso chama uma tensão dinâmica³⁹ que se traduz na distância que conseguem ter entre si. Para responder às questões postas pela memória, a história transforma-a num dos seus objetos de estudo e trabalho e, para isso, utiliza as suas regras, próprias de campo do saber independente.

Mas esta relação levanta problemas complexos. Por um lado, o carácter subjetivo da memória prende-a aos factos vividos e às impressões que deles ficam em quem os viveu, constituindo, por isso, a sua *verdade*. Mas não é uma *verdade* fixa nem definitiva sendo, antes de mais, uma construção dinâmica, contaminada por outras experiências e reflexões que a vão filtrando e que a passagem do tempo vai transformar. O que há é uma reelaboração constante, condicionada pelos modos de pensar colectivos que estão de acordo com modos partilhados de representar o passado. Como afirma Pierre Laborie, “Les témoins fabriquent l’histoire à laquelle ils ont participé.”⁴⁰

Por outro lado, a escrita da história é em si mesma um mecanismo de constituição de memória e, por esse facto, não está livre daquilo que a influencia, a saber, mitificação, sacralização, omissões e esquecimentos, voluntários ou involuntários.⁴¹ Discutir o passado e as suas versões significa, muitas vezes, uma luta no terreno da *verdade*.

³⁹ Traverso, Enzo (2005), *Le passe, modes d’emploi: histoire, mémoire, politique*, Paris, La fabrique éditions, p.43.

⁴⁰ Artières, Philippe, Arlette Farge e Pierre Laborie (2002), “Témoignage et récit historique”, *Sociétés & Représentations*, 13, Paris, Publications de la Sorbonne, p.201. Sobre esta reelaboração ver, também, Antunes, Maria José Lobo (2015), *regressos quase perfeitos, memórias da guerra em angola*, Lisboa, Tinta da China. Este livro trata do cruzamento das memórias, individuais, colectivas e oficiais, de um grupo de ex-combatentes na guerra colonial portuguesa.

⁴¹ Muitos são os exemplos de apagamento, negação e transformação de memórias na escrita da história. Basta pensar nos debates em volta da guerra civil espanhola e das ditaduras chilena e argentina, do golpe de 27 de Maio de 1977 em Angola, entre muitos outros exemplos.

Por vezes, a memória não dá lugar à história. O caso do genocídio dos Arménios, levado a cabo pelos Turcos, implica, além da ocultação e negação deste crime, a tomada de medidas por parte do Estado Turco no sentido de, na prática, impedir o acesso aos arquivos e colocar obstáculos à investigação. O mesmo sucedeu relativamente à rebelião dos Mau Mau no Quénia. Os dados sobre a resposta britânica a esta revolta foram ocultados, tendo os documentos existentes sido escondidos ou destruídos.

Por vezes, os acontecimentos não saem do campo historiográfico. É o caso dos massacres cometidos pelos italianos na Etiópia entre 1935-36. Esta impossibilidade não dá lugar às vítimas na memória coletiva italiana.

Todos estes debates ultrapassam as fronteiras da investigação histórica, entram no espaço público e questionam o nosso presente.

Embora se faça frequentemente apelo à memória para se determinar a *verdade* do passado, *memória* e *verdade* são termos instáveis e perturbadores⁴², como alertam Hodgkin e Radstone que sugerem a necessidade de alterar as próprias questões a colocar à memória. Em vez das que opõem verdade e falsidade, é preferível que se entenda a memória como um processo de construção de versões, simultaneamente individual e cultural, e que se perceba os caminhos pelos quais determinadas versões de um acontecimento podem ser, em tempos diferentes e por diversas razões, promovidas, reformuladas ou silenciadas. A noção de acontecimento original e as relações de causa e efeito são repensadas através de uma distância crítica e vigilante face aos acontecimentos.

E é em estreita ligação com esta discussão sobre a relação entre memória e história que surge o terceiro debate, o mais específico em que se insere este trabalho, e que se relaciona com a particular natureza das literaturas autobiográficas, conjunto de escritos do foro privado onde se incluem cartas, memórias, autobiografias e diários. As reflexões sobre estas fontes e as suas especificidades têm acompanhado o movimento de recolha e inventário de fundos de arquivos de gente comum, trabalho que está a ser feito um pouco por todo o lado, desde a entrada destes novos atores na história, muito em resultado das transformações da disciplina e da ascensão da história cultural nos anos 80. Temos assistido a uma reação à ausência destes fundos nos arquivos, desenvolvendo-se um esforço de sensibilização para a importância em recolher e preservar estes registos, “un punto di osservazione privilegiato: dall'interno e dal basso.”⁴³

⁴² Hodgkin, Katharine e Susannah Radstone (2003) (orgs.), “Introduction: contested pasts”, *Memory, History, Nation: Contested Pasts*, London: Routledge, pp. 1-21.

⁴³ Caffarena, Fabio (s.a.), “La grande guerra raccontata dai soldati”, *Fonte e Percorsi della storia Contemporanea*, (Online), 1, Genova, Università di Génova. Disponível em: <http://www.liceograssi.gov.it/%5Bmateriale-vecchio%5D/storia%20del%20novecento/didattica/Archivio%20Ligure%20della%20scrittura%20popolare/Fonti%20e%20percorsi%20Grande%20Guerra%201.htm>

A RedAIEP, red de arquivos e investigadores de la escritura popular, com sede na universidade de Alcalá, o Archivio Ligure della Scrittura Popolare, da universidade de Génova, o Archivo de la escritura Popular pertencente ao Museo Histórico de Trento, o Deutsches Tagebucharchiv em Emmendingen, o Onderzoeksinstituut Egodocument en Geschiedenis dirigido por Arianne Baggerman na Holanda, são alguns exemplos de instituições europeias que recolhem escritos de gente comum, dando voz e lugar à forte valorização atual do testemunho individual. Para outras referências sobre projetos semelhantes na Dinamarca, Suíça, Áustria e Alemanha, ver Ulbrich, Claudia (2010), “Les écritures de soi dans une perspective transculturelle. Pistes de recherche en Allemagne”, em Jean-Pierre Bardet, Elisabeth Arboul e François-Joseph Ruggiu (orgs.), *Les écrits*

A resposta positiva a estes esforços será devida, em grande medida, às mudanças de geração que colocam na ordem do dia as recordações dos mais velhos que, entretanto, vão desaparecendo e, ainda, de uma outra relação com a memória, que ocupa agora uma posição central, aquilo a que Pierre Nora chamou, à semelhança de outros autores, a obsessão comemorativa das sociedades atuais, relacionada com a crise de transmissão da experiência no seio das sociedades contemporâneas. Esta busca de referências, ligada à ansiedade por dar sentido ao presente e ao medo de um futuro cada vez mais incerto, traduz-se numa necessidade que marca a época em que vivemos, a de tudo arquivar: “as traditional memory disappears, we feel obliged assiduously to collect remains, testimonies, documents, images, speeches, any visible signs of what has been”.⁴⁴

As literaturas autobiográficas, “Écritures du Moi”, nas palavras de Georges Gusdorf,⁴⁵ consideradas como “self-testimonies that contain detailed retrospective accounts of their authors’ lives”⁴⁶, têm sido encaradas com desconfiança e cautela em razão de questões que lhes estão associadas, nomeadamente as da subjetividade e carácter testemunhal próprias a este tipo de documentos. Sobre a sua utilização subsistem posições antagónicas que vão desde os que entendem que estes documentos devem ser considerados apenas a título indicativo ou ilustrativo, que pouca utilidade têm devido à sua frágil relação com a verdade dos acontecimentos, até aos que vêem nestas fontes a única possibilidade de construir a narrativa da história.

Num belíssimo e esclarecedor ensaio, Emilio Lledó afirma que a memória é “la única posibilidad de permanência, y la escritura, a pesar de todas las limitaciones, el más poderoso medio para evocarla.”⁴⁷ A consciência deste facto tem determinado crescente

du for privé en Europe, du Moyen Âge à l'époque contemporaine. Enquêtes, Analyses, Publications, Bordeaux, P. U. Bordeaux, nota 27, pp. 86-87.

⁴⁴ Nora, Pierre (1989), “Between Memory and History: Les lieux de Mémoire”, *Representations* (26), p. 13. Sobre este assunto ver ainda Traverso, Enzo (2005), *L'émergence de la mémoire, Le passé, modes d'emploi: histoire, mémoire, politique*, Paris, La fabrique éditions, pp.10-17.

⁴⁵ Bossis, Mireille (2002), “Une correspondance paysanne en Normandie (1863-1866): Quelle approche?”, em Anne-Marie Sohn (org.), *La correspondance, un document pour l'histoire*, Cahiers du GRHIS, (12), Rouen, Publications de l'Université de Rouen, p.84.

⁴⁶ Zaretsky, Yuri (2010), “Requestioning old russian autobiographical writings (12th-17th cent.)”, em Jean-Pierre Bardet, Elisabeth Arboul e François-Joseph Ruggiu (orgs.), *Les écrits du for privé en Europe, du Moyen Âge à l'époque contemporaine. Enquêtes, Analyses, Publications*, Bordeaux, P. U. Bordeaux, p. 104.

⁴⁷ Lledó, Emilio (1998), *El silencio de la escritura*, Madrid, Espasa Libros, p.43

investigação sobre a importância das literaturas autobiográficas como fontes e, conseqüentemente, sobre os limites da utilização do *eu* em história.

De acordo com Castillo Gómez, é a partir da Baixa Idade Média e, principalmente, a partir dos séculos XIV e XV que se pode verdadeiramente falar destes escritos que acompanham a evolução social e cultural que se dá na Europa. Profundas transformações na demografia, no comércio e na agricultura, aliadas ao progresso tecnológico e cultural, criaram condições para que grupos sociais, habitualmente afastados da escrita, pudessem adquirir competências nesta área, levando à progressiva diminuição do analfabetismo. A escrita tornou-se num dos modos mais funcionais para resolver questões de ordem prática mas também para fixar memória e identidade próprias, num tempo em que o peso crescente do indivíduo e a importância da vida privada se foram fazendo sentir.

Podemos considerar a existência de três momentos - sobrevalorização, problematização e banalização - na utilização da escrita autobiográfica em direção ao reconhecimento do indivíduo comum como verdadeiro ator em história. O primeiro momento, a que Artières e Kalifa chamam fase de sacralização, traduz-se na sobrevalorização do testemunho, considerado “la parole intacte et préservée du dominé, de la victime ou du vaincu...”.⁴⁸ Por via desta verdade testemunhal, a utilização destes escritos centra-se quase sempre na sua edição e publicação, aclarada com alguma contextualização. Este momento, também chamado por Zaretsky de “social constructionism”, ocorre principalmente em França por volta do final dos anos 60 e exprime uma concepção militante e, de alguma forma, politicamente empenhada da história, o que está de acordo com o ambiente que se vivia nessa altura. É o momento em que se coloca em questão categorias que pareciam estáveis e que passam a ser encaradas como construções de sociedades e culturas, por isso historicamente incertas. Michel Foucault é um dos nomes mais importantes desta abordagem⁴⁹ que também se

⁴⁸ Artières, Philippe e Dominique Kalifa, (2002), “Présentation. L'historien et les archives personnelles: Pas à pas”, *Sociétés & Représentations* 13, Paris, Publications de la Sorbonne, p. 10.

⁴⁹ O conceito de genealogia de Foucault teve uma importância determinante nesta mudança. Sobre este assunto ver de Sembou, Evangelia (2011), “Foucault’s genealogy”, comunicação apresentada no *10th Annual Meeting of the International Social Theory Consortium*, University College Cork, 16 e 17 de junho de 2011, Cork, pp.1-29.

Disponível em: http://www.academia.edu/679231/_Foucaults_Genealogy_ ; de Foucault ver, por exemplo, a sua introdução ao texto escrito na prisão por Pierre Rivière, adolescente que assassinou a mãe, o irmão e a irmã em 1835, numa cidade da Normandia. Foucault, Michel (1973) (org.), *Moi, Pierre Rivière, ayant égorgé ma mère, ma sœur et mon frère ... un cas de parricide au XIXe siècle*, Paris, Gallimard.

desenvolveu nos Estados Unidos da América, principalmente nos estudos dedicados a determinados grupos como os homossexuais e os negros. Como acentua Zaretsky, de acordo com esta perspectiva não é o sujeito que produz o discurso. Ao contrário, “it is socially and culturally established discourses that produce the subject (this re-orientation was later dramatically labeled ‘the death of subject’).”⁵⁰

Um segundo momento, a que Artières e Kalifa chamam fase de problematização, surge nos anos 80 quando a historiografia passa a ir além dos que não tiveram voz, “les silencieux de l’histoire” e se centra num conjunto de gestos e de práticas quotidianas que haviam sido deixados de parte, “ses silences”.⁵¹ A antropologia e os estudos literários, por um lado, e a história da cultura escrita por outro, deram uma apreciável contribuição à mudança que ocorre neste segundo momento. Daniel Fabre e a sua reflexão sobre “les écritures ordinaires”, escrita de gente comum feita sem intenções de publicação, Philippe Lejeune e os seus estudos sobre a autobiografia ou Roger Chartier investigando sobre a correspondência no âmbito da história da escrita e da leitura, são nomes determinantes nesta segunda fase.⁵² É a altura em que os arquivos de particulares se tornam, eles próprios, objetos históricos, ocupando um lugar de relevo na história da vida privada. Como refere Chartier,

Les usages de l’écrit, dans leurs variations, sont décisifs pour comprendre comme les communautés ou les individus construisent des représentations du monde qui est le leur et investissent de significations plurielles, contrastées, leurs perceptions et leurs expériences.⁵³

No terceiro momento, a que Kalifa e Artières chamam fase de banalização, a utilização corrente das escritas autobiográficas em história visa, pela apreensão da riqueza destas fontes, o entendimento do que Laborie chama “le mental émotionnel des

⁵⁰ Zaretsky, Yuri (2010), “Requestioning old russian autobiographical writings (12th-17th cent.)”, em Jean-Pierre Bardet, Elisabeth Arboul e François-Joseph Ruggiu (orgs.), *Les écrits du for privé en Europe, du Moyen Âge à l’époque contemporaine. Enquêtes, Analyses, Publications*, Bordeaux, P. U. Bordeaux, p.125.

⁵¹ Artières, Philippe e Dominique Kalifa, (2002), “Présentation. L’historien et les archives personnelles: Pas à pas”, *Sociétés & Représentations* 13, Paris, Publications de la Sorbonne, p. 10.

⁵² Fabre, Daniel (1993) (org.), *Écritures ordinaires*, Paris, Éditions P.O.L/Centre George Pompidou; Lejeune, Philippe (1993), *Le moi des demoiselles: Enquete sur le journal de jeune fille (La Couleur de la vie)*, Paris, Seuil; Chartier, Roger (1991), *La Correspondance. Les usages de la lettre au XIXe siècle*, Paris, Fayard.

⁵³ Chartier, Roger (1991) (org.), *La correspondance. Les usages de la lettre au XIXe siècle*, Paris, Fayard, p.9.

contemporains des événements” ou “l’infra-ordinaire”, de acordo com Georges Perec.⁵⁴ Estes textos são vistos na sua ligação às circunstâncias concretas da sua produção, quer sejam sociais, culturais, religiosas ou políticas. Zaretsky associa esta fase ao movimento que ficou conhecido como “cultural turn” em que, muito por influência dos estudos pós-coloniais, os historiadores atribuem à palavra cultura o sentido dado pelos antropólogos, tornando-se cientes da sua importância para o entendimento das sociedades: “culture as an autonomous realm in which the principal stakes were not the pursuit of individual or class interests but the creation of domains of meaning”⁵⁵. Este entendimento levou à crítica da perspectiva eurocêntrica e das ideias de continuidade e progresso na história, recusando a abordagem da escrita autobiográfica a partir de categorias universais, propondo antes situá-las numa cultura específica, com códigos próprios.⁵⁶

É de notar que este é um momento de intensa valorização social do testemunho individual, aliado à forte instrumentalização mediática e judiciária destas fontes.⁵⁷ Estes factos reforçam a necessidade de repensar os limites da investigação que parte destes arquivos de particulares, limites esses que têm sido objecto de reflexão e levantado questões que a historiografia tem vindo a responder de forma crítica. A questão central

⁵⁴ Georges Perec citado em Artières, Philippe, Arlette Farge e Pierre Laborie (2002), “Témoignage et récit historique”, *Sociétés & Représentations*, 13, (1), Paris, Publications de la Sorbonne, p.201 ; Artières, Philippe e Dominique Kalifa, (2002), “Présentation. L’historien et les archives personnelles: Pas à pas”, *Sociétés & Représentations* 13, Paris, Publications de la Sorbonne, p.11.

⁵⁵ Spiegel citada por Zaretsky, Yuri (2010, “Requestioning old russian autobiographical writings (12th-17th cent.)”, em Jean-Pierre Bardet, Elisabeth Arboul e François-Joseph Ruggiu (orgs.), *Les écrits du for privé en Europe, du Moyen Âge à l’époque contemporaine. Enquêtes, Analyses, Publications*, Bordeaux, P. U. Bordeaux, p.127.

⁵⁶ Investigações recentes sobre a escrita autobiográfica numa perspectiva transcultural, levadas a cabo pelo DFG Research Group 530 da Universidade Livre de Berlim, têm posto em causa a ideia de que esta seja uma prática puramente europeia, assinalando a rigidez de determinados conceitos usados frequentemente para o seu estudo. DFG Research Group 530, (desde 2004), *Self-Narratives in Transcultural Perspective*, Department of History and Cultural Studies at the Free University in Berlin. Disponível em: <http://www.geschkult.fu-berlin.de/en/e/fg530/index.html>
Sobre a necessidade da construção de narrativas que ultrapassem as visões cêntricas, ver também o importantíssimo texto de O’Brien, Patrick (2006), “Historiographical traditions and modern imperatives for the restoration of global history”, *Journal of Global History*, (1), pp-3-39.

⁵⁷ Sobre a ligação da história com os media, a era da opinião em direto e na praça pública, ver Cannadine, David (2004) (org.), *History and the Media*, London, Palgrave Macmillan. Sobre a importância dos media na construção da opinião pública ver Lewis, Justin (2001), *Constructing public opinion. How political elites do what they like and why we seem to go along with it*, New York, Columbia University Press.

está relacionada com o regime de cientificidade, nomeadamente com os procedimentos de administração da prova ou, como diz Laborie, “l’immense problème du ‘vrai’”⁵⁸. O obstáculo principal, já referido relativamente à questão da memória, prende-se com o carácter testemunhal desta escrita autobiográfica que suscita uma espécie de deslumbramento pela verdade, que se toma como acessível no imediato. Mas, como adverte Laborie, é impossível fazer “une lecture aparente du témoignage”⁵⁹. Estes “testemunhos insubstituíveis”, como lhes chama Michelle Perrot, “nem por isso constituem os ‘verdadeiros’ documentos do privado. Obedecem a regras de saber-viver e de encenação de *si* por *si* mesmo”.⁶⁰ Apesar disso e pondo de lado a existência de uma *verdade* original, ignorar a escrita autobiográfica advém de uma posição epistemológica arrogante em que se considera que a um testemunho se pode opor um qualquer outro.⁶¹ Distinguir memória e verdade e tomar a *verdade* como *sinceridade* é a proposta de trabalho que Ângela de Castro Gomes apresenta para a utilização destas fontes:

uma documentação construída nestas bases exige deslocamentos nos procedimentos de crítica às fontes históricas, no que envolve questões relativas ao "erro" ou à "mentira". (...) Isto é, o documento não trata de "dizer o que houve", mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou retrospectivamente, em relação a um acontecimento.⁶²

O problema da autenticidade está, pois, para lá da questão imediata de verdade/falsidade do documento. Esta atitude não lhe retira importância, pelo contrário. Supõe uma utilização da escrita autobiográfica mais livre dos constrangimentos impostos

⁵⁸ Artières, Philippe, Arlette Farge e Pierre Laborie (2002), “Témoignage et récit historique”, *Sociétés et Représentations*, 13, Paris, Publications de la Sorbonne, p.204.

⁵⁹ Artières, Philippe, Arlette Farge e Pierre Laborie (2002), “Témoignage et récit historique”, *Sociétés et Représentations*, 13, Paris, Publications de la Sorbonne, p.204.

⁶⁰ Perrot, Michelle (1990), “Introdução”, em Philippe Ariés e Georges Duby, *História da Vida Privada*, Porto, Edições Afrontamento, p. 11.

⁶¹ É esta a reflexão de Rémy Cazals, partindo de um estudo de caso sobre a utilização de relatos da guerra de 1914-18: “Peut-être l’a attitude frileuse exprimé par cette expression [‘À tout témoignage on peut opposer un autre’] est-elle un effet nocif de la notion de ‘dictature du témoignage’ (...) ou de la peur de voir se figer une ‘mémoire combattante’ qui serait comme une construction communautaire étanche aux enseignements de l’histoire. Le risque paraît faible: au chercheur assidu se présentent des situations d’une variété extraordinaire, une richesse d’information considérable au fur et à mesure qu’il pose de nouvelles questions, et un potentiel énorme à découvrir encore.” Cazals, Rémy (2008), “Les Français dans la Grande Guerre: nouvelles approches, nouvelles questions”, *Matériaux pour l’histoire de notre temps*, 91, p.27.

⁶² Gomes, Ângela de Castro (2004) (org), “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo” *Escrita de Si, Escrita da História*, Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, p.15.

pela questão da verdade e também mais abrangente.⁶³ Como afirma Ginzburg, mais do que a *verdade* importa a *prova*⁶⁴ e o uso destas fontes, a sua crítica e o cruzamento com outros documentos e arquivos tem de responder à questão geral de validação a que todas as fontes estão sujeitas. A testemunha traz ao historiador um conhecimento factual que só estas fontes permitem e, mais importante ainda, pode ajudar a “restituer la qualité d’une expérience historique, qui change de texture une fois enrichie par le vécu de ses acteurs.”⁶⁵ Abre-se assim uma porta de entrada para a vida interior dos sujeitos, permitindo o acesso ao universo de valores e representações no qual viveram e também ao período sobre o qual escreveram. No entanto, este acesso tem de permitir mais do que dar a ver o que Chakrabarty chama “a loving grasp of detail in search of an understanding of the diversity of human life worlds. It produces what may be called ‘affective histories’.”⁶⁶

Nas últimas décadas, assistimos ao crescente interesse pela história da singularidade, muito em razão da ascensão da história cultural que trouxe consigo, como já referi, mudanças significativas na perspectiva de análise das fontes. Colocar o acento na subjetividade dos atores e na singularidade dos seus caminhos conduz, por um lado, a uma mudança na escala de observação e faz variar a visão que temos da paisagem e do mundo, e, por outro, pode levar à existência de uma história cada vez mais fragmentada, resultante de uma justaposição de itinerários individuais entendidos como irredutíveis.

⁶³ Como refere Mordenti, a propósito dos escritos de foro privado, “l’information ‘vraie’ que ces textes véhiculent (exactement comme dans les autobiographies) est à rechercher dans le degré de déformation (...) que les textes mémoriels nous transmettent et dont ils rendent ‘objectivement’ témoignage, que se situe leur vérité historique.” Mordenti, Raul (2010), “La contribution de la critique littéraire aux recherches sur les ‘Livres de famille’ italiens et BILF, la Bibliothèque Informatisée des Livres de Famille”, em Jean-Pierre Bardet, Elisabeth Arbol e François-Joseph Ruggiu (orgs.), *Les écrits du for privé en Europe, du Moyen Âge à l’époque contemporaine. Enquêtes, Analyses, Publications*, Bordeaux, P. U. Bordeaux, p. 60

⁶⁴ “We should, in principle, never have embarked upon a debate about truth in history in the first place. Instead, we should have had a debate on proof. (...) What we really need is a more subtle notion of historical proof – a notion of proof which, for instance, takes into account all the special problems that confront us when we try to investigate matters that fall outside the traditional domain of historical science.” Ginzburg, Carlo (2003), “On the dark side of history”, entrevista conduzida por Trygve Riiser Gundersen, (online) *Eurozine*. Disponível em: www.eurozine.com/articles/2003-07-11-ginzburg-en.html

⁶⁵ Traverso, Enzo (2005), *Le passé, modes d’emploi: histoire, mémoire, politique*, Paris, La fabrique éditions, p.15.

⁶⁶ Chakrabarty, Dipesh (2007), *Provincializing Europe*, Princeton, Princeton University Press, p.18

Ora a sociedade revela-se, também e precisamente, neste estilhaçamento individual e a sua textura própria manifesta-se no encadeamento de experiências, de práticas e de representações, diferentes mas pertinentes. A oposição entre o singular e o colectivo, o individuo e a sociedade, é ilusória. Longe de se oporem, o individuo e a sociedade surgem como duas abstrações complementares que se questionam mutuamente e atuam numa relação de validação recíproca, esbatendo as fronteiras artificiais entre íntimo e público, pessoal e social, dando lugar a um *eu*, também colectivo, em que as singularidades têm sentido nos sistemas de normas e de constrangimentos que se aplicam a todos.

A escrita autobiográfica contém não só descrições de acontecimentos históricos mas também informações sobre os autores e indicações de grande interesse sobre as ligações entre memória pessoal, recordação, escrita da história e memória das nações.⁶⁷ Os temas que podem ou estão a ser investigados passam pela evolução desta escrita ao longo do tempo, o estudo da prática social característica de onde ela emerge, a transmissão da memória entre gerações e a formação de culturas específicas como as familiares, de emigrados ou de combatentes, ou ainda, por exemplo, a alteração da noção de género, o desenvolvimento da consciência de si e construção da identidade individual, a tensão entre o público e o privado, a alteração da noção de intimidade e da escrita como ato de reflexividade.

Se a escrita autobiográfica aparece como uma porta de entrada para a vida interior, dando acesso aos sistemas de valores e representações em que foi produzida, a carta, pelas suas características próprias, é o género privilegiado a esta aproximação.

Existe uma permanente tensão na abordagem das cartas como fonte de investigação. Por um lado, podemos considerá-las como documentos que contribuem para o conhecimento e compreensão de determinados acontecimentos - diplomáticos, sociais, culturais ou políticos - o que implica privilegiar “lo que tienen de fuente de información histórica *stricto sensu*.”⁶⁸ Por outro, podemos olhá-las como objetos em si, com uma história própria “como productos que presentan unas funciones, rasgos y tipos

⁶⁷ Ulbrich, Claudia (2010), “Les écritures de soi dans une perspective transculturelle. Pistes de recherche en Allemagne”, em Jean-Pierre Bardet, Elisabeth Arboul e François-Joseph Ruggiu (orgs.), *Les écrits du for privé en Europe, du Moyen Âge à l'époque contemporaine. Enquêtes, Analyses, Publications*, Bordeaux, P. U. Bordeaux, p.85.

⁶⁸ Castillo Gómez, Antonio (2011), “Me alegraré que al recibo de ésta... Cuatrocientos años de prácticas epistolares (siglos XVI a XIX)”, *Manuscripts*, 29, p.21.

concretos”⁶⁹ e, em face disso, estudar os modos da sua produção, difusão e conservação, interessando sobretudo à história social da cultura escrita e à linguística. Esta tensão traz luz ao que Sierra Blás chama “*el carácter poliédrico*” destes documentos⁷⁰ e apela a uma abordagem transdisciplinar, quantitativa e qualitativa, que possa fazer sobressair a riqueza destes textos, cujo entendimento se situa no cruzamento da literatura, da história, da sociologia e da linguística, salvaguardando desta forma os seus múltiplos significados.⁷¹

⁶⁹ Sierra Blas, Verónica (2008), *Letras Huérfanas. Cultura escrita y exilio infantil en la Guerra Civil española*, Dissertação de Doutoramento em História, Madrid, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Alcalá, p.651.

⁷⁰ Sierra Blas, Verónica (2008), *Letras Huérfanas. Cultura escrita y exilio infantil en la Guerra Civil española*, Dissertação de Doutoramento em História, Madrid, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Alcalá, p.663.

⁷¹ Embora a investigação utilizando correspondência tenha sido feita, ao longo do tempo, principalmente no âmbito dos estudos literários e biográficos, a utilização recente de abordagens metodológicas apropriadas dão a possibilidade de utilizar estes escritos como fontes em história. A este respeito há já um considerável número de trabalhos de investigação. A carta é utilizada para responder a questões muito diversas, desde os seus usos ao longo do tempo até à compreensão de temas como os da intimidade, ascensão social, religiosidade e sexualidade, entre outros. A este respeito ver, por exemplo, a introdução aos textos reunidos na obra Sohn, Anne-Marie (2001) (org.), *La correspondance, un document pour l'histoire*, Cahiers du GRHIS, (12), Rouen, Publications de l'Université de Rouen. Para a carta como objeto em si mesmo ver, nomeadamente, Castillo Gómez, Antonio (2011), “Me alegraré que al recibo de ésta... Cuatrocientos años de prácticas epistolares (siglos XVI a XIX)”, *Manuscrits*, 29, pp 19-50. Neste caso são levados em linha de conta as problemáticas da escrita, desde o seu uso à materialidade e às mudanças dentro do género ao longo do tempo, temas trabalhados pela história social da cultura escrita.

No Reino Unido, o University of Warwick Humanities Research Centre organizou, em 1996, o Congresso Internacional “The Letter in History”, inserido no centro de estudos Warwick Project on the Social History of the Letter, dirigido por Carolyn Steedman. Desse Congresso foram publicadas as conclusões que contribuem para uma reflexão teórico-metodológica sobre as cartas como fontes: Earle, Rebecca (1999) (org.), *Epistolary Selves: Letters and letters-writers 1600-1945*, Aldershot, Ashgate Pub.. O número especial da revista *Sociétés & Représentations* é, também, totalmente dedicado a esta reflexão: *Sociétés & Représentations*, 13 (2002/1). Ver, também, Bardet, Jean-Pierre, François-Joseph Ruggiu e Elisabeth Arnoul (2010) (orgs.), *Les écrits du for privé en Europe, du Moyen Âge à l'époque contemporaine. Enquêtes, analyses, publications*, Bordeaux, Presses Universitaires de Bordeaux; Morão, Paula e Carina Infante do Carmo (2008) (Org.), *ACT 16 – Escrever a vida: verdade e ficção*, Porto, Campo das Letras; Schulte, Regina e Xenia von Tippelskirch (2004) (Orgs.), *Reading, Interpreting and Historicizing: Letters as Historical Sources*, Florence, European University Institute; Gomes, Ângela de Castro (2004) (org), *Escrita de Si, Escrita da História*, Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas; Desbois, Evelyne

(1988), “L’observation au pied de la lettre: carnets et lettres, des matériaux pour l’enquête retrospective sur le terrain”, *Social Science Information*, 27, pp. 461-480. Os temas estudados vão desde a carta como ego-documento até à relação entre cartas e outras formas de produção literária ficcionada, como a novela, por exemplo. Ver, também, entre outras obras, Altman, Janet (1982), *Epistolarity: approaches to a form*, Columbus, Ohio State University Press.

A escrita como prática social tem sido desenvolvida por investigadores da área da história social. Há um considerável número de estudos sobre a prática discursiva e a literacia bem como o papel central da carta na criação e codificação das relações familiares e comerciais. Barton, David e Nigel Hall (2000) (Orgs.), *Letter Writing as a Social Practice*, Philadelphia, John Benjamins North America. O tema das migrações regista um grande desenvolvimento e são inúmeros os estudos publicados. Sobre a emigração, entre muitos, Barton, H. Arnold (2000) (Org.), *Letters from the Promised Land: Swedes in America, 1840-1914*, 4th ed., Minneapolis, University of Minnesota Press; Elliot, Bruce S., David A. Gerber e Suzanne M. Sinke (2006) (Orgs.), *Letters across Borders: the epistolary practices of international migrants*, New York, Palgrave Macmillan; Starobin, Robert S. (1974) (Org.), *Blacks in Bondage: Letters of American slaves*, New York, New Viewpoints.

Sobre a guerra, tem sido possível, a partir das literaturas autobiográficas, entender de uma outra forma certos acontecimentos ligados aos conflitos mundiais ou nacionais, investigar questões de género, evolução dos papéis sociais, das mentalidades e vida quotidiana. Anthony Beevor por exemplo, utilizou numerosos testemunhos privados de civis e militares, como cartas e diários, depositados no Memorial de Caen em França, para investigar a II Guerra: Beevor, Anthony (2009), *D-Day: The Battle for Normandy*, New York, Viking. Numa entrevista ao jornal El País, refere, a propósito, “Todos estos testimonios contienen relatos de los bombardeos, del sufrimiento y me pasé semanas y semanas leyéndolos. (...) porque es la única forma de narrar las consecuencias de los acontecimientos sobre la gente corriente, ya sean soldados o civiles.”, Beevor, Anthony (2009), “Beevor viaja al Día D” entrevistado por Guillermo Altares, 5 de setembro de 2009, *El País*, *Babelia*. Através da narração histórica construída a partir destas fontes, Beevor pôs em causa versões existentes cujo maniqueísmo era evidente e conveniente.

Sobre a guerra ver, ainda, entre outros: Hämmerle, Christa (1999), “‘You let a weeping woman call you home?’ Private correspondences during the First World War in Austria and Germany”, em Rebecca Earle (Org.), *Epistolary Selves: Letters and letters-writers 1600-1945*, Aldershot, Ashgate Pub., pp.152-182; Hartley, Jenny (1999), “Letters are everything these days: mothers and letters in the Second World War”, em Rebecca Earle (Org.), *Epistolary Selves: Letters and letters-writers 1600-1945*, Aldershot, Ashgate Pub., pp. 183-195; Hanák, Péter (1998), “Vox Populi: Intercepted letters in the first world war” em *The Garden and The Workshop*, New Jersey, Princeton University Press, pp 179-212; Litoff, Judy Barrett e David C. Smith (1991), *Since You Went Away: world war II letters from American women on the front*, Oxford, Oxford University Press; Desbois, Evelyne (1990), “Paroles de soldats, entre images et écrits”, *Mots*, 24, pp. 37-53; Winter, Jay (2006), “War letters: cultural memory and the ‘soldiers’ tale of the great war”, em *Remembering War: the Great War and Historical Memory in the 20th century*, New Haven, Yale University Press; Hellbeck, Jochen (2009), “The Diaries of Fritzes and the Letters of Gretchens: Personal Writings from the German–Soviet War and Their Readers”, *Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History*, 10,

Mas como entender esses significados? Sabendo-a subjetiva, como ler uma carta?

A questão da opacidade é das mais relevantes. Se as cartas são, como refere Marc Bloch, à semelhança de todos os documentos, “témoins malgré eux de leur temps”,⁷² a sua abordagem tem de estar para lá, quer de uma leitura essencialista das fontes, que considera a autonomia do texto em si como “the sole necessary key to its own meaning”, quer de uma “contextual reading”, em que o contexto determina o significado de cada documento, sendo, por isso, o único quadro conceptual adequado ao seu entendimento.⁷³

Para a decifração e compreensão de uma carta revela-se útil combinar uma série de ações das quais o conhecimento do contexto é, sem dúvida, de primeira importância. Permite não só situá-la entre outras práticas culturais do seu tempo como entendê-la num lugar particular, inserida numa rede de trocas a que chamamos correspondência, assim dispondo acontecimentos e ideias na sua época, no seu quadro social, no meio intelectual e linguístico, no que Traverso chama “paysage mental” que lhe é própria.

Em segundo lugar, o que está escrito na carta e nos permite o acesso à esfera privada de quem se corresponde, revela informações não só acerca do tempo em que foi escrita mas também sobre o seu autor. Sempre que possível, é fundamental, para lá do contexto, abordar a correspondência numa perspectiva diacrónica, dando a ver o que está expresso ao longo de um tempo, fazendo sobressair sistemas de pensamento subjacentes e ideologias, contribuindo assim para uma história política do quotidiano em sentido lato, a partir da história da vida privada assim escrita.

Comparar correspondências, quando viável, é a terceira ação que permite entendê-las numa perspectiva mais abrangente, confrontando acontecimentos, épocas, contextos e ideias. É de notar que a carta, apesar de escrita numa determinada época, ter um

(3), pp 571–606; Lemalet, Martine (1992), *Lettres d’Algérie : la guerre des appelés, la mémoire d’une generation*, Paris, J. C. Lattès; McKenzie, Andrea (2001), “Correspondence, Constructs and Qualification in World War I”, *Canadian Journal of Communication* 26 (2), pp. 255-275; Hynes, Samuel (1998), *The soldiers’ tale. Bearing witness to modern war*, London, Pimlico; Caffarena, Fabio (2005), *Lettere dalla grande guerra*, Milano, Edizioni Unicopli; Nicholson, Blair (2011), “Viewpoints on the Veldt: Attitudes and Opinions of New Zealand Soldiers during the South African War, 1899-1902, Dissertação de Mestrado, Master of Arts in History, Hamilton, University of Waikato, New Zealand e a A.A.V.V. (desde 2016), “1914-1918-online. International Encyclopedia of the First World War”, Freie Universitaet Berlin, Friedrich-Meinecke-Institut.

⁷² Marc Bloch citado por Dauphin, Cécile (2004), “Les correspondances comme objet historique. Un travail sur les limites”, *Sociétés & Représentations*, 13, p47.

⁷³ Skinner, Quentin (1969), “Meaning and Understanding in the History of Ideas”, *History and Theory*, 8 (1), pp.3-53.

autor e um objectivo determinados, entre outras diferenças, permite colocar questões comuns e estabelecer analogias devido às características específicas do género.

Por último, a interpretação do texto escrito não pode ignorar, como adverte Traverso, que “l’histoire réelle ne coincide pas avec ses représentations abstraites”.⁷⁴ Ou, como adverte Bossis, no mesmo sentido, de um lado “les champs du réel et de l’autre, la représentation que chaque individu s’en fait.”⁷⁵ Para os historiadores, a tarefa será a de analisar o que Hobsbawn chama “sense of the past”,⁷⁶ mantendo clara a distinção entre os factos e a interpretação não só dos mesmos mas também do que sobre eles foi escrito pelos envolvidos.⁷⁷

⁷⁴ Traverso propõe um método em quatro etapas - contextualization, historicisme, comparatisme e conceptualization - para a decifração e entendimento de textos relevantes para a história das ideias. A meu ver, este método pode ser pensado de uma forma crítica para abordar a questão das literaturas autobiográficas. Traverso, Enzo (2011), *L’Histoire comme champ de bataille. Interpréter les violences du XXe siècle*, Paris, Lá Découverte, pp 18 e 19.

⁷⁵ Bossis, Mireille (2002), “Une correspondance paysanne en Normandie (1863-1866): Quelle approche?”, em Anne-Marie Sohn (org.), *La correspondance, un document pour l’histoire*, Cahiers du GRHIS, (12), Rouen, Publications de l’Université de Rouen, p. 91.

⁷⁶ Hobsbawn, Eric (1997), *On History*, London, Abacus, p.13.

⁷⁷ A escrita da história tem uma dimensão textual e contém uma parte de ideologia, de representações e de códigos literários herdados, que são reflectidos pelo historiador. O desenvolvimento das correntes que chamaram a atenção para este facto foi levado a extremos e suscitou muitas e interessantes críticas ao facto de, por fim, se encarar a história como uma construção linguística e o passado como uma construção da mente dos historiadores. Hobsbawn reagiu vigorosamente a estas ideias: “I believe that without the distinction between what is and what is not so, there can be no history. Rome defeated and destroyed Carthage in the Punic Wars, not the other way round. How we assemble and interpret our chosen sample of verifiable data (which may include not only what happened but what people thought about it) is another matter.” Hobsbawn, Eric (1997), *On History*, London, Abacus, p.ix.

III. CONVERSA ENTRE AUSENTES

Desde que me escrevas, tanto me faz, que seja em papel de seda como em papel de jornal...⁷⁸

Começa assim o parágrafo de uma carta escrita em 1967 por uma jovem universitária de 20 anos de idade para o seu namorado de 21, oficial destacado no leste de Angola onde se encontra há cerca de uma semana. E a carta continua, semelhante às já enviadas e às que se irão seguir durante os próximos dez meses, expressando as saudades e a falta que a sua companhia lhe faz, fazendo contas ao tempo que já passou e ao que ainda falta para o regresso:

Se não houvesse contagem de meses e dias, eu diria que tu já tinhas partido há muito mais tempo.⁷⁹

Escrever para superar a distância, conversa entre ausentes na bela definição de Cícero “amicorum colloquia absentium”,⁸⁰ a carta tem tido uma importância determinante na organização das sociedades, sendo na escrita autobiográfica o género que mais evidências deixou da sua prática ao longo do tempo, o que não nos surpreende se atendermos à variedade das funções que pode desempenhar.

A história da carta mostra-nos que a troca de correspondência é uma prática social quase tão antiga como a origem da escrita. As primeiras missivas terão tido carácter comercial e diplomático havendo, no entanto, registos muito remotos de cartas privadas escritas entre membros da mesma família, conforme refere Cécile Michel acerca dos achados arqueológicos em Kultepe na Anatólia Central, que datam de cerca de dois mil anos antes de Cristo: “The Assyrians left their wives and children in Assur, and went to Anatólia. This family break-up explains the abundance of the letters discovered in Kanesh.”⁸¹ Estas cartas, embora anteriores à formalização do género levada a cabo por

⁷⁸ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 69, 07.02.1967.

⁷⁹ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 68, 28.01.1967.

⁸⁰ Ebbeler, Jennifer (2008), “Antony, Cicero, and the Colloquium Absentium Amicorum”, *CAMWS, The Classical Association of the Middle West and South*, (online). Disponível em: <https://camws.org/meeting/2008/program/abstracts/07e6.Ebbeler.html> .

⁸¹ Michel, Cécile (2010), “Writing, counting and scribal Education in Assur and Kanesh”, em F. Kulakoglu e S. Kangla (orgs.), *Anatólia’s prologue Kultepe Kanesh Karum. Assyrians in Istanbul*,

gregos e bizantinos, apresentam já alguma repetição de fórmulas, indiciando o que se irá verificar posteriormente com o desenvolvimento das convenções de escrita e o aparecimento dos manuais de ensino relativos a este género. Essa formalização irá criar modelos de conformidade que transformarão a estrutura da carta, o seu conteúdo e função, ao longo do tempo, revelando ser um processo tributário de um período histórico preciso, extremamente versátil e dinâmico.

Vários factores contribuíram para um progressivo aumento das trocas epistolares, sobretudo a partir da Idade Moderna, levando ao que Castillo Gómez qualifica como o triunfo da carta na época contemporânea, principalmente a partir do primeiro terço do século XX.⁸² A saber, o progresso da escola pública, com efeitos na alfabetização das classes populares, o desenvolvimento e melhoria das comunicações e a criação, a partir do século XVIII e em força no século XIX, de sistemas nacionais de correio postal que se tornaram decisivos na implantação e consolidação dos Estados.

A partir do Renascimento, num tempo de crescente privatização do espaço social e de aumento da burocracia, que foi exigindo aos cidadãos o cumprimento de um conjunto de obrigações dependentes da competência gráfica, tornou-se necessário aprender a ler e escrever, sobretudo para a maioria da população que tradicionalmente havia estado afastada das letras. Era preciso dar conta e resolver certos aspectos dos espaços públicos e privados em que o sujeito se movia e, também, testemunhar os grandes acontecimentos de mobilização de massas que provocaram rupturas significativas, ocorridos em contextos de guerra e de emigração.

Na Europa, a I Guerra mundial corresponde ao momento em que a escrita de cartas se torna um fenómeno de massas, em que se faz ouvir, através da correspondência, a voz dos sujeitos comuns, na expressão de Hanak, “the true expression of vox populi in written form”⁸³, motivada pela deslocação imposta a milhões de pessoas. Esta escrita

Avrupa Kultur Baskent, p.82. Outro exemplo são as cartas encontradas entre cerca de 30 mil placas com textos cuneiformes datados de meados do século VII a.C. descobertos nas ruínas da cidade de Ninive. Brito, Armando Assis de Sousa e (2005), “Os Materiais na História da Escrita (das placas de argila da Suméria às pastilhas de silício dos processadores actuais)”, *Ciência e Tecnologia dos Materiais*, 17 (3/4), p.125.

⁸² Castillo Gómez, Antonio (2011), “Me alegraré que al recibo de ésta... Cuatrocientos años de prácticas epistolares (siglos XVI a XIX)”, *Manuscrits: Revista d'història moderna*, 29, p. 21;

⁸³ Hanák, Péter (1998), “Vox Populi: Intercepted Letters in the First World War” em *The Garden and The Workshop*, New Jersey, Princeton University Press, p. 179.

forçada, “alfabetização de emergência” como refere Haro,⁸⁴ aparece na hora em que a gente comum sente a necessidade de contar o sucedido a quem está longe ou, simplesmente, deixar um registo de memória centrado na sua experiência pessoal, reforçando assim uma identidade própria, geralmente relativa a acontecimentos em que o autor se sente protagonista e testemunha. Uma grande parte das cartas foi redigidas ainda antes de quem as escreveu ser fluente e hábil no manejo da língua escrita. Aprender rapidamente a usar as regras que o domínio do género epistolar impunha implicou “s’engager dans un processus normatif qui transpose sur le papier les règles de la bienséance sociale.”⁸⁵ Apesar de em muitos países já existir, desde o século XIX, a instrução obrigatória e universal, as competências da escrita e leitura foram-se espalhando a um ritmo que estava de acordo com a evolução da própria sociedade. Em Portugal, por exemplo, só em meados dos anos 50 do século XX é que todas as crianças em idade escolar se encontravam, de facto, matriculadas na escola, o que não significa que os alunos concluíam o ensino obrigatório. A análise efetuada aos censos populacionais de 1890 a 1950 mostra que a escolarização e alfabetização foram tardias em relação ao que a norma estipulava, o que deixou o país no grupo dos menos alfabetizados do ocidente europeu.⁸⁶ No entanto, tal como aconteceu noutros países envolvidos em guerras, esta barreira não impediu quem estava afastado ou pouco familiarizado com a escrita de comunicar com os ausentes, ditando ou escrevendo cartas, muitas vezes imitando o estilo, fórmulas e modelos apresentados pelos manuais de ensino ou transmitidos por quem sabia, embora o pouco contacto com o género as tornasse, frequentemente, próximas da oralidade, como se de um diálogo em presença do outro se tratasse, afastando-se das normas e convenções do género, como iremos ver. Apesar desta ligação diferenciadora entre competência gráfica e condição social, a carta cumpriu funções que se revelaram comuns a todos os que estiveram na guerra: vencer o isolamento, manter as relações e exercer os deveres e direitos consignados nos vários papéis sociais que os seus autores desempenhavam, ligando espaços e, também, tempos.

⁸⁴ Moreno Haro, Yaiza (2009), “Correspondencia privada” em V. Sierra Blas, L. Matinez Martín e J. I. Monteagudo (orgs.), *Esos papeles tan llenos de vida... Materiales para el estudio y edición de documentos personales*, Girona, CCG Edicions, p.134.

⁸⁵ Grassi, Marie-Claire, “La lettre en archives: approche méthodologique”, em Anne-Marie Sohn (org.), *La correspondance, un document pour l’histoire*, Cahiers du GRHIS, (12), Rouen, Publications de l’Université de Rouen, p.78.

⁸⁶ Candeias, António e Eduarda Simões (1999), “Alfabetização e escola em Portugal no século XX: Censos Nacionais e estudos de caso”, *Análise psicológica*, XVII (1), pp.165-166.

A força da correspondência trocada na guerra esteve, num primeiro momento, nessa ponte que conseguiu estabelecer entre ausentes. Mas também, e muito importante, na possibilidade de fazer falar e fazer ouvir a voz de cada um. Quem foi mobilizado para a guerra teve de se integrar numa instituição fortemente hierarquizada, regulamentada e uniformizada e encontrou-se num mundo de estranhos, numa situação de precariedade e insegurança, potencialmente em perigo, talvez até de morte. As cartas foram o meio que levou aos que partiram o que lhes fazia falta, a possibilidade da existência de uma voz individual e afecto. Esta ligação fortaleceu-se através das notícias de casa, que transportavam os militares de volta à esfera doméstica e amorosa da sua vida anterior. Se a primeira função da carta esteve nesta ponte entre ausentes, a segunda significou o fortalecimento da identidade de quem estava, naturalmente, vulnerável na guerra.

IV. CONDENADOS AO ESQUECIMENTO

O volume de correspondência que terá circulado durante a guerra colonial está longe de ter relação direta com a sua reduzida presença em arquivos públicos. Para além do AHM, o Museu da Guerra Colonial, situado em Vila Nova de Famalicão, guarda, desde 1989, extenso material de diversa natureza, incluindo cartas. O que existe e não encontramos nos arquivos estará à guarda das famílias, “un réseau considérable de conservateurs privés”⁸⁷, nos fundos das gavetas e cimo dos armários, “nelle cantine e nelle soffitte di casa”⁸⁸. Esta situação é semelhante ao que acontece noutros países.

Em relação à participação da Itália na I Guerra mundial, Caffarena refere, por exemplo, que “Una quantità irrisoria di testi (appena qualche decina di migliaia...!) se paragonata all’effettiva massa di scrittura prodotta dai soldati”. Christa Hämmerle nota, também em relação à I Guerra, que na Áustria “such documents were rarely preserved”. Em relação à importante coleção de cartas da II Guerra, à guarda do Imperial War Museum em Londres, Jenny Hartley refere “what it has is only a small fraction of what there was”. Na mesma direção, Litoff e Smith questionam o paradeiro das cartas escritas pelos norte americanos, “more than six billion letters which were sent overseas during World War II”.⁸⁹

A história mostra-nos que eram geralmente as classes sociais mais elevadas a conservar os papéis de família entre os quais, com frequência, se encontravam cartas. Guardavam-nos conscientes da sua importância no reconhecimento e transmissão da

⁸⁷ Desbois, Evelyne (1990), “Paroles de soldats, entre images et écrits”, *Mots*, 24, p.38

⁸⁸ Caffarena, Fabio (s.a.), “La grande guerra raccontata dai soldati”, *Fonte e Percorsi della storia Contemporanea*, 1, (Online), Genova, Università di Génova. Disponível em: <http://www.liceograssi.gov.it/%5Bmateriale-vecchio%5D/storia%20del%20novecento/didattica/Archivio%20Ligure%20della%20scrittura%20polare/Fonti%20e%20percorsi%20Grande%20Guerra%201.htm>

⁸⁹ Respetivamente, Caffarena, Fabio (s.a.), “La grande guerra raccontata dai soldati”, *Fonte e Percorsi della storia Contemporanea*, 1, (Online), Genova, Università di Génova; Hämmerle, Christa (1999), “‘You let a weeping woman call you home?’ Private correspondences during the First World War in Austria and Germany”, em Rebecca Earle (Org.), *Epistolary Selves: Letters and letters-writers 1600-1945*, Aldershot, Ashgate Pub., p.153; Hartley, Jenny (1999), “Letters are everything these days: mothers and letters in the Second World War”, em Rebecca Earle (Org.), *Epistolary Selves: Letters and letters-writers 1600-1945*, Aldershot, Ashgate Pub., p. 184 e Litoff, Judy Barrett e David C. Smith (1991), *Since You Went Away: World War II, letters from American women on the front*, Oxford, Oxford University Press p.vii.

narrativa familiar, legando-os como património próprio. Assim chegaram até à época contemporânea muitos documentos, pertencentes em grande parte à aristocracia e alta burguesia. As famílias de origem social mais modesta e com menor grau de alfabetização não valorizavam da mesma forma esses documentos, sendo a troca epistolar um hábito menos comum⁹⁰ e a sua conservação mais rara. É preciso não esquecer que a preservação das cartas será, muitas vezes, fortuita, dependendo das circunstâncias de recepção, da existência de um espaço num lugar seguro e de alguém empenhado na sua conservação.

No entanto, no que diz respeito à guerra colonial, a intensidade da experiência vivida, independentemente da classe social, terá tido um papel decisivo no que acreditamos ser a provável conservação de um grande volume de cartas no seio das famílias envolvidas. As razões invocadas durante a guerra para a guarda das cartas surgem entre reflexões que os correspondentes fazem sobre a chegada da correspondência. Para lá da consolação que um “pedaço de papel”⁹¹ pode oferecer a quem o lê, guardá-lo vai permitir leitura repetidas,

trazer as tuas cartas no bolso durante semanas, lendo-as às vezes mais que uma vez por dia,⁹²

e le-las tantas vezes que por vezes sei dizelas de cor.⁹³

Como iremos ver, esta leitura reconfortante confirma e fortalece os laços entre os correspondentes:

também fiquei bastante emocionada com as tuas palavras, e podes crer que leio as tuas cartas muitas vezes, fazem-me bem ler, tenho por vezes a sensação de te ter junto a mim...⁹⁴

Por outro lado, quem guarda as cartas sabe, também, que elas poderão servir como argumento nas disputas amorosas, visto serem “o único veículo de ligação que está ao nosso alcance”.⁹⁵ As palavras uma vez escritas estão ditas e são lidas como prova das intenções e ações de quem as escreveu:

⁹⁰ Embora pouco comum não era inexistente. Conforme resultados de investigações, “It is clear that ordinary workpeople were not limited to ‘oral communication and local commerce.” Austin, France (2000), “Letter Writing in a Cornish Community in the 1790s” em David Barton e Nigel Hall (orgs.), *Letter Writing as a Social Practice*, Philadelphia, John Benjamins North America, p.57.

⁹¹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 32, 06.11.1970.

⁹² Carta de militar para a esposa, Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 35, 28.02.1971.

⁹³ Carta de namorada para militar, Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 54, 21.03.1967.

⁹⁴ Carta de esposa para militar, Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 5, 08.01.1968.

⁹⁵ Carta de esposa para militar, Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 82, 11.01.1970.

Hoje li todas as tuas cartas e faço esta pergunta a mim mesma!!! Onde está aquele rapaz que eu conheci cheio de sentimentos bons e o que fizeste tu à tua moral?⁹⁶

Nas disputas familiares, a correspondência assumirá grande relevância para aclarar situações de conflito:

só te digo vai ser lindo quando eu chegar ó se vai tenho todas as cartas bem arrecadadas... guarda-me as cartas todas não te admito que desapareça alguma.⁹⁷

Tendo sido a guerra colonial uma guerra de guerrilha de baixa intensidade,⁹⁸ podemos supor que a guarda das cartas, para quem estava em África ou na Metrópole, não apresentou dificuldades significativas, o que não aconteceu nas duas guerras mundiais, nomeadamente nas unidades combatentes, quase sempre não aquarteladas. Hartley refere, por exemplo, que durante a II Guerra, as cartas escritas pelas mães para os filhos destacados em zonas de conflito, “have had the worst rates of survival”⁹⁹, em razão da violência do combate e da grande mobilidade dos soldados. Na guerra colonial, as tropas especiais poderão ter tido mais dificuldades nessa conservação devido ao tipo de missões em que participavam. Antevendo a possível perda da correspondência recebida, alguns combatentes enviavam-na para casa. Assim o fez Carlos, paraquedista destacado em Angola e de partida para uma missão: “pesso-lhe minha mãe que meta tudo dentro de um caixote e guarde para quando eu regressar”¹⁰⁰.

Guardar para depois é um gesto que exprime a vontade de conservar a memória de um acontecimento tão marcante como a passagem pela guerra o foi, também, na vida deste casal de noivos:

Amor guardo sempre as tuas cartas para um dia mais tarde quando estivermos casados lembrar-nos dos nossos tempos.¹⁰¹

Para mais tarde recordar, foi essa a intenção expressa por esta rapariga que escreve ao noivo mobilizado em Angola em 1963. Quarenta anos depois do regresso, depositaram no AHM a correspondência que trocaram durante os dois anos de

⁹⁶ Carta de namorada para militar, Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 50, 24.02.1968.

⁹⁷ Carta de militar para a esposa, Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 13.05.1968.

⁹⁸ Cann, John P. (2005), *Contra-subversão em África, Como os portugueses fizeram a guerra em África, 1961-1974*, Lisboa, Prefácio, p.205.

⁹⁹ Hartley, Jenny (1999), “Letters are everything these days: mothers and letters in the Second World War”, em Rebecca Earle (Org.), *Epistolary Selves: Letters and letters-writers 1600-1945*, Aldershot, Ashgate Pub., p.186.

¹⁰⁰ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 7, 26.01.1968.

¹⁰¹ Carta da noiva para militar, Fundo R72, Caixa 60, Série 6, documento 86, 02.03.1963.

separação, cerca de 400 cartas. Por que o fizeram? Quais as razões declaradas por quem depositou no AHM os seus acervos particulares relativos à guerra?¹⁰²

Aqui vos envio as fotos como foi prometido, pois ainda passei algum trabalho a convencer o meu marido para as deixar enviar pois disse-lhe que era por uma causa justa e nobre alguém se lembrar de fazer um espólio dos combatentes que estiverão em Angola e mais lhe disse que um dia que nós faltasse-mos os filhos não ligavam às fotos nem pensavam no que o pai passou na guerra que arriscou a vida para salvar a Pátria para nada só serviu para dar cabo da saúde..... o meu marido só pede que as fotos sejam para expor num sitio digno por tudo que êle e todos quantos lá estiveram passarão, pois cada uma delas tem um significado e uma história que êle muitas vezes com orgulho e amargura conta aos netos e a muitas pessoas os horrores que passou na guerra que foi obrigado a ir deixando na Metrópole mulher e filhos.... pois meu marido foi para Angola no ano 1963 e regressou à Metrópole em 1966 estive sempre no norte de Angola debaixo de fogo.... espero que sejam realizados os vossos desejos pois será orgulho e satisfação para todos os combatentes que estiveram em Angola serem recordados mais tarde por alguém que saiba contar a história com orgulho destes combatentes que tanto arriscarão a vida por uma causa que só trouxe martírio e sofrimento e que nunca tiveram uma palavra de conforto e gratidão e reconhecimento pelas entidades com competência para fazerem isso....¹⁰³

Escrito à mão em papel pautado com uma esferográfica de tinta azul, numa letra pouco firme, este excerto pertence a uma carta de acompanhamento de um depósito de fotografias redigida pela esposa de um ex-combatente. Algumas expressões utilizadas chamam a nossa atenção: “arriscou a vida para salvar a Pátria para nada”, “foi obrigado a ir”, “alguém que saiba contar a história com orgulho”, “nunca tiveram uma palavra de conforto e gratidão”.

Numa outra carta, dactilografada em letras maiúsculas, a acompanhar a entrega de correspondência, outro ex-combatente refere:

JUNTO COM ESTA QUERO VOS ENVIAR PARA CONTRIBOIR COM A MINHA AJUDA, PARA A HISTÓRIA QUE PRETENDEM FAZER, HISTÓRIA.....

¹⁰² As cartas que se seguem são as únicas declarações existentes que acompanham os depósitos entregues no AHM, dos quais falarei mais tarde. A grande maioria dos depositantes, enviando pelo correio ou entregando pessoalmente os seus acervos, não deixou qualquer registo das razões por detrás deste gesto. Para atenuar incertezas optou-se, no caso do *Projeto Recolha*, por considerar as entregas ao AHM como depósitos e não como doações, tendo sido fornecido aos depositantes uma lista do material recebido que permitirá o seu levantamento em qualquer momento. O AHM garantiu a todos a preservação e o tratamento arquivístico, assegurando a confidencialidade dos depósitos.

¹⁰³ Fundo R28, caixa 19, 30.05.2003. Neste acervo há apenas uma carta e 103 fotografias.

Segue-se a lista de material que envia para o Arquivo e termina informando que a correspondência, nomeadamente os aerogramas,

EM GRANDE PARTE JÁ ME DESAPARECERAM.... QUANTO A MIM É UMA IDEIA GENIAL, POIS QUE OS NOSSOS FILHOS OU NETOS DESTA GERAÇÃO, NÃO IRIAM CONTINUAR A GUARDAR ESTES, NÃO LIGAM, E É UM CONSOLO PARA QUEM ASSIM PENSA E NÃO TEM SEGUIDORES. PARA MIM CADA FOLHA É UMA HISTÓRIA.¹⁰⁴

Noutro caso, uma longa carta de uma mãe acompanha a extensa lista de material enviado ao AHM relativa à comissão militar do filho, oficial comando morto em combate:

Sou viúva e como não tenho mais ninguém a quem deixar estas recordações, estava para queimar tudo, mas uma médica amiga disse que não o fizesse e teve a gentileza de me enviar uma folha... onde dizia que o 'Arquivo Histórico Militar' estava a fazer recolha de documentos sobre a guerra colonial. (...) fico com o coração apertado só de pensar que terei de destruir todas estas fotografias e os documentos.¹⁰⁵

Carlos, outro dos depositantes, aproveitou o almoço anual de confraternização dos paraquedistas, realizado no campo militar de Tancos em 8 de fevereiro de 2004, para comunicar a sua decisão de responder ao apelo do AHM. Na ocasião proferiu um discurso em que disse:

Antigos camaradas, este foi algumas das cartas que eu recebi enquanto estive ao serviço dos paraquedistas. Não são muitas. Eu batia todos os recordes. Vou dizer-vos que... para que nada se perca da nossa história pessoal, da história do nosso país, eu tomei a decisão de entregar todo este meu pequeno espólio... cartas, não vou abri-las porque não vale a pena, porque é segredo, para o Arquivo de história militar... Para todos aqueles que não querem que a história se perca tomem e façam o que eu fiz... que as cartas não se percam. Mais eu quero dizer: tenho aqui o meu neto, tenho aqui as minhas duas netas, sempre disse em toda a minha vida que estas cartas seriam para o meu primeiro neto mas ele, o João, que está ali, mais a Ana e a Francisca, são os donos e a continuação desta história que aqui está. Amigos, que nada se perca. O país agradece.¹⁰⁶

Na ocasião em que Carlos entregou a sua correspondência, acondicionada numa grande caixa, Luís, outro dos militares que depositou o seu acervo e que estava presente na cerimónia, dirigiu-se também aos paraquedistas, na qualidade de voluntário do *Projeto Recolha*:

¹⁰⁴ Fundo R52, caixa 26.

¹⁰⁵ Fundo R133, caixa s/numeração.

¹⁰⁶ Neste almoço estiveram presentes cerca de 2000 paraquedistas e suas famílias. Carlos disse estas palavras na presença do General Almendra, importante referência para as tropas paraquedistas, tentando incentivar os camaradas de armas a tomarem igual disposição. Este pequeno discurso está registado em filme e pertence ao *Projeto Recolha*.

Estas cartas que são a memória, uma parte da memória e uma parte da vida do nosso camarada paraquedista e ex combatente Carlos, vão ficar no Arquivo Histórico Militar ao lado de outros espólios de outros militares e de outros portugueses... de outros militares e civis que quiseram que a sua memória pessoal não se perdesse. A propriedade continua dele e da família, ele receberá a prova, o documento oficial do Arquivo Histórico Militar de que fez este depósito e tem a garantia que estas cartas daqui a 200 ou 300 anos poderão ser úteis aos nossos descendentes para saberem o que foi a gesta de centenas de militares portugueses nas últimas guerras em África. Através das cartas, dos nossos documentos, das nossas fotografias, dos nossos filmes, dos nossos slides, dos nossos pequenos espólios pessoais, é que nós podemos demonstrar à futura nação portuguesa que há-de querer saber a sua memória e mal vão os povos que esquecem a sua memória porque se perdem. É através destes documentos que ficam em arquivo, poderão daqui a anos ser digitalizados, que os nossos vindouros hão-de saber como nós nos confrontámos, o que nós sentimos, o que nós sofremos e o que nós lutámos pela nossa Pátria.¹⁰⁷

Ao compararmos as cartas que acompanham os próprios acervos ou o de familiares muito próximos com as declarações que vêm junto com documentos pertencentes a amigos ou conhecidos, sempre em muito menor número, observamos que o tom utilizado é naturalmente diferente, mais distante e com menor carga emocional, como se pode ver pelos dois exemplos que se seguem: “Penso que terão algum interesse para a história das mentalidades”¹⁰⁸, refere uma historiadora que envia duas cartas cedidas por uma conhecida. Um outro depositante afirma sobre as 11 cartas que entrega de dois amigos mobilizados:

Junto envio a correspondência que recebi dos amigos que estiveram na guerra. Parecem-me bons documentos. Na altura em que recebi as cartas impressionaram-me muito. A evolução política do meu amigo (...) é surpreendente. Guardo uma carta dele, de antes da tropa, do tempo das eleições de 1969 que é relevante para compreender essa evolução.¹⁰⁹

Estudo das mentalidades e evolução do pensamento são o que se espera nestes casos. Embora diferentes, uma ideia comum liga as cartas de depósito de participantes e amigos: chegam até nós com um apelo em relação à história desta guerra e do grupo dos ex-combatentes, “le désir de ne pas les condamner à l’oubli.”¹¹⁰ Nelas se enunciam sentimentos e pensamentos que encontramos frequentemente expressos noutros locais

¹⁰⁷ Este pequeno discurso está, também, registado em filme e pertence ao *Projeto Recolha*.

¹⁰⁸ Fundo R104, caixa s/numeração.

¹⁰⁹ Fundo R132, caixa s/ numeração.

¹¹⁰ Castillo Gómez, Antonio (2010), “Les écrits du for privé en Espagne de la fin du Moyen Âge à l’époque contemporaine. Bilan et perspectives”, em Jean-Pierre Bardet, Elisabeth Arboul e François-Joseph Ruggiu (orgs.), *Les écrits du for privé en Europe, du Moyen Âge à l’époque contemporaine. Enquêtes, Analyses, Publications*, Bordeaux, P. U. Bordeaux, p.46.

e momentos, a saber, a falta de reconhecimento dos trabalhos árduos que os militares passaram pela pátria, a necessidade de contar a história com orgulho e a inquietação pela perda destes testemunhos, sem os quais a narrativa da guerra fica incompleta e a verdade usurpada. O dever de guardar para si e, ao mesmo tempo, a responsabilidade de dar a conhecer uma certa vida que passou, “d’intervenir dans la création de mémoire”¹¹¹, são as duas faces da preservação destes acervos.

Qual é a importância desta reconstrução do “puzzle da memória” como lhe chama Luís Graça, ex-combatente e criador de um dos blogues mais participados sobre a guerra colonial, dirigido aos que estiveram lá e que foram testemunhas em primeira mão, obtendo dessa presença a autoridade indiscutível para dela darem conta?¹¹² Encontro nas palavras da historiadora brasileira Sandra Pesavento uma reflexão a este propósito:

[a memória] constrói laços de pertencimento e amarramento dos indivíduos ao seu passado. A memória, no caso, patrimonializa as lembranças, levando grupos à coesão social e a uma comunidade simbólica de sentido partilhada. Cria identidades, enfim, atividades de referência imaginária que situam os indivíduos no mundo. Construídas. Inventadas sem serem necessariamente falsas. Desejáveis e confortantes, porque positivadas. Ou incômodas e mobilizadoras de ação reivindicatória, revanchista e punitiva, porque vivenciadas como injustas e negativas.¹¹³

Esta reflexão lembra que a memória, não sendo fixa nem definitiva, confere sentidos e significados às recordações do passado, determinando a forma como são percebidas e vividas no presente, positiva ou negativamente. A memória desta guerra traz um passado e possui uma verdade que terá de ser legitimada pela historiografia, pela Educação e pelo Estado. E é nesta legitimação que se vai estabelecer o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido.

Depois da mudança de regime político em Portugal em 1974, as memórias da guerra e do fim do império ficaram, num primeiro momento, postas de lado, o que está de acordo com o carácter traumático deste episódio maior da nossa história recente. O regime ditatorial não conseguiu encontrar uma solução política que pusesse fim ao

¹¹¹ Castillo Gómez, Antonio (2010), “Les écrits du for privé en Espagne de la fin du Moyen Âge à l’époque contemporaine. Bilan et perspectives”, em Jean-Pierre Bardet, Elisabeth Arboul e François-Joseph Ruggiu (orgs.), *Les écrits du for privé en Europe, du Moyen Âge à l’époque contemporaine. Enquêtes, Analyses, Publications*, Bordeaux, P. U. Bordeaux, p.46.

¹¹² <https://blogueforanadaevaotres.blogspot.pt> Blogue Luís Graça & Camaradas da Guiné, desde 2004.

¹¹³ Pesavento, Sandra Jatahy (2006), “Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado”, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, (online), *Débats*. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/1499> .

conflito que durou 13 anos e a descolonização que se seguiu à revolução levou à saída das ex-colónias de mais de meio milhão de portugueses. A maioria veio para Portugal e teve de recomeçar nova vida. Seguiram-se tempos de grandes dificuldades para o país. É melhor esquecer quando se torna demasiado difícil recordar. E durante muito tempo quase todos pareceram ter esquecido.

Mas, após a fase de repressão dessas memórias, mais tarde ou mais cedo, a lembrança destes acontecimentos marcantes pode voltar em força, de forma muito crítica, surgindo, de acordo com Traverso, como uma revolta “éthico-politique contre le silence complice.”¹¹⁴ Este facto liga-se, a meu ver, a uma questão fundamental colocada pelo historiador Antoine Prost em relação à guerra da Argélia que é, também, de extrema pertinência no caso português: de que forma a legitimidade percebida de uma guerra pode condicionar o futuro dessa memória e, por conseguinte, da história?

História e memória têm temporalidades próprias, nem sempre coincidentes. A historiografia exige uma separação face ao passado, uma “mise à distance”¹¹⁵ que irá realizar-se quer no acesso a acervos e espólios privados, quer na constituição e abertura de arquivos disponíveis à consulta. Mas é também necessária uma vontade pública que tire do silêncio uma memória estigmatizada, reabilitando-a e permitindo desta forma o encontro da memória colectiva com a escrita da história.

Vejamos o caso da Argélia: a guerra de independência decorreu entre 1954 e 1962. No início do conflito, a opinião pública francesa apoiou o envio de forças para o território, visto como parte da França. Os sentimentos de identidade para com a colónia eram substancialmente mais fortes do que os existentes em relação à Indochina, terra

¹¹⁴ Traverso, Enzo (2005), *Le passé, modes d'emploi: histoire, mémoire, politique*, Paris, La fabrique éditions, p.44. Na sua análise, Traverso segue o modelo proposto por Henry Rousso para a história das transformações da memória coletiva de Vichy na consciência nacional francesa, desde o fim da II guerra à actualidade. Este modelo apresenta quatro fases na transformação da memória de um acontecimento traumático: o momento do luto (deuil), o da supressão da memória (refoulement), o do regresso do que foi recalcado (retour du refoulé) e, por fim, o momento da obsessão memorial (obsession mémorielle). Rousso, Henry (1987), *Le syndrome de Vichy de 1944 à nos jours*, Paris, Éditions du Seuil. Este modelo tem sido objeto de uma apreciação favorável mas, também, de alguma crítica. Hervé Coutau-Bégarie, por exemplo, aceita o essencial do modelo mas considera que Rousso ficou algo prisioneiro do síndrome que descreve, sugerindo uma releitura que ultrapasse o que considera ser uma interpretação maniqueísta deste acontecimento. Coutau-Bégarie, Hervé (1988), “Henry Rousso. Le syndrome de Vichy (1944-1987) [compte-rendu], *Politique étrangère*, 53 (3), p.784.

¹¹⁵ Traverso, Enzo (2005), *Le passé, modes d'emploi: histoire, mémoire, politique*, Paris, La fabrique éditions, p.43.

longínqua onde habitavam poucos franceses e onde terminara uma guerra que a França havia perdido. Os militares combatentes na Argélia eram mobilizados, na sua esmagadora maioria, a partir da França metropolitana, primeiro por dezoito meses, depois por vinte e quatro e, com o agravar da situação, por vinte e sete meses. Foram lutar numa guerra de guerrilha contra pequenos grupos de rebeldes independentistas. À semelhança do que Marcello Caetano, Presidente do Conselho de ministros do governo português, viria a dizer sobre a guerra colonial¹¹⁶, também o governo francês determinou que o conflito que se desenrolava na Argélia não era uma guerra mas “an ‘operation to maintain public order”¹¹⁷ A força dos dados, cerca de 3 milhões de soldados mobilizados e 35 mil vítimas mortais, confronta a afirmação política.

Durante os oito anos de duração da guerra, a opinião pública francesa terá evoluído de uma posição de apoio para a necessidade de negociações que abrissem a porta a uma solução política e terminassem com o conflito. Os combatentes não fizeram seus os objectivos da guerra nem sua a razão que levou à mobilização obrigatória, não os abraçando profundamente.¹¹⁸ Nessa altura, já os ventos da história sopravam noutra direção, com a descolonização de muitos territórios africanos em franco progresso.

Ao ser considerada ilegítima, esta guerra, que oficialmente nunca o foi, não deu lugar à existência pública, na memória colectiva dos franceses, do que Prost chama uma comunidade de vítimas. A memória dos ex-combatentes metropolitanos, dos “pieds noirs” e dos “harkis”¹¹⁹ permaneceu, embora por razões diferentes, uma memória privada sem direito a expressão¹²⁰ ou contida nalgumas narrativas individuais.

¹¹⁶ Conversa em Família emitida pela RTP em 8 de Abril de 1970: “Nunca é demais repetir que não estamos em guerra com ninguém mas apenas policiamos o território evitando que os guerrilheiros levem por diante a sua acção subversiva.” Pontes, Joana et al, *Evolução na continuidade*, Século XX Português, 8º episódio, Lisboa, produção SIC, 29’17 a 29’51.

¹¹⁷ Prost, Antoine (1999), “The Algerian War in French Collective Memory” em Jay Winter e Emmanuel Sivan (orgs.), *War and Remembrance in the twentieth century*, Cambridge, Cambridge University Press, p.164

¹¹⁸ Para um aprofundamento do tema da guerra da Argélia ver, entre outros, Ageron, Charles-Robert (1995), “Guerre d’Algérie” em Jean-François Sirinelli (org.), *Dictionnaire historique de la vie politique française au XX siècle*, Paris, Press Universitaires de France, pp.462-470; Droz, Bernard e Evelyne Lever (1982), *Histoire de la guerre d’Algérie*, Paris, Éditions du Seuil; Stora, Benjamin (1993), *Histoire de l’Algérie*, Paris, Éditions La Découverte, 2º volume; Rochebrune, Renaud e Benjamin Stora (2016), *La guerre d’Algérie vue par les Algériens. 2. Le temps de la politique (De la bataille d’Alger à l’indépendance)*, Paris, Denoël.

¹¹⁹ “Pieds noirs” são os descendentes de famílias francesas que migraram para o Norte de África a partir do séc. XIX. Possuíam nacionalidade francesa e votavam nas eleições. Quando o conflito se

Por outro lado, veio a público que o exército francês torturou e assassinou, tornando o conflito, aos olhos de muitos, numa guerra suja e injusta. Sobre os factos conhecidos tem havido um silêncio que, na prática, os tem amnistiado: “This unnamed war was and still is an un-remembered war”¹²¹.

O caso da Argélia apresenta, como já referi, muitas semelhanças com o caso português. Para lá de uma ligação ténue com as terras além mar de um Império mal povoado, pouco desenvolvido, desconhecido e demasiado longínquo, o país também nunca esteve oficialmente em guerra em qualquer parcela do território nacional. De acordo com a retórica do regime, Portugal fazia frente “a bandos armados, equipados, treinados e instruídos por agentes a soldo da ideologia comunista”¹²², apoiados em países limítrofes e, de forma dissimulada, por algumas democracias ocidentais. Para isso bastava-lhe policiar o território, como disse Marcello Caetano aos portugueses na sua *Conversa em Família*, emitida pela RTP em 8 de Abril de 1970.

Após 1974, com a mudança de regime e a vida em democracia, a guerra colonial foi encarada como ilegítima, diríamos hoje politicamente incorreta. A ideologia dominou o

desencadeou viviam na Argélia cerca de 1 milhão. “Harkis” são soldados da comunidade muçulmana da Argélia que fizeram parte do recrutamento local. No fim da guerra, cerca de 85 mil harkis foram para França, sem lá ter família, a maioria sem saber a língua e sem habilitações que lhes possibilitasse uma integração sucedida. Os que ficaram foram considerados traidores e muitos foram mortos.

Caso semelhante ocorreu após as independências das colónias portuguesas, sobretudo na Guiné, onde antigos combatentes que fizeram parte do recrutamento local das forças armadas portuguesas foram fuzilados como colaboracionistas e traidores. Sobre o que aconteceu após a independência da Guiné ver Borges Coelho, João Paulo (2003), “Da violência colonial à ordem pós-colonial violenta. Sobre um legado das guerras coloniais nas ex-colónias portuguesas”, *Lusotopie*, pp.188 a 193. O historiador cita vários depoimentos sobre a forma como foram tratados os ex-combatentes nativos após a saída das tropas portuguesas, “uma verdadeira barbárie”.

¹²⁰ Sobre estas razões ver Prost, Antoine (1999), “The Algerian War in French Collective Memory” em Jay Winter e Emmanuel Sivan (orgs.), *War and Remembrance in the twentieth century*, Cambridge, Cambridge University Press, pp.165-172; Blanchard, Pascal (2010), “Il passato coloniale in Francia. Commemorazioni, memoriali, monumenti e conflitti di memoria”, *Memoria e Ricerca*, 34, pp.63-80 e Dulucq, Sophie e Colette Zytnicki (2005), “Penser le passé colonial français, Entre perspectives historiographiques et résurgence des mémoires”, *Vingtième Siècle*, 86, (2), pp.59-69.

¹²¹ Prost, Antoine (1999), “The Algerian War in French Collective Memory” em Jay Winter e Emmanuel Sivan (orgs.), *War and Remembrance in the twentieth century*, Cambridge, Cambridge University Press p.172.

¹²² Vaz, Nuno Mira (1977), *Opiniões Públicas durante as Guerras de África 1961/74*, Lisboa, Quetzal Editores, p.9.

debate, através de “une lecture moralisatrice et culpabilisante du passé colonial”¹²³ e impediu o seu reconhecimento e a integração da memória dos envolvidos na memória colectiva da nação através da narrativa histórica.¹²⁴

A memória de retornados das ex-colónias e de ex-combatentes permaneceu, durante muito tempo e em grande medida, uma memória privada com pouca expressão pública, embora os primeiros se tenham inserido na sociedade portuguesa, constituindo um dos casos mais bem sucedidos de que há registo, comparativamente com outras situações semelhantes.¹²⁵

A memória pública da guerra tem sido difícil de constituir, as comemorações oficiais são olhadas com desconfiança à luz de uma retórica de compensações necessárias,

¹²³ Dulucq, Sophie e Colette Zytnicki (2005), “Penser le passé colonial français, Entre perspectives historiographiques et résurgence des mémoires”, *Vingtième Siècle*, 86, (2), p.9.

¹²⁴ O reconhecimento e visibilidade das memórias está intimamente relacionado com o que Traverso chama memórias fracas e fortes. Serão fracas quando escondidas, reprimidas ou proibidas. Fortes quando oficiais, reconhecidas, mobilizadas e comemoradas pelo Estado e pelas suas instituições. Traverso, Enzo (2005), *Le passé, modes d'emploi: histoire, mémoire, politique*, Paris, La fabrique éditions, p.54. A força e o conseqüente reconhecimento das memórias determinará a oportunidade da existência desse passado. Interessante exemplo é o discurso de Jacques Chirac em Madagáscar, enquanto Presidente da França, a 21 de Julho de 2005. Chirac conferiu existência a uma memória escondida da história colonial do seu país, os massacres levados a cabo pelas forças armadas francesas em 1947 e que teriam feito cerca de 40 000 vítimas: "Il faut, nous en avons parlé, aussi évoquer les pages sombres de notre histoire commune - il y en a eu - et donc il faut avoir conscience du caractère inacceptable des répressions engendrées par les dérives du système colonial. En 1947, le sentiment national montait sur la Grande Ile où s'enchaînèrent des événements tragiques. Rien ni personne ne peut effacer le souvenir de toutes celles et de tous ceux qui perdirent injustement la vie et je m'associe avec respect à l'hommage qu'ils méritent. Nous ressentons aussi ce désir profond que nous avons tous, Malgaches et Français, de vivre en paix avec le passé. Poursuivons, car il est nécessaire, un travail de mémoire qui retrace les faits et qui puisse apaiser les coeurs." LDH Toulon <http://www.ldh-toulon.net/spip.php?article778>

¹²⁵ Barreto, António (2000), “Portugal e a Europa” em António Barreto (org.), *A Situação Social em Portugal 1960-1999*, II, Lisboa, ICS, p.73. No entanto, com o passar do tempo, quer o termo “retornado”, quer a narrativa de sucesso da integração têm sido questionados, sobretudo em ocasiões comemorativas como foi o caso da exposição Retornar – Traços da Memória, organizada pela EGEAC e que decorreu entre novembro de 2015 e fevereiro de 2016, comissariada por Elsa Peralta, com o objetivo de assinalar os 40 anos da descolonização. António Pinto Ribeiro, por exemplo, escreveu um artigo no jornal Público de 20 de dezembro de 2015 em que chama a atenção, a propósito desta Exposição, para a necessidade de “evitar a hegemonia de uma ‘história única’”, pondo em causa quer o uso do termo “retornado” para todos os que vieram das ex-colónias, avançando alternativamente com “refugiados” e “deslocados”, quer o que chama o mito neo-colonial da integração dos mesmos.

morais e materiais. Existem, neste momento, comunidades que se constituíram para invocar e comemorar um passado comum, partilhado por grupos específicos, com mais ou menos organização formal, e passível de se alargar a um conjunto mais lato de ex-combatentes.¹²⁶ Os almoços de confraternização, organizados por associações de antigos combatentes ligados a armas específicas dentro das forças armadas ou a determinados teatros de guerra ou, ainda, obedecendo a outros critérios, são dos principais momentos de rememoração deste passado comum. A existência de um grande número de sites na internet e as possibilidades de comunicação que as redes sociais oferecem têm permitido uma surpreendente circulação de fotografias, narrativas e testemunhos, possibilitado reencontros e organizado retornos às ex-colónias, aos locais onde outrora se viveu a guerra. Estas comunidades estão a procurar dar existência pública e visibilidade às memórias individuais integrando-as numa narrativa colectiva da guerra, a legitimar pela sociedade em sentido lato, que seja compatível com os princípios e valores aceites pela comunidade em que se inserem.¹²⁷ É este o trabalho que está a ser feito, frequentemente de forma descontínua e nem sempre do modo mais pacífico.¹²⁸

¹²⁶ Veja-se, por exemplo, à semelhança de outros, o site do batalhão de artilharia 741 que contém o seguinte apelo: “Os ex-Combatentes solicitam ao Estado Português o reconhecimento cabal dos seus serviços e sacrifícios”. Para o efeito disponibilizam o endereço de uma petição pública para a recolha do maior número de assinaturas no sentido de tornar clara esta necessidade dos ex-combatentes. A petição foi assinada por 4 665 indivíduos e enviada para a Assembleia da República, tendo sido distribuída à Comissão de Defesa Nacional. De acordo com quem tomou esta iniciativa, um ex-combatente mobilizado na Guiné entre 1970 e 1972, “Resta-nos aguardar pelo desfecho das decisões dos políticos que - esperamos - sejam no sentido de perceberem as reais circunstâncias em que os jovens dos anos 50, 60 e 70 foram OBRIGADOS a prestar serviço militar, durante períodos longos, como enormes sacrifícios, em territórios considerados como portugueses, na altura, pelo regime político então vigente, e de satisfazerem os nossos anseios, reivindicados desde o fim da guerra colonial mas nunca concretizados.” Este sentimento de falta de reconhecimento pelos sacrifícios prestados é muito comum entre os ex-combatentes. Disponível em: <http://batalhaodeartilharia741.blogspot.pt/2013/01/o-batalhao-e-as-flamulas-o-museu-da.html> <http://www.peticaopublica.com/pview.aspx?pi=P2011N5306>

¹²⁷ Como refere Alistair Thomson, citado por Joan Tumblety “|m|emories are “significant pasts” that we compose to make more comfortable sense of our life over time, and in which past and current identities are brought more into line”. Tumblety, Joan (2013) (org.), *Memory and History, understanding memory as source and subject*, London, Routledge, p.4.

¹²⁸ Em 1994, por exemplo, na inauguração do monumento nacional aos mortos da guerra colonial situado no Forte do Bom Sucesso junto à Torre de Belém, registaram-se manifestações e viveu-se um clima de confronto entre os presentes, responsáveis políticos, ex-combatentes e outros assistentes à cerimónia. Ao descerrarem as lápides do monumento que nomeava os cerca de

8300 mortos em 13 anos de conflito, trocaram-se acusações entre os grupos e uma das questões mais ouvida foi sobre a utilidade da guerra e do sacrifício dos envolvidos, no momento em que as ex-colónias entravam em colapso devido às guerras civis.

Em Abril de 2012, para citar outro exemplo, as conclusões de um Seminário realizado no IESM, Instituto de Estudos Superiores Militares, foram veementemente contestadas por historiadores que haviam sido combatentes. À ideia de que no final do conflito “a situação de guerra não era crítica e podia ser mantida”, dois militares argumentaram publicamente contra um “persistente movimento ideológico de revisionismo histórico que pretende adulterar e contrariar *a posteriori* os factos e os acontecimentos.” Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2012), “Notas sobre as Conclusões do Seminário ‘Guerra de África – Portugal Militar em África 1961-1974 – Atividade Militar’ realizado no IESM em 12 e 13 de Abril de 2012, p.1. Disponível em: <http://www.jpieres.org/wp-content/uploads/2013/07/PDF-Matos-Gomes-e-Aniceto-Afonso.pdf>. Esta resposta provocou várias réplicas de oficiais superiores das Forças Armadas, e suscitou um debate que correu durante algum tempo nos blogues de ex-combatentes. Ver, por exemplo, as respostas do tenente-coronel Abílio Pires Lousada e do tenente-coronel piloto aviador João José Brandão Ferreira, disponíveis, respetivamente em <https://drive.google.com/file/d/0B7igybmYeq5wUDdVVHBJYjVQVVE/view> e <https://drive.google.com/file/d/0B7igybmYeq5wZEM5SjZmZWN6YWc/view> .

O trabalho de visibilidade destas memórias relativas ao colonialismo português, tomado em sentido lato, tem sido feito com maior e crescente ênfase nos últimos anos, transcendendo as dos ex combatentes e incluindo outros grupos, como por exemplo, os habitantes e, depois, retornados das ex-colónias. Carlos Maurício chama a atenção para a grande dificuldade que houve, especialmente entre 1974 e 1993 em abordar publicamente questões como a descolonização, incluindo o sofrimento dos ex-combatentes e retornados, matérias escondidas “para debaixo do tapete da memória”. Maurício, Carlos (2013), “Um longo degelo: a guerra colonial e a descolonização nos écrans portugueses (1974-1994)”, *Ler História*, 65, pp. 159-177. Paulo de Medeiros chama a atenção para esta dificuldade: “Portuguese society seems to have simply put aside admitting, let alone discussing, the fact of the colonial war. Whatever reflection has taken place on the war it has been primarily effected through fictional narrative.” O aparecimento no final da década de 70 de livros de António Lobo Antunes e, mais tarde, Lídia Jorge, por exemplo, dá a ver como num primeiro momento a ficção permitiu, de alguma forma, refletir sobre este passado reprimido, reflexão essa que se apresentou mais ou menos diferida em relação aos acontecimentos e eventualmente romanceada. Medeiros, Paulo de (2002), “War Pics: Photographic Representations of the Colonial War”, *Luso-Brazilian Review*, 39, (2), Special Issue: Portuguese Cultural Studies, p.93, disponível em <http://www.jstor.org/stable/3513788> .A publicação mais recente de dois livros de ficção, *Caderno de Memórias Coloniais*, de Isabela Figueiredo e *O Retorno*, de Dulce Maria Cardoso, são exemplo desse movimento que tem vindo a decorrer e que inclui os “retornados” da ex-colónias. De acordo com informação prestada pelas editoras dos dois livros, a tiragem de ambos foi muito superior ao que é habitual em Portugal na publicação de romances deste género, tendo havido várias reimpressões. As obras suscitaram uma vaga de recordações que vieram a público ao mesmo tempo que o aparecimento de inúmeros testemunhos, mais ou menos emocionados, sobre a colonização e o fim do império. Figueiredo, Isabela (2009), *Caderno de Memórias Coloniais*, Coimbra, Angelus Novus e Cardoso, Dulce Maria

Voltando às cartas, a presença de acervos particulares da guerra colonial no AHM reflete este desejo, embora a reduzida dimensão dos depósitos evidencie desconfiança e insegurança face às instituições e à utilização destes registos. A abordagem destes *conservadores* privados exige uma ação continuada e requer cuidados redobrados pois o valor que é atribuído pelos próprios, ou pelos familiares, aos seus papéis particulares traduz-se, frequentemente, numa ambiguidade relativa à sua preservação e utilização por terceiros. Guardar e arquivar são gestos que supõem uma consciência individual dos acontecimentos vividos e a vontade de deixar testemunho, “d’abolir la mort”.¹²⁹ Não cremos que quem depositou os seus acervos no AHM tenha conservado as cartas apenas para mais tarde lembrar os tempos passados, fê-lo também para não os deixar cair no esquecimento.

A correspondência dos militares exprime, pela voz individual, a experiência única e vivida da guerra, o que confere autenticidade e autoridade à sua narrativa, “the authority of ordinary men’s witness”¹³⁰, de qualquer forma comprometida com a natureza particular da memória e da linguagem, como se observou relativamente à literatura autobiográfica.

(2012), *O Retorno*, Lisboa, Tinta da China. Têm sido publicados outros livros que tentam dar a ver como era a vida dos colonos que estavam em África, alguns escritos por jornalistas. Por exemplo, Garcia, Rita (2016), *Luanda como ela era 1960-1975. Histórias e memórias e uma cidade inesquecível*. Lisboa, Oficina do Livro. Também a exposição Retornar – Traços da Memória, referida na nota 125 teve, de acordo com os organizadores, um considerável número de visitantes, 1631, se compararmos com a média registada habitualmente nestas iniciativas, em que anda à volta dos 900. Acompanhando a montagem da exposição foi editado um livro que reúne textos de investigadores com diferentes perspectivas disciplinares sobre o retorno, tendo como objetivo lato o de “inscrever este tema no espaço público *político*, onde ainda não tinha sido inscrito.” Peralta, Elsa, Bruno Góis e Joana Oliveira (coord.) (2017), *Retornar, Traços de Memória do Fim do Império*, Lisboa, Edições 70. No entanto, acreditamos que há ainda um longo caminho a percorrer para conciliar, numa abordagem multidisciplinar, os vários aspectos que caracterizam o fim da soberania portuguesa em África.

¹²⁹ Bossis, Mireille (2002), “Une correspondance paysanne en Normandie (1863-1866): Quelle approche?”, em Anne-Marie Sohn (org.), *La correspondance, un document pour l’histoire*, Cahiers du GRHIS, (12), Rouen, Publications de l’Université de Rouen, p.87

¹³⁰ Hynes, Samuel (1998), *The soldiers’ tale. Bearing witness to modern war*, London, Pimlico, p.1.

V. FONTES

A fonte principal deste trabalho é a correspondência não publicada trocada entre militares, seus familiares e amigos, pertencente a acervos privados depositados no AHM, recebidos no âmbito do *Projeto Recolha*, desenvolvido pela LAAHM. Os documentos recolhidos encontram-se no depósito do Arquivo, situado num antigo convento na Estrada de Chelas, pertencente ao Património Militar de Lisboa, como já referi anteriormente. Até dezembro de 2010, altura em que considerei estabelecido o meu corpus de fontes, foram feitos no AHM 133 depósitos, 72 dos quais dentro da cronologia da guerra, entre 1961 e 1974.¹³¹ A grande maioria dos acervos contém fotografias, geralmente a preto e branco, tiradas durante o tempo de mobilização militar em África. Em menor número, há fitas magnéticas de áudio com gravações de emissões de rádio e de relatos da guerra feitos pelos próprios e, também, filmes em película de 8mm com imagens diversas desde preparação e treino militar na Metrópole até aspectos da vida nos aquartelamentos. Aparecem algumas narrativas, dactilografadas ou manuscritas, de acontecimentos ocorridos durante a mobilização, geralmente da autoria dos militares que depositaram os seus acervos. Há ainda outro material que inclui objetos como, por exemplo, uma catana apreendida em 1961 a um guerrilheiro da UPA, bandeiras, mapas diversos, guiões de unidades, medalhas, recortes de imprensa, publicações e folhetos de propaganda, livros de ocorrências, circulares oficiais e uniformes, entre outros. Apenas 16 dos depósitos contêm correspondência. Os arquivos recolhidos foram

¹³¹ A partir do final de 2010, por ausência de voluntários no *Projeto Recolha* e tendo terminado a campanha pública de divulgação, têm sido raros os depósitos e ficou por terminar o tratamento arquivístico. A partir do número de entrada 68, os acervos foram arrumados em caixas sem numeração específica, sendo identificados apenas pelo seu número de entrada no AHM, presente também na declaração de entrega, a qual contém uma listagem do material recebido em depósito. Nalguns casos não foi possível localizar as declarações de entrega. A catalogação feita pelo AHM apresenta, por vezes, algumas falhas, tais como erros na colocação de documentos nas respetivas pastas de arquivo ou tomar como um único documento vários que chegam dentro do mesmo envelope. Cada documento referenciado no texto está identificado com a cota atribuída pelo AHM. A correspondência citada no texto está transcrita com a ortografia original, uma vez que as cartas têm estatuto de documento.

numerados por ordem de entrada, o seu conteúdo separado e acondicionado em caixas, catalogadas e na maior parte dos casos, numeradas.¹³²

Tomar como fonte correspondência privada de pessoas comuns colocou-me, desde logo, duas questões fundamentais que apontam para os limites desta investigação. A primeira prende-se com a representatividade do conjunto de cartas que constitui a minha base documental. A segunda levanta os problemas que a leitura da correspondência me pode colocar.

Começemos pela representatividade. Que relação posso estabelecer entre as cerca de 4 400 cartas e aerogramas de que disponho, aproximadamente 11 300 páginas, pertencentes a 16 depósitos e o volume de correio transportado durante os 13 anos que durou a guerra? A dimensão da disparidade dos números obriga a repensar a questão da ligação entre o todo e esta pequena parte, relação esta que é de uma ordem diferente da que teria uma amostra estatisticamente preparada face à totalidade da correspondência trocada.

Abordei este problema considerando que as condições e circunstâncias próprias decorrentes da recolha destes arquivos de particulares – principalmente como resposta às campanhas do *Projeto Recolha* lançado pela Liga dos Amigos do AHM e difundidas na comunicação social – fazem destes acervos um conjunto fragmentado e aleatório. Este facto levou-me a duas opções imediatas. Em primeiro lugar, abandonar a ideia de seleccionar cartas deste conjunto depositado no Arquivo, facto que seria possível e relevante se estivesse a tratar com um grande volume de correspondência que constituísse uma amostra pertinente, a partir da qual poderia estabelecer relações de inferência com o universo de partida. Tomei então em consideração como corpus de investigação a totalidade da correspondência depositada. No entanto, esta eventual fragilidade estatística não lhe retira importância. Sem aspirar a generalizações mais ou menos rigorosas, que só as amostras preparadas permitem, creio ser possível afirmar o seu inegável valor documental. Nas cartas encontrei descrições do dia-a-dia na Metrópole e em África, considerações face à situação política e militar concreta, observações sobre o modo como os colonos viviam e como eram governados os territórios do império, incluindo juízos sobre a conduta moral e cívica das sociedades coloniais, tão diferentes dos espaços rurais e urbanos de origem dos soldados metropolitanos. Há reflexões sobre a vida mais íntima que incluem sexo, doença e religião, ocupando um lugar central o desejo de regressar aliado ao medo e à incerteza quanto ao futuro.

¹³² Uma descrição detalhada do processo de categorização pode ser encontrada no Anexo D.

A visão de conjunto dada por estas narrativas individuais é necessariamente uma visão incompleta e imperfeita da guerra, “restricted, biased, afflicted by emotion, and full of errors.”¹³³, mas permite-nos encontrar respostas a questões que são políticas num sentido lato e se colocam relativamente a este acontecimento: o que é que aconteceu, que importância e consequências teve.

Em segundo lugar, a leitura das cartas mostrou-me que mais esclarecedor do que centrar a investigação no pensamento dos militares exposto na correspondência, é a possibilidade, pouco frequente e muito compensadora, que as características próprias destes depósitos permitem, a de quase sempre poder incluir outros interlocutores destas redes de correspondentes em que o militar é o centro, reconstituindo assim significativa parte do fluxo epistolar que teve lugar durante a mobilização de cada um. Ter as cartas da família, dos amigos e conhecidos, homens, mulheres e até crianças, permite não só uma visão mais lata da experiência da guerra mas, sobretudo, encontrar e recolher o que Caffarena diz ser “le ricadute che la cosiddetta Grande storia ha sulla quotidianità soggettiva”¹³⁴, a partir do ponto de vista das pessoas comuns que viveram e participaram nos acontecimentos.

Por outro lado, a seriação cronológica de cada acervo permitiu a leitura de uma forma o mais semelhante possível ao que terá acontecido na época. Este facto contribuiu para o aumento da inteligibilidade do conteúdo das cartas porque possibilitou, por um lado, seguir a sorte dos acontecimentos narrados e, por outro, perceber a evolução quer das relações estabelecidas pelos correspondentes entre si, quer dos pensamentos acerca da situação em que todos se encontraram por via da circunstância da guerra. Esta reconstituição permitiu, juntamente com a seriação cronológica de todos os depósitos, uma abordagem diacrónica das fontes considerando duas temporalidades, a de cada comissão, geralmente de 24 meses em África, e a do tempo total da guerra, 13 anos. Partir em 1961 não é o mesmo que ir em 1973. Estar na guerra entre 1961 e 1963 não é o mesmo do que estar entre 1969 e 1971. Regressar a casa em 1965 não é igual a fazê-lo em 1972.

O que encontrei neste universo não tem a coerência serial das amostras preparadas mas apresenta a coerência dos conteúdos, desenvolvidos em temas que se vão revelar comuns, pese embora as grandes diferenças de origem, educação e modo de vida dos

¹³³ Hynes, Samuel (1998), *The soldiers' tale. Bearing witness to modern war*, London, Pimlico, p.15.

¹³⁴ Caffarena, Fabio (s.a.), “La grande guerra raccontata dai soldati”, *Fonte e Percorsi della storia Contemporanea*, (1), (Online), p.3. Disponível em: <http://www.liceograssi.gov.it/%5Bmateriale-vecchio%5D/storia%20del%20novecento/didattica/Archivio%20Ligure%20della%20scrittura%20polare/Fonti%20e%20percorsi%20Grande%20Guerra%201.htm> .

envolvidos, como iremos ver. As narrativas presentes nas cartas são, ao mesmo tempo, diferentes e iguais. Por um lado, ocorrem em determinados momentos e territórios específicos, o que determina a singularidade de cada experiência. Por outro, como se verá, são semelhantes por representarem a vivência de um mesmo acontecimento, desconhecido para a maioria, a mobilização e afastamento de casa, “the individual’s journey from innocence into experience”¹³⁵, definindo um grupo com uma identidade social própria, ancorada numa experiência coletiva específica.

Passo agora à segunda questão, a qual impõe uma reflexão sobre os problemas específicos que a leitura destes documentos levanta, para lá dos já enunciados relativamente à subjetividade e à representatividade, a saber, a possibilidade de substituição da análise crítica pela empatia que a sua leitura pode provocar. Quando comecei a ler a correspondência fi-lo com uma intensa curiosidade pela possibilidade que me foi consentida de poder olhar para o interior de um mundo privado de homens e mulheres, filhos, pais, esposos, amigos e camaradas de armas, separados por muito tempo e grande distância, vivendo todos, como refere Hynes, “the serial discovery of what had before been unimaginable, the reality of war”.¹³⁶ Desde cedo senti, também, a indelicadeza de estar a ler o que não me foi destinado, palavras escritas com a sinceridade que advém da privacidade, expressão de sentimentos de paixão e amor, amizade e saudade, também de raiva, dor e vingança, entendimentos e desavenças que o tempo e a distância reforçaram ou suavizaram. Dei por mim a sofrer com a angústia de quem escrevia ou esperava carta, a sentir as saudades que nada parecia poder redimir, entre mães, filhos, noivas e amigos que viviam o desespero de uma ausência tão longa, com o coração nas palavras que circulavam, obrigatoriamente, obsessivamente...

Essa primeira abordagem deixou-me consciente desta emoção que envolve a leitura da correspondência, deu-me a ver as minhas simpatias e aversões, senti que tomava partido nas contendas descritas ao longo das páginas, que, com frequência, julgava quem escrevia, perante a violência do racismo e do sexismo, da mentira, da traição e da cobardia. Dessa inquietação primeira ficou a necessidade de deixar passar um certo tempo para que, nas palavras de Artières, “la buée de l’émotion se dissipe....”¹³⁷. Esta primeira leitura deu lugar a outras, o que permitiu ultrapassar a emoção criada pela

¹³⁵ Hynes, Samuel (1998), *The soldiers’ tale. Bearing witness to modern war*, London, Pimlico, p.17.

¹³⁶ Hynes, Samuel (1998), *The soldiers’ tale. Bearing witness to modern war*, London, Pimlico, p.17.

¹³⁷ Artières, Philippe, Arlette Farge e Pierre Laborie (2002), “Témoignage et récit historique”, *Sociétés et Représentations*, 13, Paris, Publications de la Sorbonne, p.206.

atmosfera única destas cartas, pôr de lado “tout ce qui parasitait la lecture”¹³⁸ e manter a distância crítica necessária para abordar estas fontes em que a memória é central, superando modos de pensar assentes em modelos de culpa e reparação e olhar, como Hodgkin e Radstone aconselham, “cooly at the past rather than being drawn into the role of therapist; and memory, by contrast, is perhaps too readily co-opted into this role.”¹³⁹

¹³⁸ Artières, Philippe, Arlette Farge e Pierre Laborie (2002), “Témoignage et récit historique“, *Sociétés et Représentations*, 13, Paris, Publications de la Sorbonne, p.206.

¹³⁹ Hodgkin, Katharine e Susannah Radstone (2003) (orgs.), “Introduction: contested pasts”, *Memory, History, Nation: Contested Pasts*, London, Routledge, p.9.

CAPÍTULO 1

ESCREVER NA GUERRA

Olhar para a correspondência de guerra, na bela imagem de Diego Leoni, é como descer ao subsolo e encontrar uma realidade única, passada a escrito, cristalizada e imóvel, de um tempo diferente do nosso.¹⁴⁰ O que tenho perante mim é correspondência, separada e arquivada em peças individuais, traços e fragmentos de um todo incerto, dependente das circunstâncias sociais e culturais em que foi produzida e submetida a condições concretas de transmissão e conservação. São milhares de páginas escritas com letras muito diferentes, inclinadas, direitas, redondas ou angulosas, frequentemente muito miudinhas e difíceis de decifrar. Vejo-as firmes ou trémulas, hesitantes ou seguras, geralmente a tinta azul ou preta. O papel é, por vezes, muito fino, quase sempre pautado. Nalgumas cartas aparecem desenhos e por vezes o que está escrito transborda as linhas e espalha-se pelas margens e nas páginas vizinhas em linhas sinuosas. A maioria são cartas e aerogramas, a que se juntam alguns cartões, postais e telegramas, 4 385 missivas, cerca de 11 300 páginas escritas, embora o número total de documentos seja ligeiramente superior devido à presença de folhas soltas, recibos ou outro tipo de documentos não classificáveis como correspondência mas que se encontravam junto com ela.

As considerações em relação a cada um destes acervos têm limites, para lá dos já assinalados relativamente à utilização destas fontes em história. Em primeiro lugar, verifico que estão incompletos se, me estiver a referir ao fluxo epistolar entre cada militar e os seus correspondentes. É possível detetar falhas neste contínuo, faltando missivas de que temos notícia através de outras. Por outro lado, há também lacunas relativas à rede de correspondentes. Sabemos que o militar se terá escrito com outros mas as suas cartas não constam do acervo depositado no AHM.

Para lá da correspondência datada e assinada, há documentos sem referência. Foi possível datar alguns mas não todos. Há também algumas missivas que estão nos acervos entregues mas que não pertencem aos militares que são o centro da rede de

¹⁴⁰ Diogo Leoni é citado por Caffarena, Fabio (2005), *Lettere dalla grande guerra*, Milano, Edizioni Unicopli, p.30.

correspondentes, não tendo sido delas receptores ou emissores.¹⁴¹ Há também missivas ilegíveis, quer pelo desenho de letra e redação, quer por terem partes rasgadas, manchadas por líquidos ou, problema mais comum, por terem sido escritas com tinta permanente nas duas páginas de uma folha muito fina. Há pedaços de papel e folhas soltas que não foi possível juntar a cartas já classificadas, havendo outras a que faltam partes.

Dos 133 acervos depositados no AHM entre 2003 e 2010, são 16 os que contêm correspondência e estão dentro da cronologia da guerra, cobrindo os anos que vão desde o início, em 1961, até ao fim, após o derrube da ditadura em 1974.

Podemos considerar a existência de dois casos na constituição destes acervos. O primeiro ocorre quando a correspondência foi depositada pelo militar. As missivas que constam do acervo incluem as que terá recebido e, das que terá enviado, aquelas que recolheu no fim da comissão, geralmente da mãe, noiva ou esposa. Nestes casos, temos a possibilidade de reconstituir uma rede de correspondentes.¹⁴²

O segundo caso ocorre quando a correspondência foi depositada por outros – familiares, camaradas de armas ou amigos. Neste caso, trata-se de missivas escritas pelo militar, geralmente em número reduzido, e só há evidência dessa linha de comunicação, não havendo possibilidade de constituir qualquer rede de correspondentes.¹⁴³ O Quadro B.1, no Anexo B, permite apresentar uma caracterização geral dos acervos, de acordo com os dados disponíveis.

Os militares que estão na origem dos acervos depositados são, na sua maioria, de origem rural, nascidos no norte de Portugal continental europeu e sabem ler e escrever, embora com diferentes graus de competência. A maioria pertenceu ao Exército e fez parte dos contingentes que partiram da Metrópole, havendo apenas um militar da incorporação das colónias. Três alistaram-se como voluntários – dois na Força Aérea e um na Marinha. Neste conjunto, há a registar três mortos na guerra.

¹⁴¹ No acervo de Luís, por exemplo, estão guardadas as cartas de um antigo namorado da sua mulher. Fundo R2, caixas 8 e 11.

¹⁴² É o caso dos Fundos R11, R72, R54, R2, R71, R53 e R52.

¹⁴³ É o caso dos Fundos R104, R95, R102, R87, R79, R31, e R12 em que o número de documentos entregue é muito reduzido, variando entre 1 e 3 missivas escritas por cada militar. Nestes casos, as missivas foram tomadas como exemplares únicos, sendo impossível definir qualquer rede de escrita e pensar na evolução do pensamento dos intervenientes. No caso dos Fundos F57, F85 e F132, também depositados por outros, o número de documentos é um pouco maior, variando entre 3 e 10, e, no caso do Fundo R133, foram entregues 26 missivas escritas pelo militar aos pais e 27 escritas por estes para o militar e outros, depois do seu falecimento em combate.

Um olhar mais aprofundado levanta a questão da autoria deste conjunto de correspondências. Podemos saber quem são os que escrevem? O carácter aleatório da recolha e a natureza fragmentada deste conjunto de missivas tornou necessária a tentativa de as situar numa escala biográfica possibilitando, nos casos em que se revelou viável, ensaiar ligações entre os textos escritos, os seus autores e atores interpelados na escrita e observar a existência de redes, intelectuais, económicas, afectivas e políticas, num mundo social em grande mudança, como foi o caso de Portugal a partir de meados da década de 50.

Como acentuam Dauphin e Pouban, cruzar as biografias e as cartas, quando possível, produz “un effet de zoom sur les pratiques et le fonctionnement des règles sociales”,¹⁴⁴ permitindo relacionar entre si os fragmentos da existência que são as cartas e, também, cada biografia com a história do seu tempo. Os elementos biográficos assentam não só numa experiência singular e única mas também numa experiência colectiva, própria de uma época e de um determinado meio. As imagens instantâneas que as cartas nos dão adquirem clareza ao ser postas em perspectiva e compreendidas num sistema relacional que vai evoluindo no longo prazo da guerra, contribuindo para um mais claro entendimento do texto nas suas circunstâncias, tornando-o, em virtude disso, menos obscuro.

As micro-biografias que se seguem resultam de uma reconstituição baseada na recolha de informação dispersa contida em cada depósito e dizem respeito genericamente aos militares, centro dos acervos e razão de ser da correspondência.¹⁴⁵ A sequência de apresentação dos Fundos é cronológica, tendo em atenção o desenrolar da guerra no tempo.

¹⁴⁴ Dauphin, Cécile e Pouban, Danièle (2010), “Édition électronique d'une correspondance familiale du XIXe siècle”, em Jean-Pierre Bardet, Elisabeth Arboul e François-Joseph Ruggiu (orgs.), *Les écrits du for privé en Europe, du Moyen Âge à l'époque contemporaine. Enquêtes, Analyses, Publications*, Bordeaux, P. U. Bordeaux, p.637.

¹⁴⁵ Não há micro-biografias respeitantes aos Fundos R104, R95, R31, R12 e R87 por se tratar de depósitos de documentos que variam entre 1 e 3. Dão-se as informações que foi possível reunir e que servem de enquadramento. Na maioria dos casos, o nome atribuído ao Fundo é o do militar, centro e razão de ser do depósito. Nos outros casos, o nome é o do depositante por estarmos a falar de um número reduzido de documentos, às vezes da autoria de vários militares para o mesmo destinatário não militar. Ver Quadro B.1 do Anexo B

Por razões de confidencialidade atribuí a cada militar um nome fictício e omiti alguns detalhes que possam contribuir para a sua identificação. Este procedimento foi estabelecido pelo AHM ao ser-me concedida autorização para a investigação destes arquivos privados, conforme carta no Anexo A: Figura A.12 Carta de autorização da LAAHM.

Vítor, Fundo R85, caixa 63, Angola, 1961/62

Nascido em Lisboa em 1925, alistou-se como voluntário na Força Aérea Portuguesa com 18 anos de idade, tendo falecido em serviço em 1962, com 37 anos, em circunstâncias que não foi possível esclarecer. Este espólio contém 8 aerogramas escritos entre 1961 e 1962, por Vítor para a sua mulher, a partir de Luanda para Lisboa, onde viviam com um filho pequeno. Na altura em que escreve, Vítor está à espera de regressar à Metrópole e aguarda ordens superiores nesse sentido. É 1º sargento mecânico e, em razão disso, terá habilitações ao nível do antigo 5º ano industrial. Escreve com correção, já um pouco afastado da rigidez formal que iremos encontrar na maioria dos acervos. O espólio foi entregue ao AHM, em 2004, pela viúva.

José, Fundo R11, caixa 16, Angola, 1961/63

José é um soldado pertencente a uma companhia de caçadores que parte de Lisboa para Luanda em Junho de 1961, então com 21 anos de idade e solteiro. Vem de uma aldeia situada na serra do Gerês, distrito de Braga, Minho, onde vivia com a mãe, o padrasto e um meio irmão. Irá nascer um outro irmão durante a comissão de José. Do seu modo de vida antes da mobilização nada sabemos, excepto que não tinha nenhuma “arte”, como o irmão, por exemplo, que é carpinteiro e trabalha como ajudante do pai.¹⁴⁶

José vai para o norte de Angola, região do Uíge, onde fica durante dois anos tendo a sua Companhia participado em inúmeras operações militares conforme relatado na história da unidade.¹⁴⁷ Voltará dois meses mais cedo que o seu Batalhão por motivo de doença, aparentemente não relacionada com a guerra.

Neste acervo, como se pode ver nos Quadros B.5 e B.6 do Anexo B, há 250 cartas e 22 aerogramas correspondentes à mobilização entre os anos de 1961 e 1963. A sua rede de correspondentes compõe-se de 31 indivíduos, entre familiares, amigos, camaradas militares, madrinhas de guerra e namoradas. Pertence ao grupo familiar o maior número de cartas trocadas, nomeadamente com uma das tias e com o padrasto, seguindo-se uma madrinha de guerra, Olívia, que, durante o carteio, se tornará namorada e, mais tarde, sua mulher. Pelas informações de uma carta, supomos que esteja empregada num escritório.¹⁴⁸

¹⁴⁶ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 7, 22.01.1962.

¹⁴⁷ AHM, 2/2/157/3.

¹⁴⁸ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 16, 30.10.1962.

A mãe e as três tias maternas são analfabetas e, por essa razão, delegam a escrita, sendo possível detectar vários intermediários gráficos, o que estará de acordo com a disponibilidade momentânea para redigir. Os outros correspondentes apresentam diferentes graus de literacia mas a prática de escrita será também reduzida como poderemos ver, quer pela organização formal das cartas, quer pela exposição dos conteúdos. As tias são criadas de servir¹⁴⁹ de famílias a residir no distrito do Porto, com segundas casas no Douro.

José tem uma letra bem desenhada que permite uma leitura sem dificuldades embora escreva com erros de ortografia e apresente uma certa rigidez formal, própria de quem tem pouca familiaridade com as letras. Foi praça durante toda a comissão, devendo ter talvez a instrução obrigatória que, à época, era a 3ª classe.¹⁵⁰ O acervo foi entregue em 2003 pelo próprio.

Maria, Fundo R104, caixa s/numeração, Índia e Angola, 1962

Neste depósito há duas missivas escritas em 1962 para uma amiga: uma carta de um militar que está detido em Pondá, na sequência da invasão de Goa pela União Indiana, e um aerograma escrito por outro militar, 1º cabo, estacionado na zona de Malange, em Angola, sendo ambos oriundos da Beira Baixa. Foi entregue em 2005, em resposta ao apelo do AHM, por uma historiadora que as tinha na sua posse.

João, Fundo R95, caixa 68, Angola, 1963

Neste acervo, para além de 3 agendas, 2 blocos de notas e 6 folhas soltas, constituindo um diário de guerra relativo a uma comissão em Angola entre os anos de 1961 e 1963, há um aerograma, escrito de Luanda e datado de 1963, dirigido pelo militar depositante a um soldado amigo que se encontrava no Hospital Militar Principal de Lisboa e que foi devolvido visto o destinatário ter falecido. Foi entregue em 2004.

Fátima, Fundos R87, caixa 66 e R102, caixa s/ numeração, Guiné, Angola, Metrópole, 1963, 1965, 1968, 1969

Este acervo, constituído por sete missivas, foi entregue ao AHM pela destinatária, enfermeira paraquedista ao serviço das Forças Armadas em África, em dois momentos diferentes, 2004 e 2005, dando origem aos dois Fundos. Trata-se de correspondência

¹⁴⁹ Criadas de servir era o nome que se dava nessa altura ao que se chama hoje às empregadas de serviço doméstico.

¹⁵⁰ José terá frequentado a escola primária entre 1947 e 1950. Só em 1956 é que o Dec.-Lei nº 40964 de 31 de dezembro estabeleceu a escolaridade obrigatória em quatro classes para os menores de sexo masculino. Para o sexo feminino continuou a ser, durante algum tempo, de 3 classes. Dec.-Lei nº 40964 de 31 de dezembro disponível em: <https://dre.pt/application/file/293589>

dispersa, a saber, um aerograma enviado da Guiné em 1963, uma carta enviada de Angola em 1965, dois aerogramas de Boas Festas provenientes da Guiné no Natal de 1968, um aerograma também de 1968, enviado do Hospital Militar de Lisboa, uma carta proveniente da Guiné em 1968 e uma carta escrita de Lisboa em 1969. Quase todas estas missivas foram redigidas por militares feridos na guerra e assistidos pela destinatária. Dão notícias e agradecem afectuosamente os cuidados prestados.¹⁵¹

António, Fundo R72, caixas 59 a 61, Angola, 1963/65

António nasceu em 1942 nos arredores da cidade do Porto. Concluiu o 2º grau, antiga 4ª classe, e à data do início do serviço militar é empregado comercial na firma do padrinho, onde o pai também trabalha. Nos tempos livres é guarda redes da equipa de futebol do bairro, onde vive com os pais e um irmão mais velho numa casa arrendada. A mãe é doméstica e o irmão tem empregos eventuais, entre namoros e jogos de futebol. Durante a mobilização, a mãe irá trabalhar para uma fábrica de plásticos para fazer face às despesas da família, facto que preocupa António, que manifesta por ela respeito e amor. Na casa onde habitam há um quintal com capoeira onde criam animais. Nesta altura, 1963, são dos poucos portugueses que já têm aparelho de televisão e frigorífico em casa, embora a habitação pareça estar bastante degradada e a família espere a altura própria para se candidatar a uma casa camarária.

António prestou serviço militar como 1º cabo numa companhia de caçadores que partirá para Angola em agosto de 1963, com o batalhão a que pertence. Tem nessa altura 21 anos de idade e está noivo de uma jovem aprendiz de costureira com quem virá a casar mais tarde. A sua companhia irá ser destacada para um aquartelamento na província de Cuanza-Norte, a cerca de 300 kms de Luanda. Em Julho de 1964 a companhia será transferida para a zona de Malange onde ficará até ao regresso.

Como se pode ver nos Quadros B.7 e B.8 do Anexo B, este acervo contém 767 cartas, 196 aerogramas, 31 postais e 8 telegramas. A sua rede de correspondentes compõe-se de 42 indivíduos entre familiares, noiva, amigos e camaradas militares. Podemos dizer que mãe e noiva são responsáveis pelo maior número de cartas

¹⁵¹ Durante a guerra existiu um corpo de 46 enfermeiras paraquedistas, integradas como militares nas Forças Armadas Portuguesas, graduadas em alferes. Dependiam dos comandos das unidades a que pertenciam e realizavam ações de apoio à evacuação de feridos em operações, com frequência em situações de combate. A ideia partiu da 1ª paraquedista portuguesa, Isabel Rilvas, e o despacho para a criação do 1º curso de enfermeiras paraquedistas veio do então Secretário de Estado da Aeronáutica, Coronel Kaúlza de Arriaga, em 1961. <http://www.guerracolonial.org/index.php?content=321> e <https://www.facebook.com/notes/boinas-verdes-e-pára-quedaistas/as-enfermeiras-pára-quedaistas-texto-de-isabel-rilvas/797433663633108/>

trocadas. Apenas a mãe é analfabeta, sendo as cartas escritas, na sua grande maioria, pela noiva de António, com quem tem uma relação de grande proximidade. Juntas, participam com regularidade e de forma intensa nas cerimónias religiosas da paróquia.

Os escreventes desta rede fazem-no de forma legível, manifestando a mesma rigidez formal encontrada noutros acervos. Este facto, não será demais acentuar, deve-se à pouca prática de escrita anterior à mobilização do militar que motiva este fluxo epistolar. O depósito no AHM foi feito pelo próprio em 2004.

Manuel, Fundo R54, caixa 26, Moçambique, 1964/66

Este acervo, como consta do Anexo B: Quadros B.9 e B.10, contém 84 documentos dos quais 66 cartas e 18 aerogramas, correspondendo à mobilização de Manuel em Moçambique, no distrito de Tete, entre os anos de 1964 a 1966, como 1º cabo de uma companhia de artilharia. Natural e a residir no distrito do Porto, a sua única correspondente é a noiva, de 22 anos de idade, com quem virá a casar-se e que, à data da partida, ainda vive com a mãe e o irmão. Está empregada numa fábrica na região de Matosinhos, trabalhando em regime de turnos. Pelas cartas nada sabemos da família de Manuel. A distribuição irregular das cartas e os longos hiatos entre elas, ao longo dos 31 meses em que se corresponderam, faz-nos supor que uma parte da correspondência se terá perdido. As folhas entregues apresentam furos de arquivamento tendo talvez estado guardadas numa pasta.

À semelhança de outros acervos, há, nas cartas, uma constante circulação de fotografias, da mesma forma que se nota a rigidez formal que indica a pouca habituação à prática de escrita por uma parte substancial da população portuguesa. Manuel depositou a sua correspondência no AHM em 2003.

Luís, Fundo R2, caixas 8 a 11, Angola, 1966/67 e Moçambique, 1970/72

Luís foi oficial do exército e pertenceu ao quadro permanente das Forças Armadas (QP). Nasceu numa aldeia do distrito de Braga em 1945, no seio de uma família numerosa, sendo o pai ferroviário e a mãe regente escolar. Aos 18 anos entra na Academia Militar em Lisboa. Termina o curso e faz o tirocínio em Vendas Novas, na Escola Prática de Artilharia. Embarca como alferes no navio Vera Cruz, rumo a Angola, a seguir ao Natal de 1966. Parte para o Leste, onde ficará durante a maior parte da comissão, regressando a Lisboa em finais de 1967, já como tenente. Volta a partir em 1970 para cumprir a 2ª comissão, desta vez para Moçambique, agora com o posto de capitão. É colocado no distrito de Cabo Delgado. Regressará a Lisboa em 1972. Temos notícia pelas cartas que pelo menos mais dois irmãos foram também mobilizados.

A quase totalidade dos documentos relativos às duas comissões corresponde a cartas trocadas entre Luís e a namorada, Teresa, com a qual virá a casar, 97%, como se pode ver no Anexo B: Quadros B.11 e B.12, para a primeira comissão, e B.21 e B.22, para a segunda.

Verificam-se duas interrupções durante a 2ª comissão que correspondem a duas licenças em que o oficial veio à Metrópole visitar a mulher e uma filha que, entretanto, nascera. No início da correspondência, a namorada está no começo dos estudos universitários e vive com os pais, sendo filha única. Durante a segunda comissão, já casada, sai da casa dos pais para viver com a filha num apartamento alugado. Estará então a terminar a licenciatura em filologia germânica, na Faculdade de Letras de Lisboa.

Tanto Luís como a sua namorada, mais tarde mulher, escrevem com correcção, sendo o casal com mais habilitações de entre todos os acervos. A estrutura discursiva das cartas é variável e flexível, não evidenciando a rigidez formal presente noutros acervos.

Esta correspondência permite uma observação bastante detalhada da evolução do pensamento deste militar ao longo de cerca de 6 anos, não só atendendo ao número total de documentos mas sobretudo à extensa reflexão que vai fazendo acerca da situação militar, da qual dá conta nas cartas. Por outro lado, permite perceber, também, a rápida evolução da sociedade e a contestação estudantil à guerra, principalmente durante os anos 70, assuntos surgidos com frequência nas cartas da mulher. Foi entregue pelo próprio, não estando registada a data do depósito.

Carlos, Fundo R71, caixas 56 a 58, Angola e Moçambique, 1966/68

Carlos nasceu e vivia, à data de partida para África, numa aldeia do concelho de Alenquer, distrito de Lisboa. Habitava com a mãe numa casa sem eletricidade tendo mais quatro irmãos, todos casados, e vários sobrinhos ainda pequenos. Os dois irmãos homens trabalham na construção civil, um como pedreiro e o outro como servente. As irmãs estão casadas, não se conseguindo saber se estão empregadas. Apoiam a mãe e os maridos, cuidando dos filhos.

Carlos alistou-se como voluntário aos 18 anos e prestou serviço na força aérea como paraquedista, em Angola e Moçambique, tendo estado mobilizado entre 1966 e 1968. Gosta de escrever crónicas sobre a guerra para um jornal publicado em Angola. Aproveita a licença durante a comissão militar para, em Luanda, trabalhar numa oficina e aprender o ofício de soldador.

Depositou no AHM 803 cartas, 215 aerogramas e 16 postais, como se pode ver nos: Quadros B.13 e B.14 do Anexo B. A entrega foi feita num almoço de confraternização de paraquedistas, no campo militar de Tancos, em 8 de fevereiro de 2004. A sua rede de correspondentes, a maior de todos os acervos, reparte-se entre familiares, madrinhas de guerra, amigas, duas namoradas, amigos e camaradas militares, num total de 82 indivíduos. É com a mãe que se escreve mais, mostrando ter com ela uma relação de respeito e amor, tal como António.

À semelhança de outros acervos, também se nota nestes correspondentes pouca prática epistolar. A maioria escreve com muita dificuldade, quer em termos de correção ortográfica, quer na construção do discurso. A mãe é analfabeta, dependendo de outros para a escrita de cartas.

Mário, Fundo R52, caixa 26, Angola, 1967/69

Mário nasceu em 1942, no distrito do Porto, e alistou-se como voluntário na Marinha aos 20 anos. À data do alistamento tem o 2º grau de instrução, a antiga 4ª classe e a profissão de maleiro. Durante a vida militar irá fazer vários cursos que levaram a promoções na carreira. Esteve em Angola, em navios militares, entre 1967 e 1969. Permaneceu na marinha durante sete longos anos.

Quando parte, tem o estado civil de solteiro embora viva com mulher e uma filha bebé. Casará, aproveitando uma das licenças em que o navio está em Lisboa, tendo a filha nessa altura um ano de idade. Enquanto está mobilizado, a mulher e a filha vivem com a sogra, numa casa camarária. Será um tempo tormentoso para todos devido aos conflitos entre nora e sogra.

Depositou 330 cartas, 4 aerogramas e 2 postais, conforme evidenciado nos Quadros B.17 e B.18 do Anexo B. A sua principal correspondente é a mulher. As cartas trocadas entre ambos correspondem a 86% das missivas presentes neste acervo. A mulher tem a 3ª classe, é modista e trabalha por conta própria. Apesar do nível elementar de instrução, a sua expressão escrita, como veremos, é de grande intensidade e beleza. O casal há-de mostrar-se profundamente apaixonado, mesmo durante os períodos de crise familiar.

Da sua rede de correspondentes constam ainda mais 8 indivíduos entre familiares, amigos e camaradas. Este acervo foi entregue ao AHM pelo próprio, em 2003.

Francisco, Fundo R53, caixa 26, Guiné, 1967/70

Francisco é pastor e vive numa aldeia do distrito de Braga quando é mobilizado. Casou pela igreja com uma rapariga de 16 anos de idade que trabalha esporadicamente na

agricultura, à semelhança de quase todos os familiares. A correspondência dá a ver um ambiente de pobreza e violência na aldeia em que vivem, circulando nas cartas problemas e intrigas de toda a ordem.

Francisco tenta fugir à mobilização mas é detido, condenado, ficando a cumprir pena em Lisboa. Quando parte para África, a mulher volta a viver com os pais, saindo da casa que partilhava com o marido e os sogros.

A primeira carta data de janeiro de 1967. Francisco já se encontra na Guiné como soldado sapador. Por mau comportamento, terá sido novamente detido duas vezes. Foi ferido em combate durante uma operação, o que lhe valeu um louvor pelos serviços prestados à Pátria. A comissão militar terá decorrido entre 1967 e 1970, mais extensa que o habitual, certamente em razão dos problemas disciplinares.

Neste acervo, composto por 30 cartas e 140 aerogramas, como consta nos Quadros B.15 e B.16 do Anexo B, há apenas uma carta escrita por Francisco. Todas as outras são-lhe dirigidas e foram redigidas por 23 indivíduos repartidos entre família, madrinhas de guerra, amigas e camaradas militares. A mãe e a mulher são analfabetas, dependendo de vários intermediários para a escrita de cartas. A grande maioria dos correspondentes tem reduzida literacia, a mais fraca de todos os acervos. É aqui que encontramos o maior número de missivas praticamente ilegíveis, por ausência de pontuação, ortografia incorreta e construção discursiva caótica. Muitas cartas ter-se-ão perdido. Francisco depositou este acervo em 2003.

Domingos, Fundo R31, caixa 20, Angola, 1968

Neste acervo há um aerograma escrito de Angola, em 1968, por um 1º cabo do exército. Foi depositado por terceiros em 2003, não havendo mais informações sobre este militar.

Henrique, Fundo R12, caixa 17, Moçambique, 1969

Deste acervo constam 2 aerogramas enviados de Moçambique em 1969, escritos por um soldado condutor que viria a falecer juntamente com outros 100 militares, num acidente ocorrido nesse mesmo ano, a 21 de junho, durante a travessia do rio Zambeze, tendo-se afundado o batelão São Martinho.¹⁵² Foram entregues ao AHM, em 2003, pelo irmão que também cumpriu serviço militar em Angola.

Joaquim, Fundo R133, caixa s/numeração, Moçambique, 1969/70

Joaquim era natural de Lourenço Marques, capital de Moçambique, onde, à data da mobilização, vivia com os pais e um irmão mais novo. O pai, natural de Castelo Branco,

¹⁵² O relatório de comando deste acidente na travessia do rio Zambeze encontra-se no AHM, PT/AHM/FO/007/B/46, caixa 385, nº26.

vivia em África há 32 anos. Sabemos, pelas informações presentes nas cartas, que os pais trabalhavam e o irmão estudava, embora fosse doente e tivesse, por vezes, de estar longos períodos em tratamento. Quando parte, Joaquim tem uma namorada que está a estudar na África do Sul, relação que termina durante a recruta. A mãe frequenta a igreja aos fins de semana e durante a mobilização começa a tirar a carta de condução. Este é o único caso de incorporação originária das colónias presente no *Projeto Recolha*.

Joaquim foi soldado cadete no curso de comandos e, no final da instrução, com o posto de alferes ficou a pertencer ao 1º batalhão de comandos formado em Moçambique, sediado em Montepuez, distrito de Cabo Delgado. Terá, pelo menos, o antigo 7º ano dos liceus, estando matriculado, de acordo com informação pouco precisa presente nas cartas, num Instituto de estudos superiores em Lourenço Marques.

Morreu em 1970 numa ação militar integrada na operação Nó Górdio. O seu espólio foi entregue ao AHM pela mãe, em 2007, constando de 38 cartas, 14 aerogramas e 1 telegrama, entre objetos vários e outros documentos, conforme evidenciado no Anexo B: Quadros B.19 e B.20. Todos os correspondentes escrevem com correção.

Luísa, Fundo R57, caixa 29, Moçambique, 1972/74 e Angola, 1973/74

Este acervo contém 10 missivas escritas por um militar mobilizado em Moçambique, entre os anos de 1972 e 1974, onde prestou serviço na Marinha como fuzileiro e outras 3 escritas pelo seu irmão, cabo miliciano de Cavalaria, mobilizado em Angola nos anos de 1973 e 1974. Foram entregues ao AHM em 2003 pela mulher do primeiro militar e cunhada do segundo, destinatária de todos os documentos. Esta correspondência tem raras informações sobre quem escreve.

Paulo, Fundo R132, caixa s/numeração, Angola, 1969 e 1973/74.

Este acervo contém 11 documentos, 10 cartas e 1 aerograma, escritos por dois militares, um alferes e um furriel, ambos milicianos, naturais do distrito de Castelo Branco. As datas decorrem entre os anos de 1969 e de 1973/1974, correspondendo a duas comissões diferentes em Angola. Foram entregues ao AHM em 2006 pelo destinatário, Paulo, amigo dos mobilizados e, à data, estudante universitário de engenharia. Os dois militares escrevem com correção, elegância e humor, revelando uma prática de escrita muito superior à da maioria dos escreventes dos outros acervos.

Não foi possível recolher informações suficientes que permitissem redigir micro-biografias destes militares. Como veremos ao analisar os temas das cartas, a ausência de escrita da família nos acervos dificulta a percepção da vida quotidiana dos mobilizados antes da partida, das suas rotinas e hábitos, da forma como passavam os

dias, da sua actividade principal. Esta constatação aplica-se ainda mais aos Fundos em que o número de documentos depositados é muito reduzido.

I. CARTAS SÃO PAPEIS...¹⁵³

Embora este trabalho não se situe no âmbito da História da Cultura Escrita, não é possível, nesta primeira aproximação à correspondência e no sentido de melhor a caracterizar, deixar de observar a sua materialidade, o que compreende o artefacto utilizado na escrita e a relação do participante com ele e, por outro lado, o contexto de escrita, onde encontramos a representação discursiva da escrita e da leitura enquanto práticas rituais. Esta observação vai permitir levantar questões não só acerca das circunstâncias da criação da correspondência mas também sobre as soluções encontradas pelos seus autores para abordar o ato de escrita e cumprir a absoluta necessidade de comunicar desta forma, suscitada pela mobilização militar. Estas soluções, diretamente dependentes da competência gráfica e do nível de domínio da cultura escrita, vão possibilitar o estabelecimento de relações entre quem escreve e a cultura e classe social a que pertence e, ao mesmo tempo, mostrar que há aspectos comuns aos acervos depositados, quer no que diz respeito aos temas, de que se falará adiante, quer em relação à organização do discurso escrito, incluindo aqui as partes não verbais. Todos estes elementos dão conta não só do meio social em que as cartas circulam mas também do momento que está a ser vivido pelos correspondentes.

O primeiro olhar sobre estes acervos centra-se, naturalmente, na sua materialidade, no que Rita Marquilhas chama as propriedades para-linguísticas dos textos escritos ou partes não verbais, a saber, o suporte material da escrita, a disposição do texto e a consequente utilização da página.¹⁵⁴ Estamos a falar do papel, do utensílio e tinta

¹⁵³ Expressão utilizada com frequência pelos correspondentes. Por exemplo, Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 19, 06.07.1968 e Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 13, 15.02.1967.

¹⁵⁴ Marquilhas, Rita (2011), "Layouts and drawings in a corpus of Portuguese letters (16th to 20th century)", comunicação apresentada na conferência da Historical Sociolinguistics Network, *Touching the Past: (Ego) documents in a Linguistic and Historical Perspective*, University of Leiden, 22 a 24 de junho de 2011, (sine loco). Como refere esta autora, a necessidade de tomar em linha de conta estas características dos textos escritos enriquece o estudo das funções e significado do discurso. Sobre este assunto ver também Barton, David e Nigel Hall (2000) (Orgs.), *Letter Writing as a Social Practice*, Philadelphia, John Benjamins North America, pp.6-8 e Grassi, Marie-Claire, "La lettre en archives: approche méthodologique", em Anne-Marie Sohn (org.), *La*

usados para escrever, dos espaços em branco, do que “sin estar escrito, significa”,¹⁵⁵ como refere Sierra Blás. Mas referimo-nos, também, à decoração da carta, ao uso do post-scriptum, do posicionamento do nome do destinatário e da assinatura de quem escreve, dos sublinhados e rasuras, da inclusão de desenhos, colagens e poemas, do uso das margens do papel, da numeração das páginas e da utilização de envelopes e da colocação de selos. Para quase todos os envolvidos na guerra, a situação inédita de ter de escrever assiduamente terá levantado questões relativamente aos artefactos a utilizar e à maneira de lidar com eles. Como refere Castillo Gómez, “la materialité de chaque témoignage n’est pas étrangère à la tâche provoquée par son écriture et par la nécessité qu’elle résout.”¹⁵⁶

A grande maioria das missivas presentes nos acervos depositados são cartas. Apenas no caso do Fundo R53, o número de aerogramas é muito superior, 140 em 170 missivas. Edição exclusiva do Movimento Nacional Feminino,¹⁵⁷ os aerogramas eram

correspondance, un document pour l’histoire, Cahiers du GRHIS, (12), Rouen, Publications de l’Université de Rouen, p.80.

¹⁵⁵ Sierra Blás, Verónica (2003), *Aprender a escribir cartas. Los manuales epistolares em la Espanha contemporânea (1927-1945)*, Gijón, Ediciones TREA, p.125.

¹⁵⁶ Castillo Gómez, Antonio (2010), “Les écrits du for privé en Espagne de la fin du Moyen Âge à l’époque contemporaine. Bilan et perspectives”, em Jean-Pierre Bardet, Elisabeth Arbol e François-Joseph Ruggiu (orgs.), *Les écrits du for privé en Europe, du Moyen Âge à l’époque contemporaine. Enquêtes, Analyses, Publications*, Bordeaux, P. U. Bordeaux, p.46.

¹⁵⁷ Criado em 28 de Abril de 1961, o Movimento Nacional Feminino foi, segundo o artigo 1º dos seus Estatutos, publicados no Diário do Governo nº195, III série de 21 de Agosto de 1961, uma “Associação com personalidade jurídica, sem carácter político e independente do Estado”, destinada a “congregar todas as mulheres portuguesas interessadas em prestar auxílio moral e material aos que lutam pela integridade do Território Pátrio”. Presidida por Cecília Supico Pinto, durou 13 anos, tendo chegado a ter como membros 82 000 mulheres. Apesar da afirmação de independência face ao poder, o Movimento esteve sempre ao seu lado, como refere Sílvia Espírito Santo, pois “foram políticas, embora nunca publicamente assumidas, as suas motivações e a sua actuação.” Santo, Sílvia Espírito (2003), *Adeus, Até Ao Teu Regresso, O Movimento Nacional Feminino na Guerra Colonial (1961-1974)*, Lisboa, Livros Horizonte, p.19. Apesar deste apoio não assumido, o MNF, juntamente com a CVP, aproveitando as relações privilegiadas das suas dirigentes com o regime, contribuíram para a correção de erros e injustiças com impacto social, como, por exemplo, a revisão das pensões dos deficientes militares, ainda regulada, na altura, por normas da I Guerra, o apoio às famílias de militares mortos que tinham a seu cargo a transladação dos corpos e não a podiam pagar, o que aconteceu durante os primeiros anos da guerra, e a manutenção dos vencimentos e subsídios de campanha aos militares feridos em combate que eram evacuados para os hospitais. Participaram, também, em várias ações destinadas a ajudar no tratamento e recuperação de deficientes. Sobre a atividade do MNF e da CVP ver, Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2000) (orgs.), *Guerra Colonial*, Lisboa, Editorial Notícias, pp.276-279.

impressos-carta constituídos por uma folha de papel, dobrável de forma a atingir determinadas dimensões, transportados sempre por via aérea e isentos de franquia postal.¹⁵⁸ Aos militares mobilizados nas colónias eram fornecidos, gratuitamente, aerogramas de cor amarela para circular no sentido Ultramar-Metrópole e à população da Metrópole e Ilhas eram vendidos aerogramas azuis por um preço reduzido, \$20 centavos a unidade, para circular no sentido Metrópole-Ultramar.¹⁵⁹ O preço pesava na decisão de escolher entre carta ou aerograma. Enviar uma carta com o peso mínimo custava 3\$00 em selos, para além do envelope e do papel. Apesar desta diferença significativa, verificamos que a correspondência familiar vai circular sobretudo por carta, enquanto entre camaradas militares e amigos é feita, frequentemente, através de aerograma. As razões para esta diferença são apresentadas como se segue:

Quando a mãe me mandar os selos, eu escrever-vos-ei uma carta em papel de avião, pois escrever em aerogramas não dá nada, são muito pequenos e eu tenho muito que contar.¹⁶⁰

Se o aerograma não fornece o espaço suficiente para o muito que há para contar, como refere Joaquim ao escrever para a mãe, António, à semelhança de outros militares, sabe que o envio de aerogramas é mais económico mas também não gosta de os escrever pois “parece que não digo aquilo que quero, mas quando os câmbios andarem baixos eu sou capaz de os mandar”¹⁶¹ e “aproveito para te dizer que esta carta

Sobre o MNF ver, também, Barreiros, Luís e Eduardo Barreiros (2004), *História do Serviço Postal Militar/ History of Portuguese Military Postal Service. Aerogramas Militares – Catálogo. Guerra Colonial 1961-1974*, Lisboa, Edição dos autores.

¹⁵⁸ A Portaria nº18 545 de 23 de Junho de 1961 vai estabelecer a isenção temporária “do pagamento de porte e sobretaxa as cartas e bilhetes postais com correspondência de índole familiar” entre os militares em serviço no ultramar e suas famílias e madrinhas de guerra. Diário do Governo, 1ª série, nº 144, p.745.

¹⁵⁹ Sílvia Espírito Santo refere o preço de \$30 centavos, Santo, Sílvia Espírito (2003), *Adeus, Até Ao Teu Regresso, O Movimento Nacional Feminino na Guerra Colonial (1961-1974)*, Lisboa, Livros Horizonte, p.51. No entanto, apenas encontramos aerogramas com a indicação do custo da unidade impressa na frente: “Responda também num aerograma à venda na sua Junta de Freguesia. Preço \$20 (isento de franquia postal)”, Fundo R71, caixa56, série 1, documento 7, 26.01.68. Também Eduardo e Luís Barreiros confirmam esta informação em Barreiros, Eduardo e Luís (2009), “Guerra Colonial 1961-1974, Aerogramas Militares, O Movimento Nacional feminino e o Serviço Postal Militar”, Clube Filatélico de Portugal, (Online). Disponível em: http://www.cfportugal.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=169%3Aguerra-colonial-1961-1974-aerogramas-militares-o-mnf-e-o-servico-postal-militar&catid=26%3Aboletim-no-410&Itemid=15 .

¹⁶⁰ Fundo R133, Caixa sem numeração, série 1, 29.12.69.

¹⁶¹ Fundo R72, caixa59, série 1, documento 17, 08.10.64.

como a anterior que te escrevi vão um bocado atrasadas em virtude de eu não ter selos para as mandar, aqui no acampamento á muita falta de selos.”¹⁶²

A escassez de papel, envelopes e selos é real para quem está no mato. Também o número de aerogramas distribuídos mensalmente a cada militar não chega, na maioria dos casos presentes, para as necessidades de comunicação de cada um. Encontramos, por isso, muitos pedidos expressos na correspondência, e, sempre que possível, as famílias enviam o que falta, ignorando ao princípio que os selos do Continente não servem para a circulação África-Metrópole. Advertidas pelos militares decidem, então, mandar aerogramas, sempre que possível, para que nunca se interrompa o fluxo epistolar, dando conta de períodos de racionamento, em que era permitido comprar apenas 10 unidades por pessoa, e do seu fim, quando “agora já vendem os que quizermos”¹⁶³. O que importa aos entes queridos é que os militares não parem de escrever, seja de que maneira for, como dizem a noiva e a mãe de António, para quem receber aerogramas “é na mesma como as cartas” e “o que nós queremos é receber notícias tuas”¹⁶⁴.

Se a despesa é elevada, “uma carta emporta em mais caro são logo trez escudos e os dinheiros cada vez são menos”¹⁶⁵, a correspondência, na prática, é a única forma de comunicar ao alcance de todos os envolvidos. Durante a guerra o telefone era raramente utilizado pois as comunicações transcontinentais, além de dispendiosas, eram de extrema dificuldade, “qualquer coisa de épico”, ouvindo-se “de tal modo mal que as pessoas são burladas”.¹⁶⁶ Alguns militares, principalmente oficiais, recorriam ao telefone em ocasiões especiais como Natal e Páscoa, aniversários de familiares mais próximos, nascimento de filhos ou regresso à Metrópole. O telefonema era marcado com antecedência. Posteriormente, a telefonista informava a hora em que a chamada se havia de efetuar. A ansiedade ligada ao momento traduzia-se depois em carta, como escreve Luís à sua noiva:

¹⁶² Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 64, 18.09.64.

¹⁶³ Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 31, 30.09.63 e caixa 60, série 6, documento 95, 29.03.64.

¹⁶⁴ Respectivamente Fundo R72, caixa60, série 6, documento 68, 22.07.64 e Fundo R72, caixa59, série 2, documento 41, 26.09.64.

¹⁶⁵ Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 22, 30.12.67.

¹⁶⁶ Carta de Luís para a mulher. Respectivamente Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 49, 30.06.72 e documento 29 de 01.08.70.

Minha querida Teresa,

Andei um dia inteiro a pensar no q te havia de dizer pelo telefone. Quase não dormi durante a noite e cheguei uma hora antes ao correio ansiando pelo momento em q poderia ouvir a tua voz. Depois do telefonema senti-me mais “leve” apesar de nada ter dito, apesar de só falarmos em coisas banais. Fiquei com pena de não me teres ouvido bem, pelo contrário eu ouvi-te maravilhosamente.¹⁶⁷

Outro dos meios utilizados, em caso de maior necessidade de contacto, era o telegrama que, embora caro mas menos do que um telefonema, fazia chegar qualquer notícia com grande rapidez. No entanto, a chegada de telegramas era também motivo de grande preocupação, sobretudo para quem estava na Metrópole, visto ser o procedimento habitual para comunicar as mortes dos soldados¹⁶⁸: “com este telegrama não fazes ideia como fiquei”, “ia morrendo de susto”, “só quando o li é que fiquei mais sossegada.”¹⁶⁹

Vir de licença à Metrópole revelou-se impraticável para a grande maioria dos soldados. As viagens de avião eram dispendiosas, as de navio demoravam muito tempo e os salários mensais não comportavam tais despesas, impossíveis também para as famílias. Nos acervos que analisei são dois os que contêm referências a licenças passadas em casa: Luís, oficial do exército e António, 1º cabo, para quem a família pediu dinheiro emprestado com o fim de financiar a viagem. Todos os outros militares passaram as férias na capital da colónia ou partiam para as sedes do distrito em que se encontravam destacados ou, então, acumulavam os dias de licença para os gozar no final da comissão.

Se o papel de carta é preferido pela grande maioria, há quem escreva aerogramas porque “às vezes não temos muito para dizer e sainos mais iconómico”¹⁷⁰, podendo também denunciar “uma pressa levada dos diabos”¹⁷¹, o que significa ter pouco que contar. A indicação de falta de assunto vai surgindo à medida que o tempo passa, como veremos adiante, e, em muitos casos, indiciar um afastamento sentido dolorosamente por quem, em África ou na Metrópole, vai ficando sem receber correio, perdendo assim a ligação com quem lhe era querido.

¹⁶⁷ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 21, 27.09.67

¹⁶⁸ Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2000) (orgs.), *Guerra Colonial*, Lisboa, Editorial Notícias, p.526.

¹⁶⁹ Respectivamente, carta da esposa, Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 6, 27.02.69, carta da namorada, Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 77, 10.10.67 e carta da esposa, Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 5, 18.04.68.

¹⁷⁰ Carta de madrinha de guerra, Fundo R71, caixa56, série 4, documento 28, 24.06.66.

¹⁷¹ Carta de namorada, Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 48, 02.10.1966.

Ao representar os ausentes e trazê-los para próximo, a carta adquiria, desde logo, um fortíssimo valor simbólico. Assim o compreende e diz, de forma emocionada, a noiva de Manuel:

hótem tive a minha maior alegria reçevi duas santas cartinhas que me traziam o meu santo maridinho que eu já tinha tantas saudades já há tanto tempo que te não via ó meu adorado eu não sei como te eide agradecer só sei que até dou em tolinha eu estou a escrever e estou a olhar para ti sempre, sempre, não me canso de veijar, de te apertar, contra ao meu peito e apertarte como se fôsses tu em pessoa¹⁷²

Por outro lado, por via dessa representação, as missivas são cuidadosamente manejadas, guardadas em locais próprios, “dentro de uma arquinha de estilo antigo”¹⁷³, escondidas “como um tesouro” e “acompanham-me para donde quer que eu vá”.¹⁷⁴ O serão é frequentemente passado de roda da correspondência recebida:

lendo cartas do meu amor como eu me sentia tão feliz da vida, aliás é como eu me sinto toudas as vezes quando faço alguma coisa em qual posso ver mais perto de mim o meu amorzinho.¹⁷⁵

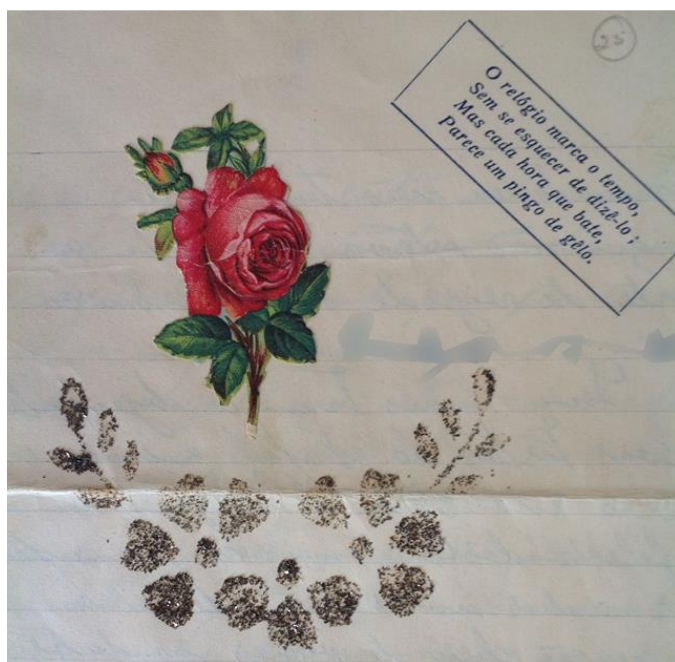


Figura 1.1 Desenho, colagem e carimbo

O desejo de reforçar esta mensagem de saudade leva à inclusão frequente de poemas, desenhos e colagens, como podemos ver nas figuras inseridas neste capítulo e no Anexo A: Figuras A.3 a A.5. Circulam geralmente entre namorados e noivos, embelezando desta forma declarações de amor, frequentemente associadas a quadras de cariz popular, por vezes retiradas dos cancioneiros ou adaptadas destes, mas também escritas pelos próprios.

Há flores feitas com lápis de cor, aparentemente decalcadas de um desenho original, ou então, caso frequente no acervo de José, há desenhos, mais ou menos abstratos, feitos com pó brilhante prateado ou

¹⁷² Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 5, 01.07.1965.

¹⁷³ Carta de namorada, Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 57, 19.06.1967.

¹⁷⁴ Carta de tia, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 11, 23.05.1962.

¹⁷⁵ Carta de namorada, Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 59, 29.08.1967.

dourado. Grande parte são realizados com a caneta que serviu para escrever a carta. Os temas mostram a partilha de um universo de referência que, em grande medida, adquire significado para quem os faz e recebe, ou dentro de um grupo específico.



Figura 1.2 Desenho colorido

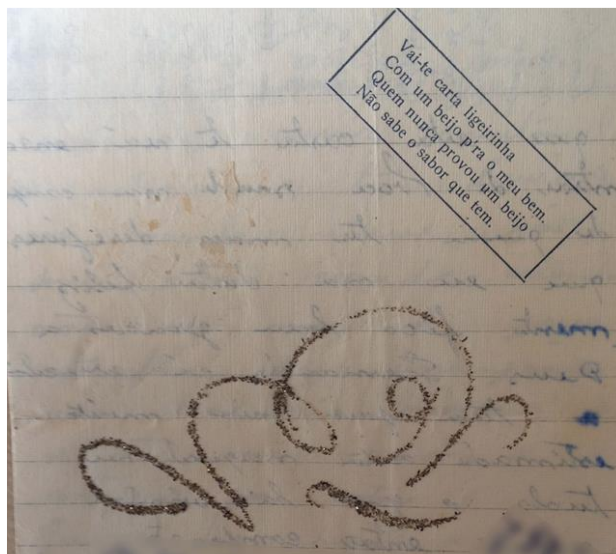


Figura 1.3 Desenho e quadra

É o caso do desenho de uma seringa a descer de paraquedas, feito num aerograma e enviado a Fátima, enfermeira paraquedista ao serviço das Forças Armadas (ver Figura A.4 do Anexo A).

O desenho que Rosa faz para o noivo ilustra uma quadra, adaptada de versos populares, escrita na margem da segunda página da carta:



Figura 1.4 Desenho na margem de carta.

Vai carta feliz voando
no bico do passarinho
para dares muitos beijinhos
ao meu querido amorzinho.

E o passarinho leva a carta no bico.¹⁷⁶

O desenho de corações aparece com frequência na correspondência amorosa mas também entre filhos e mães, como é o caso de António que, nas 155 cartas que escreveu à sua mãe, desenhou quase sempre dois corações entrelaçados com os seus

¹⁷⁶ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 102, 23.11.1964. Muitas quadras populares utilizadas na correspondência aparecem bordadas nos lenços de namorados, de pedido ou de amor. É o caso desta quadra bordada em 1950 num atelier de bordadeiras em Vila Verde: “Bai carta feliz buando / Nas asas de um passarinho / cando bires o meu amor / Dále um abraço e um veijinho”. <http://www.aliandartesanal.pt/site/home.asp?pagina=c1>

nomes no centro de cada um e dizeres como “assim até à morte”, “Mãe esperando o regresso do filho”, “Amor de Mãe saudades do Filho” e “Um coração que sofre pela separação doutro”.¹⁷⁷ À reclamação da mãe pela ausência dos corações numa dada carta, António responde:

não me esqueci, a razão é simples, de explicar, é que quando eu estava para acabar a carta, chegou a avioneta.¹⁷⁸

António e a noiva, Rosa, trocam corações semelhantes, entrelaçados, com os seus nomes no centro e juras de amor eterno: “Dois Corações que se juntaram para se amarem”, “Unidos para toda a vida”, “Dois corações cheios de fé em Deus e Nossa Senhora”, “a distância nos separa mas o pensamento nos ú-ne”, “Dois corações que se formaram mutuamente para se amarem até à morte”, “Amor sem Fronteiras” e “São como as ervas vadias não é preciso regar para crescer.”¹⁷⁹

À reclamação da noiva pela ausência dos corações numa certa carta, António responde, desta vez de uma forma diferente que aponta para uma ideia de conformidade com papéis sociais estabelecidos:

desculpa de eu não pôr os corações, porque estão aqui estes gaijos e depois começam-me a chatiar ¹⁸⁰

Os desenhos podem ajudar a esclarecer determinados acontecimentos. Teresa desenha um esquema que permite contar ao noivo o acidente de automóvel em que esteve envolvida.¹⁸¹ Joaquim, por seu lado, escreve aos pais após o silêncio correspondente a 8 dias passados no mato em instrução e desenha o itinerário percorrido, desta forma ilustrando a dureza dos treinos a que está sujeito como recruta comando.¹⁸²

Os desenhos podem, também, pedir ou dar informações. Teresa está a fazer uma camisola para Luís e envia um esquema para ensinar como tirar as medidas de que necessita para continuar o tricot.¹⁸³ Um ano antes, durante o namoro, Luís escreve-lhe a

¹⁷⁷ Respectivamente Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 6, 09.10.1963, documento 12, 29.04.64, documento 20, 06.01.65 e caixa 60, série 6, documento 105, 28.02.65.

¹⁷⁸ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 11, 02.03.1964

¹⁷⁹ Respectivamente, Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 64, 07.09.1963, série 5, documento 66, 07.11.1963, documento 91, 11.11.63, documento 93, 14.01.64, documento 104, 10.01.65 e documento 94, 01.02.64.

¹⁸⁰ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 82, 30.06.65.

¹⁸¹ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 71, 25.04.67.

¹⁸² Fundo R133, caixa s/ numeração, série 1, 02.03.70.

¹⁸³ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 72, 02.05.67.

explicar, através de um desenho, a correspondência entre os galões presentes nas fardas e as respectivas patentes.¹⁸⁴

Os desenhos aparecem frequentemente nas margens, depois de esgotadas as linhas da folha pautada. É o caso da correspondência de António para a mãe e noiva com os corações entrelaçados ou de um amigo de Paulo que lhe escreve antevendo o futuro próximo: “Este ano ou para o ano que vem também devo ir às inspecções e depois temos a vida, aquela vida longa, longa, longa...”¹⁸⁵. (Figura A.3 do Anexo A)

As margens são, com muita frequência, preenchidas com texto corrido até ao fim da página e, depois, disposto em perpendicular às linhas do papel, ocupando muitas vezes todos os espaços vazios, evitando desta forma nova folha, mais peso e, também, mais selos. São dadas informações de última hora: “esta semana sem rancheiro”¹⁸⁶, como refere Mário para a mulher, ou “Quando chegar a Montepuez mando-vos umas fotografias minhas”¹⁸⁷, promete Joaquim aos pais ou “Simplesmente te digo que ouvi dizer que a minha companhia que ia embora no Março não sei se isso será verdade?”, como conta um amigo militar a José.¹⁸⁸ Frequentemente são acrescentados recados após a assinatura, como o faz Mário numa carta que escreve para a mulher: “e te digo não me respondas mais alguma vez desta maneira poderás ser mais meiga???”¹⁸⁹

Escreve-se maioritariamente em papel de carta mais fino, por isso menos pesado, próprio para circular por via aérea, aparecendo às vezes um papel mais grosso em formato A5. Geralmente as folhas são brancas embora haja casos de papel às cores.¹⁹⁰ Ao impor-se e tornar-se visível, a materialidade da correspondência surge na consciência de quem escreve e aparece manifesta nas cartas, muitas vezes quando os artefactos utilizados não funcionam ou quando se adquirem novos, especificamente para esta situação de escrita. É o caso de Mário que escreve à mulher em papel de cor azul referindo que comprou um bloco de folhas e envelopes “que é só para ti reservado só para ti.”¹⁹¹

¹⁸⁴ Fundo R2, caixa 8 série 1, documento 5, 17.03.66.

¹⁸⁵ Fundo R132, caixa s/ numeração, 11.04.1970.

¹⁸⁶ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 27.03.1967.

¹⁸⁷ Fundo R133, caixa s/numeração, série 1, documentos 1 a 10, 22.08.1970.

¹⁸⁸ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 15, 22.09.1962.

¹⁸⁹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 04.07.1967.

¹⁹⁰ Há papel de cor rosa, verde e azul. Respectivamente, Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 42, 14.10.1971 e caixa 10, série 2, documento 51, s/data e documento 56, 28.08.1965, Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 42, 07.03.1966.

¹⁹¹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 29.10.1967.

As tintas utilizadas são predominantemente azul ou preta. Há um grande número de cartas escritas com caneta de tinta permanente, geralmente usada na escola primária desse tempo e obrigatória no exame final. Quando aparecem tintas de cor diferente, quem está a escrever chama a atenção para o facto e justifica-o:

Perdoa-me a cor da esferográfica, mas embora não seja vulgar assim escrever ela representa aquilo que nunca deverá faltar nos nossos corações, a esperança.¹⁹²

Há cartas escritas em papel timbrado que vai desde o logótipo de firmas comerciais, insígnias da unidade militar, às vezes com o lema¹⁹³, ou ainda de empresas familiares, como é o caso de casas rurais com alguma relevância. A quase totalidade é manuscrita, embora haja algumas dactilografadas. Manuel, por exemplo, presta apoio administrativo à companhia a que pertence e utiliza a máquina de escrever para redigir cartas particulares e, assim, praticar.¹⁹⁴

Ao longo do tempo, a distância a que se encontravam os correspondentes e as dificuldades de comunicação inerentes à circulação do correio tornam difícil esclarecer os mal entendidos que, naturalmente, vão surgindo. Encontramos cartas em que determinadas partes estão sublinhadas, desta forma enfatizando algum aspecto do discurso escrito. Luís, por exemplo, recebe uma carta da mulher onde sublinha a vermelho certas passagens sobre as quais tem dúvidas e que se prendem com a falta de correspondência: “tu em vêz de vêres o que se passa, deduzes logo que sou eu que não te escrevo.”¹⁹⁵

Há também algumas cartas que apresentam sinais de terem sido amarrotadas. Mário, por exemplo, escreve à mulher um texto amargurado em que afirma “não conto contigo para nada” terminando a dizer “não me sinto em condições de escrever mais”¹⁹⁶. O conteúdo da carta recebida terá afetado de forma imediata o receptor da missiva, a mulher, que reage amachucando o papel. No entanto, a carta foi preservada, tendo sido alisada e guardada.

¹⁹² Carta de Luís para a namorada escrita com tinta verde, Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 11, 09.09.1966.

¹⁹³ É o caso de algumas cartas escritas por Carlos, paraquedista. Ao cimo da folha, por baixo das insígnias, o lema “Gente ousada mais que quantas”. Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 5, 05.02.1967.

¹⁹⁴ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 8, de 15 e 16 de janeiro, documento 9, de 9, 16 e 22 de fevereiro, documento 10 de 6, 10, 12 e 20 de março e documento 11, de 13, 15 e 20 de julho de 1966.

¹⁹⁵ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 86, 05.07.1970.

¹⁹⁶ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 1, 31.05.1966.

Há quem ensaie antes de escrever a carta definitiva, como conta a Carlos uma estudante que é sua correspondente: “faço sempre rascunho das cartas que te escrevo, mas esta está um pouco riscada, desculpa.”¹⁹⁷

Há também aerogramas e envelopes em que detetamos a existência de linhas feitas a lápis para assegurar que as palavras sejam escritas a direito ou, então, que foram redigidas tendo por baixo uma folha limpa e pautada.¹⁹⁸

Nas redes de escreventes que aparentam pouca familiaridade com o ato de escrever vemos, por vezes, cartas e alguns aerogramas em que as frases estão dispostas na página em diagonal. São os casos, por exemplo, do padraço de José e de um soldado amigo de Carlos que alinham o texto dessa forma, omitindo parágrafos e pontuação, as frases seguindo-se umas às outras, mediadas pela invocação constante do nome do destinatário.¹⁹⁹

É muito frequente que a numeração das páginas seja feita em números romanos, geralmente colocados na margem superior, à direita. Esta sequenciação é, por vezes, irregular, sobretudo quando se trata de cartas escritas em papel com o formato A5. Há quem comece a carta geralmente na última página de um conjunto de quatro.²⁰⁰ Noutros casos há quem deixe páginas em branco, começando a escrever na que seria naturalmente a segunda.²⁰¹ Ou comece no que convencionamos ser a primeira, passe à última e depois preencha as páginas do meio.²⁰² Por vezes a numeração é inexistente tornando a leitura da carta num moroso processo de decifração para encontrar sentidos.

As cartas são metidas em envelopes de avião, onde se colocam os selos, nem sempre no lugar devido, denotando falta de prática de quem escreve: ora são colados no canto inferior direito ou espalhados pelos cantos, ora na parte de trás do envelope.²⁰³

¹⁹⁷ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 70, 21.03.1968.

¹⁹⁸ Por exemplo, Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 123, 16.01.1964.

¹⁹⁹ Respectivamente, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 1, 26.07.1961 e Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 27.04.1967.

²⁰⁰ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 93, 16.01.1964

²⁰¹ Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 53, 04.01.1967

²⁰² Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 13, 18.05.1967

²⁰³ Respectivamente Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 58, 26.07.1967, série 5, documento 33 de 10.03.1965 e documento 44, 26.06.1966.



Figura 1.5 Exemplos de colagem de selos

A maneira de endereçar a correspondência revela, igualmente, inúmeros problemas, motivo pelo qual são colocados nos envelopes carimbos dos correios chamando a atenção para a necessidade de correção de erros, embora com uma linguagem que, vista a esta distância, seria pouco clara para as franjas da população a que se destinava: “INDAGUE NO CORREIO COMO ENDEREÇAR CORRECTAMENTE A SUA CORRESPONDÊNCIA”²⁰⁴ ou “INDIQUE NO ENDEREÇO O NÚMERO DA ZONA POSTAL”.²⁰⁵

Nestes acervos, há um elevado número de envelopes aos quais foram subtraídos os selos, na maioria das vezes provenientes das colónias, talvez com o objetivo de fazer uma coleção²⁰⁶ ou usar noutras aplicações como, por exemplo, “cobrir o fundo de um tabuleiro”²⁰⁷. É deixado, geralmente, o selo do cavaleiro medieval, muito utilizado nessa altura.²⁰⁸

As cartas transportavam um grande número de fotografias. Este trânsito constante contribuiu, como iremos ver, para manter viva a memória de quem partiu e dar conta das mudanças ocorridas ao longo do tempo. Apesar de proibição expressa, circulavam frequentemente notas de 20\$00 dentro dos envelopes e até em aerogramas, por vezes selados com fita cola. As cartas transportavam ainda imagens de santos, orações, recortes de jornais e, na época correspondente, cartões de boas festas, páscoa e aniversário.

²⁰⁴ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 72, 10.11.1970

²⁰⁵ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 108, 02.07.1965

²⁰⁶ Carta de amiga, Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 65, 09.07.1965

²⁰⁷ Carta de namorada, Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 58, 24.07.1967

²⁰⁸ Selo denteado com desenho da autoria de Martins Barata representando um cavaleiro medieval, com armadura e espada contendo o escudo com as armas de Portugal. Kullberg, Carlos (2006), *Selos de Portugal – Álbum II (1910 / 1953)*, Edições Húmus Lda, Biblioteca Filatélica Digital, (Online) Disponível em: http://www.fep.up.pt/docentes/cpimenta/lazer/html/ebook/bfd004_p.pdf .

Na altura do Natal os aerogramas eram impressos com desenhos, podendo ou não ser coloridos. O mais comum era uma cena alegórica ao Natal, passada no mato, representando um soldado branco com uma mão protetora sobre o ombro de uma criança indígena que o olha sorridente e a imagem da Natividade à direita.²⁰⁹

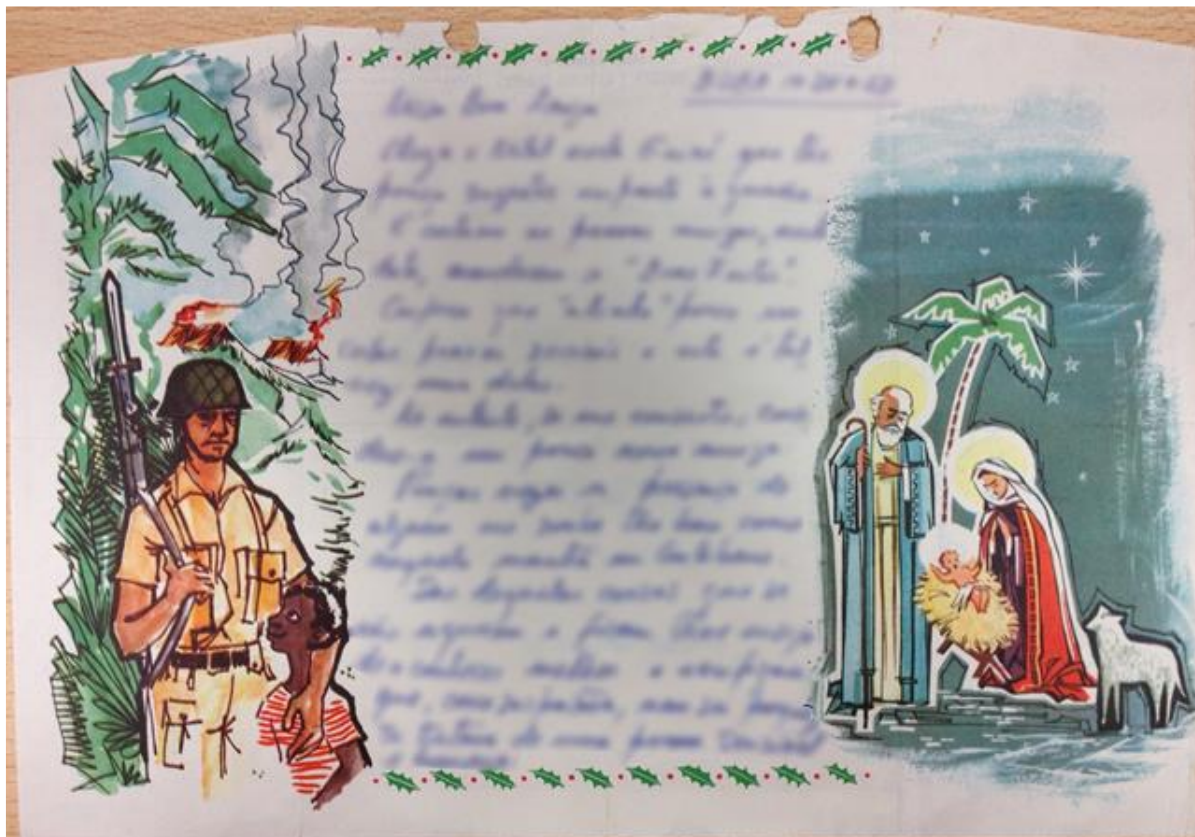


Figura 1.6 Aerograma distribuído no natal pelo MNF

Os sistemas de controle da correspondência são comuns a todos os acervos e aparecem, geralmente, após os primeiros atrasos na distribuição do correio e a eventual perda de alguma carta. O mais frequente reside na simples numeração das cartas,

²⁰⁹ Para lá dos aerogramas comuns, encontrámos também aerogramas com desenhos impressos alusivos a produtos das colónias, como a flor do algodoeiro ou o arroz de Angola, e a edifícios coloniais como o Palácio do Comércio de Benguela. Nestes casos, os aerogramas estavam selados e eram diferentes dos habituais tendo os dizeres Bilhete Carta-Avião – Aérogramme – com o escudo de Angola. Não foi possível determinar a sua origem. Fundo R85, série 1, caixa 63, número 2, 31.05.1961 e 04.10.1961 e Fundo R31, caixa 20, série 1, documento 2, 14.12.1968. Os aerogramas continham com frequência anúncios tais como: “Comida saborosa só com azeite CUF”, “Companhia do Manganês de Angola”, “Companhia Nacional de Navegação / no mar desde 1881”, “Matola Beira Nacala / Cimentos de Moçambique”, “Beba cerveja Nocal”, “Cerveja Cuca”, “O Banco Comercial de Angola é o meu Banco”. Barreiros, Luís e Eduardo Barreiros (2004), *História do Serviço Postal Militar / History of Portuguese Military Postal Service. Aerogramas Militares – Catálogo. Guerra Colonial 1961-1974*, Lisboa, Edição dos autores, p.232.

associada às datas em que foram escritas e recebidas, muitas vezes registadas nos envelopes ou na face dos aerogramas. José, por exemplo, inicia a sua correspondência com Olívia mais de um ano depois de partir para Angola. Desejava convidá-la para madrinha de guerra há muito mas sabendo-a com namoro, não o fez. Tendo, entretanto, tido notícia de que o namoro havia terminado avança com o pedido. Olívia responde aceitando o convite e no envelope José escreve: “Respondi dia 11-10-62 É esta a primeira carta”²¹⁰. A partir deste momento inicia-se um carteio intenso que irá durar até Julho de 1963, momento próximo do regresso de José. Nos envelopes das cartas recebidas, Olívia irá assentar também o que envia quando lhe responde, maioritariamente fotografias.

Há quem se atrase no estabelecer deste procedimento de controle:

Gostava de saber se te fosse possível e se ainda as tiveres todas que me dicesse quantas cartas já tens em teu poder.²¹¹

Este atraso pode gerar equívocos difíceis de resolver. Por isso, é frequente tratar-se do trânsito da correspondência no corpo da carta, como o faz Manuel:

hoje mesmo recebi 2 cartinhas tuas e 2 aerogramas – foi um avião que aqui aterrou que as trouxe – as cartas traziam a data de 28DEZ65 com o N^o98 e a outra a data de 1JAN66 – os aerogramas os dois com a data de 30DEZ65.²¹²

A noiva responde-lhe seguindo o mesmo procedimento:

agora voute responder às tuas cartinhas escritas à máquina e um aerograma e juntamente duas fotos da ceia do Natal aí no quartel as cartas com a data de 15 de jan n^o117 e a outra de 16 de Jan.²¹³

Este sistema pode tornar-se muito complexo, chegando nalguns casos a conter gráficos e tabelas com frequências estatísticas, destinados a eliminar qualquer incerteza na troca de correspondência com os entes mais queridos.²¹⁴ Como veremos, a propósito dos temas tratados nas cartas, a questão do correio ocupa uma parte muito significativa da narrativa.

Quem lê e escreve isola-se para o fazer:

²¹⁰ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 16, 07.10.1962.

²¹¹ Carta de namorada para Carlos, Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 54, 04.03.1967.

²¹² Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 8, 08.01.1966.

²¹³ Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 2, 26.01.1966.

²¹⁴ O projeto FLY 1900-1974, dirigido pela Professora Doutora Rita Marquilhas no Centro de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, analisou cartas de um soldado da polícia militar que desenvolveu um sistema de grande complexidade para arquivar a sua correspondência e assim controlar o fluxo epistolar.

quando tenho correio teu, fujo de tudo e todos e vou lê-lo para um sítio recatado, onde não esteja ninguém, normalmente para o quarto.²¹⁵

Esta vivência da solidão como prática social é amplamente relatada nas cartas e resulta numa forma de aproximação, através da imaginação do outro que está ausente, avivada pela descrição de um tempo e lugar de escrita:

Meu Amôr vejo que estás assentada encima da cama a escrever, cheia de friinho – eu aproveito para te dizer Meu Amôr que também me encontro encima da cama a escrever, estou de (palavra ilegível) - ou meias pequenas, calção e tronco nú, neste momento faz calor, mas há pouco esteve a chover e a trovejar torrencialmente.²¹⁶

Querida amiga, se visses como estou a escrever-te, tenho a certeza que te espantavas. Pois vou contar-te: são 9,30 da noite, mas aí são 8,30 e encontro-me só em cuecas e a suar por todos os poros, a escrever em cima da mala. Como vês é uma posição bastante cómoda.²¹⁷

Para quem delega a escrita por não saber escrever, a experiência revela-se no ditar de pensamentos e desejos, deixando de ser uma experiência íntima e solitária, como o é para muitos. Quem escreve pelo outro transforma desejos e pensamentos num discurso mais ou menos elaborado, consoante o grau de competência. Quem dita fica devedor e pede “quando escreveres não te esqueças de mandar cumprimentos para Elas pois lêem-me sempre as cartas”²¹⁸. Há casos em que conseguimos detetar a mudança de intermediário gráfico pelas alterações não só da letra mas do grau de elaboração do discurso.²¹⁹ Muitas vezes estas mudanças e as suas razões são comunicadas nas cartas:

ela tem duas crianças e tem que ir levar almoço e jantar e tem a costura e como sabes na casa dela está sempre com muita gente e escusam de saber o que tu me manda dizer e o que a mãe te escreve ²²⁰

Quem escreve a carta pode conhecer bem o destinatário e acrescentar algumas linhas finais em seu próprio nome.²²¹

²¹⁵ Carta de Luís para Teresa, Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 41, 24.09.1971.

²¹⁶ Carta de Manuel para a noiva, Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 8, 08.01.1966.

²¹⁷ Carta de Vítor para a mulher, Fundo R85, caixa 63, série 1, documento 2, 06.09.1961.

²¹⁸ Carta da mãe, Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 31, 09.09.1963.

²¹⁹ No Fundo R71, por exemplo, as cartas da mãe de Carlos são escritas, durante um certo tempo, por uma rapariga que vai sair da aldeia para viver em Lisboa e prosseguir os estudos. A troca de intermediário vai notar-se nas cartas escritas a partir daí pois não vão ter a legibilidade e a clareza das anteriores.

²²⁰ Carta da mãe para Carlos, Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 13, 21.02.1967.

A tristeza de não saber escrever aparece na correspondência, com frequência para justificar algum atraso na resposta: “se eu soubesse escrever escrevia-te todos os dias”²²² ou “dizes que o teu irmão não te tem escrito isso coitado não admira não sabe escrever”²²³. A tia “tem demorado mais a responder porque a pequena que lhe costuma escrever tem estado para fora...”²²⁴

Frequentemente as cartas são escritas por quem está na escola primária. As três tias analfabetas de José servem em casas onde há crianças, filhas dos patrões. Por vezes são elas que desempenham essa tarefa:

... a menina que me escreve ainda só tem onze anos e já vai fazer a quarta classe mas já escreve muito bem...²²⁵

Em alguns acervos há referências à leitura pública das cartas. Não só porque quem delega não lê mas porque as notícias, sobretudo quando se trata de meios pequenos, interessam a todos²²⁶, muitas vezes ultrapassando a exigência de privacidade que a troca de correspondência sugere: “olha elas pegam me nos teus aerogramas e vão mostrar a ler a toda a gente por isso tens que as repreender nisso”²²⁷, assim se queixa a jovem mulher de Francisco, militar mobilizado na Guiné.

II. ... E NELA VI TUDO AQUILO QUE ME DIZIAS²²⁸

Falamos de seguida da disposição do texto na página ou, mais corretamente, da empaginação (domínio da materialidade) das marcas linguísticas correspondentes ao género epistolar (domínio da textualidade), que apresenta aspectos comuns à quase totalidade das missivas depositadas, provenientes, na generalidade, de correspondentes com poucos hábitos de escrita e leitura.

²²¹ Por exemplo, Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 9, 29.06.1965 e Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 40, 07.08.1964.

²²² Carta da tia para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 4, 19.10.1961.

²²³ Carta da mãe para Carlos, Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 15, 05.03.1968.

²²⁴ Carta da tia para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 5, 17.11.1961.

²²⁵ Carta de tia para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 24, 08.06.1963.

²²⁶ Barton e Hall apresentam estudos que mostram como a maneira de ler e escrever cartas varia consoante as comunidades, desde a escrita e leitura em privacidade até à composição e leitura públicas, na família alargada ou na comunidade. Barton, David e Nigel Hall (2000) (Orgs.), *Letter Writing as a Social Practice*, Philadelphia, John Benjamins North America, pp.3-5.

²²⁷ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 5, 19.05.1967.

²²⁸ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 8, 22.02.1962.

A data aparece ao cimo da primeira página das cartas e aerogramas, geralmente por extenso, depois da indicação da localidade de onde é escrita. Segue-se, com frequência, um espaço em branco, de tamanho variável, e a saudação, após a qual surge uma outra frase, também recorrente, que dá conta da boa saúde de quem escreve e do desejo que o destinatário se encontre bem, quase sempre invocando a graça de Deus. Quem escreve mostra, pela forma como se dirige ao outro, não só o grau de relacionamento mas também o nível de instrução e o meio social a que pertence. Esta fórmula inicial é muito semelhante na maioria das cartas e aerogramas, mostrando pequenas variações, como disso são exemplo as aberturas que se seguem²²⁹:

Querido e saudoso amigo em primeiro de tudo saúde e felicidades são os ardentes votos deste seu amigo que o considera como irmão, bem como de toda a minha família que nós ficamos bem com a graça De Deus.²³⁰

De posse da tua tão esperada carta, só espero que esta vos vá encontrar bem de saúde, que eu fico bem graças a Deus.²³¹

Amigo Mano em primeiro de tudo estimo que ao resseberes estas minhas duas letras que te vá encontrando gozando de uma física saúde na companhia de todos os teus amigos que eu ão fazer desta fico bem graças a Deus.²³²

Enesquecível Carlos.

Mais uma vez ao lançar a pena ao papel a tua saúde é o que mais desejo neste mundo eu e minha família todos bem graças a Deus.²³³

²²⁹ É de notar que esta rigidez no uso das fórmulas aprendidas, nuns casos na escola, noutros através de terceiros ou de manuais, faz com que, por vezes, apareçam cartas em que à declaração inicial de boa saúde de quem escreve segue-se a descrição da doença de que efetivamente se sofre, “a recital of illnesses” como refere Péter Hanák ao encontrar casos semelhantes na I Guerra. Este facto leva este autor a questionar-se sobre o modo como se terá dado a apropriação das regras para a escrita de cartas por camponeses e trabalhadores, mobilizados massivamente, “used to heavy physical labor but not to pen and paper”. Hanák, Péter (1998), “Vox Populi: Intercepted letters in the First World War” em *The Garden and The Workshop*, New Jersey, Princeton University Press Péter Hanák, p.190. A raiz destas formulações, usadas frequentemente de forma rígida, está profundamente ancorada no passado. Sobre a história destas regras ver, entre outros, Hanák, idem, pp.190-199; sobre a aprendizagem realizada na escola em Portugal ver Gregório, Maria do Carmo (2006), *L’Enseignement de la lecture et de l’écriture au Portugal (1850-1974) Trois facettes d’un rituel*, Paris, L’Harmattan.

²³⁰ Carta de amigo soldado para José. Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 1, 02.07.1961.

²³¹ Carta de Mário para a mulher e filha. Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 1, 03.05.1966.

²³² Carta de irmão para Francisco. Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 2, 14.02.1967.

²³³ Carta de namorada para Carlos. Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 34, 15.05.1965.

De seguida, quem escreve confirma a recepção da carta à qual está a responder, assegurando, então, que “nela vi tudo aquilo que me dizias”²³⁴, frase que, com pequenas variações, conclui a abertura de elevado número de cartas destes acervos, sejam remetidas por soldados ou civis, homens ou mulheres, mais novos ou mais velhos. A partir daqui tem início a matéria da carta.

Na grande maioria dos casos, ao responder, o remetente vai seguir, sem desvios, o alinhamento da carta recebida, ponto por ponto, tecendo um diálogo contínuo, apenas brevemente suspenso pelas contingências da circulação do correio e, às vezes, pelas circunstâncias da guerra, no terreno. Na resposta, os assuntos são tratados por ordem, tal como aparecem na carta recebida, o que vai permitir a percepção do que diriam as cartas que não foram depositadas. Este diálogo há-de repetir-se durante a comissão militar, com maior ou menor frequência, consoante o grau de relacionamento e a fase da mobilização.²³⁵

Quem tem menos prática de escrita está mais preso à oralidade, digamos que escreve como se estivesse a falar com o destinatário, apresentando um texto corrido, marcado pela associação de ideias, com pouca ou nenhuma pontuação, como se pode ver nos exemplos que se seguem:

Carlos dou-te outra novidade que tu não debes acreditar e que me debes chamar tonta, mas a novidade que te dou e muito contente que te dou é que já sou outra vez tia sou décima vez tia mas desta vez foi um rapaz que eu fiquei muito contente mas a minha cunhada coitada cria uma menina porque assim fica com dois meninos mas ela também não se importa tu debes pensar que eu só alguma mentirosa, mas pensa o que quiseres mas é verdade, e se tu não te importares dizer que já tem um sobrinho outra vez que se chama André não te importas? ²³⁶

Caro mano em primeiro de tudo a tua saude que eu e a minha molher ficamos bem graças A deus

Carlos eu não te escrevi a maís tempo porque não sabia a tua direção direção

Sabes A Fernanda já se encontra cá no Algarve também vamos lá ver se a noça vida vae ser cá no Algarve

²³⁴ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 8, 22.02.1962.

²³⁵ O fluxo epistolar varia consoante os casos. Nota-se, no entanto, tendências comuns nalguns dos acervos, como se pode ver nos gráficos inseridos no Anexo B: Quadros B.6, B.8, B.10, B.12, B.14, B.16, B.18, B.20 e B.22, escreve-se mais no Natal e na Páscoa, mais à chegada a África e menos na hora do regresso.

²³⁶ Carta de uma jovem amiga para Carlos. Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 17.01.1967.

Pricuanto esto a gostar muito de cá estar.²³⁷

Quem tem mais competência organiza um discurso com um desenrolar lógico e coerente, como será característico dos mais letrados:

Falamos uns com os outros, sabemos as notícias pela rádio e às tantas esquecemo-nos que fazemos parte dum mundo civilizado. Na vila há meia dúzia de famílias brancas, o resto é tudo pretos que vivem nos QUIMBOS. É terrível sentir esta sensação de isolamento e de abandono, a pouco e pouco vamos sentindo um vazio profundo à nossa volta, então pensamos nos tempos passados naqueles que nos são queridos e vivemos assim de recordações.²³⁸

Os fechos das cartas são longos. Terminam geralmente com desejos repetidos de saúde e a despedida mais comum, “Adeus até à volta do correio...”,²³⁹ finalizando com apertos de mão, abraços, beijos ou a bênção, consoante o que é admissível na relação entre correspondentes. Pode haver a necessidade de utilizar as margens para esta saudação final, facto muito comum nos acervos em análise: “Sem mais dou-me por terminado cumprimentos destes rapazes amigos”²⁴⁰, seguindo-se extensa lista de nomes, “cumprimentos dos meus patrões e das senhoras de baixo”²⁴¹, “dos meus Patrões e da menina que escreve as cartas”²⁴².

A assinatura termina a missiva. Por vezes, como já foi referido anteriormente, há recados, mensagens e desenhos após a assinatura, ficando completamente preenchida a última página. Quem escreve assina, com frequência, o nome completo, mesmo tratando-se de cartas para os pais ou familiares próximos.²⁴³

III. SOBRE AS “PALAVRAS ESCRITAS NO PAPEL E EM ALMA”²⁴⁴

Podemos dizer que as missivas em análise cumpriram o fim a que se destinavam, atingindo um elevado nível de comunicação embora, na grande maioria, sem idêntico nível de correção. Os correspondentes mostraram dominar, em diferentes graus, a tarefa

²³⁷ Carta de irmão para Carlos, Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 17, 20.05.1966.

²³⁸ Carta de Luís à namorada. Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 15, 27.03.1967.

²³⁹ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 9, 01.03.1962.

²⁴⁰ Carta de amigo militar para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 17, 18.11.1962.

²⁴¹ Carta de tia, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 9, 10.03.1962.

²⁴² Carta de tia, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 23, 10.05.1963.

²⁴³ Entre muitos exemplos, Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 137, 09.07.1965 e Fundo R132, caixa s/ numeração, documento não catalogado com a data de 21.03.1973.

²⁴⁴ Fundo R133, caixa s/numeração, série 1, documentos 1-10, 07.05.1970

de escrita, desde a escolha do suporte material - papel, utensílio e tinta - à disposição do texto e utilização da página. Revelaram, também, saber usar as fórmulas habituais para escrever cartas, embora reproduzindo à sua maneira a estrutura típica do género, aplicada de forma tanto mais rígida e menos individualizada quanto menor a familiaridade com o ato de escrever. Muitos dos correspondentes, apesar de terem concluído a escolaridade obrigatória, apresentam grandes dificuldades devido à falta da prática que permitiria consolidar o que foi aprendido. Embora alfabetizados, não possuem adequada proficiência da escrita para cumprir as tarefas que se supõe poderem realizar²⁴⁵. Como chama a atenção Justino Magalhães, “é escrevendo que se aprende a escrever” e a formação do escrevente implica escrever bem e corretamente, o que “exige uma prolongada aprendizagem”²⁴⁶. Este facto ocorreu com frequência em contextos de guerra e também de emigração, como já foi referido, sempre que a necessidade de comunicar por escrito atingiu sociedades com elevados índices de analfabetismo ou grande número de sujeitos precariamente alfabetizados. É preciso lembrar que, em 1960, Portugal apresentava mais de 30% de analfabetos, 26,6% nos homens e 39% nas mulheres.²⁴⁷

A escrita de cartas na guerra serviu, certamente, para alfabetizar e representou, tal como aconteceu na I Guerra, “un’occasione di acculturazione”²⁴⁸ tendo sido um meio prático de ensinar a ler e escrever, embora com resultados insuficientes.²⁴⁹ Desta prática

²⁴⁵ Sobre a relação entre literacia e alfabetização ver, entre outros, Gomes, Maria do Carmo (2002), *Literacia e educação de adultos: percursos, processos e efeitos. Um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado, IV Curso de Mestrado em Ciências Sociais, Lisboa, ICS, p.15 e Santos, Nelson Lima e Inês Gomes (s.a.), “Literacia: da escola ao trabalho”, (s.l), (Online), p.172. Disponível em: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/636/1/169-177FCHS2004-3.pdf> .

²⁴⁶ Magalhães, Justino (2005), “Escrita escolar e oficialização da Escola Portuguesa”, comunicação apresentada no Congresso *Cultura Escrita*, realizado no âmbito do VIII Congresso Internacional Historia de la Cultura Escrita, Madrid, Universidad de Alcalá, 5 a 8 de julio de 2005, pp. 6 e 12.

²⁴⁷ <https://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+analfabetismo+segundo+os+Censos+total+e+por+sexo-2517>

²⁴⁸ Caffarena, Fabio (s.a.), “La grande guerra raccontata dai soldati”, *Fonte e Percorsi della storia Contemporanea*, (1), (Online), Disponível em: <http://www.liceograssi.gov.it/%5Bmateriale-vecchio%5D/storia%20del%20novecento/didattica/Archivio%20Ligure%20della%20scrittura%20polare/Fonti%20e%20percorsi%20Grande%20Guerra%201.htm> .

²⁴⁹ Castillo Gómez chama a atenção para a necessidade de encarar estes momentos de alfabetização forçada como processos que se revelaram incompletos, sobretudo para as classes populares, evitando assim “tomber dans une vision simpliste de la société comme celle qui a pu triompher parfois auparavant (...)” e esquecer “les conséquences de l’inégalité émanant des systèmes politiques et économiques et créer ainsi des sociétés artificiellement égales.” Castillo Gómez, Antonio (2010), “Les écrits du for privé en Espagne de la fin du Moyen Âge à l’époque

surge uma escrita muito estereotipada, resultante da apropriação individual de um modelo de escrita que permite ligar competência gráfica à condição social de quem escreve.

Dois outros aspectos são também de salientar: em primeiro lugar, ao ler as cartas temos frequentemente a sensação de estar perante um diálogo, não muito afastado da linguagem falada. Esta coloquialidade²⁵⁰, que dá às cartas o “aspecto **quasi-falado** destas fontes”²⁵¹, está diretamente relacionada com a carta como género, “the closest to spontaneous spoken language that writing can reach.”²⁵² Como acentua Rita Marquilhas, os recursos linguísticos usados na carta e no diálogo falado aproximam-se, criando esta ilusão de proximidade.²⁵³ Assim o sente e expressa a mãe de António:

Meu filho eu a escrever até penso que estou a falar contigo, até me esqueço que estás tão longe de mim.²⁵⁴

A distância a que se encontram os correspondentes impede-os de utilizar na escrita certos elementos presentes no diálogo falado ou, dito de outra forma, os recursos cinéticos, fonéticos e emotivos presentes no modo oral, como a voz e todas as suas possibilidades de modulação, os gestos e o olhar, elementos que integram a conversa em presença. O aparecimento frequente de colagens e desenhos pode ser pensado

contemporaine. Bilan et perspectives”, em Jean-Pierre Bardet, Elisabeth Arboul e François-Joseph Ruggiu (orgs.), *Les écrits du for privé en Europe, du Moyen Âge à l'époque contemporaine. Enquêtes, Analyses, Publications*, Bordeaux, P. U. Bordeaux, p. 39.

²⁵⁰ Zarri, Gabriella (2004), “Sixteenth Century Letters: typologies and examples from the monastic circuits”, em Regina Schulte e Xenia von Tippelskirch (orgs.), *Reading, Interpreting and Historicizing: Letters as Historical Sources*, Fiesole, European University Institute, p.40.

²⁵¹ Marquilhas, Rita (2011), “Cartas e diferenças: a comunicação por escrito no Portugal do século XX”, comunicação apresentada no ICS em 1 de Julho de 2011, Lisboa, (s.n), p.4.

²⁵² Marquilhas, Rita (2011), “Layouts and drawings in a corpus of Portuguese letters (16th to 20th century)”, comunicação apresentada na conferência da Historical Sociolinguistics Network, *Touching the Past: (Ego) documents in a Linguistic and Historical Perspective*, University of Leiden, 22 e 24 de junho de 2011, p.6.

²⁵³ Esta autora, a propósito da apresentação de resultados da investigação nos projectos FLY e CARDS, refere que “The important thing is that the key-lexicon in our letters is similar to the key-lexicon in oral corpora when we compare them all to a large reference corpus of written Portuguese texts (CRPC). And those key-words are almost all of them indexical and anaphoric words. They are personal, temporal, spatial, situational and social expressions with the same meanings of *I, me, my, you, she, here, there, like this, Sir*, etc.”. Marquilhas, Rita (2011), “Layouts and drawings in a corpus of Portuguese letters (16th to 20th century)”, comunicação apresentada na conferência da Historical Sociolinguistics Network, *Touching the Past: (Ego) documents in a Linguistic and Historical Perspective*, University of Leiden, 22 e 24 de junho de 2011, pp 5-6.

²⁵⁴ Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 31, 09.09.1963.

como uma forma de ultrapassar esta impossibilidade. O uso de palavras transformadas pelos correspondentes noutras grafias, com manifesta carga afetiva ou invocando performances infantis que costumam ser encenadas na intimidade, pode contribuir, também, para suavizar esta distância. No acervo de Luís, por exemplo, aparecem com frequência as palavras “coaço” em vez de coração, “buchimento” em vez de aborrecimento e “maído” em vez de marido.²⁵⁵

Em segundo lugar, após a leitura de algumas dezenas de cartas, ficamos com a ideia subjetiva de estar quase sempre a ler a mesma, embora com pequenas variações. Este facto é também referido em estudos que têm a correspondência de guerra como fonte, sendo a semelhança maior entre as missivas que têm origem na mesma época e lugar pois, como refere Stowe, esta parecença deve-se à vivência de “widely shared life events”²⁵⁶, neste caso a guerra colonial.

É certo que a correspondência expressa um ponto de vista individual, num percurso de vida singular. Mas a existência de formas partilhadas de expressão, derivadas das convenções existentes para a escrita de cartas, formas estas que circulam no espaço público, dá origem a esta semelhança, dando a ver as marcas linguísticas incontornáveis no género e no registo da carta, permitindo descobrir regularidades e descontinuidades. Podemos, então, verificar que há uma surpreendente uniformidade na estrutura textual das correspondências dos diferentes acervos, sejam elas escritas por gente mais ou menos capacitada para o fazer.²⁵⁷ As regras, embora utilizadas com maior rigidez por

²⁵⁵ Como acentua Rita Marquilhas, “the millenary tradition of epistolarity has found in letters’ design the answer to such shortcomings. In the Ancien Regime, the voice quality of a duchess, or the straight posture of her body could always come through by a generous set of white paragraphs in her letters’ headers. In the same fashion, the paced rhythm of a lover’s speech, or the tender gestures of a lover’s arms could, and still can, get visualized in letters by the simple drawing of a pair of hearts.” Marquilhas, Rita (2011), “Layouts and drawings in a corpus of Portuguese letters (16th to 20th century)”, comunicação apresentada na conferência da Historical Sociolinguistics Network, *Touching the Past: (Ego) documents in a Linguistic and Historical Perspective*, University of Leiden, 22 e 24 de junho de 2011, p.6.

As palavras citadas do acervo de Luís, Fundo R2, estão, respectivamente, na caixa 9, série 1, documento 40, 18.08.1971, documento 41, 28.09.1971 e 30.09.1971. As aspas estão nos originais.

²⁵⁶ Stowe, Steven (2002), “Making Sense of Letters and Diaries”, *History Matters: The U. S. Survey Course on the Web*, (Online), p.3. Disponível em: <http://historymatters.gmu.edu/mse/letters/>
Ler cartas escritas na I e II guerras, por exemplo, reaviva esta semelhança, muito em razão da estabilidade dos temas abordados pelos correspondentes, como iremos ver.

²⁵⁷ Conforme refere Rita Marquilhas, “Se os recursos linguísticos activados na composição da carta se aproximam dos do diálogo falado, é por isso que é nela obrigatório o respeito por rituais de

quem tem menos literacia, estão sempre presentes e funcionam como um espartilho que enforma a matéria da carta. Também o conteúdo apresenta semelhanças em todos os acervos, como iremos ver, derivadas da existência de preocupações transversais e temas comuns a todos, respondendo às mesmas motivações e necessidades.

interacção que assinalem o início e o fim do contacto entre participantes. A estrutura prototípica do diálogo falado é a de pré-abertura + abertura + conversação + pré-fecho + fecho.” A prática continuada destes rituais estará na base da estabilidade formal deste género ao longo dos tempos, a qual origina a semelhança de que falávamos anteriormente. Marquilhas, Rita (2011), “Cartas e diferenças: a comunicação por escrito no Portugal do século XX”, comunicação apresentada no ICS em 1 de Julho de 2011, Lisboa, (s.l). p.7. Armando Petrucci desenvolve esta ideia da uniformidade da estrutura textual ao longo dos tempos em Petrucci, Armando (2002), *Prima Lezione di Paleografia*, Roma-Bari, Laterza.

CAPÍTULO 2

A VIDA POR UMA MENSAGEM

O título “A vida por uma mensagem” é o lema que o Serviço Postal Militar (SPM) tomou como seu, vincando a extraordinária importância que a circulação de correio teve na vida de todos os envolvidos na guerra.²⁵⁸ Encarado como um ativo de fundamental importância, o SPM foi criado em 1961 para fazer face à incapacidade de resolver a tempo e de forma eficaz o aumento substancial de correio que se fez sentir imediatamente após o início do conflito. Separados por uma enorme distância e durante muito tempo, a guerra ditou aos envolvidos de todas as classes sociais a necessidade absoluta de comunicar com os seus, como o expressa Luís, destacado no extremo norte de Moçambique, ao escrever para a mulher:

Existe em Nangade um rectângulo de terra batida onde aterram aviões. Às sextas e terças feiras sentimo-nos como que impulsionados para junto desse pedaço de terra lisa e barrenta. Todos, iguais, soldados e chefes, são nivelados pela mesma ansiedade e palpitar de emoção. E poucos são aqueles que têm o privilégio de ainda dentro do edifício onde se abrem os sacos do correio receberem o pedaço de papel que lhes revigora a alma e lhes faz sentir menos penoso o calvário. Mas são também poucos aqueles que têm que esconder duas lágrimas quando esse privilégio os coloca na situação de simples espectadores...²⁵⁹

Este excerto, datado de 1970, descreve a chegada do correio e a importância que tem para todos, “soldados e chefes”, esse “pedaço de papel” de que muitas outras cartas falam e que é “o único veículo de ligação”²⁶⁰ que está ao seu alcance. O afastamento de casa e a duração dessa ausência levam, naturalmente, a que este tema seja comum a outras guerras,

²⁵⁸ Apesar de estar a funcionar desde o início da guerra, só em 1966, com a publicação no Diário do Governo, I série, nº165 de 18 de julho, dos decreto-lei nº46826 e portaria nº22118, de 4 de janeiro, ficou completamente definida a organização do SPM, na Metrópole e no Ultramar, tendo os quadros de pessoal ficado completos apenas em 1968. O grande volume de correio e a necessidade de reforço do serviço estiveram na origem de sucessivos atrasos no transporte, “de por vezes mais de oito dias, e ao aparecimento de protestos nos jornais diários.” Citação na pág. 43 da obra sobre a criação e desenvolvimento do SPM: Barreiros, Luís e Eduardo Barreiros (2004), *História do Serviço Postal Militar / History of Portuguese Military Postal Service. Aerogramas Militares – Catálogo. Guerra Colonial 1961-1974*, Lisboa, Edição dos autores, pp.43-53.

²⁵⁹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 32, 06.11.1970.

²⁶⁰ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 82, 11.01.1970.

“experienced by soldiers off all nations in all conflicts”.²⁶¹ Como refere Nicholson, a propósito de cartas escritas por militares da Nova Zelândia envolvidos na guerra dos Boers, (1899-1902), “the desire for correspondence with home was common across all ranks, enlisted, noncommissioned, and officers.”²⁶²

As circunstâncias excepcionais do conflito que durou 13 anos determinaram a importância que a correspondência vai assumir no dia-a-dia da guerra e que não terá em mais época alguma, como revelam os números relativos ao volume de correio transportado.²⁶³ O SPM ligou quem partia e quem ficava, separando-se provavelmente por um longo período de dois anos, tendo na correspondência a única e real possibilidade de ligação. Para a maioria dos homens mobilizados, vir a casa de licença era impossível, sendo penosos e caros os transportes disponíveis. O telefone era pouco utilizado devido às dificuldades de comunicação e ao preço das tarifas, incomportáveis para a grande maioria das famílias.²⁶⁴ Por isso, o encontro possível era através da carta que vai ser, durante a maior parte, senão a totalidade do tempo, o único meio de contacto.

Nas redes de escrita que se irão formar, militares e correspondentes vão cartear-se a partir de lugares diferentes, o que os leva a viver de forma distinta a experiência da guerra. Estas redes, de tamanho variável, vão mudar ao longo do tempo com a entrada e saída de

²⁶¹ Nicholson, Blair (2011), “Viewpoints on the Veldt: Attitudes and Opinions of New Zealand Soldiers during the South African War, 1899-1902, Dissertação de Mestrado, Master of Arts in History, Hamilton, University of Waikato, New Zealand, p.21.

²⁶² A leitura de cartas publicadas da I e II guerras mundiais e guerra do Vietnam apontam nesta direção. Embora com as singularidades próprias originadas por circunstâncias específicas, dão a ver aspetos comuns, um dos quais é, justamente, a necessidade da carta como “veículo de ligação” aos seus. Entre inúmeras publicações, ver, por exemplo, Litoff, Judy Barrett e David C. Smith (1991), *Since You Went Away: World War II, letters from American women on the front*, Oxford, Oxford University Press; Hanák, Péter (1998), “Vox Populi: Intercepted letters in the First World War” em *The Garden and The Workshop*, New Jersey, Princeton University Press; Palmer, Svetlana e Sarah Wallis (2004), *A War in Words. The First World War in Diaries and Letters*, London, Pocket Books e Edelman, Bernard (2002), *Dear America*, London, W. W. Norton & Company Ltd.

²⁶³ Entre 1961 e 1975 terão sido transportadas 20.573 toneladas de correio e encomendas para uma expedição média diária de cerca de 10 toneladas e, também, 2 milhões e meio de contos em valores declarados, juntamente com cerca de 72 000 contos em vales de correio. Barreiros, Luís e Eduardo Barreiros (2004), *História do Serviço Postal Militar / History of Portuguese Military Postal Service. Aerogramas Militares – Catálogo. Guerra Colonial 1961-1974*, Lisboa, Edição dos autores, p.53.

²⁶⁴ Em 1960, por exemplo, o produto por habitante é de menos de metade da média europeia, cerca de 45,2%. Embora durante a guerra Portugal tenha registado médias anuais de crescimento do produto superiores à Europa dos quinze, o ponto de partida era muito baixo. Os portugueses continuavam pobres. Barreto, António (2000), “Portugal e a Europa” em António Barreto (org.), *A Situação Social em Portugal 1960-1999*, II, Lisboa, ICS, p.50 e pp.141-158.

correspondentes como, por exemplo, as madrinhas de guerra e amigos que, entretanto, vão sendo mobilizados.²⁶⁵ Para os militares a guerra é uma vivência direta e única. Estão no terreno, participam, só eles poderão dar conta do sucedido. O que se passa não pode ser compreendido por outros “at second-hand, they say; it's not accesible to analogy or logic.”²⁶⁶ Numa carta enviada de Angola em fevereiro de 1974, Alberto escreve a um amigo, estudante universitário em Lisboa:

os pormenores da guerra somos nós quem os conhece e não quem apenas está habituado a regular-se pela notícia escrita. Nós VEMOS e somos a própria guerra e, mais do que ninguém, estaremos à altura de dar uma opinião e fornecer dados.²⁶⁷

Para dar opiniões e fornecer dados, os militares desenvolvem um “reporting instinct”, nas palavras de Hynes²⁶⁸, que os leva a reconstituir com minúcia o dia-a-dia da guerra numa “intima narrazione giornaliera dell’esperienza in atto” como refere Caffarena²⁶⁹, dando conta dessa vivência imediata e direta e, desta forma, fixando-a.²⁷⁰ Mas, a experiência da guerra, como nos adverte Winter, ultrapassa os militares e estende-se à sociedade não podendo ser limitada aos que pegaram em armas.²⁷¹ Para os que ficaram na Metrópole²⁷², a guerra é vivida de forma indireta e recuada. Os que fazem parte destas redes de escrita que envolvem os militares e, em razão do número de mobilizados, grande parte do país, vão ter a sua própria experiência do conflito. E dela darão conta na correspondência. Como iremos ver, os temas das missivas estão, numa primeira análise, diretamente relacionados com esse lugar de onde se escreve e dependentes da natureza da correspondência, na sua maior parte de índole familiar, seguindo-se a de amor e de amizade. Numa análise mais fina, há a registar

²⁶⁵ Quanto mais extensa é a rede menos cartas escritas pelo militar, origem do acervo, existem em depósito. Este facto é compreensível devido à dispersão da correspondência por vários correspondentes.

²⁶⁶ Hynes, Samuel (1998), *The soldiers’ tale. Bearing witness to modern war*, London, Pimlico, p1.

²⁶⁷ Fundo R132, caixa s/numeração, 01.02.1974

²⁶⁸ Hynes, Samuel (1998), *The soldiers’ tale. Bearing witness to modern war*, London, Pimlico, p.xiv.

²⁶⁹ Caffarena, Fabio (2005), *Lettere dalla grande guerra*, Milano, Edizioni Unicopli, p.32.

²⁷⁰ Jay Winter e Samuel Hynes desenvolvem esta ideia de apropriação individual da experiência da guerra por parte dos militares que nela participam. Winter, Jay (2006), “War letters: cultural memory and the ‘soldiers’ tale of the great war”, em *Remembering War: the Great War and Historical Memory in the 20th century*, New Haven, Yale University Press; Hynes, Samuel (1998), *The soldiers’ tale. Bearing witness to modern war*, London, Pimlico.

²⁷¹ Winter, Jay (2006), “War letters: cultural memory and the ‘soldiers’ tale of the great war”, em *Remembering War: the Great War and Historical Memory in the 20th century*, New Haven, Yale University Press, p.117.

²⁷² Nos acervos em análise apenas o militar que está na origem do Fundo R133 faz parte da incorporação das colónias, tendo nascido em Lourenço Marques, Moçambique, onde vivia com a família. Continuarei a referir genericamente a Metrópole como origem dos militares mobilizados.

especificidades próprias, sejam homens ou mulheres a escrever, familiares ou amigos, militares ou civis, vivendo num meio rural ou urbano.

Neste capítulo iremos debruçar-nos sobre os temas abordados na correspondência, quer por quem ficou quer por quem partiu, para isso considerando o conjunto de todos os acervos. Tomámos a opção de apresentar os temas, expondo-os e ligando-os através das cartas, deixando para a parte final a interpretação e integração no contexto da época.

De que falam, então, as cartas?

Numa primeira observação, as cartas não registam apenas o momento em que são escritas, dando notícias gerais, mas são eco de preocupações persistentes que vão estar presentes ao longo da mobilização. A partir da leitura e análise das fontes podemos afirmar a existência de duas realidades distintas em torno das quais se organiza o conteúdo da correspondência: o afastamento de casa e a vivência da guerra. Estas duas realidades vão traduzir-se em temas que se desdobram em múltiplos tópicos interligados, enquadrando a narração do que está a ser vivido, como passamos a ver.

I. ESTAR LONGE

I.1 QUEM NÃO APARECE, ESQUECE

A questão do correio vem à cabeça dos assuntos que surgem com maior frequência, dentro do tema do afastamento de casa. À chegada a África, todos os militares vão centrar-se na procura da forma mais rápida de comunicar com a Metrópole. Informam-se sobre as condições de circulação do correio e disso dão conta aos seus, tal como o faz Luís ao chegar a Angola:

soube no Q.G. que há apenas uma vez por semana um avião (NORD-ATLAS), às segunda-feiras, para Gago Coutinho. Deste modo e infelizmente só receberei correio uma vez por semana, assim como tu receberás também num só dia o meu correio.²⁷³

O momento da distribuição do correio é, para todos, de grande expectativa e, com frequência, de imensa alegria. Encontramos na correspondência muitos enunciados que disso nos dão conta:

Amôr hoje eram 6 horas da manhã quando tocou a alvorada acordando eu e todos os meus colegas à vôz do Sargento de Dia dizendo ei Malta à correio. Não queiras saber ajuntámo-nos começou a distribuir o correio e eu ao fim tinha 10 cartas e aerogramas alguns com postais de boas festas ²⁷⁴

²⁷³ QG é a abreviatura para Quartel General; Gago Coutinho fica no leste de Angola nas denominadas Terras do Fim do Mundo. Carta de Luís para a namorada, Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 11.01.1967.

a maior alegria aqui no mato é quando se vê a avioneta, pois de certeza que traz correio, cá não há voluntários para nada, mas para ir a pista, para avioneta aterrar, é capaz de ir a companhia inteira, voluntariamente.²⁷⁵

Para os militares, ter notícias de casa desmente o ditado popular “quem não aparece, esquece” ou “olhos que não vêem coração que não sente”²⁷⁶. Cada carta recebida vem dizer que “estás longe da vista mas estás perto do coração”²⁷⁷, e ajuda a ultrapassar o medo da desagregação familiar e da perda da rede social a que se pertence, medo recorrentemente expresso, ligado à distância a que se encontram e ao tempo de duração dessa ausência. É preciso não esquecer que a maioria dos mobilizados são temporariamente militares e o que mais desejam é manter as suas ligações e obrigações civis para assegurar o retorno à vida anterior que deixaram. Enunciados que mostram o desejo de receber “notícias de lá da nossa querida terra”²⁷⁸ e exprimem saudades de “vocês todos e da minha terra natal”²⁷⁹ encontram-se em todos os acervos.

Se, por um lado, a “correspondencia reduz diariamente a distância”²⁸⁰, por outro, receber notícias ajuda a minorar as sensações de isolamento e solidão em que os militares se encontram, por vezes durante longos períodos, afetando mais os que estão destacados no mato, como escreve Luís à mulher durante a segunda comissão militar:

Aquilo que me custa mais no Sagal é ter só uma vez por semana correio teu. Não sei porquê os dias parecem mais compridos e a semana muito mais difícil de passar. Em Vila Barreto no mínimo tinha 2 vezes correio por semana. Agora passo a vida a pensar no dia do São Avião, que por acaso é há sexta-feira.²⁸¹

Para os militares que não recebem correspondência, o momento da distribuição do correio, inicialmente encarado com esperança, pode trazer infelicidade e tristeza e a dor de pensar no esquecimento. O excerto que se segue expressa o que é comum a todos os acervos: a alegria de receber notícias pode transformar-se em desespero, cada vez que há flutuações neste vaivém, sem razão aparente.

É cerca de uma hora da manhã. (...) Deitei-me cerca das 9 horas. Estava a dormir desde essa altura, sozinho no quarto e há momentos ouvi várias pancadas de chamamento na porta. Antes de

²⁷⁴ Carta de Manuel para a noiva, Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 7, 03.01.1965.

²⁷⁵ Carta de António para a noiva, Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 65, 02.10.1963

²⁷⁶ Carta de namorada para Carlos, Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 54, 06.03.1967.

²⁷⁷ Carta da tia para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 11, 20.05.1962.

²⁷⁸ Carta de soldado amigo de António, Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 135, 24.05.1965.

²⁷⁹ Carta de António para a mãe, Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 5, 07.09.1963.

²⁸⁰ Carta de namorada para Carlos, Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 57, 07.06.1967.

²⁸¹ Sagal é no Norte de Moçambique, distrito de Cabo Delgado. Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 30, 03.09.1970.

abrir perguntei quem era e o que queriam. Respondeu-me um soldado de transmissões dizendo que era uma mensagem, levantei-me a tremer, ou melhor inicialmente recusei-me a levantar, tive mesmo que “lutar” com todas as minhas forças para o conseguir e felizmente verifico que a mensagem era um assunto de serviço. Mal tive tempo de disfarçar, fechar a porta do quarto e chorar, chorar... É que desde o dia 22, cerca disso, a tua última carta tem essa data, que não recebo notícias tuas. Faz hoje precisamente 15 dias. Já três aviões trouxeram notícias para toda a gente menos para mim... são bocados de papel, frases e ditos banais, às vezes em calor humano, sem conteúdo. Mas são a única prova de que não estou esquecido a certeza ou a ilusão de que ainda gostas de mim.²⁸²

Os atrasos do correio afetam todos e, em particular, os militares. Encontramos nos acervos relatos de um profundo mal estar associado à ausência de cartas.²⁸³ Como escreve Luís à namorada: “o soldado mata e queima sem dó nem piedade, mas chora. Porque eu já vi – se o avião não lhe traz uma carta da namorada...”²⁸⁴

Mário está em Angola a prestar serviço num navio de guerra, sendo a distribuição de correio relativamente regular. O atraso das cartas da mulher são fonte de preocupação: “tenho andado bastante doente sem notícias tuas e de que tal maneira, mas hoje ao receber esta tua já me sinto bastante melhor”²⁸⁵.

Na segunda comissão, Luís está destacado num quartel no norte de Moçambique. Relata à família continuados atrasos na recepção da correspondência, compreensíveis devido à dependência do transporte aéreo:

Afinal, hoje segunda-feira, o avião resolveu aterrar, mas de tal ordem o fez que que tivemos que o andar a empurrar pois ficou atascado na pista. Contra todas as expectativas não trouxe correio o que chateou toda a malta. Ao menos levou, de forma que espero que não estejas tanto tempo sem correio como eu tenho estado.²⁸⁶

Para quem está na Metrópole receber notícias é um sinal de vida:

quando recebo carta tua é uma alegria tão grande que tenho e ajuda-me a viver²⁸⁷

já li e reli as tuas cartas toudas não sei quantas vezes, já vi e voltei a ver fotografias²⁸⁸

²⁸² Carta de Luís para a mulher, Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 1, s/data.

²⁸³ Como veremos adiante, o reconhecimento da importância fundamental do correio levará à sua utilização no treino das tropas especiais. Disso, Joaquim, à altura recruta para Comando, dará conta aos pais. Fundo R133.

²⁸⁴ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 28.01.1967

²⁸⁵ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 18.05.1968.

²⁸⁶ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 33, 07.12.1970.

²⁸⁷ Carta da mãe para Carlos, Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 11, 15.05.1966.

²⁸⁸ Carta de namorada para Carlos, Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 55, 05.04.1967.

A ausência de carta reaviva o medo, sempre presente, de que alguma coisa tenha acontecido na guerra, como se sabe ter sucedido a outros. Há relatos da chegada de más notícias a famílias conhecidas:

constasse aqui que o Adalberto que faleceu não calcula a griteira que a família tem feito avó dele parece até anda maluca por êle manda-me dizêr se foi vêrdade veio um telegrama de Lisbôa para a mãe mas a mãe está no hospital mas bom era que fosse mentira mas será difícil ²⁸⁹

ouvimos dizêr aqui na rádio, e pêlos jornais que morreu na guiné o filho do Farmacêutico de S. Giraldo, era sôsinho de filho parece que se chamava Adérito, andava a estudar para médico, eu não sei se tu o conheçes ele ais que era alfêres, êle estava lá à pouco tempo olha os pais pareçem tolinhos, êle bem para cá de avião... coitado de quem os tem lá que nunca se está descançada.²⁹⁰

A emoção vivida nesses momentos é mais perceptível nos bairros pequenos ou nas zonas rurais onde todos se conhecem e a proximidade entre pessoas é maior.

Na maioria dos casos, as cartas em falta não-de chegar com as razões do silêncio e sossegar quem as lê. As condições meteorológicas, em África, são referidas como uma das principais causas para o atraso do correio. Manuel está destacado na região de Tete, em Moçambique. A estação das chuvas deixa o aquartelamento praticamente isolado:

Amôr, está-mos a viver uns dias de chuva torrencial e trovoadas devo-te dizer que já estamos habituados a ouvir estes relampagos medonhos mas mesmo assim é de arrepiar segundo dizem os que vivem aqui isto dura 2 a 3 meses (...) lamento muito é o facto de estar-mos num sítio totalmente isolado no meio do capim onde só a 300 quilómetros á casas e então os caminhos não fazes ideia em alguns parece o rio Douro a passar...²⁹¹

À semelhança dos homens da sua companhia, Manuel está apreensivo com o facto de “vôz aí meu Amôr quer noivas quer famílias estarão preocupadas” com a falta de notícias. Só eles sabem, sem o poder dizer, que há correio retido em Tete há 12 dias:

não calcula a minha anciedade minha e de todos pois estamos sempre a olhar para a estrada que passa a 200 metros do quartel quando aparece uma luz milagrosa ou a estátua de um carro para podêrmos gritar bem alto é já vêm aí correio ²⁹²

Manuel vai continuar a escrever, “mais uma carta sem resposta”²⁹³ mas, no dia seguinte há correio:

chegou finalmente aqui um estafeta que é um preto que faz o trajecto de Tete aqui de bicicleta onde ele levou quase 3 semanas aqui a chegar mesmo assim coitado trouxe o correio chegando aqui

²⁸⁹ Carta de namorada para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 2, 31.08.1961.

²⁹⁰ Carta da noiva para Manuel, Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 3, 15.07.1966.

²⁹¹ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 7, 01.01.1965.

²⁹² Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 7, 01.01.1965.

²⁹³ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 7, 01.01.1965.

com o saco todo molhado mesmo assim as cartas não vinham muito molhadas (...) bastou a tua fotografia para me aliviar o coração.²⁹⁴

A importância do correio no ânimo dos militares traduz-se neste esforço pedido ao estafeta que percorreu cerca de 270 kms de bicicleta para levar a correspondência ao quartel isolado. No ano seguinte, a chuva vai tornar de novo as estradas intransitáveis e a correspondência vai voltar a faltar a todos.²⁹⁵

Faltará também quando da Metrópole chegarem notícias de nevões “coisa nunca vista dito pelos antigos”²⁹⁶, como foram os que caíram no norte do país no ano de 1963: “não há correio está tudo interrompido por causa da neve até em cabeceiras não há luz e está o trânsito interrompido por causa da neve”²⁹⁷

Para além das condições meteorológicas, não saber escrever é outra das causas referidas para o atraso da correspondência. As três tias de José, como já referimos, são analfabetas. Apesar disso, delas recebe, amiúde, ternas cartas de encorajamento e saudade. Por vezes há intervalos longos nas respostas às cartas do sobrinho: “Desculpa demorar muito as minhas notícias, mas sabes qual a razão, pois como não sei escrever não pode ser quando quero.”²⁹⁸ É preciso que haja alguém disponível para redigir, o que nem sempre acontece.

A ocupação profissional pode ser, também, razão para se escrever menos. Lucinda, madrinha de guerra de Carlos, tem 15 anos e trabalha numa fábrica de conservas de tomate: “agora começou a campanha e é mais trabalho porque temos que trabalhar de noite”²⁹⁹. O horário vai impedi-la de escrever com maior frequência. Mas, “quando não escrevo sinto que qualquer coisa me falta e o dia não está completo...”³⁰⁰ confessa Amália, a namorada de Carlos. Como ela, em África ou na Metrópole, trocar correspondência é o mais importante para todos, mesmo que nela se diga “sempre a mesma coisa ou até tolices ou asneiras”³⁰¹. Por essa razão escrevem assim que possível. O que todos querem é receber notícias porque, como diz Luísa, a noiva de Manuel, “não há ninguém que saiba avaliar ajente quando acontece aí qualquêr coisa ajente não tem notícias a nossa afelição”³⁰².

²⁹⁴ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 7, 02.01.1965.

²⁹⁵ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 9, 20.02.1966.

²⁹⁶ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 20, 08.02.1963.

²⁹⁷ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 20, 06.02.1963.

²⁹⁸ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 2, 31.08.1961.

²⁹⁹ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 19.07.1967.

³⁰⁰ Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 54, 26.03.1967.

³⁰¹ Carta de Mário para a mulher e filha, Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 23.02.1968.

³⁰² Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 2, 12.01.1966.

Na Metrópole, os horários praticados pelos CTT vão variar bastante entre as estações, havendo por vezes, nalguns casos, distribuição de correio aos domingos e feriados, conforme relata uma correspondente de Carlos que vive na Amadora: “aqui ao domingo só há correio uma vez que é as 11 da manhã”³⁰³.

Perante atrasos na distribuição do correio, às vezes superiores a oito dias, vão surgir protestos nos jornais diários.³⁰⁴ Estas demoras motivam queixas de quem tem os seus em África e gestos inéditos numa sociedade que se apresentava ordeira e obediente. Manuel toma conhecimento através de um jornal que a noiva participou num protesto e pede esclarecimentos:

arrespeito de ir ao notícias... fomos muitas (...) foi a minha prima a mulher do meu primo e muitas mulheres casadas que tem os maridos para fora e muitas raparigas por isso não fomos fazer nada de mal nem é greve nenhuma chegamos lá fizemos o que tinha-mos a fazer e viemos logo embora acho que isto não foi nada de mal fomos todas e viemos, com uns chefes daqui dos que andam a trabalhar para vir o correio e eu parece-me que agora sempre bem olha que se eu visse que eu não avia de ir eu não precisava que ninguém me dissesse (...) só o que eu e todas queremos é que venha o correio depressa porque faz muita falta

Ao receio de Manuel por qualquer coisa que possa acontecer, Luísa responde:

nós não fizemos greve não é greve foi simplesmente um anúncio no jornal para fazer força para vir para aqui o correio mais depressa então eu ia fazer greve nem penses nisso nós não queremos ir presas ³⁰⁵

I.2 “ESTE NÓ QUE TENHO NO PEITO POR NÃO TE PODER VER”

“Este nó que tenho no peito por não te poder ver não me quer deichar”³⁰⁶. Esta frase remata uma carta em que a namorada de Carlos lhe escreve sobre as saudades que tem dele e o que sente pela sua ausência. Para além de *correio*, duas outras palavras relacionadas, *tempo* e *saudade*, aparecem na quase totalidade das cartas, acompanhadas por expressões e

³⁰³ Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 60, 04.09.1967. No Guia Oficial dos CTT, consultado na Fundação Portuguesa das Comunicações, existem horários relativos às últimas tiragens para o Continente, nos receptáculos das estações de Lisboa e Porto, mas fica por esclarecer quais os horários praticados pelas estações dos correios que recebiam o que vinha dos serviços centrais.

³⁰⁴ Barreiros, Luís e Eduardo Barreiros (2004), *História do Serviço Postal Militar/ History of Portuguese Military Postal Service. Aerogramas Militares – Catálogo. Guerra Colonial 1961-1974*, Lisboa, Edição dos autores, p.43.

³⁰⁵ Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 5, 19.07.1965. Não se conseguiu identificar o jornal onde teria sido publicada esta notícia que o casal comenta.

³⁰⁶ Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 44, 26.01.1966

enunciados que manifestam, de forma sentida, a falta de quem está longe: “enlouqueço de tanto sofrer por não te poder beijar e abraçar”, escreve Luísa a Manuel³⁰⁷ enquanto a mãe de José pergunta: “como é que eide ter alegria se te tenho ati tão longe e não sei quando e que te volto a ver?”³⁰⁸

É pela voz das mulheres que mais ouvimos a inquietação que o silêncio traz aos dias quando faltam as cartas. Mães, esposas e noivas, seguidas das namoradas, são quem mais escreve e recebe cartas, com maior regularidade, situação que encontramos em todos os acervos, como podemos ver no Quadro B.23 do Anexo B, e é extensiva às guerras estudadas até agora.³⁰⁹ O volume de correspondência trocada com mulheres é muitíssimo superior, cerca de 86% do total. Destes, cerca de 77% são missivas trocadas com a esposa, noiva ou namorada ou, não estando este papel individualmente definido, com madrinhas de guerra ou amigas.

Os homens presentes nas redes de correspondentes são, na sua maioria, amigos do militar que, entretanto, foram mobilizados. Trocam experiências da guerra, falam de conhecidos e da terra que deixaram. Além dos amigos podemos ainda encontrar missivas de um padrinho, irmãos e, raramente, o pai. A correspondência com homens será cerca de 14% do total, sendo destes, cerca de 60% com camaradas e amigos. Com o pai, a percentagem é muito baixa, entre de 1,3 e 1,9% (Quadro B.23 do Anexo B).

António, por exemplo, tem no seu acervo 321 cartas trocadas com a mãe e 392 com a noiva. São 713 num conjunto entregue de 1006 documentos. Há duas missivas de António para o pai, um aerograma com felicitações pelo seu aniversário e uma carta onde o militar nomeia a razão para não lhe escrever: “o Pai já não estranha, pois sabe notícias minhas por intermédio da Mãe, não é verdade?”³¹⁰

³⁰⁷ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 8, 15.01.1966

³⁰⁸ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 11, 07.05.1962

³⁰⁹ Como referem Martha Hanna relativamente à I Guerra e Jenny Hartley para a II Guerra, a escrita de cartas era, para as mães, a forma de exercer a maternidade à distância. Hanna, Martha (2014), “War Letters: Communication between Front and Home Front” em Ute Daniel, Peter Gatrell, Oliver Jan, Heather Jones, Jennifer Keene, Alan Kramer e Bill Nasson (orgs.), 1914-1918 – online. International Encyclopedia of the First World War, Berlin, Freie Universitat Berlin. Disponível em: https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/war_letters_communication_between_front_and_home_front .

Hartley, Jenny (1999), “Letters are everything these days: mothers and letters in the Second World War”, em Rebecca Earle (Org.), *Epistolary Selves: Letters and letters-writers 1600-1945*, Aldershot, Ashgate Pub.

³¹⁰ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 25, 13.07.1965. Como refere Jenny Hartley, “This practice may have stemmed from the convention that letters should be addressed to only one person. But it also suggests that the child particularly wished to communicate with his or her mother.” Hartley inclui o “her

Nos casos em que há referência à mãe, ela ocupa, com frequência, o centro da rede de correspondência familiar. Recebe as notícias, partilha as novidades com outros familiares e, também, com amigos ou conhecidos. É o caso de Carlos que depositou 227 cartas trocadas com a mãe, a correspondente com quem mais se escreveu. Da mãe vai recebendo notícias dos irmãos e sobrinhos mas também das namoradas e amigos. Sabe, naturalmente, que as suas novidades serão transmitidas pela mãe a todos os que o conhecem.

Joaquim escreve aos “Meus queridos Pais”³¹¹ mas é à mãe que se dirige, invocando-a com frequência, sendo também ela quem lhe responde a maior parte das vezes. Das 13 cartas que foram depositadas escritas para Joaquim, apenas 2 são escritas pelo pai, contendo meia página escrita pela mãe no final.

À semelhança de outras guerras, são as cartas das mulheres as que mais contribuem para manter forte a ligação à vida quotidiana, assumindo particular importância as cartas trocadas com a mãe ou esposa. No início da mobilização as mulheres escrevem tentando animar o militar, como o fazem, por exemplo, as tias de José:

peço-te do fundo do meu coração que tenhas muita corajagem e não Esmuressas ³¹²

Não te aflijas que o tempo passa depressa e tu se Deus quiser vais estar de volta num estante é esta a minha fé e creio que Nossa Senhora me vai ouvir.³¹³

No entanto, desde cedo, ao conforto que as mulheres dão aos militares vai suceder-se o desânimo e a tristeza. A ausência do ente querido é vivida de forma intensa pelas mulheres, levando, à medida que o tempo passa, a declarações de desconsolo como as que se seguem:

eu ando muito triste e esta tristêza não me larga...³¹⁴

tenho parte da minha vida distante eu digo-te isto porque a perder-te agora seria preferível perder também a vida ³¹⁵

esqueço-me de tudo ando sempre ausente onde eu estou é como se lá não estivesse ninguém ³¹⁶

Vem depressa e não tornes-me a deixar sózinha, está bem? ³¹⁷

mother” tendo em atenção as mulheres que participaram no esforço de guerra, indo trabalhar para fábricas ou como profissionais de saúde, entre outras ocupações. Ficavam longe de casa e escreviam, tal como os homens mobilizados. Hartley, Jenny (1999), “Letters are everything these days: mothers and letters in the Second World War”, em Rebecca Earle (Org.), *Epistolary Selves: Letters and letters-writers 1600-1945*, Aldershot, Ashgate Pub, p.189.

³¹¹ Fundo R133, caixa s/numeração, série 1, 10.12.1969.

³¹² Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 1, 21.06.1961.

³¹³ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 2, 14.08.1961.

³¹⁴ Carta da noiva para Manuel, Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 5, 30.07.1965.

³¹⁵ Carta de Amália para Carlos, Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 55, 05.04.1967.

³¹⁶ Carta de Elisa para Carlos, Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 43, 14.05.1966.

Se, por um lado, receber cartas conforta, por outro, a tristeza que nelas vem expressa perturba os militares influenciando o seu ânimo e afetando a sua disposição:

Já pensaste no estado de espírito dum indivíduo responsável, nesta terra inhospita e traiçoeira, por dezenas de vidas humanas, em que um erro por mais pequeno que seja pode custar a vida a muitos. Não quero que penses como alguns que dizem que a miséria dos outros lhes servem de consolação, mas pensa pelo menos que nem por isso há justificação para vocês se sentirem tão infelizes.³¹⁸

estás saturada com quê, eu que ando aqui a aturar pretos e brancos para nosso bem é que ando alegre e bem disposto tenho-vos amor...³¹⁹

Apesar de instadas pelo regime e pela comunidade a escrever cartas que prestem apoio moral e animem os militares, a passagem do tempo vai levar as mulheres a alterar a expressão dos seus sentimentos tratando de, num comportamento muito comum noutras guerras, mostrar a sua mágoa, “by confessing their loneliness”, ignorando “injunctions to suffer in silence”.³²⁰

A manifestação escrita dos sentimentos motivados pela ausência do ente querido leva à existência de cartas em que surge o que Hanák chama “the power of poetic expression for their loves and fears”³²¹, originando missivas que revelam, por vezes, uma expressão singular e bela, tendo em conta o grau de instrução de quem escreve. Encontramo-la, por exemplo, nas cartas de Carmo para Mário. Jovem modista de profissão, a trabalhar por conta própria, tem como habilitações a 3ª classe. Durante a mobilização trocam entre si 287 cartas. Através da correspondência Carmo vai viver intensamente a ausência do marido, como se pode ler nestes dois excertos:

³¹⁷ Carta de Teresa para Luís, Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 74, 04.07.1967.

³¹⁸ Carta de Luís para Teresa, Fundo R2, caixa8, série 1, documento 18, 06.06.1967.

³¹⁹ Carta de Mário para Carmo, Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 19.10.1967.

³²⁰ Hanna, Martha (2014), “War Letters: Communication between Front and Home Front” em Ute Daniel, Peter Gatrell, Oliver Jan, Heather Jones, Jennifer Keene, Alan Kramer e Bill Nasson (orgs.), 1914-1918 – online. International Encyclopedia of the First World War, Berlin, Freie Universität Berlin. Esta questão da alteração do sentido presente nas cartas escritas pelas mulheres é tratada por Christa Hämmerle a propósito do que chama as “lamenting letters”, cartas de queixa e mágoa, recebidas por soldados alemães e austríacos, os derrotados da I Guerra. Estas cartas foram consideradas responsáveis por minar a moral dos combatentes, contribuindo para a derrota militar. Hämmerle, Christa (1999), “You let a weeping woman call you home? Private correspondences during the First World war in Austria and Germany” em Rebecca Earle (Org.), *Epistolary Selves: Letters and letters-writers 1600-1945*, Aldershot, Ashgate pp.177-178.

³²¹ Hanák, Péter (1998), “Vox Populi: Intercepted letters in the First World War” em *The Garden and The Workshop*, New Jersey, Princeton University Press, p.190.

o tempo vai passando graças a Deus, e ansiosa estou para que ele passe, para nos juntarmos de novo, não fazes ideia o meu maior desejo de te ver e sentir-me nos teus braços, receber os teus beijos, ó Mário que saudades... todos os dias, desde que me levanto até que me deito, o pensamento é só um, em ti, quantas vezes acordo, e recordo tudo, o que fazia-mos juntos, e tu Mário, também pensas em mim? ³²²

fiquei bastante emocionada com as tuas palavras, e podes crer que leio as tuas cartas muitas vezes, fazem-me bem ler, tenho por vezes a sensação de te ter junto a mim.... agora tudo é assim por cartas, a separação custa muito no entanto também precisamos de pensar para o futuro, o que será o nosso futuro? Mário tu desculpa, estou num dia triste não sei o que tenho, quem me dera chorar... mas não posso preciso de ti, dos teus braços para me apertarem muito e sentir-me no teu corpo, o que muitas vezes fazia-mos e eu pedia-te tudo, Mário não te esqueças de mim, sou tua, e bem sou digna de ti...³²³

Nestes enunciados encontramos anseio, confissão, desejo, inquietação e a falta do outro que está longe há muito. As saudades levam, inevitavelmente, à contagem do tempo. Por essa razão, parte importante da narrativa é ocupada, num primeiro momento, com o cálculo dos dias que passaram desde a partida:

Faz hoje uma semana que tu partiste e já me parece que foi há tanto tempo, não acontece o mesmo contigo? ³²⁴

faz um mês que tu embarcaste Pois para mim já me parece-me um ano ³²⁵

o tempo vai passando porque são fez nove meses porque a mãe traz os meses todos contados.³²⁶

Quanto mais tempo passa maior é o cansaço da mobilização militar e a vontade de voltar. A partir de certa altura, geralmente a meio da comissão, o cálculo passa a fazer-se em relação aos dias que faltam para o regresso, “porque se deus quiser já faltou mais tempo do que ha-de faltar”³²⁷. Luís, por exemplo, envia à namorada uma folha de um calendário de mesa com os dias do mês cortados a tinta azul. Nessa folha escreve:

As saudades são castigo
a que eu nunca vejo o fim
São a dor de andar contigo
sem te ter ao pé de mim.

³²² Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 5, 02.01.1968.

³²³ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 5, 08.01.1968.

³²⁴ Carta de Teresa para Luís, Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 84, 27.05.1970.

³²⁵ Carta de Elisa para Carlos, Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 43, 15.05.1966.

³²⁶ Carta da mãe para Carlos, Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 13, 03.01.1967.

³²⁷ Carta de madrinha de guerra para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 24, 16.06.1963.

21/9/1967 É neste bloco que eu dia a dia eu meto a nossa separação.³²⁸

Os enunciados mostram também a percepção de um tempo elástico, um tempo que passa sem passar:

dantes achava os dias tão pequenos e hoje acho-os tão grandes que nunca mais se passa o tempo.³²⁹

Meu filho fez agora um ano que tu foste para a tropa aqui o tempo ainda se passava, mas aí parece que nunca mais passa...³³⁰,

cada mês agóra é um ano ³³¹

Durante o tempo de separação, os laços entre os escreventes vão ter de se manter vivos e renovar-se nas páginas da correspondência. Ou morrer.

Elisa tem 18 anos e namora Carlos quando este parte para a guerra: “passo a vida a contar os dias já podes ver meu amor eu até já contei os domingos se for os dois anos são 96 domingos”³³². Durante meses vai escrever-lhe, quase diariamente, cartas de amor e saudade que, a princípio, terão resposta. No entanto, com a passagem do tempo, Carlos deixará de lhe escrever e é para a mãe do militar que Elisa se volta tentando entender as razões do silêncio:

não recebo notícias não sei qual o motivo mas peço a Deus para que nada lhe tenha acontecido...nem calcula como tenho estado metida na cama sempre ansiosa que chegue a hora do correio e de houvir bater á porta.... mas infelizmente isso não tem acontecido à dias que desejava deixar de existir...³³³

Elisa continuará ainda algum tempo a escrever a Carlos mas em vão. Da mãe do militar receberá palavras de conforto, respostas vagas sobre a ausência de correio.³³⁴ Numa das últimas cartas que lhe escreve Elisa conclui com tristeza que “se ele deixou de escrever é porque eu não lhe intereço”.³³⁵ A dor da rapariga vai levar a mãe de Carlos a escrever ao filho:

³²⁸ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 21, 21.09.1967.

³²⁹ Carta de Rosa para António, Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 92, 26.12.1963.

³³⁰ Carta da mãe para António, Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 36, 01.02.1964.

³³¹ Carta de Luísa para Manuel, Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 2, 31.01.1966.

³³² Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 43, 04.05.1966.

³³³ Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 46, 16.08.1966.

³³⁴ Não estão depositadas as cartas da mãe de Carlos para Elisa. No entanto, percebemos o seu conteúdo através das cartas que Elisa lhe escreveu e que constam do acervo.

³³⁵ Fundo R71, caixa 58, série 8, documento 74, 08.09.1967.

Tudo isto me custa, pois não sei até onde vai o teu pensamento.... Vê se lhe escreves e a animas, pois está muito magra.... Joaquim diz que ela se tem portado muito bem, e que, quando vieres já cá a não deves encontrar, pois ela não aguenta estes dois anos de separação.³³⁶

A resposta de Carlos chega um tempo depois:

não lhe ponham coisas na cabeça para esperar por mim porque não vale a pena... se ela tivesse por mim verdadeiros sentimentos, não ia para os bailes dançar e dizer-me que não saía de casa... para mim é um aborrecido probelema só porque tive a istupida ideia de a levar à nossa casa ³³⁷

Durante meses este assunto vai manter-se na correspondência que troca com a mãe:

assim que eu parti para cá ela passou logo a andar acompanhada de rapazes e com estes ela foi algumas vezes à praia e isto já não falando em bailes porque nesse capítulo foi um verdadeiro desastre ³³⁸

Conhecidos de Carlos, gente da terra, amigos e família vão escrever-lhe sobre o desenlace desta relação de namoro, criticando-o duramente:

Recebi várias cartas que me elogiavam tanto que até me chamaram, canalha, vadio, malvado e coisinhas bonitas como estas ³³⁹

Este caso tem semelhanças com outros presentes nos acervos depositados. Suportar a distância e o tempo de separação é difícil, como refere Amália, outra namorada que Carlos terá durante a mobilização, ao comentar o fim de vários namoros entre raparigas e rapazes da terra:

quando o amor que se tem dentro de nós não chega para poder suportar a ausência do homem amado é preferível assim, mas quando esse amor é verdadeiro e grande nada o consegue destruir³⁴⁰.

A falta de notícias, quando se supõe nada ter acontecido, tem uma importância determinante no futuro das relações dando lugar a fantasias, de um lado e do outro. Surgem dúvidas que põem rapidamente em causa sentimentos e, por conseguinte, relações. Em todos os acervos há mostras deste desentendimento motivado frequentemente pela ausência de correio. Ciúme e a ideia de traição aparecem de imediato: “para se desfazer um lar não será preciso muito”³⁴¹ escreve a mulher de Mário. Ela sabe que na vida da tropa “apanha-se más companhias e de tudo se aprende e o meu medo, são três coisas jogo, vinho e mulheres, e

³³⁶ Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 12, 13.07.1966.

³³⁷ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 5, 28.05.1967.

³³⁸ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 6, 26.11.1967.

³³⁹ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 5, 06.02.1967.

³⁴⁰ Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 54, 06.03.1967.

³⁴¹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 5, 31.12.1968.

tudo penso”.³⁴² Ao ver as fotografias que ele manda, nota a falta da aliança de casamento: “tens medo de mostrar que já és casado, vocês homens têm cada ideia, e ainda não queres que pense o pior”³⁴³. Ao longo do tempo vai fazendo notar esta falta da aliança, símbolo da sua união, e sofre, exprimindo esse pesar: “eu bem faço por comer, mas temos os nervos que comem por mim”.³⁴⁴

Nas cartas que escreve ao longo desse tempo Mário vai justificar a ausência da aliança com o trabalho “sujo”³⁴⁵ que faz no navio onde é marinheiro-fogueiro. Reafirma que o seu amor pela mulher “com aliança ou sem aliança é a mesma coisa e sempre mais pois que os ciúmes são grandes por estar longe de ti”³⁴⁶.

Por seu lado, quando Mário fica algum tempo sem receber correio da mulher, a perturbação leva-o a escrever cartas com recriminações e ameaças:

é impossível que tu não saibas os deveres que tens a cumprir é impossível ainda hoje não ter carta tua porquê porque razão não tens tempo? ³⁴⁷

não digas que é atrazo do correio não acredito nem que estiveste doente mas já são velhas desculpas no atrazo da tua correspondência, ontem quando me deitei por volta da meia noite meia hora era para dormir mas não fui capaz o pesadê-lo desta vez foi enorme pensei em tudo (...) dizes que não te esqueces de mim, não vejo isso porque não me escreves a responder ao menos, já que por voto teu não vejo nada, como já te disse o pesadê-lo foi grande, e acordado, mas se tal acontecer o mal é teu, estás-me a tirar a vontade de cá ficar terei que regressar para descobrir tudo³⁴⁸

Carmo responde ao tom das cartas:

Mário era motivo para me escreveres esta cartas, por atraso de cartas já pensastes bem no que me escrevestes.... juro-te que não esquecerei estas tuas cartas, foram bem amargas ³⁴⁹

Mário acaba por receber as cartas atrasadas e lamenta o que se passou:

terei que pensar dez vezes ou mais antes de te escrever tais cartas, quanto á tua sinceridade sempre acreditei nela apesar das maluquices que te escrevo que são pesadelos que me ocorrem...³⁵⁰

³⁴² Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 6, 14.01.1969.

³⁴³ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 5, 24.08.1967.

³⁴⁴ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 5, 19.03.1968.

³⁴⁵ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 1, 29.07.1966.

³⁴⁶ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 18.05.1968.

³⁴⁷ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 16.05.1968.

³⁴⁸ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 17.05.1968.

³⁴⁹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 5, 22.05.1968.

³⁵⁰ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 25.05.1968.

Os militares inquietam-se por ter deixado as suas mulheres na Metrópole. Já viram “certas coisas que nos fáz pensar em tudo”³⁵¹ como escreve Mário à mulher confessando os seus receios: “não me leves a mal são as tais coisas que um homem casado tem medo....”³⁵²

O medo de que aconteçam estas “coisas” liga-se não só ao silêncio originado pela ocasional falta de correspondência mas também à situação das mulheres que ficam, na cidade ou na aldeia, quando os maridos partem.³⁵³ Os homens já viram muito, e o que ainda não sabem, passam a conhecer pela voz das mulheres:

há infelizmente por aqui algumas raparigas com filhos e com os maridos no Ultramar que lhes escrevem de mês a mês e elas fazem uma vida pouco própria... tenho pena deles que sofrem por vezes grandes humilhações quando regressam...³⁵⁴

as mulheres aqui andam todas malucas não tenn os homens perto uns na tropa outros na França é uma vorgia com elas temse dado aqui cada uma³⁵⁵

Quando os militares partem, as mulheres devem ficar a viver com família, sogros ou pais, alguém que na sua ausência tome conta delas. Carmo, mulher de Mário, irá com a filha pequena para a casa camarária onde vive a sogra. Ajuda a pagar a renda e Mário fica mais sossegado porque “sempre tens alguém para olhar por ti em caso de doença”.³⁵⁶

Teresa, mulher de Luís, apesar de pertencer a outra classe social em que já se notam diferenças na maneira de pensar, fica com a filha pequena na casa dos pais. Também Luís

³⁵¹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 16.03.1968.

³⁵² Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 16.03.1968.

³⁵³ Em todos os acervos depositados as mulheres permaneceram na terra. No entanto, casos houve de mulheres que acompanharam os maridos, geralmente oficiais, mobilizados para África. Há notícias sobre estes casos nomeadamente no acervo de Luís, Fundo R2. São mulheres de oficiais que ficam nas vilas perto dos aquartelamentos ou que se juntam aos maridos quando os batalhões rodam para zona de paz. Por exemplo, Luís cita o caso da mulher de um oficial miliciano que o acompanhou durante um ano, vivendo no aquartelamento, “até a guerra se tornar pior”. Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 16, 10.04.1967. Sobre o papel reservado às mulheres e a situação das que acompanharam os maridos para África ver, Ribeiro, Margarida Calafate (2004), “África no feminino: As mulheres portuguesas e a Guerra Colonial”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (Online), 68. Disponível em: <http://rccs.revues.org/1076>. Sobre as vivências de mulheres de oficiais e sargentos que os acompanharam na mobilização, ver Carreiras, Maria de Fátima Chaves (2013), *Entre o silêncio e a memória: as mulheres portuguesas que acompanharam os maridos militares na Guerra Colonial*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, ISCTE, (Online). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/6358>.

³⁵⁴ Carta de Amália para Carlos, Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 57, 06.06.1967

³⁵⁵ Carta de Fátima para Francisco, Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 16, 16.04.1968

³⁵⁶ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 1, 22.05.1966.

considera normal “uma moça nova cujo marido vai para África (não importa em que circunstâncias) ficar a maioria das vezes em casa de pessoas de família.”³⁵⁷

Quanto mais instável e precária for a situação de quem fica na Metrópole, maior é o sofrimento associado. É o caso de Francisco e Fátima, casados há dois anos quando ele parte para a Guiné. Fátima tem, nessa altura, 18 anos, é analfabeta, não tem ocupação fixa nem rendimentos, trabalhando esporadicamente no campo. Regressa à casa materna depois de ter vivido com o marido na casa dos sogros. Com o passar do tempo, Francisco vai ter notícias da deterioração das relações entre todos. A família de Francisco obriga Fátima a vestir um casaco escuro em sinal de respeito para com o marido ausente. A mãe de Fátima não gosta e refere que “o povo pinta lho diavo e eu tambem lhe pinto na mesma que tu que não morreste para andar de preto”.³⁵⁸ Comentários e insinuações sobre o comportamento de Fátima surgem na correspondência, levantando suspeitas que encontram eco num meio pequeno como a aldeia em que vivem, onde tudo se sabe, “tudo se importa com a vida alheia”³⁵⁹. O pai de Francisco toma o seu lugar: “não estas aqui tu mas esta aqui o teu pai arreperzentar a tua figura”. Dá-lhe conta do comportamento da mulher:

ela anda na feira no meio das soleteiras a dar opinião ás raparigas e eu berro com ela que tenha vergunha que tem o homem no outramar que fosses as compras e que vá para caza sedo... ela daba bem para senhora quando vieres para abitoares atrabalhar só a poder de poder de porrada.³⁶⁰

Por sua vez, um amigo escreve-lhe e desmente as notícias que lhe chegam sobre o comportamento leviano da mulher:

Amigo precisamente ontem cá estive com a sua senhora e sogra. Desde já lhe digo que é realmente mentira ela ter cortado o cabelo. Ela estendeu-o na minha frente e eu vi realmente que é mentira.³⁶¹

Para as mulheres que ficaram sós na terra, sem noivos ou maridos, sair, cortar o cabelo ou mudar a maneira de vestir sem informar ou pedir autorização nas cartas, pode significar “uma hora má”³⁶². À distância, o cruzamento de notícias de várias fontes pode trazer problemas acrescidos. Francisco recebe cartas aconselhando-o a não ligar às novidades da terra:

³⁵⁷ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 25, 18.01.1970.

³⁵⁸ Carta da sogra para Francisco, Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 2, 23.02.1967.

³⁵⁹ Carta da mãe para Francisco, Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 25, 11.02.1972.

³⁶⁰ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 4, 12.04.1967.

³⁶¹ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 14, 03.02.1968.

³⁶² Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 20.07.1967.

não se rale com o que lhe dizem pois assim mais lhe custa a passar o tempo faça por cumprir ai tudo com calma e juízo para depois vir e então poder fazer a vida normal lutar pela vida, pois ela e toda feita de lutas.³⁶³

O padrinho também recomenda que dê notícias mais assiduamente à sua jovem mulher:

... hoje mesmo a tua mulher veio aqui a minha casa saber se tu me escrevias... sabes que ela é nova e pode perder o juízo eu não sei nada da vossa vida mas faz como quiseres...³⁶⁴

Ao continuado silêncio de Francisco, Fátima responde:

a mês e meio que não tenho carta tua... agora apanhaste ao longe carteira cheia não te emportas de quem cá está tudo cá está baradinho, até as tuas conhadadas disseram que depressa te esqueceste de mim mas deus lá está para mim só são doenças que me caiusas mas paciencia...³⁶⁵

Francisco vai receber uma carta da sogra sobre a situação da mulher:

estamos fartos de lhe dizer a ela que vá pondela quizer quem casa o home que olhe por ela não é só ter burra sem a manter.³⁶⁶

“Ter burra sem a manter” exprime a recusa da mãe em amparar a filha casada que, como nora, também não é sustentada pela família do marido. A crueza destas palavras pode ser compreendida no contexto de um meio rural e pobre onde ficar com uma mulher a cargo e mais uma boca para sustentar é um peso para os familiares. Fátima continuará a escrever cartas queixosas e amargas pela forma como é tratada por todos, lamentando a falta de dinheiro, de trabalho e de saúde. Quer deixar a aldeia e ir viver com um irmão que trabalha na cidade: “se me quiseres deixar ir para lá e contigo quem manda es tu pensa e manda dizer se sim ou não.”³⁶⁷ Francisco manda dizer que não e Fátima fica na terra.

Sufrimento, saudade, doença, violência e miséria vão estar sempre presentes nesta correspondência, da qual está depositada apenas a parte escrita por Fátima que irá emigrar para França com 20 anos de idade, deixando dito que “a mim não me faz diferença deixares de escrever que cartas são papeis o que eu quero e que tu estejas bem e mais a que arranjaste para minha substituta para substituir o meu lugar”.³⁶⁸ E a relação terminou.

Em todos os casos em que há necessidade da convivência entre a mulher que ficou e os familiares, ela vai revelar-se problemática. Os relatos que chegam aos militares revelam a dificuldade das mulheres em manter relações cordiais, embora de obediência e dependência,

³⁶³ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 2, 02.02.1967.

³⁶⁴ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 22, 08.05.1969.

³⁶⁵ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 5, 06.05.1967.

³⁶⁶ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 4, 29.04.1967.

³⁶⁷ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 5, 19.05.1967.

³⁶⁸ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 19, 06.07.1968.

com quem as aloja e quer exercer controle e autoridade. Mostram, também, a vontade expressa de partir para casas que sintam como suas, principalmente se têm filhos, como é o caso de Teresa e Carmo, mulheres de Luís e Mário. Teresa encontrará uma solução prática, arrendando aos pais um apartamento que estes haviam comprado para rendimento. Para Carmo, a mudança revela-se impossível, devido ao preço do aluguer das habitações na cidade do Porto. Rapidamente, o ambiente com a sogra deteriora-se, razão de muita preocupação para o militar:

Fico bastante desanimado com o que se passa aí por casa não à meio de vocês se darem bem, pois olha que já era tempo para isso, e também para o bem de nós todos.³⁶⁹

Carmo inscreve a família no programa de habitação social da câmara municipal. Quer ter uma casa no bairro social, conhecido nas cartas como os “blocos”.³⁷⁰ Anseia por essa independência:

que alegria a minha receber-te só na nossa cozinha, que sonho Mário, quando penso até treme de imossão, mas são todos sonhos, no entanto a Deus nada é impossível.³⁷¹

Para realizar esse sonho,

meti requerimento à câmara, e fui ter com um vizinho que já morou aqui e é lá empregado, pedi-lhe tive que untar as mãos, mas doutra maneira não se consegue nada ³⁷²

“Untar as mãos”, “arranjar uma cunha”, “meter empenhos”, são expressões encontradas nas cartas que significam dar dinheiro ou prestar favores em troca de vantagens, gesto comum numa sociedade onde são reconhecidos e tolerados o nepotismo e o proteccionismo, onde as relações entre pessoas e grupos se organizam, com frequência, de modo informal e onde os serviços públicos não são prestados anonimamente.

Além dos conflitos familiares, a possibilidade daquela que ficou ser substituída por outra é uma das preocupações recorrentes no carteiro amoroso. Namoradas, noivas e mulheres estão conscientes dos efeitos que uma ausência tão longa poderá ter nos homens. Há histórias que se ouvem, rumores, casos conhecidos, notícias que correm depressa:

³⁶⁹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 1, 11.11.1966.

³⁷⁰ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 7, 06.06.1966. No acervo de António aparece, igualmente, a referência aos “blocos” como nome dado à habitação social em bairro específico construído pela câmara municipal. Esses bairros, fugindo à estrutura tradicional do quarteirão, incluíam unidades autónomas de habitação – os blocos – dispostos em torno de uma zona central onde se localizava o comércio e outras infraestruturas urbanas. Por exemplo, Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 70, 02.03.1964.

³⁷¹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 5, 16.03.1968.

³⁷² Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 5, 16.03.1968.

isso aí com a branca ainda continua ó tu pensas que eu não sabia pois assim que mandaste dizer à tia A eu soube logo ³⁷³

não faças como o home da Maria... o ome foi prai e depois amigou-se ai com uma gaja e dizia que era solteiro ³⁷⁴

Como nada pode ser resolvido pessoalmente e de forma rápida surgem, com frequência, equívocos que se tornam difíceis de desfazer, sobretudo quando falamos das relações amorosas. A juventude dos envolvidos e o seu afastamento torna-os particularmente sensíveis à desconfiança. Alguns rompem os compromissos, outros avisam-nas com ameaças: “estouro-te com os miolos”³⁷⁵

Um dia, mais uma vez, as cartas em falta vão chegar e sossegar quem as lê:

as tuas cartas dão-me confiança e uma serteza do teu amor eu quero afastar de mim toudos os pensamentos que escocem o meu espírito ³⁷⁶.

Estes enunciados frequentes tornam, neste aspecto, as cartas muito semelhantes entre si. A expressão da saudade pretende reafirmar a solidez dos sentimentos e reforçar as relações amorosas, as mais sensíveis à distância e a uma ausência tão prolongada. Fazem-se declarações e juras de amor eterno, fundamentais para a tranquilidade de todos:

Às vezes apetece-me escrever a toda a largura da página a palavra amo-te, meter no envelope e pôr no correio ³⁷⁷

nós somos duas almas num corpo só, não somos nada um sem o outro ³⁷⁸

No entanto, com o passar do tempo, vemos surgir na correspondência a falta de assunto que se pode traduzir em cartas mais pequenas ou mais espaçadas onde, por vezes, com sinceridade, se expõe este facto:

Muitas vezes não é não ter vontade de escrever, não é não me lembrar muito de ti... é de facto uma falta total de assuntos, uma impossibilidade crónica de fugir à rotina, um vazio quase total de vida.³⁷⁹

...está a custar-me escrever-te porque não tenho assunto.³⁸⁰

³⁷³ Carta de Elisa para Carlos, Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 45, 21.07.1966.

³⁷⁴ Carta de Fátima a Francisco, Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 2, 01.02.1967.

³⁷⁵ Carta de Mário para Carmos, Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 25.11.1967.

³⁷⁶ Carta de Amália para Carlos, Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 55, 25.04.1967.

³⁷⁷ Carta de Luís à mulher, Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 40, 24.08.1971.

³⁷⁸ Carta de Amália para Carlos, Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 57, 14.06.1967.

³⁷⁹ Carta de Luís à mulher, Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 40, 24.08.1971.

³⁸⁰ Carta de Amália para Carlos, Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 56, 19.05.1967.

Agora não sei o que te mandar dizer porque não me lembro de mais nada mas vou fazendo um esforço.³⁸¹

Por cá tudo na mesma.... nada há para te dizer ³⁸²

Apesar da falta de assunto, mantém-se a necessidade de receber cartas, como refere Luís à mulher, pedindo-lhe que escreva:

Tu escreves sempre um pouco a despachar e não me dizes quase nada daquilo que se passa contigo. Lembra-te que eu estando separado de ti qualquer pormenor por insignificante que pareça, para mim adquire uma importância muito grande.³⁸³

Antes de partir e para escapar a este “vazio quase total de vida”, que pressentem ou de que já ouviram falar por outros que já foram e regressaram, alguns militares oficializam noivados, às vezes com namoradas recentes, que ainda não conhecem bem, apresentando-as às mães que vão intermediar uma relação, a qual, nalguns casos, ultrapassará o tempo da mobilização. Será assim com a mãe e a noiva de António que, desde a sua partida, irão passar muito tempo juntas, principalmente aos fins de semana, em missas e procissões, vendo televisão, a escrever e a ler cartas, costurando e cozinhando, por vezes indo ao café, acompanhadas pelo pai ou o irmão dele. Noiva e futura sogra preferem a igreja aos bailes e fazem promessas pelo bom regresso do militar. A mãe reconhece neste recolhimento que “parecemos umas velhas” ³⁸⁴ mas “não é assim fácil esquecermo-nos de ti” ³⁸⁵

Além de oficializarem noivados, há militares que se apressam a casar antes de partir. Esta pressa pode ser motivo de preocupação para as famílias. Amália vê a irmã casar-se “com 17 anos apenas e daqui a pouco com um filho e com o marido na tropa, eles terão que sofrer as consequências das suas loucuras.” ³⁸⁶

Este desejo de casar antes da mobilização, para tornar definitiva uma relação amorosa, aparece em cartas de outros acervos, conforme conta uma amiga a Carlos:

o meu rapaz quer casar antes de ir para fora só tenho 16 anos o ano que vem no mês de Junho tira as sortes vê lá tu se ele não é parvo.³⁸⁷

Tirar as sortes significava dar o nome para a inspecção militar. A inevitabilidade de uma ausência prolongada devido à guerra pode levar a por em causa a ideia de casar antes de

³⁸¹ Carta de Lucinda a Carlos, Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 66, 05.12.1966.

³⁸² Carta de Vítor à mulher, Fundo R85, caixa 63, série 1, documento 2, 03.10.1961.

³⁸³ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 28, 04.07.1970

³⁸⁴ Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 38, 14.04.1964

³⁸⁵ Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 41, 18.09.1964

³⁸⁶ Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 60, 04.09.1967

³⁸⁷ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 69, 14.12.1967

partir: “fiz-lhe ver certas coisas e ele então compreendeu e desistiu da ideia.”³⁸⁸ Alguns meses depois, o namoro termina sem casamento.

Nestes acervos, para lá da família, noivas, namoradas e amigos, podemos registar a presença de madrinhas de guerra nos acervos de José, Carlos e Francisco. Este carteiro, na maioria dos casos com mulheres desconhecidas, desempenhou um papel de grande importância na rotina dos homens mobilizados, ajudando-os “a passar este tempo que para nos é nos muito amargo”.³⁸⁹ O contacto das madrinhas chega através de anúncios em revistas e jornais e através do MNF, de namoradas de amigos ou de camaradas de armas.

José recebe o endereço de uma rapariga através de um amigo. Na primeira carta apresenta-se:

sou um soldado Português que me encontro nestas circunstâncias, e como eu me encontro nesta triste vida e fui sabedor do seu indireção, por um colega meu! e então como todos os soldados gostão de ter uma madrinha de guerra... para nos dar um auxílio moral. Pois como a menina save eu também a queria convidar para minha madrinha de guerra, esta de acordo? A menina não qualcula o prazer que me podia dar se me foce a seite este meu pedido. Bom eu julgo ser atendido. A menina não hade ter a sim um coração para se recusar duma coisa destas, pois que é de muito respeito, como vê se a gente não tem com quem se corresponder então lhe custa muito mais passar este tempo que para nos é nos muito amargo vasta-nos estar longe das nossas famílias e andarmos por aqui aos tombos do mundo, mas o remédio é termos que sofrer e levar este por o melhor, mas para isso temos que ter com quem passar um bocado de tempo e pedir a Deus por nós.

Pois a menina escusa de ter grande dificuldade em se corresponder com um afilhado de guerra. É só escrever e contarmos umas coisas da nossa vida, e eu da minha já não tenho pouco para contar, pois que já me encontro no Norte de Angola há 16 meses e sempre no mato; e por isso mesmo é que eu gostaba de me escrever com a menina para ver se este tempo se passa mais depreça.³⁹⁰

De seguida, José descreve-se fisicamente:

³⁸⁸ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 70, 05.01.1968

³⁸⁹ Fundo R11, caixa 16, série 3, documento 32, 06.11.1962. A ideia de constituir um grupo de mulheres, as madrinhas de guerra, que pudessem corresponder-se com os militares com o objectivo de aliviar a solidão em que se encontravam, foi recuperada pelo MNF a partir de uma experiência semelhante que ocorreu durante a I Guerra. Entre 1914 e 1918, o papel destas madrinhas foi de extrema importância no acompanhamento moral dos soldados e suas famílias. Durante a guerra colonial, o primeiro apoio à angariação das madrinhas de guerra coube à revista Eva e ao Diário Popular. Sobre este assunto ver Martins, Fernando (2011), “Amor em Tempo de Guerra: As ‘madrinhas de Guerra’ no contexto da guerra colonial portuguesa (1961-1974)”, *Historiae*, (Online), 2 (2) pp.65-74. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/8306> .

³⁹⁰ Fundo R11, caixa 16, série 3, documento 32, 06.11.1962.

nada entreçara á menina mas já fica com uma ideia ... sou um rapaz solteiro sem comprímicio, cabelos pretos e olhos castanhos 1 metro e 70 de altura, e peso 75 quilos e rosto normal.³⁹¹

Não há no acervo depositado notícias de qualquer resposta desta desconhecida. José continuará a conseguir contactos e a escrever a outras raparigas. Relacionar-se por correspondência com alguém que não se conhece pode ser a solução encontrada para minorar a solidão. Nalguns casos existe a resposta:

Sr. José, recebi hoje uma carta vinda dai de Angola, não sei de quem. Vejo que me vem dirijida da sua pessoa segundo o que o senhor me diz. Lamento muito, e, desconheço que o senhor tenha o atrevimento de se dirigir assim a uma pessoa que não conhece, mas como se trata de um pedido caritativo, eu teria ou melhor ficava com remorso se lhe não respondesse. ... Olhe eu afilhado já tenho um, mais uma razão de que não posso ser sua madrinha.³⁹²

José insiste, desta vez pedindo-lhe namoro ao que a rapariga responde:

sou uma rapariga séria. (...) não deve querer o meu prejuízo. Se é para ser sério está bem e se é para brincar não sou menina de brincadeiras. (...) repito aceitando-lhe namoro se for para sério...³⁹³

Neste caso, a mãe da rapariga intercetou a carta de José e não gostou: "... ela cá chegou mas deram-na á minha mãe onde ela se emcheu de ralhar comigo por eu dar léria a um rapaz que não sei onde ele pendura o pote"³⁹⁴. Esta expressão, "dar léria a um rapaz que não sei onde pendura o pote", que significa desconhecer as posses e os bens do rapaz que lhe escreve, impediu a continuação do carteiro.

As raparigas mais jovens, para além de estarem sob maior vigilância das mães, também não gostam de esperar tanto tempo:

Diz o José uma rapariga quando aceita namoro a um rapaz é para lhe guardar respeito e é sou de acordo que sim mas muito tempo torna-se aborreçido porque é a mocidade que vai passando³⁹⁵

Esta reticência em namorar quem está longe aparece também neste acervo pela mão de outra correspondente:

eu estar a namorar com um rapaz loije de mim nunca gostei e por isso tenho muita pena de não te dizer que sim mais nesta não te posso atender³⁹⁶

José volta a insistir nas cartas seguintes mas a resposta é sempre a mesma. No regresso, falarão. A rapariga acabará por aceitar o pedido: "não é muito de bontade mais lá vai já estou a

³⁹¹ Fundo R11, caixa 16, série 3, documento 32, 06.11.1962.

³⁹² Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 9, 21.03.1962

³⁹³ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 11, 13.05.1962

³⁹⁴ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 11, 29.05.1962.

³⁹⁵ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 12, 24.06.1962

³⁹⁶ FundoR11, caixa 16, série 1, documento 16, 04.10.1962

ficar chatiada com tanto pedir...³⁹⁷ Nestes dois casos as cartas terminam sem que as relações evoluam. José continuou à procura de correspondentes havendo no seu acervo sete tentativas de troca de correspondência com desconhecidas.

Nos acervos de Francisco e Carlos há madrinhas de guerra de nacionalidade espanhola provavelmente desconhecidas, sendo reduzido o número de cartas trocadas.³⁹⁸ Por vezes, as madrinhas são já do conhecimento dos militares ou das suas famílias, sendo da mesma terra, de uma aldeia vizinha ou do mesmo bairro, quando se trata da cidade. Outras vezes, são as raparigas que querem encontrar um rapaz para escrever, como pede uma madrinha de guerra a Carlos: “Olha tenho uma moça amiga que queria corresponder-se com um moço daí, mas que seja estudante, és capaz de arranjar?”³⁹⁹

Carlos tem no seu acervo correspondência com nove madrinhas de guerra. São geralmente muito jovens. Lucinda, por exemplo, tem 15 anos e é irmã de um amigo de Carlos, também mobilizado. Vão escrever-se com cerimónia durante toda a comissão militar, provavelmente devido ao facto de Carlos ser amigo do irmão. A rapariga faz eco das preocupações do seu tempo, das dificuldades da vida e dos problemas associados ao namoro. Considera Carlos o seu melhor amigo, “apesar de não te conhecer pessoalmente”⁴⁰⁰.

Para conseguir mais madrinhas de guerra, Carlos publica um anúncio na revista *Plateia*⁴⁰¹, facto bastante comum na altura. Vai receber inúmeras respostas que farão dele o militar com mais correspondentes. Marta, por exemplo, tem 14 anos, é estudante e quer saber “para que fins deseja correspondência”, pedindo ao militar desconhecido para falar “de si dizendo quais os seus traços físicos”⁴⁰². Este pedido é comum em quem não se conhece e dá lugar à fantasia: “estou a imaginar-te um rapaz alto, magro e giro, quando cá no Bairro andares comigo, fica toda a malta com ciúmes.”⁴⁰³ Pedem e enviam fotografias. Decorrido algum tempo e conversa, a correspondência entre militares e raparigas aproximadamente da mesma idade leva a outros temas que sugerem a necessidade e importância de uma ligação afetiva para quem está longe. Querem saber o que cada um pensa do amor e se estão apaixonados:

³⁹⁷ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 19, 25.01.1963

³⁹⁸ São falados entre os militares casos de camaradas que se corresponderam com mulheres espanholas durante a guerra, acabando alguns por casar com as suas correspondentes.

³⁹⁹ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 66, 18.01.1966.

⁴⁰⁰ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 30.04.1967.

⁴⁰¹ A revista *Plateia* foi lançada em 1951, designando-se como *Revista Semanal de Espectáculos*. A sua publicação terminou em 1986. Durante as duas primeiras décadas teve grande sucesso ao publicar notícias do mundo do cinema, televisão, música e entretenimento, apresentando estrelas internacionais e nacionais.

⁴⁰² Fundo R71, caixa 58, série 8, documento 75, 01.11.1966.

⁴⁰³ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 70, 20.01.1968.

não namoro.... Que penso do amor?! Quando é sincero é verdadeiro é bom, maravilhoso, gostava de poder defeni-lo mas uma razão é simples o papel não o permite. (...) Então e vo-me-cê namora? (...) envio-te um abraço e anciedade de conhecer-te pessoalmente tua amiga São ⁴⁰⁴

Nas cartas falam das suas ocupações, da música que gostam e dos divertimentos. Fazem declarações de princípios para se dar a conhecer, como Filomena ao escrever para o seu “jovem afilhado”:

Gosto da sinceridade, boa camaradagem, gosto de flores, do campo, não desgosto da Praia.... Adoro a solidão, a escuridão, o futuro não me assusta... Sou muito orgulhosa, muito rebelde, 50% romântica... Detesto a hipocrisia, a falta de sinceridade e má camaradagem, o boato, sardinhas assadas, a vaidade em demasia, etc. (...) com o tempo aprenderás a conhecer a Tua Madrinha, que apesar de tudo tem bom coração.

Termina a carta com “um cordial aperto de mão”⁴⁰⁵, desejando-lhe felicidades. Na carta seguinte, Carlos irá perguntar-lhe se tem namoro ao que Filomena responderá: “já há dois anos e tal. Meu noivo chegou na sexta feira da guiné. Estou radiante....”⁴⁰⁶ E a correspondência ficará por aí.

Durante a mobilização, Carlos irá envolver-se num carteio intenso e pleno de alusões para o futuro com algumas das suas madrinhas de guerra desconhecidas. Adélia, por exemplo, responde às questões de Carlos:

não fiquei aborrecida é natural que queiras saber quem sou. Todo aquele rapaz que se corresponde com uma moça que não conheça é justo que queira saber quem é ⁴⁰⁷

Trocam-se mais cartas:

Quanto ao dizeres que estás apaixonado por mim não sei, nem me conheces podes apanhar uma decepção se me conheceres pessoalmente. Sou-te sincera acima de tudo sinto por ti realmente uma verdadeira amizade nada posso dizer mais porque não te conheço e se Deus quiser quando voltares à Metrópole e me conheceres falaremos no caso não achas? Deves de compreender sou nova tenho apenas 17 anos, preciso de estudar, sabes que namorei sem consentimento de minha mãe e quando tornar a namorar quero que seja com ordem, para andar às escondidas não sirvo.⁴⁰⁸

À sua sugestão para uma possível ligação afectiva, Adélia responde:

⁴⁰⁴ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 70, 11.01.1968.

⁴⁰⁵ Fundo R71, caixa 56, série 4, documento 27, 26.08.1965.

⁴⁰⁶ Fundo R71, caixa 56, série 4, documento 27, 21.10.1965.

⁴⁰⁷ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 66, 29.11.1966.

⁴⁰⁸ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 05.01.1967.

Acredito que na vida tudo seja possível, mas parece-me impossível nós amarmo-nos sem nos conhecer-mos, existir amizade, acredito.... lembra-te que sou ainda muito nova.⁴⁰⁹

Quanto ao namoro, “sem o consentimento de minha mãe não quero.”⁴¹⁰

Carlos veio a conhecer pessoalmente algumas das madrinhas de guerra com quem se correspondeu, mantendo raras amizades para lá da mobilização militar, conforme relata em cartas escritas a amigos algum tempo depois do regresso. Nem sempre “essa correspondência levam-nos a ganhar amor a essa pessoa”⁴¹¹, como constatou um dia a sua namorada Elisa, embora, como refere Fernando Martins, “através de cartas e aerogramas, jovens militares, oficiais, sargentos e praças trocaram correspondência com mulheres de diversas idades e grupos sociais, cumprindo fria ou emotivamente formalidades que não poucas vezes redundaram em matrimónios.”⁴¹²

“Ganhar amor a essa pessoa” será o que vai acontecer a José que, de Angola, escreve a Olívia, rapariga de 20 anos que apenas conhece de vista mas a quem pede para ser sua madrinha de guerra. Ela aceita e irão escrever-se até ao final da mobilização militar de José. Veremos nas cartas trocadas o desenvolvimento de uma relação cerimoniosa que se inicia com o tratamento por você e onde se confessa o desconhecimento mútuo:

se quer que lhe diga nem sei o que lhe eide mandar dizer na minha carta: bom mas sempre lhe vou dar resposta as suas proguntas que me fazia! pois é por isso mesmo que nós nos escrevemos, não é verdade?⁴¹³

José dirige-se-lhe com respeito embora refira que “a não pode esquecer nem so um momento”⁴¹⁴ e recorda a primeira vez que a viu em que “fui logo sabedor a quem pertencia”.⁴¹⁵ Com o tempo e a troca de cartas vai crescendo a ousadia. Três meses depois da primeira carta, por altura do Natal, José pede-lhe namoro mas Olívia está reticente: “vou pensar sabe isto de estar ai outro aqui é sempre mau eu fiquei cheia com o primeiro que tive...”⁴¹⁶ Ao fim de algum tempo a resposta chega positiva: “de hoje para o futuro ficamo-nos a corresponder

⁴⁰⁹ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 70, 12.01.1968.

⁴¹⁰ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 66, 18.01.1966.

⁴¹¹ Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 54, 06.03.1967.

⁴¹² Martins, Fernando (2011), “Amor em Tempo de Guerra: As ‘madrinhas de Guerra’ no contexto da guerra colonial portuguesa (1961-1974)”, *Historiae*, (Online), 2 (2), p.85.

⁴¹³ Carta de José para Olívia, Fundo R11, caixa 16, série 2, documento 26, 23.10.1962.

⁴¹⁴ Fundo R11, caixa 16, série 2, documento 26, 23.10.1962.

⁴¹⁵ Fundo R11, caixa 16, série 2, documento 26, 01.12.1962. Esta expressão significa indagar qual é a família da rapariga.

⁴¹⁶ Olívia terá tido outro correspondente mobilizado em África, como irá referir por mais de uma vez. Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 18, 08.12.1962.

de amor como você mandava dizer.”⁴¹⁷ José fica surpreendido mas feliz: “eu sou o que sou, mas tenho a certeza que nunca há-de ter o que dizer de mim! a sim você saiva estimar um namoro, que eu a saberei estimar a si.”⁴¹⁸ Nas cartas seguintes vão estabelecer princípios para o futuro, dando a saber um ao outro o acordo dos familiares que, entretanto, tomaram conhecimento do namoro. É o momento de José perguntar

se eu sou ao seu agrado. Pois como eu vi na sua carta que havia de arranjar um rapaz aos seus gostos e eu isso acho bem você arranjar um rapaz que o seu coração adore, olhe eu também digo o mesmo e de facto é uma rapariga ao meu gosto. Agora quando me der resposta desta diga-me o que o seu coração sente, eu da minha parte nunca gostei de trazer ninguém enganado ⁴¹⁹

Olívia responde desfazendo a ideia de que anda a brincar com os sentimentos de José:

eu já tenho pensar de mulher.... um dia quando você vier depois é que havemos de ter oportunidade para nos conhecermos e nos adaptarmo-nos ao feitio um do outro isto é mesmo assim....⁴²⁰

José faz notar que “como save eu quando for da qui vou com 23 anos e você pouco menos deve ter porisso estamos em tempo de prepararmos uma vida não só corporal como também espiritual.” Esta ideia de futuro leva José a propor, sempre de forma cerimoniosa, o tratamento por tu, tendo em atenção o facto de já se namorarem há uns meses e de progressivamente terem mais confiança um no outro:

Eu sem a sua autorização não o quero fazer mas eu acho que para nós ficava-nos mais bonito e até mais conveniente.... para mim dava-me mais animo na vida, e talvez o nosso amor aomentace ⁴²¹

Olívia autoriza o tratamento por tu e continua a pensar no regresso e vida futura. José quer aproveitar o tempo que têm à sua frente:

quando eu ai chegar irmos dar todos uns balentes passeios e gosarmos um pouco a nossa mocidade, o menos eu que estou cá a passar o melhor tempo da minha vida mas se Deus quizer já falta pouco tempo.⁴²²

Olívia concorda e espera que ele venha a tempo de ir com ela ao S. João: “temos de aproveitar a gozar porque estamos os dois jovens na idade de gozar.”⁴²³ José regressou mais cedo do que o seu batalhão, por motivo de doença que superou, e terá casado com Olívia.

⁴¹⁷ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 18, 16.01.1963.

⁴¹⁸ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 19, 29.01.1963.

⁴¹⁹ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 20, 14.02.1963.

⁴²⁰ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 20, 20.02.1963.

⁴²¹ Fundo R11, caixa 16, série 2, documento 28, 19.03.1963.

⁴²² Fundo R11, caixa 16, série 2, documento 29, 02.04.1963.

⁴²³ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 22, 20.04.1963.

I.3 “A TUA FOTOGRAFIA ESTÁ EM TODOS OS CANTOS DA CASA”⁴²⁴

Para lá das cartas, o constante trânsito de fotografias e, nalguns casos raros, de filmes⁴²⁵ significa um atestado de vida e saúde que traz felicidade a quem recebe: “tu meu amor não calculas a minha alegria quando ábro as cartas e vejo que tem retratos”⁴²⁶. As imagens dos ausentes contribuem para reavivar a memória de quem partiu, pois, “os olhos querem ver o que o coração não esquece”⁴²⁷. Rosa, noiva de António, vai aos fins de semana à casa da futura sogra e confessa que “estivemos todos a jantar com a tua fotografia em cima da mesa.”⁴²⁸

As imagens que chegam dão conta das mudanças ocorridas ao longo do tempo sendo, quase sempre, vistas com agrado. António envia algumas imagens à mãe, tranquilizando-a: “veja como eu estou bem... como estou gordo”⁴²⁹. A noiva de Manuel comenta com malícia as fotos recebidas: “tu estás muito gordo e muito bem tens umas pernas tão jeitosas que se eu pudesse dava-te uma ferradela”⁴³⁰.

Às vezes, as imagens são motivo de preocupação. A mãe de Carlos recebe uma fotografia do filho, fardado de paraquedista. O primo aconselha-o a escolher melhor o que a ela se destina, dando-lhe conta da reação ansiosa da mãe ao vê-lo “todo rasgado e com uma expressão que até pareces um facínora, e não o homem civilizado como tu és.”⁴³¹ Carlos apressa-se a tranquilizar a mãe:

A mãe dizia-me que na minha foto eu tinha os olhos esquesitos isso era do calor e de vir muito cansado e também é preciso estar sempre a fancos com os senhores pois ainda não perdi a esperança de cortar a orelha a um.⁴³²

Praticamente todos os acervos depositados têm fotografias, incluindo os que não possuem correspondência e que neste trabalho não são considerados. Ao verificarmos os seus motivos e enquadramentos ficamos surpreendidos com a semelhança encontrada em todos os

⁴²⁴ Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 36, 11.02.1964.

⁴²⁵ O acervo de Luís é o único que contém referências à utilização de filmes domésticos feitos em África e na Metrópole. Fundo R2.

⁴²⁶ Carta de Olívia para Manuel, Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 1, 02.07.1964

⁴²⁷ Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 56, 16.05.1967.

⁴²⁸ Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 38, 19.04.1964.

⁴²⁹ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 6, 25.10.1963.

⁴³⁰ Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 1, 02.07.1964.

⁴³¹ Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 25, 05.01.1967.

⁴³² Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 5, 16.02.1967.

álbuns.⁴³³ Na quase totalidade são pequenas ampliações a preto e branco onde vemos os militares em pose, por regra fardados e armados. Perto do final da guerra começam a aparecer fotografias a cores. Há imagens de grupo, podendo incluir alguns civis. Há outras em que os militares têm ao colo macacos ou apresentam peças de caça como palancas ou cabras do mato. Há fotos de mulheres nativas, dos seus penteados, adornos e trajés, por vezes com os seios nus. Há algumas imagens dos aquartelamentos, das aldeias e também dos caminhos, picadas e rios. Os militares olham para a câmara fotográfica, sorriem, estão a beber cerveja, a jogar às cartas ou à bola. São raros os motivos relacionados com a guerra havendo, por vezes, algumas fotografias de veículos muito utilizados pelas forças armadas para circulação em todo o terreno, os Unimogs, parcialmente destruídos pelo rebentamento de minas ou por

⁴³³ Até recentemente, não havia em Portugal estudos sobre fotografia relativa ao Império português e, mais especificamente, à guerra colonial. Para lá do caso de Jill Dias que se debruçou sobre fontes fotográficas disponíveis para a história do império entre 1870 e 1914, só recentemente têm sido desenvolvidos estudos consistentes nesta área. Dias, Jill R. (1991), “Photographic Sources for the History of Portuguese-Speaking Africa, 1870-1914”, *History in Africa*, 18, pp.67-82. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3172054>. Em 2002 surgiu o ensaio crítico de Paulo de Medeiros sobre fotografia da guerra colonial. Este autor relaciona os aspetos éticos e estéticos das imagens, algo que marca impressivamente a fotografia de guerra, tendo em atenção conjuntos publicados de imagens e fotos. Medeiros, Paulo de (2002), “War Pics: Photographic Representations of the Colonial War”, *Luso-Brazilian Review*, 39, (2), Special Issue: Portuguese Cultural Studies, pp.91-106; disponível em <http://www.jstor.org/stable/3513788>. Em 2014, foi publicada uma obra pioneira que abre perspetivas futuras em relação à fotografia do Império, em geral, e da guerra, em particular, cuja importância é inegável se considerarmos a existência de inúmeros álbuns privados, verdadeiras séries de imagens dos 13 anos do conflito feitas por gente comum que esteve mobilizada em África, a juntar às imagens captadas por fotógrafos que acompanharam as manobras militares, entre muitas outras. Esta obra colige os resultados de um projeto de investigação financiado pela FCT e coordenado por Filipa Lowndes Vicente denominado “Conhecimento e Visão: fotografia no Arquivo e no Museu Colonial Português (1850-1950)”. Vicente, Filipa Lowndes (2014) (Org.), *O Império da Visão. Fotografia no contexto colonial Português (1860-1960)*, Lisboa, Edições 70. O site associado ao projeto está disponível em: <http://www.fotografiacolonial.ics.ulisboa.pt/bibliografia.html> e contém extensa bibliografia sobre este assunto. Entre inúmeras possibilidades, o estudo da fotografia, no seu detalhe e entrelinhas, colocada nos seus contextos – político, cultural, social – pode contribuir para a compreensão do modo como os militares representaram a realidade em que se encontravam. Sobre a utilização das imagens em História ver, nomeadamente, Burke, Peter (2007), *Eyewitnessing, The Uses of Images as Historical Evidence*, London, Reaktion Books. Sobre o significado das imagens e da sua difusão ver, também, os ensaios de Sontag, Susan (1979), *On Photography*, London, Penguin Books e Sontag, Susan (2003), *Regarding the pain of others*, London, Penguin Books. Ver também o ensaio crítico de Paulo de Medeiros sobre fotografia da guerra colonial.

acidentes que ocorriam com frequência.⁴³⁴ Juntamente com estas fotografias circulam postais que são quase sempre a cores, das cidades de Luanda, Lourenço Marques, Beira, Nova Lisboa e Luso, entre as mais frequentes.

Os militares pedem e recebem fotografias da família, das noivas e namoradas. Em África, as fotografias recebidas, tal como as cartas, lembram a saudade da casa que se deixou, como escreve Luís à mulher: “Todos os dias esfolhei-o o álbum de fotografias e recordo a minha querida família. Não me capacito da realidade.”⁴³⁵

Na Metrópole, as fotografias são espalhadas pela sala e pelo quarto, como confessa a mãe de António: “Meu filho todos os dias não me deito sem olhar para a tua fotografia que está à cabeceira da cama”.⁴³⁶ A noiva usa-a na carteira: “é ali que trago a tua fotografia em que tú estás a escrever com a minha fotografia a teu lado.”⁴³⁷ Elisa, namorada de Carlos, dorme com a fotografia do militar debaixo da almofada.⁴³⁸ Algumas vezes são trazidas ao peito, inseridas numa pequena jóia a que chamam *esmalte*. São os casos da noiva de Manuel, da mãe de António e da mulher de Francisco. Fátima pede-lhe uma fotografia:

muito bem tirada com gorvata em cabeça e o cabê-lo penteado para traz se poder ser em ponto grande se não mesmo em ponto pequeno para por só no esmalte⁴³⁹

Carlos deixou na terra muitos amigos, a quem manda fotos. Mandam ampliar e expõem no café principal, “para a malta matar saudades!”⁴⁴⁰. Ao entrar no café, o irmão mais novo de Carlos “quando viu a tua fotografia desatou a chorar”⁴⁴¹.

A presença de um “retratista” é mencionada com frequência, alguém que vai às terras para fotografar quem precisa:

tinha cá mandado vir a retratista de Vilar mas ela não apareceu...como sabes aqui é uma terra que não à aparece aqui nada...⁴⁴²

⁴³⁴ É preciso notar que o facto de haver nestes álbuns poucas imagens relacionadas com a situação concreta da guerra não significa que elas não existam, pelo contrário. Nos últimos tempos têm começado a aparecer nos blogues criados e participados pelos ex-combatentes.

⁴³⁵ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 26, 29.05.1970.

⁴³⁶ Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 31, 12.09.1963.

⁴³⁷ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 94, 28.02.1964.

⁴³⁸ Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 45, 13.07.1966.

⁴³⁹ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 9, 21.09.1967.

⁴⁴⁰ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 66, 27.08.1966.

⁴⁴¹ Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 12, 06.10.1966.

⁴⁴² Carta da mãe para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 11, 07.05.1962.

Tio desculpa a foto ir muito clara porque a fotografa não tá muito apta ao trabalho e pôs a maquina ao sol e desculpa tio avó não está tam velha como está na fetografia ficamos todos muito mal mas vou tirar mais para lhe mandar ⁴⁴³

As fotografias dos filhos alegram e consolam as mães, sempre ansiosas:

não sabes a alegria que eu tive quando olhei para a tua fotografia estou a beijá-la todos os dias lembrando-me que te stou a beijar a ti próprio ⁴⁴⁴

Escrever a olhar para as fotografias é comum nos dois lados da separação:

como a vossa falta me faz passar horas amargas o meu maior conforto é ver fotografias e escrever não é o muito que tenho para te dizer mas a escrever-te é o mesmo para mim que estou a falar contigo e com a nossa tão querida filha. ⁴⁴⁵

A referência aos filhos é feita nestes acervos por Vítor, Luís e Mário, que os deixaram em casa ainda pequenos. São poucas as missivas escritas e depositadas por Vítor. Dirigidas à mulher na altura do regresso, o militar manda saudades para a “joinha pequena”, preocupado com a saúde da criança que teve “bexigas”. ⁴⁴⁶

Luís parte para a segunda comissão em Moçambique, separando-se de uma menina, então com cinco meses. Envia fotografias para a ajudar a recordar o pai ausente e evitar tornar-se “o desconhecido” ⁴⁴⁷.

A Ana gostou muito da tua fotografia e riu-se às gargalhadas por causa do teu bigode. Por acaso estava cá o meu pai, e ela foi logo a correr direita a ele mostrar a foto e a dizer “olha vô, o bigode lindinho do pai, que gilho, o pai com bigode”! ⁴⁴⁸

Luís exprime o receio de estar a perder o crescimento da filha:

não espera por mim, vai crescendo e eu já não a volto a ver tão querida pequenina como quando a deixei.... Fala-lhe em mim. Dá-lhe beijinhos por mim. ⁴⁴⁹

Faz perguntas:

tem ido à praia? Já lhe nasceu algum dente? Já engatinha? Já foste outra vez ao médico? ⁴⁵⁰

Imaginar a mulher e a filha ajuda Luís a mitigar as saudades e a tristeza de não estar presente:

⁴⁴³ Carta de sobrinha para Carlos, Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 21, 14.03.1968.

⁴⁴⁴ Carta da mãe para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 18, 18.12.1962.

⁴⁴⁵ Carta de Mário para Carmo, Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 23.01.1968.

⁴⁴⁶ Respectivamente, Fundo R85, caixa 63, série 1, documento 2, 30.05.1961 e documento 3, 20.01.1962.

⁴⁴⁷ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 41, 01.09.1971.

⁴⁴⁸ Fundo R2, caixa 11, série 2, documento 105, 27.04.1972.

⁴⁴⁹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 26, 24.05.1970.

⁴⁵⁰ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 26, 21.07.1970.

Como sei as horas em que lhe dás as refeições penso nas duas – nessa altura – ao mesmo tempo.⁴⁵¹

Educar um filho à distância é um dos principais deveres que os militares querem continuar a cumprir. Mas as dificuldades desta educação diferida fazem-se sentir na correspondência. Da casa de Luís chegam queixas:

cada vez está mais peste.... Agora aprendeu a dizer “má”, de maneira que quando as coisas não lhe correm bem, desata a berrar... e nunca mais se cala. Põe a cabeça doida às pessoas, é de fugir!⁴⁵²

Também Mário deixou em casa uma filha com um ano de idade. Nas cartas pergunta:

Como está a menina pergunta por mim? ⁴⁵³

A mãe vai relatando as graças da filha juntamente com queixas sobre o seu comportamento. Mário responde com conselhos e ordens:

Com respeito á nossa tão querida e estimada filha, não lhe olhes para a pele; não a deiches abusar, que eu dar-lhe-ei os retoques finais ⁴⁵⁴

então está-se a pôr fidalga? Tem que comer de tudo que a vida não está para bifos todos os dias ⁴⁵⁵
não a deixes abusar, dá-lhe muito pouca rua ⁴⁵⁶

isso de ela ter muita liberdade na língua é da liberdade que lhe dáis a ouvir todas as conversas, e depois, claro é o que se vê tem graça, claro, isso do balé? Primeiro estão os estudos que é o principal e no liceu aprenderá balé ⁴⁵⁷

No dia do seu aniversário, Mário vai receber uma fotografia da menina com uma boneca ao colo⁴⁵⁸ e, talvez, suavizar a inquietação desta paternidade exercida a longa distância.

I.4 “SE SOUBERES NOVIDADES MANDA DIZER QUE EU GOSTO DE SABER”⁴⁵⁹

Para lá da ausência e da saudade vivenciadas através do correio, intimamente ligadas ao passar do tempo, a correspondência presente nestes acervos dá a ver o desenrolar minucioso

⁴⁵¹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 26, 21.05.1970.

⁴⁵² Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 51, s/data.

⁴⁵³ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 16.02.1967.

⁴⁵⁴ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 22.03.1968.

⁴⁵⁵ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 12.03.1967.

⁴⁵⁶ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 26.03.1967.

⁴⁵⁷ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 4, 17.01.1968.

⁴⁵⁸ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 7, 22.03.1969.

⁴⁵⁹ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 19, 07.01.1963.

da vida individual e da vida da comunidade a que se pertence. São um rosário de descrições detalhadas do dia-a-dia que relembram a vida anterior, com os seus ritmos e usos conhecidos. Estas cartas, “rassurant et stabilisant que le tic-tac des horloges”⁴⁶⁰, revelam-se de extrema importância para ajudar os militares a suportar o tempo e a “sensação de isolamento e abandono”⁴⁶¹ em que se encontram, como as descreve Luís numa carta dirigida à mulher: “Meio ano seguido metido num ‘buraco’ onde não há nada que lembre a civilização é algo de difícil (penso eu) de suportar.”⁴⁶²

A narração detalhada do que vai sucedendo vai incluir os militares naquilo que Litoff e Smith chamam “the mainstream events”⁴⁶³, colocando-os a par da vida que corre, mantendo desta forma a sua inserção no grupo social a que pertencem, apesar do adiamento dessa vida em comum. As cartas trazem notícias de nascimentos e mortes, de doenças e brigas, de casamentos e divórcios de conhecidos, comparando juntos os relatos dos dias normais com os invulgares, o desgosto com a esperança, a felicidade com a tristeza, a saúde com a doença. E quando nada se passa dizem-no também: “novidades desta terra sempre na mesma não à que contar”⁴⁶⁴.

Parte importante da correspondência é a exposição das rotinas de quem escreve, a exemplo desta carta de Amália para Carlos:

vou fazer-te um resumo do meu domingo levantei-me eram dez horas ajudei a arrumar a casa e ajudei a fazer o almoço. depois quando eram quase 13 horas fomos até Aldeia-Gavinha, quando eram 14h10m estávamos no Fruta-Cores a tomar café de onde saímos algum tempo depois, fomos até minha casa voltamos de novo...⁴⁶⁵

A descrição vai continuar até ao momento em que se encontra a escrever, nalguns casos trazendo reminiscências de momentos vividos em comum, como o faz Rosa com frequência:

são precisamente onze horas e um quarto tenho a tua fotografia em frente a mim e estou em cima da máquina naquele sitio a onde alguns Domingos quando vinhas passar os fins de semana quando estavas em Chaves fazia-mos a nossa caixa recordas-te? São bocadinhos que nunca nos podemos esquecer tão agradáveis, recordas-te também quando um dia chagas-te muito massado da viagem

⁴⁶⁰ Ruggiu, François-Joseph (2010), “Les écrits du for privé: une perspective européenne”, em Jean-Pierre Bardet, Elisabeth Arboul e François-Joseph Ruggiu (orgs.), *Les écrits du for privé en Europe, du Moyen Âge à l'époque contemporaine. Enquêtes, Analyses, Publications*, Bordeaux, P. U. Bordeaux, p.15.

⁴⁶¹ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 15, 27.03.1967.

⁴⁶² Carta de Luís para Teresa, Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 37, 24.04.1971.

⁴⁶³ Litoff, Judy Barrett e David C. Smith (1991), *Since You Went Away: World War II, letters from American women on the front*, Oxford, Oxford University Press, p.183.

⁴⁶⁴ Carta de tia para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 14, 01.08.1962.

⁴⁶⁵ Carta de namorada para Carlos, Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 54, 26.03.1967.

e estava muito frio e de tarde tũ vies-te para cá e eu pũs-te uma travesseira e um chale pelas costas e dormis-te assim toda a tarde no sítio que hoje te estou a escrever.⁴⁶⁶

É comum encontrar na correspondência a descrição do local de onde se escreve, geralmente relacionado com espaços de intimidade, mais reservados, exceptuando os casos em que a escrita é delegada. Esta descrição aproxima os ausentes, despertando a imaginação com pormenores sobre o ambiente, a luz e a roupa que se usa. Aparece principalmente na correspondência familiar e amorosa. Rosa, noiva de António, escreve: “são onze horas da noite a minha mãe e a minha irmã já se deitaram estou-te a escrever sentada no nosso sítio com as tuas fotografias diante de mim”⁴⁶⁷. O “nosso sítio” recorda o lugar onde antes namoravam e conversavam.

Surgem relatos de momentos vividos agora como uma recriação de episódios da vida anterior. Aos fins de semana Rosa vai à casa da futura sogra. Descreve com detalhe as refeições: “sabes o que comi amor? Uma coisa que gostas muito batatas fritas e bife”⁴⁶⁸. Por vezes remata, “comi a sopa na tua tijela...”⁴⁶⁹. Este gesto, sentido como uma aproximação, estende-se também à vivência de outros momentos, como os jogos de futebol que Rosa principiou a ouvir após a partida do noivo: “está a dar o relato do Benfica e tu também deves estar a ouvir o relato, manda-me dizer sim amôr?”⁴⁷⁰ António confirma que, mesmo estando no mato, ouve os relatos no aparelho de rádio. À pergunta da mãe, “olha vês daí a Lua eu olho todos os dias para ela e julgo que tu também a vês”, responde confirmando essa ligação oculta que os une no mesmo momento: “quando o céu está descoberto vejo-a, e estou convencido que deve ser a mesma embora cá se veja mais tarde do que aí”⁴⁷¹.

As cartas são, a cada passo, escritas de permeio com tarefas ou refeições, como conta Rosa, aprendiz de costureira: “comecei a escrever-te ao meio-dia mas não acabei estou-te a acabar agora às 7 horas e meia”⁴⁷². Seguidamente irá à casa da mãe de António escrever-lhe a carta para o filho. Ficarà ainda algum tempo a costurar e, por fim, já tarde, serão horas de descansar. Por vezes, a escrita é interrompida e retomada no dia seguinte: “eu estou deitada na cama a escrever já comesei ontem e só oije e que consigo acavar por falta de tempo...”⁴⁷³, conta uma amiga a José. Precariamente alfabetizada e a trabalhar no Porto como “criada de servir”, tem pouco tempo disponível para esta actividade exigente.

⁴⁶⁶ Fundo R72, cixa 60, série 6, documento 95, 29.03.1964.

⁴⁶⁷ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 93, 05.01.1964.

⁴⁶⁸ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 91, 26.11.1963.

⁴⁶⁹ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 92, 02.12.1963.

⁴⁷⁰ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 107, 30.04.1965.

⁴⁷¹ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 6, 08.10.1963.

⁴⁷² Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 107, 30.04.1965.

⁴⁷³ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 19, 08.01.1963.

Nas cartas chegam aos militares as notícias do mundo, às vezes vistas nos jornais, com mais frequência ouvidas na rádio ou a vizinhos e conhecidos. Quando possível são acompanhadas na televisão, o que, no início da guerra, é menos frequente. As emissões regulares da RTP chegam a Portugal em 1957 mas a sua implantação inicial é lenta e a cobertura do território muito escassa. A televisão era vista nos cafés, nas montras das lojas e na casa de conhecidos e vizinhos. Os aparelhos são caros, o que faz com que, no início da guerra, o número de aparelhos registados não chegasse a 50 000.⁴⁷⁴

Ao longo da guerra, veremos surgir na correspondência determinados acontecimentos, talvez os mais noticiados, juntamente com as novidades domésticas e locais às quais se atribui maior importância. É o caso da invasão de Goa pela União Indiana, em 1961, contada desta forma por uma das tias de José:

diz o rádio que os portugueses que não puderam resistir a força que era muito forte aonde morreram rapazes da nossa freguesia tu já deves de saber aí e agora espero que tenhas um Natal feliz...⁴⁷⁵

A visita do Papa Paulo VI a Portugal, em 1967, é outro dos acontecimentos relevantes que aparece nos acervos com correspondência, dessa altura.⁴⁷⁶ Carlos segue a reportagem da chegada do Papa e grande parte da missa celebrada em Fátima no aparelho de rádio do quartel em que se encontra, disso dando conta aos seus.⁴⁷⁷ Na mesma altura e aproximadamente do mesmo local, Luís escreve à namorada de forma diferente, superando a descrição do acontecimento:

Chegaram cá as primeiras imagens da visita do Papa a Portugal. Foi de facto um bom “golpe político”, e ao mesmo tempo uma demonstração teatral da subordinação das massas a elites (neste

⁴⁷⁴ João Alves dos Santos, funcionário número 1 da RTP em 1979, refere numa entrevista dada nesse ano que “Não tinha televisor, eram muito caros na altura. Custavam três contos e duzentos, se não estou em erro. E a televisão vendia aquilo em trinta e seis suaves prestações mensais aos funcionários, mas mesmo assim naquela altura dar 100\$00 ou noventa e tal por mês por um televisor...”. À pergunta acerca do ordenado mensal responde: “um conto e oitocentos.” Além do preço dos aparelhos havia ainda uma taxa de utilização que em 1960, por exemplo, seria, aos preços de hoje, 150€ por ano. Pontes, Joana e António Barreto (2007), *Nós e a Televisão*, documentário, Lisboa, RTP, 07'15 a 07'35.

Sobre o aparecimento da televisão em Portugal, a expansão da cobertura e a programação existente até à queda do regime em 1974 ver Hogan Teves, Vasco (2007), *RTP 50 anos de história*, Lisboa, RTP, pp. 22-115.

⁴⁷⁵ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 6, 20.12.1961

⁴⁷⁶ O Papa Paulo VI visitou Portugal em maio de 1967, num momento de crise nas relações entre a Santa Sé e Salazar. No entanto, nunca houve uma crise diplomática aberta. Para aprofundar este assunto ver, entre outras obras, Reis, Bruno Cardoso (2006), *Salazar e o Vaticano*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais e Simpson, Duncan (2014), *A Igreja Católica e o Estado Novo Salazarista*, Lisboa, Edições 70.

⁴⁷⁷ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 5, 13.05.1967.

caso religiosas). Para aqueles que movidos pela sua curiosidade foram a Fátima talvez a sua expectativa tivesse sido ultrapassada. Para aqueles que movidos pela sua fé intrínseca esperavam ver o representante de Cristo na terra, talvez no íntimo tenham sofrido uma desilusão, porque para além da imponência e do artificialismo de que tudo se revestia, nada mais viram que um homem, e um homem que infelizmente já não usa as “Sandálias do Pescador.”⁴⁷⁸

Cartas como a de Luís, oficial do QP, são raras. Os outros militares e os seus correspondentes têm, de forma geral, menor instrução e informação e, por essa razão, apresentam de um modo mais descritivo os acontecimentos que sentem como relevantes, juntamente com outros detalhes da vida quotidiana. Nas cartas surgem notícias de Portugal e do Mundo, seguidas de outras que dão conta do que se passa no dia-a-dia. Pode aparecer, por exemplo, a “triste notícia a do rebentamento da guerra no Medio Oriente...”⁴⁷⁹, o rebentamento em Itália de “uma barragem onde arrazou 3 aldeias e morreram mais de 8000 pessoas”⁴⁸⁰ bem como o assassinato de John Kennedy: “Meu querido não sei se já é do teu conhecimento que mataram o Presidente KENNEDY Portugal esteve 3 dias de luto, nós temos visto todos os dias na televisão.”⁴⁸¹ A esta notícia, assim relatada pela mãe de António, segue-se a da fuga do galo da sua capoeira, os resultados dos jogos de futebol, os comportamentos do irmão mais velho, a tristeza de não saber escrever e depender de outros para tal, o clima que faz, decorrendo a narrativa num alinhamento corrido, sem intervalos ou hierarquização dos conteúdos. Esta característica é comum a muitos dos correspondentes. Em vez da fuga do galo pode vir a notícia de que o lobo comeu três cabras juntamente com as festas de São Bento e o que mais acontece na aldeia.⁴⁸² Todos contam o que se passa nos seus dias, redigindo as cartas de acordo com a sua experiência e competência.

Há notícias que chegam da Metrópole e preocupam quem está mobilizado. Em 1962, José recebe cartas das tias a relatar a grande cheia do rio Douro que afetou sobretudo a zona norte do país:

até tivemos que ficar umas noites fora de casa nem calculas as aflições que tivemos devido a cheia, pois nem tinha-mos águas nem luz

houveram grandes prejuízos mas é tudo o que Deus quer⁴⁸³

A África chegam também as notícias das cheias do rio Tejo, em 1967, que afetaram dramaticamente a região de Lisboa, na noite de 25 para 26 de novembro. Nos acervos em que

⁴⁷⁸ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 18, 04.06.1967.

⁴⁷⁹ Carta de namorada para Carlos, Fundo R71, caixa 56, série 6, documento 57, 07.06.1967.

⁴⁸⁰ Carta da mãe para António, Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 32, 15.10.1963.

⁴⁸¹ Carta da mãe para António, Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 91, 24.11.1963.

⁴⁸² Carta da mãe para Francisco, Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 21, 11.09.1968.

⁴⁸³ Respectivamente Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 7, 10.01.1962 e 22.01.1962.

há correspondência desse ano, escreve-se sobre o acontecimento com preocupação. Luís tenta, em vão, comprar o jornal que se esgotou em Luanda, onde nesse momento se encontra:

As notícias cá recebidas hoje vieram dar ainda uma maior e mais dolorosa dimensão à tragédia... Hoje não tive correio teu, tento manter-me calmo até porque tenho a certeza q nada te aconteceu, mas não calculas a ansiedade com que espero notícias tuas.⁴⁸⁴

Fátima escreve a Francisco:

tenho a dizerte que cá foi uma desgraça muito grande em Lisboa morreram 7.000 pessoas afogadas e as outras caíram-lhes os prédios por cima deles os hospitais estão cheios em todo o lado não á exemplo doutra as crianças nas enxergas pelas enxurradas avaiixo tudo foi crianças mortas mais de centenas de pessoas e crianças militares pulcias e sei lá não te sei dizer onde está a minha família⁴⁸⁵

Familiares e amigos de Carlos, que vivem na zona mais afetada pelo desastre, escrevem-lhe sobre a dimensão da tragédia:

choveu como não há memória. Não havia nada que desse vazão a tanta água, e o resultado não tardou a aparecer, centenas de pessoas que perderam a vida, casas abatidas, automóveis submersos pelas água e muitos outros prejuízos.⁴⁸⁶

O irmão tranquiliza-o sobre a mãe:

mano se a carta for a manha não te mando um telegrama mas se não for eu mando porque de serteza que estas priocoprado ⁴⁸⁷

Por seu lado, quem está na Metrópole recebe notícias de intempéries nunca vistas como o muito noticiado dilúvio que ocorreu em Luanda em 1963:

tudo gritava e com rasão, pois que so visto carros que ficarão quase enterrados no meio da cidade e casas que ficaro descobertas e outras estão quase a cair. Eu por sinal ontem sai um pouco á noite e ainda vi os buracos que a Água tinha feito nas ruas e grandes montes de areia vi que a água chegou a algumas vitrinas, até os vidros das vitrinas ainda tinham areia. Pois causou grande prejuízo até 1 altemóvel chegou a ir até ao mar por pouco o caçaro.⁴⁸⁸

⁴⁸⁴ Carta de Luís à namorada, Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 23, 27.11.1967.

⁴⁸⁵ Embora se desconheça o número exacto de vítimas, terão morrido cerca de 700 pessoas e não 7 000 como conta Fátima, Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 12, 04.12.1967.

⁴⁸⁶ Carta de irmão para Carlos, Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 18, 27.11.1967.

⁴⁸⁷ Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 18, 27.11.1967

⁴⁸⁸ Carta de José para a namorada, Fundo R11, caixa 16, série 2, documento 29, 02.04.1963

O grande temporal que ocorreu em Lourenço Marques em 1966 é também motivo de preocupação pois “os jornais não falam noutra coisa”.⁴⁸⁹ Nestes momentos há uma atenção acrescida aos jornais, televisão e rádio.

As cartas noticiam também a vida da comunidade a que se pertence. Para lá das novidades e das rotinas diárias, quem vive no campo dá conta das condições atmosféricas, das actividades agrícolas e dos preços dos bens, acentuando a exigência do trabalho e o pouco rendimento obtido. Este registo do que vai acontecendo no calendário agrícola é muito semelhante ao que podemos encontrar nos chamados *livros de visita*, presentes em algumas casas rurais⁴⁹⁰, onde surge a conceção de um tempo diferente, o tempo da natureza, ciclo que se repete, de certo modo previsível, distinto do tempo de ausência do militar, esse tempo que passa sem passar e que parece, por vezes, dilatar-se.

Encontramos esta narrativa nos acervos de José, Francisco e Carlos, relacionada com o facto de viverem em zonas rurais:

só te digo que á uma nacenssa muito grande de vinho e que vai muito calor⁴⁹¹

á muito vinho e poucas maçãs ⁴⁹²

as novidades de cá são sempre as mesmas para não variar as uvas este ano não teem graça nenhuma estão (palavra ilegível) secas e ainda não começaram com as vindimas e mesmo este ano há pouca uva.⁴⁹³

vai o ano muito seco tem estado aqui muito calor já secaram muitos milhos e as uvas vão indo o pão já este ano está muito caro.⁴⁹⁴

As consequências de um possível malogro das colheitas preocupam todos. A tia de José conta-lhe que “está tudo muito seco se não vem uma chuvinha vai ser um ano de fome.”⁴⁹⁵

⁴⁸⁹ Carta da noiva para Manuel, Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 2, 12.01.1966

⁴⁹⁰ Os *livros de visita* das quintas do Douro eram, antes do desenvolvimento do turismo, livros de registo do ano agrícola. Podiam incluir as pragas, os tratamentos, o estado do clima, os preços praticados, entre outros elementos relacionados, apresentados de forma seca e concisa. Por vezes, mencionavam a estadia de convidados ou pessoas que passassem no local e alguns outros acontecimentos relacionados com as quintas como perturbações nas deslocações por via de avaria no comboio, por exemplo, entre outros problemas. Atualmente são, principalmente, livros de registo das visitas. Barreto, António e Joana Pontes (2010), *As Horas do Douro*, Lisboa, Filmes do Tejo.

⁴⁹¹ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 18, 26.06.1968.

⁴⁹² Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 20, 15.08.1968.

⁴⁹³ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 69, 12.09.1967.

⁴⁹⁴ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 14, 07.08.1962.

⁴⁹⁵ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 14, 26.08.1962.

Quem vive na cidade escreve sobre outros assuntos. É o caso de Teresa, namorada de Luís, que vive com os pais em Lisboa e pertence a uma classe média emergente. Nas suas cartas, as actividades de lazer ocupam uma parte significativa da narrativa: idas ao cinema e ao teatro, à praia e à piscina, refeições fora de casa, viagens e compras, são os temas mais abordados. Os seus relatos dão conta da animação no comércio da baixa lisboeta⁴⁹⁶ e das novas tendências como as “meias ‘ié ié”⁴⁹⁷, as mini saias e as calças à boca de sino,⁴⁹⁸ sinais de um tempo novo.

Teresa pertence à minoria que frequenta a universidade⁴⁹⁹ e tem carta de condução, utilizando por vezes o carro do pai. Escreve a Luís relatando a ida a um batizado e constata que “era a única rapariga que ia a conduzir.”⁵⁰⁰

A casa onde Teresa vive com os pais durante a primeira comissão militar de Luís tem já todas as comodidades. Nas cartas, dá notícias da aquisição das máquinas de lavar roupa e loiça, do aspirador e da televisão, embora, nalguns casos, a prestações, facto bastante comum na época.

Mário, por exemplo, alistou-se como voluntário na Marinha para melhorar a vida familiar e tem consciência que foi “para Angola para sairmos de pagamentos e não vejo jeito.... enfim a nossa vida será sempre de pagamentos”⁵⁰¹. Os “pagamentos” de que fala são as compras a prestações, utilizadas para a aquisição de determinados bens como electrodomésticos ou mobiliário. Carmo, mulher de Mário, costureira por conta própria, junta o mais que pode com o objetivo de alindar a casa, pensando no regresso do marido e na vida futura. Compra a prestações mas Mário reage com preocupação:

⁴⁹⁶ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 68, 23.01.1967.

⁴⁹⁷ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 58, 15.01.1966.

⁴⁹⁸ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 70, 17.03.1967.

⁴⁹⁹ As taxas de escolarização no ensino universitário eram, nessa altura, bastante inferiores às da maioria dos outros países europeus. Em 1960, por exemplo, apenas 0,6% da população frequentou ou concluiu o ensino superior, valor que aumentará em 1970 para 1,5%. A participação das mulheres no ensino superior aumentou de forma acelerada. Passou de 29% em 1960, para 37% em 1965 e 44,4% em 1970. Barreto, António (2000), “Portugal e a Europa” em António Barreto (org.), *A Situação Social em Portugal 1960-1999*, II, Lisboa, ICS, pp.45-46 e pp.103-108. No entanto, como refere Sedas Nunes, o acesso à universidade estava “reservado essencialmente a indivíduos provenientes das categorias sociais mais ou menos privilegiadas”, como é o caso de Teresa. Sedas Nunes, A. (1970), “A Universidade no sistema social português – Uma primeira abordagem”, *Análise Social*, 32, p.646.

⁵⁰⁰ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 67, 31.12.1966.

⁵⁰¹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 03.07.1968.

não quero prestações O.K. não quero o remédio é juntar que depois com o dinheiro na mão está bem⁵⁰²

o que eu queria era por tudo com o dinheiro na mão que ficava mais barato e foi o que eu te disse quando daí vim ⁵⁰³

É também na cidade que vivem outros correspondentes dos acervos de António, Mário e Manuel. Moram em casas de bairros periféricos onde, nalgumas, não há água nem electricidade. A mãe de António escreve-lhe com receio do que a chuva possa fazer à casa pois caem pedras na cozinha.⁵⁰⁴ No inverno chuvoso de 1964, Rosa escreve a António:

não imaginas como chove em minha casa, felizmente que não chove nas camas, a minha Mãe anda toda aborrecida, diz que quer sair de lá, mas as casas são muito caras e não se pode pagar um aluguer tão grande ⁵⁰⁵

Destes bairros nos arredores da cidade chegam notícias da existência de capoeiras. A mãe de António, por exemplo, faz criação de animais nas traseiras da casa. Tem galinhas, patos e coelhos, usando-os na alimentação da família em momentos especiais, como aniversários ou Natal. Parte da criação está já pensada para a festa do regresso do filho, à semelhança do que planeia a mãe de Carlos: “agora a mãe anda a deitar uns bicos de criação para quando cá chegar teres bastante carne para comeres” ⁵⁰⁶.

Para lá das notícias e novidades, as dificuldades da vida de todos os dias vão sentir-se numa parte substancial da correspondência, traduzindo-se em queixas e lamentos, com frequência resignados, como conclui uma jovem madrinha de guerra que escreve a José: “A vida não é como nós queremos é como ela se apresenta”⁵⁰⁷.

I.5 “A VIDA NÃO É COMO NÓS QUEREMOS É COMO ELA SE APRESENTA”

Como vimos, a apresentação da vida surge na correspondência através da presença continuada de detalhes da rotina doméstica e do quotidiano, garantindo a preservação do outro mundo que corre paralelo à guerra. Esta narrativa vai não só assegurar que o regresso se fará como se imagina mas também permitir aos militares superar o anonimato e isolamento conferidos pela vivência na instituição militar.

⁵⁰² Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 09.03.1968.

⁵⁰³ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 21.09.1968.

⁵⁰⁴ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 109, 24.09.1965.

⁵⁰⁵ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 94, 24.02.1964.

⁵⁰⁶ Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 13, 03.05.1967.

⁵⁰⁷ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 23, 08.05.1963.

Nesta apresentação surgem com particular relevância considerações acerca do trabalho, sendo mais uma vez as mulheres que mais escrevem sobre ele. Luísa, noiva de Manuel, trabalha por turnos de 8 horas numa fábrica:

15 dias pegamos às 6 da manhã e saímos às 2 da tarde o turno da manhã e o turno da tarde péga às 2 da tarde e sai às 10 da noite ⁵⁰⁸.

Não tem hora de almoço:

os turnos não são ruins porque é vom eu ir pegar às 2 tenho mais tempo para fazer as coisas só o que é ruim é a gente trabalhar 8 horas seguidas sem têr hora para comêr conforme vamos trabalhando vamos comendo.

Lamenta-se da dureza dos dias:

eu só digo cuitadinho de quem precisa de se andar á sujeitar-se a tudo isto.⁵⁰⁹

Manuel não gosta que a noiva trabalhe por turnos e faz promessas para quando regressar:

O nós precisar obriga-nos a obedecer não é Meu Amôr tem paciencia que depois o teu maridinho vai-te esperar, e verás que menos te custa.⁵¹⁰

Lucinda, madrinha de guerra de Carlos, descreve-lhe o seu horário de trabalho na fábrica de tomate:

vou começar hoje a trabalhar de noite, fui ferrar hoje eram oito horas da manhã e larguei ao meio dia e vou ferrar hoje às 8 horas da noite largo a manhã às 8 horas da manhã como vês agora não tenho sequer um dia de descanso trabalho domingos e tudo parecendo que não são 11 horas e meia em pé porque só temos meia hora ao jantar ⁵¹¹

Rosa está empregada como aprendiz de costureira num atelier no Porto e ganha 20\$00 por dia de trabalho.⁵¹² Se tiver de ficar em casa, por doença ou a tratar da mãe ou irmãos, não recebe salário. Quando há trabalho urgente a concluir, fica de noite a fazer serão. Sempre que pode, apanha malhas de meias de senhora, compondo o salário:

eu já estou a ganhar 20\$00 por dia mas ainda estou a dar á minha Mãe 15\$00, se eu agora fôr aumentada já lhe dou mais algum, realmente a minha Mãe precisa do auxílio dos filhos.⁵¹³

Dar parte do dinheiro que se ganha à família para ajudar no sustento da casa aparece referido na correspondência. Teresa conta a Luís, surpreendida, que a criada manda o

⁵⁰⁸ Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 4, 18.01.1965.

⁵⁰⁹ Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 4, 21.01.1965.

⁵¹⁰ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 9, 08.01.1966.

⁵¹¹ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 04.08.1967.

⁵¹² O salário que recebe corresponderia hoje, nas tabelas de conversão do INE, a cerca de 176€ mensais, sem mais direitos.

⁵¹³ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 93, 27.01.1964.

ordenado para o pai que vive na aldeia, ficando apenas com 100\$00 de um salário de 900\$00 mensais, cumprindo um horário das 9h às 19h30.⁵¹⁴

Carmo, mulher de Mário, possui uma máquina de costura e trabalha por conta própria como modista. Vai a casa das clientes fazer as provas das roupas que confecciona. Quando não trabalha, não ganha. As suas cartas falam das dificuldades da vida, com uma filha pequena para criar. Informa o marido da forma como faz a gestão do dinheiro:

já está o frigorífico e o fogão pago graças a Deus, mais uma vez te explico o resto do dinheiro aluguer 300.00 200.00 televisão 238.00 máquina 50.00 para a tua mãe, e o resto é para mim, espero que não aches demais somos duas pessoas a comer ⁵¹⁵

O trabalho na fábrica é frequentemente referido como alternativa à costura: “a costura não dá nada á muitas custureiras”, como refere a noiva a Manuel.⁵¹⁶ A irmã de Rosa começa a trabalhar na fábrica e ganha 10\$00 por dia. A mãe de António vai trabalhar para a fábrica dos plásticos:

vamos haver se é para futuro.... agora quando vieres, quero que venhas a um sábado pois eu agora trabalho e não te posso ir esperar, mas ao sábado não trabalho todo o dia.... estou a ganhar o ordenado de uma aprendiz é 22\$50.⁵¹⁷

António fica preocupado por saber a mãe, com quase 60 anos, a trabalhar na fábrica. Faz perguntas a que a ela responde tentando tranquilizá-lo:

o serviço é um bocadinho pesado mas havendo saúde, não há nada que não se agente, e a minha saia é ás 6 horas e meia e de manhã entro às 8 horas, saio ao meio dia e entro à 1 horas a sexta-feira saio às 7 horas que é para ao sábado não trabalhar todo o dia.... este ambiente de fábrica é muito ordinário, são umas malcriadonas.⁵¹⁸

Além da costura e da fábrica, há referência a outras actividades desempenhadas por mulheres. A falta de instrução e qualificação aliadas à necessidade de ajudar a família, levam à existência de muitas criadas de servir, função a que hoje, como já referimos, se chama serviço doméstico. Lucinda, por exemplo, trabalha desde os 15 anos em fábricas. Mas o horário pesado e a saúde precária vai levá-la a procurar outra ocupação. Perto do regresso de Carlos, anuncia-lhe que vai servir, à semelhança de outros membros da família: “tenho duas

⁵¹⁴ Fundo R2, caixa 11, série 2, documento 106, 05.05.1972. 900\$00 em 1972 corresponderia hoje, pelas tabelas do INE, a € 209.

⁵¹⁵ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 5, 12.02.1968.

⁵¹⁶ Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 5, 19.07.1965.

⁵¹⁷ Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 48, 14.07.1965. 22\$50 em 1965 corresponderia hoje, pelas tabelas do INE, a € 8,61, isto é, uns € 190 por mês.

⁵¹⁸ Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 48, 18.07.1965.

irmãs que estão a servir ao pé duma da outra encontram-se com os patrões na praia da Figueira da Foz.”⁵¹⁹

O tempo passado com os patrões surge também nos relatos das três tias de José. Uma delas conta o passeio que deu a Viseu e a deixou “encantada (...) a Sunhora tirou-me uma fotografia a mim sozinha quando ela mandar revelar o rolo depois eu mandata para tuveres.”⁵²⁰

Outra tia escreve a contar que passou o natal com os patrões, lamentando-o:

quem é criada não é senhor, nem pena tive de não ter passado com os meus queridos mas assim eide andar até ao fim da minha vida.⁵²¹

Este acervo e o de Francisco são os que mais dão a imagem de uma vida de dificuldades e pobreza:

como sabes na nossa terra mal se ganha para as despesas... o meu dinheiro não chega para nada...⁵²²

Casado não se tem casado ninguém que medo da fome e tem razão.⁵²³

As “criadas de servir” organizam a vida doméstica da classe média em ascensão que vive na cidade. Teresa escreve frequentemente a Luís sobre este tema. Durante a primeira comissão do militar, Teresa é ainda solteira e vive com os pais. Para estudar necessita de alguém que faça os trabalhos domésticos. Na segunda comissão de Luís, ainda estudante embora já casada e com um bebé, precisa de alguém para tratar da casa e cuidar da filha. No seu entender, há dificuldade em arranjar mulheres que convenham a esta função. Chegam do interior do país e colocam anúncios nos jornais a oferecer-se. 1000\$00 é o ordenado solicitado mais frequente⁵²⁴ além de tardes “para ir aprender o corte”⁵²⁵. Mas pouco sabem da lide doméstica, como relata Teresa:

tem 21 anos, veio de Celorico da Beira e nem a cama sabe fazer. É “saloia” chapada da cabeça aos pés, só conhece broa e sopas de milho. Não sabe fritar batatas nem fazer chá.⁵²⁶

⁵¹⁹ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 04.08.1967.

⁵²⁰ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 16, 19.10.1962.

⁵²¹ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 19, 13.01.1963.

⁵²² Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 8, 06.02.1962.

⁵²³ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 15, 02.09.1962.

⁵²⁴ Corresponderia a cerca de 570€ nas contas de hoje. Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 88, 02.09.1970.

⁵²⁵ Aprender o corte significa aprender costura. Fundo R2, caixa 11, série 2 documento 96, 03.05.1971.

⁵²⁶ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 58, 06.01.1966.

Na narrativa deste acervo, a troca sucessiva de empregadas origina inúmeras páginas em que se dá conta deste movimento.

Na cidade há outros trabalhos. Algumas correspondentes, que disso dão conta nas suas cartas, têm mais instrução e estão empregadas no sector dos serviços. Irene, amiga de infância de Carlos, ao terminar o 5º ano do liceu, deixa a terra e parte para Lisboa para continuar os seus estudos, indo viver com o pai que já trabalha na cidade. Até partir, era pela sua mão que a mãe de Carlos escrevia. Na correspondência que troca com o amigo, irá dar conta da vida diferente que leva na cidade e que compara com a terra de onde saiu que “está cada vez pior em todos os sentidos”, “cada vez está mais morta, até vão deixando morrer as tradições”, onde “tudo continua na mesma. Já se sabe que os progressos tarde ou nunca hão-de chegar à ‘nossa aldeia’”⁵²⁷. No final do carteio, perto do regresso de Carlos, Irene terminou o 7º ano dos liceus, facto ainda pouco frequente na altura⁵²⁸ e empregou-se numa agência de viagens. Já não voltará para a aldeia.

Lília, outra das suas correspondentes, vive em Lisboa com a mãe, tem 19 anos e trabalha num escritório. Tem o curso de esteno-dactilógrafa e, no momento em que começa a escrever-se com o militar, estuda francês, inglês e alemão, estando a concluir o 5º ano da secção de letras. Escreve sobre os seus tempos livres, os passeios a que vai e as idas ao cinema nos sábados à tarde. Gosta de ler e aprecia Françoise Sagan, autora que Carlos desconhece. Sai com amigos e disso dá conta a Carlos, relatando a novidade de ir almoçar ao restaurante chinês, comer com pauzinhos e provar sopa de barbatanas de tubarão.⁵²⁹ Lília tem ideias diferentes das habituais correspondentes de Carlos, que vivem e trabalham na aldeia. Preza a sua independência, argumentando que “nos dias de hoje uma rapariga deve estar preparada para ter não só um certo nível de cultura, como para lutar pela vida.”⁵³⁰ Na última carta depositada, Lília informa Carlos que vai para um novo emprego “a ganhar quase o dobro”.⁵³¹

Para lá do emprego fora de casa, as mulheres continuam a ocupar uma parte importante do tempo disponível nas tarefas domésticas. Quando solteiras e sempre que possível, dedicam-se ao enxoval, como é costume antes do casamento, disso dando notícia: “eu tenho

⁵²⁷ Fundo R71, caixa 58, série 7, respectivamente documento 63, 24.07.1967, documento 69, 26.11.1967 e documento 70, 11.01.1968.

⁵²⁸ Em 1968, frequentavam o ensino liceal, hoje secundário, 8.719 mulheres de um total de 21.736 indivíduos inscritos. <http://www.pordata.pt/Subtema/Portugal/Alunos+do+Ensino+Não+Superior-75>

⁵²⁹ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 65, 09 e 12.07.1965.

⁵³⁰ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 65, 30.06.1965.

⁵³¹ Embora em maior número que no ensino secundário, não eram muitas as raparigas que concluíam o 5º ano dos liceus. Em 1965, ano da carta referida, estavam matriculados 153 176 alunos no 3º ciclo do ensino básico, tendo concluído 18 565. Barreto, António (2000) (org.), *A Situação Social em Portugal 1960-1999*, II, Lisboa, ICS, p.105, quadro 3.12. Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 65, 18.08.1965.

muito que fazer em casa e tenho que fazer o meu enxoval meu adorado amor”⁵³² porque “só consigo fazer as minhas coisas ao serão o qual faço-o sempre sozinha”⁵³³

A namorada de Luís, a viver e estudar na cidade, compra o enxoval, já não o faz como acontece com outras correspondentes. Está a estudar e o tempo que sobra não é passado da mesma maneira.

Os tempos livres de Luísa, Rosa, Olívia e outras raparigas pertencentes a classes sociais culturalmente mais baixas e com menos rendimento disponível, são também mencionados nas cartas. Algumas idas à praia, raras vezes ao cinema e ao café. As festas populares, como o São João ou o Santo António, são muito concorridas. Assistir aos programas da televisão é um entretenimento significativo: há teatro, filmes, touradas e o festival da canção, momento alto da programação da RTP. Sempre que necessário, juntam às suas ocupações, dentro e fora de casa, o papel de cuidador de familiares. Para a maioria da população, não há baixas médicas ou outro tipo de apoios sociais. Quando alguém está doente, cabe sobretudo às mulheres permanecer em casa e cuidar de quem precisa. Para isso têm de faltar ao trabalho e ficar sem salário. É o que faz Luísa, noiva de Manuel, que fica a tratar da mãe doente, sem conseguir “ir à cama”⁵³⁴.

Na correspondência surgem notícias de algumas regalias sociais, como os abonos para as mães que têm os filhos mobilizados e para os filhos menores dos militares. Para receber esta prestação, há impressos a preencher e documentos a entregar nas repartições. O processo revela-se demorado, como podemos depreender pela cartas de Carlos e de Mário para as famílias.⁵³⁵ O dinheiro faz muita falta, principalmente nos agregados que dependiam do salário de quem partiu. Ao começar a receber o abono a que tem direito, a mãe de Carlos escreve ao filho com satisfação: “já paguei a quem devia... agora já posso ir todos as semanas ao talho comprar um bocadinho de carne.”⁵³⁶

A necessidade de inscrição na Caixa de Previdência, para usufruto de outras regalias que começam a surgir, aparece nas cartas pela mão da noiva de António:

a minha mestra disse-me para eu tirar 2 fotografias para em meter na caixa mas tem que ser depressa⁵³⁷

se Deus quiser para o ano já venço a caixa, e quando casarmos já tenho 500\$00 de prémio.⁵³⁸

⁵³² Carta de Luísa, Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 1, 28.06.1964.

⁵³³ Carta de Amália, Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 57, 09.06.1967.

⁵³⁴ Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 5, 14.07.1965.

⁵³⁵ Respectivamente, Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 4, 10.10.1966 e Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 1, 16.08.1966.

⁵³⁶ Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 13, 03.05.1967.

⁵³⁷ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 101, 12.10.1964.

Estar doente pode, a partir de certa altura, dar direito a ficar em casa com baixa médica, como refere o padrinho de António: “Fui ver o teu Pai que está doente com baixa na caixa, e aproveitei agora para lhe dar também férias.”⁵³⁹

Começar a ter subsídio de Natal e férias pagas é motivo de grande contentamento. Luísa trabalha na fábrica e, no Natal de 1964, recebe 75\$00 de “gratificação”.⁵⁴⁰ No ano seguinte, pela primeira vez, tem alguns dias de férias: “é hoje o primeiro dia e agora são 15 dias de férias e 4 dias em dinheiro para se gosar”.⁵⁴¹ Confessa que “é muito bom estar em casa a gente fás tudo os arranjos da casa melhor”.⁵⁴²

A possibilidade de ter uns dias de férias aparece nalgumas cartas, como por exemplo na que Lucinda escreve ao amigo Carlos:

para o ano que vem estou a fazer ideias de ir a Espanha numa excursão de quatro dias como vês agora é que ando a aproveitar a minha mocidade porque só ainda muito nova só apenas tenho 16 anos”⁵⁴³

E descreve as excursões que vão para a praia, novas práticas de uma população habituada sobretudo a trabalhar: “no domingo foram cá de Benavente 8 camionetas de excursão para a praia”⁵⁴⁴

A paisagem vai mudando com o desenvolvimento do turismo que se faz sentir na década de sessenta: “sabes ainda no principio deste mês se viu gente na praia principalmente os turistas”⁵⁴⁵, diz o irmão de Carlos, pedreiro de profissão, que vai viver e trabalhar para o Algarve, onde confessa estar muito melhor que na aldeia. Leva consigo o irmão e um primo porque ali se “fás melhor vida”⁵⁴⁶ do que no lugar onde viviam. Ganha mais. Na aldeia “não pasava um conto por mês e a qui fásso por semana graças A deus”. Acredita que assim terá em

⁵³⁸ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 101, 15.10.1964. 500\$00 em 1964 corresponderia hoje, pelas tabelas do INE, a € 200,50.

⁵³⁹ Fundo R72, caixa 61, série 7, documento 112, 19.03.1964.

⁵⁴⁰ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 6, 03.01.1964. 75\$00 em 1964 corresponderia hoje, pelas tabelas do INE, a € 30,08

⁵⁴¹ Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 5, 19.07.1965.

⁵⁴² Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 5, 19.07.1965.

⁵⁴³ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 19.07.1967.

⁵⁴⁴ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 19.07.1967.

⁵⁴⁵ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 66, 27.10.1966.

⁵⁴⁶ Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 17, 20.05.1966.

breve a “vidinha direita”⁵⁴⁷. Por sua vez, quem está longe da cidade ouve dizer que a vida por lá é melhor, em “Lisbôa, que lá que se ganham bons ordenados”⁵⁴⁸

Ao mesmo tempo que os estrangeiros descobrem o Algarve, de Portugal partem milhares de portugueses com destino europeu, principalmente França e Alemanha, para escapar a uma vida de dificuldades e à guerra. Este movimento surge também nas cartas:

agora com a crise de Angola é uma desgraça; não há rapazes e os que há não querem responsabilidades.⁵⁴⁹

Há notícias de rapazes e homens que fugiram para França⁵⁵⁰ e de mulheres que, passado algum tempo, se lhes juntaram, como foi o caso da mãe de Adélia, correspondente de Carlos. As notícias da vida que se faz lá fora, trazidas por um conhecido que está em França, animam os que ficaram como, por exemplo, a família de António:

ele em 2 anos juntou mais de 50 contos... vai ver se consegue levar o teu irmão (...) meu filho, até eu gostava de ir para França porque uma criada lá ganha 2 contos por mês.⁵⁵¹

olha que isto por cá anda muito feio, pois o comércio é almentar dia para dia e os ordenados não sobém nem por água, mas eu devo de ir em breve para França.⁵⁵²

O irmão de Carlos pensa nessa hipótese e pede-lhe conselhos:

talvez vâ ate a frança tenho lá uma peçôa amigo que me hórrienta tranbanho... demaneira que eu quero ir... quando me escreveres manda me dizer se eu fáço bem ir a tentar a sorte porque o meu Idial éra melhorar a situação.⁵⁵³

O mesmo sucede com o irmão de António que quer emigrar. Neste acervo, há inúmeras referências a conhecidos que partiram. Como refere o padrinho, “Trabalho não falta pois cada vêz é maior a fuga de trabalhadores para França.”⁵⁵⁴

O esforço militar cria dificuldades a quem quer partir: “agora rapazes novos é um caso sério para ir para França”⁵⁵⁵. A alternativa é não comparecer à inspecção, o que fizeram, nesse

⁵⁴⁷ Fundo R71, caixa 56, série 3, odocumento 17, 06.06.1966.

⁵⁴⁸ Carta de mãe para Mário, Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 7, 04.05.1966.

⁵⁴⁹ Carta de uma amiga para Carlos, vFundo R71, caixa 58, série 7, documento 65, 25.06.1965.

⁵⁵⁰ Carta de mulher para Francisco, Fundo R53, caixa caixa 26, série 1, documento 2, 06.02.1967.

⁵⁵¹ Carta da mãe, Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 35, 06.01.1964. 2.000\$00 em 1964 corresponderia hoje, pelas tabelas do INE, a € 802,00.

⁵⁵² Carta de amigo para Carlos, Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 70, 07.03.1968.

⁵⁵³ Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 18, 13.11.1967.

⁵⁵⁴ Fundo R72, caixa 61, série 7, documento 112, 05.05.1964.

⁵⁵⁵ Carta da mãe para António, Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 35, 26.01.1964

ano de 1964, 14 357 jovens, 16,5% dos recenseados⁵⁵⁶. Será, também, o que Francisco vai fazer, sem sucesso. Ficará detido em Lisboa, cumprirá pena e partirá mobilizado para a Guiné, como veremos adiante.

Nas cartas chegam novas de familiares emigrados que no Verão visitam a terra de onde saíram. Trazem prendas, novos hábitos e outras ideias. São recebidos nas aldeias com admiração: “são muito populares são tal e qual como nós não têm vaidade nenhuma.”⁵⁵⁷ E têm mais dinheiro.

Também em Portugal, os resultados do chamado “efeito EFTA”, permitiram melhorar as condições de vida de muitos portugueses, como se vê nalguns excertos já citados.⁵⁵⁸ É com orgulho que Luísa dá as novidades a Manuel:

querido voute contar uma novidade eu esta semana fui aomentada para 36 escudos por dia com mais um pouco estou nos 40 é a fêria dum homem⁵⁵⁹.

Tal como hoje ainda pode suceder, homens e mulheres eram pagos de forma desigual na maioria das actividades remuneradas. Este facto estava de acordo com a aceitação de diferenças estabelecidas entre ambos. Uns e outros desempenhavam papéis distintos que, juntos, concorriam para o bem estar de uma sociedade cujos valores eram aceites na generalidade, em que “o homem é o sexo forte”⁵⁶⁰ e autoridade da família, base da sociedade portuguesa desse tempo.

I.6 “O HOMEM É O SEXO FORTE”

Apesar de alguns sinais de mudança, a sociedade portuguesa dos anos 60 continuava a ser “extremamente masculina e patriarcal”⁵⁶¹. Os homens são os chefes da família, “humilde e

⁵⁵⁶ Pinto, António Costa (2001), *O Fim do Império Português – A cena internacional, a guerra colonial e a descolonização (1961-1975)*, Lisboa, Livros Horizonte, quadro I, p.50.

⁵⁵⁷ Carta da noiva para Manuel, Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 5, 30.07.1965

⁵⁵⁸ Em 1960, Portugal é membro fundador da EFTA, Associação Europeia de Comércio Livre. Este facto irá ter uma importância de relevo para a economia portuguesa. Na correspondência aparece a menção a fábricas que começam a laborar e onde algumas das correspondentes se empregam. Sobre este assunto ver, nomeadamente, Garrido, Álvaro (2005), “Conjunturas Políticas e Economia”, em Pedro Lains e Álvaro Ferreira da Silva (orgs.), *História Económica de Portugal, 1700-2000, O Século XX*, volume III, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp.459-469.

⁵⁵⁹ Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 4, 04.01.1965.

⁵⁶⁰ Carta de namorada para Carlos, Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 43, 22.05.1966.

⁵⁶¹ Barreto, António (2000), “Portugal e a Europa” em António Barreto (org.), *A Situação Social em Portugal 1960-1999*, II, Lisboa, ICS, p.40.

cristã”⁵⁶², e a sua autoridade é reconhecida pelos seus membros e pelo Estado. As raparigas pedem ao pai autorização para namorar. Falam na necessidade de oficializar relações quando os militares regressarem: “só terei à vontade depois do nosso namoro ser uma coisa tratada oficialmente com os meus pais.”⁵⁶³

O pai de Teresa diz à filha que não quer namoros longos: “Ou sim ou sopas” ⁵⁶⁴. Elisa idealiza a vida futura com Carlos, reproduzindo por escrito o que encontramos desenhado na Lição de Salazar⁵⁶⁵:

gostava de casar e estar sempre a tratar da nossa casa do nosso lar dos nossos filhos porque eu quero ter uma casa com muitos filhos muidos chorões e quando chegares a casa receberte sempre com um ar riso alegre e não com um sorriso cansado ⁵⁶⁶

Amália, a outra namorada de Carlos, tem um discurso semelhante:

Eu sei e é consolador ouvir-te dizer que não me deixarás trabalhar, pois como tu dizes o lugar das mulheres é em casa trabalhando para o lar, mas por vezes não pode ser, será como tu quiseres.⁵⁶⁷

A obediência que as mulheres devem aos maridos aparece, com frequência, nas cartas do acervo de Carlos:

eu só tenho a fazer aquilo que seja do teu agrado; é a mulher que deve ser mandada pelo homem e não o contrário ⁵⁶⁸

⁵⁶² Wall, Karin (2011), “A intervenção do estado: políticas públicas de família” em José Mattoso (dir.), *História da Vida Privada em Portugal, Os Nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates, p.341.

⁵⁶³ Carta de namorada para Carlos, Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 56, 19.05.1967.

⁵⁶⁴ Carta da namorada para Luís, Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 71, 21.04.1967.

⁵⁶⁵ A Lição de Salazar compreende uma série de sete cartazes editados pelo Secretariado de Propaganda Nacional, em 1938, comemorando os dez anos da governação de Salazar. Destinou-se, principalmente, às Direcções Escolares que os distribuíram nas escolas primárias para ensinar aos mais novos os valores fundamentais do regime. Mendes Barata, autor do cartaz “Deus, Pátria, Família: a trilogia da educação nacional”, desenhou um lar cristão, rural e tradicional, onde são consagrados esses valores. No desenho, o pai chega a casa após um dia de trabalho no campo e encontra a mãe que cozinha a refeição, a filha que brinca com bonecas e o filho que enverga a farda da mocidade portuguesa. A mesa está posta para o jantar, a sala, sendo humilde, está aseada e, ao fundo, um crucifixo assegura que Deus protege o lar desta família pobre mas feliz. Sobre este assunto ver Remédio, Maria Margarida Rodrigues (2013), *A Lição de Salazar e a Iconografia do Estado Novo, Contributo para a História da Educação em Portugal (1933-1939)*, Dissertação de Mestrado em Didáctica da História, Lisboa, Departamento de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/9382> .

⁵⁶⁶ Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 48, 19.10.1966.

⁵⁶⁷ Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 57, 13.06.1967.

A ideia de que a natureza diferente de homens e mulheres permite a uns e proíbe a outros determinados comportamentos, é aceite com maior frequência em meios rurais e mais conservadores, como é o caso da aldeia onde vivia Carlos.⁵⁶⁹ Escreve Elisa:

tu dizes que tens obrigação de saber de todos os meus actos sim eu compreendo que com um homem é totalmente diferente porque todos têm as suas aventuras ⁵⁷⁰

eu sei que a mulher não tem tanto direito como os homens em questão de aventuras ⁵⁷¹

Amália, a outra namorada, pensa da mesma forma:

eu sei que vocês homens são conquistadores por natureza... esquece por uns momentos que eu sou a tua namorada e diz-me quantas conquistas difíceis já arranjaste por aí ⁵⁷²

A mulher de Mário sabe que o marido é homem:

divertes-te com mais facilidade que eu, mas não te quero mal pelo contrário até acho bem ⁵⁷³

A autoridade dos homens pode permitir comportamentos corretivos como bater na mulher, na noiva ou até na namorada, o que aparece por vezes referido nas cartas:

tu chegavas os sabados vinhas ainda me batias mas eu tenho tudo guardado quanto passei contigo⁵⁷⁴

Elisa escreve a Carlos mostrando consentimento e compreensão pelos atos violentos do namorado:

nunca mais me esqueço que no dia 15 de Agosto levei uma banana na cara que fiquei com os ossos descontrolados mas bastou para eu nunca mais ir a lado nenhum sem primeiro pedir o teu conselho⁵⁷⁵

⁵⁶⁸ Carta de namorada para Carlos, Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 43, 27.05.1966.

⁵⁶⁹ Conforme foi referido anteriormente, Carlos corresponde-se com algumas raparigas que vivem e trabalham na cidade. As suas cartas dão a ver ideias diferentes das raparigas que continuam na aldeia. Lília, por exemplo, trabalha num escritório e continua a estudar, saindo com amigos sempre que pode. Acredita que as raparigas devem ter “um certo nível de cultura” e ser independentes. Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 65, 30.06.1965. A correspondência trocada com estas raparigas não deu lugar a futuras amizades ou outro tipo de relacionamento. Pelo que observamos no que Carlos escreve, as suas ideias relativas à família e à sociedade são conservadoras, atribuindo a homens e mulheres uma hierarquia clara, devida ao desempenho de papéis diferentes, não se revendo na alteração que vai decorrendo, embora lentamente, na sociedade portuguesa desse tempo.

⁵⁷⁰ Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 34, 24.05.1965.

⁵⁷¹ Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 45, 26.07.1966.

⁵⁷² Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 59, 14.08.1967.

⁵⁷³ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 5, 19.12.1968.

⁵⁷⁴ Carta de Fátima para Francisco, Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 2, 11.03.1967.

⁵⁷⁵ Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 43, 27.05.1966.

Esta aceitação não é incomum. A mãe de Carlos queixa-se das noras:

Olha meu filho sabes se os teus irmãos no princípio desse uma bofetada a cada uma delas já elas estavam mais caladas.⁵⁷⁶

A mãe de Francisco escreve sobre um episódio passado na aldeia mostrando aprovar comportamentos próprios de uma sociedade em que “a violência dos homens era aceite em alguns meios sociais como parte da estrutura normativa da família”⁵⁷⁷:

o Lito, não sei se conheces. Veio de França a esposa tinha fugido com um amante deixou 6 filhos que estavam com a mãe dele. O Lito andou em busca dela encontrou-a num café junta com o amante disparou a pistola matou-a e o amante conseguiu fugir, que era para matar os dois. Ele ainda disse para ela: anda comigo para junto dos nossos filhos, ela negou-se matou-a com razão; pois foi para a prisão, respondeu, apanhou 18 anos (...) Vê com tanta razão de a matar, e o quanto apanhou.⁵⁷⁸

Esta “razão” leva à obediência que as mulheres devem aos homens e prometem nas cartas, como faz por exemplo Elisa que garante a Carlos:

não irei a bailes não visto fatos à menina pois a minha maior alegria é obedecer-te e satisfazer todos os teus desejos.... quanto ao meu cabelo não te assustes filho eu não vou usá-lo á BB longe disso é só um pouco mais comprido.⁵⁷⁹

Amália, por sua vez, faz o mesmo:

não te importas que eu continue a vestir calças, eu pergunto isto porque vou comprar umas calças, e no caso de tu não gostares não compro.⁵⁸⁰

Luísa envia a Manuel uma foto em que aparece com os joelhos à mostra. Ele não gosta e di-lo sem cerimónia. E ela acata.⁵⁸¹

I.7 “O ASSUNTO QUE NÓS SABEMOS”⁵⁸²

Embora não se fale clara e abertamente sobre a vida íntima e sexual, este “assunto” é outro dos temas relevantes nas cartas, sobretudo no que diz respeito à correspondência familiar e

⁵⁷⁶ Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 14, 07.08.1967.

⁵⁷⁷ Casimiro, Cláudia (2011), “Tensões, tiranias e violência familiar: da invisibilidade à denúncia”, em José Mattoso (dir.), *História da Vida Privada em Portugal, Os Nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates, pp. 119.

⁵⁷⁸ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 25, 11.02.1972.

⁵⁷⁹ BB, Brigitte Bardot, Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 44, 20.06.1966.

⁵⁸⁰ Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 54, 15.03.1967.

⁵⁸¹ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 11, 08.07.1966.

⁵⁸² Fundo R72, caixa 61, série 7, documento 110, 26 .12.1963.

amorosa. A distância vai tornar os correspondentes mais destemidos ou, como escreve Luís à namorada “não há dúvida Teresa que longe um do outro com a caneta na mão, somos mais valentes e menos envergonhados!...”⁵⁸³. A forma como se expressam está, pois, plena de referências implícitas e sublinhados que chamam a atenção para um conjunto de assuntos não ditos mas presentes, ou abordados de forma subentendida.

Luísa, ainda noiva, escreve a Manuel sobre a futura intimidade com alegria e malícia:

olha meu dôçe amor dises-me que depois é que vam sêr èlas para eu perparar o corpinho?, pois eu tambem te digo depois é que vam sêr èlas,? Prepara tambem o teu corpinho porque tudo que me fizeres a mim eu voute fazêr a ti ai, vou, vou ⁵⁸⁴

No mesmo tom, Manuel responde:

Querida bem precisas de descansar o teu corpinho, mas tens que te abituar por que o teu Manel quando chegar não te vai dar descanso, pelo menos beijinhos e... não digo ⁵⁸⁵

Mário e Carmo tratam frequentemente da vida íntima que levavam antes da partida, da falta que sentem desse contacto e do anseio pelo regresso a casa

para que nós nos possamos aquecer que com este frio bem apetece (e que fome eu trago). ⁵⁸⁶

se estivesse aqui junto de mim desfazia-te, com a vontade que tenho de ti ⁵⁸⁷

dizes que me desfazias então eu deichava-te sem concerto... também necessito imenso sentir-me agarrado ao teu corpo áquilo que é meu e dar-te tudo aquilo que também é teu ⁵⁸⁸

A fantasia do reencontro surge na correspondência. Carmo interroga-se:

sonho com esse dia, no entanto eu irei ter um pouco de vergonha já à dois anos sem nada haver, só por carta, como será esse dia?⁵⁸⁹

Mário responde-lhe na carta seguinte:

quanto a teres vergonha admite-se que assim seja mas passar-nos-á rápido, verás, para tal somos marido e mulher unidos por todas as leis, e esses dias passar-se-ão espero que seja assim melhor que todos os outros, olha tenho uma garrafa de yisk guardado para esse dia há-de ser muito celebrado o dia das nossas núpcias ⁵⁹⁰

Carmo continua a imaginar o regresso:

⁵⁸³ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 3, 19.06.1965.

⁵⁸⁴ Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 2, 31.01.1966.

⁵⁸⁵ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 11, 13.07.1966.

⁵⁸⁶ Carta de Mário para Carmo, Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 1, 06.12.1966.

⁵⁸⁷ Carta de Carmo para Mário, Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 5, 08.01.1968.

⁵⁸⁸ Carta de Mário para Carmo, Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 11.01.1968.

⁵⁸⁹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 6, 30.01.1969.

⁵⁹⁰ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 4, 02.02.1969.

falta pouco por vezes pergunto a mim mesma como será as nossas reacções, não sei porquê mas receio tanto, às dois anos Mário, tantas ambições e esperanças e que são apagadas um abraço e beijos o resto dis-nos os nossos corações ⁵⁹¹

eu já pensei em pôr o aquecedor no quarto para o aquecer, assim estaremos mais quentes, afinal de nada vai servir a camisa e o pijama.... desconfio que a fome que é tanta que até não vamos dar tempo para festa mas sim para estarmos nós sozinhos ⁵⁹²

O casal tem receio do futuro próximo:

Querida nós sempre nos demos bem, não digas que agora nos iremos dar mal não espero que não e mesmo farei tudo para que tal não aconteça o mesmo espero de ti⁵⁹³

também creio que nos iremos dar bem, mas só o tempo o dirá, a nossa separação é muito, e o pouco tempo em que estávamos sempre eram luas de mel, agora tudo será diferente.... já estou saturada desta vida, ser casada, sem marido, que tristeza ⁵⁹⁴

O medo de uma gravidez indesejada surge nalgumas cartas. Nesta altura havia em Portugal uma percentagem significativa de filhos que nasciam fora do casamento.⁵⁹⁵ Na correspondência surgem inúmeras referências a matrimónios feitos à pressa, com as mulheres já grávidas. A mãe de Carlos, por exemplo, anuncia-lhe o de uma conhecida, comentando:

Sabes filho no domingo a cá um grande casamento a Lídia é uma grande paródia, Mas já vai de Balão⁵⁹⁶

diz que já a barriguinha a crescer é infeito do frio.⁵⁹⁷

A mãe de António escreve-lhe de forma semelhante, anunciando o casamento de uma conhecida “mas já ia com a barriga bastante crescida”.⁵⁹⁸

⁵⁹¹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 6, 10.03.1969.

⁵⁹² Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 6, 12.03.1969.

⁵⁹³ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 26.11.1968

⁵⁹⁴ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 5, 30.11.1968

⁵⁹⁵ Sofia Aboim refere que o Anuário Demográfico de 1959 das Nações Unidas mostra que Portugal, nos anos 50, ocupava o primeiro lugar entre os países europeus relativamente a esta questão. Aboim, Sofia “Vidas conjugais: do institucionalismo ao elogio da relação”, em José Mattoso (dir.), *História da Vida Privada em Portugal, Os Nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates, p.86. Durante a guerra, a percentagem de filhos nascidos fora do casamento vai variar entre 8,8% em 1961 e 7,2% em 1974. Dados disponíveis em:

[http://www.pordata.pt/Portugal/Nados+vivos+fora+do+casamento++com+coabitacao+e+sem+coabitacao+dos+pais+\(percentagem\)+-620](http://www.pordata.pt/Portugal/Nados+vivos+fora+do+casamento++com+coabitacao+e+sem+coabitacao+dos+pais+(percentagem)+-620)

⁵⁹⁶ Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 14, 10.01.1967.

⁵⁹⁷ Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 12, 24.11.1966.

⁵⁹⁸ Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 34, 08.12.1963.

Nas terras pequenas onde há mais proximidade e tudo se sabe, alguém “levou descaminho e já está de quatro meses”⁵⁹⁹. Noutra casamento muito falado na terra, a noiva “se não lhe pertence-se o vestido branco não o vestiria, mas tu lá sabes porque o dizes”.⁶⁰⁰

Poder vestir o vestido branco é um sinal dado à comunidade a que se pertence que pode afastar os rumores que, por vezes, ensombram a reputação das raparigas que têm de “estar como deve de ser”⁶⁰¹ até ao casamento, ou seja, virgens de qualquer relação sexual.

A mãe de António escreve-lhe a falar de uma conhecida:

ela já foi dezonrrada, pelo namoro que tem, quem mandou dizer foi a mulher do Aníbal, mas não diga nada a ninguém, pois eles naturalmente andam a guardar muito segredo.⁶⁰²

O medo que se saiba que se deu “a prova maior”⁶⁰³, “o que mais precioso havia em mim”⁶⁰⁴, aparece nas cartas de raparigas que “cederam” ao namorado antes da cerimónia. É o caso de uma namorada que escreve a Carlos: “não estou arrependida de consentir o que se passou mas por vezes tenho medo.” O receio que se saiba leva-a a pedir ao namorado que “este segredo deve de ser só nosso”. Apela ao futuro de ambos: “faço confiança em ti que pagues o que fizeste e acho que compreendes que me estragues a vida.”⁶⁰⁵ Pagar o que se fez implica casar para não arruinar a reputação e a vida. Não casar pode comprometer o futuro da mulher em causa.

Carmo namorou com Mário durante dois anos e engravidou. Nessa altura foi a mãe de Mário que os “recolheu quando te fiz o mal porque se não? não sei para donde iríamos.”⁶⁰⁶ Este “mal”, uma gravidez inesperada, aparece com preocupação nas cartas mas sem ser falado com clareza: “querida com que então até hoje e nada, isso é mau e espero que defacto não seja nada...”⁶⁰⁷ A ser alguma coisa, surgem referências a “tratamentos”⁶⁰⁸ para resolver estas situações, uma vez confirmadas. E deixa de se falar deste assunto. Para prevenir, há menção a “comprimidos” ou “sabonetes”, referidos sem grande convicção e com receio: “tu vê lá se isso é de confiança”, escreve uma namorada a Carlos.⁶⁰⁹

⁵⁹⁹ Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 14, 17.07.1967.

⁶⁰⁰ Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 55, 25.04.1967.

⁶⁰¹ Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 37, 07.09.1965.

⁶⁰² Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 15, 26.08.1964.

⁶⁰³ Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 36, 20.08.1965.

⁶⁰⁴ Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 42, 01.04.1966.

⁶⁰⁵ Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 37, 07.09.1965.

⁶⁰⁶ Fundo R 52, caixa 26, série 1, documento 2, 16.11.1967.

⁶⁰⁷ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 1, 05.06.1966.

⁶⁰⁸ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 10.03.1967.

⁶⁰⁹ Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 39, 13.11.1965.

Todo o cuidado é pouco para quem não quer casar à pressa, como escreve um amigo a Carlos:

falando em miúdas, como te têns safado bem não é verdade, e a tua maluca deixa alguma coisa, tem cuidado não tenhas que casar antes do tempo, eu agora ando com um cuidado que tu não fazes uma pequena ideia.⁶¹⁰

Aparecem também as primeiras referências aos anticoncepcionais. Introduzida em Portugal em 1962, a pílula, primeiro método contraceptivo hormonal, era, no início, prescrita com receita médica para fins terapêuticos.

A mulher de Mário encara com curiosidade e optimismo este novo método e escreve ao marido a contar-lhe:

o que eu comprei para nós, foi pastilhas para eu tomar todos os dias não posso me descuidar... pode ser que não haja o caminho interrompido ⁶¹¹

Por desconhecimento ou desconfiança Mário não encara bem esta situação:

sou redondamente contra isso, ainda se é de intruduzir como nós usavamos ainda vá lá agora de tomar isso não ⁶¹²

No entanto, Carmo já tomou as suas decisões:

quanto às pastilhas terei de as tomar pois que já gastei o dinheiro e não é de perder, custaram-me 80.00 escudos e podes estar descansado, não me farão mal a maior parte das mulheres é o que usam e porque não hei-de usar (eu?) sim ao menos para matarmos a fome à vontade e sem medo ou cuidados... tem paciência eu tomo-as quer queiras ou não desta vez mando eu ⁶¹³

Mário conforma-se:

Quanto às pastilhas era melhor que não as tomasses mas se assim o queres assim seja mas depois não te queixes e está certo que por amor tudo se sacrifica.⁶¹⁴

Um dos assuntos de que mais se fala de forma escondida é o da menstruação. Aparece nas cartas trocadas com namoradas, noivas ou esposas, sempre referido por expressões tais como, “é o cestume”, “aquilo do costume”⁶¹⁵, “a dor de todos os meses” ⁶¹⁶, “bandeira

⁶¹⁰ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 71, 16.08.1968.

⁶¹¹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 6, 30.03.1969.

⁶¹² Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 4, 03.04.1969.

⁶¹³ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 6, 07.04.1969; 80\$00 em 1969 corresponderia hoje, pelas tabelas do INE, a € 23,93

⁶¹⁴ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 4, 09.04.1969.

⁶¹⁵ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 92, 02.12.1963.

⁶¹⁶ Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 1, 14.05.1964 e documento 2, 04.01.1966.

vermelha içada”⁶¹⁷, “benfica”⁶¹⁸, “dores de barriga... é mal que Deus não cura”⁶¹⁹, “doença passageira... chatisse todos os meses”⁶²⁰. Aparecem-lhe associadas crenças tais como a impossibilidade de cortar o cabelo e as unhas ou tomar banho durante esse período:

acabei de lavar a cabeça fiquei com umas dores na cabeça que julguei enlouquecer...⁶²¹

Apenas no acervo de Manuel aparece, pela única vez, a palavra menstruação escrita pelo militar numa frase divertida em que explica à noiva como está informado sobre esses assuntos:

tenho lido muitos livros Querida, usas “Modess” – usa-se uma vez e joga-se fora – bem Meu Amor eu estou a brincar mas é uma coisa que deve ser do teu conhecimento e deve custar pouco dinheiro por isso Querida o teu Manuel quer que tu uzes está bem é o melhor absorvente para a menstruação, é o que tenho lido dezenas de vezes.⁶²²

Entre si, os homens escrevem de forma diferente, usando termos e expressões que não utilizam com a família, noivas ou namoradas. É ponto assente que os militares precisam de “desenferrujar o prego”⁶²³ ou “mudar os óleos de visita”⁶²⁴, expressões que apontam para a necessidade da vida sexual. Mas não são só os homens entre si que reconhecem esta necessidade. As mulheres também a sabem. Por vezes, uma tia mais velha pode aconselhar o militar:

Tu come bem e bebe, olha se puderes goza que é o que tu fazes bem e arranja uma preta para nesse dia saíres com ela, não te importes da cor...⁶²⁵

Aparecem nas cartas vocábulos usados pelos militares para designar as mulheres negras, como, por exemplo, “cafécós” e “mandiocas”⁶²⁶. São descritas como tendo falta de pudor e associadas frequentemente à prostituição, “piores do que os bixos”⁶²⁷, “muito feias e a cheirarem muito mal”.⁶²⁸ A estas expressões, em geral muito depreciativas e de cariz racista,

⁶¹⁷ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 1, 12.12.1966.

⁶¹⁸ Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 36, 02.08.1965.

⁶¹⁹ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 1, s/data.

⁶²⁰ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 82, 27.07.1965.

⁶²¹ Carta de Elisa para Carlos, Fundo 71, caixa 57, série 5, documento 40, 29.01.1966.

⁶²² “usa-se uma vez e joga-se fora” era o slogan publicitário de promoção da Modess, primeira marca de absorventes higiénicos a aparecer em Portugal. Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 11, 13.07.1966

⁶²³ Fundo R72, caixa 61, série 7, documento 110, 20.11.1963.

⁶²⁴ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 14.06.1967.

⁶²⁵ Carta de tia para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 6, 20.12.1961.

⁶²⁶ Respetivamente, Fundo R2, caixa 11, série 4, documento 116, 02.01.1967 e caixa 9, série 1, documento 39, 29.07.1971.

⁶²⁷ Fundo R11, caixa 16, série 2, documento 26, 23.10.1962.

⁶²⁸ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 90, 23.10.1963.

juntam-se outras que dizem respeito a artes sensuais praticadas pelas mulheres negras e mulatas que deixam os homens diferentes: “vocês rapazes quando estão aí em Africa, por vezes arranjam conquistas que vos são deveras perigosas”⁶²⁹ escreve Amália a Carlos.

A importância das histórias já conhecidas alimenta a preocupação das mulheres que sabem que os militares têm tempo ocioso para ocupar:

às vezes chego a desejar que te governes para outro lado mas também é preciso cuidado porque podias estragarte a ti e a mim também e sempre deve ser melhor saber que se tem uma coisa que é só nossa ⁶³⁰

Aparecem referências a casos concretos. Fátima avisa Francisco:

não te metas com elas fazem-te feiteçaria que vens doente para cá olha que têm vindo rapazes daí que vem vem doentes e nunca mais saram ⁶³¹

Entre si os homens falam também de doenças sexualmente transmissíveis, geralmente tratados com “a bala mágica”, nome dado à penicilina.⁶³² Os homens mais velhos e com maior experiência, como o padrinho de António, dão conselhos aos militares:

Sobre as pretas para todo o serviço, também gostei da tua explicação, o que é preciso é que essas pastilhas que o médico vos dá, não tire as temperaturas de uma vez para sempre.⁶³³

Espero que quando fores para o Sul, encontres muitas brancas, mas não gastes muita massa, porque segundo me consta, são muito caras.⁶³⁴

Para lá das doenças há o perigo de envolvimento em relações, temporárias que sejam, que podem resultar em filhos ⁶³⁵, assim avisa uma amiga de José: “Olha se fazes como o filho

⁶²⁹ Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 53, 23.02.1967.

⁶³⁰ Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 39, 13.11.1965.

⁶³¹ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 3, 19.03.1967.

⁶³² Depoimento de Rui Vieira Coelho, médico, ex-alf mil BCAÇ 3872 e BCAÇ 4518, sobre as doenças mais frequentes em campanha e o seu tratamento.

Disponível em: <https://blogueforanadaevaotres.blogspot.pt/search?q=bala+mágica>

⁶³³ Fundo R72, caixa 61, série 7, documento 110, 09.12.1963

⁶³⁴ Fundo R72, caixa 61, série 7, documento 110, 26.12.1963; O padrinho chega a mandar dinheiro a António para “não abusares... da mão”, documento 118, 23.07.1965.

⁶³⁵ Catarina Gomes, Manuel Roberto e Ricardo Rezende têm vindo a desenvolver um trabalho jornalístico para o jornal Público sobre os filhos das ligações circunstanciais entre militares e mulheres nativas das colónias, também chamados “filhos do vento” ou “portugueses suaves”. Disponível em: <http://www.publico.pt/filhos-do-vento>

do Abílio que traz ai uma preta de Barriga não fassas como ele que tudo se sabe”⁶³⁶. Ou, como escreve a mãe de António: “como mandas dizer há aí filhos de soldados”.⁶³⁷

O padrinho, no meio de notícias da terra, pergunta-lhe: “Já tens algum mulato?”⁶³⁸

Elisa encara a situação com aparente normalidade:

já arranjás-te aí alguma pretinha ou não? Sabes meu amor eu gostava que trouxesses um pretinho mas só um.⁶³⁹

Os militares contam histórias que se passam nos aquartelamentos:

Aqui cada soldadinho tem a sua preta. Acontecem até coisas engraçadas; quando são desmobilizados passam as pretas por meio de determinada quantia, aos que vêm de novo da Metrópole. São autênticas transacções comerciais, não imaginas. Aqui há pouco tempo aconteceu até q um, mais vivaço, vendeu a mesma a dois, e depois foi uma grande bronca.....⁶⁴⁰

Fotografias das mulheres negras nativas, com os seus trajes e adornos, circulam entre homens e motivam comentários, como os que se seguem, feitos pelo padrinho de António:

Hoje recebi o teu postal com a fotografia da riquíssima preta que tem o privilegio de ter umas maminhas tão boasinhas, que é difícil encontrar uma rapariga branca com semelhantes sem estarem encestados nos “péter pans”.⁶⁴¹

Surgem conselhos nas cartas:

Eu quero que tenhas juiso mas goza como eu gozei e aproveita a tua mocidade sem te prenderes com ninguém ⁶⁴²

O importante é ocupar o tempo para não “render mais”⁶⁴³.

Gozar a mocidade, neste sentido, é mais fácil para quem está perto de algum centro urbano, como é o caso de um amigo de José, mobilizado também em Angola, embora estacionado perto de Luanda:

estou melhor do que tu porque faço sempre uma viagem para lá nem que seja só para lá estar meia hora e dar uma foda naquelas pretas e já evito de tocar a punheta... mas também o dinheiro também vai todo e não chega a nada ⁶⁴⁴

⁶³⁶ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 6, 15.12.1961.

⁶³⁷ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 90, 23.10.1963.

⁶³⁸ Fundo R72, caixa 61, série 7, documento 112, 25.05.1964.

⁶³⁹ Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 43, 14.05.1966.

⁶⁴⁰ Carta de Luís para Teresa, Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 14, 22.02.1967.

⁶⁴¹ “Péter pans” designa uma marca de soutien em voga nessa altura, Fundo R72, caixa 61, série 7, documento 110, 14.12.1963.

⁶⁴² Carta do padrinho para António, Fundo R72, caixa 61, série 7, documento 110, 14.12.1963.

⁶⁴³ Carta de camarada de armas para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 8, 22.02.1962.

Os militares frequentam as prostitutas e falam disso entre si com mais abertura, como escreve a Carlos um primo também mobilizado:

ontem à noite fui dar uma voltinha pela cidade e numa avenida que tem o nome de av. de Angola, a iluminação quase não existe, e todas as casas são de pretas putas, aquilo é nós a andarmos e elas a agarrar-nos até dá pena, mas fuder uma preta é tão diferente de uma branca, elas são muito frias⁶⁴⁵

O padrinho de António recomenda cuidado porque os pretos são traiçoeiros, ideia muito comum nos enunciados dos acervos:

Os brancos teem de estar sempre á lerta....tôdo o cuidado é pouco, até mesmo com as pretas mesmo que estas tenham umas mamãs bonitas como aquela que me mandaste em fotografia ⁶⁴⁶

Esta ideia da traição é apresentada numa história passada em Luanda que um militar amigo de Carlos lhe conta numa carta:

um dos meus culegas ja mureu por ter ido ás pretas tava la dentro de caza o marido de baixo da cama e quando ele ia para fazer o servesse o gajo salta de baixo da cama e deul uma maxadada no peito e adipois deule mais facadas que ele saiu dentro da casa com as tripas a véla e o culega ia para le acudir e levou tambam e ele não mureu porque apontal um brasso.⁶⁴⁷

António conta à noiva uma outra história semelhante:

Meu Amôr está descansada comigo pois eu não me meto em folias com prêtas, pois já tem havido muitos acidentes cá com essas macacas, ainda há pouco tempo mataram um Furriel e 3 soldados eles tinham ido lá servirem-se de uma prêta estavam lá muito descansados, quando entraram lá meia dúzia de prêtos e os cortaram todos á catanada.⁶⁴⁸

Como todo o cuidado é pouco, apesar de dispersos no terreno, os militares combinam as licenças e juntam-se nas cidades para conviver. A mãe de José conta-lhe por carta como soube que vários rapazes da terra se encontraram em Luanda e fizeram uma “borga”, lamentando que “só tu meu filho não tens sorte nunca te juntas com pessoas da tua terra”⁶⁴⁹.

⁶⁴⁴ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 8, 22.02.1962.

⁶⁴⁵ Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 24, 24.07.1966.

⁶⁴⁶ Fundo R72, caixa 61, série 7, documento 111, 20.02.1964.

⁶⁴⁷ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 27.04.1967. Interessante contribuição ao tema da sexualidade dos militares com mulheres africanas durante a guerra poderá vir a ser dada pela investigação financiada pela FCT e ainda em curso (2016-2019), conduzida por investigadores do CES, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, “Desejo, Miscigenação e Violência: o passado e o presente da guerra colonial Portuguesa”.

<http://ces.uc.pt/pt/investigacao/projetos-de-investigacao/projetos-financiados/blend>

⁶⁴⁸ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 68, 01.01.1964.

⁶⁴⁹ Fundo R11, caixa, 16, série 1, documento 18, 18.12.1962.

Os militares dão conta desse convívio nas cartas que escrevem para casa, por vezes omitindo informação sobre determinados aspectos das festas que fazem, na maioria dos casos por envolver práticas sexuais. Essa informação aparece em cartas para outros soldados da mesma terra que estão também mobilizados. O contacto com conhecidos da terra, trocando notícias e novidades, ajuda a reduzir o sentimento de distância e relembra a comunidade que está longe.

I.8 “NÓS SÓ VAMOS ONDE O DESTINO MARCAR”

É com esta frase que a sobrinha de Carlos, ainda criança, remata uma carta que lhe dirige por altura do Natal.⁶⁵⁰ A Deus pertence este destino de que fala a criança de 9 anos de idade, ao qual ninguém pode fugir e com o qual todos se devem conformar. São inúmeras as expressões que evidenciam esta crença:

para tudo é preciso ter a ajuda de Deus ⁶⁵¹

o meu destino está marcado e a ele não vale a pena fugir ⁶⁵²

foi o nosso destino Deus destinou assim porque êle também sofreu se eu soffro tu tambem sofres⁶⁵³

o meu destino está marcado para ser feliz ou infeliz ⁶⁵⁴

tenho-me que contentar com a sina que Deus me destinou ⁶⁵⁵

o meu destino está marcado e seja bom ou mau não posso fugir dele ⁶⁵⁶

temos de nos conformar com a vontade de Deus.... nós ficamos a pedir a Deus nas nossas pobres orações por ti ⁶⁵⁷

Na correspondência nota-se um sentido envolvimento na vida religiosa da comunidade a que se pertence, mais da parte das mulheres que dos homens. Nestes acervos, são sobretudo elas que fazem promessas, acendem velas, rezam e falam com Deus e os santos da sua veneração, indo à missa regularmente. Os militares, na sua maioria, incentivam estes comportamentos de devoção.

⁶⁵⁰ Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 20, 28.12.1966.

⁶⁵¹ Carta de Elisa para Carlos, Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 43, 14.05.1966.

⁶⁵² Carta de Carlos para a mãe, Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 5, 24.02.1967.

⁶⁵³ Carta de noiva para Manuel, Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 2, 04.01.1966.

⁶⁵⁴ Carta de Elisa para Carlos, Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 34, 20.05.1965.

⁶⁵⁵ Carta de Elisa, para Carlos, Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 34, 25.05.1965.

⁶⁵⁶ Carta de Amália para Carlos, Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 41, 05.02.1966.

⁶⁵⁷ Carta de tia para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 1, 03.07.1961.

Seja o que for que aconteça é porque Deus assim quer, mistério que não está ao alcance dos homens compreender: “só andamos neste mundo enquanto Deus quer este mundo não é nosso”⁶⁵⁸. Esta ideia, aliada a uma intensa religiosidade que surge nas cartas, aparece associada a outras crenças e objetos variados como amuletos e medalhas, que são investidos de características mágicas, propícios à criação de um clima de superstição muito ligado à ideia de morte na guerra.⁶⁵⁹

Luís escreve a Teresa contando que ia perdendo o fio com uma medalha que ela lhe ofereceu quando partiu:

O fio e a medalha são o meu talismã e nunca em circunstância nenhuma eu o tiro, mas ando sempre preocupado pois como deves calcular é fácilimo eu perdê-lo ⁶⁶⁰

A ideia de um destino traçado que inevitavelmente se cumpre aparece na correspondência associado à vida em geral, desde a saúde, ao lazer, trabalho e vida afectiva. Mas esta concepção de predestinação assume particular relevância em relação às ocorrências da guerra como, por exemplo, a participação em missões militares:

se deus quizer se fores para o mato não ades ter perigo que eu ide pedir sempre a deus que não tenhas perigo ⁶⁶¹

Deus sabe o destino que tenho marcado, e porisso tenho que ter fé e nada mais ⁶⁶²

A notícia da morte de militares é também compreendida e desta forma aceite, geralmente, em razão do destino e por vontade de Deus:

coitadinhos desses dois teus colegas que morreram, mas já era o destino deles de ficarem nessas terras do Ultramar, a Virgem Nossa Senhora há-de-te livrar de todos os perigos.⁶⁶³

⁶⁵⁸ Carta de Fátima para Francisco, Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 17, 07.05.1968.

⁶⁵⁹ Em razão da natureza da guerra, este fenómeno aparece noutros conflitos armados. Na I Guerra mundial, por exemplo, Cesare Caravaglios, citado por Carlo Stiaccini, refere que as cartas dos soldados mostram-na como um lugar propício à “proliferazione di credenze superstiziose, constatando che nessun soldato aveva potuto sottrarsi al bisogno di attribuire poteri protettivi agli oggetti del quotidiano.” Estas superstições, estreitamente ligada a crenças tradicionais, estão ancoradas na origem rural da grande maioria dos soldados. Stiaccini, Carlo (2009), *L'anima religiosa della Grande Guerra, Testimonianze popolari tra fede e superstizione*, Roma, Aracne, p. 12. Ver, também, o estado da arte sobre o papel desempenhado pela religião na I Guerra em Itália: Paiano, Maria (2015), “Religious Mobilization and Popular Belief (Italy) em Ute Daniel, Peter Gatrell, Oliver Janz, Heather Jones, Jennifer Keene, Alan Kramer e Bill Nasson, 1914-1918 – online. *International Encyclopedia of the First World War*, Freie Universitaet Berlin, Friedrich-Meinecke-Institut.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15463/ie1418.10529>.

⁶⁶⁰ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 23, 05.11.1967.

⁶⁶¹ Carta da mãe para Francisco, Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 8, 08.08.1967.

⁶⁶² Carta de madrinha de guerra para José, Fundo R11, caixa 16, série 2, documento 28, 19.03.1963.

sei que você sabe que morreram cá uns rapazes... todos nós temos que morrer e se eles morreram foi porque Deus assim o quis ⁶⁶⁴

Entre si os militares escrevem expressando a mesma crença, como é o caso desta carta escrita a José por um amigo mobilizado em Angola:

Então José o filho do Ferreiro de Vilar já morreu isso é que nos mete um bocado de tristeza e pena nós vemos morrer os nossos colegas; mas temos que nos confortar com a vontade de Deus pois ele é quem manda e como tu sabes hoje foi por ele amanhã será por nós que na vida que andamos estamos sujeitos ao mesmo mas seja o que Deus quiser no meio disto tudo o que devemos pedir a deus é boa sorte.⁶⁶⁵

Quando os militares partem, fazem-se promessas para que cheguem bem ao seu destino. Uma vez na guerra, promessas são feitas para que nada de mal lhes aconteça. A estas vão juntar-se outras pelo ansioso regresso. Encontramos inúmeras referências às figuras de devoção a quem se fazem as promessas: São Lázaro, São Judas Tadeu, São Roque, Anjos da Guarda, Senhora da Hora, Santa Maria Adelaide, Santa Maria Madalena, Santa Sãozinha, Nossa Senhora da Paz, Nossa Senhora da Saúde, Nossa Senhora dos Aflitos, que acode a quem vai ter filhos⁶⁶⁶, São José, São Veríssimo, São Sebastião, advogado dos soldados⁶⁶⁷, Santo Amaro, advogado dos ossos ⁶⁶⁸ e a Santa Rita, advogada das coisas impossíveis. ⁶⁶⁹ Surge nas cartas um intenso culto mariano expresso em enunciados como o que se segue, escrito a José por uma amiga:

Eu tenho confiança em N. Senhora de que em breve isso terminará. Ela há-de mostrar mais uma vez que é Mãe e Rainha de Portugal, deste velho Portugal a quem tanto queremos, estou mesmo certa disso.⁶⁷⁰

Nossa Senhora de Fátima é a mais invocada, seguida de Nossa Senhora da Conceição. A devoção leva à participação ativa nas cerimónias da comunidade, como procissões e missas. O Santuário de Fátima é um dos locais de maior culto, sendo referência comum na

⁶⁶³ Carta de Rosa para António, Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 96, 12.04.1964.

⁶⁶⁴ Carta de Carlos para a mãe, Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 4, 23.12.1966.

⁶⁶⁵ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 4, 21.10.1961.

⁶⁶⁶ Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 40, 07.01.1966.

⁶⁶⁷ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 89, 24.09.1963.

⁶⁶⁸ Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 47, 02.05.1965.

⁶⁶⁹ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 96, 12.04.1964.

⁶⁷⁰ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 2, 15.08.1961.

correspondência. É em Fátima que se paga a maioria das promessas feitas ao longo da mobilização, das quais ir a pé até ao santuário é a mais frequente⁶⁷¹:

devo um sermão e uma a nossa senhora de Fátima e a Santa maria Madalena mas só a mando dizer a quando tu cá estiveres.... tambem uma promessa a Fátima a pé ocha lá que tu venhas valente para para ir na minha companhia.⁶⁷²

São benzidas imagens que são levadas para a guerra sendo as cerimónias transmitidas pela televisão e seguidas por muitos portugueses: “uma foi para Luanda... tinha lá muitos soldados”⁶⁷³ Por vezes, “a imagem de Nossa Senhora que vai para o Ultramar” está nas Igrejas, como refere Rosa que a viu quando foi à “capela das almas.... rezar o terço para que te proteja e te guie nos momentos mais difíceis”⁶⁷⁴.

Durante a mobilização, os familiares dos militares vão, por vezes, a Fátima. A preparação da viagem é feita com grande antecedência. Rosa pensa ir com a futura sogra embora o preço da viagem, 130\$00 por pessoa ⁶⁷⁵, seja elevado para quem ganha 20\$00 por dia. As duas mulheres conseguem juntar o dinheiro necessário e partem numa excursão. Saem às 8h da manhã do Porto chegando a Fátima onze horas depois, às 7h da tarde, tendo sido percorridos cerca de 195 km. A morosidade das deslocações dá a ver um país com uma deficiente rede de transportes e comunicações.⁶⁷⁶

Rosa narra a viagem com grande detalhe, descrevendo, encantada, as terras por onde passam, “o mercado” de Aveiro “onde só se viam soldados”, a beleza da Figueira da Foz e Leiria, com “um jardim que lá tinha muito bonito”⁶⁷⁷. Chegadas a Fátima, visitam a capela das Aparições onde acreditam ter aparecido um anjo aos pastorinhos. A mãe de António relata o pagamento de promessas feitas que, entretanto, se cumpriram:

⁶⁷¹ A noiva e mãe de António têm essa promessa feita. Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 91, 03.11.1963.

⁶⁷² Carta de mãe para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 11, 07.05.1962.

⁶⁷³ Carta da mãe para António, Fundo R72, caixa59, série 2, documento 32, 15.10.1963.

⁶⁷⁴ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 86, 02.03.1963.

⁶⁷⁵ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 95, 25.03.1964. 130\$00 em 1964 corresponderia hoje, pelas tabelas do INE, a € 52,13

⁶⁷⁶ Como refere António Barreto, a integração do território “era muitas vezes formal e jurídica, sem uma real tradução na vida social e económica. As redes de transportes e comunicações (estradas, caminhos de ferro, telefones, telégrafo, imprensa, etc.) deixavam fora do seu alcance grandes áreas rurais e numerosas aldeias.” Barreto, António (2000) (org.), *Portugal e a Europa: quatro décadas. A Situação Social em Portugal 1960-1999*, volume II, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, p.58.

⁶⁷⁷ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 97, 17.05.1964.

Meu querido filho dei 3 voltas de joelhos na capelinha das aparições e fiz o sacrifício por ti, e a Rosa também deu e pusemos belinhas a Nossa senhora por ti. ⁶⁷⁸

À noite assistem à procissão das velas:

estava muito frio mas nós com a nossa fé e devoção até nem sentíamos frio nenhum.

O que impressiona Rosa é a passagem do andôr de Nossa Senhora:

eram os soldados que o traziam tantos e tantos soldados..... andavam muitos soldados a cumprir promessas porque tinham chegado de fora ⁶⁷⁹.

Luísa, noiva de Manuel, acompanha a transmissão que a RTP faz das cerimónias do 13 de maio na Cova da Iria, em que a mãe e a noiva de António participam directamente.

Impressiona-se com o mar de gente:

eu chorei de presipio a fim quando olhei para a imagem da N.S. de Fátima comecei a chorar e a pedir-lhe por ti e por todos os soldados que se encontram no ultramar principalmente por ti ⁶⁸⁰

António conta com o envolvimento activo da mãe e da noiva e agradece as suas preces:

Rosa, meu amor fiquei muito satisfeito ao ler a tua carta em tudo o que me mandas dizer principalmente na tua ida á capela das almas e rezar á Nossa Senhora de Fátima a qual eu tenho muita fé porque só ela é que me pode salvar a minha vida e a dos meus colegas ⁶⁸¹

A mãe e a noiva de António são as mulheres que mais referências fazem às rotinas religiosas que seguem, as quais desempenham um papel relevante nas suas vidas, providenciando-lhes o ânimo e a confiança que transmitem ao militar. As duas mulheres rezam o terço com frequência “para que venhas a salvamento”.⁶⁸² Rosa participa na novena mas, quando não pode estar presente, reza o terço no caminho a pé para o trabalho.⁶⁸³

As duas mulheres vão à igreja rezar aos santos que conhecem e a outros que se diz fazerem milagres: “eu rezo todos os dias por ti meu filho a um Santo que está na igreja e tem uma frida no joelho e um cãozinho a lamber.” ⁶⁸⁴

Mandam rezar missas por António “nos dias 13 de cada mês” ⁶⁸⁵ e assistem à cerimónia sempre que podem:

⁶⁷⁸ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 97, 17.05.1964.

⁶⁷⁹ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 97, 17.05.1964.

⁶⁸⁰ Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 1, 14.05.1964.

⁶⁸¹ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 60, 04.03.1963.

⁶⁸² Esta expressão aparece noutros acervos com frequência. Carta de noiva para António, Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 89, 28.08.1963.

⁶⁸³ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 97, 29.05.1964.

⁶⁸⁴ Será, provavelmente, São Roque, Fundo R2, caixa 59, série 2, documento 39, 24.05.1964.

meu amôr na segunda-feira, na capêla da irmã do divino coração no cemitério houve missas até à meia-hora da tarde eu fui ainda assistir a 3 missas por ti, pois a Irmã do divino coração faz muitos milagres.⁶⁸⁶

António, por seu lado, faz promessas em África e pede à mãe e à noiva para as pagar, quando são alcançadas.⁶⁸⁷ Solicita, também, que coloquem velas no altar sempre que sai em missão. As duas mulheres cumprem os seus pedidos: “hoje mesmo a Rosa foi por as 6 bélihas que mandas-te pedir no altar de Nossa Senhora de Fátima foram postas na capela das Almas... já está a tua promessinha cumprida”, assegura a mãe.⁶⁸⁸

Além do acervo de António, outros mostram uma vivência idêntica da vida religiosa. No caso de Manuel, aparecem pedidos semelhantes aos que António faz à família: “Meu Amôr foste à missa faz sempre por lá ires péde muito a Deus e a Nossa senhora por mim”⁶⁸⁹.

Na primeira metade da década de 60, assistir à missa vai fazer-se em moldes diferentes do que era costume. É a altura em que se fazem sentir algumas alterações à prática religiosa quotidiana, decididas pelo Concílio Vaticano II. Realizado entre 1962 e 1965, o concílio procurou a actualização da doutrina da Igreja face à sociedade da época. A missa, anteriormente celebrada em latim, por exemplo, passa a sê-lo em português, com o padre virado para os fiéis, o que vai alterar a relação entre um e outros no sentido de uma maior proximidade.⁶⁹⁰

Numa carta que escreve a António, a mãe vai dar-lhe conta desta mudança mais visível:

Meu querido filho começou faz hoje oito dias a missa celebrada em português, é um bocadinho diferente do que era costume, mas é melhor do que em latim, assim percebe-se melhor, manda-me dizer se já sabias desta modificação.⁶⁹¹

⁶⁸⁵ Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 31, 07.09.1963.

⁶⁸⁶ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 89, 12.09.1963.

⁶⁸⁷ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 12, 26.04.1964.

⁶⁸⁸ Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 46, 25.03.1965.

⁶⁸⁹ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 6, 03.01.1964.

⁶⁹⁰ As conclusões saídas do concílio Vaticano II na forma de constituições, decretos e declarações irão ter uma influência profunda nos meios católicos portugueses levando, nomeadamente, a um questionamento da guerra colonial. Sobre este assunto ver, entre outros, Estevão, Nuno (2000), “Os meios católicos perante a guerra colonial: reconfigurações da questão religiosa em Portugal”, *Lusitania Sacra*, 2ª série, 12, pp.221-265; Clemente, Manuel (2010), *A Igreja no tempo, história breve da Igreja Católica*, Grifo Editores, Almeida, João Miguel (2008), *A oposição católica ao estado Novo 1958-1974*, Lisboa, edições Nelson de Matos; Para os documentos do Concílio, disponíveis online, consultar: http://www.snpcultura.org/concilio_vaticano_ii_origem_e_documentos.html .

⁶⁹¹ Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 46, 14.03.1965.

Apesar do pouco dinheiro que consegue juntar, Rosa havia já comprado e enviado um missal para, no futuro, António poder seguir a missa, “como deve de ser”.⁶⁹² O militar agradece-o mas confessa que “ainda não sei seguir a missa por ele”.⁶⁹³ É preciso prática o que se torna mais difícil quando se está destacado no mato:

eu no Kinguengue não tenho missa nem terço em conjunto, mas rezo o terço sózinho todos os dias⁶⁹⁴

Manuel está destacado em Moçambique e descreve, também, a prática religiosa vivida no mato:

nôz aqui tivémos missa ao ar livre no dia de Natal mas foi por ser natal só de 4 em quatro meses é que vêm aqui o capelão do Batalhão dar-nos missa ⁶⁹⁵

O enquadramento dos militares mobilizados vai articular religião e nacionalismo, como disso é exemplo a oração “SOU SOLDADO PORTUGUÊS” ⁶⁹⁶ distribuída à companhia de artilharia na qual está inserido Manuel, uma adaptação da oração do Pai Nosso, conforme figura A.6 do Anexo A. Nesta oração, a incorporação no exército é apresentada como um serviço à Pátria, a qual merece, sempre, lealdade e coragem. A missão a cumprir está profundamente ligada ao serviço a Deus, a quem o soldado oferece os maiores sacrifícios e lutas, pedindo proteção contra “os perigos e tentações”, ao mesmo tempo que a graça “de saber obedecer aos meus superiores e de bém cumprir os meus deveres em toda a parte”. Na oração é invocada a “fé e heroicidade” do Santo Condestável que defendeu a “Terra Portuguesa (...) nos campos de batalha” e para os que serão “colhidos pela morte no campo da honra e do dever”, perdendo “a vida ao serviço da Pátria”, é desejada a paz eterna.

A propaganda religiosa apoiada pelas autoridades militares visava, ao relembrar e recuperar a educação católica dos soldados, manter a moral e levá-los a um comprometimento maior com o esforço de guerra, patriótico e cristão. A fé permitia a convivência com o risco de vida e a ideia de um destino traçado, conhecido de Deus, dava uma explicação para a dureza da guerra e para as mortes dos camaradas, presenciadas pelos militares.

No mesmo sentido, o MNF dá notícia aos militares de gestos que procuram fortalecer esta ligação da crença religiosa com a defesa da Pátria:

⁶⁹² Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 98, 27.07.1964.

⁶⁹³ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 79, 06.01.1965.

⁶⁹⁴ Kinguengue é uma pequena localidade situada a norte de Malange, em Angola. Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 75, 04.09.1964.

⁶⁹⁵ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 6, 03.01.1964.

⁶⁹⁶ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 9, 16.02.1966.

Inauguramos agora na Nossa Igreja de São Pedro 1 lampadário, para estar sempre com a sua chama acesa em homenagem aos Nossos Soldados que lutam no Ultramar.⁶⁹⁷

No acervo da Carlos, encontramos igualmente a narração de promessas, rezas e procissões. Elisa escreve:

no domingo quando fui à missa aos pés de nossa Senhora pedi pelo meu pai para que o melhorasse depressa pedi por ti para que a Senhora nunca te desampare e para que te ajude nas horas difíceis e ali aos pés de Nossa Senhora jurei que se não fosse tua não seria de mais ninguém⁶⁹⁸

Envia uma medalhinha de Nossa Senhora de Fátima e recomenda “todas as vezes que fores para o mato leva-a contigo”⁶⁹⁹. A mãe de Carlos envia-lhe um terço que veio de Fátima.⁷⁰⁰ Acende “todos os dias a lâmpada a S. Sebastião, e, também tenho algumas promessas que terás de pagar quando vieres”⁷⁰¹.

Neste acervo, uma madrinha de guerra envia uma oração,

para que tu a uses na camisa na algibeira esquerda... é a fé que nos salva nós só quando estamos em perigo é que nós nos lembramos que á Deus nunca devíamos de nos esquecer porque nós não o conhecemos mas sim existe ⁷⁰²

A sobrinha de Carlos recomenda-lhe “rezar todos os dias o terço e ofereço a rainha Santa Isabel e marte S Sebastião porque é padroeiro dos militares”⁷⁰³. Envia um livro para “o tio ler antes de ir para o mato e leve consigo no peito porque essa nossa senhora e a padroeira dos militares” ⁷⁰⁴ Também Lucinda, envia uma medalha:

a medalhinha de Nossa Senhora de Fátima que eu pedi a uma irmã minha que foi lá este ano para me trazer para eu te mandar espero que gostes eu até pedi a minha irmã para o papa a benzer já vem benzida ⁷⁰⁵

Durante a mobilização, muitos destes objectos de culto vão circular entre a Metrópole e África. Rosa vai enviar a António uma medalhinha de Santa Rita, dentro de um maço de tabaco⁷⁰⁶, orações, um terço e um Agnus Dei⁷⁰⁷, benzidos pelo padre da freguesia.⁷⁰⁸

⁶⁹⁷ Aerograma para Carlos escrito por senhora da secção do MNF da sua terra, Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 16.06.1967.

⁶⁹⁸ Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 39, 02.11.1965.

⁶⁹⁹ Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 44, 26.06.1966.

⁷⁰⁰ Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 12, 16.09.1966.

⁷⁰¹ Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 11, 10.06.1966.

⁷⁰² Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 66, 30.06.1966.

⁷⁰³ “Marte” é mártire. Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 20, 09.10.1966.

⁷⁰⁴ Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 21, 30.03.1967.

⁷⁰⁵ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 15.05.1967.

As festas do calendário litúrgico vão ocupar parte significativa da narrativa. No natal assiste-se à missa do Galo, na páscoa percorre-se a Via Sacra e participa-se no Compasso, costume levado a cabo, designadamente, na região de Entre Douro e Minho e que consiste na visita pascal do pároco e benção das casas.⁷⁰⁹ No último domingo antes da Páscoa, participam na procissão de Ramos que celebra a entrada de Jesus em Jerusalém. Perto do dia de Finados, cartas e encomendas transportam o “pão por Deus” que pode ser dinheiro, “aí te mando 20\$00 que é o pão por Deus”⁷¹⁰ ou “uma embalagem com figos e amendoa que é o pão por Deus”⁷¹¹.

A par da intensa devoção religiosa, as cartas dão conta de outras crenças e gestos, ligados à superstição, que se traduzem no envio de objectos tais como uma determinada moeda, folhas de hera ou um trevo de quatro folhas, pétalas de flores tiradas do altar, em que “a branca é do altar de Nossa Senhora da Conceição, a de cravo côr de rosa é do S.to António, e a outra florsinha também rosa é do S.José”⁷¹², um bilhete de autocarro com uma capicua porque “é felicidade”⁷¹³, “uma pestana” da noiva⁷¹⁴, entre outros que trazem sorte ao militar ausente. Elisa pede a Carlos que se encontra em Moçambique:

⁷⁰⁶ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 91, 03.11.1963.

⁷⁰⁷ O Agnus Dei é um objecto sacramental, geralmente uma medalha, em que a imagem de um cordeiro é moldada com uma cera benta cuja função é contribuir para a santificação de quem a tem. Pode ser usada suspensa numa corrente ou preservada como objeto de devoção. Sobre este assunto <http://www.newadvent.org/cathen/01220a.htm> e Narciso da Silva, Joaquim P. (2013), *Resumo elementar de archeologia cristã*, Library of Alexandria.

⁷⁰⁸ Uma investigação, de promissores resultados, sobre os objetos encontrados nos corpos de soldados brasileiros mortos em Itália, durante a II Guerra Mundial, permite obter informações sobre as práticas e valores subjacentes às atitudes e representações diante do risco de morte. Laicos e religiosos, são transportados objetos que se pensam ser os essenciais para conforto material e espiritual: fotografias, pequenas recordações como um boneco, “2 torres de Pisa em alabastro”, cartas e postais, “artefactos ou impressos relacionados a diferentes devoções, praticamente todos de origem cristã” e “manuais de orações”, entre outros. Piovezan, Adriane (2013), “Atitudes diante da morte: religiosidade e pragmatismo nos objetos dos mortos na Segunda Guerra Mundial”, *Revista Brasileira de História das Religiões*, 15, (Online) pp. 5-7 e 10. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/anais4/st4/3.pdf> .

⁷⁰⁹ Para aprofundar este assunto ver de Dias, Geraldo J. A. Coelho (1992) “Origem medieval do compasso – visita pascal. A Benção das Casas”, *Lusitania Sacra*, 2ª série, 4, pp.83-98.

⁷¹⁰ Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 12, 28.10.1965.

⁷¹¹ 1 de novembro é o dia do pão por Deus, um costume que cruza religião com tradições rurais. Nesse dia, as crianças saem à rua e batem à porta das casas para o pedir, recebendo em troca broas, bolos, frutos secos, rebuçados e pão, entre outros alimentos e guloseimas. Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 66, 27.10.1966.

⁷¹² Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 36, 16.02.1964.

⁷¹³ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 104, 31.01.1965.

gostava que tu me comprasses aí é a deusa, deusa da sorte é uma chenezinha que dá sorte cada pedido que nós lhe fize-mos ela atende mas é preciso tirar-mos a mãozinha que ela tem faz-se o pedido e torna-se a pôr a mão ⁷¹⁵

A mãe de António manda-lhe provas de fotografias. No entanto, como se diz que dá azar, pede em troca da prova “um tostão é assim o dado, que assim já não faz mal”⁷¹⁶. Como o ano de 1964 é bissexto “vai com muito azar” ⁷¹⁷. Daí a razão de diversos acidentes de comboios e automóveis que acredita relacionados com este facto. Perante a trovoada violenta, “levantei-me e vim asender a lâmparina a Nossa Senhora e a trovoada passou.”⁷¹⁸ E conclui, “tem que se ter paciência que a vida é assim.” ⁷¹⁹

Esta concepção providencialista imbuída de resignação está, por sua vez, ligada à ideia de um prémio futuro que recompense o sofrimento vivido. Aparece expressa em inúmeros enunciados:

continuaremos a sofrer com paciência e resignação à espera da recompensa que Deus nos há-de dar, que é o grande dia da tua chegada.... se Deus Nosso senhor quizer havemos de ser muito felizes, quem sofre tanto Deus dá a recompensa ⁷²⁰

temos que levar a cruz ao calvário com paciência e resignação para podermos um dia ter o prémio.⁷²¹

... de tanto sofrêr com esta separação que Deus nos deu para nós sofrêrmos assim mas Deus áde-nos dar a compênção deste sofrimento pois áde meu adorado, meu santo ⁷²²

Deus áde sêr nósso amigo e nós depois vamos lhe pagar tudo isto com o nósso sacrificissio.⁷²³

faz parte da vida sofrer e todos nós temos a nossa cruz a cumprir mas a minha tem sido pesada de mais... o que é preciso é rezignação pode ser que Deus um dia ainda me recompense de tudo quanto tenho sofrido.⁷²⁴

é muito dura a nossa situação, mas Deus assim quis, é porque temos que sofrer agora, para mais tarde tirarmos a recompensa, a Felicidade ⁷²⁵

⁷¹⁴ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 76, 08.10.1964.

⁷¹⁵ Fundo R71, caixa 57, série 5, documento 43, 29.05.1966.

⁷¹⁶ Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 44, 10.12.1964.

⁷¹⁷ Carta da mãe para António, Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 40, 04.08.1964.

⁷¹⁸ Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 41, 30.09.1964.

⁷¹⁹ Carta da mãe para António, Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 44, 10.12.1964.

⁷²⁰ Carta de Rosa para António, Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 97, 21.05.1964.

⁷²¹ Carta de Olívia para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 17, 14.10.1962.

⁷²² Carta de noiva para Manuel, Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 5, 05.07.1965.

⁷²³ Carta de noiva para Manuel, Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 2, 19.01.1966.

⁷²⁴ Carta de Elisa para mãe de Carlos, Fundo R71, caixa 58, série 8, documento 74, 30.10.1966.

Depois da felicidade em vida, a morte virá para que todas as injustiças sejam reparadas porque “temos uma alma para dar a Deus”⁷²⁶.

No acervo de Francisco, encontramos referências idênticas à vivência religiosa, como lhe conta a mãe:

nós tivemos aqui Nossa Senhora de Fátima da Cova da Iria foi aqui um festejo que fizeram, que toda a nossa família está a pedir por ti e por os teus companheiros e a tua mulher confessou-se e comungou e pediu a nossa sra. de Fátima por ti não desanimes que isto é pouco tempo.⁷²⁷

A mãe mostra receio pelo futuro da relação conjugal de Francisco e Fátima. Por isso manda-lhe a imagem de Nossa Senhora “para te apegares com ela”⁷²⁸. Um amigo escreve-lhe tentando confortá-lo: “a vida, para uns é rosas, para outros e espinhos, e preciso e fé e coragem para suportarmos o que Deus nos quer dar”⁷²⁹.

No acervo de Mário, são menos frequentes as referências à religião, embora rezem e participem nalgumas cerimónias, como a procissão em honra de Nossa Senhora de Fátima, conforme conta a mãe:

saiu do cerco do Porto e deu a volta, e deu a volta pelos nossos blocos, foi uma coisa espantosa. Entrou na Nossa Capelinha, e eu acendi 4 tigelinhas na varanda, e a tua filha em cima da cadeira a vêr com muita atenção a porção com as mãos levadas para Jesus a cantar Avé-Maria.⁷³⁰

Neste acervo, o enunciado mais comum que invoca Deus prende-se com a passagem do tempo, referido frequentemente por Mário e pela mulher: “que Deus nos ajude a passar este tempo”⁷³¹, “que Deus nos ajude a passar este ano, como o outro”⁷³². Há também a ideia de se estar a sofrer por via de acções feitas anteriormente, como escreve Mário: “que mal fiz eu a Deus, para andar a pagar tão caro?”⁷³³

Ao contrário dos acervos referidos relativamente a esta questão, na correspondência de Luís, embora haja algumas referências à religião, nota-se um progressivo afastamento da crença e da instituição. Quando parte para Angola, o clima emotivo que rodeia a separação, propicia o aparecimento de referências religiosas: “... só peço a Deus que me deixe voltar a

⁷²⁵ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 5, 16.03.1968

⁷²⁶ Carta de Carmo para Mário, Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 5, 20.05.1968.

⁷²⁷ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 2, 08.02.1967.

⁷²⁸ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 2, 08.02.1967.

⁷²⁹ Fundo R53, caixa 26, série 1 documento 2, 02.02.1967.

⁷³⁰ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 7, 06.06.1966.

⁷³¹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 12.08.1967.

⁷³² Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 5, 19.02.1968.

⁷³³ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 13.03.1968.

ver-te”⁷³⁴. Nesta primeira fase surgem enunciados que revelam automatismos provavelmente decorrentes da educação em meio católico como, por exemplo, “Só Deus é testemunha do meu sofrimento.”⁷³⁵ Confessa à namorada, “Eu não sei rezar, mas como acredito em Deus e na sua bondade peço muitas vezes a ele por ti, à minha maneira, claro, hás-de ver que ele me vai ouvir.”⁷³⁶

Estas referências vão diminuir:

Se te lembrares muito de mim nada me acontece, e de vez em quando reza um bocadito como me prometeste.⁷³⁷

Tens rezado por mim? Não me parece. Vá não seja preguiçosa.⁷³⁸

À medida que o tempo passa, as cartas vão revelando os pensamentos do militar sobre o tema:

Sinto saudades daquela fé enorme que regulava toda a minha infantil existência, para poder pedir a Nossa Senhora por ti. Não rias, isto não é pieguice, quando era pequeno, adorava Nossa Senhora, e tenho ainda uma imagem que sempre velava à minha mesinha de cabeceira, a quem eu sempre me dirigia nos momentos de apuro, e não me recordo que alguma vez não fosse atendido. A vida fez-me descrente, e poucas coisas há ainda em que eu acredite...⁷³⁹

No início da mobilização, Teresa reza por Luís, como o fazem as mulheres de outros acervos:

Todos os dias rezo por ti quando me deito a Nossa-Senhora, e tenho a certeza de que nada te acontecerá. Ela é muito boazinha e há-de atender o meu pedido. Tem fé como eu, nada te acontecerá, vais ver!⁷⁴⁰

No entanto, as notícias da guerra e do mundo levam-na a refletir sobre o momento que estão a viver:

Parece que há Alguém que nos traça o destino e nos marca a morte. Ela chega não através do perigo, da doença, da guerra, mas sim quando esse Alguém o quer, chegado o dia e a hora ela aparece quer se esteja a combater, a passear ou a dormir.⁷⁴¹

Às questões sobre a natureza de Deus, Luís responde demoradamente:

⁷³⁴ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 12, 29.12.1966.

⁷³⁵ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 3, 09.08.1965.

⁷³⁶ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 7, 04.05.1966.

⁷³⁷ Carta de Luís para namorada, Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 12, 04.01.1967.

⁷³⁸ Carta de Luís para namorada, Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 16, 06.04.1967.

⁷³⁹ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 8, 12.06.1966.

⁷⁴⁰ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 58, 12.01.1966.

⁷⁴¹ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 68, 28.01.1967.

Essas interrogações de sabor metafísico que fazes, nunca ninguém respondeu a elas. Porque um Deus sumamente bondoso alicerçar os seus reinos, nas dores e sofrimentos mais atrozes e nas injustiças mais flagrantes (?) também não te sei responder. (...) Deus existe com certeza, mas porque é absoluto, também o é na sua infinita insensação. Depois o homem faz o resto, quem mais que o homem é culpado numa situação que só ele criou, e só ele domina, cada vez mais ilimitadamente? Porque há fome, quando no mundo há de comer para todos? Porque há miséria moral, quando estão bem definidos os caminhos mais decentes a seguir? Que tem Deus, se existe, a ver com isso? (...) A religião católica, como tantas outras é uma construção humana, das mais artificiais. É uma teoria político-religiosa que permite a escravidão, a opressão, a miséria, que defende os ricos, os grandes interesses económicos, e aos pobres apenas dá a vã miragem dum “dolce vita” além túmulo. (...) Tu sabes bem o que são essas fantochadas, as ridículas fantochadas de Fátima, a mulher miserável e ignorante que se arrasta de joelhos durante quilómetros, pedindo, sei lá a quem?, que lhe cure o filho ou o marido, quando devia exigir do mundo que lho curassem...⁷⁴²

Luís vai ainda escrever sobre dos comportamentos que observa no seu destacamento:

Os soldados cá do batalhão são quase todos do norte e portanto, com um espírito essencialmente religioso, de modo que tudo lhes serve para festejar a Páscoa, desde a assistência em massa à missa até ao enfeitar das casernas, com palmeiras, flores e todos os verdes que puderam arranjar.⁷⁴³

Sobre o major que está destacado consigo, escreve:

Fiquei muito admirado porque ele faz sempre o sinal da cruz antes e no fim das refeições. Isso deixa-me perplexo.⁷⁴⁴

Com o passar do tempo, as referências à religião diminuem ou revestem-se de um carácter mais crítico à instituição. Quando o Papa vem a Portugal, Teresa dá a notícia a Luís que Paulo VI ofereceu mil contos à igreja portuguesa, sugerindo que melhor seria que os tivesse dado aos pobres.⁷⁴⁵

Será esta vida de dificuldades, a maioria das vezes aceite com conformismo pelos correspondentes dos vários acervos, em razão dos desígnios de Deus, um dos assuntos mais abordados na correspondência, como tivemos ocasião de ver.

⁷⁴² Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 19, 11.07.1967.

⁷⁴³ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 15, 26.03.1967.

⁷⁴⁴ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 17.01.1967.

⁷⁴⁵ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 72, 19.05.1967.

II. ESCREVER NO DIA A DIA DA GUERRA

Para lá da experiência da distância de casa, a vivência da guerra, na forma como é expressa na correspondência, pode ser contida em dois temas principais, aqui enunciados separadamente para comodidade de exposição. O primeiro diz respeito às condições de vida que os soldados encontram numa geografia radicalmente diferente daquela que conhecem e onde viveram. O segundo está relacionado com a experiência militar, propriamente dita. Nesta parte que agora se inicia, iremos ver como estes dois temas foram tratados na correspondência a partir do que os militares contaram.

II.1 A VIDA QUE AQUI PASSAMOS...

Alojamento e alimentação ocupam um lugar destacado nas cartas que os militares escrevem para a Metrópole. Para lá da descrição do local onde vivem e da comida que lhes é distribuída, as cartas exprimem, principalmente, queixas que dão conta das condições difíceis em que muitas vezes se encontram, nomeadamente os que estão deslocados no mato. Luís é oficial do quadro permanente do Exército e no que escreve reflete as condições em que se vive no aquartelamento onde se encontra:

De ontem para hoje não dormi quase nada pois fui atacado por uma data de percevejos. De manhã arranjei um maçarico a gasolina e “queimei” a cama toda além de mandar mudar a roupa. Para prever futuros ataques arranjei quatro latas meias de óleo onde enfiei os quatro pés da cama que é de ferro....⁷⁴⁶

quando o avião não vem, falta o correio mas faltam-nos também os frescos, carne, peixe, fruta, etc.⁷⁴⁷

Os destinatários destas cartas são, como foi referido, quase sempre as mães. Respondem, lamentando e consolando os filhos mobilizados, sendo secundadas pelas esposas, noivas e namoradas:

meu filho a comida não é do teu agrado, só te queria vêr deves estar magrinho, faço ideia quantas vezes já te tem apeteceido um tachinho de massa ⁷⁴⁸

manda-me dizer se tês comido bem e se gostas da comida, se fosse pertinho nós mandava-mos coisas para te alimentares mas as coisas demoram tanto tempo a chegar, também tens aí pão? ⁷⁴⁹

Também estou ralada que passes mal de comer ⁷⁵⁰

⁷⁴⁶ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 35, 13.02.1971.

⁷⁴⁷ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 35, 18.02.1971.

⁷⁴⁸ Carta da mãe para António, Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 32, 07.10.1963.

⁷⁴⁹ Carta de Rosa para António, Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 93, 23.01.1964.

⁷⁵⁰ Carta de mãe para Carlos, Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 11, 15.05.1966.

manda dizer tambem as novidades daí que tu não mandas que tu não mandas dizer nada se passas fome ou sede ⁷⁵¹

Dão conselhos pueris:

não te deites com a roupa molhada ⁷⁵²

agazalha-te bem para não te constipares ⁷⁵³

diz-me como te vais sentindo, pois o mar puxa por ti, podias dar baixa, para te enfortaleceres ⁷⁵⁴

não vás depois de cômer para o banho porque pode-te fazer mal e dar alguma degestão. ⁷⁵⁵

não tires o soustento ao teu corpo vaite alimentando que tu aí não tens quem olhe por ti ⁷⁵⁶

Por não ter quem olhe por eles, os militares vão ter de tomar conta de si próprios. Há descrições das tarefas a seu cargo, como cuidar da própria roupa, “coser botões” e “passajar”⁷⁵⁷. Carlos escreve à mãe:

sempre que vou à cidade tenho que lavar o fato de tirilene e passalo a ferro e olhe que fica muito bom e só lhe mete um vinco nas calças o que me custa mais é coser.... todos lavam e passam a ferro incluindo oficiais e sargentos porque estamos em campanha. ⁷⁵⁸

Os militares voltam homens, como afirma Carlos à mãe, meses depois:

quando for para aí, serei um outro homem talvez um pouco mais bruto, mas muito mais homem. Se eu tivesse sempre debaixo das suas saias seria menino, e hoje não o sou. ⁷⁵⁹

Esta ideia de que a tropa ensina a ser homem, é expressa com frequência na correspondência que chega da Metrópole. A noiva de António escreve sobre um irmão menor, pouco obediente: “que pena ainda não têm idade parair para a tropa haver se ganhava juízo.”⁷⁶⁰ A mãe de António, ao falar do outro filho que “não tem emenda”, afirma que “ele é que havia

⁷⁵¹ Carta de Fátima para Francisco, Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 2, 12.02.1967.

⁷⁵² Carta de mãe para António, Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 28, 04.03.1963.

⁷⁵³ Carta de Rosa para António, Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 86, 02.03.1963.

⁷⁵⁴ Carta de Carmo para Mário, Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 5, 19.02.1968.

⁷⁵⁵ Carta de Rosa para António, Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 99, 24.08.1964.

⁷⁵⁶ Carta de mãe para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 18, 18.12.1962.

⁷⁵⁷ Carta de Luís para a mulher, Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 27, 02.06.1970; também Joaquim refere ter estado a coser botões no camuflado, Fundo R133, caixa s/num, série 1, documentos 1-10, 29.12.1969.

⁷⁵⁸ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 3, 8.06.1966

⁷⁵⁹ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 5, 09.04.1967.

⁷⁶⁰ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 107, 09.05.1965.

de estar aí”⁷⁶¹. Mas confessa que está agora mais tranquila porque lhe foi apresentada a futura nora: “de hoje para amanhã que eu morra já ele tem uma mulher para cuidar dele”⁷⁶².

As histórias que se ouvem de quem tem os seus em África ou dos que já regressaram, desempenham um papel determinante nas preocupações que chegam da Metrópole:

tem cuidado com os bichos aí porque principalmente com os crocodilos e outros animais nos rios e na selva meu filho olha sempre pela tua vida e reza⁷⁶³

Rosa conta a António uma história ouvida no atelier de costura onde trabalha:

5 rapazes que andavam no rio e veio um crecodilo e comeu-os a todos..... a Mãe nem se acreditava mas depois veio uma carta a informá-la do que tinha acontecido (...) Olha se tens cuidado se fores tomar banho por causa dos crecodilos⁷⁶⁴

eu tenho muito medo porque aí éssas febres são muito ruins tem coidado sim querido⁷⁶⁵

As mulheres dão conselhos vários ligados a estes perigos de que ouviram falar, “febres desconhecidas”⁷⁶⁶ que quase matam os militares, “animais perigosos”, “formigas que mordem” e “cobras cuspidadeiras”⁷⁶⁷. O calor húmido associado a vários tipos de parasitas, mosquitos e animais venenosos aparece nas cartas como sinónimo de um clima insalubre e “doentio” que “prejudica imenso a saúde”⁷⁶⁸, “péssimo para as doenças, e fridas custam muito a sarar”⁷⁶⁹.

Faz parte da narrativa falar do corpo e da doença. Mário teve “izipela”⁷⁷⁰ no pé direito e ficou “despensado de todo o serviço”. Luís tem ataques de paludismo, nome comum dado à malária, muitas vezes referida como “as febres” e escreve a Teresa explicando que a doença não é contagiosa, embora o prenda à cama. Queixa-se de dores de cabeça e indisposição. Mário tem “muita febre e dores de cabeça parece que era paludismo”⁷⁷¹.

⁷⁶¹ Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 36, 25.02.1964.

⁷⁶² Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 47, 16.05.1965.

⁷⁶³ Carta de mãe para António, Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 31, 30.09.1963.

⁷⁶⁴ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 99, 12.08.1964.

⁷⁶⁵ Carta de Luísa para Manuel, Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 4, 18.01.1965.

⁷⁶⁶ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 6, 20.06.1967.

⁷⁶⁷ Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 38, 08.04.1964.

⁷⁶⁸ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 36, 06.03.1971.

⁷⁶⁹ Carta de Mário para a mulher, Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 18.06.1968.

⁷⁷⁰ Erisipela, infecção da pele causada por *Streptococcus pyogenes*, Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 12.06.1968.

⁷⁷¹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 12.06.1968

Estar na vida militar permitiu o rastreio e tratamento de doenças comuns na altura.⁷⁷² António escreve à noiva, em 1964, que “andam muitos soldados doentes, alguns até já foram para a metrópole tuberculosos”⁷⁷³. Mário conta como correu a inspeção feita ao navio por causa da tuberculose:

é como sabes rãdiografia e bacina correu tudo bem, e tu quando puderes fãz o mesmo é sempre bom olharmos pela nossa saúde e leva também a nossa querida filha ⁷⁷⁴

“hoje em dia a doença dos pulmões já se cura com facilidade o que é preciso é fazer o tratamento”⁷⁷⁵

Foi o que lhe explicaram e é o que aconselha à mulher:

não deixes de comer que isso é um dos teus grandes males, e não te deites tarde com o trabalho, seja o que Deus quiser⁷⁷⁶.

Nas duas comissões que faz, Luís refere tomar Librium periodicamente, nome comercial para uma benzodiazepina usada no tratamento da ansiedade excessiva.⁷⁷⁷ Sinais deste tipo de perturbação aparecem nos vários acervos. Mário confessa à mulher que está “cheio de

⁷⁷² Os Serviços de Saúde Militares tinham como missão “Prever, preparar e fazer aplicar, medidas de higiene e profilaxia” em todas as áreas que influenciavam a saúde dos soldados. O rastreio da tuberculose e da saúde dentária fizeram parte das suas atribuições e referência a estas aparece na correspondência. Inspeção de alimentos, águas e desinfestação surgem também referidos como sendo atribuições destes serviços que funcionavam em ligação com os serviços de saúde civis. Sobre a organização dos serviços de saúde militares nos três territórios africanos onde decorreu a guerra ver, Barrocas, Rita Alpiarça (2016), Contributo para o estudo da organização médica nos territórios de Angola, Guiné e Moçambique (1961-1974), Dissertação de Mestrado em História Militar, Lisboa, Faculdade de Letras, (Online), p.26.

Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26268/1/ulfl221663_tm.pdf .

⁷⁷³ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 68, 12.01.1964.

⁷⁷⁴ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 20.08.1967.

⁷⁷⁵ Embora não haja dados para 1967, a tuberculose era um doença frequente na população portuguesa. Em 1965 havia 180,7 casos por 100 000 habitantes. Em 2015, registaram-se 17,7 casos. Disponível em: <http://www.pordata.pt/Portugal/Tuberculose+casos+por+100+mil+habitantes-608>.

Esta diminuição acentuada está relacionada com a extensão do saneamento básico em Portugal continental, sobretudo a partir de 1974, da vacinação e da melhoria das condições de vida, atos que tiveram também importância fundamental na diminuição da mortalidade infantil. Os números existentes para o período de 1961 a 1974 indicam que a tuberculose e doenças infecciosas e parasitárias ocupavam um lugar de relevo nas causas de óbito dos portugueses, mostrando um atraso nos serviços de saúde pública e na condição sanitária geral da população. Barreto, António (2000), “Portugal e a Europa” em António Barreto (org.), A Situação Social em Portugal 1960-1999, II, Lisboa, ICS, pp.43-44 e 96-98.

⁷⁷⁶ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 22.10.1968.

⁷⁷⁷ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 31, 31.10.1970.

nervos... até me parece que estou a endoidecer”⁷⁷⁸. O enfermeiro do navio em que está embarcado tem “andado a dar calmantes”⁷⁷⁹

Ao longo do tempo, Luís, como outros militares, fala no consumo imoderado de álcool, às vezes resultando em “pielas” ou “torcidas” ⁷⁸⁰. Em vez do chá, há “a cuca das 5h”⁷⁸¹. Também o vermute entra nos hábitos, às vezes misturado com outras bebidas como cerveja e whisky.⁷⁸² A cerveja é a bebida preferida, refrescante em dias de calor intenso e par ideal para pratos picantes, muito usados em África. Surgem referências a comidas diferentes das que havia em casa. Luís fala em “piroada, papas de pirão com galinha de cabidela muito picante”, moamba de galinha ou peixe e marisco como lagosta e camarão.⁷⁸³

No entanto, as saudades de casa parecem exprimir-se em pratos típicos da Metrópole, como cabrito e bacalhau⁷⁸⁴, o cozido à portuguesa e as sardinhas assadas, que “ficaram mais caras que a lagosta mas souberam melhor.” ⁷⁸⁵

Nos dias festivos, mantém-se a tradição que se seguia na Metrópole. No Natal, come-se bacalhau com batatas, “à moda da nossa terra.” ⁷⁸⁶ No dia de S. Martinho, compram vinho e “como as castanhas aqui são muito caras e não prestam compramos um Bacalhau muito grande e assim passamos um dia muito feliz.” ⁷⁸⁷

Na Metrópole, a RTP desenvolve um intenso trabalho para ligar os militares aos seus. Chegadas e partidas de contingentes militares para as colónias aparecem na televisão, deixando na memória de quem vê os abraços, lágrimas e lenços brancos, na hora de partir, a extrema comoção e alegria, na hora do regresso.

⁷⁷⁸ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 18.09.1967.

⁷⁷⁹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 23.09.1967.

⁷⁸⁰ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 23, 24.11.1967, caixa 9, série 1, documento 27, 28.06.1970.

⁷⁸¹ Cuca é a marca de uma das cervejas produzidas em Angola, Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 24.01.1967.

⁷⁸² Vermute é um aperitivo que tem o vinho como base e a que se adicionam especiarias e ervas aromáticas, muito popular em África. Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 23, 24.11.1967.

⁷⁸³ Pirão é uma papa feita com farinha de mandioca, que serve de acompanhamento de peixes e carnes. Às vezes aparece a designação de funge, farinha de milho, com aplicação igual. A moamba, prato da culinária angolana, é cozinhada com óleo de palma, servida com funge e leva quiabos. Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 14, 21 e 22.02.1967.

⁷⁸⁴ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 14, 19.02.1967.

⁷⁸⁵ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 28, 14.07.1970.

⁷⁸⁶ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 33, 25.12.1970.

⁷⁸⁷ Fundo R71, cixa 56, série 1, documento 1, s/data.

Os militares são filmados em actividade, entrevistados, é-lhes dado tempo de antena, o que muito alegra os que ficaram na Metrópole: “esta semana dá na televisão todos os dias um bocadinho dos soldados da Guiné que foram para lá em Janeiro” ⁷⁸⁸.

Há menção a programas sobre as forças armadas:

todas as semanas à na televisão um programa das forças armadas ontem foi passado na Guiné falam várias pessoas do exército (...) também vem todos os dias um documentário que tem por título “Dedo no Gatilho” neste vem várias entrevistas de soldados de várias posições sobre o que por Moçambique se vai passando ⁷⁸⁹

No Natal, os militares podem ter a sorte de falar para a família através da RTP. Carlos vai falar no natal de 1966, causando um assinalável impacto na terra de onde partiu, ao aparecer na televisão:

gostei imenso de te ver pela R.T.P não calculas a satisfação que ouve em todos por te verem e ainda ouve lágrimas em vários rostos a alegria foi grande assim que falaste foi logo um alvoroço em todos e também não calculas a alegria que teve o meu João por te ver porque eu levantei-me e fui indicar no écran para ele te ver melhor. Nós vimoste bem porque foste o segundo a falar... quem te viu acharam-te que estas muito bonzinho.⁷⁹⁰

A RTP transmite notícias sobre o que se vai passando na guerra, deixando quem está na Metrópole preocupado:

temos visto na televisão tem sido um horror para alguns mas Deus queira que tu tenhas tido sorte ⁷⁹¹

hoje deu na televisão um grande combate aí em Norte de Angola e houveram feridos e baixas, não emaginas como fiquei nervosa, a distância é muito grande, e nós estamos sempre a supor o pior. ⁷⁹²

Carlos desvaloriza as notícias, como fazem outros militares quando escrevem à família:

pode crer que aquilo não é nada do que dizem para aí, (...) eu já tive nos piores lugares e a maior parte das vezes, nem sequer ouvimos um tiro ⁷⁹³.

Apela à coragem da mãe, desdenhando o perigo das missões em que está envolvido:

à dois anos e tal que em Angola não morre um Pára-Quedista porque é como lhe digo eles tem medo de nos atacar⁷⁹⁴

⁷⁸⁸ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 18.04.1967.

⁷⁸⁹ Fundo R71, caixa 56, série 4, documento 29, 20.04.1967.

⁷⁹⁰ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 09.02.1967.

⁷⁹¹ Carta de tia para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 3, 20.08.1961.

⁷⁹² Carta da mãe para António, Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 33, 03.11.1963.

⁷⁹³ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 4, 06.11.1966.

⁷⁹⁴ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 4, 23.12.1966

O MNF tenta elevar a moral dos soldados. Grupos de senhoras visitam os aquartelamentos, juntamente com voluntárias da Cruz Vermelha. Oferecem pequenas lembranças, nomeadamente no natal:

Então tiveste um presente de Natal grande ainda bem, eu já sabia que o ias ter a menina cá de casa também pertence ao movimento feminino e também contribuiu, deu tabaco, dinheiro e diversas coisas todas as meninas dos colégios deram, assim já todos ficaram mais satisfeitos passam o Natal mais consolados e o Natal é um dia como os outros ⁷⁹⁵

O fluxo epistolar aumenta no natal. Quem escreveu pouco durante o ano aproveita a ocasião para o fazer e, às vezes, mandar pequenos presentes. Quem sempre escreveu exprime a tristeza de ter o seu ente querido ausente no “grande dia de Natal dia da sagrada família.... mas não vies-te porque não pudes-te...” ⁷⁹⁶

A esmagadora maioria dos soldados não pode ir à Metrópole nessas ocasiões festivas e passa a licença militar em África. Como já referimos, alguns militares ficam na capital da colónia, outros vão para a sede do distrito onde se encontram destacados e há ainda quem guarde esses dias para o final da comissão.

O afastamento de casa faz com que os militares tenham acesso a modos de vida muito distintos dos seus. Além de referidas outras comidas e bebidas, há, também, novos hábitos de higiene. Mário concorda com Carmo relativamente à compra do “junquer para água quente pois que bastante falta fáz, e eu que vou bastante habituado a banhos todos os dias” ⁷⁹⁷.

A vida nas colónias é diferente. Nas cidades é mais cara, como constata Luís, de passagem por Luanda:

aqui gasta-se muito dinheiro, a vida é mais cara que aí, mesmo em Lisboa. Tem q se andar quase sempre de táxi (mais caros) pois quase não há autocarros. As diárias nos hotéis e nas pensões são mais caras comparativamente. Um almoço ou jantar, sem alarvices não fica por menos de 50.00. ⁷⁹⁸

José não gosta de passar por Luanda:

⁷⁹⁵ Carta de tia para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 6, 20.12.1961.

⁷⁹⁶ Carta de primo para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 6, 27.12.1961.

⁷⁹⁷ É frequente a referência às marcas para designar o produto que representa. Neste caso Mário refere-se ao esquentador da marca Junker. Molaflex é o colchão, uma Kodak é qualquer máquina fotográfica, Hitachi é o aparelho de rádio, Leão é o fogão, Cuca é a cerveja, entre muitos exemplos. Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 12.08.1967. Salvaguardadas as devidas diferenças, o mesmo se passa com a designação das pessoas conhecidas de que se fala na correspondência: é o João carnicheiro, o Álvaro padeiro, a Maria mestra, entre inúmeros exemplos, em que o apelido é substituído pela função desempenhada, o que acontece sobretudo nos meios rurais.

⁷⁹⁸ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 22, 15.10.1967.

o dinheiro até desaparece, faze-se mais aí com 10\$00 de que cá com 100\$00, e como sabes a gente bem louco do mato de lá estar tento tempo chegamos aqui até ficemos perdidos pegamos a ver cá estas moças brancas a onde estamos só habituados a ver pretas⁷⁹⁹

Mário observa sobre a cidade:

Luanda em Postais para maravilhosa, mas não passa de uma capital negra, postais coloridos são ilusões⁸⁰⁰.

Nas capitais das colónias, os militares dão conta de uma vida mais “intensa”⁸⁰¹, podendo às vezes ser tida como uma vida de “luxúria”⁸⁰² onde “casa-se, descasa-se, namora-se, noiva-se, etc. etc. com a maior das facilidades.”⁸⁰³ Há bailes, “bem melhores estes são muito mais finos.”⁸⁰⁴ Os militares encontram mulheres sózinhas na praia, muito diferentes das que deixaram na Metrópole, “cada matulona que é de um tipo ficar maluco são é quase todas estrangeiras”⁸⁰⁵, como conta Carlos à mãe. São “muito boazonas... as mini saias são cada monumento”⁸⁰⁶. As mulheres bonitas de Luanda motivam comentários e são comparadas a uma “grande máquina”⁸⁰⁷.

Na correspondência aparece uma linguagem com novos vocábulos, uma espécie de calão de guerra que exige esclarecimentos. Luís explica a Teresa que com o tempo “irás dando fé desta nova ‘enciclopédia’ que não é calão, mas sim um misto de quimbundo, bailundo, português e espírito ‘quixotesco’ do nosso soldado.”⁸⁰⁸

Os militares vão explicando os significados de termos que utilizam, tais como “maca”, “maçarico”, “checas”, “peluda”, “puto”, “mangunheiro”, “jinguba”, “mainato”, “alfaiates”, “maningue”, “cacimbado”, “água de Lisboa”, “cuca”, “nocal” e “manica”,⁸⁰⁹ bem como os vinte e seis nomes diferentes para designar o aerograma.⁸¹⁰

⁷⁹⁹ Fundo R11, caixa 16, série 2, documento 29, 15.04.1963.

⁸⁰⁰ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 06.07.1967.

⁸⁰¹ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 11.01.1967.

⁸⁰² Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 19, 23.07.1967.

⁸⁰³ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 21, 11.09.1967.

⁸⁰⁴ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 1, s/data, 1964?

⁸⁰⁵ O militar estava à data na zona da Beira, Moçambique, onde havia estrangeiros de férias vindos da África do Sul e Rodésia. Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 3, 21.05.1966

⁸⁰⁶ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 21.04.1967.

⁸⁰⁷ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 23, 24.11.1967.

⁸⁰⁸ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 11.01.1967.

⁸⁰⁹ 'Maca' tem vários significados tais como: asneira, confusão, pancada, acidente, combate. 'Maçarico' é o nome que se dava aos soldados chegados da Metrópole, também podendo significar 'azelha'. Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 11.01.1967; 'Checas' ou 'Chekas' equivale a 'maçaricos'. Fundo R133, caixa s/número, série 1, documentos 1-10, 08.09.1970; 'peluda' significava para um militar passar à

As tropas que chegam da Metrópole vão encontrar paisagens e um clima muito diferente: “já houve aqui duas trovoadas como eu nunca tinha visto na minha vida isto é engraçado chove muito mas mesmo assim é um calor dos diabos”⁸¹¹.

A geografia dos lugares aparece nas descrições enviadas para casa refletindo, na maioria dos casos, a rudeza do clima, excessivamente quente e húmido, mas também as praias maravilhosas, “o mar transparente e muito calmo”⁸¹², a beleza e monumentalidade de “um mundo com outras dimensões”⁸¹³. Luís descreve esse mundo ao relatar as férias passadas com familiares que residem em Angola e que se dedicam à cultura do café:

A minha viagem ao longo desta imensa Angola.... foi feita ao longo duma estrada belíssima, centena e centenas de kms de asfalto..... Nova Lisboa é uma cidade (pelo pouco que vi) maravilhosa. Fiquei encantado com a Gabela que é uma cidade a ombrear com essas cidadezitas da metrópole. As roças (fazendas de café) são lindíssimas...⁸¹⁴

disponibilidade, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 16, 29.10.1962; ‘puto’ designava a Metrópole, Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 135, 08.05.1965; ‘mangunheiro’ significa preguiçoso, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 13, 06.07.1962; ‘jinguva’ ou ‘jinguba’ designava o amendoim e era também o nome que se dava à avioneta que trazia o correio, Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 14, 16.02.1967 e Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 24.01.1968; ‘mainato’ designava um criado preto que lavava e engomava a roupa, em Moçambique, Fundo R133, caixa s/número, série 1, documentos 1-10, 21.07.1970, Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 27, 22.06.1970; ‘alfaiates’ era o nome que davam aos crocodilos em Moçambique, Fundo R57, caixa s/número, série 1, documento 2, 1972?; ‘maningue’ significava muito em Moçambique, Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 32, 28.11.1970; ‘cacimbado’ deriva da palavra ‘cacimbo’ que designa a estação seca, quando as terras ficam cobertas por uma névoa húmida; a palavra aparece no léxico dos militares para designar o distúrbio mental que, ao fim de um certo tempo, começava a aparecer nos soldados, Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 30, 03.09.1970; ‘água de Lisboa’ era o nome dado pelos nativos às bebidas alcoólicas consumidas pelos militares, nomeadamente aguardente ou brandy, Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 36, 29.03.1971; à semelhança do que se fazia na Metrópole, onde era frequente utilizar as marcas dos artigos para designar o seu conteúdo, dizer ‘cuca’, ‘nocal’, duas marcas de cerveja produzida em Angola e ‘manica’, uma marca de cerveja fabricada em Moçambique, significava estar a bebê-la. Sobre o contacto, do português e kimbundu no contexto da guerra colonial em Angola e as marcas que deixou, ver Mingas, Amélia (2000), *Interferência do Kimbundu no português falado em Lwanda*, Porto, Campo das Letras.

⁸¹⁰ Aeropedal, aerotáxi, agente da Cuca, amarelo, andorinha, apanha boleias, bate-estradas (a designação mais comum), bombardeiro, camisola amarela, camisola azul, canário, casaco azul, chevrolet, desenrascalisos, desenrascatesos, informador, inimigo dos selos, isoladôr, ivita sêlos, Peixoto Alves (ciclista vencedor da volta a Portugal em 1965), salta capins, terrorista, turista, totobola, val de estradas.

⁸¹¹ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 3, 21.05.1966.

⁸¹² Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 27, 28.06.1970.

⁸¹³ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 19, 25.07.1967.

⁸¹⁴ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 20, 31.08.1967.

Esta terra é bonita, sobretudo parecida com o ‘meu querido’ Minho.... Montes de cumes desnudados, vales profundos por onde correm tímidos riachos, encostas esverdeadas onde a urze e o alecrim são substituídos pelo caféiro protegido por frondosas árvores. (...) sinto-me pequenino quando, como hoje, me encontro perante uma paisagem tão majestosa e natureza tão pródiga.⁸¹⁵

Luís visita as cidades do sul de Angola, Benguela e Lobito, e espanta-se com “as boas casas de espectáculos”, a “boite” onde à noite se dança, a vida “cosmopolita”, o “tráfego intenso”, concluindo que “o nível de vida da população branca cá é muito superior ao da metrópole, vive-se de facto melhor aqui.”⁸¹⁶ De regresso ao quartel, faz um balanço do que viu: “A África desiludiu-me e maravilhou-me demasiado, em tal grau que quase não me atrevo a falar dela...”⁸¹⁷ Esta ambiguidade, como veremos adiante, deriva da observação do que Luís vê no mato e de uma reflexão sobre o que pensa ser o resultado da acção colonizadora dos portugueses.

Quando parte para a segunda comissão, dois anos depois e, desta vez, para Moçambique, Luís escreve à mulher a contar o que vê de diferente:

A população é composta por muitas e desvairadas gentes, desde os pretos das sanzalas (as pretas pintam a cara de branco), até aos mulatos, mestiços, muçulmanos, indianos, brancos residentes e brancos passantes (tropa), Enfim, um Brasil em miniatura. Os trajés são também os mais desvairados: desde as mini-saias ao ‘sári’ indiano. O meio de transporte é típico – mas condeno-o absolutamente – é o célebre ‘ricochó’ puxado por um homem. Não andei nem andarei numa coisa daquelas.⁸¹⁸

O militar encontra regras diferentes das da Metrópole como, por exemplo, conduzir automóveis pela esquerda. Descobre outras religiões, até aí praticamente desconhecidas:

Hoje foi aqui a festa do RAMADÃO, pois quase toda a população é muçulmana. Jejuam durante 40 dias (tal como fez Maomé) – isto é, só comem à noite – e no fim fazem maningue festas. As danças e cantares religiosos são exóticos e engraçados. Enfim muitas e desvairadas gentes como disse o burro do Camões.⁸¹⁹

A monotonia do quotidiano, numa guerra considerada de baixa intensidade, é, com frequência, exposta na correspondência. Há que passar o tempo:

⁸¹⁵ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 21, 02.09.1967.

⁸¹⁶ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 21, 16.09.1967.

⁸¹⁷ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 21, 04.09.1967.

⁸¹⁸ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 27, 14.06.1970.

⁸¹⁹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 32, 30.11.1970.

A vida que aqui passamos é estúpida. É sempre a mesma coisa. Só varia quando ingerimos um pouco mais de cerveja ou whisky⁸²⁰.

Para minorar este problema, do qual as chefias militares estão conscientes, preparam-se momentos de lazer. Mário, por exemplo, vai visitar a barragem de Cambambe por conta do navio onde anda embarcado. Almoça com a tripulação no único hotel que existe perto da barragem e tira fotografias para enviar à mulher, especialmente dos macacos empoleirados nas árvores.⁸²¹ Outro dos acontecimentos é a visita à fábrica de cerveja Cuca, onde também tira fotografias e bebe cerveja de graça.⁸²² Numa outra ocasião, com o bilhete oferecido pelos superiores, vai ao teatro, em Luanda, assistir a uma revista “bastante picante”⁸²³. António vai assistir à passagem dos automóveis nos ralis que decorrem na capital, onde há mais espectáculos e “até vêm cá artistas estrangeiros, é como aí na Metrópole, as cidades cá são na mesma.”⁸²⁴

Na correspondência, os militares descrevem os espetáculos de variedades a que assistem quando estão destacados no mato: “ontem tivémos cá o conjunto do Quartel General, e passamos uns bocados agradáveis”⁸²⁵, conta António à mãe. Nessa altura está destacado em Forte República, no norte de Angola, e o conjunto musical do QG anda em digressão pelos aquartelamentos da colónia.

Descrevem também outras atividades em que se envolvem e que ajudam a passar o tempo. Cinema, futebol, jogos de cartas e caçar são as mais citadas. Luís é o militar que refere com maior frequência e detalhe estes momentos. Cita os filmes que vê: Epopeia dos Mares, Escândalo na Vila Fiorita, Sarilho de Fraldas, Quo Vadis, Mary Poppins, Yellow Submarine e outros títulos de uma longa lista de películas a que assiste nos locais onde se encontra, estacionado ou em trânsito, nas messes dos Oficiais, nas salas de cinema da capital ou das localidades mais pequenas, até mesmo nos aquartelamentos, onde por vezes há projeção de filmes.

António também refere os filmes que vê no quartel: Sangue Toureiro, Camões, o Passarinho da Ribeira e o Tarzan do 5º esquerdo. Mas nem sempre é possível haver projeção.

⁸²⁰ Carta de camarada militar mobilizado na Guiné para Luís, Fundo R2, caixa 11, série 3, documento 111, 05.08.1963.

⁸²¹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 20.08.1967.

⁸²² Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 24.01.1968.

⁸²³ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 05.05.1968.

⁸²⁴ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 80, 07.03.1965.

⁸²⁵ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 17, 13.10.1964.

Em dezembro de 1963, António escreve à noiva dizendo que estão sem luz há mais de um mês e por essa razão não há cinema, o que lamenta.⁸²⁶

Quando pode, Luís vai à caça, fazendo por vezes referência às refeições com a boa carne das peças apanhadas.⁸²⁷ Também António participa em caçadas: “é tudo arranjado para comer, embora os nossos oficiais comam mais um bocado do que nós, mas nós também comemos.”⁸²⁸

Ir à praia, ao rio ou à piscina, são passatempos comuns, apetecíveis com o calor que se faz sentir. Jogar é um passatempo referido com frequência. Há jogos de azar como póker, lôto, bridge e roleta. Há jogos desportivos, geralmente de equipa. O futebol é o mais popular. Mário escreve à noiva que jogar futebol “tem que ser porque se não o tempo não se passa nem temos aonde nos divertir-mos.”⁸²⁹ Quando o seu batalhão vai para Malange, António passa a jogar no clube local. Há campeonatos e taças para todos.

As emissões de rádio ocupam de forma relevante a vida dos militares. Como não há televisão nas colónias, seguir os relatos dos jogos do campeonato nacional que decorre na Metrópole é uma actividade frequente aos fins de semana.

As notícias do futebol estão presentes nas conversas e surgem nas cartas. Da Metrópole chegam as notícias do campeonato do mundo em que Portugal participou em 1966, dando origem a enunciados patrióticos:

o nosso Futebol brilhou a grande altura e há-de continuar se a divina providência nos ajudar já que valor não nos falta, estamos a mostrar aos outros países a nossa personalidade de bons Portugueses, porque como sabes Portugal começa a ser mais respeitado e considerado como nação livre e independente.⁸³⁰

Aos militares chega a notícia da transmissão dos jogos pela RTP, o que gera um grande entusiasmo: “em Lisboa na hora dos jogos não se vê movimento nenhum nas ruas. É um espectáculo delirante como dizem os adeptos do desporto-rei.”⁸³¹

Por vezes, os militares assistem aos jogos de futebol entre os clubes locais e a outras manifestações desportivas, como a corrida de São Silvestre, no último dia do ano, em Luanda.

As emissoras das colónias, para lá dos relatos dos jogos de futebol, passam “músicas valentes, até custa menos a passar o tempo.”⁸³² Assim escreve António à noiva falando no

⁸²⁶ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 67, 13.12.1963.

⁸²⁷ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 28, 24.07.1970, documento 34, 01.01.1971.

⁸²⁸ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 65, 25.10.1963.

⁸²⁹ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 64, 07.09.1963.

⁸³⁰ Carta de amigo para Carlos, Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 66, 15.07.1966.

⁸³¹ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 66, 15.07.1966.

aparelho de rádio portátil que comprou a meias com um amigo para melhor passar o tempo e assim reforçar a ligação a um mundo que, com o passar dos dias, parece cada vez mais distante, como diz Joaquim aos pais: “No quartel o que me tem safado é o rádio que a tia Mila me deu e os livros que trouxe” ⁸³³.

A forma de passar o tempo liga-se também às encomendas nomeadas nas cartas. Luís, Joaquim e Manuel são os militares que pedem e recebem livros. Luís lê muito e vai dando conta dessas leituras a Teresa. Nas suas cartas encontram-se referências a Sartre, James Joyce, Jorge Amado, Pearl Buck, Daphne du Maurier, Dostoievski, Gogol, Paul Carell, Erskine Caldwell, Oliveira Martins, Eça de Queirós e Camilo. Pede e recebe revistas como o Comércio do Funchal, a Vida Mundial, Cadernos do Século, o Tempo e o Modo e a Seara Nova, bem como jornais desportivos para saber como correu a Volta a Portugal. Lê a Mosca, suplemento do Diário de Lisboa, enviado pela mulher de um alferes que com ele o partilha.

Manuel lê outro género de livros: a “Noiva”⁸³⁴, “Meu marido e eu”⁸³⁵ são dois títulos referidos que sugerem a preparação para o casamento próximo. Ao receber de Manuel pedidos de outros livros, Luísa vai responder:

pênssso que é asneira dar tanto dinheiro por dois livros, ainda se fosse coisa que presisasses agóra livros.... eu aicho pecado dar tanto dinheiro por um bocado de papel que depois de lêres não te serve para mais nada ⁸³⁶.

António não refere a leitura de livros. Recebe da Metrópole jornais, geralmente desportivos. Carlos escreve crónicas sobre a guerra para um jornal publicado em Angola e envia os recortes para a Metrópole.

Os militares recebem também palavras cruzadas, charadas e concursos de perguntas de algibeira, bem como selos, papel de carta, canetas e aerogramas. Tabaco e caixas de fósforos são muito comuns, bem como cruces, terços e medalhas.

Uma parte significativa das encomendas é em dinheiro e alimentos. São geralmente transportadas por militares, conhecidos ou amigos, raras vezes por um familiar ou alguém que vá para África. António recebe, com alguma periodicidade, geralmente da mãe e da noiva, notas de 20\$00 que são enviadas nas cartas. Nas épocas festivas, circulam encomendas relativas à data. Na páscoa, recebem amêndoas. Em novembro, vai o pão por Deus e, quando há portador, as famílias enviam bacalhau para a ceia de natal, juntamente com garrafas de

⁸³² Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 65, 16.10.1963.

⁸³³ Fundo R133, caixa s/numeração, série 1, documentos 1-10, 14.12.1969.

⁸³⁴ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 10, 06.03.1966.

⁸³⁵ Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 2, 21.01.1966.

⁸³⁶ Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 1, 16.10.1964.

vinho, pois os militares queixam-se da qualidade do que existe nas colónias. Vão também salpicões, “choriços de carne feitos em minha casa umas amendoas, e uns bolos sortidos”⁸³⁷. Pelo natal, Teresa envia a Luís queijo, passas, pinhões e amêndoas.⁸³⁸

As encomendas circulam também de África para a Metrópole, em resposta aos inúmeros pedidos de familiares e amigos. Os correspondentes pedem aos militares que tragam novidades das colónias, objetos que não existem na terra ou que são muito caros, animais considerados exóticos como, por exemplo, os macacos.⁸³⁹ Os pedidos mais comuns estão relacionadas com mobiliário, decoração e vestuário. Os soldados prometem levar “roupas chiques e bonitas”⁸⁴⁰, “bebidas sofisticadas”⁸⁴¹, “serviços orientais”⁸⁴², entre outras prendas como esculturas em pau preto, geralmente de animais e pessoas, candeeiros e cinzeiros, para além das peles de crocodilo ou lagarto, muito apreciadas no fabrico de sapatos e malas de senhora.

II.2 “COMO VÊS CALHA A TODOS”⁸⁴³

A ideia da inevitabilidade da mobilização é outro dos assuntos que vemos surgir com frequência nas cartas: “Tenho encontrado bastante gente conhecida mas isso não é para admirar sobretudo no que respeita à rapaziada nova”⁸⁴⁴ escreve Luís à namorada à chegada a África.

A mobilização universal mostra que amigos, conhecidos e familiares vão partindo ao longo dos anos como se de um destino se tratasse, aparecendo nas cartas os nomes e os territórios em que se encontram ou para onde vão. Há casos relatados nos acervos em que vários filhos da mesma família são mobilizados para a guerra. Luís, por exemplo, no final de 1965 dá notícia da ida de um dos irmãos: “O meu irmão vai no dia 23 para o Ultramar – Angola – no Vera Cruz. A minha mãe já começou a chorar.”⁸⁴⁵ Ele próprio parte em dezembro de 1966. No

⁸³⁷ Madrinha de guerra para Carlos, Fundo R71, caixa 56, série 4, documento 29, 08.03.1967.

⁸³⁸ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 91, 26.12.1970.

⁸³⁹ António irá ter um macaco no quartel com o objetivo de o transportar para a Metrópole no final da comissão. No entanto, devido a problemas sanitários, o macaco acabará por ser abatido.

⁸⁴⁰ Carta de Manuel para a noiva, Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 8, 15.01.1966.

⁸⁴¹ Carta de Luís para Teresa, Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 47, 27.04.1972.

⁸⁴² Por exemplo, a noiva de Manuel pede um serviço de chá, Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 7, 03.01.1965. A mulher de Mário pede um serviço chinês de chá e um tapete chinês, Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 5, 06.12.1968.

⁸⁴³ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 37, 05.04.1971.

⁸⁴⁴ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 11.01.1967.

⁸⁴⁵ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 1, s/data.

final de 1970, tem conhecimento que o mais novo vai para a Guiné: “Como vês calha a todos”.⁸⁴⁶

Calhou também ao irmão de José, que está prestes a ser incorporado no final de 1961:

eu tambem estou a caminhar para o mesmo quando eu andar na mesma vida que tu andas tambem havia de estar sempre à espera de cartas como tu estás sempre à espera de cartas nossas⁸⁴⁷

O irmão mais novo de Francisco também parte para Angola, em 1971:

temos que nos mentalizar que estamos na vida da tropa⁸⁴⁸.

Há alívio quando um filho não é apurado. O pai de Joaquim escreve-lhe a dar a notícia de que o irmão não ficou apto: “para a tropa já bástá um”⁸⁴⁹.

A noiva de António dá conta da ida à inspecção de rapazes conhecidos e do seu apuramento: “também têm que ir para lá, para saberem o que é bom.”⁸⁵⁰ A tia de José escreve-lhe a participar o nascimento de um irmão: “soube a notícia que a tua mãe tinha tido outro rapaz mais para a guerra”⁸⁵¹.

Na correspondência aparecem relatos de tentativas para livrar os homens do serviço militar. Com frequência surgem insinuações de favorecimento de conhecidos, geralmente bem relacionados. A mãe de António desenvolve esforços nesse sentido, com o filho ainda na recruta. O conhecimento é com uma senhora a quem o filho chama “Anjo da Guarda” por ter nela “as maiores esperanças de entre em pouco me encontrar perto de bocês e livre de perigo”⁸⁵². A mãe quer que ele venha a casa de fim de semana para falarem com a senhora sobre a situação porque, apesar de ela ter dado “muitas boas indicações”, será sempre melhor ir “falar com ela pessoalmente”⁸⁵³. Será em vão. António irá mobilizado para Angola e, a partir daí, mãe e filho alteram o que pensam sobre o assunto, considerando que todos devem ir. Os empenhos para alguém ficar livre do serviço militar passam a ser mal vistos por quem já lá tem o seu ente querido. Assim pensa também a mãe de Carlos:

comrespeito ao João andam com pedido ao Drº Matos haver se o livram se lá for não e mais do que outros e é para saber o que o outros passam.⁸⁵⁴

⁸⁴⁶ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 37, 05.04.1971.

⁸⁴⁷ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 3, 15.09.1961.

⁸⁴⁸ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 25, 09.04.1972.

⁸⁴⁹ Fundo R133, caixa s/número, série 2, documento 11, 04.09.1970.

⁸⁵⁰ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 108, 02.07.1965.

⁸⁵¹ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 8, 26.02.1962.

⁸⁵² Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 2, 16.04.1963.

⁸⁵³ Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 29, 25.04.1963.

⁸⁵⁴ Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 13, 05.04.1967.

Se vai um vão todos, escreve a noiva de Manuel:

olha querido sabes quem vai para a guiné no dia 20 é o meu primo de Vila do Conde... ui, ais que vai para lá o fim do mundo a chorarem, que vá, que vá, que os outros também lá estão, ele não é mais do que os outros não é querido ⁸⁵⁵

O pai de Joaquim critica os casos conhecidos:

O Zé e o Jaime estiveram aqui ontem saber novas a teu respeito. O Zé deve seguir para Nova Freixo no próximo dia 5 de Setembro. Só o Jaime é que conseguiu safar-se e lá arranjou um tacho nos serviços auxiliares que é como quem diz fazer a tropa o mais comodamente possível enquanto que os seus camaradas suam às estopinhas a palmilhar esse mato fora debaixo de todas as intempéries.⁸⁵⁶

Os militares, uma vez mobilizados, desprezam os que tentam evitar a incorporação ou então arranjar uma posição segura na cidade, geralmente em serviços administrativos, como escreve Carlos à mãe:

tinha vergonha de pedir para não ir à tropa, mas enfim dos fracos não reza a história... ⁸⁵⁷

A história reza sobre os que vão para a guerra porque “ao destino ninguém foge”⁸⁵⁸. Além de ser inevitável, a partida para a guerra é, com frequência, sentida como uma obrigação. Esta percepção facilita a aceitação do que se vai seguir em África. Há enunciados patrióticos, semelhantes entre si: “Angola é nossa e há-de ser sempre nossa graças á boa orientação portuguesa”, escreve a tia de José.⁸⁵⁹ Uma amiga de Francisco recomenda paciência porque “é obrigação para defender a nossa Pátria, porque se não formos nós os Portugueses quem é que vinha defendela...?” ⁸⁶⁰ No mesmo sentido escreve uma outra amiga a Carlos: “ou se é Português ou não se é! deves realmente ter honra por estares a defender a Pátria” ⁸⁶¹.

Estas considerações, geralmente feitas por quem está na Metrópole, vão sofrendo alterações, à medida que o tempo corre:

dizem que tu és um valente mas meu filho não queiras ser valente fáz só a tua obrigação ⁸⁶²

isto de tropa é um trazo de vida para um rapaz não é verdade filho.⁸⁶³

⁸⁵⁵ Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 3, 15.07.1966.

⁸⁵⁶ Fundo R133, caixa s/número, série 2, documento 11, 25.08.1970.

⁸⁵⁷ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 5, 09.04.1967.

⁸⁵⁸ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 12, 26.04.1964.

⁸⁵⁹ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 2, 14.08.1961.

⁸⁶⁰ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 3, 26.03.1967.

⁸⁶¹ Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 12, 20.07.1966.

⁸⁶² Carta da mãe para Carlos, Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 14, 17.07.1967.

⁸⁶³ Carta da mãe para Carlos, Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 12, 30.11.1966.

meu amor eu pedia-te para que tu não te ofereças para ires para o mato, se estás nessa solidão, mas estás no quartel estás bem, e não te acontece nada⁸⁶⁴

Apesar do sítio onde está não haver guerra, aconselho-o a que não se afaste, todo o cuidado é pouco, o seguro morreu de velho⁸⁶⁵

O tempo passado na tropa pode contribuir para a melhoria da vida futura, sobretudo para quem não tem um ofício ou um modo de vida estabelecido. É o caso de Carlos que escreve à mãe relatando como vai passar a licença militar:

o primo conseguiu arranjar uma coisa para eu aprender um ofício que é das coisas que mais se ganha aí, vale muito mais que ser empregado de escritório

ando quase todos os dias na oficina de um amigo dele e eu ando contentíssimo pois ando a aprender aquilo que sempre gostei de aprender.⁸⁶⁶

Comum é aproveitar para obter a carta de condução, como refere um camarada militar a António: “já fiz exame de condução e fiquei bem. Tirei carta profissional para ligeiros, pesados e moto.”⁸⁶⁷

Os soldados analfabetos aprendem a ler e escrever. Luís preside ao júri de exames da 3ª e 4ª classes em Nangade, Moçambique:

Chumbou só 1 da 4ª, mas os da 3ª são uma lástima. Amanhã são as orais e vai ser uma paródia com as asneiras que se vão ouvir na sala...⁸⁶⁸

Na carta seguinte, Luís dá conta dos resultados:

É evidente que a benevolência é a nota dominante destes exames, até na medida em que os soldados só podem sair da tropa depois de fazerem a 3ª classe e é muito chato chegarem à Metrópole depois de uma comissão e continuarem nesta “choldra”.⁸⁶⁹

Dois anos depois, Luís volta a presidir ao júri de exame:

Veio cá uma professora primária lá da vila e os exames fizeram-se cá no quartel. O outro membro do júri era o alferes Matos que também é professor na vida civil. É claro que foi uma “barbuda”. Os da 4ª classe talvez não passassem na 3ª e os da 3ª não sabiam patavina. A professora fechou

⁸⁶⁴ Carta da noiva para Manuel, Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 3, 22.07.1966.

⁸⁶⁵ Carta da sogra para Luís, Fundo R2, caixa11, série 3, documento 115, 12.03.1972.

⁸⁶⁶ O ofício a que se refere é o de soldador. Respectivamente Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 5, 06.05.1967 e 02.06.1967.

⁸⁶⁷ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 131, 29.01.1965.

⁸⁶⁸ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 32, 03.11.1970.

⁸⁶⁹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 32, 05.11.1970.

completamente os olhos e eu claro, tenho visto tanto, que não achei “injusto” deixar os rapazes passar.⁸⁷⁰

Perto do regresso dos militares, surge o tema da vida futura e a possibilidade de, uma vez desmobilizados, permanecerem nas colónias. Quem decide ficar escreve para a Metrópole dando conta da prosperidade em que se vive porque “nem há terra como essa para ganhar dinheiro.”⁸⁷¹

O padrinho de José vive em Angola, na cidade de Nova Lisboa, embora a família esteja em Braga para que os filhos possam prosseguir os estudos. Aconselha-o a ficar na colónia:

Diz-me quais são as tuas habilitações literárias, suponho que tenhas feito exame da quarta classe, caso tenhas êste exame poderás depois da tropa e se não tiveres castigos arranjar uma colocação no estado, ou seja na Policia Guarda Fiscal etc. Minha mãe já tinha falado em vires para cá, suponho que para ti será melhor do que regressares, Angola é uma terra de grande futuro, e tu aqui terás mais facilidades em singrar na vida do que regressando a Moimenta, Moimenta é uma terra pobre e portanto nenhuma possibilidades lá terás.⁸⁷²

Um militar amigo de José também coloca essa hipótese:

nem sei o que eide resolver eu na verdade queria cá ficar mas o meu Pai que não quer que eu cá fique eu para te dizer não sei o que eide fazer á minha vida eu para ir para lá bem saves como é a minha vida por aqui se caso tivesse sorte sempre me desenrascaria melhor não para ser rico porque já nasci para ser pobre mas sempre viveria melhor do que lá⁸⁷³

José sabe que “um que cá queira ficar pode ajeitar bem a vida.” Mas não é o seu caso como escreve à namorada na última carta antes do regresso: “é tudo muito caro... eu com raparigas cá de África não me dou compriendes! É que eu quero uma rapariga pobre mas honrada;”⁸⁷⁴

Na correspondência de António também aparece este tema apresentado pela mãe:

Meu querido filho enformei-me que o Estado ponha aí as pessoas que queiram ir cultivar terreno de graça, manda-me dizer se podemos ir para aí, se poder-mos eu e a Rosa vamos ter contigo.⁸⁷⁵

A mãe volta a insistir tempos depois:

Meu querido filho sobre o tú dizeres que pudiamos ir para aí bem sabes que é o meu sonho, tú como estás aí é que pudias arranjar uma colocação para mim e para o teu Pai... como sabes aqui

⁸⁷⁰ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 48, 25.05.1972.

⁸⁷¹ Carta de madrinha de guerra para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 14, 12.08.1962.

⁸⁷² Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 10, 04.04.1962.

⁸⁷³ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 16, 29.10.1962.

⁸⁷⁴ Fundo R11, caixa 16, série 2, documento 31, 02.07.1963.

⁸⁷⁵ Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 32, 27.10.1963.

não se ganha para comêr a vida cada vez está pior, e aqui não fazemos coisas que aí pudemos fazer pois ninguém nos conhece e aqui já parece mal, a Rosa aí também se defendia bem a trabalhar de costura.⁸⁷⁶

No entanto, António tem na ideia regressar à terra “pois não á outra mais bonita”⁸⁷⁷, onde tem a noiva e o emprego à espera.

Sobre este assunto, Mário escreve a Carmo: “a minha vontade também é pouca de cá ficar, pois que aí é que há os nossos conhecimentos e família restante”⁸⁷⁸. Não alimenta sonhos sobre a vida nas colónias:

Luanda é uma cidade bonita e moderna, mas olha não me ilude... cá é tudo muito caro... de facto não mudei de ideias e deves de compreender, eu vim para cá para organizarmos a nossa vida, e se eu te mandasse vir para cá lá se ia tudo por água abaixo, e não só isso como as casas são caríssimas e para se alugar uma casa barata tinha que ser, feitas em madeira e nas tabancas juntas com os pretos, a donde não faltam ratos mosquitos etc. e à cá muitas mulheres de marujos e filhos que andam sempre com doenças, e o dinheiro lá se vai...⁸⁷⁹

Dos acervos em análise nenhum dos mobilizados da Metrópole quis ficar em África. Os que sobreviveram à guerra regressaram às suas terras.⁸⁸⁰

II.3 “SE EU MORRER QUERO QUE SAIBAS...”⁸⁸¹

Pode caracterizar-se a guerra colonial como tendo sido uma guerra de guerrilha que causou um grande desgaste nas forças armadas.⁸⁸² À geografia e ao clima inóspitos somam-se o armamento, pesado e pouco adequado ao tipo de manobra, as dificuldades com a movimentação nas picadas, onde “as viaturas não andam, começam a plissar no chão, a terra cá é um autêntico barro”⁸⁸³ e a retenção nos aquartelamentos, muitas vezes durante longos

⁸⁷⁶ Fundo R2, caixa 59, série 2, documento 41, 09.09.1964.

⁸⁷⁷ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 59, 11.02.1963.

⁸⁷⁸ Fundo R52, caixa 16, série 1, documento 3, 16.07.1968.

⁸⁷⁹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 10.03.1967.

⁸⁸⁰ Não regressaram Vítor, Fundo R85, nem Henrique, Fundo R12, por terem falecido na guerra.

⁸⁸¹ Esta frase é uma adaptação da frase original escrita pelo militar para a namorada: “quero que tu saibas se eu morrer”, Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 10.01.1967.

⁸⁸² Entre outros, Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2000) (orgs.), *Guerra Colonial*, Lisboa, Editorial Notícias e Cann, John P. (2005), *Contra-subversão em África, Como os portugueses fizeram a guerra em África, 1961-1974*, Lisboa, Prefácio.

⁸⁸³ Fundo R72, caixa, 60, série 5, documento 65, 30.10.1963.

períodos: “Tenho passado os dias aqui metido dentro do arame farpado e nem sequer à vila fui.”⁸⁸⁴

Os militares enfrentam forças nativas, que vivem na clandestinidade, muitas vezes junto com a população, perfeitamente adaptadas ao terreno e ao clima e apoiadas por países terceiros que manobram no contexto da guerra fria. Isto faz com que a guerra decorra num ambiente sentido como mais favorável aos guerrilheiros, sobretudo a partir de uma certa altura, como iremos ver. Os militares vão descobrir, de início com alguma surpresa, que o inimigo dispõe, frequentemente, de armamento semelhante às tropas portuguesas ou mesmo superior. Os soldados escrevem entre si dando conta do que veem:

Dizes que eles aí que vos atacam de pistolas-metralhadoras? Pois eu não me admira que eles aqui a nós têm-nos feito ataques com armas automáticas e granadas de mão. ⁸⁸⁵

Mas também há referências a ataques com outro tipo de armamento:

Ainda há tempos um grupo terrorista atacou um estacionamento aqui perto com as armas mais díspares, desde as pistolas-metralhadoras às azagaias e às setas. Vários soldados ficaram feridos com setas do tempo da Maria Cachucha, não sem ripostarem numa maneira enérgica e eficaz. ⁸⁸⁶

A situação de guerra leva a um corte abrupto com a vida anterior. Este novo mundo real e mental em que os militares passam a viver é, para eles, verdadeiramente entendido e perceptível apenas pelos companheiros de armas que estão nesse mesmo mundo. E é entre si que falam dos mortos, dos combates e das manobras militares. Confrontam notícias e boatos.⁸⁸⁷ A realidade da guerra é descrita nas cartas com algum detalhe, de forma precisa e seca, impregnada daquilo que Peter Hanák chama “the pathos of realism” ⁸⁸⁸:

foram dois grupos de combate fazer uma emboscada de dois dias, saíram á noite cerca das 1 hora ou seja uma da tarde 13 Horas a certa altura um soldado que ia na frente, mas já perto do objetivo fêz com que uma armadilha que estava na picada rebenta-se o que os safou foi a granada estár enterrada, houve a espolsão e o que ia na frente despejou logo meio carregadór porque pensou que eles lançaram a granada e então o Alferes queria-o castigar por ele fazer aquilo, bem montaram segurança e emboscaram-se ali um grupo e o outro foi mais para á frente, ou atrás, não sei ao certo bem passaram ali a noite no dia era meio dia e pouco receberam ordem para vir embora, andaram alguns metros, a certa altura um apito e rajadas de fogo, novamente outro apito e assim sucesivamente á certa altura campainhas a tocar para a malta recuar mas os turras não confunda,

⁸⁸⁴ Carta de Luís para Teresa, Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 30.01.1967.

⁸⁸⁵ Carta de soldado para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 14, 07.08.1962.

⁸⁸⁶ Carta de Luís para a namorada, Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 30.01.1967.

⁸⁸⁷ Havia muitos boatos em circulação no chamado “jornal da caserna”. Estes boatos estavam geralmente relacionados com a rendição e a rotação dos batalhões. Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 8, 22.02.1962.

⁸⁸⁸ Péter Hanák, *The Garden and the Workshop*, (Princeton: Princeton University Press, 1998), p 201.

bem logo na primeira descarga feriram dois em as pernas em uma das restantes feriram o Furriel em um braço com dois ou três tiros e um ferido teve um tiro num joelho e o falecido uma rajada na perna logo lhe garrotaram a perna mas pouco adiantava, eles então trouxeram os feridos como calhou, enfim como puderam; tiveram que aguentar com eles cerca de três horas e pouco quando chegaram à Beira Baixa vinhão completamente esgotados de sangue pediu-se o Hélicoptero e ele só chegou no dia seguinte um dos feridos apenas resisti-o até às 21 Hora e pouco no dia seguinte quando lá chegou o pássaro derão logo sangue a um, bem o furriel teve que tirar um osso de uma perna para meter no braço e o outro ferido vai também para a metrópole e o furriel também.⁸⁸⁹

No entanto, há exceções. Os militares que não têm como correspondentes outros amigos mobilizados e camaradas de armas, relatam o que se passa na guerra a quem mais escrevem, como é o caso de Luís. O militar conta a Teresa inúmeros episódios, como o que se segue acontecido a um militar da sua companhia:

foi emboscado e teve uma linda estreia, 2 mortos e 3 feridos, é espantosa a calma com que ele reagiu, encontrei-o no caminho quando ele regressava à base.⁸⁹⁰

Os seus relatos são detalhados e em geral críticos, contendo reflexões pouco habituais entre casais.

Por seu lado, Joaquim irá escrever aos pais sobre as operações em que está envolvido. Os seus relatos são pouco pormenorizados, dando notícias sobre as baixas sofridas e infligidas e rematando com frequência “ainda estou vivo”⁸⁹¹ ou “A única coisa que vos interessa é saber se estou bem o mal.”⁸⁹²

Carlos escreve à mãe contando alguns episódios, embora de uma maneira quase ligeira:

eu matei um Turra com dois tiros na cabeça e um nas costas, e não tive medo nem nonjo⁸⁹³

Quem está na Metrópole recebe cartas que, geralmente, pouco falam da experiência bélica. Os militares escrevem para os seus tentando, sobretudo, tranquilizar, desvalorizando o perigo e afirmando a coragem do conjunto dos homens:

nós não andamos de maneira que eles nos possam atirar, pois andamos todos juntos e sem divisas⁸⁹⁴

Quanto a guerra nem falo nisso porque eu vim para passar férias e não para outra coisa⁸⁹⁵

⁸⁸⁹ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 126, 11.05.1964.

⁸⁹⁰ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 25.01.1967.

⁸⁹¹ Fundo R133, caixa s/numeração, série 1, 20.01.1970.

⁸⁹² Fundo R133, caixa s/numeração, série 1, 22.08.1970.

⁸⁹³ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 5, 09.04.1967.

⁸⁹⁴ Andar sem divisas evitava que os guerrilheiros identificassem o oficial que comandava o grupo. Carta de António para a noiva, Fundo R72, caixa60, série 5, documento 68, 22.01.1964.

mãe eu umas vezes vou ao mato mas pode crer que aquilo não é nada do que dizem para aí⁸⁹⁶

A própria família pede cartas mais alegres para quem mais sofre como é o caso das mães. A tia de José, por exemplo aconselha-o: “quando escreveres á tua mãe escreve uma cartinha animada ela coitadinha farta-se de chorar só em pensar em ti.”⁸⁹⁷

O inimigo merece pouco espaço nas cartas. As referências, na esmagadora maioria dos casos, mostram um ódio difuso, que está de acordo com a memória das imagens bárbaras dos massacres de 1961, muito difundidas na televisão e nos jornais e utilizadas pelo governo para criar um clima emocional favorável à mobilização. A aversão pelo inimigo, contrariamente ao que aconteceu, por exemplo, na I Guerra mundial, em que estava ligada às condições políticas do momento, encontra-se, neste caso, diretamente ligada à raça. Os negros, nas palavras dos militares, “são ‘porcos’, são muito ‘sornas’,... são mesmo estúpidos... não é “mito” que corre por aí.”⁸⁹⁸ Ser negro é ser inimigo e, como diz um soldado, dando voz a um sentimento comum, “cá para mim são todos terroristas”.⁸⁹⁹ Aparecem enunciados que fazem eco de teorias difundidas na sociedade portuguesa⁹⁰⁰: “eu, sem ser racista estou cada vez mais convencido (sem culpar ninguém) que a negritude é uma raça inferior.”⁹⁰¹

Como raça inferior que é, tem de ser cristianizada. Assim, surge na correspondência de António a imagem de Nossa Senhora de África numa oração “pela conversão dos pretos”. O panfleto, como se pode ver na Figura A.7 do Anexo A, é impresso por uma Associação com o mesmo nome cujo objectivo é a “conversão dos Africanos”. Pedem-se donativos e enumeram-se as vantagens de se pertencer a esta Associação, nomeadamente a “remissão inteira dos pecados à hora da morte” e determinadas indulgências para os pecados mais comuns. No texto da oração, os nativos são referidos como os “desditosos filhos das selvas africanas, que

⁸⁹⁵ Carta de Carlos para a mãe, Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 3, 21.05.1966.

⁸⁹⁶ Carta de Carlos para a mãe, Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 4, 06.11.1966.

⁸⁹⁷ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 14, 26.08.1962. As mães eram objeto de grande respeito e carinho como ilustra um dos muitos poemas a elas dedicados, inseridos nas cartas – ver Figura A.8 do Anexo A.

⁸⁹⁸ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 24.01.1967.

⁸⁹⁹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 28.02.1967.

⁹⁰⁰ Estas teorias assentavam em argumentos de carácter científico que eram utilizados para o estabelecimento de uma hierarquia racial entre grupos distintos, assim determinando diferenças de direitos cívicos e políticos entre brancos, mulatos e negros. Sobre este assunto ver Castelo, Cláudia (1999), *O Modo Português de Estar no Mundo. O Luso-Tropicalismo e a Ideologia Colonial portuguesa (1933-1961)*, Porto, Afrontamento; Matos, Patrícia Ferraz de (2006), *As Côres do Império, Representações Raciais no Império Colonial Português*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais e Bender, Gerald (1978), *Angola under the Portuguese, The Myth and the Reality*, Berkeley, University of California Press.

⁹⁰¹ Fundo R2, caixa 11, série 4, documento 116, 02.01.1967.

ainda vivem envolvidos nas trevas do paganismo” e esperam que os missionários lhes vão levar “a graça divina que os santifique e lhes dê direito à vida eterna.”⁹⁰²

Apesar destas intenções, os negros são tratados na correspondência, nas palavras de quem está na Metrópole, como traiçoeiros⁹⁰³ e “parecem gatos em cima das árvores”⁹⁰⁴. A noiva de António escreve a contar-lhe, relativamente a um sobrinho bebé que nasceu, “quando ele começar a falar vou-lhe encinar a chamar tio António que está em Angola a matar pretos”⁹⁰⁵. A mãe do militar tem agora um gato “todo pretinho só com as patinhas e o fucinho branco vai-se chamar terrorista”.⁹⁰⁶ Teresa pergunta a Luís se já viu algum “turra”:

São feios? No outro dia na televisão, na transmissão de um programa do “Monumental” com a Silvie Vartan, precedeu-a a cantar um preto tão feio, tão feio, que não pude deixar de chamar-lhe logo “turra”. Não gostei nada dele, parecia quase um animal selvagem, a desconjuntar-se todo e a emitir urros! Que horroroso, não sei se é por tua causa, mas tomei uma aversão a tal raça, que fico logo mal-disposta quando vejo algum. Deve ser influência, coitados dos homenzinhos (pelo menos os que andam por aí), nunca me fizeram mal nenhum.⁹⁰⁷

Quem está na Metrópole dá conselhos para lidar com este inimigo: “Tem o máximo de cuidado quando fores fazer patrulhas para o mato, os negros são muito traiçoeiros...”⁹⁰⁸ São frequentes expressões como “Meu filho olha por ti não vás fiado na cantiga dos pretos cascalhes pra frente, mas olha sempre por ti...”⁹⁰⁹

Para lá de inúmeras considerações superficiais e simplistas, semelhantes aos exemplos anteriores, pouco se fala de política e raros são os comentários de cariz mais analítico e politizado sobre a guerra ou o regime que governava Portugal⁹¹⁰. Há vagas referências à presença da censura como mecanismo de repressão. José, por exemplo, conta as cheias que ocorreram em Luanda mas tem receio do que acabou de escrever:

⁹⁰² Fundo R72.

⁹⁰³ Entre muitos exemplos, Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 89, 30.09.1963.

⁹⁰⁴ Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 31, 28.08.1963.

⁹⁰⁵ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 89, 30.09.1963.

⁹⁰⁶ Fundo R72, caixa 60, série 6, documento 97, 24.05.1964.

⁹⁰⁷ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 69, 10.02.1969.

⁹⁰⁸ Carta de padrinho para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 13, 06.07.1962.

⁹⁰⁹ Carta da mãe para António, Fundo R72, caixa 59, série 2, documento 31, 26.08.1963.

⁹¹⁰ Sobre a ausência de politização da grande maioria dos mobilizados ver, por exemplo, Lobo Antunes, Maria José (2015), *Regressos quase perfeitos, memórias da guerra em Angola*, Lisboa, Tinta da China e Afonso, Aniceto, Joana Pontes e Rodrigo Sousa e Castro, (2012), *A Hora da Liberdade*, Lisboa, Editorial Bizâncio.

não conto mais nada porque pode a carta se apanhada e eu envez de ir para casa posso ir para uma cadeia porque já muitos tem sossedido.⁹¹¹

A família de José também partilha esta ideia:

com respeito ao que mandas dizer na tua carta tem cuidado pois as cartas podem ser abertas? ⁹¹²

Um militar amigo de Luís e mobilizado na Guiné escreve:

a imprensa, embora não relatem o que se passa diariamente na província, por razões de segurança, aproximam-se um pouco.⁹¹³

Luís fala na possibilidade da censura como razão para cartas “a maioria das vezes um pouco insípidas”. E explica:

Falar-te de guerra, da técnica da guerra de guerrilha será maçudo. Falar-te nos aspectos sociais e económicos, sobretudo sociais da nossa “actividade ultramarina”, conforme o que pude constatar, naturalmente escreverei coisas que uma vez detectadas podem ser prejudiciais... não sei se percebes.... Pondo de parte, portanto estes assuntos, pouco ou nada me resta para te dizer .⁹¹⁴

Há enunciados que mostram uma noção difusa acerca do controle da comunicação social pelo governo.⁹¹⁵ O padrinho de José, ao fazer várias perguntas sobre a evolução da guerra no terreno, refere:

Espero que quando me responderes me contes tudo pois gosto de saber, eu leio sempre os jornais mas nem sempre dizem a verdade.⁹¹⁶

As mulheres fazem perguntas baseadas em algo que se ouviu na rádio, aos vizinhos ou amigos, às vezes na televisão ou nos jornais:

esta semana ainda não tive carta tua... já é para eu estar afelita por causa de umas coisas que se ouve cá na metrópole ⁹¹⁷

⁹¹¹ Fundo R11, caixa 16, série 2, documento 29, 02.04.1963.

⁹¹² Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 11, 20.05.1962.

⁹¹³ Fundo R2, caixa 11, série e, documento 111, 05.08.1963.

⁹¹⁴ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 18, 27.06.1967.

⁹¹⁵ Sobre este assunto ver, entre outras, as obras de Francisco Rui Cádima, Carolina Ferreira e Sílvia Torres, as quais contribuem para a compreensão da forma como decorreu a cobertura jornalística da guerra nas colónias e na metrópole bem como a utilização dos diferentes meios de difusão - rádio, imprensa escrita e televisão -, como instrumentos de propaganda ao serviço do regime político. Cádima, Francisco Rui (1996), *Salazar, Caetano e a Televisão Portuguesa*, Lisboa, Presença; Ferreira, Carolina (2013), *Os Média na Guerra Colonial. A manipulação da emissora nacional como altifalante do regime*. Coimbra, Minerva e Torres, Sílvia (2016), *O jornalismo português e a guerra colonial*, Lisboa, Guerra e Paz.

⁹¹⁶ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 13, 06.07.1962.

⁹¹⁷ Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 1, 16.10.1964.

Todos querem que os militares dêem as verdadeiras notícias, aparentando saber que o que se passa não se conhece realmente:

quando escreveres gostava que manda-ses dizer mais alguma coisa disso a cêrca das coisas que se paixão aí na Angola.⁹¹⁸

O que se diz sobre a guerra reflete, frequentemente, a retórica oficial, como disso são exemplo os dois enunciados que se seguem e que são comuns na correspondência: “Angola é nossa” ou “acho bem que defendas aquilo que é nosso”⁹¹⁹. Esta ideia de defender o que “é nosso” contradiz-se na exata medida em que os familiares e conhecidos revelam no que escrevem um curioso entendimento da missão a desempenhar pelos militares, aconselhando-os, a evitar sair do quartel e a não serem heróis para poder regressar sãos e salvos à sua terra,

vê lá se te resguardas (...) Cumpre o teu dever mas nada de heroísmos mas sim salvar a péle, que é o que mais precioso temos ⁹²⁰

fiquei muito contente por saber que últimamente não tens saído para o mato. Deus queira que isso não aconteça nestes tempos mais próximos, nem nunca mais se possível fôsse!⁹²¹

Teresa, autora do enunciado anterior, estudante universitária, declara “eu de política não percebo nada!”⁹²². No entanto, o seu contacto com o ambiente estudantil de contestação à guerra leva-a a reflexões como as que se seguem, respondendo a uma carta em que Luís a informa sobre a morte de um camarada:

E depois pensar em que medida essa morte contribuirá para a defesa de uma causa que a maioria já considera perdida. Há já não sei quantos anos que diariamente se morre em Angola, sem que nada seja modificado. Será que não existe uma solução?

O que me impressiona mais é o pensar se um dia tivermos de entregar ou negociar o Ultramar. Então de que serviram tantas vidas perdidas? Julgo que quem está verdadeiramente integrado na situação, quem conhece a verdade dessa guerra, sabe hoje, como ontem qual o seu desfecho. Se para que esse desfecho nos seja favorável é preciso extremar não sei quantos milhares de pretos, se o não pudermos fazer, estaremos então condenados a combater em Angola como nas outras províncias, “per secula, seculorum”? Eu não sou de maneira alguma apologista de que se abandonem as províncias ultramarinas, embora pouco ou nada saiba acerca delas, e da sua verdadeira situação, o que eu não consigo entender são as medidas adoptadas, quero dizer, quais as intensões que presidem a este estado de coisas, que permanece idêntico há já vários anos. Uma

⁹¹⁸ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 66, 27.10.1966.

⁹¹⁹ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 2, 14.08.1961.

⁹²⁰ Carta do padrinho para António, Fundo R72, caixa 61, série 7, documento 110, 22.10.1963.

⁹²¹ Carta de Teresa para Luís, Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 70, 15.03.1967.

⁹²² Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 72, 18.05.1967.

coisa que me mete uma tremenda confusão é pensar no resultado, e se esse resultado justificará o luto de tantos anos. O tempo o dirá ⁹²³.

Quatro meses depois, dirá sobre as comemorações do dia de Portugal:

Amanhã é feriado, é o dia das comemorações no Terreiro do Paço. No jornal têm vindo a fotografia (n) de todos os que vão receber medalhas. Não há duvida que os Portugêses são os valentes! Enfim se eles em vez de dar condecorações acabassem com isso tinham muito mais juízo até porque muitas são a título póstumo...⁹²⁴

No dia 10 de junho ficará a ver a transmissão das cerimónias feita pela RTP:

Não pude deixar de choramingar ao olhar os pequerruchos pequeninos que foram receber as medalhas pelos pais. Também foram homenageados n turras, um deles até foi chamado isoladamente, o chefe das milícias não sei de quê, era feio que nem um macaco com bigode e tudo... ⁹²⁵

Alguns meses depois dirá numa carta:

existem montes de coisas que não compreendo, nem sequer encontro uma razão, uma finalidade a que me agarre para tentar convencer-me a mim própria de que o sacrifício de alguns concorra para o bem comum.⁹²⁶

As análises da situação política e militar são raras. Além de Luís, oficial do QP, dois outros militares, um oficial miliciano e um furriel, pertencentes ao Fundo R132, são os únicos que tecem comentários de uma natureza diferente, mais reflexiva, relativamente à situação que se vive, como iremos ver.

A missão estabelecida pelo poder político não parece ser claramente compreendida nem pelos soldados nem pelos que estão na Metrópole. Lugares comuns associados à propaganda são frequentes:

no fim da vossa campanha sentir-se-ão orgulhosos de dizerem que estiveram a defender a Pátria e as vossas famílias sentirão o mesmo orgulho pois vocês os que defendem a Patria são uns herois, e nós os que estamos regaladamente em casa só o que podemos fazer é rezar a Deus para que vos acompanhe sempre os vossos compatriotas os poderemos abraçar quando regressarem.⁹²⁷

Estes enunciados, ditos desta forma são desaparecem rapidamente à medida que o tempo passa. O que se espera não é a vitória na guerra mas o fim da comissão e o regresso a casa:

⁹²³ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 69, 04.02.1967.

⁹²⁴ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 73, 08.06.1967.

⁹²⁵ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 73, 10.06.1967.

⁹²⁶ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 77, 21.10.1967.

⁹²⁷ Carta de amiga para Carlos, Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 66, 20.12.1966.

então agora vais para Mumçanbique mano tu penca bem na tua vida não vás en futobóes en vitas de andar a frete? como se a questuma a dizer não te adrentes nente a trazes se queres andar com a vida direita.... podes querere que honras o nome da nóca terra é se chegares a Vilar com saude e sem defeito.⁹²⁸

Nota-se um distanciamento face à realidade mais lata da guerra e uma aproximação aos gestos quotidianos de sobrevivência, “salvar a pele”, como dizem de forma corrente.

II.4 “AJUDA-ME A SOFRER ESTES MESES QUE FALTAM”⁹²⁹

Com a aproximação do regresso, cresce a ansiedade, como já vimos. Na Metrópole sabe-se, pelo que sucedeu a outros, que os militares não vão cumprir apenas o tempo do serviço militar obrigatório: “vocês nunca estão aí só os dois anos para mal dos nossos pecados.”⁹³⁰

A desilusão pelos adiamentos sucessivos transforma a rendição e o regresso num acontecimento vivido como uma agonia lenta, aparecendo na correspondência, a partir de certa altura, como tema principal:

recebi a tua carta mesmo no dia dos teus anos, nem calculas a minha tristeza olha que até chorei nesse dia (...) então ainda não tens ninguém para te rendere será que estarás mais o mês de Abril todo, como custa a passar o tempo, porque estão sempre a contar com a notícia e ela não aparece (...) isso dá cabo de nós⁹³¹

A necessidade de ter tropas para a rendição dos que vão partir leva a alterações frequentes nas datas previstas para as viagens de regresso. O descontentamento é muito:

As promessas que nos faziam era tudo ilusão e de ilusão vivemos nós aqui no Ultramar, por menos quando estamos a chegar ao fim⁹³²

Estes adiamentos exasperam os soldados e as famílias que acreditavam ter chegado o momento pelo qual haviam aguardado dois anos. Um soldado, à espera de embarcar para a Metrópole há vários meses, escreve a José:

Olha eu agora estou por tudo convenci-me que nós na puta da vida da tropa que não somos senhores de nós estes filhos da puta fazem o que quer dum homem e sobram-lhes tempo.⁹³³

será quando êles quisèrem porque êles são quem mando.⁹³⁴

⁹²⁸ Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 17, 24.12.1966.

⁹²⁹ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 9, 11.02.1966

⁹³⁰ Carta de namorada para Carlos, Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 56, 02.05.1967

⁹³¹ Carta de Carmo para Mário, Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 6, 24.03.1969

⁹³² Carta de Manuel para a noiva, Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 9, 13.02.1966

⁹³³ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 19, 27.01.1963

A partir de certa altura, surge o receio, que se exprime com maior intensidade a partir da proximidade do regresso, de que o militar volte diferente, tal como aconteceu a outros que já tornaram da guerra: “Não quero que te faças mau... não te transformes, fica sempre como até aqui”⁹³⁵ escreve a namorada a Luís. Seis meses depois, muitas cartas circularam entre os dois e Teresa dirá: “Tenho quase a certeza que virás diferente sob inúmeros aspectos, por variadíssimas razões...”⁹³⁶.

Na correspondência contam-se histórias de descontrole e violência que ocorrem findo o serviço militar: “ele já cá era meio doudo tinha uma pancada e desde que veio daí ficou pior”⁹³⁷, escreve Fátima a Francisco.

Os militares confirmam, de alguma forma, este receio de que possa não ser possível retomar a vida anterior, tal qual a conheciam antes da partida para a guerra:

sou o mesmo que tu conheceste sempre apenas um pouco mudado em tudo derivado a este clima e a tudo o que se tem passado por mim nestes dois anos, mas sou o mesmo tal qual.⁹³⁸

já não chega a faltar quatro meses e então depois é que vai ser bom porque eu estou completamente modado.⁹³⁹

Eu vou um pouco desorientado e claro não sou santo que ninguém me aborreça⁹⁴⁰

Os preparativos para o regresso ocupam parte significativa da correspondência. Lucinda escreve a Carlos: “já andamos a preparar as coisas para quando o meu irmão viere só faltam 3 meses...”⁹⁴¹ A mãe de Carlos dá conta da organização da refeição que há-de comemorar o regresso do filho: “batatas e bacalhau e também quando cá chegares tens a tua boa pinga para beberes pois a mãe quer ter um barrilinho de vinho para tu beberes”.⁹⁴²

A sobrinha de Carlos escreve-lhe também, animando-o: “chegou um rapaz foi uma alegria quando que chega o seu dia a nossa alegria se Deus quiser tambem ade chegar o dia”⁹⁴³

Antes do regresso, os soldados pensam-no à exaustão. Há quem escreva versos sobre o tempo que falta:

⁹³⁴ Carta de Olívia para Manuel, Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 2, 31.01.1966

⁹³⁵ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 67, 31.12.1966.

⁹³⁶ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 73, 20.06.1967.

⁹³⁷ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 2, 11.03.1967.

⁹³⁸ Carta de Mário para Carmo, Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 4, 10.02.1969

⁹³⁹ Carta de Carlos para a mãe, Fundo R71, Caixa 56, série 1, documento 6, 18.12.1967

⁹⁴⁰ Carta de Manuel para a noiva, Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 11, 08.07.1966

⁹⁴¹ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 30.04.1967

⁹⁴² Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 14, 19.12.1967

⁹⁴³ Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 22, 14.06.1967

Faltam 2 meses Meu Amor
Para acabar a comissão
Sinto em mim a alegria
E saltar meu coração

Deixa as tristezas e olha o céu
E sorri de felicidade
Daqui por 2 meses Meu Amor
Acabará a nossa saudade ⁹⁴⁴

não posso afastar o pensamento de que só faltam 2 meses para acabar a comissão c/ 3 meses para o regresso, pois todos nós pensamos e é certo que chegaremos aí enantes do S. João.⁹⁴⁵

Todos, sem exceção, contam o tempo que falta e são frequentes as expressões de encorajamento, de ambas as partes, cada vez que se considera ultrapassado mais um marco no tempo da mobilização: “hoje faço 18 meses desta choldra o que significa que só faltam 6...”⁹⁴⁶

Durante a segunda comissão em Moçambique, Luís faz cálculos que envia para casa:

estive hoje a ver quantos dias faltam para o fim da comissão. Exctamente 235 dias, o que é muito convenhamos.... Traduzido em horas dá a módica quantia de $235 \times 24 = 5640$ horas. Partindo do princípio que o tempo que se passa a dormir (portanto em que se esquece isto) é de $1/3$, temos que o tempo de comissão em horas é de $5640 \times 2/3 = 11280/3 = 3.426$ horas, o que continua a ser imenso.⁹⁴⁷

Esta contagem do tempo pode materializar-se em gráficos complexos como é o caso da Figura A.5 do Anexo A.

Mês a mês, como podemos observar, o militar desenhou um gráfico de barras em que qualifica a experiência da mobilização. Na primeira fase da campanha, após a chegada sucedem-se as fases do perigo, do desespero e do desânimo. Na segunda fase da campanha, altura em que geralmente as unidades militares mudam de local, estacionando numa zona menos problemática, há as fases da saturação e paciência antes do regresso.⁹⁴⁸

Há notícia de outros regressos, mostrados na televisão. O navio NIASSA chegou “com tantas tropas como as que foram.”⁹⁴⁹

⁹⁴⁴ Versos de Manuel para a noiva, Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 2, 16.01.1966.

⁹⁴⁵ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 8, 30.01.1966.

⁹⁴⁶ Carta de Luís para Teresa, Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 43, 20.11.1971.

⁹⁴⁷ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 41, 25.09.1971.

⁹⁴⁸ Fundo R79, caixa 62, série 1, documento 4, s/data.

⁹⁴⁹ Carta do Padrinho para António, Fundo R72, caixa 61, série 7, documento 110, 05.09.1963.

últimamente tem chegado vapores com tropas, e através da televisão, vejo a chegada deles, tantas alegrias e comoções, por vezes até gritos, e nós em casa talvez sem nos expandir (...) eu desejaria, que ninguém me visse, e me agarrar a ti muito, muito ⁹⁵⁰

Houve festa e de casa chegam esses relatos como uma antecipação:

chegou cá horem à noite às 10 e meia um rapás meu visinho mas foi de angola olha não queiras sabêr o que não foi parecia uma festa. deram tanto fôgo, tanto fôgo, que eu já estava na cama e até acordei com o fogo e êles nunca mais deixavam ajente dormir ai meu santo eu até nem quero que me lembre o que será êsse dia quando tu cá chegares ⁹⁵¹

pois deus queira que esse dia xegue depressa que nesse dia em que xegares ao porto eu e a tua mai lá estaremos a espera para vrimos todos para nossa casa⁹⁵²

A maioria dos militares voltou para casa. Na correspondência surge o alívio imediato que o regresso proporcionou:

tenho passado umas férias em grande, deitado até ao meio dia, de tarde até à piscina, e à noite, como deves de compreender, vou fazer um pouco de amor, claro que não podia deixar de ser, visto saudades de dois anos não se matam em dois dias⁹⁵³

Escrever deixou de ser uma prioridade:

nós quando nos encontramos aí temos sempre mais vontade em escrever e aqui torna-se precisamente o contrário.⁹⁵⁴

Alguns continuaram a corresponder-se com os camaradas de armas que ainda estavam na guerra.

por cá as coisas é como eu te digo é só frio e mais frio e mulheres a granel⁹⁵⁵

Nalgumas cartas vai surgir a expressão de um vago e inesperado desconforto com o regresso a casa:

tenho andado um bocado variado da cabeça e não tenho tido reação para nada (...) sabes que já estou com saudades disso aí, e não me importava de ir outra vêz para aí, olha isto aqui cada vêz está pior a bica aumentou de doze tostões para dezasseis o escudo vai baixar cinco por cento, e dizem que o azeite e o pão também vão aumentar ⁹⁵⁶

⁹⁵⁰ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 6, 10.03.1969.

⁹⁵¹ Carta da noiva para Manuel, Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 2, 07.01.1966.

⁹⁵² Carta do padraсто para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 18, 03.12.1962.

⁹⁵³ Carta de amigo para Carlos, Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 71, 16.08.1968.

⁹⁵⁴ Carta de amigo para Carlos, Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 70, 12.03.1968.

⁹⁵⁵ Carta de amigo para Carlos, Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 70, 01.03.1968.

⁹⁵⁶ Carta de amigo para Carlos, Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 70, 12.02.1968.

só gostava de estar aí neste momento, pois cá tão depressa chove como faz vento como cai geada⁹⁵⁷

já tenho saudades desses velhos tempos que ai passei nessas regiões do Cacuso Forte República⁹⁵⁸

III. SOBRE A TRISTEZA DE “VIVER POR CARTAS”⁹⁵⁹

Comparar a correspondência da guerra colonial portuguesa com a de outras guerras torna-se esclarecedor na medida em que permite constatar uma regularidade nos temas desenvolvidos nas cartas. Apesar do carácter nacional das histórias de guerra e das variações relacionadas com convenções sociais e valores que criam constrangimentos e liberdades próprias a cada época e lugar em que são escritas, podemos verificar que há semelhanças nos temas tratados. Esta homogeneidade liga-se a uma mesma vivência, ditada pela circunstância específica da guerra, que afasta, temporariamente, familiares, amigos e conhecidos. Para todos, receber correspondência é de extrema importância, um sinal de vida para quem ficou e a certeza de não ser esquecido para quem partiu. Por essa razão, encontramos, com muita frequência, descrições do momento de chegada de correio nos conflitos armados de que existe correspondência acessível.⁹⁶⁰

A análise dos temas tratados permite verificar que o que está mais presente é a dificuldade, sentida no dia-a-dia, em ultrapassar a distância e o tempo de separação. O afastamento dos entes queridos e o destino incerto da mobilização atinge todos. E para todos,

⁹⁵⁷ Carta de amigo para Carlos, Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 70, 07.03.1968.

⁹⁵⁸ Carta de amigo para António, Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 131, 27.01.1965.

⁹⁵⁹ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 90, 16.11.1970.

⁹⁶⁰ O exemplo que se segue mostra a semelhança entre o excerto de uma carta de Luís, transcrito na página 85 e a descrição de James Moore, combatente neo zelandês na guerra dos Boers, ocorrida na África do Sul entre os anos de 1899 e 1902: “The arrival of a mail in camp marked a red-letter day in the life of a soldier, and was eagerly looked forward to by the officers and men of all ranks. Those who received letters from home stole away to some excluded spot in camp, and perused the contents. Others, less fortunate, would joyfully accept the loan of a newspaper from a comrade, and would hide their disappointment as well as possible.” James G. Harle Moore citado em Nicholson, Blair (2011), “Viewpoints on the Veldt: Attitudes and Opinions of New Zealand Soldiers during the South African War, 1899-1902, Dissertação de Mestrado, Master of Arts in History, Hamilton, University of Waikato, p.20. Disponível em: https://www.academia.edu/5646840/Viewpoints_on_the_Veldt. A estas descrições podem juntar-se muitas outras presentes em coleções de cartas em estudo ou já editadas.

a contagem do tempo é um elemento essencial e de esperança que visa atenuar a ansiedade sentida pelo desejo de regresso à vida normal, a vida que se levava antes da mobilização.

Esta contagem do tempo revela-se diferente consoante se trata de uma guerra colonial, em que o tempo de mobilização está previamente estabelecido, ou das guerras entre nações, em que nada se sabe quanto ao seu termo e regresso dos soldados. No primeiro caso, perpassa pelas cartas a ideia de “lutar contra o tempo”,⁹⁶¹ um tempo definido, cerca de 24 meses em África, contados dia a dia.⁹⁶² Para os militares participantes nas I e II guerras mundiais, para lá de não haver esse horizonte temporal determinado, o tipo de manobra, geograficamente evolutivo, leva-os a vivenciar o quotidiano de forma diversa,⁹⁶³ não esquecendo a importância que tem para os envolvidos o entendimento sobre a natureza do conflito, de que falaremos à frente.

Na correspondência, os militares dão conta das condições em que vivem, refletindo a solidão e isolamento em que se encontram. Por seu lado, as famílias escrevem cartas plenas de novidades, que são, como refere Grassi, “une gazette vivante, donnant et commentant rapidement des nouvelles, propageant les rumeurs.”⁹⁶⁴ São referidos acontecimentos internacionais que os correspondentes consideraram relevantes como a morte de John Kennedy, em 22 de novembro de 1963, a guerra no Médio Oriente, em junho de 1967, ou a chegada à Lua dos astronautas da missão Apollo 11, em 20 de julho de 1969. Há notícia de eventos nacionais como a visita do Presidente da República, Américo Tomás, a Angola e a São Tomé, entre 6 de setembro e 17 de outubro de 1963, e a Moçambique, em julho de 1964, a inauguração da ponte da Arrábida no Porto, em 22 de junho de 1963, a concentração em Lisboa para apoio à política de defesa do Ultramar, em 27 de agosto de 1963, a visita do Papa Paulo VI a Portugal, a 13 de maio de 1967, procissões como a do Senhor dos Passos, cerimónias religiosas realizadas no santuário de Fátima, bem como os jogos de futebol do

⁹⁶¹ Carta de Luís para namorada, Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 16, 21.04.1967.

⁹⁶² É também o caso da guerra da Argélia, em que o tempo de mobilização estava definido à partida: “The French government sent to Algeria the whole of the conscript army, month after month, and for the entire span of their military service, which was lengthened from eighteen to twenty-four, and later to twenty-seven, months.”. Prost, Antoine (1999), “The Algerian War in French Collective Memory” em Jay Winter e Emmanuel Sivan (orgs.), *War and Remembrance in the twentieth century*, Cambridge, Cambridge University Press, p.164.

⁹⁶³ Ser militar numa guerra convencional é diferente de o ser numa guerra de guerrilha. Sobre a diferença entre os vários tipos de guerra ver Keegan, John(2006), *Uma História da Guerra*, Lisboa, Tinta da China, nomeadamente o capítulo 5.

⁹⁶⁴ Grassi, Marie-Claire (2002), “La lettre en archives: approche methodologique”, em Anne-Marie Sohn (org.), *La correspondance, un document pour l’histoire*, Cahiers du GRHIS, (12), Rouen, Publications de l’Université de Rouen, p.77.

campeonato português ou do campeonato do Mundo, realizado em 1966 na Inglaterra, no qual a seleção portuguesa ficou em terceiro lugar, o melhor resultado de sempre, celebrado de forma entusiástica na correspondência. As catástrofes ocupam lugar de relevo, como o desastre ferroviário de Custóias, sucedido em 26 de julho de 1964, ou as cheias do Tejo, ocorridas em novembro de 1967.

Para lá destes acontecimentos, difundidos pela comunicação social, as cartas chegam plenas de detalhes da vida quotidiana de quem escreve e da comunidade a que pertence. Estes pormenores são de extrema importância na ligação dos militares aos seus, como verificámos na correspondência presente nos acervos analisados. Esta importância está igualmente presente na correspondência trocada noutras guerras, como refere um combatente na guerra do Vietnam: “it was the little things that kept all of us planted on the ground.”⁹⁶⁵

O acto de escrever vai contribuir para esta ideia de convocar os militares para a vida real, conhecida, e apenas por momentos interrompida, como querem acreditar. Escrever vai também obrigar a pensar no próprio ato, no que se deseja e pode dizer:

Para que servem as cartas? Acaso significa algo uma folha ou duas escrita às vezes com frases arrancadas à monotonia do quotidiano? Será sistema repetir todas as vezes os lugares-comuns, consumados, mesmo que verdadeiros? No fundo interessará realmente uma meia dúzia de frases, algumas ajeitadas à força de alguns minutos de meditação?⁹⁶⁶

Escrever permite refletir sobre o futuro, a política, aqui tomada em sentido lato, o país, a religião e as relações familiares e amorosas. Estas reflexões mostram, frequentemente, o medo da perda do outro, do que ficou ou do que partiu, pois a passagem do tempo da mobilização, que é longo, pode levar ao esquecimento ou terminar com a morte. Esta insegurança é alimentada pelas histórias de outros, que vão sendo conhecidas. A importância

⁹⁶⁵ Ao ler estas palavras, a semelhança com as cartas depositadas no AHM é notória: “The more mundane the details, the more absorbed in them I could become. My parents, like everyone with a child or a husband or a father in Vietnam, were hostages to the war, waiting and not knowing, half expecting the phone call at night or the knock on the door that would mean their worst fears had come true. Letters were the one way to keep up their own defenses against that fear, and so they filled letter after letter with the details of their daily lives. At times they would apologize for boring me with such ‘little things,’ but it was the little things that kept all of us planted on the ground.” Broyles, Jr., William (2002), “Foreword” em Bernard Edelman (org.), *Dear America*, (ed. for The New York Vietnam Veterans Memorial Commission), New York, W.W.Norton & Company, pp.14-15.

⁹⁶⁶ Carta de Luís para a esposa, Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 34, 20.01.1971.

do conhecimento assim adquirido leva à antecipação do futuro. Sabe-se bem o que aconteceu a outros.⁹⁶⁷

Em relação à guerra, nota-se uma percepção descontinuada e desarticulada da realidade, à semelhança do que sucede noutros conflitos: “I soldati non possono avere la percezione completa, panoramica, di ciò che sta succedendo.”⁹⁶⁸ O ponto de vista dos soldados é diferente dos oficiais, como iremos ver através das narrativas individuais, presentes na última parte deste trabalho. Para quem comanda, a guerra é feita de manobras militares e de operações táticas, não de situações singulares vividas pelos militares, mobilizados ao abrigo da lei geral. A correspondência presente nos acervos mostra que quem está no mato não entende a manobra geral, compreendendo-a a partir da posição individual, e conclui que os superiores lá sabem o que andam a fazer. A narração dos acontecimentos segue uma ordem cronológica e linear, não havendo da parte da maioria a possibilidade de enquadrar o que se passa dentro de uma temporalidade mais vasta e as decisões dos superiores num quadro de intenções consistente. Como refere Hynes, relativamente às narrativas de Guerra, “the stories that soldiers tell are small-scale, detailed, and confined – is the way to see war.”⁹⁶⁹

Pela análise da correspondência, vamos, igualmente, dar conta de uma sociedade em transição em que coexistem imobilismo e mudança, numa permanente tensão. Por um lado, observamos um país ainda rural, apresentando valores muito desfavoráveis nos principais indicadores que servem de comparação com outros países europeus, como são o caso das taxas de mortalidade infantil e de alfabetização. Em 1960, por exemplo, morriam cerca de 77 bebés por cada mil nascimentos e a grande maioria dos partos ocorria fora do meio hospitalar. Portugal ocupava o último lugar entre os países europeus.⁹⁷⁰

Em relação ao analfabetismo, a escolaridade obrigatória abrangia menos de metade da população em idade escolar. Eram necessários braços para trabalhar e, por isso, muitas crianças não iam à escola ou não completavam o 1º ciclo. A ascensão social não estava ainda na imaginação de uma grande parte da população. A condição social de origem determinará o

⁹⁶⁷ Encontramos sentido semelhante nas preocupações expressas por Mário, Carlos ou Francisco, ao lermos a missiva que Raymond Griffiths, fuzileiro da marinha americana, escreve para a família: “I’d like the truth now. Has Darlene been faithful to me? I know she’s been dating guys, but does she still love me best? Thanks for understanding. See ya if it’s God’s will.” Edelman, Bernard (2002) (org.), *Dear America* (ed. for The New York Vietnam Veterans Memorial Commission), New York, W.W.Norton & Company, p.16.

⁹⁶⁸ Caffarena, Fabio (2005), *Lettere dalla grande guerra*, Milano, Edizioni Unicopli, p.30.

⁹⁶⁹ Hynes, Samuel (1998), *The soldiers’ tale. Bearing witness to modern war*, London, Pimlico, p.12

⁹⁷⁰ Barreto, António (2000) (org.), *A Situação Social em Portugal 1960-1999*, p.85, quadro nº1.17. Pode ver-se os valores comparativos com os países europeus no site da PORDATA:

<https://www.pordata.pt/Europa/Taxa+de+mortalidade+infantil-1589>

percurso escolar e uma grande parte dos que vão à escola fica-se por saber ler, escrever e contar. O ensino liceal ou técnico era para poucos e o número de universitários muito reduzido.⁹⁷¹

Nos acervos em análise, além de Luís que concluiu o curso superior na Academia Militar, só Teresa, a sua mulher, e Paulo, correspondente de Alberto, frequentaram e concluíram um curso universitário, respetivamente de Filologia Germânica e de Engenharia Eletrotécnica. Os outros correspondentes que completaram o ensino liceal são Joaquim, militar natural de Lourenço Marques, e uma amiga de Carlos que sairá da aldeia para a cidade, terminando assim os seus estudos, onde a escola tem “muito mais comodidades”⁹⁷². A grande maioria dos correspondentes é pouco escolarizada e há um número considerável de analfabetos. Alguns estão a estudar à noite, associando a progressão na escola à possibilidade de uma vida melhor:

tenho esperança que me vejas com o ezame da quarta e com o curço de en carregado.⁹⁷³

só com grande esforço e espírito de sacrifício é que se consegue fazer alguma coisa para bem do nosso futuro. Graças a Deus terminámos ontem o nosso exame. Eu, o Silva e o Andrade já passámos para o 4º ano. Agora resta esperar pelo que acontecerá nos futuros anos.⁹⁷⁴

Por outro lado, vemos uma nação que se industrializa, tardia mas rapidamente, a um ritmo de crescimento superior ao da maioria dos países europeus, constituindo um caso único na realidade económica da Europa do pós-guerra. A correspondência apresenta-se como um “miroir sociologique”,⁹⁷⁵ onde se refletem movimentos sociais como a emigração, o turismo ou o êxodo rural e também os costumes em mudança, com o surgimento de outros valores que desafiam os existentes. No acervo de Luís, por exemplo, há notícias dos emigrantes que vêm de França no verão para passar férias⁹⁷⁶. A mãe de António informa-o que o irmão está a tentar ir para França, porque “os da aldeia teem lá ganho muito dinheiro,”⁹⁷⁷ assim como o

⁹⁷¹ Barreto, António (2000) (org.), *A Situação Social em Portugal 1960-1999*, quadros pp.103 a 110.

⁹⁷² Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 63, 27.10.1966.

⁹⁷³ Carta do irmão mais velho para Carlos, Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 17, 06.06.1965.

⁹⁷⁴ Carta de amigo para Carlos, Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 66, 15.07.1966. Noutra carta para Carlos, o amigo conta que quer deixar a mãe amparada e dar-lhe o gosto de ter o curso comercial “que ela tanto anseia, mais até que nós próprios.” Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 66, 18.09.1966. Este amigo estuda à noite, à semelhança de outros.

⁹⁷⁵ Grassi, Marie-Claire (2002), “La lettre en archives: approche methodologique”, em Anne-Marie Sohn (org.), *La correspondance, un document pour l’histoire*, Cahiers du GRHIS, (12), Rouen, Publications de l’Université de Rouen, p.78.

⁹⁷⁶ Carta de professora primária, a ensinar em Belmonte, para Teresa, Fundo R2, caixa 11, série 5, documento 118, 08.08.1967.

⁹⁷⁷ Fundo R 72, caixa 59, série 2, documento 34, 16.12.1963.

irmão de Carlos “porque o meu Idial éra melhorar a situação.”⁹⁷⁸ A mulher de Francisco informa-o dos que fogem para França ⁹⁷⁹ e todos os que vivem no mundo rural escrevem sobre a falta de homens, o que se vê no trabalho e nos bailes. Da aldeia para a cidade parte uma amiga de Carlos que vai continuar a estudar em Lisboa, onde o pai já se encontrava a trabalhar. Também os irmãos de Carlos partem da aldeia para Lagos para trabalhar na construção civil. Há muitos e bons empregos no Algarve, onde o turismo regista um aumento substancial.⁹⁸⁰

Estas mudanças, económicas e sociais, “induzidas pelo quádruplo fenómeno da industrialização, da terciarização, da urbanização e da emigração”,⁹⁸¹ vão caracterizar o que se vai chamar “época de ouro”⁹⁸² do crescimento português e irão determinar, mais tarde, no final da década de 80 do século XX, um país moderno, comparável à generalidade dos europeus. As mudanças vão levar também a “transformações sociais, culturais, comportamentais e de mentalidade”⁹⁸³ que serão de importância decisiva no futuro, deixando para trás um país que, nos anos 60, ainda “oferecia à observação geral a imagem de uma sociedade rígida, conservadora, quase imutável”.⁹⁸⁴ Um olhar para os principais indicadores vai dar-nos a ideia do caminho percorrido e do perfil da mudança.⁹⁸⁵

No final dos anos 50, a população portuguesa era predominantemente rural, a maioria vivendo de uma agricultura “antiga, subprodutiva e sobrepovoada de miséria e

⁹⁷⁸ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 69, 15.11.1967.

⁹⁷⁹ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 2, 06.02.1967.

⁹⁸⁰ Juntamente com a emigração, a vinda de milhares de turistas para passar férias em Portugal contribuiu decididamente para a transformação social que ocorreu neste período. Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 17, 20.05.1966.

⁹⁸¹ Rosas, Fernando (1998), “A oportunidade perdida” em Iva Delgado, Carlos Pacheco e Telmo Faria (orgs.), *Humberto Delgado, as eleições de 58*, Lisboa, Vega, p.XI.

⁹⁸² Como refere João César das Neves, “O país foi considerado um dos melhores exemplos do crescimento da «idade de ouro» (*golden age*) dos anos 50 e 60 pelas organizações internacionais”, nomeadamente o Banco Mundial. Neves, J. César das (1994), “O crescimento económico português no pós-guerra: um quadro global”, *Análise Social*, XXIX (128), p.1006.

⁹⁸³ Rosas, Fernando (1998), “A oportunidade perdida” em Iva Delgado, Carlos Pacheco e Telmo Faria (orgs.), *Humberto Delgado, as eleições de 58*, Lisboa, Vega, p. XII.

⁹⁸⁴ Barreto, António (2000) (*org.*), *A Situação Social em Portugal 1960-1999*, Lisboa, ICS, II, p. 41.

⁹⁸⁵ Parte substancial dos números utilizados foi recolhida na obra citada na nota anterior. Para comparar com os anos posteriores a 1999, pode consultar-se a base de dados da Pordata em www.pordata.pt. Pode completar-se a reflexão sobre estes indicadores a partir de Mattoso, José (2011) (*dir.*), *História da Vida Privada em Portugal, Os Nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates. Ver, também, de Barreto, António e Joana Pontes (2007), *Portugal, Um Retrato Social*, Lisboa, RTP, série documental em 7 episódios que retrata estas mudanças recorrendo a imagens de arquivo e depoimentos.

analfabetismo”.⁹⁸⁶ Como escreve o padraço de José num ano que se prevê de miséria: “as outras comestiba estão todas caras as bantatas estão caras (...) esta um ano rui de passare mas o queisse quiere ê saude”.⁹⁸⁷

A casa rural portuguesa configura um modo de viver que está de acordo com a ideologia do Estado Novo: somos pobres mas honestos, discretos e trabalhadores, tementes a Deus e obedientes ao Chefe que governa a Nação. Assim mostra a Lição de Salazar.⁹⁸⁸ Apesar disso, muitos têm de deixar a sua casa dando origem a “um importante movimento de mobilidade forçada”⁹⁸⁹, movimento esse que ecoa nas cartas, como já vimos. Havia um fenómeno constante de subemprego e parte importante da sociedade não tinha uma ocupação permanente. O que se convencionou chamar de êxodo rural é a saída de 6% da população activa, quer para as indústrias de Lisboa e Setúbal, quer para a emigração, desta vez com a Europa como destino. De acordo com Sedas Nunes, entre 1951 e 1954, pelo menos um milhão e trezentos mil rurais terá deixado o campo “em busca de outras oportunidades de vida.”⁹⁹⁰

A relativa modernidade da cidade contrasta com o atraso do campo. Sedas Nunes chama-lhe “o dualismo *sociológico*, inicialmente suspeitado por detrás de um dualismo *económico*”.⁹⁹¹ Mas a vinda para a cidade é frequentemente acompanhada de precaridade. Em Lisboa, por exemplo, 5% da população vive em bairros de lata, sem água, sem luz e sem esgoto.⁹⁹² Embora a viver na periferia do Porto, Rosa tem de ir buscar água para a vida da casa. Luísa vai periodicamente ao rio lavar “um carrêgo de roupa”⁹⁹³, tal como Rosa, que se queixa da dureza da tarefa:

me doi as pernas de Domingo ter ido para o rio da manga lavar estava habituada a lavar na arca-d'água as pedras são mais altas e por esse motivo é que me custa a andar.

⁹⁸⁶ Rosas, Fernando (1998), “A oportunidade perdida” em Iva Delgado, Carlos Pacheco e Telmo Faria (orgs.), *Humberto Delgado, as eleições de 58*, Lisboa, Vega, p. XI.

⁹⁸⁷ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 9, 11.03.1962.

⁹⁸⁸ Sobre a Lição de Salazar, ver nota 565.

⁹⁸⁹ Pappámikail, Lia, (2011), “Juventude: entre a fase da vida e o tempo de viver” em José Mattoso (dir.), *História da Vida Privada em Portugal, Os Nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates, p.229.

⁹⁹⁰ Nunes, A.S (1964), “Portugal: sociedade dualista em evolução”, *Análise Social*, II, 7-8, p.439.

⁹⁹¹ Nunes, A.S (1964), “Portugal: sociedade dualista em evolução”, *Análise Social*, II, 7-8, p.426

⁹⁹² Dados do primeiro grande inquérito aos bairros-de-lata de Lisboa, realizado pela Câmara em 1959. Pereira, S.M (2011), “Cenários do quotidiano doméstico: modos de habitar.”, em José Mattoso (dir.), *História da Vida Privada em Portugal, Os Nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates, p. 21.

⁹⁹³ Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 2, 26.01.1966

Em 1960, por exemplo, mais de 70% dos alojamentos de todo o país não dispunham de água canalizada, mais de 80% não tinham banho, 60% não usavam electricidade nem tinham acesso a esgoto.⁹⁹⁴ Carlos informa a mãe que vai mandar por electricidade em casa: “isso só tu vindes que seja tudo combinado porque a mãe não percebe nada”.⁹⁹⁵

Estes números ligavam-se directamente a elevadas taxas de mortalidade materna e infantil⁹⁹⁶ bem como a outras causas de morte da população que mostravam um país com serviços de saúde pública rudimentares. Nesta altura, 13% dos óbitos eram ainda causados por doenças infecciosas, parasitárias e tuberculose, próprias do mundo subdesenvolvido. Doenças já raras na Europa como a difteria apareciam frequentemente em Portugal, devido às más condições de salubridade em que muitos portugueses viviam. Também a esperança de vida à nascença era a mais baixa da Europa, cerca de 60 anos para os homens e 66 para as mulheres.⁹⁹⁷

Nos anos 60, não havia, praticamente, estado social e os mais desfavorecidos – desempregados, velhos e doentes sem condições económicas – ficavam a cargo das famílias e da caridade alheia. O abono de família, por exemplo, embora introduzido em 1942, é, na fase inicial, dado apenas aos filhos legítimos até aos 14 anos e está limitado aos trabalhadores da indústria e do comércio, sendo entregue, na quase totalidade dos casos, ao chefe de família, o homem legitimamente casado que tem uma família sob a sua autoridade.⁹⁹⁸ Os beneficiários do sistema público de segurança social eram 13% em 1960, ano em que foram introduzidos os subsídios de casamento, nascimento e aleitação.⁹⁹⁹ Em 1970 eram 27%. O crescimento dá-se a partir desta altura, durante o marcelismo, com a entrada no sistema dos rurais e das empregadas domésticas.¹⁰⁰⁰

⁹⁹⁴ Estes números podem ser consultados em www.pordata.pt.

⁹⁹⁵ Fundo R71, caixa 56, série 2, documento 15, 14.02.1968.

⁹⁹⁶ Sobre este assunto ver Barreto, Xavier e José Pedro Correia, Joana Pontes (2012), *Nascido para Viver*, documentário, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos. Disponível em: <https://youtu.be/A6GketN3FbU>

⁹⁹⁷ Barreto, António (2000) (org.), *A Situação Social em Portugal 1960-1999*, p.85, quadro nº1.16.

⁹⁹⁸ O limite de idade será ampliado em 1958 e alargado aos trabalhadores rurais em 1969.

⁹⁹⁹ Os anos 60 foram marcados pela reforma da Previdência Social, consignada na lei 2115 de 18 de junho de 1962, etapa significativa no caminho de construção do estado social, tal como o concebemos na atualidade. Sobre este caminho ver de Pereirinha, José A. e Daniel F. Carolo (2009), “A construção do Estado-Providência em Portugal: evolução da despesa social de 1935 a 2003”, Working paper nº36, Lisboa, Gabinete de História Económica e Social.

¹⁰⁰⁰ Barreto, António (2000) (org.), *A Situação Social em Portugal 1960-1999*, pp.51-52, quadros nas pp. 167-183.

Pode também dizer-se que não havia uma efectiva integração do território e da população. As relações entre o Norte e o Sul, o continente e as ilhas, o interior e o litoral, eram escassas. Viajava-se pouco, as ligações eram muito morosas e os portugueses raramente saíam do lugar onde viviam. A rede de transportes e de comunicações deixava de fora uma parte importante do país. Os jornais, o telefone e o telégrafo não chegavam a grandes áreas rurais, nem as estradas, nem o comboio. Havia isolamento efectivo de grandes grupos populacionais.¹⁰⁰¹

Em termos religiosos, o país é católico, pautado por obediência a valores tradicionais. A sociedade, dominada pelo poder eclesiástico, apresenta-se reverente e subserviente, admitindo o papel determinante dos poderes informais em que cunhas e empenhos organizam a vida de todos os dias. Nas cartas há frequentes menções à necessidade de “untar as mãos” a funcionários e pessoas, supostamente influentes, para arranjar emprego, ou casa, ou abonos ou benefícios na vida militar.¹⁰⁰² O poder permitia à elite que o apoiava o acesso a postos e privilégios e a sua distribuição a protegidos.

A sociedade é também “extremamente masculina e patriarcal”¹⁰⁰³. A sua autoridade é reconhecida pelo Estado e está presente na Lei. O artigo 5º da Constituição de 1933 consagra a “igualdade dos cidadãos perante a lei” e a “negação de qualquer privilégio de nascimento, nobreza, título nobiliárquico, sexo, ou condição social, salvas, quanto à mulher, as diferenças resultantes da sua natureza e do bem da família”.¹⁰⁰⁴

Os homens são os chefes da família “humilde e cristã”, base da ideologia do Estado Novo.¹⁰⁰⁵ A propósito do Código Civil, que entrou em vigor em 1967, Ana Vicente chama a atenção para o art. 1674º onde se consagra o marido neste papel e lhe são conferidos poderes para “decidir em todos os actos da vida conjugal comum”.¹⁰⁰⁶ É com esta situação que

¹⁰⁰¹ Para aprofundar este assunto ver Barreto, António (2000) (*org.*), *A Situação Social em Portugal 1960-1999*, pp.37-75.

¹⁰⁰² Por exemplo, Fundo R2, caixa 11, série 2, documento 104, 29.03.1972; Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 9, 03.08.1971 e Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 2, 16.04.1963.

¹⁰⁰³ Barreto, A. (2000) *A Situação Social*, p.40.

¹⁰⁰⁴ Constituição de 1933, <http://www.parlamento.pt/Parlamento/Documents/CRP-1933.pdf>

¹⁰⁰⁵ Wall, Karin (2011), “A intervenção do estado: políticas públicas de família” em José Mattoso (dir.), *História da Vida Privada em Portugal, Os Nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates, p.341.

¹⁰⁰⁶ Vicente, Ana (2002), “situação das mulheres” em António Barreto e Maria Filomena Mónica (coords.), *Dicionário da História de Portugal*, volume 8, uplemento F/O, Porto, Figueirinhas, p.566.

Teresa se defronta ao não poder tratar dos assuntos relativos ao apartamento onde irá viver com a filha sem que exista uma procuração em que o marido, cabeça do casal, a autorize.¹⁰⁰⁷

As mulheres que vivem na cidade e frequentam estudos superiores sabem que não têm acesso a certas profissões como a magistratura, a carreira diplomática, a polícia ou as forças armadas. De uma forma geral, não podem votar, alugar casa, ter passaporte em seu nome, conta bancária ou ausentar-se do país por sua livre vontade.¹⁰⁰⁸ As profissões consideradas apropriadas para as mulheres, “figuras de sacrifício e de amor, verdadeiras obreiras da caridade”, devem estar “em concordância com a sua natureza”¹⁰⁰⁹, sendo exemplo dessa concertação o exercício do magistério primário e da enfermagem. Noutras profissões, habitualmente realizadas por homens, as mulheres defrontam uma desigualdade de tratamento que raramente é posta em causa.¹⁰¹⁰

A divisão do trabalho reflecte esta maneira de pensar: as mulheres tratam do lar, ocupam-se dos trabalhos domésticos e criam os filhos. Os homens são responsáveis pelo sustento e proteção da família, exercendo a sua autoridade de forma a garantir, através da disciplina dos seus membros, a observação da moral e dos bons costumes, estabelecida e enquadrada pela ideologia do Estado Novo, em relação estreita com a Igreja Católica. É no acervo de Carlos que encontramos, pela escrita das duas namoradas com quem mais se correspondeu, estes valores mais tradicionais. As correspondentes a viver na cidade já ensaiam outros modos de pensar, embora se possam sentir confrontadas com novos modos de vida e outros valores, vistos na televisão, trazidos pelos turistas e emigrantes e apercebidos pelos militares, que desafiam a sociedade existente: mulheres de mini saia e calças à boca de sino, homens de

¹⁰⁰⁷ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 70, 17.03.1967 e caixa 11, série 2, documento 99, 27.09.1971.

¹⁰⁰⁸ Algumas alterações como, por exemplo, a possibilidade das mulheres acederem às profissões liberais vão surgir com a promulgação do Código Civil de 1967, “embora continue a legitimar o poder masculino.” Aboim, S. (2011) “Vidas Conjugais: do institucionalismo ao elogio da relação” em José Mattoso (dir.), *História da Vida Privada em Portugal, Os Nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates, p.96.

¹⁰⁰⁹ Aboim, Sofia (2011), “Vidas conjugais: do institucionalismo ao elogio da relação”, em José Mattoso (dir.), *História da Vida Privada em Portugal, Os Nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates, pp. 94,95.

¹⁰¹⁰ A obra *Anos Inquietos, Vozes do Movimento Estudantil em Coimbra (1961-1974)*, recolhe testemunhos que dão conta da maneira como se vivia esta desigualdade. Eliana Gersão, por exemplo, estudante de Direito em Coimbra de 1958 a 1963, refere a dada altura: “Comecei [1970] então à procura de emprego e mandei o meu currículo para um banco. Mandaram-me chamar pouco depois, para me dizerem que, com aquele currículo, se eu fosse homem, entrava imediatamente, sem limitações, mas sendo mulher só podia entrar com duas condições: ficar só no gabinete de estudos e, mesmo aí, nunca ter funções de Direcção sobre homens.” Cruzeiro, Maria Manuela e Rui Bebianco (2006), *Anos Inquietos, Vozes do Movimento Estudantil em Coimbra (1961-1974)*, Porto, Afrontamento, p.53.

cabelos compridos e roupas coloridas, estrangeiras em demonstrações públicas de afeto com os seus namorados.

A sociedade portuguesa pauta-se por uma moral sexual conservadora e a sexualidade está ligada à procriação. O casamento é católico e é “o contexto legítimo do relacionamento sexual”¹⁰¹¹. Não é permitido o divórcio.¹⁰¹² As mulheres deverão manter-se virgens até ao casamento e os homens fazem a sua iniciação sexual com uma parceira ocasional. Homens e mulheres não falam entre si de assuntos íntimos ou então fazem-no de forma dissimulada, como vimos na correspondência.

Homens e mulheres têm, desde o início, uma educação diferente para finalidades diferentes. A escola e as famílias reproduzem a ideologia do Estado Novo, sintetizada nas palavras proferidas por Salazar, em Braga, em 1936:

Não discutimos Deus e a Virtude. Não discutimos a Pátria e a sua História. Não discutimos a Autoridade e o seu Prestígio. Não discutimos a Família e a sua Moral. Não discutimos a Glória do Trabalho e o seu Dever.¹⁰¹³

A transformação das normas sociais que enquadram estes comportamentos vai ser lenta mas irá acompanhar as “mudanças invisíveis” de que fala Fernando Rosas. Na raiz destas mudanças está a alteração da estrutura da economia portuguesa na direcção da industrialização e terciarização. A adesão à EFTA, em 1960, representou para Portugal o que Pedro Lains chama “o início da mudança de rumo”, o primeiro passo de uma internacionalização controlada que permitiu “a intervenção do Estado na economia”.¹⁰¹⁴ Dispondo de mão de obra barata e operando em sectores sem particulares exigências de especialização como os têxteis, o calçado, o vestuário, as conservas e a cortiça, entre outros exemplos, Portugal aproveitou as vantagens do comércio livre mas conseguiu manter cláusulas especiais de cariz proteccionista. Em 1963, o valor da produção industrial torna-se superior ao da produção agrícola e a “Europa Ocidental via nascer em Portugal a sua última

¹⁰¹¹ Policarpo, Verónica (2011), “Sexualidades em construção, entre o privado e o público”. em José Mattoso (dir.), *História da Vida Privada em Portugal, Os Nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates, p.48. Apesar da vigilância e da rigidez dos costumes “Portugal era o país da Europa com o maior número de nascimentos *ilegítimos*, como alerta o *Anuário Demográfico de 1959* das Nações Unidas”. Aboim, S. “Vidas Conjugais: do institucionalismo ao elogio da relação”, p. 86. Sobre este assunto ver também Ana Nunes de Almeida, p.158 na mesma obra.

¹⁰¹² Sobre este assunto e as movimentações dos católicos progressistas ver, Monteiro, Teresa L (2011), “Fés, credos e religiões” em José Mattoso (dir.), *História da Vida Privada em Portugal, Os Nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates, pp 286-290.

¹⁰¹³ Arquivo da RTP, LX980200XD, dos 00:16:00:00 aos 00:18:18:00.

¹⁰¹⁴ Costa, L.F, Pedro Lains e S.M.Miranda (2011), *História Económica de Portugal*, Lisboa, A Esfera dos Livros, pp.385 e 393.

nação industrial.”¹⁰¹⁵ Aumentou o investimento público e privado, cresceu o sector dos serviços, cresceu a economia.¹⁰¹⁶ O Produto Interno Bruto (PIB) português era, no final da década de 50, o mais baixo dos países da OCDE. A abertura económica ao exterior, as poupanças que os emigrantes enviavam para Portugal e as receitas do turismo que, nessa altura, chegava finalmente em massa a Portugal, contribuíram de forma clara para que as taxas de crescimento da economia portuguesa fossem superiores à média da Europa Ocidental, o que permitiu diminuir a distância entre Portugal e os outros europeus.

A emigração para a Europa e a vinda de milhares de turistas a Portugal, contribuíram também para influenciar os modos de ser do país que tinha estado “ensimesmado, fechado a sete chaves dentro de fronteiras rígidas, (...) que eram físicas e políticas, mas também culturais”.¹⁰¹⁷

Apesar da censura, aumentava “a tiragem dos jornais e dos livros, o número das telefonias, da frequência nos cinemas” ¹⁰¹⁸ e aparecia a televisão. As emissões regulares começam em 1957. O Diário Popular de 4 de Setembro de 1956 antecipou, nessa altura, o que irá acontecer no futuro:

... a Televisão vai surgir agora entre nós ... vai triunfar em pouco tempo, de forma avassaladora. Milhões vão consagrar as suas horas livres ao mágico sortilégio do 'Mundo aos nossos olhos e dentro da nossa casa'.

Esse foi o momento da passagem da vida em comunidade para a vida em sociedade. A televisão mudou a maneira de conviver, alterou os serões e os divertimentos. No início, poucos dispunham de televisão. A maioria ia ao café, às colectividades ou à casa de vizinhos mais abastados. As mulheres, que raramente saíam à noite, passaram a acompanhar os homens. Muitos viram que havia mundo para além da família a que se pertencia e do lugar em que se vivia. Também mudou o espaço e o tempo dedicado ao descanso e aos divertimentos à medida que se alteraram as rotinas familiares. Os papéis tradicionais serão contrariados com a progressiva emancipação das mulheres. O homem foi sendo trazido para dentro da vida

¹⁰¹⁵ Costa, L.F, Pedro Lains e S.M.Miranda (2011), *História Económica de Portugal*, Lisboa, A Esfera dos Livros, p.386.

¹⁰¹⁶ Para uma exposição detalhada sobre a questão económica ver, entre as obras já citadas, também Lobo, Marina Costa (2000), “Portugal na Europa, 1960-1996 – uma leitura política da convergência económica”, em A. Barreto, (org.), *A Situação Social em Portugal 1960-1999*, Lisboa, ICS, II, pp.611-623.

¹⁰¹⁷ Bebiano, Rui (2002), “Geografia instável de uma cultura juvenil de oposição”, *Estudos do século XX*, 2, p.178.

¹⁰¹⁸ Rosas, Fernando (1998), “Prefácio” em Iva Delgado *et al* (orgs.), *Humberto Delgado, as eleições de 58*, p.XII.

doméstica, partilhando tarefas, embora muito lentamente e de uma forma mais clara, só a partir dos anos 70.

O ideal da esposa doméstica já não era um objectivo em si para a maioria das mulheres. Nos meios rurais, elas trabalhavam na casa e no campo. Nos núcleos urbanos empregavam-se “nos têxteis, no tabaco e no vestuário, bem como nos sectores de trabalho precário e não especializado”.¹⁰¹⁹ Em 1950, por exemplo, constituíam 22,7% da população activa. Este número aumentou muito na década de 60, constituindo “uma das mudanças mais espectaculares da sociedade portuguesa”.¹⁰²⁰

O aparecimento da pílula anticoncepcional, em 1962, apesar de ser inicialmente vendida apenas sob prescrição médica, vai desempenhar um papel de extrema importância no planeamento familiar, na melhoria das condições de vida das mulheres e das famílias e no conhecimento da sexualidade. É de notar que a Associação para o Planeamento da Família é oficialmente criada em 1967, pelo médico Albino Aroso, embora fosse olhada com desconfiança por sectores da Igreja e do Governo. O planeamento familiar era clandestinamente ensinado às mulheres por médicos que se confrontavam com uma dura realidade, conforme relata a médica Purificação Araújo:

Era, era clandestino, como digo. As enfermeiras colaboravam de uma maneira espantosa. Eu lembro-me de haver enfermeiras que diziam 'sou muito católica, o meu irmão também é católico mas eu vou fazer planeamento familiar porque estas mulheres...

... Porque apareciam mulheres ainda com maridos alcoólicos, com sífilis, que não se tratavam, décimo filho. Era, de facto, muito mau. Era um ambiente muito pesado.¹⁰²¹

Nos meios universitários começa a por-se em causa a “rigidez dos papéis que constrange rapazes e raparigas”.¹⁰²² Altera-se o convívio entre os sexos mas a visão tradicional da mulher ainda se sobrepõe a uma outra, mais moderna, que vai entrando em Portugal. Esta realidade

¹⁰¹⁹ Aboim, S. (2011) “Vidas Conjugais: do institucionalismo ao elogio da relação” em José Mattoso (dir.), *História da Vida Privada em Portugal, Os Nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates, p.93.

¹⁰²⁰ Esta mudança está patente no gráfico que mostra a evolução da taxa de actividade feminina em Aboim, S. (2011) “Vidas Conjugais: do institucionalismo ao elogio da relação” em José Mattoso (dir.), *História da Vida Privada em Portugal, Os Nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates, p.98.

¹⁰²¹ Testemunho da médica Purificação Araújo em Barreto, Xavier e José Pedro Correia, Joana Pontes (2012), *Nascido para Viver*, documentário, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos. Disponível em: <https://youtu.be/A6GketN3FbU>

¹⁰²² Policarpo, Verónica (2011), “Sexualidades em construção, entre o privado e o público”. em José Mattoso (dir.), *História da Vida Privada em Portugal, Os Nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates, pp.53,54. Ver também em *Os Anos Inquietos*, obra já citada, os testemunhos de Eliana Gersão, Fátima Saraiva e Luís Januário.

em mudança vai surgir numa carta escrita pela noiva para Luís. Apesar de ser uma das poucas mulheres que frequenta a universidade, em Lisboa, Teresa diz o seguinte:

A reputação de uma rapariga deixou de a valorizar ou distinguir de qualquer outra. É muito triste chegarmos a esta conclusão, mas é verdade, principalmente nós que estamos em contacto com imensas colegas, que sabemos de n casos, reconhecemos que as coisas se passam assim e cada vez pior, dia após dia.¹⁰²³

A mudança faz-se sentir também nos níveis gerais de instrução. Cresce o número de alunos e ensaiam-se as “primeiras reformas modernizantes”.¹⁰²⁴ Em 1964, a escolaridade aumenta para 6 anos. A telescola arranca em 1965, servindo as populações de zonas rurais isoladas que têm acesso à televisão e de zonas suburbanas com escolas superlotadas. As aspirações de mobilidade social passam a ter na escola a sua principal via de concretização.

Embora o crescimento trouxesse melhorias gerais para a população “elas surgiam como quase irrelevantes, de tão baixo se partia.”¹⁰²⁵ Há pouca justiça na redistribuição social dos rendimentos provenientes de uma tal expansão da economia. Assim o faz notar o Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, na carta que escreve a Salazar, onde critica de forma desassombrada o regime político e levanta aquilo a que chama “o problema social” que se vive em Portugal no final desta década:

Não esqueço as grandes possibilidades de trabalho que o Estado e as grandes empresas criaram; mas isso porém não impediu que se estabelecesse e fechasse o que podemos chamar o ciclo de miséria.¹⁰²⁶

A vida continuava difícil para muitos, como escreve Teresa a Luís, ao pagar 150\$00 por um par de sapatos para a filha: “Só agora percêbo porque andam por aí tantos miúdos descalços.”¹⁰²⁷

Apesar deste pessimismo, com o desenvolvimento acentuado dos serviços e da industrialização e a vinda para a cidade de parte importante da população, começa a surgir

¹⁰²³ Fundo 2, caixa 10, série 2, doc. 72, 15.05.1967.

¹⁰²⁴ Rosas, Fernando (1998), “Prefácio” em Iva Delgado *et al (orgs.)*, *Humberto Delgado, as eleições de 58*, p.XII

¹⁰²⁵ Rosas, F (1998), “Prefácio”, Delgado, Iva *et al (1998) (orgs.)*, *Humberto Delgado, as eleições de 58*, Lisboa, Vega, p.XIII.

¹⁰²⁶ Ferreira Gomes, D. António (1958), Pró-Memória ao Presidente do Conselho. Disponível em: <http://dafgemrc.webnode.com.pt/products/carta-de-d-antonio-ferreira-gomes-a-salazar/> p.4.

¹⁰²⁷ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 87, 01.08.70. 150\$00 em 1970 corresponderia hoje, pelas tabelas do INE, a € 43,01

uma classe média que regista relativo progresso material e melhoramento do bem estar.¹⁰²⁸ Como acentua Fernando Rosas, a mudança dá-se principalmente no litoral, modificavam-se “as sociabilidades tradicionais” e “laicizavam-se os costumes.”¹⁰²⁹

As cartas escritas durante a guerra espelham estas mudanças, dando a ver uma sociedade em transição, sentido à experiência dos envolvidos e voz à necessidade de esperar. Mas cada espera foi vivida de forma diferente, nunca com tranquilidade. Talvez um dia, no futuro, como refere a namorada a Carlos, “verás que ainda vais sentir saudades de todas essas coisas...”¹⁰³⁰

¹⁰²⁸ Sobre o desenvolvimento das classes médias ver, Barreto, António (2000) (*org.*), *A Situação Social em Portugal 1960-1999*, Lisboa, ICS, II, pp.65-66.

¹⁰²⁹ Rosas, F. (1998), “Prefácio” em Delgado, Iva *et al* (1998) (*orgs.*), *Humberto Delgado, as eleições de 58*, Lisboa, Vega, p.XII.

¹⁰³⁰ Fundo R71, caixa 57, série 6, documento 56, 02.05.1967.

CAPÍTULO 3

VIVER A GUERRA

No capítulo anterior, *A vida por uma mensagem*, tratámos dos temas que surgem nas cartas trocadas durante a guerra, entre os militares, suas famílias, amigos e conhecidos. Observámos as preocupações comuns e persistentes dos envolvidos, presentes na maioria das missivas analisadas.

Este capítulo vai tratar do modo como a vivência da guerra foi passada a escrito pelos militares. Consideraremos as cartas presentes em cada um dos acervos depositados, trabalhando a rede de correspondentes mobilizados. Iremos dar conta dos enunciados acerca da situação militar em que se encontraram, incluindo operações e contactos com o inimigo, bem como das observações que fizeram relativas à própria instituição militar. Para cada acervo começaremos com uma contextualização muito geral da guerra no momento de partida do militar para a sua comissão e apresentaremos um sumário das ocorrências registadas nos livros de história da unidade.

Na primeira parte será analisada esta vivência da guerra durante o período de tempo em que o militar, centro da rede de cada acervo, esteve mobilizado, cerca de dois anos. Na segunda parte faremos uma reflexão sobre esta vivência considerando o tempo total da guerra, 13 anos.

I. PARTE

SÓ AS CARTAS SÃO O MEU DIÁRIO ¹⁰³¹

I.1 ANGOLA 1961-1963, HONRA E GLÓRIA

A 13 de junho de 1961, o batalhão de caçadores em que José está incorporado embarca no navio Moçambique com destino a Angola. Trata-se de um navio de passageiros e carga, até então utilizado em viagens para o Oriente e África no âmbito do império colonial português. Com o início da guerra é requisitado para servir como transporte de tropas e material e, daí em diante, fretado com frequência pelo Ministério do Exército.¹⁰³² A partida será a 15 e a viagem

¹⁰³¹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 29.10.1968.

¹⁰³² <http://lmc-naviosportugueses.blogspot.pt/2015/08/mocambique-1949-1972.html>

irá demorar 10 dias, atracando o navio no porto de Luanda no final do dia 25. Sabemos pela história da unidade que o batalhão desembarcou no dia seguinte às 05h30 da manhã, tendo os militares sido alojados no liceu feminino D. Guiomar de Lencastre.¹⁰³³

Honra e Glória é a divisa deste batalhão de infantaria, composto por três companhias de caçadores, fazendo parte do 4º contingente de tropas a chegar a Angola. Sairá de Luanda a 7 de Julho para uma primeira paragem na vila de Salazar onde os militares irão receber, durante uma semana, “instrução intensa, especialmente de tiro instintivo”¹⁰³⁴. Daqui partirão para o Negage, pequena localidade da província do Uíge, no norte de Angola, onde chegarão a 17 de julho, 10 dias após terem saído de Luanda. Estavam passados quatro meses desde que a guerra começara.

O objectivo principal das tropas mobilizadas nesta primeira fase do conflito é a reocupação do território sublevado e dominado pela UPA, após os acontecimentos ocorridos a partir de 15 de março de 1961,¹⁰³⁵ em que milhares de brancos e negros são assassinados, fazendas e estabelecimentos comerciais são destruídos e postos administrativos são tomados de assalto.

Neste vasto território localizado no norte de Angola, cerca de 100 mil quilómetros quadrados, caracterizado por terrenos acidentados e densas matas cortadas por rios da floresta subtropical dos Dembos, os revoltosos escolhem a pequena povoação de Nambuangongo para quartel general (ver localização nos mapas do Anexo C: Mapa C.3 Mapa de Angola (atual) e Mapa C.1 Angola 1961 – Operações no Norte / Planalto dos Dembos). O ataque, planeado para a época da estação das chuvas, aproveitou o facto de não haver estradas alcatroadas e de as picadas estarem alagadas. Nas suas acções, os revoltosos destroem pontes e vias de comunicação para impossibilitar a ligação entre as localidades atacadas e, assim, impedir o auxílio imediato e dificultar a posterior chegada das tropas. É preciso notar que, no início de 1961, os efectivos presentes em Angola eram de cerca de 5

¹⁰³³ AHM, 2/2/157/3; a história da unidade é um documento que contém a narrativa institucional militar relativa a determinada unidade. Nele vamos encontrar informação detalhada desde a formação da unidade até à sua desmobilização. Geralmente composto por capítulos, fornece informações sobre o sector atribuído, descrevendo o terreno, as populações, as actividades económicas e sociais. Parte relevante é dedicada à caracterização do inimigo e à actuação dos militares mobilizados, apresentando um balanço da actividade ao longo da comissão e ainda um inventário final das baixas sofridas, punições, louvores e condecorações. Nem sempre os livros das unidades contêm informação tão detalhada. Há unidades que não têm qualquer registo da sua actividade.

¹⁰³⁴ AHM, 2/2/157/3, p.1.

¹⁰³⁵ Sobre estes acontecimentos ver, entre outros, Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2000) (orgs.), *Guerra Colonial*, Lisboa, Editorial Notícias, pp 24 a 27; Cann, John P. (2005), *Contra-subversão em África, Como os portugueses fizeram a guerra em África, 1961-1974*, Lisboa, Prefácio, p.52.

000 africanos e 1 500 militares provenientes da Metrópole.¹⁰³⁶ Estavam organizados em dois regimentos de infantaria, um estacionado em Luanda e o outro em Nova Lisboa, e um grupo de cavalaria em Silva Porto. Como fazem notar Afonso e Matos Gomes, “a densidade média era de um soldado para 30 Km², estando imediatamente disponíveis para acorrer à zona afectada apenas 1 000 soldados europeus e 1 200 africanos!”¹⁰³⁷ A UPA mobilizava, no início da guerra, cerca de 6 200 homens com base no Congo.

Na zona dos Dembos não havia pista de aviação nem qualquer unidade militar estacionada e a principal via de ligação entre Carmona e Luanda encontrava-se intransitável. Apesar de Portugal estar, de alguma forma, a preparar, desde o final dos anos 50, a guerra em África,¹⁰³⁸ tornou-se necessário reorganizar as Forças Armadas Portuguesas no sentido de serem cumpridos os novos objectivos estratégicos militares: passar o esforço militar da defesa da Europa para a defesa do Ultramar. A complexidade desta alteração que, “além de problemas de mentalização, causou dificuldades de ordem financeira (...) e ao nível do equipamento”,¹⁰³⁹ fez com que, no início da luta armada, as deficiências de um dispositivo militar débil se tornassem evidentes e a reacção portuguesa tenha sido preparada à pressa para acorrer à dramática situação que se vivia na região. Como refere António Carneiro, “Portugal não possuía uma capacidade militar autónoma, com adequados níveis de prontidão”.¹⁰⁴⁰ O número de militares que compunham as Forças Armadas era reduzido, se

¹⁰³⁶ Sobre este assunto ver Monteiro, Pedro da Silva (2013), “A logística de Portugal na guerra subversiva de África (1961 a 1974)”, *Revista Militar*, 2539/2540, pp. 725-764.

¹⁰³⁷ Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2000) (orgs.), *Guerra Colonial*, Lisboa, Editorial Notícias, p.27

¹⁰³⁸ Sobre esta preparação - nomeadamente o envio para o estrangeiro de oficiais portugueses para frequentar cursos de contraguerrilha, a remodelação orgânica militar ultramarina, a criação em Lamego de um Centro de Instrução de Operações Especiais e de unidades de tropas especiais, vocacionadas para o tipo de guerra que se avizinhava - ver Telo, António (2000), “A mudança, 1959”, em Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (orgs.), *Guerra Colonial*, Lisboa, Editorial Notícias, pp 32-33; Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2009) (orgs.), *Os anos da guerra colonial, Antecedentes – Os anos que geraram um novo mundo*, volume 1, Lisboa, QuidNovi, pp.38-39; ver, também o capítulo 3, “O exército na guerra subversiva: a doutrina portuguesa” de Cann, John P. (2005), *Contra-subversão em África, Como os portugueses fizeram a guerra em África, 1961-1974*, Lisboa, Prefácio, pp 59-79 e o depoimento do então oficial do Estado Maior, capitão Almiro Canelhas, dos 17’03 aos 18’34, em Pontes, Joana et al (2002), “A Guerra anunciada” em *Século XX Português*, 7º episódio, documentário, Lisboa, SIC. Este oficial estava na delegação militar que esteve na Argélia a frequentar um curso de “Pacificação e Contra Guerrilha”.

¹⁰³⁹ Monteiro, Pedro da Silva (2013), “A logística de Portugal na guerra subversiva de África (1961 a 1974)”, *Revista Militar*, 2539/2540, p.5 de pp. 725-764.

¹⁰⁴⁰ Citado por Monteiro, Pedro da Silva (2013), “A logística de Portugal na guerra subversiva de África (1961 a 1974)”, *Revista Militar*, 2539/2540, p.729.

comparado com outros países envolvidos em conflitos de natureza semelhante,¹⁰⁴¹ encontrando-se mal preparados e equipados. Como refere Silva Monteiro, apesar dos poucos recursos da Força Aérea à data dos ataques, a requisição de aviões particulares e a autorização de participação de pilotos civis permitiu a evacuação da população da zona afetada para Luanda, numa “uma verdadeira ponte aérea”.¹⁰⁴²

Salazar assume a pasta da defesa nacional a 13 de abril de 1961, na sequência da tentativa de golpe de Estado, liderada por Botelho Moniz, um mês após o início da sublevação. Dirá, então, ao país:

Se é preciso uma explicação para o facto de assumir a pasta da Defesa Nacional mesmo antes da remodelação do Governo que se verificará a seguir, a explicação concretiza-se numa palavra e essa é Angola. (...) Andar rapidamente e em força é o objectivo que vai pôr á prova a nossa capacidade de decisão.¹⁰⁴³

A 18 e a 20 de Abril partem de Lisboa para Angola, por via aérea, os primeiros contingentes militares, constituídos por tropas paraquedistas e quatro companhias de caçadores especiais. A 21 embarcam no navio Niassa dois Batalhões de Caçadores e quatro companhias de artilharia, que chegam a Luanda no dia 1 de Maio.¹⁰⁴⁴ Pouco depois inicia-se a fase de reocupação territorial com a deslocação das tropas para Nordeste. Esta fase vai durar cerca de quatro meses e estará terminada quando forem recuperadas Nambuangongo, a 9 de Agosto, Quipedro, a serra da Canda e Pedra Verde, a 20 de Setembro, os bastiões dos revoltosos.

José tem 21 anos quando chega a Luanda. Já se encontra em marcha, há 43 dias, a movimentação militar com vista à reocupação dos Dembos. O seu batalhão desloca-se para o Negage, perto de Carmona, e as companhias iniciam a preparação das operações. De acordo com a história da unidade, os militares entram imediatamente em acção.

¹⁰⁴¹ Cann apresenta dados que permitem a comparação do número de efectivos e orçamento entre as Forças Armadas portuguesas e as da França, Grã-Bretanha e EUA, Cann, John P. (2005), *Contra-subversão em África, Como os portugueses fizeram a guerra em África, 1961-1974*, Lisboa, Prefácio, p.28.

¹⁰⁴² Monteiro, Pedro da Silva (2013), “A logística de Portugal na guerra subversiva de África (1961 a 1974)”, *Revista Militar*, 2539/2540, p.7 de pp. 725-764.

¹⁰⁴³ Morais, João e Luís Violante (1986), *Contribuição para uma cronologia dos factos económicos e sociais, Portugal 1926-1985*, Lisboa, Livros Horizonte, p.174; dos 31'52 aos 32'20, em Pontes, Joana et al (2002), “A Guerra anunciada” em *Século XX Português*, 7º episódio, documentário, Lisboa, SIC.

¹⁰⁴⁴ Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2009) (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1961 – O Princípio do fim do império*, volume 2, Lisboa, QuidNovi, pp. 67-70.

Durante 27 meses, a companhia de caçadores a que José pertence vai estar envolvida em sucessivas operações de limpeza e de nomadização¹⁰⁴⁵ da área atribuída ao batalhão, realizando um intenso trabalho de desobstrução de picadas, reparação e construção de pontes e abertura de itinerários que irão permitir a progressão das tropas no terreno. Os problemas sentidos são registados no livro da unidade, dando conta de um terreno “muito acidentado” e “densamente arborizado” onde, por vezes, chove torrencialmente e se progride “com muita dificuldade”, sendo encontrado “elevado número de obstáculos em todas as picadas utilizadas, algumas das quais só foi possível remover usando explosivos.”¹⁰⁴⁶ Esses obstáculos são, com frequência, árvores atravessadas na estrada e valas cavadas, por vezes camufladas, que dificultam o avanço. É frequente o estado da picada impedir a utilização de viaturas e terem de “cumprir a missão a pé”.¹⁰⁴⁷ Há registo de situações em que os pelotões perdem contacto “tendo um deles passado a noite inteira desligado da Companhia”.¹⁰⁴⁸ Noutro caso, as condições em que se encontra o terreno tornam impossível o reabastecimento da Companhia e a evacuação de feridos. Pedem “para regressar de madrugada o que lhe foi autorizado.”¹⁰⁴⁹ Há também registo da deterioração da saúde dos militares: “A região muito acidentada e densamente arborizada impossibilita a surpresa e provocou um cansaço muito grande no pessoal cujas condições físicas não são as melhores.”¹⁰⁵⁰ Há referência a militares doentes envolvidos em operações, embora “o moral do pessoal” seja “excelente.”¹⁰⁵¹

A dificuldade em localizar os rebeldes conduz a missões de reconhecimento aéreo,¹⁰⁵² as quais irão permitir a preparação de futuras operações. Estão registadas “acções de bombardeamento da FAP (...) com a finalidade de terminar com o estado de rebeldia dos habitantes daquela parte da serra”.¹⁰⁵³ Estes ataques levam à fuga da população,

¹⁰⁴⁵ Para responder à tática usada pelos guerrilheiros, as acções militares levadas a cabo pelas tropas portuguesas eram, geralmente, de curta duração e nelas estavam envolvidas unidades de pequena dimensão. Do plano operacional constavam acções de nomadização, ou seja, patrulhamento e limpeza, tendo como objectivo eliminar a presença do inimigo e destruir o seu modo de vida numa determinada zona, acções de protecção de itinerário a defesa de pontos sensíveis, batidas, golpes de mão, emboscadas e interdição de fronteiras. http://www.guerracolonial.org/index.php?content=172#_self (consultado a 21 de Junho de 2017).

¹⁰⁴⁶ AHM, 2/2/157/3, pp.1-2.

¹⁰⁴⁷ AHM, 2/2/157/3, p.10.

¹⁰⁴⁸ AHM, 2/2/157/3, p.2.

¹⁰⁴⁹ AHM, 2/2/157/3, p.87.

¹⁰⁵⁰ AHM, 2/2/157/3, p.50.

¹⁰⁵¹ AHM, 2/2/157/3, pp. 28-29.

¹⁰⁵² AHM, 2/2/157/3, p.3.

¹⁰⁵³ AHM, 2/2/157/3, p.10.

principalmente para o Congo, “tendo os fugitivos declarado ter havido muitos mortos por acção das FAP.”¹⁰⁵⁴

À passagem pelas sanzalas, os militares encontram-nas quase sempre desertas “embora com sinais de vida recente”.¹⁰⁵⁵ Pela história do batalhão, verificamos que esta situação terá ocorrido, sobretudo, durante o primeiro ano da comissão militar. Dias antes do início de uma grande operação constata-se que “homens válidos, mulheres e crianças fugiram para o CONGO”.¹⁰⁵⁶ Estas sanzalas desertas são, por vezes, destruídas, assim como “cubatas que constituíam depósitos de géneros e lavras”.¹⁰⁵⁷ Há menção à apreensão de armamento ¹⁰⁵⁸ - canhangulos, espingardas e PM - bem como de documentos.¹⁰⁵⁹ Nas sanzalas são deixados panfletos de acção psicossocial “aconselhando o regresso das populações” e “alguns pacotes de bolachas e géneros alimentícios”.¹⁰⁶⁰ Os resultados, nesta primeira fase, não terão sido animadores: “Os panfletos foram encontrados arrancados e as sanzalas continuaram abandonadas, embora com sinais de vida recente.”¹⁰⁶¹ ¹⁰⁶²A população civil que não havia

¹⁰⁵⁴ AHM, 2/2/157/3, p.10.

¹⁰⁵⁵ Sanzala é uma povoação constituída por cubatas ou palhotas, pequenas casas onde os nativos viviam; AHM, 2/2/157/3, p.3.

¹⁰⁵⁶ AHM, 2/2/157/3, p.6. O número de refugiados varia consoante as fontes. De acordo com Laura Visentin, citando Wheeler e Pélissier, “estima-se que no ano de 1961 havia pelo menos 100.000 refugiados angolanos no Congo Belga”. https://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/files/Doc_trabalho/12-LauraVisentin.pdf p.171 (consultado em Maio de 2017). Nos cadernos do Estado-Maior do Exército diz-se que “fugiram para o Congo ex-Belga cerca de 200 000 homens, mulheres e crianças, na maioria pertencentes à parte Norte dos distritos de Uíge e Zaire.” A.A.V.V. (1969), “O Caso de Angola”, *Cadernos militares*, 6, Lisboa, SPEME, p.15. Salvador Lourenço refere que “Em 1962, estavam avaliados em 452.750, originários dos distritos do Uíge e Zaire.” Lourenço, Salvador J. N. (2015) *A Política Externa Portuguesa face aos apoios dos Movimentos de Libertação Angolanos – os casos da República Democrática do Congo/Zaire e da Zâmbia*, dissertação de Mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p.67 <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/79437/2/35578.pdf> (consultada em Maio de 2017).

¹⁰⁵⁷ AHM, 2/2/157/3, p.2.

¹⁰⁵⁸ AHM, 2/2/157/3, p.2.

¹⁰⁵⁹ AHM, 2/2/157/3, p.5; PM, pistola metralhadora, p.76; neste caso específico, os documentos encontrados encontram-se escritos em Quicongo, língua dos bacongos, população maioritária da zona onde se encontra José.

¹⁰⁶⁰ AHM, 2/2/157/3, p.3.

¹⁰⁶¹ AHM, 2/2/157/3, p.3.

¹⁰⁶² Esta ação psicossocial fazia parte da doutrina portuguesa de ação psicológica e contra-subversão, conjugando-se com outros dois tipos de ação: a ação psicológica e a de presença. A ação psicológica era utilizada para conseguir o apoio da população, desmoralizar o inimigo e trazê-lo a entregar-se aos militares portugueses, fortalecendo o ânimo das tropas. Eram utilizados panfletos, material audiovisual e radiofónico. A ação psicossocial consistia em ações de melhoria do nível de vida das populações quer no

passado a fronteira desaparecia com frequência nas matas, mostrando tendência para regressar a partir de finais de outubro de 1961, conforme registado no livro da unidade.¹⁰⁶³ A partir dessa altura, há várias menções ao “regresso dos indígenas às sanzalas”. Vêm vender “os seus produtos e cumprimentar a tropa”.¹⁰⁶⁴ Os militares verificam que “nas matas das redondezas há muita gente que pretende regressar e só não o faz por medo.”¹⁰⁶⁵

Entre as operações, há “intensa pesquisa de informações sobre os vários povos nativos e suas características” motivada pelo desconhecimento do modo de vida, língua, usos e costumes dos habitantes daquela região, maioritariamente bacongós. Sobas e sobetas, autoridades indígenas, começam a apresentar-se às tropas, juntamente com as populações que representam.¹⁰⁶⁶ Há registo de colaboração entre os militares e os nativos de determinados grupos, como é o caso do Povo Senga que mostra “grande desejo na destruição deste bando rebelde que se reabastece nas suas lavras.”¹⁰⁶⁷

Em novembro de 1961, dá-se início ao recenseamento dos vários povos locais, o qual irá prosseguir durante toda a comissão militar.¹⁰⁶⁸ O reordenamento das populações será tratado pelos comandantes das companhias e autoridades administrativas tendo em vista a construção de “futuras regedorias”.¹⁰⁶⁹ Elementos do partido NTO-BAKO começam a ocupar “cargos nos diversos concelhos do distrito de Uíge”.¹⁰⁷⁰

que diz respeito a uma habitação mais condigna, apoio sanitário, educação e trabalho. A ação de presença visava garantir a segurança e o controlo das populações. Não foram só os militares portugueses que utilizaram estes meios de “conquista das almas”. Também os movimentos de libertação fizeram uso destas ações. Sobre este assunto ver Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2016), *A conquista das almas. Cartazes e panfletos da acção psicológica na guerra colonial*. Lisboa, Tinta da China.

¹⁰⁶³ AHM, 2/2/157/3, p.9.

¹⁰⁶⁴ AHM, 2/2/157/3, p.10-11.

¹⁰⁶⁵ AHM, 2/2/157/3, p.10.

¹⁰⁶⁶ AHM, 2/2/157/3, p.52.

¹⁰⁶⁷ AHM, 2/2/157/3, p.41.

¹⁰⁶⁸ AHM, 2/2/157/3, p.12.

¹⁰⁶⁹ AHM, 2/2/157/3, p.34; sobre as regedorias como instituições de controlo social e político ver Ramada Curto, Diogo e Bernardo Pinto da Cruz (2015), “Destribalização, regedorias e desenvolvimento comunitário: notas acerca do pensamento colonial português (1910-1965)”, *Práticas de História*, 1 (1), pp. 113-172.

¹⁰⁷⁰ AHM, 2/2/157/3 p.34; NTO-BAKO é a Associação dos Povos de Origem Bakongo. Esta Associação “tinha uma longa história de colaboracionismo, e opusera-se fortemente à UPA durante o levante de 1961”. Citação em Figueiredo, Fábio Baqueiro (2012), *entre raças, tribos e nações: os intelectuais do Centro de Estudos Angolanos, 1960-1980*, tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em

O segundo ano trará, em resultado da intensa actividade operacional, a consolidação das posições ocupadas pelas companhias. Há vários registos de ataques dos rebeldes às sanzalas que cooperam com os portugueses.¹⁰⁷¹ A tropa desloca-se aos locais, “a população ficou sossegada”.¹⁰⁷² Algumas fazendas abandonadas pelos colonos brancos voltam a ser reocupadas e nota-se “o regresso progressivo de cada região à normalidade apesar da dificuldade”¹⁰⁷³. Há ainda zonas interditas “na impossibilidade de o Batalhão fornecer protecção.”¹⁰⁷⁴ São inúmeros os registos de escoltas a viaturas,¹⁰⁷⁵ desde autoridades administrativas locais a civis e funcionários da Junta Autónoma das Estradas de Angola que trabalhavam, nessa altura, na zona.

É “implantado nos terrenos o traçado da nova escola, com o auxílio de um pedreiro do Batalhão”, a qual será depois construída pelos nativos.¹⁰⁷⁶ São marcados os locais onde vão surgir edifícios públicos e talhões para a edificação de casas particulares.

Os médicos do batalhão reúnem-se para “tratar da cobertura sanitária das populações”.¹⁰⁷⁷ Visitam as sanzalas e prestam assistência, desencadeando acções de vacinação contra a varíola, após serem identificados vários casos.

Ao longo do ano de 1962 e início de 1963, o Batalhão receberá algumas visitas, nomeadamente a do Governador Geral e Comandante Chefe das Forças Armadas em Angola, general Venâncio Deslandes, a de Silvino Silvério Marques, governador que lhe sucede em setembro de 1962, bem como a dos adidos militares das embaixadas da França e da Inglaterra, do Cônsul Geral da França, do Arcebispo de Luanda, de dois jornalistas italianos e de outras autoridades militares.¹⁰⁷⁸

Há registo de comemoração de dois feriados nacionais, o 1º de dezembro e o dia de Camões “com alvorada tocada” e palestras “patrióticas” proferidas pelos oficiais.¹⁰⁷⁹ Realizaram-se duas semanas culturais que envolveram o Batalhão em torneios desportivos,

Estudos Africanos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia, p.235
<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/17799/1/FBFIGUEIREDO.pdf> (consultado em Janeiro de 2017)

¹⁰⁷¹ AHM, 2/2/157/3, por exemplo, 2 de outubro de 1962, p. 51 e p.76.

¹⁰⁷² AHM, 2/2/157/3, p.76

¹⁰⁷³ AHM, 2/2/157/3, p.18.

¹⁰⁷⁴ AHM, 2/2/157/3, p.36.

¹⁰⁷⁵ AHM, 2/2/157/3, p.55.

¹⁰⁷⁶ AHM, 2/2/157/3, p.50.

¹⁰⁷⁷ AHM, 2/2/157/3, p.48.

¹⁰⁷⁸ AHM, 2/2/157/3, respectivamente, p.19, p.68, p.37, p.49, p.38, p.45 e pp.72-73.

¹⁰⁷⁹ AHM, 2/2/157/3, p.50 e p.30.

exposições, teatro, variedades e arraiais, criando “a sensação de estarmos na Metrópole”, como se afirma no livro da unidade.¹⁰⁸⁰

Celebraram-se com missa as festas religiosas do Natal e da Páscoa, tendo sido distribuídos presentes provenientes do MNF.¹⁰⁸¹ Realizou-se uma procissão “muito concorrida”, para receber a “imagem de N.S.Fátima oferecida à Vila (Damba) pela diocese da BRAGANÇA”.¹⁰⁸²

Celebrou-se também uma missa pelos militares falecidos, tendo havido uma romagem às campas.¹⁰⁸³ Finda a comissão, o Batalhão conta com 6 mortos, dois dos quais da companhia a que José pertence e vários feridos. Os militares sofreram inúmeros ataques ao longo do tempo, causando aos rebeldes um número indeterminado de baixas e fazendo alguns prisioneiros.¹⁰⁸⁴ Foram condecorados 6 militares com a cruz de guerra de 4ª classe e houve louvores para as três Companhias.

A 15 de junho de 1963, o Batalhão termina a comissão, tendo completado dois anos de serviço. Durante os três meses em que vão aguardar a rendição, as companhias continuarão a participar em operações.

A 24 de setembro, o Batalhão inicia a marcha para Luanda onde chega a 25, partindo para a Metrópole a 30. Haviam passado 27 meses e 15 dias desde que o navio Moçambique partira de Lisboa.

A primeira carta escrita por José aparece neste acervo com a data de 28 de setembro de 1962, mais de um ano depois de partir de Lisboa. O que iremos saber até esta data é percebido exclusivamente pelas referências presentes em 141 cartas que recebeu de familiares e amigos e que são de resposta a outras tantas que José terá escrito e que não constam do seu acervo.¹⁰⁸⁵ A partir daí, há 24 cartas escritas pelo militar, 23 das quais para Olívia, madrinha de guerra que, durante a mobilização, se tornará sua namorada. As informações e pensamentos expressos, presentes nestas cartas destinadas a Olívia são, principalmente, relacionadas com o namoro. (ver no Anexo B: Quadros B.5 e B.6).

¹⁰⁸⁰ AHM, 2/2/157/3, p.20 e pp.72-72.

¹⁰⁸¹ AHM, 2/2/157/3, pp.19-20.

¹⁰⁸² AHM, 2/2/157/3, p.72.

¹⁰⁸³ AHM, 2/2/157/3, pp. 31-32.

¹⁰⁸⁴ No livro da unidade vem referido, por vezes, o número exacto de baixas resultante de um combate. Por exemplo, no registo do dia 24 de Julho está escrito: “Os rebeldes tiveram 20 baixas”. Noutros casos, as indicações quanto às baixas e feridos causados em operações de limpeza, golpes de mão e emboscadas, são vagas. AHM, 2/2/157/3, 1961.

¹⁰⁸⁵ No total foram depositadas no AHM 272 missivas.

Para além da importância do núcleo familiar, com quem será trocada a maior parte da correspondência, José vai escrever algumas cartas a 6 amigos entretanto mobilizados. Um deles, Antero, assumirá particular relevância nesta rede de correspondentes. Estão depositadas 20 cartas suas, escritas a José, acompanhando o tempo de mobilização de ambos, praticamente simultâneo e na mesma zona de intervenção Norte. Nessa altura, a guerra estava ainda circunscrita a Angola.

Antero pertence a uma Companhia de sapadores que presta auxílio à engenharia militar no movimento das unidades que convergem para Nanbuangongo durante a operação Viriato.¹⁰⁸⁶ Estas cartas, diferentes das trocadas com o núcleo familiar, dão-nos informação sobre os acontecimentos vividos na guerra, como se irá ver.

Voltando ao período de 15 meses em que não há correspondência escrita por José verificamos, nas cartas recebidas, que o militar terá informado os seus familiares sobre as movimentações da Companhia e as operações militares em que se encontrou envolvido. Referências à partida “para a luta”,¹⁰⁸⁷ essa “luta infernal”¹⁰⁸⁸ que “trava com esses selvagens”¹⁰⁸⁹ aparecem logo nos primeiros tempos e continuarão até José partir para o primeiro internamento no Hospital Militar de Luanda em Fevereiro de 1963, já perto do final da comissão, para tratar de uma doença aparentemente não relacionada com a vida militar.

José irá dando notícias sobre as mudanças de lugar¹⁰⁹⁰ e as duras condições em que se encontra no mato, passando fome e sede, o que provoca preocupação nos familiares.¹⁰⁹¹ Os ataques à Companhia são, também, mencionados nas cartas recebidas.¹⁰⁹² Nos primeiros tempos, José terá escrito sobre o inimigo que enfrenta, conforme se antevê nas respostas que se seguem:

¹⁰⁸⁶ Sobre a operação Viriato, ver, entre outras obras Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2000) (orgs.), *Guerra Colonial*, Lisboa, Editorial Notícias, pp. 48-52.

¹⁰⁸⁷ Carta de um amigo, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 1, 19.07.1961.

¹⁰⁸⁸ Carta de uma tia, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 1, 21.07.1961.

¹⁰⁸⁹ Carta de um amigo, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 1, 19.07.1961.

¹⁰⁹⁰ Por exemplo, cartas de padraсто, irmão, tia e mãe, respectivamente: Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 1, 26.07.1961, documento 3, 15.09.1961, documento 11, 23.05.1962 e documento 12, 06.06.1962.

¹⁰⁹¹ Por exemplo, cartas de duas tias, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 13, 22.07.1962 e documento 14, 01.08.1962

¹⁰⁹² Por exemplo, cartas de tia e padraсто, respectivamente: Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 5, 05.11.1961 e 11.11.1961.

Dizes na tua carta que os terroristas que não fazem mal, vê lá e eu a julgar que eraõ muito maus mas mesmo assim tu desconfia sempre deles. ¹⁰⁹³

Gostei imenso de saber que os terroristas matam poucos dos nossos. Ainda bem que assim é ¹⁰⁹⁴

Dizias-me que tinhas tido um combate, mas que ninguém se aleijou. Deus queira que seja assim sempre ao menos que ninguém sofra. ¹⁰⁹⁵

Para lá destas breves referências à movimentação da Companhia, a alguns ataques e ao contacto com o inimigo, as cartas recebidas por José e as que redigiu ao longo do tempo irão mostrar-nos que o militar escreverá, sobretudo, a lamentar a sua sorte, confessando-se, nas palavras do padraço “xeio dessa vida eu fasso e deia mais ao menos que debes de estar plus capelôs”. ¹⁰⁹⁶ À namorada dirá, nas suas palavras, “tristeza não me falta e enquanto não sair desta triste vida para fora nunca mais sei o que é alegria”. ¹⁰⁹⁷ E será este o tom principal da sua correspondência.

Um dos acontecimentos que irá marcar José ocorrerá no início da comissão. O militar, satisfeito, informa a família que se encontra na sua Companhia um rapaz da terra. Pouco depois, no início de uma operação militar, o soldado morre num acidente com arma de fogo, sendo sepultado na zona. ¹⁰⁹⁸ Da terra chegam ecos da triste notícia: “não calculas a griteira (...) veio um telegrama de Lisbôa para a mãe” ¹⁰⁹⁹ Pelas cartas recebidas ficamos a perceber que José terá ficado abatido e impressionado com a morte do soldado. A família fala no “distino dele” e pede-lhe que “no ismoreças e tem curajem e confiança em deus”. ¹¹⁰⁰ Mas o desânimo de José, repetidamente referido nas cartas, causa grande preocupação na família que, desde o início, exige ao militar coragem:

José pesso-te do fundo do meu curaçaï que tenhas moita curàje e não Esmuressas (...) com o teu sufrimento tembém eu sôfro e mais tua mai mas ainda sufria mais se me diçessem que tu que eras frâco mas tu grassas a deus fraco nao es es forte de fizico e tembem debes de ser de ispirito para assim dezinpilhar a tua missao que te foi confiada a ti e a todos os teus colegas que isso fás pur seres bom suldado que deus terás a recompenssa ¹¹⁰¹

¹⁰⁹³ Carta de tia, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 2, 14.08.1961.

¹⁰⁹⁴ Carta de amiga, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 2, 15.08.1961.

¹⁰⁹⁵ Carta de tia, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 5, 05.11.1961.

¹⁰⁹⁶ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 17, 04.11.1962.

¹⁰⁹⁷ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 19, 29.01.1963.

¹⁰⁹⁸ AHM, 2/2/157/3, p.38.

¹⁰⁹⁹ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 2, 31.08.1961.

¹¹⁰⁰ Carta de uma tia, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 4, 09.10.1961.

¹¹⁰¹ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 1, 21.07.1961.

A ideia de fraqueza do militar é combatida pelos seus correspondentes e motivará cartas num tom mais ou menos severo por quem teme pela sua reputação. Um amigo da família fala-lhe na necessidade de “lutar com brio (...) que só assim acabará essa medonha luta...”¹¹⁰² A mãe exorta-o: “sê homem! (...) Enquanto aí estiveres, luta com valentia, com honra e dignidade de soldado português.”¹¹⁰³

A tia reza “para que Deus te deia coragem para defenderes a nossa Pátria”¹¹⁰⁴ e observa, já no último ano de comissão:

Sabes quando dou as tuas cartas a lêr eu fico muito triste porque as pessoas que as leem dizem que tu não tens coragem, tu és um homem porisso debes ter força de vontade para cumprires bem a tua missão ¹¹⁰⁵

É preciso notar que os familiares de José são, na sua maioria, analfabetos. Por essa razão, têm de dar a ler as cartas que recebem, não podendo manter em segredo informações, pensamentos e considerações expressas por escrito, ou o que poderemos chamar em linguagem mais corrente, desabafos do militar. Nesta família parece haver consciência do que poderá resultar para a reputação de José, a ausência de sigilo.

No entanto, o militar continuará até ao fim a lamentar-se declarando a Olívia que “quando da qui for estou velho”.¹¹⁰⁶ Terá, nessa altura, 23 anos.

¹¹⁰² Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 1, 19.07.1961.

¹¹⁰³ A mãe de José é analfabeta. Conseguimos detetar nas suas missivas diferentes intermediários gráficos, com graus de instrução diversos. O excerto citado pertence a uma carta que difere substancialmente das que, habitualmente, a mãe envia ao filho. Quem escreve domina a escrita com desenvoltura e apresenta ideias que são novas, diferentes do que é habitual, e que serão únicas nesta troca de José com a mãe. Numa das páginas, refere, por exemplo: “Sabes perfeitamente que, defendendo esse torrão pátrio, defendes a tua mãe, irmãos e família!... Supõe que, não querendo lutar, vós abandonavas essas terras; e, os nossos inimigos, não contentes só com isso, se lembravam de invadir Portugal continental? Éramos nós que sofríamos todos, não achas? Portanto, lutando aí defendes-nos aqui, meu filho.” Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 2, 06.06.1962.

¹¹⁰⁴ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 3, 25.09.1961.

¹¹⁰⁵ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 19, 13.01.1963. Sobre a questão do segredo na correspondência ver de Sierra Blas, Verónica e Laura Martínez Martín (2010), “Le voyage des mots. Lettres d’émigrés et secrets de famille (Espagne et Amérique, XIXe et XXe siècles)”, em Jean-Pierre Bardet, Elisabeth Arboul e François-Joseph Ruggiu (orgs.), *Les écrits du for privé en Europe, du Moyen Âge à l’époque contemporaine. Enquêtes, Analyses, Publications*, Bordeaux, P. U. Bordeaux, pp 185-204. Embora debruçando-se sobre cartas de emigração, encontramos neste texto algumas ligações que podem ser estendidas à correspondência de guerra.

¹¹⁰⁶ Fundo R11, caixa 16, série 2, documento 30, 17.05.1963.

Será através da correspondência trocada com Antero que vamos ter mais informações sobre a situação militar vivida pelos dois amigos. Na primeira carta depositada, datada de outubro de 1961, Antero responde à notícia da morte do soldado conhecido de ambos:

Rialmente custa-nos um bocado nós vemos morrer esses nossos colegas por quem temos certa consideração e principalmente esse que é da mesma terra mas não podemos desanimar olha eu também já os tenho visto cair a minha beira e no Batalhão que eu tenho andado já morrer uns 15 e feridos isso já não tem conta ainda hoje mesmo foram feridos dois e estamos a ser atacados todos os dias mas talvês que não ouvesse Batalhão nenhum que tenha tido tantos ataques como o nosso.¹¹⁰⁷

Embora não tenha sido depositada nenhuma carta escrita por José para este amigo, percebemos pelas respostas de Antero que falaram entre si das sistemáticas movimentações das suas Companhias e dos trabalhos realizados por ambos:

dizes tu que já estás farto de correr terras olha também eu e a nossa missão foi fodida pois foi abrir o caminho do Ambriz a zala e depois de zala para Nanbuangongo e depois de Nanbuangongo para Quipedro e agora estamos em zala outra vez e daqui devemos ir para Luanda mas não sei quando será ¹¹⁰⁸

Às queixas de fome e sede de José, Antero responde:

já estamos acampados para aí á um mês num local certo também se assim não fosse já tínhamos morrido a fome pois o trabalho era muito e a comida muito pouca e nem tínhamos aonde comprar nada. Tu mandaste-me dizer que tens passado fome talvês não tenhas passado mais do que eu que chegamos a andar um mês que não comemos um sibo de casqueiro era só a rações de reserva mas hoje felismente já temos casqueiro com força mas foi preciso nós aqui fazer um forno.¹¹⁰⁹

Mês e meio depois, Antero volta a descrever a movimentação da sua companhia e os ataques que sofreram:

saímos do local em que me encontrava para cinco dias para abrir uma estrada e afinal foi para quinze e e tem sido trabalhar desde manhã até à noite; e no meio de grandes dificuldades pois que era um sitio que ainda ninguém lá tinha conseguido entrar e vimo-nos lá bem apertados com eles que nos atacaram por umas poucas de vezes mas felismente não ouve grande novidade; simplesmente feriram dois colegas meus e um Sargento mas não foram ferimentos graves. (...) já vou mudar outra vez para outro lado; mas eu por infelicidade não vou para lugar nenhum é mesmo para o meio da mata mas também já não estranho pois andei quatro mezes sempre metido no meio

¹¹⁰⁷ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 4, 21.10.1961.

¹¹⁰⁸ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 4, 21.10.1961.

¹¹⁰⁹ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 4, 21.10.1961.

da mata acampados a dormir em barracas por isso mesmo já sei a sorte que tenho que não é para outra coisa.¹¹¹⁰

A partir desta altura, iremos encontrar nas cartas deste militar frequentes observações sobre a forma como entende a sua participação na guerra:

nada de dezanimar é lamentarmos e convenceremos que não viemos aqui para Angola para termos regalias pois quando saímos de nossa casa já sabíamos para o que vínhamos destinados que era para passarmos trabalhos ¹¹¹¹

Estes “trabalhos”, abundantemente descritos nas cartas que escreve a José, levam-no a observar que, nas suas palavras, “a vida dum soldado (...) já sabemos que é uma vida fodida por isso não dá para contar novidade alguma”.¹¹¹²

Mas haverá novidades que quebram a rotina militar. Antero descreve ao amigo os “bocadinhos valentes”¹¹¹³ que passa em Luanda quando está perto da cidade: “o nosso capitão é porreiro e deixa-nos lá ir de vez enquanto até nos vai lá levar de gipe”¹¹¹⁴ No entanto, “a vida de um homem aqui em Angola não é para a gente andar a passar em Luanda só dá para um homem andar a passar trabalhos pelo meio das matas.”¹¹¹⁵

Ao longo do tempo, Antero irá dar conta dos momentos em que fica estacionado junto à capital, encontrando amigos da terra, também mobilizados:

como tu sabes a gente com as pessoas da terra espalha mais um bocado e não há dúvidas pois que eu lá estava a passar uma vida porreira ia passar todos os sábados e Domingos a Luanda e ficava lá em casa do Carlos e assim se iam passando os Domingos apreciar lá a cuca fresca e os dias assim se passavam sem se dar por isso.¹¹¹⁶

Passar os dias sem “dar por isso” significa estar em Luanda ou perto, podendo ser, também, quando os superiores estão ausentes:

o Alferes do meu pelotão foi gozar um mês de licença à Metrópole por isso agora um mês devesse acabar as patrulhas para mim pois que tenho andado sempre nisso e já estou cheio de patrulhas até aos olhos. Por isso agora por aqui devo estar até que o Alferes venha da metrópole; e aqui por conseguinte não se está muito mal; é certo que estou num deserto como já disse que mulheres não se encontra nenhuma e não há nada com que distrair; mas estamos bem noutra sentido que só

¹¹¹⁰ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 6, 06.12.1961.

¹¹¹¹ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 6, 06.12.1961.

¹¹¹² Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 7, 21.01.1962.

¹¹¹³ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 4, 21.10.1961.

¹¹¹⁴ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 7, 27.01.1962.

¹¹¹⁵ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 8, 22.02.1962.

¹¹¹⁶ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 8, 22.02.1962. Antero refere nas cartas que em Luanda passa os dias a beber cerveja e a gastar dinheiro na prostituição.

estamos com os furrieis e não temos decipelina nenhuma e levamos aqui uma vida porreira e a distância de Luanda não é assim muita estou a 70 quilómetros de lá por isso se um homem tiver muita necessidade de lá ir arranja-se fácil a lá ir.¹¹¹⁷

Nas cartas, Antero vai dar conta a José do agravamento da situação militar e da morte de um furriel do Batalhão a que pertence, informando o amigo que vai para a região da Pedra Verde. Volta a questionar a sua presença na guerra:

cá vamos aguentando que é o remédio que temos pois que não temos outro remédio senão este; porque se não fosse a gente ser obrigado aqui aguentar a gente não andava aqui a passar os trabalhos que passa. E até te digo que conforme é as viagens por barco se fossem por carros eu até já aqui não andava já tinha fugido desta puta desta vida para fora. Mas assim como para o barco não se entra para lá assim com duas tretas sou mesmo obrigado aguentar.¹¹¹⁸

O agravamento da situação militar continua presente nas cartas seguintes:

logo no dia que chegamos aqui a esta região Tivemos logo um grande ataque e depois disso estamos a ser atacados todos os dias ainda ontem fomos atacados e agora temos-nos fodido com trabalho a limpar estas matas aonde eles questumam atacar a beira da estrada.¹¹¹⁹

Antero nota uma evolução no armamento do inimigo, significando mais baixas para as tropas portuguesas:

E estes filhos da puta aqui tem matrial como nós até com granadas de mão nos tem atacado (...) Agora quanto ao que tu me dizias também na tua carta que se constava aí que os terroristas que estavam a por armadilhas; isso é verdade porque ainda outordia aqui a 30 quilómetros donde eu estou puzeram uma mina anticarro na estrada e vinha a passar um gipe na estrada e foi logo por o ar, vinham lá quatro soldados dentro morreram todos; e já agora vou-te nomiar em que sitio foi; foi na aldeia da vista alegre. Também te tenho a dizer que no dia dez fomos atacados e mataram mais um colega meu; ¹¹²⁰

Olha agora no local em que me encontro é mesmo no meio duma mata nem há civis nem pretos simplesmente se encontram cá tropas. Aliás eu disse que não haviam cá pretos mas é no acampamento em que nós estamos porque pretos aqui não faltam mas é destes filhos da puta que se encontram na mata para foder um homem qua ainda no dia 14 aqui mataram mais dois soldados e friram uns poucos. Isto aqui anda queda vez pior. Isto se assim continuar estamos fodidos que eles estão desavergonhados de todo metem-se atacar os acampamentos a torto e a direito; e eles agora têm milhores armas do que nós pelo menos nesta região aqui do Mucondo, zembo, vista alegre estão apelicar milher metrial do que nós; Ainda outrodia saí daqui um pelotão que foi fazer

¹¹¹⁷ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 10, 27.04.1962.

¹¹¹⁸ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 9, 08.03.1962.

¹¹¹⁹ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 13, 08.07.1962.

¹¹²⁰ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 13, 08.07.1962.

uma batida a vista alegre e chegou cá um animogue todo esbandalhado de arrebenatar uma mina; tu debes ter ouvido falar nesta região da vista alegre pois que ela é muito nomiáda na rádio.¹¹²¹

A melhoria no armamento utilizado pelo inimigo é também confirmada por Armando, outro soldado amigo de José que está em Angola desde setembro de 1961. No momento em que escreve a única carta depositada, encontra-se estacionado em Nóqui, localidade situada no norte de Angola, na fronteira com o Congo:

continua a ser dura e dificultosa em vistas de nos encontrarmos cá junto da Fronteira, e saibas que nós cá temos de trabalhar noite e dia, para assim vêr se conseguimos derrubar o terrorismo. Dizes que eles aí vos atacam de pistolas metralhadoras? pois eu não me admira que eles aqui a nós têm nos feito ataques com armas automáticas e granadas de mão. Olha que eles andam-se a treinar, porque ali no Congo em Matádi há grandes concentrações deles, porque a gente temos enformações disso e ainda hontem apreêndemos documentos de alguns deles.¹¹²²

Um mês depois Antero responde a uma carta em que José terá dito que, na zona em que se encontra, a situação militar está agora mais calma:

Então por aí não tem havido ataques; assim o imformastes na tua carta; pois isso é que é uma grande coisa. Nós por aqui tivemos uma altura que era uma coisa por demais agora felismente já a uns dias que isto se tem conservado mais calmo. Quer dizer agarramos aqui outordia o soba deles e então depois de agarrarmos o soba não têm atacado. Mas depois nesse dia em que agarremos o soba eles ainda tiveram a destinta lata de vir ao acampamento de noite a gritar e pedir o soba! mas levaram uma descarga de morteiradas para cima deles que não ficaram avesados lá a voltar. Agora é como te digo não tem atacado mas isto não é para um homem facilitar muito porque eles qualquer dia lembram-se de vir fazer mais uma surprêsa a um homem porque isto por aqui é uma região que está tudo cheio deles.¹¹²³

Passado um mês, Antero volta a escrever sobre a situação militar, agora de uma outra forma, utilizando a palavra “desporto” para qualificar a resposta da sua Companhia aos ataques:

continua como nos inícios que para aqui viemos é uma coisa por demais estão-nos atacar outra vez quáze todos os dias. Mas olha para a gente isto até já e um desporto que aqui não temos nada com que passar um bocado de tempo portanto distraímos com eles e enquanto não venha nenhuma que atinja um homem já está bem.¹¹²⁴

¹¹²¹ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 13, 28.07.1962 .

¹¹²² Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 14, 07.08.1962.

¹¹²³ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 14, 30.08.1962.

¹¹²⁴ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 15, 22.09.1962.

A expressão do desejo de regresso é comum aos dois militares e vai estar presente durante toda a mobilização através da contagem decrescente para o fim da comissão. Os dois amigos interrogam-se sobre o tempo que têm ainda de passar em África:

Conrrespeito ao tempo que aqui temos de dar nada te posso informar; já se aqui falou que só davamos 18 meses e agora já se fala que temos que dar 3 anos por isso mesmo eu não os compreendo, mas eu não aquerdito nisso, quer dizer nem aquerdito que só demos 18 meses como também não aquerdito que temos que cá estar três anos; o mais certo é termos que dar os dois anos que foi para o tempo que viemos destinados já da Metrópole¹¹²⁵

Antero escreve:

...o que eu quero é mais 9 meses passados e que isto corra sempre como tem corrido que já me não chamo desgraçado.¹¹²⁶

Nas cartas que escreve a Olívia, José refere com frequência:

...pois Deus queira que es acabe de preça, que cheio disto estou eu, mas já faltou mais, não é assim?¹¹²⁷

estou cá a passar o melhor tempo da minha vida mas se Deus quizer já falta pouco¹¹²⁸

No final de Abril de 1963, José escreve à namorada sobre a partida para Lisboa de outros contingentes:

fui acistir ao ambarque deles não queiras saver alegria deles, Deus queira que o meu dia não demor muito...¹¹²⁹

Em Maio, volta a escrever:

Não te sei dizer nada, pelo que estou a ver só para Agosto é que saímos daqui, estamos todos malucos estamos haver ir uns embora e outros a ir para o Sul, e nós não há meio de vir outro

¹¹²⁵ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 8, 22.02.1962. Questões sobre o tempo exacto de mobilização surgirão com frequência nas cartas relativas aos primeiros anos da guerra. Neste acervo, por exemplo, uma amiga de José refere que ouviu dizer que eram 4 anos. Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 2, 05.08.1961; outro soldado correspondente de José ainda na recruta refere: “não sei se vou para ultra mar mas é o que eu tenho mais serto chegado a ir era melhor ir já porque o tempo que nós aqui demos disem que não é contado porição mais óje mais á manha temos de ir”, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 5, 25.11.1961.

¹¹²⁶ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 14, 30.08.1962.

¹¹²⁷ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 16, 11.10.1962.

¹¹²⁸ Fundo R11, caixa 16, série 2, documento 29, 02.04.1963.

¹¹²⁹ Fundo R11, caixa 16, série 2, documento 29, 30.04.1963.

Batalhão para nos render. Não queiras saber como andamos cá, nem sabemos o que nos apetece fazer”¹¹³⁰

José há-de partir para Luanda com nova baixa médica, onde ficará algum tempo, mas voltará às operações pouco depois. No final de Maio escreverá a Olívia uma longa carta:

Olha ainda um dia destes cheguei duma batida de 8 dias, saímos dia 18 e só viamos dia 26, enchemo-nos de trabalhar a construir pontes que ainda estão destruídas pelos terroristas, se tu visse a bolta que nos demos até ficavas pasmada. Ó daqui a onde começemos a fazer pontes são perto de 200 quilómetros, e desde aí a onde fomos sair que é uma povoação chamada Songo, são 100, e dessa povoação a qui são 120; come vez foi uma volta medonha e 100 quilómetros foi sempre pelo meio de matas que tinha sitios que nem se via o céu. Como nos faltam 18 dias para acabar a minha comissão e ainda andamos nesta porcaria, mas agora também deve ser o fim e isto já não nos pertencia a nós, mas o Comandante quer ganhar ainda mais louvores dos cú que tem e ofereceu-se para fazer mais esta para ganhar mais um. Bom tu isto não te entreça e eu estou-te a dizer isto para ter mais que te mandar dizer, e para que não julgues que estou em Angola a gosar férias.¹¹³¹

Quando parte novamente para o Hospital Militar de Luanda, dá conta à namorada que:

uma vez que tenho a minha missão acabada e não vejo jeitos de nos mandar embora olha lá sempre passo melhor o tempo e mais seguro, até quero ver se não volto mais cá cima mas não sei¹¹³²

A demorada indefinição relativamente à data de regresso faz com que Antero proteste numa longa carta que escreve ao amigo:

Se queres que te diga estou cheio desta vida até olhos mas agora já tanto se me dá como o que se me dei estou por tudo uma vez que não me mandam embora ao fazer dos dois anos que se fodam que me tenham cá o tempo que eles quiser, só o que digo é uma coisa até aqui ainda tenho andado com a vida em guia para evitar de castigos; Daqui para o futuro não vou ligar importância a puta da tropa eles agora já não me obrigam a ligar porque eu já acabei a minha missão por isso estou aqui não é para cumprir simplesmente estou cá fazer corpo presente e por assim dizer por favor. Sabes que eu já até aqui não fazia puto mas agora é que não faço nenhum; do serviço estou livre as minhas preocupações portanto acabaram faço adeconta que sou um civil mas daqueles mandriões que não se ralam com nada, quer dizer aqueles que dizem o trabalho é bom para os pretos; Eu agora também estou na mesma a tropa é para os pretos que eu estou nela a conta deles.¹¹³³

Na última carta depositada, Antero escreverá ao seu amigo José:

¹¹³⁰ Fundo R11, caixa 16, série 2, documento 30, 17.05.1963. Ir para Sul significava, nesta altura, partir para uma zona onde o Batalhão podia descansar.

¹¹³¹ Fundo R11, caixa 16, série 2, documento 30, 28.05.1963.

¹¹³² Fundo R11, caixa 16, série 2, documento 30, 17.05.1963.

¹¹³³ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 31, 08.06.1962.

tenho-te a dizer que por enquanto que ainda estou permanecendo nesta maldita terra de angola e verdadeiramente ainda não sei quando embarco. (...) foi ontem que nós fizemos os dois anos e o nosso capitão disse-nos que o nosso embarque que estava previsto no Vera Cruz para 4 de Julho por isso deve ser nessa altura que devemos de embarcar.

No final, voltará a repetir que "...a tropa é para os pretos que eu estou nela à conta deles."¹¹³⁴

No início de Julho de 1963, José dará à namorada a tão desejada notícia:

Querida e estimada Olívia

Começo por te dizer que é esta a última carta que te escrevo de Angola: Pois que breve me encontrarei em Lisboa se Deus quiser.¹¹³⁵

O militar terá saído de Luanda por razões de saúde no mês de Julho, dois meses antes da partida do Batalhão a que pertenceu. Pelas palavras de um outro amigo, mobilizado no Bungo, zona dos Dembos, ficamos a saber que o regresso de José a casa terá sido muito festejado:

não sabes a minha alegria em receber a tua carta. Vi que dansastes muito na tua terra pois até me deu vontade de churar au ler as tuas amuraveis palavras eu só tenho pena è de não estar no teu lugar para mim era uma grande alegria, mas é como tu sabes que àde chegar o dia não é verdade. Amigo tambem voute dar um mumento de alegria pois tenho te a dizer que è o nosso embarque no dia 30 de Setembro tu não fases uma pequena hideia a nossa alegria que nós temos neste momento é bebedeiras todos os dias é cantar e dansar até cair para o lado.¹¹³⁶

Os festejos pelo regresso de José puseram fim ao que a tia, com quem mais se carteuou, chamou "esse degredo".¹¹³⁷

I.2 ANGOLA 1963-1965, SEMPRE EXCELENTES E VALOROSOS

A 8 de agosto de 1963 parte de Lisboa, com destino a Angola, o navio Niassa. Leva a bordo dois batalhões de caçadores e tropas paraquedistas, cerca de 2 000 homens. António está entre eles. Tem 21 anos e é 1º cabo. Havia passado um mês desde que José chegara a Lisboa.

A 23 de Janeiro desse ano começara a guerra na Guiné, com um ataque do PAIGC ao quartel de Tite, a sul de Bissau. Cerca de uma centena de guerrilheiros colheu de surpresa os

¹¹³⁴ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 24, 04.06.1963; Antero terá efetivamente regressado em Julho de 1963.

¹¹³⁵ Fundo R11, caixa 16, série 2, documento 31, 02.07.1963.

¹¹³⁶ Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 25, 04.09.1963.

¹¹³⁷ Fundo R11, caixa 16, série 2, documento 22, 10.04.1963.

portugueses “que se tinham fortificado na fronteira, esperando ser atacados a partir do Senegal ou da Guiné-Conacri”.¹¹³⁸ Seguiram-se as primeiras emboscadas, mais a sul, na região de Bedanda. Estes ataques colocavam um ponto final na ideia de que era possível, por um lado, negociar de forma pacífica a autodeterminação dos povos da Guiné e de Cabo Verde, e, por outro, mostrava a incapacidade das Nações Unidas em conseguir de Portugal a “emancipação pacífica dos seus povos ultramarinos”.¹¹³⁹

Em Angola, após a reocupação do território sublevado a norte, o dispositivo militar em quadrícula visava estabilizar a região, embora a FNLA (ex-UPA), apoiada no Congo, continuasse a dirigir os seus esforços de guerrilha para controlar a zona dos Dembos. Em Janeiro, o MPLA anunciava a abertura de uma frente de guerrilha em Cabinda. No entanto, os resultados eram ainda favoráveis a Portugal. A FNLA e o MPLA não estavam suficientemente implantados e dependiam quase exclusivamente da ajuda externa. A rivalidade entre os dois movimentos e as disputas internas enfraqueciam-nos.

Em termos militares, o Exército português prosseguia a constituição das forças especiais, mais adequadas ao tipo de guerra em curso, tendo sido editado, em 1963 e reeditado em 1966, o manual em 5 volumes com a doutrina oficial de condução de operações de contraguerrilha: *O Exército na Guerra Subversiva*.¹¹⁴⁰

A abertura da nova frente de guerra na Guiné irá determinar o reforço do dispositivo militar com a incorporação de mais efectivos e a necessidade de oficiais profissionais que os enquadrem. Esta necessidade vai ser posta em causa pela diminuição do número de candidatos à Academia Militar, o que vinha acontecendo desde 1961 e, conseqüentemente, pelo número de alunos admitidos. Em 1963 entraram 180 alunos, contra 266 em 1962, tendo ficado 20 vagas por preencher, conforme evidenciado nos Quadro B.2, Recrutamento Militar na Metrópole e Quadro B.3, Candidaturas à Academia Militar, do Anexo B. Este facto vai agravar-se ao longo do tempo levando a medidas administrativas que foram sempre uma fonte de contestação.¹¹⁴¹

¹¹³⁸ Sánchez Cervelló, Josep (2009), “Da criação da OUA à Guerra da Guiné”, em Aniceto Afonso e Carlos Matos Gomes (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1963 – Guiné, uma nova frente de combate*, volume 4, Lisboa, QuidNovi, p.105.

¹¹³⁹ Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2009), “A Guiné valia uma guerra?”, *Os anos da guerra colonial, 1963 – Guiné, uma nova frente de combate*, volume 4, Lisboa, QuidNovi, p.12.

¹¹⁴⁰ Sobre a génese e importância deste manual ver Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2009), “O Exército na Guerra Subversiva”, *Os anos da guerra colonial, 1963 – Guiné, uma nova frente de combate*, volume 4, Matosinhos, QuidNovi, pp 28-35.

¹¹⁴¹ Sobre a escassez de efectivos, as respostas encontradas e a contestação ver, entre outros, J. P Cann, *Contra-subversão em África*, pp. 105-112.

Em termos de política externa, Salazar mantinha o isolamento de Portugal, respondendo desta forma à unanimidade, ainda que formal, da pressão internacional. No seu discurso de 12 de Agosto desse ano, intitulado Política Ultramarina, Salazar vai esclarecer que não haverá quaisquer cedências no que diz respeito à questão colonial e à democratização do regime.¹¹⁴²

É neste quadro que, a 20 de agosto de 1963, as tropas a bordo do Niassa chegam a Luanda, tendo sido transportadas para o campo militar do Grafanil. “Sempre Excelentes e Valorosos” é o lema do Batalhão a que pertence António, composto por três Companhias de Caçadores. Conforme a história do Batalhão, a “grande maioria do seu pessoal é do Norte do País, principalmente das Províncias do ALTO-DOURO e TRÁS-OS-MONTES. (...) O seu nível de instrução era regular e o enquadramento razoável.”¹¹⁴³

No dia 23, as tropas deslocam-se para a zona que lhes é atribuída, uma área de aproximadamente 2 200 quilómetros quadrados, com altitudes entre os 400 e os 900 metros, muito arborizada, “apresentando grandes extensões de mata densa”, cortada por cursos de água. Não há “aglomerados populacionais havendo apenas a considerar os núcleos de trabalhadores indigenas”¹¹⁴⁴ existentes em nove fazendas. As vias de comunicação encontram-se, de uma maneira geral, em mau estado, deteriorando-se com o clima chuvoso, quente e húmido. Picadas e caminhos gentílicos, geralmente utilizados pela população, são transitáveis apenas por tropa a pé. A zona é rica em café e palmeira Dem-Dem.

Em relação ao inimigo, o livro da unidade refere-o “particularmente agressivo e aguerrido, e bem armado e municiado”,¹¹⁴⁵ “ousado e bastante instruído na técnica de guerrilhas”¹¹⁴⁶, notando-se o abandono do carácter regional que o caracterizava, tendo sido detetados grupos itinerantes. Desloca-se com extrema facilidade, mostrando grande resistência física, revelando “um perfeito conhecimento do terreno e sabe utilizá-lo com vantagem.”¹¹⁴⁷ Apoiava-se nas populações que vivem nas sanzalas, constituindo-se em “bandos armados”¹¹⁴⁸ que se articulam com a população em diferentes organizações de natureza política e militar.

Os objectivos do inimigo, segundo o registo da unidade, pressupõem ataques às tropas portuguesas, levando a cabo emboscadas, alvejamentos e flagelações, com frequência

¹¹⁴² Sobre este discurso e o seu significado ver, entre outros, Silva, Duarte (1995), “O litígio entre Portugal e a ONU (1960-1974)”, *Análise Social*, vol.xxx (130), pp.18-20.

¹¹⁴³ AHM, 2/2/155/4, Cap I, p.1.

¹¹⁴⁴ AHM, 2/2/155/4, Cap II, p.1.

¹¹⁴⁵ AHM, 2/2/155/4, Cap II, p.1.

¹¹⁴⁶ AHM, 2/2/155/4, Cap II, p.4.

¹¹⁴⁷ AHM, 2/2/155/4, Cap II, p.4.

¹¹⁴⁸ AHM, 2/2/155/4, Cap II, pp.2 e 3.

“interpondo-se no meio delas para impedir a sua reacção eficaz.”¹¹⁴⁹ Empregam minas, armadilhas e explosivos tendo em vista causar baixas, capturar material e desmoralizar. Além do ataque aos militares, o inimigo leva a cabo acções contra as fazendas da região, criando um clima de insegurança, cortando com frequência as vias de comunicação e armadilhando-as. Dispõe de armas automáticas e semi-automáticas, armas de repetição, granadas de mão e armas gentílicas como canhangulos e catanas. Utiliza também explosivos, fabricando armadilhas anti-carro e anti-pessoal, não se notando restrições no consumo de munições, facto que preocupa o comando do batalhão. O sistema de vigilância é extremamente eficaz, conseguindo detetar a grande maioria dos movimentos das tropas, sendo difícil surpreendê-los. Os pontos fracos são também identificados, nomeadamente o sistema logístico bem como a dificuldade de visão noturna que impede ataques à noite, factos aproveitados pelos militares portugueses.¹¹⁵⁰

O Batalhão tem missões atribuídas tais como a “Pesquisa activa e constante de informação procurando fazer prisioneiros”, impedir infiltrações do inimigo e o seu reabastecimento, levar a cabo operações de contra guerrilha de dia e de noite, com ou sem a colaboração da FAP, no intuito de “aniquilar os bandos terroristas”, realizar acções de limpeza, garantir liberdade de circulação nos itinerários, assegurando “escortas a colunas de reabastecimento e outras”, dando protecção às fazendas ocupadas e acolhendo os povos que se queiram apresentar às autoridades.¹¹⁵¹ Foi considerado prioritário, a partir de certa altura, exercer “persistente vigilância sobre as populações por forma a prevenir qualquer princípio de sublevação”.¹¹⁵²

O Batalhão realizou, ao longo da comissão, intensa actividade operacional. No livro da unidade refere-se que havia “uma boa preparação física do seu pessoal” e “elevado moral”.¹¹⁵³

Em relação à acção psicossocial tratou-se, numa primeira fase, de melhorar as condições de instalação das tropas portuguesas e dos trabalhadores nativos das nove fazendas incluídas na zona de intervenção do Batalhão. O livro refere ainda que na zona não havia população civil exceptuando 31 voluntários da OPVDCA,¹¹⁵⁴ 1008 trabalhadores nativos das fazendas e 50 empregados europeus.¹¹⁵⁵

¹¹⁴⁹ AHM, 2/2/155/4, Cap II, p.4.

¹¹⁵⁰ AHM, 2/2/155/4, Cap II, p.4.

¹¹⁵¹ AHM, 2/2/155/4, Cap II, p. 5.

¹¹⁵² AHM, 2/2/155/4, Cap I, p. 104.

¹¹⁵³ AHM, 2/2/155/4, Cap I, p. 5.

¹¹⁵⁴ Esta organização de voluntários consistiu numa força de milícia criada pela população branca em Angola em 1961, na sequência dos acontecimentos ocorridos em Março. Deu a primeira resposta à situação que se vivia no território, desempenhando funções de defesa civil das populações. Este grupo

O trabalho psicossocial desenvolveu-se, numa segunda fase, a partir do final do primeiro ano de mobilização, sob a “forma de assistência médico-cirúrgica (...) bastante intensa”¹¹⁵⁶ às populações, bem como “ministrar ensinamentos de enfermagem a pessoal nativo das diversas sanzalas”, assim como “ensinamentos de mecânica, padaria e culinária.”¹¹⁵⁷ Foram destacados praças para dar “instrução literária” aos nativos.¹¹⁵⁸ O analfabetismo dos soldados terá preocupado igualmente as chefias militares, providenciando-se a sua instrução.¹¹⁵⁹

Durante a comissão, a Companhia a que António pertencia participou em 42 operações, para as quais foram destacados todos os elementos ou parte deles consoante a missão a desempenhar, dentro dos objetivos estabelecidos para o batalhão.

Como já referimos, António chega a Luanda no navio Niassa, a 20 de agosto. Nesse mesmo dia escreve à noiva uma longa carta onde dá conta das primeiras impressões: “isto é formidavelmente grande há tropas por todos os cantos (...) é um movimento fantástico.”¹¹⁶⁰

Na carta fala também dos rapazes conhecidos que encontra e de um deles a quem chamam “o Turras” por ser, ao que parece, “amigo dos terroristas”. Dá conta de que foram recebidos “formidavelmente bem” no desfile pela cidade, com “palmas e ramos de flores e ate confectiz, e ainda colchas nas janelas e Bandeiras nacionais, e ainda placares escritas com vários idiomas, aluzivos à tropa”.

Quanto à situação militar, dá conta do que ouve:

isto não está muito mau, pois os terroristas só atacam de vez em quando, embora por cima de mim estejam sempre a passar constantemente aviões a Jacte que vão fazer serviço para o Norte.

Informa-a que vai partir no dia 23:

para já a sorte não me bafejou pois vou para a Zona mais apoquentada que é Nambuangongo, mas o que é preciso é sorte e dias passados.

Serão passados 20 meses até António voltar à Metrópole para ser internado no Hospital Militar em Lisboa, cinco meses antes do regresso do Batalhão a que pertenceu. Durante a

foi oficializado através do decreto-lei nº 43568 de 28 de Março de 1961 que regulava a constituição de organizações de voluntários civis.

¹¹⁵⁵ Cota 2/2/155/4, Cap II, pp. 7 e 8.

¹¹⁵⁶ Cota 2/2/155/4, Cap II, pp 116, 185, 201, 208, por exemplo.

¹¹⁵⁷ Cota 2/2/155/4, Cap II, p.185.

¹¹⁵⁸ Cota 2/2/155/4, Cap II, p.185.

¹¹⁵⁹ Cota 2/2/155/4, Cap II, p.17. Os militares analfabetos não podiam ser desmobilizados se não concluíssem a escolaridade obrigatória.

¹¹⁶⁰ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 64, 20.08.1963.

comissão em Angola, António trocará correspondência, principalmente com a mãe e com a noiva, 713 missivas num total depositado de 1006 documentos, escrevendo a ambas cartas muito semelhantes, onde irá contar os mesmos acontecimentos, pelas mesmas palavras. O segundo grupo com mais correspondência trocada é composto por 29 amigos, entretendo mobilizados, de quem depositou 170 missivas recebidas, na quase totalidade aerogramas. (ver Quadros B.7 e B.8 do Anexo B)

No início, a sua Companhia irá destacada para o norte, a cerca de 300 quilómetros de Luanda, tendo sido transferida um ano depois para Malange, em Julho de 1964, onde ficará até ao regresso. As duas fases da comissão irão ser amplamente descritas na correspondência. Tal como José, António vai dar conta das movimentações da Companhia a que pertence. Nos primeiros tempos ficam instalados junto a uma fazenda de café onde trabalham cerca de 400 nativos: “ontem por acaso começamos a entrar nas operações de limpeza dos terroristas que se encontram alojados em cima das manas ou seja dos montes.”¹¹⁶¹ As notícias são animadoras: “até ver ainda não sei o que são terroristas”, “o tacho é bom, e também não saímos todos os dias” e a “companhia que se foi embora já a seis meses que não era atacada”.¹¹⁶²

Será este o tom dominante das notícias que António vai enviar na correspondência ao longo da comissão, desvalorizando com frequência o que se diz sobre a guerra e o que a comunicação social transmite:

uma coisa é vista e outra é falada, houver tiros para nós é uma brincadeira, pois o que interessa é nós estar-mos deitados no chão, porque depois de tal fazer-mos já não há bala que nos toque, e é só fazer fogo para cima deles.¹¹⁶³

com respeito ao que vê no Tele-jornal da Televisão é fácil que tenham morrido, pois no meio de tantos soldados está claro que têm que morrer alguns, pois os terroristas também têm armas como nós, mas quando morrem um soldado nosso deles morrem muitos mais.¹¹⁶⁴

Sobre os inimigos, que para António são os “pretos”,¹¹⁶⁵ irá considerá-los “uns bichos autênticos”,¹¹⁶⁶ “uns traiçoeiros do caraças”,¹¹⁶⁷ “uns cobardolas do caramba, porque não aparecem á nossa frente, pois estão a dar fogo e ninguém os vê”¹¹⁶⁸

¹¹⁶¹ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 5, 07.09.1963.

¹¹⁶² Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 5, 01.09.1963.

¹¹⁶³ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 5, 16.09.1963.

¹¹⁶⁴ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 6, 02.10.1963.

¹¹⁶⁵ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 5, 07.09.1963.

¹¹⁶⁶ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 66, 07.11.1963.

¹¹⁶⁷ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 5, 07.09.1963.

¹¹⁶⁸ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 5, 16.09.1963.

Esta ideia de um inimigo que se esconde e atira à traição aparecerá noutras cartas,¹¹⁶⁹ juntamente com uma outra ideia em que se acentua a pouca pontaria dos “terroristas”, apesar do “bom armamento, e já nos vão fazendo alguma frente pois já se aguentam horas a fazer fogo”. Utilizam “minas nas estradas” e “metrelhadoras”¹¹⁷⁰ tornando a situação “quase uma guerra”,¹¹⁷¹ embora sejam pouco perigosos:

cá temos andado em operações de limpeza, ou seja a desfazer acampamentos de terroristas, e felizmente não havido nada, a não ser uns tiritos, que felizmente os gaijos não acertam em ninguém.¹¹⁷²

Nas operações há menção de apreensão de armas como canhangulos e catanas e também “documentos de grande interesse”.¹¹⁷³ As deslocações ocorrem, frequentemente, durante a noite chegando às sanzalas geralmente de manhã cedo: “queimamos aquilo tudo”.¹¹⁷⁴ Os relatos que António faz sobre as operações em que participa estão de acordo com o registado no livro da unidade.

Apesar do pouco perigo e de “na nossa zona até ver não há muitos Terroristas”,¹¹⁷⁵ António escreverá à família dando conta do continuado aparecimento de inimigos, atendendo às operações de limpeza em que as companhias do Batalhão estão envolvidas:

lá vamos matando alguns terroristas, mas é muito difícil acabar com esta raça¹¹⁷⁶

já estou cheio de ouvir dar tiros, nunca mais se acaba com este gaijos, parece que estão sempre a nascer, são como os bichos¹¹⁷⁷

Descreve pormenorizadamente à mãe e à noiva as operações em que participa:

ainda no passado dia 18 fizemos mais uma caçada, saímos do acampamento eram 11 horas da noite andamos toda a noite chegando ao local já estava a ser dia, começámos então a andar em silêncio absoluto, e nisto encontra-mos no meio do mato um acampamento, tudo se deitou, para passado um bocado fazer-mos uma invasão e assim começamos todos a correr pelo acampamento dentro para ver se caçava-mos um gaijo vivo, mas eles começaram todos a fugir, e nós não tivemos

¹¹⁶⁹ Por exemplo, Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 65, 09.10.1963 e série 3, documento 50, 02.10.1963.

¹¹⁷⁰ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 5, 16.09.1963.

¹¹⁷¹ Fundo R72, caixa 60, série 3, documento 50, 02.10.1963.

¹¹⁷² Fundo R72, caixa 60, série 3, documento 50, 25.10.1963.

¹¹⁷³ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 12, 04.04.1964, caixa 60, série 3, documento 50, 23.11.1963.

¹¹⁷⁴ Por exemplo, Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 5, 16.09.1963, documento 12, 04.04.1964.

¹¹⁷⁵ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 6, 02.10.1963.

¹¹⁷⁶ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 67, 13.12.1963.

¹¹⁷⁷ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 9, 04.01.1964.

mais nada se não fazer fogo em cima deles e então matámos um, trazendo as orelhas deste para justificação ao nosso comandante¹¹⁷⁸

O corte de orelhas será referido quatro vezes na correspondência deste acervo. Pelos relatos que são feitos, ocorre no rescaldo das operações e parece resultar do ódio aos inimigos, aliado a sentimentos racistas profundamente disseminados na população e reforçados pelas imagens bárbaras dos ataques da UPA em 1961:

foi no dia 29 que capturamos uma prêta, tendo esta prisioneira e matámos um prêto, trazendo a nossa tropa as orelhas para justificação ao comandante, foi ainda o primeiro prisioneiro do nosso Batalhão a prêta, ela agora só chora, mas quando foi presa nem ai dizia¹¹⁷⁹

ainda ultimamente matamos mais 2 terroristas ficando um deles completamente irreconhecível, e também trouxemos as celebres orelhas para justificação ao nosso Comandante¹¹⁸⁰

Vamos também encontrar referência ao corte de orelhas aliado à morte violenta de nativos considerados inimigos, nas palavras de um amigo mobilizado no norte, na mesma altura que António:

cumo deve ser de seu conhecimento cá me encontro na Beira eu e todos os meus camaradas exépto os que estão no hospital cumo tambem já deve ser do seu conhecimento, digo-lhe tambem que já andamos perdidos durante três dias e não deixando de não dizer que tambem já temos matado alguns turras e já cá tenho orelhas de dois turras nós vêm queriamos que eles se entregassem vivos, mas eles preferem fugir e então são mortos cumo animais então depois de estarem com as tripas de fora pedem para não os matar mas nada se pode fazer¹¹⁸¹

Um amigo de António e a noiva, Rosa, pedem-lhe para trazer uma orelha de um inimigo. À noiva, o militar responde:

Meu Amôr não é muito fácil levar a orelha de um preto mas se eu matar algum e seja eu próprio a tirar-lhe as orelhas eu guardo uma dentro de um frasco com alcool, vamos a ver se se pode arranjar alguma orelhinha.¹¹⁸²

António acabará a comissão sem ter dado um único tiro, facto que vai referindo ao longo do tempo:

¹¹⁷⁸ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 7, 20.11.1963.

¹¹⁷⁹ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 6, 30.10.1963.

¹¹⁸⁰ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 8, 12.12.1963.

¹¹⁸¹ Beira refere-se a uma localidade no norte de Angola. Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 121, 01.11.1963.

¹¹⁸² Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 68, 01.01.1964; supomos que o tema das orelhas devia ser conversado com alguma frequência devido à naturalidade com que Rosa o coloca, sem mostrar surpresa ou emoção pelo que lhe é contado nas cartas acerca deste tema.

aproveito para te dizer que ainda não dei um tiro, mas como é do teu conhecimento, por cartas já enviadas, já tenho tido alguns ataques¹¹⁸³

nem sequer ainda dei um tiro, pois ando sempre com muito cuidado, não gosto de dar tiros à sorte como alguns dos meus camaradas... cada soldado cá, traz consigo 100 balas e duas granadas de mão.¹¹⁸⁴

Pelos seus relatos são raros os casos em que fazem prisioneiros:

caçá-los á mão não é fácil, mas temos cá a velha bazuca e o morteiro e ainda temos a fréda que é uma metrelhadora pesada (...) e anda sempre em cima de um jipe, eles até chamam a isto a máquina de costura, e então a bazuca não sem fala, os gaijos chamam a isto o cano da água, dizem eles que mata pela frente e por trás¹¹⁸⁵

António conta à noiva que se entregou um terrorista com 20 anos de idade: “não é gaijo de confiança”.¹¹⁸⁶ Um mês depois escreve a Rosa sobre o seu destino:

esse malandro esteve cá uns dias no acampamento, depois foi levado para o comando que fica em Nambuangongo, depois passados mais alguns dias voltou para cá novamente, depois um belo dia de manhã, vai-se a saber do Terrorista e ninguém sabia dele, e constou-se, que tinha fugido, mas isto foi só para os pretos que estão a viver cá na fazenda ficarem convencidos que ele tinha fugido, mas por acaso não fugiu fomos nós que o matamos, embora hoje os pretos que estão cá estejam convencidos que ele fugiu, matalo foi uma limpeza, pois só assim é que ele não encomenda mais ninguém, quem sabe lá se ele já tinha morto alguns soldados nossos, além disso mandava mesmo cara de bandido e olhar de desconfiado.¹¹⁸⁷

¹¹⁸³ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 66, 07.11.1963.

¹¹⁸⁴ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 68, 12.01.1964.

¹¹⁸⁵ Fundo R72, caixa 60, série 3, documento 50, 02.10.1963.

¹¹⁸⁶ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 64, 01.09.1963.

¹¹⁸⁷ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 65, 13.10.1963. Estas ideias de os negros, talvez inimigos, serem “mortos como animais” ou com “limpeza” estarão relacionadas com a intensa difusão das imagens dos massacres de 1961, frequentemente mostradas aos militares à chegada às colónias, principalmente nos primeiros anos do conflito, e também com alguma retórica que visava desenvolver o ódio profundo contra os negros, selvagens e bárbaros, e criar um clima emotivo propício à ação militar. É frequentemente citado um excerto do discurso de despedida das tropas em Lisboa feito pelo Ministro do Exército, Mário Silva: “Vamos para combater, não contra seres humanos, mas contra feras e selvagens. Vamos para combater animais selvagens. Vamos enfrentar terroristas que devem ser abatidos como animais selvagens.” <https://cc3413.wordpress.com/2012/05/01/cronologia-da-guerra-colonial-maio1961/>. Afonso Ramos desenvolve o tema da “desumanização total” do inimigo através da utilização das imagens dos massacres feitos pela UPA em 1961 em Ramos, Afonso (2014), “Angola 1961, o horror das imagens” em Filipa Lowndes Vicente (Org.), *O Império da Visão. Fotografia no contexto colonial Português (1860-1960)*, Lisboa, Edições 70, pp.399-434.

Este relato está na linha de outros em que António mostra a sua grande desconfiança em relação aos negros:

não se aflija que eu não vou fiado na cantiga dos prêtos, eu sei muito bem os sacanas que eles são, é por isso que lhes não dou grande confiança, que é para eles não abusarem, porque abusadores são eles¹¹⁸⁸

Rosa não te aflijas com os prêtos e com as prêtas, os prêtos se levantam cabelo, ou dase-lhe um tiro, ou então partese-lhe a cara, e com as pretas sucede na mesma, eles e elas para mim não se riem senão estão logo a levar nas trombas, para estes bichos tem que ser assim senão qualquer dia o branco não tinha valor nenhum para eles¹¹⁸⁹

Acidentes de viação e mortes por acidente com armas de fogo são também referidos nas cartas:

Meu amôr não te atrapalhes, com o que lês nos jornais, ou por outra com o que a tua costureira leu pois está claro que cá morrem sempre soldados, ou por desastre ou por combate, de vês em quando vão morrendo, aproveito para te dizer que em Nambuangongo um colega matou outro, sem querer, porque não se lembrava, que tinha a arma carregada, esses três soldados que morreram, também eram de um Batalhão novo, que estava à pouco tempo cá no mato¹¹⁹⁰

Na primeira fase da comissão desaparecem, durante uma operação, dois praças pertencentes a uma das outras Companhias do Batalhão:

já se procurou tudo e não se consegue saber onde eles se encontram conta-se porém que foram caças pelos Terroristas mas ainda não se sabe nada de concreto, isto também foi desmazelo dos rapazes, pois é muito difícil um tipo perder-se pois andamos sempre muito juntos e pertinho uns dos outros, mas a minha Mãe não se aflija com isto tudo, porque não é nada para nós soldados¹¹⁹¹

Um mês depois António dá notícias dos desaparecidos, apanhados pelo inimigo:

foi anunciado passados alguns dias na rádio Moscovo, já era o destino deles, mas de certeza que não os matam, o que eles devem é pôlos a comandar os prêtos, para nos atacarem.¹¹⁹²

Na sua escrita, António irá empregar expressões que dão conta de uma situação mais estabilizada do que a de José:

podes agora ver melhor como eu estou gordo, esta vida não é de matar¹¹⁹³

¹¹⁸⁸ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 7, 15.11.1963.

¹¹⁸⁹ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 65, 02.10.1963.

¹¹⁹⁰ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 65, 16.10.1963.

¹¹⁹¹ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 5, 16.09.1963.

¹¹⁹² Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 65, 13.10.1963.

¹¹⁹³ Fundo R72, caixa 60, série 3, documento 50, 13.11.1963.

aproveito para te dizer que nesta operação tive três ataques, sem consequências pessoais nem materiais, pois estes bandidos quando acertam é uma sorte, pois nem com armas sabem lidar¹¹⁹⁴

então dizem aí que isto está mau, deve haver engano, mas contudo eu tenho a dizer que a minha zona não é das piores embora hajam tiros como nas outras, mas é em pouca quantidade, pois nós quando começa-mos a fazer barulho com as nossas armas eles nem sabem onde se meterem.¹¹⁹⁵

felizmente tenho passado bem mas também digo à Minha Mãe para não se acreditar no que para aí dizem, porque isto não está muito mau embora para aí se diga mais do que é. A Minha Mãe sabe muito bem como é o Povo a falar, a não ser que a Minha Mãe se esteja a guiar pelo que a Televisão diz dos ataques, isso às vezes também excedem um bocado, pois nós às vezes temos 2 tiros e já é considerado ataque, portanto tenha calma e paciência, que é para o tempo se ir passando, porque caso contrário nunca mais passa.¹¹⁹⁶

o tempo tenho-o passado menos mal a passear por cá no acampamento jogando a bola lendo cartas tuas e lendo o jornal, isto quando não tenho saídas, que até ver não são muitas, pois estamos a sair uma vez por semana mais ou menos, e é este o trabalho que levo de resto faz-se uma sorna bestial.¹¹⁹⁷

António será um dos poucos militares subalternos a ir passar férias a casa. Durante algum tempo esse assunto será tratado na correspondência com a mãe e noiva, procedendo-se a uma avaliação conjunta dos gastos envolvidos nessa deslocação, calculados em 7 000\$00. António acabará por ir com 4 500\$00 emprestados pelo capitão da Companhia a que pertence, tendo a família contraído outro empréstimo ao padrinho, o único que desaprova a ida do militar a casa por ser muito onerosa para a família.¹¹⁹⁸ António reage a esta desaprovação:

se ele estivesse como eu à 9 meses metido no mato sem ver, uma môça branca, e sem ver nada, a não ser árvores, Palmeiras, môrros, e prêtas, e ainda ter direito a ouvir, uns tiros, conclusão depois de 9 meses de amarguras e trabalhos, poder ir aí à metrópole passar um S.João e umas praias, em beleza, não podiam haver umas férias melhores¹¹⁹⁹

No regresso do mês de férias, António irá para a zona de Malange, conforme informação de um camarada da Companhia:

quero-te dar uma grande alegria, olha no dia 15 (18?) deste mês já saiem 2 pelotões ou seja o 1º e o 2º para Malange, e o resto assim como eu só vámos no dia 1 de Julho, portanto quando vieres, já não vens para Quixico, olha também te digo que ficais junto com o Comando ficas à minha beira,

¹¹⁹⁴ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 65, 09.10.1963.

¹¹⁹⁵ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 7, 20.11.1963.

¹¹⁹⁶ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 7, 23.11.1963.

¹¹⁹⁷ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 66, 30.11.1963.

¹¹⁹⁸ 7.000\$00 em 1964 corresponderia hoje, pelas tabelas do INE, a € 2.807,00.

¹¹⁹⁹ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 13, 23.05.1964.

olha só temos um frêti, temos que levar cobertores, lençóis, arma, bernal, quantil, capacete de aço, tudo menos a cama tu vê lá isto¹²⁰⁰

António encara esta mudança com satisfação:

diga-se de passagem, só ouço dizer bem daquilo, só tem um defeito é ter mais disciplina, mas o que interessa é que não haja Terrorismo.¹²⁰¹

Esta alteração irá traduzir-se numa vida mais calma:

viemos numa Auto-Motora, e os assentos eram estofados, sobre a cidade é muito bonita mas pequena, terrorismo não há nenhum, a tropa anda à vontade¹²⁰²

nós cá andamos aos 130 e 300 Kilómetros e não se houve um tiro, e só se vêm barracas de prêtos, por um lado eu até gosto disto, pois eu estou numa povoação pequena mas engraçada, á noite saímos e andamos a passear¹²⁰³

a nossa vida é normal comer dormir, e fazer algum serviço, que para os cabos não é pezado, pois nós só mandamos, e ainda jogamos à bola¹²⁰⁴

com respeito a terrorismo não há nenhum, a vida de cá é como aí num Quartel na Metrópole pois operações não há, e nós os cabos mandamos uma sorna bestial, isto é que vai ser engordar.¹²⁰⁵

Durante o segundo ano de comissão terá havido uma melhoria das condições de aquartelamento dos militares:

isto cá é formidável porque nós não fazemos nada, pois temos cada um, um prêto, que nos faz a cama, lava a roupa, trás-nos a comida, e o café á cama, as casernas são cubatas de palha, mas dorme-se quentinho, e não há pulgas.¹²⁰⁶

Nesta segunda fase já há menos operações. A “vida operacional tem corrido normalmente, temos feito umas Patrulhas, isto é andar a identificar os prêtos nas sanzalas e nada mais.”¹²⁰⁷

A primeira baixa da Companhia tem lugar aos 15 meses de comissão e é descrita em carta para a mãe e noiva. Trata-se de um alferes que havia trazido a mulher para a zona de Malange porque esperavam um filho. Morreu num acidente de viação:

no mato que andavamos no meio da guerra, nunca houve nada, enfim são coisas que acontecem, e que ninguém as pode impedir, é o destino que assim manda e ordena.¹²⁰⁸

¹²⁰⁰ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 126, 08.06.1964.

¹²⁰¹ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 14, 14.07.1964.

¹²⁰² Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 14, 16.07.1964.

¹²⁰³ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 14, 20.07.1964.

¹²⁰⁴ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 73, 24.07.1964.

¹²⁰⁵ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 15, 05.08.1964.

¹²⁰⁶ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 15, 12.08.1964.

¹²⁰⁷ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 17, 13.10.1964.

Ao longo da vida militar, desde a recruta ao final da mobilização, António desenvolverá esforços, juntamente com a mãe e noiva para evitar a mobilização. Durante a recruta falha a possibilidade de ficar em serviço na Metrópole. Após a partida para Angola, todos se irão esforçar para que António fique na cidade:

vamos a ver se eu consigo estar cá com o Senhor Capitão Osório, Deus queira que sim, e para bem havia de ele falar com o meu capitão, para ver se eu me safava de algumas coisas, vamos a ver não é amôr?¹²⁰⁹

O capitão, conhecido da família, chega a Luanda no início de 1964:

ficou num sítio bestial, pois não sai do Garfanil, ele nem deve sequer saber o que é o terrorismo em Angola (...) portanto uns cheios de sorte e outros sem sorte nenhuma.¹²¹⁰

António continuará com a Companhia até fevereiro de 1965, altura em que terá um acidente em veículo militar. À mãe e noiva dirá que “a jogar a bola estraceguei um pé e encontro-me um pouco manco, e até vou dar baixa ao Hospital Militar de Luanda”.¹²¹¹ Ao padrinho e amigos contará a verdade que, rapidamente, chegará ao conhecimento da família. António ficará em Luanda, por vezes internado no Hospital Militar. Nas cartas que escreve à família deseja ficar o maior tempo possível na capital:

Meu Amôr eu agora não sei quando saio do hospital, mas não me interessa estar cá pouco tempo, pois agora quero ver se só vou para a companhia lá para Maio, que é para o tempo estar quase passado.¹²¹²

segundo os meus cálculos, vou baixar outra vêz ao hospital, mas desta vêz é para ver se consigo ir até ao hospital da Estrela, para Lisbôa, pois assim é mais fácil eu ir de vêz em quando a casa, e entretanto o tempo de tropa está passado, e eu não volto cá mais ao ultramar, manda-me dizer se achas bem a minha ideia¹²¹³

Durante a permanência no hospital, António vai receber cartas dos camaradas militares com notícias da Companhia. Rodrigo informará o amigo sobre acontecimentos relevantes como a visita do Governador Geral ao Batalhão, o acidente no dia de carnaval “numa mercedes do Forte e Salazar” que fez dois mortos e quatro feridos,¹²¹⁴ as actividades diárias, “crosses e rapar ervas é o principal pois fica sabendo que estamos quase a passar a prontos,

¹²⁰⁸ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 77, 21.11.1964.

¹²⁰⁹ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 69, 04.02.1964.

¹²¹⁰ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 69, 25.02.1964.

¹²¹¹ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 21, 20.02.1965.

¹²¹² Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 80, 21.03.1965.

¹²¹³ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 81, 03.04.1965.

¹²¹⁴ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 133, 07.03.1965.

agora as patrulhas é todo o dia, vimos comer e tornamos a sair”,¹²¹⁵ o jogo de futebol contra a equipa da Colónia Penal de Malange, as actividades do conjunto musical que “foi a Luanda e ficou em 1º lugar” e a fuga de um prisioneiro:

onde a malta se embuscou no Cacôlo e nos três dias a nossa secção dormíamos lá onde no meio da tarde o prezo viu que ia beber água deu alarme e um preto tropa apanhou-o.¹²¹⁶

Dá também notícias da falta de electricidade no quartel por avaria do motor, das festas desportivas que se realizam e da sorte que os doentes podem ter quando são evacuados para Luanda,¹²¹⁷ concluindo que a “nossa especialidade cá continua com a maior sorna.”¹²¹⁸

António não voltará à Companhia. Em maio de 1965, a família irá receber a desejada carta anunciando o seu regresso. Partirá no navio Quanza no dia 24 de Maio, com esperança: “eu não volto mais para cá, se Deus quiser.”¹²¹⁹ Ficarà durante algum tempo no Hospital Militar em Lisboa, onde será sujeito a uma intervenção cirúrgica. Passará à disponibilidade em 4 de novembro de 1965. Ponto alto da sua comissão terá sido o reconhecimento dos serviços prestados pelo seu Batalhão, “o melhor que apareceu no Norte de Angola”. Também a sua Companhia será distinguida e receberá das mãos do comandante do Batalhão a Flâmula Verde, uma “Bandeira que a melhor Companhia tem em seu poder.”¹²²⁰

Em relação à correspondência com outros militares, António receberá cartas de amigos, já incorporados ou entretanto mobilizados, e de camaradas da sua Companhia que lhe escrevem a partir do momento em que António vai para o Hospital Militar em Luanda.

Dos amigos, futuros militares, receberá conselhos semelhantes que acentuam a necessidade de ter fé em Deus e estar sempre atento:

tenha muito cuidado com as emboscadas que um colega meu morreu numa emboscada na Guiné na Fronteira com o Senegal com 2 balas alojadas na cabeça.¹²²¹

tú nunca dezanimes porque hás-de ser protegido por Deus, o que é preciso é olho aberto e pé lesto e de resto é sempre a matar os bichos como quem mata môscas.¹²²²

tenha sempre o olho aberto não se separe das suas amiguinhas, dispare primeiro e pergunte depois e tenha paciência¹²²³

¹²¹⁵ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 134, 06.04.1965.

¹²¹⁶ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 134, 28.04.1965.

¹²¹⁷ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 134, 22.07.1965

¹²¹⁸ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 134, 28.04.1965.

¹²¹⁹ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 23, 23.05.1965.

¹²²⁰ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 67, 08.12.1963.

¹²²¹ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 122, 23.12.1963.

¹²²² Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 124, 29.02.1964.

Dos 15 amigos mobilizados, dois ainda não haviam partido da Metrôple, um estava já em Moçambique, dois em Luanda e todos os outros cumpriam serviço militar no norte de Angola. Deles, António receberá notícias da situação em que se encontram e da forma como estão a viver a mobilização. Quem fica na capital de Angola sente-se bafejado pela sorte,¹²²⁴ como é o caso de Afonso, 1º cabo escriturário, de quem foram depositadas 16 missivas recebidas por António:

Como vês, igual destino me deram, no entanto não fico muito mal, pois como venho numa companhia de transportes e porque ela fica todo o tempo de missão estacionada no Grafanil, não tenho razão para me assustar, até porque sou o escriturário da companhia e isso garante-me que não irei nem uma só vez ao mato. Além disso, o Comandante da Companhia é o Sr. Matos, que como sabes e cunhado do Sr. Adérito que é meu patrão e por isso mostra certa consideração por mim.¹²²⁵

Afonso vai dando conta que

não podia levar melhor vida. Além de não ir para o mato e o serviço também não ser mau, tenho cá em Luanda família, e como sabes é uma grande ajuda.¹²²⁶

Durante a comissão verá o seu salário ser aumentado e disporá de um motorista para o transporte diário. Tira a carta de condução para motorista profissional. As férias são passadas na casa dos tios que vivem em Luanda:

nada de novo isto é sempre a mesma coisa. Quartel, umas dispensas para ir para a cidade, uns domingos de manhã e umas tardes e semana na praia, umas pernoitas fora do quartel para ir para a Zona (salvo quando não há dinheiro) e nada mais.¹²²⁷

Afonso dará notícias da guerra:

Então já tens 14 meses!... Pois eu só fiz 9 no dia 10 do corrente. Mas como mandas dizer, tudo se vai passando.

Os que chegam do norte têm mais problemas. Afonso informa que o batalhão que veio de Nambuangongo “diz que já têm 3 baixas (todos furrieis milicianos).¹²²⁸

¹²²³ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 124, 02.03.1964.

¹²²⁴ Foram depositados dois aerogramas escritos em 1969 por um amigo para António, já muito depois da sua passagem à disponibilidade. Estar na capital é antever que a “comissão vai ser em beleza, podendo até dizêr, que são umas férias se tudo corrêr como até aqui”. Este militar fica a prestar serviço no Quartel General em Luanda, o que equivale a não ir ao mato. Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 140, 26.11.1969.

¹²²⁵ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 124, 19.02.1964.

¹²²⁶ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 126, 23.05.1964.

¹²²⁷ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 131, 07.01.1964; a Zona era o bairro onde havia prostituição, também chamado Bairro Operário, BO.

“os meus colegas andam sempre pelos sítios maus, soube que a última coluna que agora veio de ZALA, esteve sob fogo inimigo uma manhã inteira, não contando vários ataques.”¹²²⁹

Perto do final da sua comissão, Afonso dará conta de algum descontentamento, aliado à monotonia da vida de todos os dias:

Aos Sargentos e oficiais foi cortado o abono de alimentação. Assim recebem menos 700\$00 por mês e não têm direito a comer no quartel. A nós, praças cortaram 2.50 diárias. Assim, os desarranchados recebem menos 75.00 por mês e os arranchados já não têm direito a fruta e sim só ao vinho. Como vez cada vez pior, e a mim ainda me faltam 6 meses...¹²³⁰

António manterá correspondência com camaradas da sua Companhia que lhe irão dar conta do que se passa na sua ausência. Um dos assuntos relevantes é o cuidado que inspira o macaco que António arranjou para levar para a Metrópole, à semelhança de outros militares da Companhia. Entre fugas e dificuldades em prender o animal para o vacinar, acabará por ser abatido após a morte de um soldado, mordido por outro macaco. Para lá deste incidente, os camaradas dão conta das movimentações da Companhia “aqui como sabes nesta vida martirisada”¹²³¹ e, a partir de certa altura, do descontentamento por estarem cumpridos os 24 meses de comissão e ainda terem trabalho para fazer: “vamos entrar numa operação de desanove dias vê lá tu o que nos estão fazendo no fim”.¹²³² Aparecem expressões onde expressam o desejo de regresso:

cheio de tropa já nós todos estamos¹²³³

vamos novamente para o Forte República aonde terminá-mos a comissão e se Deus nos proteger e abençoar-nos merece-mos o regresso á n/ querida Terra Natal.¹²³⁴

Escrevem sobre o tempo que falta para o regresso, avançando datas prováveis:

pois fala-se pelas secretarias que em 24 de outubro, é o nosso embarque, Deus queira que sim.¹²³⁵

No último aerograma enviado por Rodrigo, camarada da mesma Companhia de António, descreve uma derradeira operação planeada para seis dias e que terminou ao fim de 16:

como de sempre havia voluntários, pois andavam tranquilos no barco quando de repente os terroristas do lado do Congo atacaram de surpresa com granadas, bazuca, morteiro e tiros onde o barco estava quase a fundar quando encostaram à nossa margem pois ficou tudo salvo e sem

¹²²⁸ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 129, 16.11.1964.

¹²²⁹ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 130, 04.12.1964.

¹²³⁰ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 138, 04.08.1965.

¹²³¹ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 136, 27.06.1965.

¹²³² Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 138, 13.08.1965.

¹²³³ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 135, 08.05.1965.

¹²³⁴ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 136, 06.06.1965.

¹²³⁵ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 139, 22.09.1965.

nenhuns ferimentos esconderam o barco... os homens do barco viram a morte à frente deles, tudo isto foi no dia 17 de Agosto. Vai haver outra operação de 20 dias pois para a nossa companhia são 10 dias e para os massaricos que vierem são outros 10.¹²³⁶

No entanto, nesse mesmo aerograma, Rodrigo informa António sobre a partida iminente:

só esta semana a que soubemos a certeza e saiu à ordem pelo quartel General, pois dia 19 de Outubro à meia noite e um minuto será a partida para Luanda no comboio dia 23 já pernoitamos no barco e 24 é o arranque em regresso a Lisboa, pois o Paquete é o Vera Cruz onde sai daqui este mês chega a Lisboa e vêm-nos buscar, por isso estamos a deixar o Forte República e Angola.

O Batalhão completou a 8 de Agosto desse ano 24 meses de comissão. Iniciou a 30 de Outubro a deslocação para o campo militar do Grafanil, em Luanda, tendo embarcado para a Metrópole no navio Vera Cruz. Foi desmobilizado em Novembro desse ano, 1965.

I.3 MOÇAMBIQUE 1964-1966, BRAVOS E SEMPRE LEAIS

A 1 de Abril de 1964, Manuel, com a patente de 1º cabo, embarca em Lisboa no navio Niassa, inserido numa das três Companhias que compõem o Batalhão de Artilharia. O destino é Moçambique e chegarão à capital, Lourenço Marques, no dia 21.

Natural e a residir no distrito do Porto, Manuel depositou no AHM correspondência trocada com a noiva, Luísa, constando do seu acervo 66 cartas e 18 aerogramas. A distribuição irregular das missivas ao longo do tempo, os hiatos entre elas e a numeração a lápis das cartas e aerogramas leva-nos a depreender que se terá perdido ou não foi entregue parte significativa da correspondência trocada entre ambos. (ver Quadros B.9 e B.10 do Anexo B)

Pela história da unidade, ficamos a saber que a Companhia desembarcou em Lourenço Marques seguindo de imediato “para a Beira e daqui para a sua base no Fingoé, onde se manteve ao longo de toda a sua comissão de serviço e até ao regresso à Metrópole.”¹²³⁷ Fingoé é uma localidade no distrito de Tete, fazendo fronteira a Este com o Malawi, a Norte com a Zâmbia e a Sudoeste com a Rodésia, hoje Zimbabué. A área atribuída tem aproximadamente 97 300 Km², sendo um território bastante montanhoso, com algumas elevações acima dos 2 000 metros, banhado pelo rio Zambeze e seus afluentes. O clima é

¹²³⁶ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 139, 26.09.1965; os “massaricos” são os militares que chegam ao território e vêm render as tropas que estão de saída por terem terminado a comissão. A transferência entre Batalhões implicava um moroso processo de passagem de informações, treino conjunto e operações.

¹²³⁷ AHM, 2/7/85/16, II, s/ numeração de página. A história desta unidade resume-se a duas páginas onde, de uma forma muito condensada, estão registadas as principais actividades.

quente, húmido e, nalgumas zonas, muito chuvoso, deixando, com frequência, localidades isoladas, conforme ilustrado no Anexo C: Mapa C.8 Mapa de Moçambique, atual.

Em razão da extensão da área, dois pelotões da Companhia a que pertence Manuel são destacados para as localidades de Zambué e Gago Coutinho. Manuel ficará predominantemente na base, cumprindo serviço como escriturário da Companhia.

Quando o Batalhão de Artilharia chega a Moçambique ainda não tinha sido declarada a guerra, embora, desde o início do ano, a situação fosse, como refere Sanchez Cervelló, de pré-insurreição.¹²³⁸ Desde a realização do I Congresso da FRELIMO, em Setembro de 1962, que a luta armada aparecia como único meio de libertação face à intransigência de Portugal para encetar negociações com vista à independência do território. Como refere Borges Coelho, o período que vai desde 1962 até Setembro de 1964, início da luta armada, “será caracterizado por uma intensa mobilização popular no interior”.¹²³⁹ Esta mobilização que consistiu num intenso trabalho de propaganda junto de imigrantes e refugiados, alastrou com rapidez nas zonas fronteiriças criando um clima de optimismo que favoreceu a FRELIMO. As autoridades coloniais estavam ao corrente das movimentações dos guerrilheiros, tendo montado um eficaz sistema de informações que incluía a PIDE, a administração colonial e equipas especiais dirigidas por militares que se faziam passar por caçadores profissionais. São “assinaladas rotas de infiltração de armamento através do lago Niassa”¹²⁴⁰ e há trânsito de armamento através do Malawi, destinando-se à Zambézia, Tete, Manica e Sofala. Em meados de Abril, o estado de emergência é declarado a norte do rio Zambeze. Em Agosto desse ano, entram pelo norte de Moçambique, vindos da Tanzânia, os primeiros guerrilheiros da Frelimo, com vista à preparação da luta armada.

É em 25 de Setembro de 1964 que a guerra terá oficialmente início com um ataque da Frelimo à casa do chefe do Posto Administrativo Colonial de Chai, pequena povoação do interior do distrito de Cabo Delgado. Além desta acção, outras foram realizadas no Niassa, continuando no mês de Outubro. O objectivo era espalhar a insegurança na zona, “dificultando

¹²³⁸ Sánchez Cervelló Josep (2009), “1964 O início da guerra em Moçambique”, em Aniceto Afonso e Carlos Matos Gomes (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1964 – três teatros de operações*, Volume 5, Matosinhos, QuidNovi, 2009, p.107.

¹²³⁹ Sobre os movimentos de oposição a Portugal presentes em Moçambique, a posição ambígua do Malawi e o início da luta armada ver o artigo de Borges Coelho, João Paulo (1994), “A ‘Primeira’ Frente de Tete e o Malawi”, *Arquivo, A. H. Moçambique*, 15, p.54.

¹²⁴⁰ Borges Coelho, João Paulo (1994), “A ‘Primeira’ Frente de Tete e o Malawi”, *Arquivo, A. H. Moçambique*, 15, pp 43-107.

a actividade rotineira das populações e pondo em causa a capacidade das autoridades para exercerem o seu domínio.”¹²⁴¹

Nesta altura, continuava a guerra em Angola e, desde 1963, como sabemos, havia guerra na Guiné. A situação ditava o necessário reforço do dispositivo militar. Em final de 1964, as tropas metropolitanas presentes nos territórios em guerra ultrapassavam os 60 mil homens, para um efectivo conjunto de 85 737 militares. Em relação a 1963 tinha havido um aumento de 20,25%.¹²⁴²

É neste cenário que Manuel chega ao distrito de Tete. Na história da unidade refere-se que houve um período inicial destinado à instalação e adaptação da Companhia, sentindo-se dificuldades no abastecimento e aquartelamento das tropas. Apesar disso, a Companhia “desenvolveu grande actividade, não se poupando a esforços para cumprir a missão que lhe havia sido atribuída”.¹²⁴³ Desta missão constava o reconhecimento e patrulhamento da sua área de intervenção, a vigilância da zona de fronteira e o contacto e apoio às populações e autoridades gentílicas.¹²⁴⁴ Em Novembro de 1965, foi detetada actividade do inimigo na zona de Zambué, “procurando aliciar e intimidar as populações e exercendo represálias sobre os elementos que não colaboravam com a subversão.”¹²⁴⁵ A partir daí, a actividade da Companhia, traduzida em “patrulhamentos, emboscadas, batidas e golpes de mão”, permitiu “fazer abortar a tentativa de infiltração terrorista, levando os Grupos In a refugiar-se na ZÂMBIA”,¹²⁴⁶ garantindo protecção e apoio às populações. Será também este o teor do louvor atribuído à Companhia, onde se ressaltam as actividades de “detecção e perseguição de bandoleiros infiltrados através da fronteira”, garantindo, desta forma, ao Comando militar o tempo necessário para tomar decisões. Aos elementos da Companhia é expresso o apreço “pelas qualidades de dedicação, desembaraço e espírito de sacrifício”.¹²⁴⁷ A companhia terminará a Comissão, cumprindo 24 meses de serviço militar em final de Abril de 1966. Regressará em Novembro de 1966, sete meses depois.¹²⁴⁸

¹²⁴¹ Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2009) (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1964 – Três teatros de operações*, volume 5, Matosinhos, QuidNovi, p.60.

¹²⁴² Martelo, David (2009), “1964, Síntese Militar”, em Aniceto Afonso e Carlos Matos Gomes (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1964 – Três teatros de operações*, volume 5, Matosinhos, QuidNovi, p.7.

¹²⁴³ AHM, 2/7/85/16, II, s/ numeração de página.

¹²⁴⁴ AHM, 2/7/85/16, II, s/ numeração de página.

¹²⁴⁵ AHM, 2/7/85/16, II, s/ numeração de página.

¹²⁴⁶ AHM, 2/7/85/16, II, s/ numeração de página.

¹²⁴⁷ AHM, 2/7/85/16, Louvor.

¹²⁴⁸ Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2009) (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1964 – Três teatros de operações*, volume 5, Matosinhos, QuidNovi, p.126; a data de regresso, 06.11.1966 não está

A primeira carta escrita e depositada por Manuel data de 1 de Janeiro de 1965, cerca de nove meses depois de estar em Fingoé. Dá conta do ambiente de camaradagem que se vive: “podes crer que nós aqui sómos como uma família unida lutámos se for preciso todos com o mesmo sangue.”¹²⁴⁹

É pelas palavras de Luísa, sua noiva, que tomaremos conhecimento do que se terá passado durante os nove meses em que não há cartas depositadas de Manuel. Luísa mostra-se preocupada por não receber correio e pelas notícias que lhe vão chegando:

é para eu estar afelita por causa de umas coisas que se houve cá na metrópole olha aqui não se fala noutra coisa veio no jornal (e deu no noticiário que já anda aí varulhos que um grupo de vandoleiros que entrou aí por três lados o namoro da Odete o Arnaldo já lhe mandou dizer alguma coisa mas tudo por vaixo de grande segredo mas ela coitada anda muito triste e contou-me mas eu também já sabia porque me perguntaram aonde tu estavas e eu disse que estavas em Moçambique e truçeram-me o naris e eu perguntei porque éra que me perguntaram e dísseram-me que aí estava muito ruim e contaram me tudo que vinha no jornal tu não calculas como eu fiquei¹²⁵⁰

A segunda carta depositada, escrita por Manuel, dá conta da razão do atraso do correio, geralmente por causa das chuvas que tornam os caminhos intransitáveis:

à 3 semanas sem um único de nós poder ir a Tete pois os caminhos continuam cortados devido às chuvas (...) lamento muito é o facto de estar-mos num sitio totalmente isolado no meio do capim onde só a 300 quilómetros há casas e então os caminhos não fazes ideia em alguns até nos parece o rio Douro a passar não digo que estamos a passar mal por causa de este tempo não porque a companhia enhantes disto vieram camionetas e camionetas de géneros para dar para 5 meses pois prevenimo-nos¹²⁵¹

Ao longo do tempo Manuel irá descrevendo o local onde se encontra, frequentemente isolado pelas chuvas:

é como uma quinta fechada só havendo cá dentro a Companhia¹²⁵²

é um autêntico deserto aqui não à nada a não ser capim

confirmada. As cartas da fase final da comissão não foram depositadas, sendo a última carta de Manuel datada do mês de Julho.

¹²⁴⁹ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 6, 01.01.1965.

¹²⁵⁰ Esta carta, escrita em Outubro, dá conta do conhecimento do início do conflito armado em Moçambique e do apoio de países da fronteira, como a Tanzânia e a Zâmbia, embora esta consciência seja sempre imprecisa e vaga: “já anda aí varulhos que um grupo de vandoleiros que entrou aí por três lados”. Fundo R54, caixa 26, série 1, documento 1, 16.10.1964.

¹²⁵¹ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 7, 01.01.1965.

¹²⁵² Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 6, 03.01.1965.

só me apetece dormir pois saio para fora do quartel só vejo montes de capim e pretos brancos não.¹²⁵³

De acordo com uma das últimas cartas de Manuel e corroborado pela história da unidade, ficamos a perceber que “quando chegamos nem quartel tínhamos.”¹²⁵⁴ Os temas relevantes prendem-se com os atrasos do correio, associados por Luísa ao medo que algo possa ter sucedido, e com a preparação do casal para a vida futura. No final da comissão, cumpridos os vinte e quatro meses previstos, será o tema do regresso a ocupar as principais preocupações, vivendo ambos os sete meses de espera pelo embarque como uma lenta provação.

Em relação aos nativos, à semelhança de José e António, Manuel dirá que as “pretas ... quando se passa por elas até nos assusta todas sujas e feias”. No entanto, refere que em Tete “já existem muitos pretos tão limpos como os brancos e brancas à lá muitas”¹²⁵⁵.

Ao longo da correspondência depositada verificamos que pouco se escreverá sobre a guerra, operações, combates ou inimigo. Numa carta datada de 8 de Janeiro de 1966, Manuel faz referência a um acontecimento directamente relacionado com a guerra que, no entanto, nunca é claramente exposto:

bem sei que passamos por momentos de desânimo – eu por menos – nesses 16 dias vividos entre a vida e a morte – mas por Deus não falemos nisso (...) depois de passar os dias mais duros da minha vida no mato rodeado de terroristas e onde cansado e abatido jamais me importava da morte.¹²⁵⁶

A menção a este acontecimento, que terá ocorrido no final do ano de 1965, irá aparecer noutras 5 cartas depositadas:

O Batalhão que vem para aqui é para nos auxiliar e não para nos render eles ficam aqui 24 meses para guarnecer as fronteiras uma vez que houve os acontecimentos em Dezembro

Manuel enviará, por mais do que uma vez, fotografias tiradas “quando dos acontecimentos em Zambué”¹²⁵⁷, “todas do meu passado quando do terrorismo em Dezembro onde poderás ver uma cantina incendiada pelos terroristas.”¹²⁵⁸ Quando regressar há-de contar-lhe através das fotografias, “o horror por quanto passei e mais que depois te digo.”¹²⁵⁹ Explicará o que as imagens significam, adiantando:

¹²⁵³ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 7, 03.01.1965.

¹²⁵⁴ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 9, 12.02.1965.

¹²⁵⁵ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 6, 03.01.1965.

¹²⁵⁶ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 8, 08.01.1966.

¹²⁵⁷ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 9, 13.02.1966.

¹²⁵⁸ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 9, 09.02.1966.

¹²⁵⁹ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 9, 13.02.1966.

numa em que vês a camioneta parada em frente estava a arder esta casa destruída pelos terroristas, quando chegámos já era tarde chegamos com um atraso de 1 dia, desde este sítio, começou então o nosso martírio que depois te explicarei.¹²⁶⁰

Este acontecimento, que suscita “recordações essas lamento não pode-las recordar porque há algo de mais forte que as afasta, nesta vida aqui vivida no mato como selvagens”,¹²⁶¹ estará relacionado com o que vem registado na história da unidade e que terá ocorrido em Novembro de 1965, já referido anteriormente. Graças à actuação da Companhia que empenhou praticamente todos os militares na resposta a esta situação, “foi possível fazer abortar a tentativa de infiltração terrorista.”¹²⁶²

Apesar desta referência mais específica sobre a guerra, Manuel escreve que dão “graças a Deus pela sorte que temos tido no que respeita a terrorismo o que já em parte é uma das coisas melhores que temos aqui”, embora seja difícil de suportar o “isolamento” em que se encontram.¹²⁶³

Na companhia, Manuel desempenha as funções de escriturário:

sou o único na companhia que estou ao par de tudo, todos vêm ter comigo, seja Furrieis, alferes, praças, todos, para os desenrascar, vêm ter comigo e desta forma à dias que me sinto cansado e esgotado...mas sabes que este ambiente é duro para viveres nele é preciso coragem e ânimo e lutar pela vida, porque senão morremos estúpidos podes crer metidos nesta prisão em que nos falta tudo, desde o apoio moral, até àquilo que precisamos para dar ânimo à vida.”¹²⁶⁴

À medida que se aproxima o final da comissão, Manuel escreverá sobre o regresso em todas as cartas depositadas. O seu desejo é “dar por fim o meu martírio”¹²⁶⁵ jurando que “nunca mais cá venho, só se for obrigado, como desta vez.”¹²⁶⁶ O militar descreve a primeira ação do dia:

Dizes tú Meu Amôr que contas as horas e os minutos. Nós aqui quando acordámos a manhã, o primeiro sinal da cruz é dozer-mos todos em câro – É MALTA – MAIS – UM – DIA – PASSADO – SÓ – FALTAM – 38 DIAS cada vez vão sendo menos Meu Amôr.”¹²⁶⁷

No entanto, o adiamento sucessivo e a falta de informação sobre o regresso vão levar Manuel a escrever cartas amargas:

¹²⁶⁰ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 9, 17.02.1966.

¹²⁶¹ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 10, 12.03.1966.

¹²⁶² AHM, 2/7/85/16, II, s/ numeração de página.

¹²⁶³ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 11, 13.07.1966.

¹²⁶⁴ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 9, 01.02.1966.

¹²⁶⁵ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 9, 01.02.1966.

¹²⁶⁶ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 9, 01.02.1966.

¹²⁶⁷ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 9, 20.02.1966.

Bem sabes que nós aqui no Ultramar vivemos de promessas das quais é sempre quando irmos embora.¹²⁶⁸

As promessas que nos faziam era tudo ilusão e de ilusão vivemos nós aqui no Ultramar, por menos quando estamos a chegar ao fim¹²⁶⁹

Manuel dá conta à noiva que, em Fevereiro de 1966, o Comando de Batalhão é colocado na base de Fingoé: “com o Batalhão aqui as coisas melhoram num aspecto geral, mas noutro modificou visto eles crerem mandar em nós, o que val a comissão está no fim”.¹²⁷⁰ “Mandar em nós” significou que, de acordo com a história da unidade, apesar de ter a seu cargo uma “área menor, a Companhia não diminuiu o ritmo de actividade, conseguindo assim neutralizar os esforços do In”.¹²⁷¹ Continuaram as operações de neutralização dos esforços do inimigo, apesar de estar quase cumprida a comissão militar da Companhia. Manuel mostra descontentamento:

em todo o tempo que estou aqui nunca fiz um reforço de noite e agora vou passar a fazer; e sairei mais vezes para o mato do que os outros por o nosso pelotão ser de armas pesadas. Agora estamos sob o domínio do comandante do Batalhão e eles fazem o que querem de nós.¹²⁷²

O Batalhão só nos veio dar trabalho, agra teremos de ir fazer reconhecimentos de 7 dias no mato, quer dizer, a 28 dias de terminar a comissão só era preciso isto agora.¹²⁷³

A chegada à base de tropas frescas vindas da Metrópole leva à necessidade de sair mais vezes do quartel:

para ensinar os novos a treinar-se no mato.¹²⁷⁴

Os novos do Batalhão dizem – como é que vamos viver aqui 24 meses – que fará nós que já estamos aqui à perto de 24 meses.¹²⁷⁵

Como a rendição tarda, as operações continuam:

Os colegas meus que vieram do mato disseram e é de contar que tiveram que atravessar rios de 2 metros de água pela cintura só com truces e a roupa e o equipamento à cabeça. É difícil mas mais difícil é atravessá-los às 2 da madrugada pois estes reconhecimentos são feitos a andar toda a noite e dia em que se tem que fazer 4o Km. por dia. O reconhecimento dura 7 dias e às vezes mais. Com isto tudo Luísa tenho-te a dizer que me safei desta mas lá para o dia 20 deste mês não

¹²⁶⁸ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 9, 11.02.1966.

¹²⁶⁹ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 9, 13.02.1966.

¹²⁷⁰ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 9, 21.02.1966.

¹²⁷¹ AHM, 2/7/85/16, II, s/ numeração de página.

¹²⁷² Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 9, 25.02.1966.

¹²⁷³ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 10, 02.03.1966.

¹²⁷⁴ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 9, 22.02.1966.

¹²⁷⁵ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 10, 02.03.1966.

escaparei terei de ir. O que mais nos custa é a chuva andamos de 5 em 5 Km. a atravessar os rios em truces ou nus e por vezes pela madrugada fora isto é o africa Meu Amor. Não podemos voltar as costas ao perigo temos que ir para a frente temos que ser duros.¹²⁷⁶

Mais tarde, rematará: “eu vim para cumprir o meu dever, combater em defesa da Pátria, não vim para gozar, nem vim para o Brasil, como alguém julga.”¹²⁷⁷

Em Março, Manuel contará a Luísa a partida do Batalhão da cidade de Tete, onde estava o namoro da tua colega que anda na tua fábrica com a mãe embarca hoje de Lourenço Marques. (...) Dizem que quando eles saíram de Tete que foi uma gritaria era quem mais chorava por eles o mesmo acontecerà connosco quando regressar-mos. Alguns deixaram miúda a choraram por eles.¹²⁷⁸

Manuel continua à espera da data de partida. Ouve na Emissora Nacional que saíu um contingente militar para Moçambique, para render tropas que aqui estão... estamos esperançados que seja para nos render... Deus me ouvisse que fossem eles que saíssem de Lisboa. O que mais me custa é não se saber nada aqui, se soubessemos andávamos mais tranquilos, assim esperamos essa ordem como quem espera eu sei lá o quê.¹²⁷⁹

Mas ainda não será esse o Batalhão que os irá render. Regressarão em Novembro de 1966, 31 meses depois de terem saído de Lisboa, sem baixas e com um louvor.

I.4 ANGOLA 1966-1967, CUMPRIR E HONRAR

Um mês depois do regresso de Manuel, parte para Angola Luís, alferes com 21 anos de idade, oficial do quadro permanente das Forças Armadas. Vai integrar uma das três Companhias de Artilharia pertencentes a um Batalhão que partiu um ano antes, em 14 de Outubro de 1965.

Quando Luís chega a Angola, a guerra havia começado há mais de cinco anos. Como refere David Martelo, eram “evidentes os primeiros sinais de esgotamento de recursos humanos”, principalmente no que diz respeito a “oficiais e sargentos do Quadro Permanente do Exército”.¹²⁸⁰ O número de efectivos mobilizados continuava a subir, tendo havido no ano

¹²⁷⁶ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 10, 10.03.1966.

¹²⁷⁷ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 10, 29.03.1966.

¹²⁷⁸ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 10, 10.03.1966.

¹²⁷⁹ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 11, 20.07.1966.

¹²⁸⁰ Martelo, David (2009), “1966 Síntese Militar” em Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1966 – Construir um bastião branco na África Austral*, Volume 7, Matosinhos, QuidNovi, p. 7.

de 1966 um acréscimo de 10,31% em relação ao ano anterior. Estão nos três teatros de guerra 107 205 homens.¹²⁸¹

Em Angola, o MPLA deslocara combatentes e material de guerra de Cabinda e do Congo-Brazaville para a Zâmbia, tendo como objectivo entrar em Angola pela fronteira a Leste. Em Março, desencadeia uma acção na região do Moxico, atacando Lumbala e causando a morte a sete militares portugueses. Estava aberta a que ficou conhecida como frente Leste.

As tropas portuguesas iam agora combater numa extensa zona que fazia fronteira com a Zâmbia, entretanto tornada independente, muito distante da área de operações a Norte, o que em termos logísticos colocava novas dificuldades.

A FNLA havia perdido capacidade de actuação devido às dissidências internas. A UNITA, dirigida por Jonas Savimbi, havia sido fundada em Março e desencadeara em Setembro as primeiras acções armadas. São agora três os movimentos de libertação envolvidos no conflito em Angola.

Em Moçambique, a subversão alastrava, e na Guiné, a guerra continuava.

De acordo com David Martelo as tropas regulares estavam deficientemente preparadas e equipadas e ressentiam-se do dispositivo em quadrícula que as organizava. Esta disposição “fazia com que as unidades se preparassem e preocupassem, sobretudo, com a sua sobrevivência, (...) sofrendo os efeitos de um isolamento e de um desconforto de alojamento contanto em cada dia o tempo em falta para o regresso a casa”.¹²⁸² A constatação desta situação leva a que a formação de tropas especiais seja acelerada e mereça especial atenção das autoridades militares. Luís, por exemplo, alferes artilheiro, vai frequentar no final da sua comissão e por indicações superiores o curso de comandos, ministrado no campo militar do Grafanil, perto de Luanda.

Na história da unidade a que Luís se vai juntar encontramos referências a esta deficiente preparação de que fala David Martelo. Refere-se a fraca instrução de tiro, nomeadamente por falta de tempo e de equipamento adequado.¹²⁸³ Outros problemas são mencionados como, por exemplo, a inexistência de etiquetas para uma clara identificação das bagagens dos militares,

¹²⁸¹ É aliás de referir que quando Luís é admitido na Academia Militar, em 1963, já vai sentir as medidas práticas para resolver o problema de efectivos. A intensificação do conflito militar leva ao encurtamento da duração do curso das armas combatentes – Infantaria, Cavalaria e Artilharia – que passa para três anos, encadeando-se o 3º ano com o final do 2º, sendo eliminado o habitual período das férias grandes. Na prática, os cursos iniciados em 1963 saem para tirocínio nas respectivas Escolas Práticas em 1966.

¹²⁸² Martelo, David (2009), “1966 Síntese Militar” em Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1966 – Construir um bastião branco na África Austral*, Volume 7, Matosinhos, QuidNovi, p.8;

¹²⁸³ AHM, 2/2/90/2, I, pp. 4 e 5.

facto que irá originar, à chegada, um desembarque atribulado e demorado, e a ausência dos oficiais, uma vez instaladas as tropas no Grafanil, antes da partida para a zona de actuação. À chegada, os oficiais deslocavam-se para Luanda com o objetivo de tratar de assuntos relativos ao batalhão, não podendo acompanhar os primeiros tempos de permanência no campo militar, o que dá lugar a problemas de enquadramento e disciplina dos praças.¹²⁸⁴

A zona atribuída ao batalhão está descrita no livro da unidade como uma extensa área formada por “terrenos de fraca ondulação, planícies extensas (chanas), cortadas por rios pouco profundos”. São referidas as dificuldades de deslocação dos militares devido a uma “rede de estradas fraca formada quase exclusivamente por carreiras traçadas na areia (...) atravessando rios e vales alagados permanentemente”. Com frequências as viaturas enterram-se levando “semanas de árduo trabalho a desatolar”.¹²⁸⁵ A vegetação de “matas pouco densas e copa pouco fechada” permite “uma ocultação de pessoal às vistas aéreas, mas não de instalações”, “estacionamentos” ou “construções”.¹²⁸⁶

A densidade populacional é fraca, cerca de 1,3 habitantes por Km², e a população, conforme consta do livro da unidade está estimada em cerca de 266 500 habitantes, sendo constituída por 1,3% de brancos, 0,5% de mestiços e 98,2% de pretos,¹²⁸⁷ os últimos divididos em grupos tribais. Com excepção dos Quiocos, “os demais grupos são normalmente de índole pacífica, indolentes e avessos ao trabalho.”¹²⁸⁸ Dedicam-se à agricultura de subsistência. De um modo geral “o indígena anda subalimentado”, o que torna compreensíveis os “movimentos migratórios para melhores condições de trabalho nos países vizinhos”.¹²⁸⁹

Não há registo, na fase inicial de permanência do batalhão na sua zona de actuação, de “acções armadas do In, mas manifestações da sua presença e actividade de propaganda e aliciamento.”¹²⁹⁰ Esta mentalização das populações visa uma libertação daquilo a que chamam “o domínio colonialista Português”.¹²⁹¹

¹²⁸⁴ AHM, 2/2/90/2, I, pp. 17-19.

¹²⁸⁵ AHM, 2/2/90/2, II, p.1.

¹²⁸⁶ AHM, 2/2/90/2, II, pp. 2, 3 e 5.

¹²⁸⁷ AHM, 2/2/90/2, II, p.10. Estes números devem ser encarados com reserva, principalmente no que diz respeito aos nativos. No livro da unidade estão referidas inúmeras dificuldades no recenseamento das populações, que não aparecem quando convocadas pelas autoridades administrativas, para a elaboração das fichas das sanzalas, tendo em vista, nalguns casos, um posterior reordenamento. AHM, 2/2/90/2, II, pp. 13 e 14.

¹²⁸⁸ AHM, 2/2/90/2, II, p.10.

¹²⁸⁹ AHM, 2/2/90/2, II, pp.10 e 11.

¹²⁹⁰ AHM, 2/2/90/2, II, p.1.

¹²⁹¹ AHM, 2/2/90/2, II, p.13.

É referida a “falta de informações” sobre a actuação do inimigo.¹²⁹² As suas vantagens prendem-se com um “profundo conhecimento do terreno” e “adaptação ao meio”, “grande frugalidade e resistência”, a “possibilidade de se deslocarem com rapidês” e de se dissimularem “quando em pequenos grupos”. O inimigo é identificado com o MPLA que “parece ter eliminado quase, a influência da UPA”. Aparece referido o nome de Jonas Savimbi embora não lhe seja dada importância de relevo.¹²⁹³

As dificuldades em relação às condições de aquartelamento são enumeradas com detalhe. Devido à grande extensão da zona atribuída, as forças militares tiveram de ser dispersas,¹²⁹⁴ levantando complexos problemas ao abastecimento, principalmente no que diz respeito às dificuldades “na obtenção de frescos para a alimentação das tropas”, havendo zonas onde “nem fruta há”. Devido “ao mau estado de estradas e picadas”, este abastecimento é “difícil, moroso e com enorme desgaste de material”, sendo uma das companhias aprovionada “com um avião que semanalmente ali vai”. Em relação à água, a captação “é feita a distâncias dos Destacamentos, que variam desde os 200 metros aos 25 Km”¹²⁹⁵, sendo o abastecimento “difícil e deficiente em todos os destacamentos, salvo em GC.”¹²⁹⁶

A missão atribuída ao batalhão consiste em garantir a segurança dos itinerários, a protecção dos “principais centros populacionais e infra estruturas e áreas de interesse económico”, obter “a confiança das populações” e impedir as “infiltrações inimigas ao longo da fronteira com a ZÂMBIA”. Desta missão resultarão, como actividades operacionais, patrulhamentos, reconhecimentos, escoltas, protecções, emboscadas, controle de movimentos e das populações.¹²⁹⁷

A finalizar a caracterização e avaliação da zona de atuação, considera-se que a “fraca rede de comunicações e seu mau estado durante a maior parte do ano, a fraca densidade populacional, a fraca ocupação militar, administrativa e policial, dificultam a acção das NT.”¹²⁹⁸ Nos primeiros tempos o moral das tropas é considerado bom apesar das dificuldades enumeradas relativamente ao aquartelamento.

A primeira carta escrita por Luís após a partida data de 27 de Dezembro de 1966, “o primeiro de uma longa série de dias de forçada e dolorosa separação...”. É redigida “na

¹²⁹² AHM, 2/2/90/2, II, p.6.

¹²⁹³ AHM, 2/2/90/2, II, p.5.

¹²⁹⁴ AHM, 2/2/90/2, II, p.7.

¹²⁹⁵ AHM, 2/2/90/2, II, p.4.

¹²⁹⁶ AHM, 2/2/90/2, II, p.10. GC, Gago Coutinho.

¹²⁹⁷ AHM, 2/2/90/2, II, pp. 7-9.

¹²⁹⁸ AHM, 2/2/90/2, II, p.13.

clausura aveludada de um pacote de 1ª classe”,¹²⁹⁹ o Vera Cruz. Destina-se à namorada, a sua principal correspondente durante o ano em que estará em Angola. Da correspondência que trocaram desde que Luís parte de Lisboa até ao seu regresso, um ano depois, depositará 413 envelopes com cartas, às vezes mais do que uma por envelope. (ver no Anexo B: Quadros B.11 e B.12).

A 4 de Janeiro de 1967, Luís está a chegar a Luanda onde o vai esperar um dos irmãos também mobilizado. Após passar uns dias na cidade, parte para o Luso, onde aguardará transporte para Gago Coutinho, vila no Leste de Angola, a cerca de 1 700 km da capital, perto da fronteira com a Zâmbia, “zona só recentemente subvertida.”¹³⁰⁰ Será esse o local onde irá, numa primeira fase, desempenhar a sua missão como adjunto do capitão de uma Companhia de Artilharia que já estava na região desde o final de 1965. Descreverá o capitão como “uma pessoa ‘da corda’, dá-se bem comigo, de resto é quase da minha idade, faz 26 anos e ainda saiu há pouco da Academia.”¹³⁰¹

Em Luanda, antes de partir para a zona sublevada, Luís vai estar em estágio no Quartel-General:

Tenho que aproveitar ao máximo os ensinamentos pois ainda hoje o chefe da 1ª REP (tenente-coronel) nos disse que de certeza nós seríamos muitas vezes obrigados a comandar sózinhos a companhia, mesmo em operações. Dificilmente me imagino nesta situação, mas tenho que tomar a sério esta hipótese, e depois seja o que Deus quiser.¹³⁰²

Após a rendição deste Batalhão que, entretanto, termina a sua Comissão e parte para a Metrópole, Luís passará a adjunto do comando de uma outra Companhia, desta vez de Caçadores. Nos meses finais de 1967 fará o curso de Comandos no Centro de Instrução de Comandos da Região Militar de Angola, situado em Belo Horizonte, nos arredores de Luanda e regressará a Lisboa.

Luís será dos únicos militares deste conjunto de acervos que irá, desde o início e de uma forma continuada, interrogar-se, quer sobre a razão de ser da sua missão e da situação militar concreta em que se encontra, quer sobre o que pensa ser os resultados da colonização portuguesa. Escreve inúmeras e extensas cartas, expressando o seu pensamento de forma geralmente clara e concreta, aludindo uma ou outra vez à impossibilidade de tudo dizer.¹³⁰³ Pelo conteúdo da correspondência, observámos que não possuía formação política no sentido

¹²⁹⁹ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 12, 27.12.1966.

¹³⁰⁰ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 07.01.1967.

¹³⁰¹ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 14, 17.02.1967.

¹³⁰² É preciso notar que Luís tem 21 anos de idade e é alferes. Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 07.01.1967.

¹³⁰³ Por exemplo, Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 18, 27.06.1967.

estrito do termo. Era um militar de carreira, com informação superior à generalidade dos outros depositantes, habitual leitor de livros e jornais.

Numa das primeiras cartas que escreve, ainda a partir de Luanda e após a chegada ao território, fará declarações que irão evoluir rapidamente de uma posição de questionamento da missão que vai desempenhar para a dura crítica contra o regime político que governava Portugal. Nessa carta, datada de 10 de Janeiro, dirá:

Há coisas, há situações, que nos embaraçam de tal modo e nos causam uma tal perturbação nas ideias e conceitos já formados, que melhor seria elas não serem sabidas ou vividas. Nos poucos dias que estive em Luanda, foi-me facultada, por meio de estudos e documentos a maioria das vezes de carácter confidencial – quando não secretos -, a visão total, ainda que sucinta da situação político-militar. Francamente não esperava isto, que tanta coisa me fosse dita e ensinada, mas finalmente houve alguém que compreendeu que o homem só luta quando tem uma causa e quando a acha de tal modo justa que se dispõe a dar a vida por ela. Embora defender uma causa não seja sinónimo de morrer por ela, pois o bom soldado não é aquele que morre pela pátria mas sim aquele que faz com que o Inimigo morra pela pátria dele, torna-se cada vez mais necessário dar a cada um a razão da sua luta. É prematuro falar sobre muitos assuntos, que algumas vezes foram tema de conversa para nós, e que eu estou interessado em estudar com profundidade.¹³⁰⁴

Sobre Luanda, escreve, a partir daquilo que vê:

As possibilidades turísticas e beleza desta ilha (Luanda) são de longe superiores às do Estoril e Cascais, pena é que não estejam devidamente aproveitadas. Sobre isto, de resto, há muito que dizer. Só aqui é que nos damos conta da riqueza incalculável que esta terra possui e da sua imensidão. ... o nosso mal NÃO É SERMOS POBRES materialmente, como se diz nesse MITO que corre aí na metrópole, mas muito pelo contrário é SERMOS POBRES DE ESPÍRITO, como estes exemplos deixam antever.¹³⁰⁵

Luís parte para o Luso onde fica uns dias a aguardar transporte para o local onde está a Companhia a que se destina. Numa longa carta, vai dar conta do que lhe parece ser o agravamento da situação militar:

No espaço de uma semana chegaram ao Luso 27 feridos dos últimos combates travados nas “terras do fim do Mundo” (Gago Coutinho, Ninda, Chiume, Sete e N'Riquinha)..., em Sete um alferes esteve 24 horas com dois camaradas mortos sem evacuação possível.... O comando do sector (ZIL) não tem meios aéreos para evacuar os feridos que chegam ao hospital do Luso dezenas de horas depois de serem feridos... (...) em Teixeira de Sousa toda uma população seria massacrada se não fosse a intervenção enérgica das froças de um batalhão de Cavalaria...

O que constata leva-o a refletir sobre o futuro da situação militar:

¹³⁰⁴ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 10.01.1967.

¹³⁰⁵ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 12.01.1967.

À excepção dos idealistas domésticos da Metrópole ainda não encontrei ninguém que não estivesse convencido que vamos perder a guerra..... todos nós sabemos que o TEMPO trabalha a favor da subversão e que chegaremos ao dilema irrealizável nas suas duas formas: ou abandonar, ou matar 4.500.000 pretos..... há dias um nativo prisioneiro diz ao branco que o interrogava que tanto lhe valia morrer de doença ou fome como com um tiro.... (...) apesar de tudo nós portugueses temos direitos adquiridos em África porque nem tudo foi feito em vão.... resta saber até que ponto esse motivo será suficiente para que a minha actuação no Ultramar não me pareça uma atitude de derrota....¹³⁰⁶

O que observa da convivência entre brancos, negros e mulatos, leva-o a questionar a narrativa habitual sobre a sociedade multirracial:

a multirracialidade portuguesa traduz-se na ascendência ou por outra na superioridade absoluta do branco em relação ao preto que não tem de uma maneira quase geral lugar no seio dos hábitos civilizados da sociedade europeia.... pela minha parte estou de acordo com os que dizem que há muitas maneiras de fazer racismo.... a sociedade branca de Luanda vive rodeada por uma cintura negra de 200 000 almas que vivem em muceques miseráveis e que serão as possíveis vítimas se alguém se lembrar de iniciar actos terroristas na capital angolana...¹³⁰⁷

Luís chega ao seu destacamento cinco dias depois da redacção desta carta e parte de seguida para a primeira operação. No regresso, relata o seu baptismo de fogo:

Como te disse ia fazer uma operação de vários dias que afinal não durou mais que dois (dias), desde ontem de madrugada até ontem ao anoitecer. Foi a primeira acção de guerra propriamente dita em que entrei, como sabes. Saí eu e um grupo de combate do qual era o comandante, isto apesar de o capitão comandante da companhia também lá ir (como observador visto que comanda vários grupos de combate). (...) Partimos de madrugada em direcção à fronteira da Zâmbia (Mussuma) em viaturas auto, e depois de percorridos 30 kms fomos fortemente emboscados por um grupo do MPLA. A emboscada durou cerca de 2 minutos com fogo violento de armas automáticas e granadas. As duas viaturas da frente (eu ia na segunda) foram alvejadas e ficaram na zona de morte. Nesse instante, (10,30h) toda a malta saltou para o chão e começou a reagir. Se queres que te diga nem sei como aquilo foi, só dei por mim no chão a disparar furiosamente com a minha G3.

¹³⁰⁶ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 20.01.1967.

¹³⁰⁷ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 20.01.1967; esta situação verificou-se na reacção aos acontecimentos de 4 de fevereiro de 1961 com o assalto à prisão e à esquadra de polícia, em Luanda. Durante os funerais dos polícias mortos registaram-se incidentes que causaram numerosas vítimas entre a população negra. O Governador Geral de Angola à data, Silva Tavares, recordou em depoimento esses momentos: “Via do Palácio as chamas do lado do bairro dos muceques. A população... bandos de... não foi só aí... atacavam pretos indiscriminadamente. Tive que dar ordens precisas à polícia: “você têm que acabar com isso, não têm nada que saber se são brancos se são pretos, o que quero é que as coisas se passem segundo a ordem e que os indivíduos que sejam agredidos sejam protegidos” Dos 9’46 aos 10’21 em Pontes, Joana et al (2002), “A Guerra anunciada” em *Século XX Português*, 7º episódio, documentário, Lisboa, SIC.

(...) Quando o tiroteio acabou ouvi chamar pelo maqueiro, mas infelizmente era tarde demais pois tinha morrido um soldado dos nossos. Dos “turras” nem vestígios... Foi aquele serviço bem feito.... No entanto continuamos a progressão e só hoje ao anoitecer é que regressamos ao quartel. Mal chegamos fez-se o funeral do moço que morreu, que por estranha ironia do destino era meu conterrâneo, quase meu ex-vizinho.... Não podes imaginar a minha emoção, e apesar de o “grupo de combate” não ser meu senti a morte do rapaz, senti uma raiva enorme cá dentro contra estes cobardes que se escondem na mata para atacar à sucapa, e não consegui dominar as lágrimas. (...) isto contado assim friamente por palavras, dá uma pálida ideia da realidade. Aquilo que se sente quando se é atacado, a maneira como se reage, o que se sente quando se vê um camarada cair ao lado com uma bala traiçoeiramente disparada é indescritível e não posso ter a veleidade de te traduzir tudo isto por palavras. Depois de chegados a Mussuma dormimos um pouco e regressamos pelo mesmo itinerário que é o único, encontramos uns bilhetes escritos pelos “nossos amigos” e colocados por eles no meio do caminho, as pontes tinham sido todas queimadas e as populações que viviam ao longo da picada ou foram voluntariamente com os turras, ou se se recusaram foram obrigadas e queimaram-lhes os QUIMBOS e todos os haveres. (...) a situação aqui é incontrolável praticamente, devido à falta de meios e de tropa, eles esperam-nos onde querem ou muito bem entendem.... nós limitamo-nos a vender cara a vida.¹³⁰⁸

Luís estará neste aquartelamento cerca de seis meses, ao fim dos quais o Batalhão em que se insere a Companhia de que foi adjunto parte para o sul de Angola para terminar a Comissão. Durante este tempo, irá descrever a geografia da zona em que se encontra e o clima em duas estações, a das chuvas e a da seca, conhecida como cacimbo, dando algumas informações sobre os nativos que classifica nas cartas iniciais como “porcos”, “estúpidos” e “sornas”¹³⁰⁹, não tendo as mulheres aprendido em “400 anos de civilização cristã (...) a mais elementar noção de pudor”.¹³¹⁰

Resume a sua vida no aquartelamento à passagem dos dias “pacatos” e dos dias dedicados “às actividades bélicas”. A descrição dos dias pacatos passa pelas rotinas habituais da vida no aquartelamento, as refeições, a questão do correio, os livros que anda a ler, os jogos em que participa, as visitas que recebe, rematando as cartas com considerações sobre a solidão, o isolamento e as saudades que sente.

Quanto aos dias bélicos,

são de facto os dias mais longos. Normalmente saímos de madrugada para as operações. Umaz vezes actuamos de viatura, outras vezes a pé. (...) Esta guerra é uma coisa estranha e estúpida, vai-se na mata ou na picada, às vezes está um dia lindo, tal como hoje, vêm-se flores por todos os

¹³⁰⁸ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 28.01.1967; quimbo é sinónimo de sanzala.

¹³⁰⁹ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 24.01.1967.

¹³¹⁰ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 20.01.1967.

cantos, tudo é quietude e paz, contacto permanente com a natureza e se não fosse o alerta constante dos nossos sentidos diríamos algumas vezes q estávamos no paraíso.¹³¹¹

Ao longo dos meses, os dias bélicos irão ocupar uma pequena parte das cartas com descrição de alguns ataques e de operações de limpeza tendo em vista “se daqui para o futuro podemos “respirar” mais à vontade.”¹³¹² Mas o principal conteúdo das cartas vai ser dedicado à distância a que se encontra, ao que sente face ao isolamento:

aqui vive-se um ambiente muito limitado, parece que o arame farpado não limita apenas o espaço vital das instalações do quartel, mas entra no nosso próprio ser e porfia em nos limitar sob todos os aspectos.¹³¹³

Durante a 1ª fase, uma das tarefas que tem de cumprir é comandar a coluna mensal de reabastecimento a Mussuma,

povoação agora desabitada pois toda a população indígena fugiu ou foi morta pelos turras, situada a 10 kms da fronteira da Zâmbia. Está lá um destacamento de 30 homens sob comando de um alferes.¹³¹⁴

Em março de 1967, três meses depois da chegada, Luís confessa à namorada que

Embora passe o tempo de uma maneira monótona o entusiasmo inicial (de andar atrás dos turras...) já passou e daqui para o futuro o meu lema será fazer só o estritamente necessário.

O estritamente necessário vai refletir-se na descrição do dia a dia:

Aqui estamos completamente isolados do mundo exterior. Falamos uns com os outros, sabemos as notícias pela rádio e às tantas esquecemo-nos q fazemos parte dum mundo civilizado. Na vila há meia dúzia de famílias brancas, o resto é tudo pretos que vivem nos QUIMBOS. É terrível sentir esta sensação de isolamento e de abandono, a pouco e pouco vamos sentindo um vazio profundo à nossa volta, então pensamos nos tempos passados naqueles q nos são queridos e vivemos assim de recordações. Há dias que são bem piores que outros, falta-nos então a disposição para fazer o que quer que seja, vagueamos para um lado e para outro, pensamos no pior, a esperança não tem lugar no nosso coração.¹³¹⁵

Sobre os soldados da sua Companhia escreve:

Não há dúvida que o nosso soldado, devido também ao seu baixo nível, (médio) se adapta perfeitamente ao modus vivendi do nativo, se integra no ambiente deles e muitas vezes é querido.

¹³¹¹ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 14, 19.02.1967.

¹³¹² Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 15, 06.03.1967.

¹³¹³ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 14, 16.02.1967.

¹³¹⁴ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 18, 16.06.1967.

¹³¹⁵ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 15, 27.03.1967.

Uma das coisas q me causou certa admiração foi e é o facto de precisamente os soldados analfabetos serem aqueles q melhor apreendem e conseguem falar os dialectos nativos.¹³¹⁶

Sobre os oficiais, dirá:

ainda ontem sustentei à mesa (ao jantar) uma acalorada discussão, onde me insurgia contra a linguagem pouco própria usada na messe dos oficiais (pelos alferes milicianos, já porque sou o único do quadro) e em que pretendia defender que o ambiente social em todas as circunstâncias, ainda que precário como o nosso, é feito pelo somatório do carácter da personalidade de cada um e nunca podemos (como eles pretendiam) fazer desses mesmos ambientes causa justificativa dos nossos excessos. Infelizmente verifica-se que muitos indivíduos, postos à prova duma maneira dura e difícil como a vida que aqui se vive, não conseguem disfarçar por mais tempo os seus baixos princípios e desde os excessos imoderados da linguagem até ao abuso desregrado do alcool permitem-se tudo¹³¹⁷

Para lá de ser adjunto do comando da Companhia, Luís vai ter de conduzir alguns processos de averiguações para administração da justiça. A maioria dos casos prende-se com questões disciplinares e dizem respeito aos militares que já estão no local há 18 meses e se encontram “saturados”.¹³¹⁸ Descreve com mais detalhe o caso de um soldado que assediou duas mulheres nativas e perante a sua recusa disparou um tiro de intimidação.¹³¹⁹ Escreverá sobre um outro que envolveu a morte de um soldado em condições pouco claras, e cuja decisão final do processo instaurado poderia autorizar ou por em causa a atribuição de uma pensão para a família.¹³²⁰

Acerca do inimigo, “os turras”, identificá-los-á com os pretos, referindo nas cartas que a população local os ajuda.¹³²¹ Cada vez que há um ataque do qual resultam feridos ou mortos, “toda a malta fica aborrecida e raivosa (fica com vontade de liquidar a pretalhada toda...)”.¹³²²

Nas cartas, Luís relata que são negros os guias que, por vezes, levam nas operações. Para lá de conhecerem os caminhos, são também, com frequência, tradutores e intérpretes entre os militares e a população nativa. Luís vai à Vila, a casa do director da PIDE, buscá-los.¹³²³ Por vezes, sai em operações com milícias constituídas por nativos:

¹³¹⁶ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 14, 22.02.1967.

¹³¹⁷ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 14, 16.02.1967.

¹³¹⁸ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 16, 22.04.1967.

¹³¹⁹ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 15, 15.03.1967.

¹³²⁰ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 16, 13.04.1967.

¹³²¹ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 17, 02.05.1967.

¹³²² Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 15, 04.03.1967.

¹³²³ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 14, 17.02.1967; sobre os serviços de informação e o papel da PIDE durante a guerra ver Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2000) (orgs.), “Os olhos e os ouvidos

Desta vez fui eu sózinho com 40 homens, sendo 20 pretos (das milícias). Cheguei bastante maçado pois ainda andei cerca de 30 Kms, por uma picada de areia, o q eu dificulta a marcha. Andamos desde a 1 hora da manhã, escuro como breu, até às 5, hora a que chegamos ao objectivo. Não tive contacto com o inimigo e a nossa acção resumiu-se em exercer represálias sobre a população que os tem alimentado (aos turras) e dado guarida. Eu gosto mais de fazer operações como esta, a pé, do que de carro, pois o ruído dos carros denuncia-nos a grande distância e há mais possibilidades de sermos emboscados.¹³²⁴

Nada ficamos a saber sobre o tipo de “represálias” exercidas sobre a população. Escreverá sobre as rotinas e dirá que:

Normalmente ao domingo não se fazem operações, eis a diferença, mas isso é devido ao facto de os turras terem uma predileção especial em nos atacar ao fim de semana!¹³²⁵

Em Maio desse ano fazem uma operação para recuperar o soba que havia sido raptado. Sai do quartel uma coluna apeada e Luís vai num helicóptero:

Não os conseguimos encontrar, o que é aliás admissível em virtude das largas possibilidades de camuflagem q eles têm na mata. Ainda assim detectamos um outro grupo (com alguns elementos armados), dos quais não devia ter ficado nenhum para a amostra. Vamos a ver os resultados da coluna apeada q só regressa amanhã.¹³²⁶

Mais nenhuma informação sobre o soba será dada por Luís. Continuará a participar em operações. Apreendem armas de fabrico russo e chinês.¹³²⁷ Pela maneira como escreve, Luís debate-se com vontades contraditórias, em que, por um lado, quer ficar no quartel, onde está melhor e livre de perigo e, por outro, tem o impulso de sair:

nós aqui longe sentimo-nos completamente deslocados, sós, de tudo e de todos, é por isso que eu quero sair, andar na mata, ter fome, sede, frio, medo, para esquecer isto tudo.¹³²⁸

não há dúvidas que o tempo assim se passa mais depressa. Nesta última operação obtemos uma vitória quase retumbante sobre os turras, lerparam mais de 60. Um prisioneiro q fizemos não sabia falar português, então lembrei-me de lhe perguntar: Can you speak english? Ao que ele respondeu, num inglês impecável: “No”!!! Como vês o portuguesismo destes turras chega ao cúmulo de alguns nem saberem falar português.¹³²⁹

Em Maio, Luís informa a namorada que vai frequentar o curso de Comandos em Luanda:

INFORMAÇÕES”, *Guerra Colonial*, Lisboa, Editorial Notícias, pp. 234-239 e Mateus, Dalila Cabrita (2004), *A PIDE/DGS na Guerra Colonial (1961-1974)*, Lisboa, Terramar.

¹³²⁴ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 15, 10.03.1967.

¹³²⁵ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 14, 24.02.1967.

¹³²⁶ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 17, 02.05.1967.

¹³²⁷ Por exemplo, Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 10.01.1967 e documento 15, 04.03.67.

¹³²⁸ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 14, 17.02.1967.

¹³²⁹ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 17, 27.05.1967.

Em primeiro lugar não vou tirar o Curso de Comandos porque quero, mas sim porque ME OBRIGAM.

Sobre a comissão militar dirá, quando ainda faltam 7 meses para o regresso:

isso representa em parte o cumprimento dum dever e dum compromisso assumido para com a Pátria (...) Não desejo estar aqui nem mais um dia do que aqueles que sou obrigado ¹³³⁰

A passagem do tempo é determinante, no caso de Luís, para o amadurecimento das suas reflexões sobre a guerra e contra a política ultramarina:

o dia de ontem foi terrível para não dizer macabro. Em dois ataques que sofremos tivemos 4 mortos e vários feridos. Eis os factos. Homens que morrem e sofrem por estas picadas fora, sem um “sentido” que dê justificação à sua morte, assim tornada inglória. (...) o que aqui tenho visto, o que aqui tenho passado é suficiente para traçar definitivamente uma linha de conduta e pensamento da qual não me afastarei. Poderia perguntar se a guerra que travamos é ou não justa. No entanto que interessa discutir um facto consumado? Travamos uma guerra longe da Pátria, nós o Exército; soldados arrancados dos seus misteres e do seio das suas famílias, jovens tirados das Universidades e das Escolas, homens muitos dos quais com uma vida perfeitamente constituída, desmembrados dos seus lares... Quem não avalia os sacrifícios inerentes a tais situações? (...) Nós aqueles que nos batemos, quantas vezes pensamos que esta guerra não é nossa, de tão sózinhos que nos sentimos. A imagem única que até agora consegui recolher desta guerra é aquela, em que aparece um punhado de sacrificados batendo-se por uma causa injusta e uma Nação completamente divorciada dos seus filhos... Não vou mais além, digo-te apenas a minha maneira de pensar actual cabe bem dentro da célebre frase latina “Alea jacta est”, no futuro não será essa a minha divisa, não me excusarei a dar o meu contributo quando algo se tiver de modificar.

Como homem não posso admitir q ninguém nem nenhum regime q conduz povos possa permitir a miséria em que vegetam densas massas de população q aqui vivem, como militar e orgulhoso q sou, fere-me choca-me, magoa-me o papel subalterno dado ás forças armadas, numa “guerra” q não lhe pertence, PARA A QUAL NÃO CONTRIBUÍRAM, e na qual, para além dos sacrifícios individuais, inglóriamente algumas vezes levados aos extremos, representam nem mais nem menos q o papel de marionette..... Esta é a fria realidade, a minha desilusão não é única, todos esses rapazes que saiem da Academia ou das Universidades, uns cheios de ética militar, alguns dos outros mesmo assim com desejos de cumprir pensando num Portugal maior, sentirão a mesma revolta que o Luís ao fim de três meses de permanência na “zona da verdade”, - desculpe-me o Artur Agostinho se lhe tiro o termo. (...) Torna-se-me agora evidente ser impossível fazer a apologia da política que seguimos aqui. Tudo o que aqui vi, vivi e encontrei até agora vai fortemente contra a minha maneira de ser e de pensar. ¹³³¹

¹³³⁰ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 17, 30.05.1967.

¹³³¹ Quando refere “Luís”, está a referir-se a si próprio. Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 16, 05.04.1967.

há muita coisa – quase tudo -, desta “guerra” que tu não compreenderás, e se eu faço essa afirmação é porque eu também não o compreendia. E isso acontece só porque em todas as situações como esta se realiza um facto irreversível, o divórcio da pátria para com os seus filhos. A não ser os laços pessoais de carácter sentimental que liga determinado número dos q cá lutam, com determinado número dos q aí ficam, tudo o mais se reduz a um monte de incompreensão e intolerância que se reflecte irremediavelmente nas frentes de combate. Ninguém aqui sabe porque se luta (nem eu próprio). Isso ainda era desculpável, quando uma nação não sabe discernir entre aquilo que lhe convém ou o q interessa apenas a meia dúzia, quando uma nação inteira se deixa conduzir tal e qual uma “cabra-cega”...¹³³²

A maneira como está a ser conduzida esta guerra obriga-me a não partilhar conscientemente da orientação político-militar seguida. Deste modo se me posso sentir um pouco frustrado por ser membro dum exército que não está à altura das circunstâncias, não me vou “frustar” ainda mais tirando um curso q me faria comprometer irremediavelmente num sistema com q eu não concordo. (...) Não concordo com o q estamos a fazer no Ultramar, não darei um passo para q a nossa política, autenticamente de “vistas curtas” vá avante.¹³³³

Ao longo deste ano, Luís vai tomando contacto com o outro lado do conflito. Para lá de alguns prisioneiros que trazem para o quartel, ouve “algumas Emissoras dos “turras”, q nos chamam todos os nomes possíveis e imaginários.”¹³³⁴ Segue, pela “emissora do MPLA (movimento popular libertação de Angola) – que actua na “minha” zona”, os conflitos entre a Igreja Católica e o movimento de libertação:

Dizem que “o Catolicismo se identifica perfeitamente com o colonialismo”, e tomam uma posição hostil à Igreja Católica..... Como vês tudo isto não passa dum jogo político no qual a Igreja tem necessariamente que entrar, para pelo menos ganhar uma parte....¹³³⁵

O acesso que terá a documentos de “carácter reservado e confidencial” leva-o ao conhecimento de

coisas q não vêm (normalmente) aí nos jornais. Por exemplo: 1º um grupo de 118 intelectuais portugueses fizeram um abaixo assinado ao Presidente da república exigindo a imediata demissão do Salazar e da Assembleia Nacional e preconizando a formação dum governo Nacional com representação das Forças Armadas; 2º Foi preso e processado o escritor Stau Monteiro por ter

¹³³² Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 16, 19.04.1967.

¹³³³ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 16, 25.04.1967.

¹³³⁴ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 15, 01.03.1967.

¹³³⁵ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 18, 04.06.1967.

escrito 2 peças de teatro numa maneira “torpe e desonesta”, altamente ofensiva ao prestígio das Forças Armadas, foi também encerrada a editora Minotauro.¹³³⁶

À medida que o tempo passa e Luís toma contacto com as gentes locais, passa a descrever os nativos de forma diferente da inicial. Dá conta à namorada da presença de um oficial negro no quartel:

Estou a escrever-te do gabinete do of. de dia. Daqui a momentos aparece aqui um estranho rapaz que irá disputar comigo uma partidita de damas para me ajudar a passar a noite. Hei-de falar-te mais tarde nele, para já digo-te que é preto e alferes, e já foi um dos chefes das guerrilhas que nos combatiam. Não penses que já consegui a amizade dele, mas apenas hoje vamos ser companheiros de quarto visto que devido à falta de instalações ele foi ocupar a única cama para oficiais disponível e portanto vamos dormir aqui no gabinete do of. de dia, q. tem duas.¹³³⁷

À medida que o tempo vai passando, Luís vai escrevendo com maior frequência sobre a sua missão:

Pela primeira vez te falo sériamente do que penso desta guerra... Nunca pús em dúvida o valor dos ideais que sempre nortearam a conduta dos nossos maiores e os interesses supremos da nossa Pátria. Hoje, como homem e como oficial de um exército que se bate por uma causa que não é a dele, permito-me perguntar se será esta a maneira acertada de salvuardarmos os interesses da nossa grei. Batemo-nos em três frentes, contra povos que há séculos subjugamos e mantemos na mais estrita miséria, numa luta sem glória e de resultados duvidosos. Vi tombar homens ao meu lado e não pude calar esta palpitante interrogação que sempre me aflorava aos lábios: quem lucra com estas mortes, qual a utilidade de mais uma vida perdida? Quantas vezes cerrei os dentes de raiva, continuei em frente, mas mesmo assim sem convicção...¹³³⁸

Ao longo dos meses de permanência na zona de actuação e antes da rotação do batalhão para uma zona sem guerra, o que ocorrerá em agosto de 1967, o livro da unidade contém registos do continuado agravamento da situação militar, traduzindo-se num aumento da actividade do inimigo, sendo mencionada, para lá dos ataques do MPLA, actividade da UNITA.¹³³⁹ Por outro lado, há relatos da manifesta insuficiência de meios, “efectivos e viaturas”, do que resulta que “as Operações tenham de se fazer onde e quando os reabastecimentos obrigam e não onde e quando se tornam necessárias”, assim se “consumindo esforços que são desviados” da missão principal do batalhão, uma “Unidade

¹³³⁶ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 15, 04.03.1967; o abaixo assinado que Luís menciona tem a data de 8 de Novembro de 1966 https://ephemerajpp.files.wordpress.com/2015/07/scanner_20150704-7f.jpg (consultado em 18 de Junho de 2017).

¹³³⁷ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 14, 12.02.1967.

¹³³⁸ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 16, 03.04.1967.

¹³³⁹ AHM, 2/2/90/2, II, p.78.

Operacional”¹³⁴⁰. Regista-se também que a “implantação dos aldeamentos, quase todos demasiadamente afastados dos quartéis das NT”, levanta problemas de intervenção em tempo oportuno para proteger as populações caso haja ataques do inimigo.¹³⁴¹

Em Julho de 1967, Luís entra na segunda fase da comissão como adjunto do comando de uma outra companhia, integrada num batalhão de caçadores acabado de chegar da Metrópole, destacado também para a zona de Gago Coutinho:

O batalhão para onde eu vou, como já te disse está no Leste, zona que começou agora a ser subvertida e onde só agora começaram as actividades propriamente ditas operacionais, diga-se de passagem com bastantes desaires para nós. (...) Estradas não há e a população indígena está entre a espada e a parede, ou foge para a Zâmbia ou se acolhe á nossa protecção. (...) Para já as acções terroristas estão a cargo do MPLA (movimento para a libertação dos povos de Angola) partido de forte tendência comunista que utiliza quer na organização civil quer na militar o sistema das hierarquias paralelas. Os grupos actuam na região Leste e conquanto pouco numerosos são duma eficiência extraordinária devido ao seu superior armamento de origem russa e chinesa. O ataque a Teixeira de Sousa não é da autoria deles mas saiu dum outro partido que disputa a supremacia na mesma zona chamado UNITA. O isolamento nesta região é completo havendo um avião apenas de 15 em 15 dias, sendo o correio distribuido uma vez por semana, não regularmente por uma coluna militar. A ausência total de diversão, de distrações ou o mais pequeno indício de civilização nesta zona é evidente.¹³⁴²

Luís sente a mudança de unidade desta forma:

A ida da minha companhia, depois da minha despedida, foi o que me custou mais a suportar. Durante 6 meses convivi com eles, comandeí todos os grupos de combate, eles sabiam que apesar de eu não ser “oficialmente” o comandante deles era comigo q podiam contar. E gostavam, tenho orgulho em dizê-lo, gostavam de “sair” comigo, quando eu os comandava parece que nada os atemorizava, e quase não compreendia como lhes poderia inspirar tanta confiança. É difícil explicar-te isto, mas no fundo fiquei satisfeito e sei agora que nenhum dos meus sacrifícios foi feito em vão.¹³⁴³

Os dois batalhões ficam um tempo em sobreposição para que as tropas que chegam possam assumir a responsabilidade da zona aproveitando a experiência dos que vão partir. Luís vai dar formação aos chamados maçaricos do novo batalhão:

Tudo correu bem e cá estou de novo em Gago Coutinho. O alferes que ficou a comandar o destacamento, ia cheio de receio, mas eu pô-lo ao meu lado, no unimog e consegui dar-lhe um pouco de confiança. No entretanto ficou bastante deprimido com a ideia de ficar vários meses num

¹³⁴⁰ AHM, 2/2/90/2, II, p.77.

¹³⁴¹ AHM, 2/2/90/2, II, p.78.

¹³⁴² Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 19, 05.07.1967.

¹³⁴³ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 20, 14.08.1967.

destacamento tão isolado como é Mussuma, de forma que, para esquecer o presente e o futuro apanhou logo uma valente “bebedeira” de whisky. É uma jóia de um rapaz, q estava a tirar o curso de Direito em Coimbra. O meu novo Comandante de companhia é um capitão miliciano, q não tem nada a ver com isto, mas a quem foram arrancar ao lar, para cumprir 2 anos de serviço nestas remotas paragens.¹³⁴⁴

De acordo com a história da unidade, este batalhão de caçadores chega à zona do Leste de Angola com um nível de instrução e de enquadramento considerado como “muitíssimo deficiente”, em razão do número insuficiente de instrutores e monitores bem como a “pouca experiência da maioria”, e ainda a falta de meios tais como “armamento, viaturas e meios TSF”.¹³⁴⁵ A preocupação relativamente ao que se afigura ser o “futuro espinhoso”¹³⁴⁶ dos militares assim preparados aparece registada no parágrafo final do capítulo introdutório: “durante os contactos estabelecidos em Luanda a opinião geral era que o Subsector de Gago Coutinho era dos piores da RMA, e isso pôde-se verificar pouco tempo depois.”¹³⁴⁷

Entretanto, o capitão de que Luís é adjunto é evacuado devido a fratura com certa gravidade, ficando a unidade a seu cargo, nas suas palavras, com a companhia “às costas”¹³⁴⁸:

concerteza que não consegues imaginar o que é a minha situação de “alfersito” saído da A.M. a comandar uma companhia de caçadores, com 4 alferes milicianos e 20 sargentos, aturá-los a todos, procurar consiliar as coisas para muitas vezes não actuar disciplinarmente, resolver problemas que vão desde o rancho dos soldados aos sobressalentes das viaturas, desde a quantidade astronómica de “papeis” e burocracias administrativas até à coordenação dum apoio aéreo a tropas da companhia em operações.

O balanço que faz da sua permanência no Leste leva-o a escrever:

Daqui não levo saudades, apenas recordações. Recordações dos dias mais difíceis da minha vida. (...) Não me modifiquei Teresa, aqui aprendi a ser mais humano e a compreender melhor os outros e os seus sofrimentos.¹³⁴⁹

Perto da ida para o curso de comandos em Luanda, Luís avalia a situação militar desta forma:

O Poder Público continua teimosamente teimando mesmo depois de se ter provado que a Administração e a Política falharam totalmente e q a resolução ou evolução dos factos é apenas

¹³⁴⁴ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 19, 30.07.1967.

¹³⁴⁵ AHM, 2/2/179/5, I, pp. 2 e 3.

¹³⁴⁶ AHM, 2/2/179/5, I, p.10.

¹³⁴⁷ AHM, 2/2/179/5, I, p.17.

¹³⁴⁸ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 20, 16.08.1967.

¹³⁴⁹ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 20, 24.08.1967.

questão de tempo. É necessário que haja uma tomada oportuna de consciência da actual realidade Portuguesa... (...) A SUBVERSÃO evolui lenta mas seguramente e ameaça de ruína total uma Política teóricamente UTÓPICA e que materialmente se escora em minorias (interesses capitalistas). Cá, tal como aí, a grande maioria da Nação permanece NARCOTIZADA por um viver quotidiano repleto ou de dificuldades q uns procuram vencer, ou de prazeres q outros procuram viver. Poucos ou ninguém tem consciência da realidade política actual, e mesmo aqui, onde o caos de adivinha mais breve, as gentes permanecem arredadas dos problemas mais instantes q condicionarão de modo decisivo a sua vida futura. Isto não é uma luta de Exército, não é uma luta de partidos, não é uma luta de nações, nada disso, é a ETERNA luta dos deserdados contra os favorecidos da sorte, é a luta das “barrigas vazias” contra as “barrigas cheias”, da fome contra a abundância, da miséria contra a opulência. Não são as armas q a resolvem e toda a gente sabe isso. Aqui como aí é “preciso que os ricos sejam menos ricos para que os pobres sejam menos pobres.

Ainda há pouco li um documento em q os responsáveis militares de Angola, numa atitude desasombrada, davam conta da eniquidade da luta pelas armas, quando a verdadeira luta, a luta contra a fome, contra a doença, contra a miséria, contra a ignorância, se mantinha no estado embrionário das teorias não materializadas.¹³⁵⁰

Cerca de 10 dias depois desta carta, Luís já está em Luanda para começar o curso de comandos. Sobre a instrução dirá que tem “requintes “sádicos””.¹³⁵¹ Apesar disso, avalia positivamente a sua presença no curso, devido às notícias que chegam da Companhia:

eu estou a ganhar em certo aspecto, na medida em q ficando em Gago Coutinho estaria a esta hora a comandar a companhia de caçadores 1721, q desde a minha saída de lá até este momento já sofreu 5 mortos e vários feridos em combate.¹³⁵²

A história da unidade irá dar conta do “enorme esforço, tanto físico como moral” exigido a esta companhia de que Luís fala. Há falta de meios que colocam em perigo os militares: “como são em número insuficiente, em cada viatura é transportado um número demasiado de homens. Os seus meios TSF não têm potência suficiente para se ligarem às redes fixas”.¹³⁵³ Por isso, os pedidos de evacuação não chegam em tempo oportuno. A acção psicológica irá ter, como principal objectivo, os próprios efetivos do batalhão, cansados e perturbados devido à falta de meios e também ao “alastramento da presença de um inimigo aguerrido”, capaz de “acções bastante audaciosas”, causando baixas.¹³⁵⁴ São referidas conversas e palestras, bem como visitas dos oficiais do comando às tropas do sub-sector embora sem “a constância e

¹³⁵⁰ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 22, 04.10.1967.

¹³⁵¹ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 22, 18.10.1967.

¹³⁵² Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 22, 28.10.1967.

¹³⁵³ AHM, 2/2/179/5, II, p.32.

¹³⁵⁴ AHM, 2/2/179/5, II, p.85.

frequência que seria para desejar”, “dadas as extraordinárias dificuldades nos deslocamentos através do extenso Sub-Sector e para os muitos destacamentos existentes.” A acção psicológica sobre as populações é descrita como praticamente inexistente, enquanto o inimigo é descrito como dispendo de uma “poderosa máquina de propaganda”, que influencia as populações e chega os aquartelamentos quer por via rádio quer através de panfletos, cartazes, o jornal Passa Palavra e papéis escritos à mão, “incitando á desobediência, à deserção e a não se fazer a guerra”.¹³⁵⁵

Junto ao Natal chegam outras notícias que entristecem ainda mais Luís:

Estes últimos dias, a alegria da aproximação do regresso, foi turvada por algumas notícias amargas. Morreu no Norte um alferes cá dos Comandos, por acaso meu homónimo. Morreu também na Guiné um rapaz do meu curso a quem como eu faltavam dias para o regresso!!¹³⁵⁶

Dois meses antes de voltar, Luís é promovido a tenente.¹³⁵⁷ Dirá na hora da partida, “Sérias dúvidas emergem deste vazio, e debalde procuro respostas para elas...”¹³⁵⁸

Sendo oficial de carreira, Luís e a namorada sabem que se a guerra continuar, o militar poderá ter de partir de novo para outra comissão. Quatro meses após ter chegado a Angola, Luís escrevera: “Não sei se conseguirei aguentar uma outra prova como esta.”¹³⁵⁹ A resposta da namorada virá uns meses mais tarde: “Não me digas, porque a única coisa a que eu me agarro é à esperança de nunca mais me separar de ti.”¹³⁶⁰

I.5 ANGOLA-MOÇAMBIQUE 1966-1968, QUE NUNCA POR VENCIDOS SE CONHEÇAM

Carlos é paraquedista e alistou-se como voluntário aos 18 anos para se despachar, conforme escreve: “quando eles vierem para cá vou eu para aí”,¹³⁶¹ “já com a minha comissão acabada e pronto a recomeçar a minha vida”.¹³⁶² Após a instrução na base aérea em Tancos, parte para

¹³⁵⁵ AHM, 2/2/179/5, II, pp.86 e 87.

¹³⁵⁶ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 24, 22.12.1967.

¹³⁵⁷ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 23, 08.11.1967.

¹³⁵⁸ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 24, 25.12.1967.

¹³⁵⁹ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 16, 24.04.1967.

¹³⁶⁰ Fundo R2, caixa 10, série 2, documento 24, 18.10.1967.

¹³⁶¹ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 5, 05.02.1967. Na altura do regresso de Carlos, alguns amigos que, entretanto, serão mobilizados, dar-lhe-ão razão. Por exemplo, “tens a tua comissão quase pronta não é verdade sempre vale a pena vir voluntário. Olha eu sou da tua idade e agora a que tou a começar, isto é uma vida amargurada.” Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 70, 28.02.1968.

¹³⁶² Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 5, 24.02.1967. Ao longo da comissão militar, Carlos fará referência a este facto várias vezes.

Angola com 20 anos. Regressará à Metrópole dois anos depois, tendo tirado a carta de condução e aprendido o ofício de soldador numa oficina em Luanda, durante a licença militar.

A sua rede de correspondentes é a mais extensa de todos os acervos em estudo. Inclui inúmeros amigos, entretanto mobilizados, várias madrinhas de guerra, família e duas namoradas. A mãe ocupa um papel central na rede familiar. (ver no Anexo B: Quadros B.13 e B.14)

Quando Carlos chega a Angola, as tropas especiais - comandos, paraquedistas e fuzileiros especiais - mereciam acrescida atenção por parte das autoridades militares. Assim o exigia a “excessiva prudência” das unidades dispostas em quadrícula, a chamada “tropa macaca”, mal instruída, pobremente equipada, pouco móvel, frequentemente isolada e mal aquartelada, preocupada principalmente com a sobrevivência.

As tropas especiais surgiam no terreno bem preparadas e equipadas, mostrando elevado espírito de corpo, bem instaladas quando em repouso, extremamente móveis, apresentando grande motivação no cumprimento das missões de carácter ofensivo, frequentemente violentas e muitas vezes de elevado risco.¹³⁶³

Não foi possível datar com exactidão a partida de Carlos para Angola. Pelas informações presentes na correspondência, presumimos que terá embarcado em Lisboa no mês de Março perante uma única presença, a da mãe:

jamais poderei esquecer o rosto dela no cais em Lisboa quando enfrentou sózinha as amarguras e o desgosto por um filho que partia para uma longa viagem de dois anos.¹³⁶⁴

A primeira missiva depositada, escrita de África, é um aerograma destinado à mãe, proveniente da cidade da Beira, Moçambique, e data de Maio de 1966. Carlos informa a mãe que está ali “por causa de uma questão com os ingleses”.¹³⁶⁵ No local “só está pára-Quedistas

¹³⁶³ Martelo, David (2009), “1966 Síntese Militar” em Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1966 – Construir um bastião branco na África Austral*, Volume 7, Matosinhos, QuidNovi, p. 8; sobre os paraquedistas ver, também, Cann, John P. (2017), *Os Páras em África 1961-1974*, Cascais, Príncipia Editora Lda, e *História das Tropas Pára-Quedistas Portuguesas* (1986). Lisboa, Exército Português e Corpo de Tropas-Paraquedistas, Comando das Tropas Aerotransportadas. Esta obra, em seis volumes, tem vindo a ser editada, estando publicados, à data, 5 volumes.

¹³⁶⁴ Carta para irmã, Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 3, 08.06.1966.

¹³⁶⁵ A “questão com os ingleses” foi conhecida como Guerra do Petróleo e consistiu num embargo decretado pela Grã-Bretanha contra a Rodésia, devido à declaração unilateral da independência deste território sob administração inglesa pelos colonos brancos dirigidos por Ian Smith. Tropas pára-quedistas foram deslocadas para a cidade da Beira com o objectivo de impedir a ocupação do porto e aeroporto por forças inglesas. Este bloqueio, que não teve qualquer eficácia, durou até 1975 e visava impedir que o petróleo chegasse à Rodésia a partir do porto da Beira. Sobre este assunto ver, entre outros, Afonso,

e mais ninguém isto é só nosso”.¹³⁶⁶ Carlos voltará a escrever sobre este acontecimento a 2 de Junho:

nós viemos a Moçambique não foi por causa dos Terroristas mas sim por causa duns tipos que queriam o Europorto desta bonita cidade (...) gustava-mos quando isto aqui nesta cidade tiver resolvido irmos dar uma ajudinha aos nossos colegas de lá e irmos ao mato e apanharmos uns terroristasitos porque não queremos que digam que viemos a Moçambique e não fizemos nada porque até á data o nosso trabalho é comer e dormir.¹³⁶⁷

Enquanto está em Moçambique, Carlos fala de um tempo de paz e diversões:

ainda não dei um único tiro (...) nós viemos para cá por causa da guerra e a única guerra que encontrei cá foi os mosquitos¹³⁶⁸

isto não é caso para tristezas pois se eu estou a passar umas férias e ainda me dão dinheiro para gastar¹³⁶⁹

Carlos vai escrever sobre a recepção entusiasta da população branca:

falando da minha vida por cá isto é maravilhoso (...) aqui há muitas miúdas elas até vêm trazer os Pára-Quedistas ao quartel de automóvel (...) todo o povo nos estima muito quando vamos para os cafés quase sempre pagam a nossa despesa.¹³⁷⁰

A coesão e camaradagem do grupo é valorizada pelo militar:

nós aqui somos uns senhores todos tem medo de nós porque comemos todos juntos com oficiais e sargentos e durmimos na mesma camarata mas todos no chão que é mais prático;¹³⁷¹

Aniceto e Carlos Matos Gomes (2009), *Os anos da guerra colonial, 1966 – Construir um bastião branco na África Austral*, volume 7, Matosinhos, QuidNovi, pp 16-17, 98-100; Barroso, Luís (2012), *Salazar, Caetano e o “Reduto Branco”*: *A Manobra Político-Diplomática de Portugal na África Austral (1951-1974)*, Porto, IESM, Fronteira do Caos Editores, pp173-199 e Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2013), *O Acordo Secreto do Colonialismo: Portugal, África do Sul e Rodésia na última fase da guerra colonial*, Lisboa, Divina Comédia, pp. 78-81.

¹³⁶⁶ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 3, 09.05.1966.

¹³⁶⁷ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 3, 02.06.1966.

¹³⁶⁸ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 3, 16.05.1966.

¹³⁶⁹ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 3, 21.05.1966.

¹³⁷⁰ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 3, 21.05.1966.

¹³⁷¹ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 3, 21.05.1966; esta coesão existente nas tropas especiais está subjacente numa carta que Carlos escreve à mãe pedindo para receber um amigo fuzileiro que a irá visitar. Fuzileiros e paraquedistas “são como irmãos, este mōço quer ir a nossa casa para falar com você, para lhe dizer que estou bem, mas olhe os Fuzileiros também são malucos e querem é beber e comer, por isso a mãe, quando eles aí forem dê-lhes.” Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 6, 04.09.1967

Mês e meio depois, Carlos continua na Beira. À medida que o tempo passa, o militar vai dar conta do cansaço causado pela monotonia de uma missão sem a acção para a qual havia sido preparado:

eu já ando desejoso de ir ao mato.¹³⁷²

o caso que me trouxe há Beira já está completamente resolvido sem darmos um único tiro como vê só a nossa presença assusta qualquer tropa. ¹³⁷³

não à ninguém que consiga meter medo aos Pára-Quedistas¹³⁷⁴

estamos todos os dias à espera de ir para o mato ou ir para Angola porque isto aqui já aborrece, já estamos fartos da cidade e gostamos mais do mato pois fazemos tudo quanto queremos, só quem se aborrece connosco é os terroristas.¹³⁷⁵

Aparecem descrições do comportamento do grupo, provavelmente relacionadas com essa ausência de acção:

os tipos cá não nos dão o dinheiro todo porque quando temos muito dinheiro estragamos logo um café à porrada;

nós não pagamos nada nas entradas que é para não haver barulho (...) cantamos, assobiamos, e contamos anedotas. Falasse disto e daquilo recorda-se as nossas aventuras e discute-se bola e box principalmente aquelas partidas de luta livre e de box que nós travamos com os civis nos cafés quando nos aborrecem. ¹³⁷⁶

A monotonia decorrente de estarem estacionados numa zona de paz vai culminar na confissão por parte do militar de que não data as cartas porque “não sei a contas ando”.¹³⁷⁷ Apesar desta situação, a coesão do grupo, muito trabalhada na instrução das tropas especiais, garantirá a sua eficácia:

chego a perguntar a mim próprio se estou no Ultramar ou numa festa ou então numa companhia de malucos porque todos riem brincam pulam dasse cambalhotas jogasse ao murro bebe-se bom vinho e ainda melhor cerveja dorme-se umas noites aos mosquitos enfim é uma vida como igual não pode haver aqui todos somos amigos e o que um têm todos têm, ou todos ou nada, é assim a vida dos Pára-Quedistas portugueses (...) Até há quem diga que somos o diabo e um Deus ao mesmo tempo cada vez estou mais contente por ser Pára-Quedista.¹³⁷⁸

¹³⁷² Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 3, 02.06.1966.

¹³⁷³ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 3, 13.06.1966.

¹³⁷⁴ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 3, 02.06.1966.

¹³⁷⁵ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 4, 21.07.1966.

¹³⁷⁶ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 3, 13.06.1966.

¹³⁷⁷ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 4, 24.07.1966.

¹³⁷⁸ Carlos traz sempre consigo um papel, dobrado várias vezes, com a transcrição da letra da marcha do paraquedista, onde se enaltece esta ideia de grupo, corajoso e destemido: I Saltar, combater / P’ra

Em meados de Agosto, Carlos já se encontra novamente em Angola, onde vai encontrar amigos e conhecidos. Ao longo do tempo de permanência no território do qual não mais sairá até ao regresso à Metrópole, Carlos irá desvalorizar de forma recorrente o perigo:

no prazo de um mês já fui duas vezes ao mato mas não se assuste porque aquilo não é como dizem para aí¹³⁷⁹

esses rapazes que vem daqui e que nem sequer saíram da cidade dizem para aí coisas do arco da velha, porque eu já tive nos piores lugares e a maior parte das vezes nem sequer ouvimos um tiro como vê tudo quanto para aí dizem é mentira e só serve para assustar as pobres mães que têm filhos no Ultramar pois querem armar-se em heróis.¹³⁸⁰

Em Angola, os Pára-Quedistas continuam, segundo Carlos, a ser bem recebidos pela população branca:

eu sou um homem muito feliz, que embora as saudades sejam muitas, mas também muitas são as honras que nós temos cá, o mato não me assusta pois ir saltar ou ir ao mato é para nós a mesma coisa que irmos Para um baile ou uma festa, a nossa descontração é sempre a mesma¹³⁸¹

São olhados com admiração pela “tropa macaca”:

cada vez estou mais orgulhoso por ser Pára-Quedista pois quando passamos por acampamentos os rapazes do exército olhão-nos como se fossemos uns bichos raros.¹³⁸²

A passagem do tempo e a vida que levam na cidade quando regressam do mato vão trazer problemas ao grupo:

Sabe já tenho saudades de ir pra o mato e que na cidade não é vida para nós pois custuma-se dizer que bicho do campo não quer casa e assim estamos nós¹³⁸³

nós Pára-Quedistas estamos muito mal vistos e quase ninguém nos topam pois somos muito brutos e é por esta a razão que eu não vou ao encontro de ninguém.¹³⁸⁴

Carlos desvaloriza a ameaça que o inimigo representa para o corpo de tropas especiais em que se insere:

vencer ou P'ra morrer. / É o lema do Paraquedista / Não há vento não há nada / Que assuste a rapaziada / O ser Pára é sempre ter vista / II Com atenção vamos intervir / Preparar para partir / Pelo chão, pelo ar, / Com motor ou a marchar / O ser Pára é não ter rival / Quer na guerra quer na paz / na luta ele é um az / Conquistar-se o seu ideal / III Atenção vamos atacar / Preparar para saltar / Cantando assim, / Lutaremos sem fim / Pelo corpo que queremos honrar. Fundo R71.

¹³⁷⁹ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 4, 10.10.1966.

¹³⁸⁰ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 4, 06.11.1966.

¹³⁸¹ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 4, 19.10.1966.

¹³⁸² Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 5, 16.02.1967.

¹³⁸³ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 4, 28.11.1966.

¹³⁸⁴ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 4, 24.02.1967.

à dois anos e tal que em Angola não morre um Pára-Quedista porque é como lhe digo eles tem medo de nos atacar porque nós tudo quanto apanharmos matamos pois não temos cá com serimónias. (...) as missões para nós são uma paródia e quando se apanha algum turra é que é bonito... orgulhe-se do seu filho por ter uma missão tão honrosa.

Mãe eu sou uma pessoa muito feliz acima de tudo porque estou em Angola e sou Pára-Quedista aqui todos nos respeitam e nos temem.¹³⁸⁵

No dia em que escreveu a carta anterior à mãe, Carlos escreveu a um amigo contanto uma emboscada:

falar-te da minha vida por cá não é fácil pois como tu dizias e segundo os jornais a coisa por cá está um pouco agitada, eu não noto isso pois já estou habituado a andar sempre no barulho pois as nossas operações são sempre as mais, mas vou contarte como decorreu a minha última operação e da qual cheguei no dia 20, logo no primeiro dia sofremos uma emboscada e tivemos dois feridos fomos sempre atacados por armas automáticas e emboscadas bem feitas, mas para nós nada vale, depois fomos desencravar uma Companhia do exército que tinha caído numa emboscada, fomos só dois pelotões e os homens até ficaram gagos com a nossa maneira de actuar os tipos já lá estavam havia umas dez horas e nós para passarmos bastou dez minutos. Mas até agora esta foi a pior zona onde eu tenho estado.¹³⁸⁶

Sobre o inimigo, Carlos manifesta em várias cartas o desejo de matar um terrorista¹³⁸⁷ e de lhe cortar as orelhas:

os terroristas assim que nos veem fogem logo porque já nos conhecem e depois chamam-nos muitos nomes isto até dá vontade de rir, que eu ainda não perdi a esperança de cortar a orelha a um e ei-de guarda-la para recordação.¹³⁸⁸

Em Abril de 1967, Carlos escreve a vários correspondentes a dar notícia que matou um terrorista:

matei um Turra com dois tiros na cabeça e um nas costas, e não tive medo nem nonjo, e além destes ainda conseguimos matar mais três como vê nós os Páras é o que se queira fazemos tudo sem o mínimo de remorços¹³⁸⁹

Será em Maio de 1967 que Carlos vai referir pela primeira vez que está “ansioso para regressar”.¹³⁹⁰ A partir dessa altura a contagem do tempo que falta para o fim da comissão

¹³⁸⁵ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 4, 23.12.1966.

¹³⁸⁶ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 66, 23.12.1966.

¹³⁸⁷ Por exemplo, Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 4, 10.10.1966; 17.10.66; 20.12.1966.

¹³⁸⁸ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 4, 19.10.1966.

¹³⁸⁹ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 5, 09.04.1967.

¹³⁹⁰ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 5, 28.05.1967.

aparece com frequência,¹³⁹¹ associada à “pouca paciência para escrever”.¹³⁹² Avisa, numa das cartas, que quando regressar “é que vai ser bom porque eu estou completamente modado.”¹³⁹³ O tempo que vai decorrer até ao regresso será passado na cidade de Luanda:

Como sabe já não vou mais para o mato, pois já sou um pouco velhote na guerra e já fiz muitas operações no mato por isso me tiraram a mim e a outros, pois se em tantas operações nunca fomos feridos e agora para já não o sermos não vamos mais ao mato. (...) eu sou uma pessoa muito forte de espírito e sei que tenho que cá estar este tempo, não desmoralizo.¹³⁹⁴

Durante este tempo Carlos há-de confessar que “já tenho mesmo muitas saudades de dar uns tiritos.”¹³⁹⁵ É o único militar deste conjunto de acervos que escreve artigos patrióticos para os jornais. Numa carta expõe o seu pensamento a propósito das notícias, que a mãe lhe dá, acerca dos passeios que rapazes da sua terra e da sua idade foram dar a Espanha:

mãe eu sinto mais alegria por estar em África a defender o nome de Portugal do que estar em uma excursão a dar a volta ao mundo, certamente esses rapazes que passeiam noite e dia nunca sentiram nas mãos uma metrelhadora pronta a brutar fogo e no corpo uma farda suja e rota uma farda Portuguesa como só os Pára-Quedistas a sabem envergar eles minha mãe nunca sentiram a honra e a responsabilidade de uma farda como a minha; nunca sentiram a honra e a responsabilidade de uma Nação que confia em nós como um Deus, esses rapazes que passeiam nunca sentiram a honra de ouvir da boca de um ministro ou seja do sr. Governador as seguintes palavras: O mundo temos olhos postos na Beira e vós Pára-Quedistas soes a Beira. Depois de dizer estas palavras abraçou um por um, ele como todos confiam em nós na guerra porque todos sabem que nós nunca esmorecemos mesmo nos momentos mais tristes da nossa vida é por este ponto de vista que me sinto mais alegre do que os rapazes que gozam a vida esquecendo que em Angola, Moçambique ou Guiné militares de Portugal derramam o próprio sangue em Defesa desse povo inocente e em defesa também desse povo Metropolitano que dorme tranquilo nas camas enquanto nós atraveçamos as matas Africanas¹³⁹⁶

Sobre estes rapazes que não querem ir para a guerra, Carlos apresenta a autoridade da sua experiência:

¹³⁹¹ Por exemplo, quando faltam 8 meses, Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 6, 01.07.1967; 6 meses, Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 6, 08.10.1967; 4 meses, Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 6, 18.12.1967; 85 dias, Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 7, 20.01.1968; 54 dias, Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 7, 21.02.1968; a comissão terá terminado a 15 de abril e Carlos escreve à mãe dizendo que embarcará a qualquer momento pois aguardam a rendição, Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 7, 01.05.1968.

¹³⁹² Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 7, 21.02.1968.

¹³⁹³ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 6, 18.12.1967

¹³⁹⁴ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 6, 01.07.1967

¹³⁹⁵ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 6, 08.10.1967

¹³⁹⁶ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 1, s/data, provavelmente 1966.

Pelo que vejo essa malta daí anda tudo em movimento, mas diga-lhe que tinha vergonha de dar um passo sequer para fugir à tropa, considero um acto de cobardia e de medo¹³⁹⁷

eu já andei no mato, já matei um turra e eles nunca mataram um mosquito¹³⁹⁸

quem quiser saber como é Angola que venha para cá, mas para as matas para onde eu fui.¹³⁹⁹

Carlos correspondeu-se também com amigos, alguns dos quais seriam, entretanto, mobilizados. Nas missivas recebidas é possível encontrar alguma retórica patriótica, rara nos outros acervos. Um dos amigos fala da situação dos seus três irmãos já envolvidos na guerra:

Que importa que eu tivesse um irmão que morreu em Angola coberto de Glória e na qual pertenceu aos Corajosos Pelotões Fantasmas? Que emporta que um outro se encontra algures na nossa Angola que morra como o primeiro? Quem me emporta que este seja como o espero Paraquedista e que morra em defesa da nossa Querida Pátria? Eu também fui bom soldado e estarei pronto se a Pátria me chamar e defender-lha em toda a parte não me emportando de morrer como o 1º e ficar ao lado da campa dele no Quitexe. (...) desejo ao meu Amigo que na nossa Angola seja feliz durante a sua comição de serviço e não se esqueça nunca que acima de tudo a nossa querida PÁTRIA.¹⁴⁰⁰

Dois amigos escrevem a meias uma carta a Carlos onde fazem também um discurso de teor semelhante:

de forma alguma poderia ficar indiferente a estes dias gloriosos para toda a comunidade Portuguesa, já que todos Vós se estão esforçando por conservar os gloriosos recantos da História e da nossa geografia através da África, Ásia e Oceania e todos Vós bem longe da Mãe Pátria, devem manter sempre bem vivas as saudades dos vossos familiares e amigos em geral. (...) Sinceramente é ingrata a posição de Vós todos até porque segundo o que tenho lido nos jornais, todos os nossos inimigos, se estão esforçando, por nos reduzir à ínfima espécie, mas ou me engano, ou muito eles se têm de morder, para o conseguir. (...)

vocês que aí lutam pela sobrevivência da nossa querida Pátria, dando o melhor do vosso esforço. Enfim agora tu, daqui por uns anos eu, não fazemos mais do que o nosso dever, tudo ou mais do que isso já fizeram os nossos velhos antepassados, como Camões, Diogo Cão, Afonso Henriques e tantos outros insignes homens portugueses depois de tantos séculos de lutas, depois de tantas e tantas vidas perdidas na conquista dessa África seria justo renuncia à luta? Não. Seria atraiçoar a nossa bela história que os nossos escreveram, com rios de sangue. São precisos sacrifícios é verdade mas é um dever.¹⁴⁰¹

Dois outros amigos escrevem com menos solenidade sobre a defesa da Pátria:

¹³⁹⁷ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 5, 09.04.1967

¹³⁹⁸ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 6, 25.07.1967

¹³⁹⁹ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 6, 10.08.1967

¹⁴⁰⁰ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 66, 05.01.1966.

¹⁴⁰¹ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 66, 17.12.1966.

aquele velho que tantas vezes andou metido em farras eu sei lá; e que agora luta pela Integridade Nacional dando talvez os melhores anos da sua vida”

é um dever nósso é defender a nósso Pátria ou seja servir o nósso Querido Portugal.¹⁴⁰²

Nas cartas recebidas por Carlos surge, com frequência, uma questão colocada por diversos correspondentes cujo objetivo é saber quantos “pretos” já matou.¹⁴⁰³

O primo, estudante, pergunta: “tens feito muitos saltos, e morto muitos pretos? - Olha, se queres dar ao gatilho aproveita em quanto ai estão.”¹⁴⁰⁴ Um amigo, mobilizado em Nampula, Moçambique, deseja “que vás matando mais uns pretos, e não aconteça ao contrário”,¹⁴⁰⁵ enquanto outro, prestes a partir para a guerra escreve: “Vê lá se não deixas por aí muitos para mim”.¹⁴⁰⁶

Os militares mobilizados dão a Carlos informações sobre a situação em que se encontram. Um deles, seu primo, está no corpo de marinheiros e parte para Moçambique, indo para Nampula como sub-chefe:

Primo isto aqui é formidável, não faço quase nada, aqui nem sequer marujos há temos apenas 5, temos por nossa conta um chalé com uma classe, que a marinha tem alugado, e é onde trabalho, melhor unidade não arranjará.¹⁴⁰⁷

Este primo vai enaltecendo a vida sossegada que leva mas faz notar a Carlos os trabalhos que passam os fuzileiros e os pára-quedaistas que estão em Moçambique:

Respondendo a uma frase tua em que dizias que em 10 meses tiveste 9 operações o que direi eu, não de mim, mas dos fuzileiros, e dou-te por exemplo o destacamento nº12 que acabou agora a comissão está de regresso à metrópole que fez à volta de 100 operações, e todas elas onde há turras¹⁴⁰⁸

Sobre os “paras” de Nacala dirá: “os teus colegas não estão a safarem-se muito bem baixas não tenho a certeza se têm, mas feridos tem muitos, isto aqui não está nada bom.” Carlos irá receber outras notícias sobre o agravamento da situação militar em “Nacala City”, como lhe chama um outro amigo:

Isto aqui é só estiva comer é só desgraça água é um castigo, e quanto a guerra é aquela conta macaca, come-se porrada que é o que se queira, como sabes a nossa companhia sofreu um

¹⁴⁰² Respetivamente, Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 06.05.1967 e documento 70, 10.01.1968.

¹⁴⁰³ Por exemplo, Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 1, 24.01.1967; série 3, documento 24, 08.07.1966 e 08.08.1966, documento 25, 30.07.1967; caixa 58, série 7, documento 68, 30.06.1967.

¹⁴⁰⁴ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 1, 24.01.1967.

¹⁴⁰⁵ Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 25, 11.05.1967.

¹⁴⁰⁶ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 30.06.1967.

¹⁴⁰⁷ Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 24, 09.08.1966.

¹⁴⁰⁸ Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 25, 18.06.1967.

emboscada que foi um arraial de fogo: granadas defensivas comandadas, bazucadas tiroteio infernal tinham 50 abrigos e toda a companhia ficou na zona de morte.¹⁴⁰⁹

Carlos terá como correspondente um outro amigo mobilizado para Angola:

Amigo, isto aqui vai indo menos mal, cheguei ontem do mato numa operação de 6 dias e já é a terceira que faço, temos matado sempre mas estes malditos nunca mais acabam. Desde que estou aqui só morreu um rapaz de 64 tu não conheces.¹⁴¹⁰

Um outro amigo, também mobilizado descreve o local em que se encontra:

um destacamento isolado dentro do mato sem comunicações mas onde se respira paz e sossego e onde penso passar uns bons meses. Agora também não saio para o mato pois tenho trabalho de carpintaria e o capitão não me deixa sair do destacamento e ainda bem sempre se corre menos perigo.¹⁴¹¹

Mobilizado no Leste em Angola, na altura em que esta frente estava particularmente activa, um outro amigo conta a Carlos os trabalhos em que está envolvido:

saí dez dias para fora arranjar pontes que foram queimadas pelos turras foi essa a razão que não te escrevi há mais tempo. Olha com respeito a isto não ter melhoras nenhuma está sempre na mesma.¹⁴¹²

Olhando para o conjunto de amigos mobilizados com quem Carlos se correspondeu, verificamos que os assuntos dominantes presentes nas cartas recebidas não têm a ver diretamente com a situação militar. Prendem-se mais com a questão das mulheres e a necessidade da vida sexual, o local onde se encontram, como passam o tempo, havendo aqui muitas referências a excessos de álcool. O que se diz da guerra é escasso e pouco desenvolvido, apresentando ideias também comuns a outros acervos: a necessidade de obedecer aos superiores, a progressiva mobilização de todos os conhecidos da mesma idade, a contagem do tempo para o regresso e o que fazer para que esse tempo passe sem nada acontecer:

como não somos nós que mandamos, temos que fazer o que eles dizem!¹⁴¹³

já viste que rapazes da nossa idade não está nenhum lá na nossa terra¹⁴¹⁴

¹⁴⁰⁹ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 69, 18.09.1967; a zona de morte é o local onde se imobiliza e ataca o inimigo, pensada quando se planeia o dispositivo necessário e o local para realizar uma emboscada. <http://www.guerracolonial.org/index.php?content=376> (consultado em Junho de 2017).

¹⁴¹⁰ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 66, 08.07.1965.

¹⁴¹¹ Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 25, 23.07.1968.

¹⁴¹² Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 16.04.1967.

¹⁴¹³ Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 23, 30.04.1964.

só faltam 19 dias para eu me vêr livre disto¹⁴¹⁵

aqui não a nada por enquanto esto e preciso e calma que tudo se ade paçar eu estou perto de uma baz aeria¹⁴¹⁶; olha este por emcoante não vai mal se deus cizer este tudo passa apessizo e curajem¹⁴¹⁷

Carlos eu estou encarregado do bar do sargento agora é que não faço nada nem guardas nem nada os outros lá andam a fazelas como vê sou aquele engrachador como os outros dizem e eu digo é preciso é saber safar-se derresto que se foda.¹⁴¹⁸

cá vou andando ainda assim aqui não é tão mau como dizem.¹⁴¹⁹ diz que a vida por lá não é tão má como por aqui a pintam e ainda bem.¹⁴²⁰

Olha eu isto por enquanto ainda vai continuando bem se for sempre assim não vai mau¹⁴²¹

Carlos regressou de avião, provavelmente, em Junho de 1968. De acordo com cartas de dois amigos, cerca de 3 meses antes terá estado internado no Hospital Militar de Luanda, facto nunca falado com a família e namoradas. O internamento terá sido em razão dos “nervos”¹⁴²² e a principal preocupação dos amigos era que saísse depressa da “pessilga do hospital porque aí é que tu te punhas maluco.”¹⁴²³ No regresso, foi desmobilizado e voltou à vida civil, tendo casado algum tempo depois.

I.6 GUINÉ 1967-1970, QUE A TAMANHAS EMPRESAS SE OFERECE

Não pudémos determinar a data em que Francisco chega à Guiné, sabendo apenas que em Janeiro de 1967 estava no quartel, em Brá, localidade a nordeste de Bissau, a capital da província. Num aerograma escrito em Fevereiro, a mulher, Fátima, refere que já não o vê há 5 meses, tendo a partida sido, talvez, em Setembro de 1966.¹⁴²⁴

¹⁴¹⁴ Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 25, 11.11.1967; com esta constatação há muitas missivas. Entre vários exemplos, Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 06.05.1967; documento 69, 04.11.1967.

¹⁴¹⁵ Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 25, 22.08.1967.

¹⁴¹⁶ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 07.01.1967.

¹⁴¹⁷ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 27.04.1967.

¹⁴¹⁸ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 68, 13.08.1967.

¹⁴¹⁹ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 70, 22.01.1968.

¹⁴²⁰ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 70, 23.02.1968.

¹⁴²¹ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 70, 01.05.1968.

¹⁴²² Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 70, 07.03.1968.

¹⁴²³ Fundo R71, caixa 58, série 7, documento 70, 01.03.1968.

¹⁴²⁴ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 2, 12.02.1967.

Francisco chega à Guiné numa altura em que a situação militar se degrada continuamente, apesar do constante aumento de efectivos portugueses, que passam para 25 000 em 1967. O PAIGC havia criado um Conselho de Guerra que coordenava a actuação da guerrilha nas três frentes, Sul, Norte e Leste, apresentando-se mais disciplinado, fortemente moralizado e com maior potência de fogo. As facilidades que lhe são dadas pelo Senegal e pela Guiné Conacri, com quem tem fronteira, e a ajuda militar de Cuba, através da presença no terreno de instrutores cubanos, levam à constituição de agrupamentos flexíveis, extremamente eficazes, ao aumento da actividade operacional e a um maior controle sobre o território.¹⁴²⁵

O número de efectivos nos territórios em guerra continuava a aumentar, recorrendo-se cada vez mais à incorporação de indivíduos oriundos das colónias. As tropas portuguesas desmoralizavam. Em Maio de 1967, o resultado de um inquérito feito a 70 oficiais do quadro permanente mobilizados para África, alguns dos quais para a segunda comissão militar, é esclarecedor: os oficiais estavam conscientes da gravidade da situação que tendia a piorar e não vislumbravam uma solução digna que não fizesse das Forças Armadas os responsáveis pelo desenlace que se avizinhava, a derrota inevitável. Os dirigentes políticos do país não pareciam estar a aproveitar o tempo que a manobra militar permitia para encontrar a solução negociada com todas as partes em conflito.¹⁴²⁶

Em termos internacionais, apesar do questionamento constante da política colonial portuguesa, os efeitos da contestação não se fazem sentir com muita veemência. Como refere Sanchez Cervelló, “apesar de toda a retórica, a política portuguesa contava com apoios sólidos.”¹⁴²⁷

¹⁴²⁵ Sánchez Cervelló, Josep (2009), “1967 Projectos em África: Cahora Bassa e Cunene”, em Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes, *Os anos da guerra colonial, 1967 – África para sempre*, Volume 8, Matosinhos, QuidNovi, pp. 104-105.

¹⁴²⁶ Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2009) (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1967 – África para sempre*, volume 8, Matosinhos, QuidNovi, pp.23-24. É muito esclarecedor o conteúdo de uma resposta ao inquérito referido, citada por estes autores, como exemplo do sentido mais comum das respostas dos militares: “No decorrer do 7º ano de guerra verificamos que não só a Política não obteve êxitos dignos de nota, tanto no campo interno como externo, como ainda as Forças Armadas, em número reduzido e com carências materiais de todos conhecidas, não têm podido, ao longo deste período, manter mais que uma situação que, embora permitindo a vida normal das populações em certas áreas, não resolve de forma alguma o problema de base, que é eliminar os movimentos terroristas. Desta forma e porque o tempo conta a favor dos elementos da subversão, não se vislumbra que a situação possa evoluir favoravelmente, a manterem-se os actuais condicionamentos políticomilitares.”, idem p.24.

¹⁴²⁷ Desta ambivalência diplomática face a Portugal são exemplo as votações de disposições contra Portugal e a sua política colonial. A questão da guerra fria desempenhava um papel determinante para o

Francisco é um soldado sapador que vai prestar serviço militar em Brá, integrando-se na Companhia Mista de Engenharia do Batalhão de Engenharia. De início, ainda na Metrópole, tenta fugir à mobilização tendo sido detido e cumprido pena em Lisboa.¹⁴²⁸ Enviado para a Guiné, cumprirá a comissão militar com agravamento de tempo devido ao seu comportamento. Ficamos a saber, através de correspondência recebida, que Francisco será novamente detido na Guiné por desobediência aos superiores.¹⁴²⁹ Terá iniciado a comissão no final de 1966 e ainda estava na província em Março de 1970.

Não existe história detalhada desta unidade a que Francisco pertenceu, estando a Companhia integrada num Batalhão em permanência continuada na Guiné, desde o início da guerra, com rendição individual dos seus elementos.¹⁴³⁰

O militar depositou 170 documentos, dos quais 30 cartas e 140 aerogramas. Escrita por si, há apenas uma carta destinada à sua jovem mulher, com a qual não voltará a viver após o regresso. A existência desta carta deve-se ao facto de ter sido devolvida do hospital onde a mulher havia estado internada. A maioria da correspondência depositada foi escrita pela mulher, 76 missivas. Segue-se a mãe com 44. Há correspondência trocada com outros membros da família e com amigos, alguns também mobilizados, conforme evidenciado no Anexo B: Quadros B.15 e B.16. Será pelas palavras de outros que vamos ter algum conhecimento sobre esta comissão, embora a maior parte das missivas depositadas se debrucem sobre a falta de dinheiro e a pobreza em que vivem na aldeia, sobre a doença e, principalmente, acerca das disputas familiares tendo como centro, Fátima, a sua jovem mulher.

evoluir destes apoios, com frequência dissimulados. Sobre esse assunto ver, entre outros, Silva, Duarte (1995), “O litígio entre Portugal e a ONU (1960-1974)”, *Análise Social*, vol.xxx (130), pp. 5-50.

Sánchez Cervelló, Josep (2009), “1967 Projectos em África: Cahora Bassa e Cunene”, em Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes, *Os anos da guerra colonial, 1967 – África para sempre*, Volume 8, Matosinhos, QuidNovi, p.99.

¹⁴²⁸ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 2, 02.02.1967 e 14.03.1967; documento 3, 26.03.1967; documento 4, 22.04.1967.

¹⁴²⁹ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 10, 17.10.1967

¹⁴³⁰ O Batalhão de Engenharia da Guiné foi criado oficialmente a 30 de Junho de 1964, integrando o Comando da Engenharia, a Companhia Mista de Engenharia 447 e o Serviço de Fortificações e Obras Militares, estruturas que desde o início da guerra, em 1963, já existiam no território, embora com uma organização mais incipiente e menos recursos. Sobre a história deste Batalhão e a importância da sua missão ver, de vários autores e coordenação do Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar, A.A.V.V. (2014), *A Engenharia Militar na Guiné, O Batalhão de Engenharia*, Lisboa, Direcção de Infra-Estruturas do Exército. Ver também Pires, Nuno Lemos, *A participação da Engenharia Militar nas Campanhas de África: o caso da Guiné*, https://www.academia.edu/9894951/A_participação_da_Engenharria_Militar_nas_Campanhas_de_África_o_caso_da_Guiné (consultado em Maio de 2017)

São sete os militares com quem Francisco se terá correspondido: um primo e um irmão, mobilizados respectivamente para Moçambique e Angola, quatro amigos a cumprir serviço na Guiné e um outro em Angola.

Francisco depositou 4 aerogramas escritos pelo primo, destacado em Mocimboa da Praia, Moçambique. À semelhança de outros militares, o primo deseja “que tudo ocorra da melhor maneira tanto para mim como para todos os meus colegas não e amigo quantos as novidades daqui e como aí e sempre mato amigo”. O que passam é uma “mição que temos de cumprir” e informa-o que tem “tido imbruscadas mas graças a Deus temos tido boa sorte”.¹⁴³¹ Três meses mais tarde, novo aerograma traz notícias que correspondem a um agravamento da situação militar na zona onde se encontra¹⁴³²:

quanto as operações de mato olha nos aqui estamos como to ai e quase todos os dias que a gente sai mas ateir temos tido sorte mas no meio disto tambem temos tido asar ja temos uma porrada de feridos e dois mortos mas isto tem sido uma desgraça mas no meio disto o que a gente quer e ter sorte e saude não é verdade. (...) o que a gente quere e levar os ossos direitos não primo¹⁴³³

Os dois últimos aerogramas não nos dão informações sobre a situação militar em que o primo se encontra. Neles ficamos a saber que Francisco esteve internado, na sequência de uma operação militar: “dizias to que por causa do Cruz de guerra que istas no Ospital”.¹⁴³⁴ Acerca deste incidente, Fátima há-de referir num aerograma que lhe escreve que sabe que ele foi ferido numa operação.¹⁴³⁵ A mãe abordará também este assunto:

mandas-te dizer que tiveste um louvor isso é que foi bom também que apanhas-te dois castigos isso é que foi mau olha não foi por ires à missa duas vezes¹⁴³⁶

A questão dos castigos há-de ser abordada por amigos e familiares. Todos lamentam o comportamento de Francisco antevendo problemas no futuro. Um amigo, também mobilizado, dá-lhe conselhos:

então já apanhastes 15 dias de prisão e que ainda estas a espera de outro olho lá to não te (palavra ilegível) destas coisas tem calmo nisso senão nunca mais sais da tropa e alem disso pensa que

¹⁴³¹ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 7, 27.07.1967.

¹⁴³² Nesta altura, no distrito de Cabo Delgado onde se situa Mocimboa da Praia, era grande a actividade da FRELIMO e estava muito disseminada, aproveitando a proximidade da Tanzânia para apoio logístico. Os guerrilheiros atacavam aquartelamentos e os itinerários habituais das tropas portuguesas, minando o terreno com engenhos de grande potência. Sánchez Cervelló, Josep (2009), “1967 Projectos em África: Cahora Bassa e Cunene”, em Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes, *Os anos da guerra colonial, 1967 – África para sempre*, Volume 8, Matosinhos, QuidNovi, p.103-104.

¹⁴³³ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 10, 17.10.1967.

¹⁴³⁴ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 13, 20.01.1968.

¹⁴³⁵ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 14, 06.02.1968.

¹⁴³⁶ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 21, 02.12.1968

tens uma mulher em casa saber que andas no prisão (...) tem quidado não refíles aos superiores nem o qualquer outras pessoas paro levar a Cruz ao calbario.¹⁴³⁷

Uma senhora amiga irá escrever-lhe sobre a necessidade de ter a caderneta militar limpa, sem a qual “nem para varredor da ruas dava.” Encoraja-o:

é obrigação para defender a nossa Pátria, porque se não formos nós os Portugueses, quem é que vinha defendela, eu acho que cada qual defende aquilo que é nosso não acha?¹⁴³⁸

Não foi possível confirmar que o militar tenha recebido qualquer condecoração na sequência da operação em que terá sido ferido.¹⁴³⁹ Existe no seu acervo um louvor em seu nome, em que o Comandante Militar da província “atesta o seu apreço pelos serviços prestados à Pátria na Província da Guiné.”¹⁴⁴⁰

Da Guiné, sector de Mansôa, Francisco há-de receber um aerograma de um amigo:

“Pois eu cá me encontro em Jabadá no meio da guerra e na continuação das operações as quais são muito ruins de fazer porque as bolanhas estão cheias e um homem enterra-sse de água até ao pescosso mas no meio disto tudo o que se quer é sorte e tempo passado não é verdade?”¹⁴⁴¹

Outro amigo, na mesma altura em Farim, norte da Guiné, junto ao rio Cacheu, descreverá desta forma a situação:

“Francisco também te tenho a dizer que logo que eu aqui cheguei passado dois dias tivemos aqui um ataque aonde tivemos um morto e um ferido aonde ouve manga de purrada, começou ás seis e meia da manhã, e só acabou já eram onse e meia ouve aqui manga de chatice mas a mim não me tocou nada, graças a Deus.”¹⁴⁴²

Neste aerograma vamos também saber que Francisco, pastor na sua aldeia, esteve durante algum tempo a guardar gado em Brá:

¹⁴³⁷ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 10, 17.10.1967.

¹⁴³⁸ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 3, 26.03.1967

¹⁴³⁹ Foram consultadas as listas dos condecorados na Guiné relativamente aos anos de 1967 e 68 e o nome de Francisco não aparece entre os militares condecorados com medalhas militares. http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=149O4F8I14289.9099&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionsummary&uri=full=3100024~!213371~!0&ri=2&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=resenha+historico&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=2&limitbox_6=LOC01+=+BDE.

¹⁴⁴⁰ Este louvor tem a data de 8 de Janeiro de 1969. Fundo R53, caixa 26.

¹⁴⁴¹ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 9, 09.09.1967; as bolanhas são matas densas cercadas de pântanos que dificultavam muito a deslocação das tropas portuguesas.

¹⁴⁴² Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 4, 03.04.1967.

“Então Francisco ainda continuas a guardar gado, pois ainda deves de o andar a guardar pois tu gostas disso que tu já na terra andavas sempre a guardar gado, e por isso mesmo deves gostar disso.”¹⁴⁴³

A mãe mostra-se contente por este facto impedir o filho de ir para o mato combater: “mandaste-me dizer que o teu modebida é guardar o gado bom trabalho é siquer não bais para a mata ao porcuara do inimigos”¹⁴⁴⁴

No entanto, este “modo de vida” vai terminar e Francisco entra em operações, tendo sido ferido, como já foi referido. Mais tarde, um aerograma da mãe há-de dar conta das informações de Francisco sobre o agravamento da situação militar: “mandas-te dizer que isso ai que estava cada vez mas mau olha deus queira que não tenhas prigo que agora o tempo já falta pouco”¹⁴⁴⁵

Em 1970, perto do fim da comissão, Francisco terá dito a um amigo que a Guiné “não entreça a ninguém”.¹⁴⁴⁶

Sorte e tempo passado será também o que deseja o irmão de Francisco, mobilizado no Norte de Angola em Setembro de 1971, na zona de Quixico. Sobre a sua situação escreve: “com respeito á minha vida da tropa tudo tem corrido bém na forma do costume graças a Deus o que é preciso é saúde e graças de Deus não é verdade mano”. De acordo com a mesma carta, refere um conselho dado por Francisco:

dizes tu para eu nunca me oferecer voluntário para nada, lha mano eu já assim tenho feito, costuma-se-a dizer que voluntário ném para comer.¹⁴⁴⁷

Sete meses depois, concluirá:

“temos que nos mentalizar que estamos na vida da tropa; Mas entendo eu, que se Deus quizer esta triste vida do Soldado Português ade acabar um dia, Não é verdade Mano;”¹⁴⁴⁸

Faltavam ainda dois anos para o fim da “triste vida do soldado português” como o irmão de Francisco chamou à comissão militar.

¹⁴⁴³ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 4, 03.04.1967.

¹⁴⁴⁴ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 6, 01.06.1967.

¹⁴⁴⁵ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 14, 06.02.1968.

¹⁴⁴⁶ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 23, 05.02.1970.

¹⁴⁴⁷ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 24, 02.09.1971.

¹⁴⁴⁸ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 25, 09.04.1972.

I.7 ANGOLA 1967-1969, A PATRIA HONRAE QUE A PATRIA VOS CONTEMPLA

Estamos em Novembro de 1966. Mário está na Marinha há quatro anos. Alistou-se como voluntário em 1962, com 20 anos de idade, para melhorar a vida de dificuldades que levava. É marinheiro fogueiro e é da base naval do Alfeite que, no dia 11 desse mês, escreve uma carta para a mulher anunciando que “para o fim do ano princípio do outro talvez seja certo”, partirá para o ultramar.¹⁴⁴⁹ No centro das suas preocupações está a ausência que se aproxima de 24 meses e a falta que fará à mulher e, principalmente, à filha pequena: “só espero chegar um dia a casa e que ela me reconheça e me abrace é o meu maior desejo que ela me conheça.”¹⁴⁵⁰

Mário partirá para Angola, no navio Vera Cruz, uns meses depois, em Fevereiro de 1967. Regressará no navio Niassa que sairá de Luanda no início de Abril de 1969, tendo sido desmobilizado uns meses mais tarde, totalizando 6 anos de serviço na Marinha. Com a mulher trocará a quase totalidade da correspondência depositada, relativa aos dois anos de permanência em Angola.

Quando Mário chega a Angola, o dispositivo da Marinha estava estabilizado desde 1964, após ter sido progressivamente reforçado desde o início da guerra. Nessa altura, em 1961, era manifestamente insuficiente não só para atender às necessidades propriamente militares como também para vigiar a grande extensão de costa das províncias ultramarinas em guerra.

Em 28 de Fevereiro, Mário já está em Luanda e escreve à mulher dando as primeiras impressões:

Querida já tenho algumas coisas a contar-te desta terra, mal cheguei à base encontrei vários rapazes conhecidos e, à noite saí com eles fomos até Luanda, pois que a base fica numa ilha perto (...) sim Luanda é uma cidade encantadora mas não me iludiu, aqui perto da base vêsse muitas sanzalas de pretos feitas de madeira, e de palha, e trabalham muitos pretos cá dentro da base, que muitos segundo o que dizem são ou foram terroristas, mas cá para nós são todos¹⁴⁵¹

Mário embarca em Março no NRP Boavista. As Forças Armadas estão de prevenção:

é dia sim dia não de serviço, o motivo é que faz anos que reventou o terrorismo anda tudo em postos reforçados e bem armados, mas nada tem acontecido graças a Deus.¹⁴⁵²

Durante a comissão em Angola, Mário irá escrever com regularidade, conforme se pode ver nos anexos B.17 e B.18. Os assuntos principais estarão relacionados com o afastamento de casa - as saudades, o ciúme, os conflitos com a mãe dele, com quem a mulher e a filha ficaram a viver –, as dificuldades da vida - o dinheiro e as prestações - e o futuro. Raras vezes

¹⁴⁴⁹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 1, 11.11.1966.

¹⁴⁵⁰ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 1, 24.09.1966.

¹⁴⁵¹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 28.02.1967.

¹⁴⁵² Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 17.03.1967.

abordará a questão da guerra e do inimigo, informando a mulher das suas deslocações, a que chama cruzeiros e sobre os trabalhos que tem de fazer no navio. Em toda a correspondência depositada refere quatro mudanças, tendo estado designadamente nos navios patrulha NRP S. Tomé, NRP Príncipe e no NRP Madeira, onde terminou a comissão.¹⁴⁵³

Ao chegar a Angola, Mário começa por informar a mulher que não quer que se saiba que ele está no ultramar: “é para te evitar complicações, na maneira de te perseguirem e também por causa de complicações pela (pide) O.K.”¹⁴⁵⁴ Esta ideia de complicações não explícitas irá aparecer mais tarde na correspondência, associada a algo de que não se pode falar às claras:

acabamos de chegar a Luanda após 8 dias de ausência sem paragem (...) este cruzeiro foi o pior que cá passei em Angola e ainda não terminei só terssa feira, depois terei imensas coisas a te contar até vais ficar de boca aberta, mas não pode ser por carta.¹⁴⁵⁵

Mário explica que o destino das viagens apenas é conhecido quando se sai para o mar¹⁴⁵⁶ e passa também a ideia de que onde está nada se sabe verdadeiramente sobre a guerra:

o que é que se conta aí quero que me contes promonorizado, pois que aqui náda se sabe, pedes-me para ter cuidado e não dizer náda o quê pois que náda sei e náda contas para eu saber, espero na próxima já poder ler o que aí se diz de cá O.K.¹⁴⁵⁷

Sobre o seu trabalho dirá que quem manda o põe a fazer tarefas que não lhe pertencem, desde limpar o tanque de combustível ao de rancheiro:

um trabalho que nunca passei por tal... olha foi suar por quantas tinha, cá já fazem de nós pretos, é bem amargurado o dinheiro que se cá ganha,¹⁴⁵⁸:

este imediato é maluco, pôs os rancheiros a fazer fachinas à cosinha pois que à falta de pessoal, e eu como marinheiro não me compete fazer tais serviços olha, falei mas não valeu de nada¹⁴⁵⁹

Dá a ideia do mau estado e condições em que se encontram os navios, que têm nessa altura 25 anos. Em Junho de 1967 o NRP Boavista vai à desinfecção: “já não era sem tempo,

¹⁴⁵³ Respectivamente, Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 02.12.1967; documento 3, 18.06.1968 e 24.01.1968; documento 4, 26.01.1969. Estes navios patrulha de 357 toneladas, 52,9 metros de comprimento e 62 tripulantes, foram construídos nos EUA nos anos 40, adquiridos em 1949 e abatidos ao serviço entre 1967 e 1970. Ver Figuras A.10 e A.11.

¹⁴⁵⁴ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 24.03.1967.

¹⁴⁵⁵ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 14.12.1968.

¹⁴⁵⁶ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 24.03.1968.

¹⁴⁵⁷ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 29.09.1968.

¹⁴⁵⁸ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 20.04.1967.

¹⁴⁵⁹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 13.04.1967.

pois que na hora da refeição tinha-mos por companhia baratas pela mesa”.¹⁴⁶⁰ As avarias são muitas:

tenho tido uma preocupação imensa, pois que estes motores estão velhos e todo o cuidado é pouco sabes isto cá para nós, só, estes patrulhas estão a cair de velhos está tudo podre fartamo-nos de trabalhar e não se vê nada na aparência de fora estão bons mas nós é que sabemos do resto.”¹⁴⁶¹

Ao longo da comissão Mário informará a mulher sobre as viagens que o navio em que se encontra embarcado realiza, principalmente de patrulhamento da costa angolana, de escolta de navios militares, quer para norte quer para sul de Luanda, e de transporte de tropas: “temos navegado dia e noite e até a transportar magalas, e hoje trouxemos um carregamento deles.”¹⁴⁶² Conforme refere, “o que nos safa é o mar ser mais ou menos bom.”¹⁴⁶³ Para norte navegam até à zona de Nóqui na fronteira com o Congo: “só se vê magalas e pretos nada mais é que nem pretas desgraçados dos magalas, aí encontrei vários rapazes do Porto.”¹⁴⁶⁴ Por vezes o navio transporta material:

cá andamos também a carregar mercadoria, magalas, e pretos para o Norte e trazemos também para Luanda torna-se chato um navio tão pequeno com tanta gente e mercadoria, enfim é a psico¹⁴⁶⁵

Para sul, navegam até à cidade de Lobito que “vista do mar é muito bonita” e vão buscar fuzileiros para os levar de volta a Luanda. Com a abertura da frente Leste, em 1966, o transporte de tropas e material para a zona far-se-á, algumas vezes, e em parte, também por mar:

nós viemos a Luanda vuscar material para levar para o Leste, material para levar para os fuzileiros são motores c/ os botes, mas como não podemos ir ao Leste porque não á mar levamos até ao Lobito e daí irá de comboio ¹⁴⁶⁶

Descreve também a ida à foz do Cunene e a passagem por Moçâmedes e Porto Alexandre. Sobre a guerra escreverá duas vezes até ao final da comissão, respondendo desta forma às preocupações da mulher:

¹⁴⁶⁰ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 10.06.1967.

¹⁴⁶¹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 07.10.1967.

¹⁴⁶² Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 05.08.1967.

¹⁴⁶³ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 01.06.1967.

¹⁴⁶⁴ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 06.06.1967.

¹⁴⁶⁵ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 12.10.1968.

¹⁴⁶⁶ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 03.04.1968. O transporte de fuzileiros entre o leste e Luanda irá ser referido noutras cartas, como, por exemplo, a missiva datada de 14.03.69, documento 4 da mesma série, onde Mário dirá: “largamos hoje às 8 horas da manhã para Moçâmedes levamos a bordo 65 fuzileiros que vão para o leste”.

só fazemos patrulhas no mar claro, com respeito a terroristas à os em toda a parte até mesmo em Luanda, mas não nós não entramos em combates só em caso de muita muita necessidade, portanto podes estar descansada¹⁴⁶⁷

Com respeito á guerra não te preocupes pois que fica longe de nós pois que ela é em terra e nós andamos no mar, só quando á muita necessidade é que vamos a terra mas é ráro nós andamos cá mais para guardar a costa” ¹⁴⁶⁸

Ao longo da comissão, Mário vai confessar-se saturado e irá referir três vezes o uso de comprimidos para os nervos, chegando a tomar “6 pastilhas por dia”.¹⁴⁶⁹ Escreve com frequência sobre o seu desejo de sair da Marinha. A distância de casa e o tempo de afastamento torna-o ansioso e leva a uma relação difícil com os superiores:

neste momento estou com uma depressão nervosa bastante grande ontem respondi torto e tratei mal o meu imediato, já lhe confessei o meu erro e o que me trás assim, mesmo assim estou à espera de sentença¹⁴⁷⁰

Sobre o imediato dirá:

é uma vesta é maluco vê lá tu que por uma coisinha de nada este filho da mãe dele ofereceu-me na cara, ai que pena eu tenho de isto ser militar.¹⁴⁷¹

Sobre o comandante escreverá:

já deves de saber que o meu irmão Jorge regressa a casa e passa por aqui hoje ou amanhã, fiz três pedidos para ficar em terra visto andarmos a navegar e a vesta do comandante não me deicha é que nem aceitou uma troca com outro rapaz de outro navio parado, e por tal motivo não posso estar com o meu irmão por causa de esta vesta deste animal selvagem saímos ainda hoje ás dez da manhã para o mar e só acabamos o cruzeiro na próxima terça feira.¹⁴⁷²

O desejo de saída da Marinha e do regresso à vida civil leva-o a usar expressões tais como: “de dia para dia odeio mais esta vida”,¹⁴⁷³ “sintome saturado”,¹⁴⁷⁴ “estou chaíssimo

¹⁴⁶⁷ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 14.06.1967.

¹⁴⁶⁸ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 12.02.1968.

¹⁴⁶⁹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 02.12.1967; também documento 5, 16.10.1968 e 06.12.1968.

¹⁴⁷⁰ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 06.07.1967.

¹⁴⁷¹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 30.08.1967.

¹⁴⁷² Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 12.07.1968.

¹⁴⁷³ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 12.08.1967.

¹⁴⁷⁴ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 29.09.1967.

desta vida”,¹⁴⁷⁵ “só em pensar que me está a roubar a minha juventude e a minha alegria de estar junto da família”,¹⁴⁷⁶ “cada vez odeio mais isto”,¹⁴⁷⁷ “este martírio”.¹⁴⁷⁸

Este desejo de voltar à vida civil leva-o a questionar a posição em que se encontra para sair da Marinha. Em 2 de Dezembro de 1967 está “no número 83 portanto ainda terei que esperar algum tempo pois que como sabes não tenho um padrinho bem que me tire daqui para fora”¹⁴⁷⁹ Mário levanta a hipótese de meter uma cunha a alguém para o livrar, “nem que tenha que dar algum dinheiro a algum sacana para me mandar embora o mais depressa possível”¹⁴⁸⁰

À medida que o tempo passa, o militar vai abordando o assunto da sua saída da Marinha em praticamente todas as cartas que envia à mulher. Antecipa que se não o mandarem embora da vida militar “faço das boas, se tal acontecer terás que saber que sou um correccio, estou cheíssimo disto.”¹⁴⁸¹ Volta a usar a mesma expressão “correccio” pouco tempo antes da rendição: “se eles não me deicharem ir embora este ano começo a fazer das minhas passo a ser nesta casa Marinha de Guerra um correccio estou cheio de ver patifarias.”¹⁴⁸²

A 12 de Junho de 1968 é informado que está em 48º lugar para sair.¹⁴⁸³ Vai contando os meses que faltam para o final da comissão de dois anos, “cada vez o tempo custa mais a passar.”¹⁴⁸⁴ Decide que a mulher deve fazer uma exposição ao Ministro dizendo

que precisas do teu marido á tua beira assim como para educar a filha etc. etc. e que és uma pessoa doente e caso arranjes uma pessoa que te faça isto era uma grande ideia e também dizes que estou para a baixa e já tenho 6 anos de marinha incluídos 2 de ultramar portanto que tenho o dever para com a Pátria cumprido e que precisas de mim isto tem que ser feito numa folha de papel de 25 linhas azul e registada”¹⁴⁸⁵

A carta foi enviada mas não sabemos qual o resultado. Mário embarca no navio Niassa em Abril de 1969, cerca de dois meses depois do final da comissão em Angola, tendo esperança em estar para breve o fim do “sacrifício tão cruel” que começou quando se fez voluntário, 6

¹⁴⁷⁵ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 02.12.1967.

¹⁴⁷⁶ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 05.05.1968.

¹⁴⁷⁷ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 30.05.1968.

¹⁴⁷⁸ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 22.10.1968.

¹⁴⁷⁹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 02.12.1967.

¹⁴⁸⁰ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 02.03.1968.

¹⁴⁸¹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 05.05.1968.

¹⁴⁸² Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 4, 06.03.1969.

¹⁴⁸³ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 12.06.1968.

¹⁴⁸⁴ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 4, 01.01.1969.

¹⁴⁸⁵ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 26.11.1968.

anos antes, “para melhorar a nossa vida”.¹⁴⁸⁶ Foi abatido ao efectivo da Armada, com passagem à reserva, em Julho de 1969.

I.8 MOÇAMBIQUE 1969-1970, A SORTE PROTEGE OS AUDAZES

Estamos em Dezembro de 1969. Mário regressou a casa há 8 meses. Joaquim, natural e a residir em Lourenço Marques, deixa a família, pais e um irmão mais novo, para partir para Montepuez, localidade na província de Cabo Delgado, no norte de Moçambique:

fica situada num planalto com 540 metros de altitude e a toda a volta é cheia de montes com 500 metros de altura que até se vêem as nuvens a cortarem os picos dos montes, é realmente bonita mas não interessa a ninguém nem ao menino Jesus (...) acreditem que tirando Lourenço Marques o resto é tudo paisagem e mato.¹⁴⁸⁷

Pela correspondência sabemos que o pai, natural de Castelo Branco, está em África há 32 anos.¹⁴⁸⁸ Joaquim é um soldado cadete que inicia a instrução militar nos Comandos. O curso irá começar no dia da chegada a Montepuez, a 10 de dezembro.

1969 é um ano de viragem na guerra em Moçambique. O comando das Forças Armadas estava entregue ao general António Augusto dos Santos, tendo como adjunto operacional o general Costa Gomes. A prioridade da sua actuação era a atração das populações e, ao mesmo tempo, a manutenção da sua segurança de forma a que não se constituíssem como base de fornecimento de guerrilheiros. A ideia de manobra era a de limitar a guerra às zonas de fronteira, colocando unidades militares nos corredores de infiltração, visando impedir a penetração de guerrilheiros que recebiam apoio dos países vizinhos. Quando António Augusto dos Santos deixa Moçambique em 1970, a situação militar apresentava-se controlada.¹⁴⁸⁹

No ano anterior, em 1969, havia sido nomeado para comandante das forças do Exército da Região Militar de Moçambique o general Kaúlza de Arriaga, tendo em vista a sua futura nomeação como comandante chefe das Forças Armadas, o que veio a acontecer em 1970, quando António Augusto dos Santos deixou o território. As suas ideias eram substancialmente diferentes das do seu antecessor. Adepto de grandes operações militares, elegeu como prioridade a zona da Cabo Delgado, onde havia forte implantação da FRELIMO. Foi sua a decisão de formar do batalhão de comandos de Moçambique, tendo como objectivo concretizar as grandes operações para atacar a FRELIMO nos seus redutos. O batalhão

¹⁴⁸⁶ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 03.07.1968.

¹⁴⁸⁷ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 14.12.1969.

¹⁴⁸⁸ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 2, documento 13, s/data.

¹⁴⁸⁹ Afonso, Aniceto e Carlos de Matos Gomes (2009), *Os Anos da Guerra colonial, 1969 Acreditar na vitória*, Volume 10, Matosinhos, QuidNovi, pp. 64-66.

instalou-se em Montepuez, reunindo as três companhias de comandos já existentes no território, as 17^a, 18^a e 21^a. Foi criado um centro de instrução para formar novas companhias com base no recrutamento local. É neste âmbito que Joaquim, a residir em Lourenço Marques, é recrutado:

Finalmente cheguei após 6 dias de viagem. Cheguei a Porto Amélia ontem à meia noite, e parti às 2 horas da manhã para Montepuez em coluna protegida por tropa dos Comandos. Isto aqui é bastante diferente ou seja é tudo mato e digo-lhe sinceramente que vinha na viagem com medo de sermos atacados que nem queiram imaginar. Só respirei fundo quando cheguei ao quartel por volta das 7 horas da manhã.¹⁴⁹⁰

A mãe de Joaquim depositou 53 missivas, das quais 39 foram trocadas com os pais e irmão, havendo 14 trocadas pelos pais com outros – ver Quadros B.19 e B.20 do Anexo B. A correspondência com os progenitores dará a ver duas fases na vida militar de Joaquim, a de instrução e a de comando. A instrução começa no dia de chegada ao quartel de Montepuez:

Agora mais do que nunca estou cheio de saudades disso tudo e de todos. Fico doente quando me ponho a pensar que estou a uns milhares de quilómetros dessa querida terra e dessa querida gente.

Sobre os Comandos escreve:

os Comandos não são maus, mas também não são maravilha nenhuma, pois como já tive ocasião de reparar, a vida aqui no quartel é muito dura. (...) E não se preocupem, pois se eu vir o caso mal parado farei os possíveis para chumbar.¹⁴⁹¹

Não irá chumbar e, quando o curso terminar, a 20 de Março de 1970, o cadete ficará em 1^o lugar, a considerável distância do 2^o classificado. Até essa data, Joaquim escreverá 15 missivas aos pais e irmão. Nelas irá descrever com detalhe o duro treino da instrução, deixando progressivamente de se referir às saudades e à vontade de desistir, à medida que o tempo passa.

Como referem A. Afonso e Matos Gomes, “os comandos nasceram na guerra e para fazer a guerra.”¹⁴⁹² A instrução, de grande intensidade e exigência, preparava-os psicologicamente e para o combate. O objectivo era transformar os recrutas em militares disciplinados, competentes e eficazes na sua actuação, capazes de lutar em situações e condições de extrema dificuldade. Será esta preparação que vai ocupar parte importante das cartas que Joaquim escreve, dando relevo à questão psicológica:

o pior é a mentalização. Na sexta-feira chegou um equipamento de aparelhagem sonora para serem montados nas nossas fletes muito pobres, que nem sequer têm armários para guardarmos a roupa,

¹⁴⁹⁰ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 10.12.1969.

¹⁴⁹¹ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 10.12.1969.

¹⁴⁹² Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2000) (orgs.), *Guerra Colonial*, Lisboa, Editorial Notícias, p.199.

mas segundo eles dizem estão a chegar, mas na realidade é que vão montar os autofalantes para nos fazerem acção psicológica.¹⁴⁹³

Esta acção psicológica é feita, com frequência, à noite. Joaquim descreve aos pais algumas frases ouvidas à meia noite, antes da partida para uma marcha forçada no mato.¹⁴⁹⁴

O comando ataca essencialmente de noite

O comando não acredita em facilidades

As vossas mães, mulheres, filhos, noivas, sofrem neste momento por vós e a vocês nada vos entressa

Porque a noite é vossa amante

Porque vocês casavam-se com a noite

Os vossos amigos nesta altura divertem-se e vocês aqui sofrem, mas é necessário, pois os comandos sofrem para que os outros possam viver em paz

A superioridade física é uma constante do comando e por conseguinte vais iniciar a tua instrução com um sorriso nos lábios e acabarás com o mesmo sorriso

A leitura do Código de Comando é feita todos os dias depois do içar da bandeira e revista à formatura, demorando cerca de quarenta e cinco minutos. Neste código relembra-se o amor incondicional à Pátria que vale todos os sacrifícios, a dedicação e obediência aos chefes e a necessidade do integral cumprimento das missões que lhe forem destinadas.¹⁴⁹⁵

A distribuição da correspondência é usada como “chicotada psicológica”¹⁴⁹⁶. Joaquim explica aos pais que o correio fica na posse dos instrutores e “só é entregue quando lhes dão na veneta de o fazerem”,¹⁴⁹⁷ geralmente à noite, sendo desligada a luz do quartel imediatamente a seguir à distribuição para impedir a sua leitura: “Só se consegue ser comando à base de muita força, muita vontade e muito sofrimento”, dirá. Um pouco mais tarde reforça esta ideia: “para se ser comando é preciso (...) saber sofrer e sobretudo enfrentar a dor tanto física como psicológica.”¹⁴⁹⁸

¹⁴⁹³ “Fletes” virá, provavelmente, da palavra inglesa “flats” que significa apartamentos. Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 14.12.1969.

¹⁴⁹⁴ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 18.01.1970.

¹⁴⁹⁵ Para a leitura do Código do Comando ver, entre outros exemplos, a obra A.A.V.V. (2008), “Tomo I, Comandos – Grupos Iniciais”, *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974)*, volume 14, Lisboa, Estado-Maior do Exército e Associação de Comandos, pp.9-10.

¹⁴⁹⁶ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 05.02.1970.

¹⁴⁹⁷ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 18.01.1970.

¹⁴⁹⁸ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 21.01.1970.

Joaquim acredita que “se Deus quiser hei-de aguentar” embora “Muitas vezes até tenho vontade de chorar a pensar em vós”.¹⁴⁹⁹ À semelhança da maioria dos militares, Joaquim irá encontrar colegas e amigos entretanto mobilizados:

“Ontem estive com um rapaz meu conhecido alferes que vinha de Macamia e que ia baixar ao Hospital com uma Neurose. Aqui bebe-se muito álcool pois não há mais nada para fazer.”¹⁵⁰⁰

A alimentação é boa e bem confeccionada e o cadete tem ao seu serviço um “mainato” privativo que lhe faz a cama e lava a roupa. O equipamento de guerra distribuído “por sinal é todo novo. Isto é que os comandos têm de bom”.¹⁵⁰¹

A par da “mentalização”, Joaquim irá descrever o treino no mato e as várias provas a que são sujeitos como a da sede, “digo-vos sinceramente nunca sofri tanto na vida”, a “Prova de fogo”, “em que eles estudam as reacções de um indivíduo debaixo de fogo real” e a do silêncio, em que têm de se deslocar sem qualquer ruído.¹⁵⁰² Joaquim escreve aos pais que “com a minha força de vontade chego sempre em 1º lugar ao lado dos capitães.”¹⁵⁰³ Durante a instrução Joaquim dá a notícia da eliminação de 50 praças e dos recrutas feridos nos treinos, “um ficou sem dois dedos com um tiro, outro levou um tiro na mão e outro no pé.”¹⁵⁰⁴ Para os instrutores, Joaquim é considerado

o melhor homem da companhia (...) Ainda dizem mais que eu sou um indivíduo completo e perfeito (...)isto que vos digo não é para me gabar mas é a pura verdade, juro pela vossa morte. (...) Agora mais do que nunca quero ser comando¹⁵⁰⁵

Ao quartel chegam as companhias que estiveram em missão no mato. Trazem material apreendido aos “turras” e conversam com os recrutas:

Depois de ser comando leva-se uma vida bestial querem ver: 1 mês no mato e 15 dias de descanso depois 1 mês no mato e 30 dias de descanso, portanto resumindo dois meses em operações e 1 mês e meio de descanso.¹⁵⁰⁶

Em Março, já perto do final do curso, Joaquim é promovido: “ontem deram-me em cerimónia os galões de aspirante oficial Miliciano. Daqui a 1 mês mais ou menos, sou promovido a Alferes.”¹⁵⁰⁷ O curso termina a 20 de Março:

¹⁴⁹⁹ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 14.12.1969.

¹⁵⁰⁰ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 14.12.1969.

¹⁵⁰¹ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 14.12.1969.

¹⁵⁰² Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 02.02.1970.

¹⁵⁰³ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 18.01.1970.

¹⁵⁰⁴ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 05.02.1970.

¹⁵⁰⁵ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 02.02.1970.

¹⁵⁰⁶ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 17.02.1970.

no dia 23 vou para operacional, onde farei 2 operações. Como fiquei em 1º lugar o Comandante, deu-me o 1º grupo de combate da companhia o qual já estou a comandar e diga-se de passagem é o melhor grupo que aqui está, tenho 20 praças e 4 furrieis todos bons para a purrada, portanto como podem imaginar estou felicissimo.¹⁵⁰⁸

A uma semana de iniciar a última fase da instrução, a operacional, Joaquim escreve aos pais:

o Batalhão distribuiu-me um grupo de combate e é com esse grupo que eu ultimamente tenho estado a treinar para ir p'ro mato. Devo-lhe informar que as minhas duas primeiras equipes é tudo uma cambada de assassinos.¹⁵⁰⁹

Nesta carta, Joaquim informa a família que emagreceu dez quilogramas e que está “mais velho e cansado (...) os meus camaradas dizem-me que estou mais apanhado do clima.” Tal como Carlos, Joaquim fala de forma semelhante da sua arma: “Há uma coisa que eu já fiz, foi limpar a minha amiguinha G-3 pois só naquilo é que presentemente tenho confiança.”¹⁵¹⁰

A descrição dos resultados da 1ª operação aparece numa carta de 8 de Abril:

Capturamos 12 mulheres, 3 crianças e 1 turra à mão, destruimos perto de 100 palhotas, levantamos uma armadilha com duas granadas defensivas, ouvi tiros turras passarem por cima da minha cabeça, pois caímos numa emboscada e reagimos tão bem que os turras puseram-se em fuga (...) fomos transportados em viaturas até ao local onde começava a operação e no caminho levantamos duas minas, minas essas que estavam destinadas para nós.¹⁵¹¹

Na 2ª operação Joaquim dá conta que morreu o soldado radiotelegrafista, “o melhorzinho do grupo”, morto por engano por um camarada. Perdeu mais três quilos confessando-se “magro que nem um cão.” Ao mesmo tempo, Joaquim dá conta das “farras” que fazem quando chegam ao quartel regressados das operações, onde comem e, sobretudo, bebem, juntamente com o capitão, um oficial de 23 anos, “um tipo porreiro”.¹⁵¹²

Joaquim escreverá a informar os pais sobre as suas deslocações para a zona de Mueda. Dirá “ainda estou vivo graças a Deus.” Escreverá menos porque “as novidades são só acerca da guerra e por isso conseguinte não importa contar.”¹⁵¹³ Vai falar do péssimo estado das picadas e do que encontrou em Mueda:

¹⁵⁰⁷ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 02.03.1970.

¹⁵⁰⁸ Fundo 133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 15.03.1970.

¹⁵⁰⁹ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 17.03.1970.

¹⁵¹⁰ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 17.03.1970.

¹⁵¹¹ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 08.04.1970.

¹⁵¹² Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 08.04.1970.

¹⁵¹³ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 07.05.1970.

Isto não é tão mau como diziam. Tirando o movimento louco de tropas, aviação constantemente a bombardear o mato e os obuses de Mueda quase todos os dias a fazer fogo para o mato, temos uma messe de oficiais bastante boa, em que se joga todos os jogos de salão, temos um bom rádio picape e uns bons discos, livros, etc.

Descreverá também os resultados das operações em que está envolvido:

Entramos com o pé direito, pois matámos quatro turras e três dos quais foram mortos pelo meu grupo, por conseguinte para recompensa já tive que entrar com duas grades de cerveja para a rapaziada.¹⁵¹⁴

Joaquim escreverá pela última vez aos pais e irmão no dia 8 de Setembro. Até lá enviará mais 6 aerogramas em que vai dando conta das operações em que participa e do número de baixas que o seu grupo causa ao inimigo. No início de Julho informa os pais que vai participar na operação de ataque à Base Gungunhana,¹⁵¹⁵ “uma das bases mais importantes se não for a mais importante” da Frelimo:

Não tenham medo, porque vão companhias de Comandos, 1 de artilharia e 1 de morteiros 1 de engenharia 1 de GE etc...

Depois da operação ficará um mês no local para limpar a zona. Pede segredo sobre estas informações e refere que ficarão algum tempo sem cartas. Joaquim já não escreve longas cartas mas aerogramas mais curtos. Nestes, tem ainda espaço para informar os pais que já tomaram

a base Limpopo aos turras e capturamos 17 toneladas de armamento, foi uma grande vitória. Na base Beira quando os Comandos lá chegaram já não havia lá ninguém.¹⁵¹⁶

Na carta seguinte, Joaquim conta o ataque à Base: “Houve nesse bombardeamento 6 feridos ligeiros. Mas a guerra vai passando.”¹⁵¹⁷ No aerograma seguinte, datado de 2 de

¹⁵¹⁴ Fundo 133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 07.05.1970.

¹⁵¹⁵ O ataque à base Gungunhana fez parte da Operação Nó Górdio, desencadeada a partir de 1 de Julho de 1970 até 6 de Agosto. Nesta operação estiveram envolvidos avultados meios, entre os quais 8 000 homens e a totalidade das unidades de forças especiais, comandos, paraquedistas e fuzileiros, os grupos especiais, unidades de reconhecimento, de engenharia, de artilharia de campanha e força aérea. A ideia da operação previa o cerco, batida, isolamento, assalto e destruição das bases da FRELIMO localizadas no núcleo central do planalto dos Macondes. Concebida como manobra do tipo convencional os seus resultados são atualmente postos em causa. Tal como Joaquim escreve aos pais, a FRELIMO abandonara as bases Gungunhana, Moçambique e Nampula. No entanto, manteve as suas estruturas operacionais em acção, aumentando significativamente as suas actividades nas frentes do Niassa e de Tete. No terceiro trimestre de 1970, causou 51 mortos e 192 feridos graves às tropas portuguesas em zonas não abrangidas pela operação Nó Górdio. Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2000) (orgs.), *Guerra Colonial*, Lisboa, Editorial Notícias, pp. 464-473.

¹⁵¹⁶ Fundo 133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 03.07.1970.

Agosto, Joaquim informa os pais que “os grandes” decidiram que não havia descanso para a companhia de comandos a que pertence, destacando-os para a base Nampula: “dois meses é demais e eu já estou farto de mato e de carne e legumes leofilizados. Mas isto não interessa o que interessa é que ainda continuo vivo.” Joaquim fez, entretanto, 8 operações e dá notícias da morte de um soldado.¹⁵¹⁸

nem imaginam aflição que é um indivíduo ouvir cair as morteiradas é impossível descrever. Mas paciência o morto que tivémos já foi bem vingado pois a minha companhia já matou nesta guerra vinte guerrilheiros.

Neste aerograma, Joaquim pede aos pais duas vezes para o matriculem na escola. No aerograma seguinte, a 12 de Agosto, o militar escreve a partir do que chama

o novo buraco onde estou (...) já estou farto de mato e de carne de cão.” Faz as contas ao número de mortos, 23 e aos “turras” capturados, 40, “o que é uma conta bastante boa. (...) Em Mueda não se fala noutra coisa senão na 1ª Companhia de Comandos de Moçambique (...) nós o mês passado fomos o que matámos mais turras armados e por conseguinte foram as armas que foram apanhadas com mais limpeza.

O aniversário passa-o “neste buraco miserável, onde bebemos umas cervejas e comemos uns chouriços, foi a única coisa que consegui arranjar.”¹⁵¹⁹ No aerograma seguinte, datado de 22 de Agosto, o militar confessa-se “cada vez mais farto do mato e da guerra (...) não saio deste buraco antes do fim do mês”.¹⁵²⁰

Joaquim escreve pela última vez aos pais um aerograma datado de 8 de Setembro. Diz-se saturado pois já vai para o 3º mês que estou em zona 100% e não há meio de me mandarem embora para Montepuez. (...) fomos uns burros pois oferecemo-nos voluntários para cá ficar. (...) em princípio vamos-nos embora no dia 12. Nós ficamos aqui no Muera para orientarmos os checas que vieram da Metrópole. No dia em que os checas chegaram, os turras atacaram o estacionamento à morteirada, com morteiros 82 mas por sorte das 24 morteiradas que nos mandaram, só morreram 2 e ficaram feridos 6, nenhum da minha companhia.¹⁵²¹

Joaquim faleceu poucos dias depois, não tendo sido possível determinar, a partir da correspondência, a data exacta da sua morte. Fica a perceber-se, por uma carta dirigida aos pais do militar por um camarada de armas, que o falecimento foi comunicado à família algum tempo depois de ter ocorrido:

¹⁵¹⁷ Fundo 133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 11.07.1970.

¹⁵¹⁸ Fundo 133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 02.08.1970.

¹⁵¹⁹ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 12.08.1970.

¹⁵²⁰ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 22.08.1970.

¹⁵²¹ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 08.09.1970.

Não imaginava que vocês só tivessem tido conhecimento oficial da morte do Joaquim muitos dias depois. Realmente é de lamentar que o nosso exército seja assim, mas enfim, nós nada podemos fazer.¹⁵²²

Durante alguns meses, o militar amigo de Joaquim há-de escrever aos pais quatro cartas de consolo em que exalta as qualidades do filho falecido, “um verdadeiro chefe, um verdadeiro combatente e sobretudo um verdadeiro camarada”, apelando ao orgulho dos pais e justificando que o “destino assim o quis”.¹⁵²³ Nestas cartas dará algumas notícias sobre a evolução da guerra, falando na morte de dois oficiais, um capitão e um alferes em Cabo Delgado: “cada vez está pior. Não vejo a hora de passarem os 10 meses que nos faltam para me ver livre disto.”¹⁵²⁴ Será destacado para Omar, um “buraco” junto ao “Rovuma portanto na fronteira c/ a Tanzânia” dando notícias da morte de um alferes e de dois capitães, todos comandos e por pisarem minas.¹⁵²⁵ O militar escreverá ainda para o irmão de Joaquim que o informa ter ficado livre do serviço militar por doença: “Não fazes ideia do que te livraste. Oxalá eu também tivesse ficado isento. Isto não interessa a ninguém (...) Já ando farto de mato e selvajaria.”¹⁵²⁶

A restante correspondência depositada pela mãe de Joaquim no AHM são as cartas que os pais escreveram ao filho quando ainda desconheciam o seu falecimento, e ao capitão que chefiava a companhia onde se encontrava o militar.

Nas cartas para o filho, os pais falam dos assuntos correntes, dando notícias. Acerca da questão militar pouco escrevem. Em carta datada de 10 de setembro, o pai está preocupado pela falta de notícias e refere a visita que a mãe faz a um amigo de Joaquim, também comando, que se encontra no hospital:

O pobre rapaz teve a pouca sorte de ficar com o pé decepado por uma mina. (...) É uma grande desgraça inutilizar dessa forma a mocidade embora seja em cumprimento dos deveres para com a Pátria. Deus permita que tal infelicidade não te atinja, filho e não te exponhas sem observar com toda a atenção os caminhos que trilhas por esse traiçoeiro mato.¹⁵²⁷

Será nos caminhos traiçoeiros do mato que Joaquim virá a falecer, conforme a descrição presente no louvor póstumo:

Durante o deslocamento da coluna entre Muera e Mueda quando seguia com o seu grupo à frente, ao ouvir o rebentamento de uma mina não hesitou em acorrer ao local a fim de tomar as

¹⁵²² Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 2, documentos 11-15, 22.10.1970.

¹⁵²³ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 2, documentos 11-15, 25.09.1970.

¹⁵²⁴ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 2, documentos 11-15, 02.05.1971.

¹⁵²⁵ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 2, documentos 11-15, 18.10.1971.

¹⁵²⁶ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 2, documentos 11-15, 02.05.1971.

¹⁵²⁷ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 2, documentos 11-15, 10.09.1970.

necessárias medidas de segurança e socorrer os elementos feridos (...) durante o trajecto accionou involuntariamente uma mina anti-pessoal reforçada, vindo a falecer devido aos ferimentos¹⁵²⁸

Os pais trocarão ainda correspondência com o capitão que chefiava a Companhia e que estava ausente no dia da morte de Joaquim. Querem saber a verdade, o que realmente aconteceu:

não é com um simples e banal comunicado nos jornais noticiando qualquer fatalidade acontecido a militares que se arruma um caso desta natureza.

Chegaram-lhes aos ouvidos versões contraditórias de testemunhas oculares:

esses pobres moços são atirados para a guerra onde nem sequer podem contar com o mínimo de facilidades que a força das circunstâncias exigem, muitas vezes por negligência e incompetência de quem os comanda.

O capitão responde contando com algum detalhe a mesma versão que consta no louvor, alertando-os sobre “pessoas umas de boa outras de má fé que levantam boatos em tudo procuram ver má fé e tudo destruir”.¹⁵²⁹

Joaquim receberá, a título póstumo, a cruz de guerra de 4ª classe por ter servido “em honrosa missão de soberania (...) em justo reconhecimento dos relevantes serviços prestados à Pátria”.¹⁵³⁰

I.9 MOÇAMBIQUE 1970-1972, O IMPOSSÍVEL NÃO EXISTE

Querida Teresa

Há momentos passamos o Cabo da Boa Esperança. São agora 5H30M da manhã. Bebi uns quantos wiskys, embora me considere ainda no meu estado normal. O Matos dorme, eu escrevo-te. (...) O barco balança, o tempo piorou, lá fora chove a bom chover. A esta hora estás tu, enroscadinha, a dormir enquanto a Ana talvez esteja às voltas no bercito. Eu, Teresa, estou a chorar, porque não te havia de confessar.¹⁵³¹

Esta é primeira carta que Luís escreve a bordo do navio Niassa, em Maio de 1970, dois anos depois de regressar da 1ª comissão militar, feita no Leste de Angola, entre 1966 e 1967. Nessa altura, como oficial do Quadro Permanente das Forças Armadas, escreve à então namorada, Teresa, sobre o futuro em que pensa com frequência: “Não sei se conseguirei

¹⁵²⁸ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 2, documentos 11-15, 11.07.1972.

¹⁵²⁹ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 2, documentos 11-15, 28.02.1971.

¹⁵³⁰ Fundo R133, Caixa s/ numeração, série 2, documentos 11-15, 11.07.1972.

¹⁵³¹ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 1, s/data, maio de 1970.

aguentar uma outra prova como esta.”¹⁵³² Começa agora, em 1970, uma segunda prova, desta vez em Moçambique. Tem 26 anos, é capitão e deixa em Lisboa a mulher e uma filha com 5 meses.

Luís está inserido num batalhão de artilharia e vai comandar a CCS, companhia de comando e serviços, responsável pela logística. A maior vantagem da função que vai desempenhar é a de “não arriscar tanto o pêlo...”¹⁵³³ A chegada a Moçambique ocorre numa altura em que a situação militar se está a transformar rapidamente, com a intensificação das ações da FRELIMO e a ideia de que no distrito de Cabo Delgado, o planalto, conhecido como dos Macondes, é já inacessível às tropas portuguesas.¹⁵³⁴ Sob o comando do General Kaúlza de Arriaga, então comandante chefe das Forças Armadas na província, está em preparação a operação Nó Górdio, ação militar de grande envergadura, envolvendo efetivos de 8 000 homens do Exército, Marinha e Força Aérea, incluindo grupos de tropas especiais.¹⁵³⁵ O principal objectivo é o assalto e destruição das bases da FRELIMO no planalto, extensa zona próxima da fronteira com a Tanzânia, país de onde recebe apoio logístico.

O recrutamento na Metrópole apresentava-se no limite de capacidade, havendo necessidade de aumentar a mobilização local. A qualidade da instrução diminuía, havendo cada vez maior pressão para a formação de tropas especiais.¹⁵³⁶

¹⁵³² Fundo R2, Caixa 8, série 1, documentos 16, 22.04.1967.

¹⁵³³ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 34, 21.01.1971.

¹⁵³⁴ Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2000) (orgs.), *Guerra Colonial*, Lisboa, Editorial Notícias, pp.464-473. Os dados apresentados mostram este aumento de intervenção: 2º trimestre de 1969 – 154 ações (98 minas), 1º trimestre de 1970, 685 ações (646 minas) e 2º trimestre, 759 ações (652 minas) – p.465.

¹⁵³⁵ Como vimos anteriormente, Joaquim participou nesta operação inserido na 1ª companhia de comandos de Moçambique, de mobilização local e não metropolitana.

¹⁵³⁶ É preciso notar que é nesta altura que os centros de instrução para quadros milicianos deixam de ter o número suficiente de instrutores do quadro permanente, facto que levantará problemas na qualidade da formação e no enquadramento dos militares. É também nesta altura que se assiste à formação do que ficou conhecido na gíria militar por “capitães de aviário” ou “capitães proveta” e que consistia na selecção e “fabrico rápido” de jovens milicianos para futuros comandantes de companhia. O excerto do aerograma que se segue, escrito por um alferes do QP para outro, em 1972, evidencia este mal estar:

“todos nós andamos a sentir o mesmo, andamos a sofrer do grande mal que é a frustração, aliás os meus sentimentos, ideias e pensamentos àcerca de toda esta história estão bem patentes na carta que há dias te escrevi e que por esta altura já devias ter recebido. Àcerca dos golpes de toda esta malta já nada sinto, pois que numa guerra como esta sem história e sem futuro ou melhor sem outro futuro que não seja o fracasso absoluto, parvos são aqueles que cumprem o seu dever e arriscam a sua vida, não te metas pois em becos sem saída, manda esta merda toda para o caralho, pois toda esta gente tem pleno conhecimento de quanto se está a passar e cada vez mais nos fodem, não sei se sabes que os capitães

Luís vai escrever com muita frequência durante a sua estadia em Moçambique, às vezes mais do que uma carta por dia, relatando, de forma aberta e crítica, acontecimentos relacionados com a guerra e com a instituição militar, conforme se pode verificar no Anexo B: Quadros B.21 e B.22.

De acordo com a história da unidade, foi inicialmente atribuída ao batalhão “a missão de Comandar o Cerco Norte na operação ‘NÓ GÓRDIO’ que se desenrolou no ‘NÚCLEO CENTRAL’ (Planalto de Mueda) de 1JUN a 2AGO 70”.¹⁵³⁷ Luís passará este tempo em Vila Barreto, entre Nacala e Nampula, como retaguarda das companhias em operações no norte. Finda a participação na operação Nó Górdio, o batalhão terá duas outras missões: de 2 de agosto a 16 de setembro, o comando do sub-setor com sede em Sagal, e daí até 13 de fevereiro de 1972, o comando do sub-setor com sede em Nangade, com a área de 5 100 km². Será nesta zona que estará envolvido na operação Fronteira. O batalhão terminará a comissão em Ribaué, uma área de 60 000 km², densamente povoada, cerca de “1 000 000 de almas”, zona sem guerra perto da cidade de Nampula.

Luís irá juntar-se ao batalhão no início de agosto em Sagal. Mas será em Nangade, junto ao Rovuma e à Tanzânia, que passará a pior fase da comissão, quer em termos militares quer de isolamento.

Em termos militares, de acordo com a história da unidade e expresso na sua correspondência, o batalhão “permaneceu durante cerca de 20 meses em zona de subversão

provetas vão ser promovidos ao respectivo posto, claro como muitos deles por necessidade cá terão de ficar lá estamos nós a alinhar à esquerda dessa nova remessa de básicos e falhados (...) Pior que isto são os boatos que já correm àcerca dos Maj. profeta, os quais serão recrutados entre os capitães do mesmo fabrico que depois de um estágio na A.M. virão como oficiais de Operações enquanto os capitães do quadro continuarão a aguentar 4 comissões como capitães e na melhor das hipóteses lá para a 5ª virão como Oficiais de Operações mas no posto de capitães. (...) perante tão evidentes factos começo a sentir vergonha de pertencer a esta comunidade que passivamente tudo aceita (...) tenho em mente a efectivação de uma reunião com toda a malta dos postos subalternos a fim de expormos a quem de direito a nossa miserável situação e o exigirmos a tomada de medidas positivas e imediatas, vemos o que se conseguirá mas naturalmente isto não passará de mais um sonho de uma cabeça louca. Não sei mas sinto-me à beira do colapso quando penso em toda esta merda até parece que dou em louco, pois nunca me senti tão inútil na vida como aqui...” Aerograma escrito na Damba, Angola, em 13.11.1972, cedido aos autores do livro Afonso, Aniceto, Joana Pontes e Rodrigo Sousa e Castro (2012), *A Hora da Liberdade*, Lisboa, editorial Bizâncio.

Sobre este assunto ver Martelo, David (2009), “1970 Síntese Militar” em Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1970 – A ilusão das grandes operações*, Volume 11, Matosinhos, QuidNovi, p.7; Cann, John P. (2005), *Contra-subversão em África, Como os portugueses fizeram a guerra em África, 1961-1974*, Lisboa, Prefácio, pp.105-112.

¹⁵³⁷ AHM, 2/7/57/1, relatório do CMD e CCS, p.10.

violenta (...) onde desenvolveu uma intensa e esgotante actividade.”¹⁵³⁸ O objetivo geral era o de “retirar às populações o máximo de meios de vida no mato”, tentando cortar as linhas de reabastecimento da Frelimo em Cabo Delgado. Havia que “desarticular o dispositivo militar político-administrativo na área” e “dissociar o binómio população-IN”, forçando a “apresentação das populações controladas” que se estimavam “nuns milhares de pessoas”, capturar os inimigos e população apoiante, bem como armamento e documentos.¹⁵³⁹

Ao longo dos 20 meses, as missões que constam dos relatórios de operações e ações desenvolvidas pelas companhias de artilharia do batalhão, foram, principalmente, de proteção de itinerários para deslocação de colunas de reabastecimento e de escolta, montagem de emboscadas, levando a cabo ações de nomadização e picando caminhos, nesta zona muito minados pela Frelimo.¹⁵⁴⁰ A “escassez de elementos actualizados, agravado pelo facto da operação ‘NÓ GÓRDIO’ ter alterado profundamente o dispositivo do IN”, tornou difícil a tarefa de levar a cabo um conjunto de ações “com vista à redução de Organizações IN.”¹⁵⁴¹

Para lá da questão militar, acima resumida, a do isolamento teve particular importância. A intermitência na distribuição do correio traduziu-se, com frequência, em longos períodos em que o avião de transporte não aparecia no aquartelamento, deixando os militares sem correspondência, o que vai afetar gravemente o moral das tropas do batalhão. No relatório síntese do CMD e CCS do batalhão, a avaliação parece corresponder ao que Luís irá expressar nas cartas, como iremos ver. Nele se relata de forma crítica, o estado em que encontra o sub-sector que vai estar à responsabilidade do Batalhão, como se pode ver pelo excerto que se segue:

o extraordinário esforço que foi preciso desenvolver para montar, primeiro no SAGAL e depois definitivamente em NANGADE, uma estrutura operacional. Foi a partir do zero absoluto. Desde a organização das Transmissões, estruturação da Secção de Operações e Informações, desde a obtenção e montagem da Carta Topográfica à pesquisa, estudo e interpretação de notícias e informações que permitissem traçar uma quadro geral da situação – é de notar que o Batalhão não beneficiou de qualquer trabalho ou estrutura anterior, mesmo incipiente que fosse – à organização e montagem dos diversos órgãos da CCS, imprescindíveis à sua vida e apoio às Sub-Unidades, tudo teve de ser feito¹⁵⁴².

Voltamos a 1970, quando Luís parte para Moçambique. Ainda na viagem escreve:

¹⁵³⁸ AHM, 2/7/57/1, relatório do CMD e CCS, p.10.

¹⁵³⁹ AHM, 2/7/110/3, relatório de ação 2/71.

¹⁵⁴⁰ AHM, 2/7/110/3.

¹⁵⁴¹ AHM, 2/7/57/1, relatório do CMD e CCS, p.10.

¹⁵⁴² AHM, 2/7/57/1, relatório do CMD e CCS, p.11.

A vida a bordo para além duma evidente monotonia é de certo modo cómoda para os passageiros da 1ª classe; come-se bem, os camarotes são bons e há algumas distrações. Eu é que francamente já não tenho paciência para nada disto. Os soldados vão nos porões, como animais, são mais de 1500. Ao todo vamos aqui 1800, quando a lotação máxima do navio é 400 passageiros. Podes fazer uma ideia da confusão que isto é – para eles, claro.¹⁵⁴³

O navio chega a Luanda a 1 de Junho e a Lourenço Marques no dia 10. Espera-o uma longa viagem até chegar à base onde ficará o batalhão. Passará pela cidade da Beira, depois por Nacala e, por fim, “Lá para o fim do mês chegamos à Sagal, cujo nome verdadeiro é povoação de Esposende (sem população claro).”¹⁵⁴⁴ No entanto, um sem número de imprevistos vai fazer com que Luís chegue à base de Sagal apenas a 9 de Agosto. Escreve a Teresa:

As minhas primeiras impressões do Sagal são péssimas. Instalações muito más, tudo sujo e porco, pessoal indisciplinado e o comandante maluco. Além disso temos os turras que nos trazem sempre preocupados. (...) as condições de defesa também não são famosas, (...) muito lixo, muita porcaria, más instalações, água péssima (longe do Quartel e para lá se ir é preciso sair um grupo de Combate), apenas o clima parece ser bom (...) eu pessoalmente não aguento cá 24 meses pois antes de dar em maluco baixo ao hospital.¹⁵⁴⁵

A ideia de não aguentar a comissão percorrerá toda a correspondência até ao final. Ao longo do tempo e em praticamente todas as cartas que escreve, Luís vai expressar as saudades que tem da família, o isolamento em que se encontra e a monotonia da vida no quartel, fazendo complicadas contas sobre a passagem do tempo e planeando as licenças, tendo em vista deslocar-se à Metrópole, o que fará por duas vezes.

Ainda nem um mês havia passado sobre a chegada ao território e já Luís apresenta a Teresa os planos para o futuro próximo:

Vou gozar aí férias em Novembro (Out – Novembro ou Novembro – Dezembro), passando-se assim 7 meses desde o início da comissão que penso ser 20 de Maio, mas que no fundo não interessa pois eles acabam por só mandarem a tropa embora com mais de 24 meses. Depois volto aí de licença lá para (ABRIL – MAIO – JUNHO). Entretanto está passado um ano. Lá para Setembro do próximo ano devemos estar a mudar de poiso, para um local decente – penso eu. (...) Já ando feito maluco a pensar em Novembro e no aniversário da menina. É a única coisa a que me agarro.¹⁵⁴⁶

¹⁵⁴³ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 26, 21.05.1970.

¹⁵⁴⁴ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 27, 06.06.1970.

¹⁵⁴⁵ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 29, 09.08.1970.

¹⁵⁴⁶ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 27, 08.06.1970.

Enquanto não consegue partir para a base de Sagal, Luís ficará em Vila Barreto durante algum tempo. A pequena localidade “resume-se ao quartel e aldeias de pretos ao redor.”¹⁵⁴⁷ Como comandante da CCS, tem de preparar a logística do Batalhão: “O engraçado é que não sei de nada. Vim á frente da companhia com 2 sargentos e 2 cabos, começamos amanhã a receber as instalações e o material mas ninguém nos diz quando “arrancamos” para o Norte.”¹⁵⁴⁸

O balanço que fará das tarefas realizadas neste período será positivo, “pois embora trabalhando imenso aqui é diferente do que estar no mato metido num quadrado de arame farpado.”¹⁵⁴⁹ Vai queixar-se do excesso de burocracia, “uma autêntica guerra de papeis”¹⁵⁵⁰ que espera ganhar. Nas suas cartas dará também a ideia de alguma desorganização perante o impasse relativo à sua ida para a base:

ninguém se entende, é uma confusão tramada, no fundo é o “salve-se quem puder” e verdade seja dita que até agora me tenho “safo”. Não estou com grande vontade de ir até porque as notícias da guerra são de todo desanimadoras.¹⁵⁵¹

A rotina de trabalho vai ajudar a passar o tempo:

Nem quero pensar que ainda faltam 21 meses e meio para isto acabar. Isto é demasiado cruel para mim. (...) ando permanentemente revoltado, e só me distraio quando me atiro furiosamente a trabalhar.¹⁵⁵²

Partirá para a base de Sagal no início de Agosto de 1970, numa viagem que irá durar 4 dias:

São dez (10) camions civis de 15 toneladas cada um, e para meu grande espanto, vão mesmo até ao estacionamento da Sagal!!!! Embora os camionistas ganhem bem, ou são de facto “atirados para a frente” ou dão alguma aos turras para não “chatearem” o que aliás é óptimo como calculas.¹⁵⁵³

Luís chegará a Sagal sem incidentes e lá ficará durante cerca de dois meses. Escreverá a Teresa fazendo uma avaliação muito negativa do aquartelamento, da situação militar e do comando do Batalhão:

Ontem foi mais um alferes evacuado (ferido), com uma mina que rebentou a menos de 3kms (três) do quartel, na picada para Diaca. (...) Como deves calcular, aqui os problemas que surgem são graves, e necessitam para serem resolvidos de indivíduos ponderados e sobretudo equilibrados.¹⁵⁵⁴

¹⁵⁴⁷ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 27, 28.06.1970

¹⁵⁴⁸ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 27, 11.06.1970

¹⁵⁴⁹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 28, 26.07.1970

¹⁵⁵⁰ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 28, 08.07.1970

¹⁵⁵¹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 28, 28.07.1970

¹⁵⁵² Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 28, 30.07.1970

¹⁵⁵³ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 29, 01.08.1970

As relações entre o Comandt. e o resto da malta atingiram o ponto de ruptura,... estou na expectativa. Tenho muito que fazer, e neste momento, a companhia está totalmente desorganizada; todo o trabalho feito em V. Barreto foi inútil. O pior é que estou com péssima disposição, ando neste momento a atravessar aquilo a que poderei chamar a 1ª crise. Ainda bem que tenho consciência disso. O Tempo agora parece que parou, e custa o dobro a passar. O ambiente é pesado. (...)

Hoje morreu em combate o Capitão Silva, 24 anos, casado com 2 filhos. O tal miliciano, do Batalhão que te tinha falado muitas vezes.¹⁵⁵⁵

O que Luís vai escrever sobre este tempo resulta de uma avaliação progressivamente mais crítica acerca da situação militar que tem a sua expressão no aumento do número de mortos. De Angola recebe notícias de camaradas de curso:

O Jaime, passado 1 mês de estar em Angola tinha 11 (onze) mortos em combate e 4 (quatro) desaparecidos..... Mas não estamos em guerra como diz o cabeça d'alto chôcho.¹⁵⁵⁶

Ao longo do tempo que permanece em Sagal, o militar há-de dar conta a Teresa dos mortos e feridos, muitos em razão do rebentamento de minas. Numa das Companhias de Artilharia do seu Batalhão, estacionado a 18 kms de Sagal, um alferes é ferido por uma mina, tendo os militares levantado outras três.¹⁵⁵⁷ A coluna de reabastecimento que parte de Sagal para Mocimboa da Praia, na costa, sofre emboscadas e rebentamentos de minas tendo tido 4 mortos e vários feridos.¹⁵⁵⁸

O aquartelamento é, nas suas palavras, um “buraco” onde o tempo parece “andar para trás,”¹⁵⁵⁹ sem “o mínimo de condições”,¹⁵⁶⁰ sem “população civil nem infra estruturas logísticas para sede de batalhão”,¹⁵⁶¹ onde “as pessoas ficam mesmo chalupas de todo e com os nervos à flôr da pele”,¹⁵⁶² onde alguns “já vão ficando “cacimbados”, e de vez em quando há aqui

¹⁵⁵⁴ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 29, 13.08.1970.

¹⁵⁵⁵ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 29, 15.08.1970.

¹⁵⁵⁶ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 29, 02.08.1970; alusão à Conversa em Família emitida pela RTP em 8 de Abril de 1970 onde Marcelo Caetano declara: “No nosso país somos forçados a combater no ultramar actividades terroristas que inquietam, afligem e sacrificam as populações locais. Nunca é demais repetir que não estamos em guerra com ninguém mas apenas políciamos o território evitando que os guerrilheiros levem por diante a sua acção subversiva.” Pontes, Joana et al (2002), “Evolução na continuidade” em *Século XX Português*, 8º episódio, documentário, Lisboa, SIC, 29’17 a 29’51.

¹⁵⁵⁷ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 29, 20.08.1970.

¹⁵⁵⁸ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 29, 21.08.1970.

¹⁵⁵⁹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 29, 13.08.1970.

¹⁵⁶⁰ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 29, 21.08.1970.

¹⁵⁶¹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 29, 24.08.1970.

¹⁵⁶² Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 30, 01.09.1970.

autênticas cenas de Far West”,¹⁵⁶³ em que à noite “há tiroteio pois toda a gente vê luzes no mato e “turras” por todo o lado de forma que desata tudo aos tiros às horas mais extravagantes e nunca mais se “calam”, onde, por fim, não há descanso:

Hoje foi um dia normal apesar de ser domingo. O Comand. assim quer, apesar de isso ter grande influência no pessoal, que mesmo no mato gosta de ter o seu domingo. Há para aqui muito que fazer, mas também vai faltando disposição, sobretudo devido ao Comandt. que indispõe toda a malta e não sabe de forma nenhuma comandar um batalhão.¹⁵⁶⁴

Os dias são contados um a um:

Um tipo passa aqui dias a fio dentro do arame farpado, andando de um lado para o outro, como um bicho numa jaula. Não há dúvida que é uma tristeza. Não sei como é que não fica tudo maluco. (...) Mosquitos e moscas é mato. Agora estamos só a comer feijão frade, vulgo “ciclistas” e bacalhau ou atum. O avião vem apenas uma vez por semana e pouca coisa trás e como as colunas só se fazem de longe a longe pois morre sempre gente, cá nos temos que aguentar. Formigas também há “maningue” delas, roem tudo e dão cabo de tudo.¹⁵⁶⁵

Luís vai à Metrópole a primeira vez em Setembro de 1970, onde. ficará um mês junto da família. No regresso, é informado que o batalhão mudou para Nangade e que terá um novo comandante. À semelhança da primeira vez, uma série de imprevistos impede-o de apanhar a coluna que sai de Sagal para o novo destino. Considera-se com sorte:

Como eu previa a coluna teve já problemas; assim pouco depois de passar em Diaca (...), um soldado da minha companhia (um dos melhores) ficou sem as duas pernas, e a escolta, (...) sofreu 2 mortos e vários feridos!!!...”¹⁵⁶⁶

A nova fase da comissão inicia-se agora em Nangade, continuando o Batalhão no distrito de Cabo Delgado. Luís espera que o novo comandante seja “acessível”, o que permitirá que “o ambiente será menos pesado”.¹⁵⁶⁷ As primeiras impressões chegam a Teresa por carta:

O clima é pior, nitidamente pior, mais quente e húmido, quase insuportável; as instalações praticamente, não existem, são infinitamente piores; temos 2 aldeamentos de indígenas que

¹⁵⁶³ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 30, 03.09.1970; por mais de uma vez Luís refere que a situação em que se encontram as tropas, “dias a fio dentro do arame farpado”, leva a acções sem razão de ser, nomeadamente a séries de disparos sem alvo determinado, difíceis de parar. Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 29, 24.08.1970.

¹⁵⁶⁴ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 29, 15.08.1970.

¹⁵⁶⁵ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 29, 24.08.1970.

¹⁵⁶⁶ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 31, 27.10.1970.

¹⁵⁶⁷ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 31, 29.10.1970.

permitem o recurso ao mercado local no aspecto de alimentação e duas vezes avião por semana (terça e sexta).¹⁵⁶⁸

A vida no quartel começa muito cedo, sendo a alvorada “às 5h30 e o começo dos trabalhos às 6,00. Almoça-se às 11h30 e janta-se cerca das 6h da tarde.”¹⁵⁶⁹ Serão os soldados da sua companhia a construir o aquartelamento. Luís diz-se transformado em “mestre de obras, arquitecto, etc, etc.”¹⁵⁷⁰ O Comandante quer fazer de Nangade um “grande centro populacional e de produção agrícola!”¹⁵⁷¹ Nas redondezas do quartel, o militar dá conta da presença de uma gente diferente, que não fala a mesma língua, com hábitos a que chama “desvairados”, como “batucar às 3 horas da manhã e fazer o Ramadam”. O quartel está delimitado “por várias sebes de arame farpado, sustentado em troncos toscos alguns apodrecidos, quase a cair... (a sensação de insegurança é evidente).....”¹⁵⁷²

Começam a reconstruir o aquartelamento:

casernas para os soldados, um balneário para a população indígena, uma pista de aviação (melhorar) e uma casa para montar uma câmara frigorífica. (...) No que respeita à promoção das populações algumas coisas já foram feitas: foi constituída uma COOPERATIVA de agricultores e temos cá já um tractor (promessa de mais 2) uma debulhadora e outras alfaias agrícolas. Está-se a procurar interessar a população na criação de certo nível de vida, quer dizer eles trabalharem e ganharem dinheiro e depois gastarem-no comprando coisas que elevem o seu “nível”.¹⁵⁷³

A boa impressão que o novo Comandante causara a Luís cedo se desvanece. Embora “acessível”, “gentleman” e um camarada que dispõe bem,¹⁵⁷⁴ pertence à “panelinha”,¹⁵⁷⁵ dizendo “alto e bom som que é fascista e eu para não o contrariar ainda não abri a boca sobre política, nem abrirei – apenas lhe disse que o oficial do Exército não tem política...!!!!”¹⁵⁷⁶

Luís escreve a Teresa longas cartas comentando, por vezes, as notícias surgidas nos jornais a partir de recortes que lhe chegam sobre a área onde se encontra:

além de várias operações militares, com as consequentes vitórias e esmagamentos de turras, dava conta da construção dum grande aérodromo em Nangade. (...) ao contrário do que foi publicado, não só não foi construído um grande aérodromo como, desde a semana passada os pilotos dos

¹⁵⁶⁸ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 31, 31.10.1970.

¹⁵⁶⁹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 32, 02.11.1970.

¹⁵⁷⁰ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 32, 02.11.1970.

¹⁵⁷¹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 32, 16.11.1970.

¹⁵⁷² Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 32, 06.11.1970.

¹⁵⁷³ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 32, 25.11.1970.

¹⁵⁷⁴ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 32, 28.11.1970.

¹⁵⁷⁵ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 33, 10.12.1970.

¹⁵⁷⁶ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 33, 17.12.1970.

táxis aéreos se recusam a pousar cá, alegando que a pista está inoperacional – e a verdade é que o está.

O militar avalia o trabalho do Comandante como o de “um homem do regime” cujo objectivo é “garder la face”, montando “espectáculos” para os grandes senhores, “as mais importantes personalidades políticas e militares de Moçambique” que visitam o quartel para “se encherem de gáudio”. Monta-se um “CENÁRIO” mas o resultado não tem “nada de positivo”. Nessas longas cartas, Luís faz um balanço do estado em que se encontra o quartel, dois meses e meio depois do início da reconstrução:

uma “machamba” sem futuro, uns balneários sem clientela – eram para os negros que naturalmente não os utilizam – e pouco mais. Por outro lado os soldados continuam a dormir em barracas, os sargentos e oficiais estão de qualquer maneira e não há sequer uma casa de banho que possa ter esse nome.¹⁵⁷⁷

O contacto com a população residente coloca-lhe outras questões:

a população de Nangade antes do início do terrorismo era cerca de 30 000 almas. Com a guerra deu-se a fuga da maioria havendo cá agora, aldeadas junto do quartel cerca de 1800 pessoas. Essa gente a maioria velhos e crianças, alimenta-se das terras que cultivam com um primarismo que adivinhas, vestem-se de panos raras vezes confeccionados e sem instrução em hábitos ou possibilidades higiénicas vivem numas miseráveis palhotas que não têm o mínimo de condições de habitabilidade. Não têm empregos, logo não realizam dinheiro. Caçam raras vezes e outras pescam no Lago Nangade. Duma maneira geral passam fome o que as obriga a procurar auxílio junto da tropa. Pois bem, o cenário montado pelo Comandante atingiu tal desaforo e sem vergonha que a última dele foi COMPRAR 100 CONTOS (100.000\$00) de roupas interiores para senhora, entre as quais se incluem além de SOUTIENS, meias-calças!!!!, e baby-dolls !!!!..... só para fazer crer que a população de Nangade atingiu um nível social que lhe permite entrar numa economia de mercado onde esses produtos podem ser escoados.

Claro que anda tudo descalço, faminto, com trapos, os miúdos têm as barrigas inchadas da sub-alimentação, as mulheres trazem os seios à mostra, ressequidos sem dar leite.... (...) Entretanto a poucos quilómetros daqui os soldados continuam a morrer e ficarem estropiados.¹⁵⁷⁸

Ao longo do tempo, a situação no quartel, tal como Luís a descreve, ter-se-á deteriorado. O clima é doentio, a alimentação é má havendo pouco recurso a alimentos frescos, devido não só ao falhanço da exploração agrícola do quartel como à ausência do avião para reabastecimento. O aumento do número de operações militares levanta acrescidas dificuldades ao abastecimento do quartel:

¹⁵⁷⁷ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 35, 09.02.1971.

¹⁵⁷⁸ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 35, 09.02.1971.

os turras cortaram lá em baixo no vale, um bananal, e andaram por lá a fazer tropelias de tal ordem que agora pouca fruta aparece para vender (...) As machambas agora estão semi-abandonadas pois para os negros irem para lá trabalhar é preciso ir tropa guardar-lhes as costas....

Os homens estão “cacimbados”: “há dias um furriel ferrou com um tiro noutra e furou-lhe um braço – menos um.”¹⁵⁷⁹ Alguns soldados são evacuados com hepatite.¹⁵⁸⁰ Luís decide, durante algum tempo, face às condições do aquartelamento, morar com o médico “num amplo quarto da Administração”, evitando os ratos e percevejos que o atormentavam.¹⁵⁸¹ Está agora numa cama de casal com colchão de molas.¹⁵⁸² Classifica Nangade de “estrumeira”.¹⁵⁸³

O militar recebe dos camaradas e envia a Teresa notícias sobre o agravamento da situação militar em Moçambique,¹⁵⁸⁴ questionando a eficácia das grandes operações que se haviam realizado na área de Cabo Delgado e junto à fronteira com a Tanzânia.¹⁵⁸⁵ O balanço

¹⁵⁷⁹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 36, 02.03.1971

¹⁵⁸⁰ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 36, 04.03.1971

¹⁵⁸¹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 35, 23.02.1971, o quarto da Administração situava-se na casa do Administrador de Posto.

¹⁵⁸² Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 36, 11.03.1971

¹⁵⁸³ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 38, 27.05.1971

¹⁵⁸⁴ A população da colónia parecia não estar muito consciente da situação militar do território. Luís passa uns dias em Lourenço Marques com a irmã e o cunhado que aí são residentes. No regresso ao aquartelamento recebe uma carta da irmã: “Sabes, por aqui, dificilmente nos podemos aperceber do que se está por aí a passar na realidade. Todos falaram tanto numas operações que eu até pensava que a guerra ia acabar. No entanto, o que se quer é graça de Deus. Eu tenho muita fé.” Fundo R2, caixa 11, série 3, documento 113, 03.09.1970. Ana Maria Azevedo, jovem residente em Lourenço Marques em 1974, faz uma análise da situação quando cai o regime político em Portugal: “Não nos apercebemos que a descolonização tinha de ser feita porque era uma situação normal dentro do contexto da África dos anos 60 e 70. Já toda a África estava decolonizada com excepção das colónias portuguesas. Por isso, a evolução dos acontecimentos iriam pressionar mais tarde ou mais cedo para que houvesse a descolonização. Só que quem vivia lá parecia que estava à espera quase do sonho... tudo havia de ser normal e passar de pasta para um governo de sonho quase... hoje nós apercebemo-nos ... eu pelo menos percebo que nos meus 20 anos era um bocado utópico. Nesse momento tenho noção disso.” Pontes, Joana et al (2002), “O Fim do Império” em *Século XX Português*, 13º episódio, documentário, Lisboa, SIC, 1’00-1’37.

¹⁵⁸⁵ A seguir à operação Nó Górdio teve início a operação Fronteira, a partir de Nangade. Previa a construção de uma estrada alcatroada ao longo do rio Rovuma, com colocação de campos de minas, estabelecimento de aldeamentos controlados, electrificação de uma rede de protecção e instalação de meios de vigilância, bem como patrulhamento permanente. Esta operação de interdição da fronteira com a Tanzânia visava impedir que os meios e os reforços disponibilizados por este país chegassem as bases de guerrilha já em território moçambicano. Esta operação acabou por não ser levada a cabo por dificuldades de toda a ordem, desde meios humanos, a materiais e financeiros. Sobre este assunto ver,

que faz é muito negativo: “acabarão como as anteriores em autênticos fracassos (...) só vendo é que a gente se apercebe do papel de “embrulho” que anda a fazer.”¹⁵⁸⁶ A situação militar, nas suas palavras,

tem-se agravado a um ritmo INESPERADO. O próprio comandante-chefe o reconhece (cá nos briefings que não aí a mandar bocas para a T.V.). De tal ordem que vão tirar tropas de Cabo Delgado para reforçar Tete!!!!.... Aqui a situação tem-se agravado vertiginosamente e até eu que nunca tomei a sério a hipótese da Frelimo impedir ou perturbar seriamente a construção da barragem de Cabora-Bassa, estou convencido que tal acção está perfeitamente ao alcance. Neste momento a Frelimo está a organizar-se rapidamente em todo o Tete inclusivé para Sul do Zambeze!!! e começou já a interferir nas vias de comunicação que servem as obras da barragem!!!! Isso foi já reconhecido oficialmente em documentos se bem que secretos e não divulgados publicamente. Inclusive as tropas rodesianas colaboram já abertamente em operações militares no distrito de Tete!!! por muito que se diga o contrário.”¹⁵⁸⁷

O número de mortos vai ocupar parte importante dos seus relatos:

Há dias no Quiterajo uma mina reforçada limpou 11 (onze) soldados!!! Em segundos.¹⁵⁸⁸

O Matos anda com azar e há dias uma mina feriu-lhe gravemente vários tipos. A companhia dele deve ter já para cima de 10 tipos amputados, fora o resto... Por cá a guerra está parada. Apesar de grandes medidas de desenvolvimento sócio-económico a população continua a fugir para o mato.¹⁵⁸⁹

ontem à tarde morreu-me numa emboscada a 18 kms daqui um rapaz, que embora igual a tantos outros, era de facto um bom elemento e muito estimado. Para além disso era casado e tinha um filhito. Acabei há pouco de assistir a uma missa por intenção dele. Ficaram mais uns quantos feridos mas que não eram da minha companhia. Aliás a guerra tem recrudescido de intensidade.¹⁵⁹⁰

Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2000) (orgs.), *Guerra Colonial*, Lisboa, Editorial Notícias, pp. 450-459.

¹⁵⁸⁶ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 37, 08.04.1971; como veremos mais à frente, Luís, irá assistir a uma reunião com o general Kaúlza de Arriaga que visitará o quartel em Nangade. Escreverá sobre essa reunião e explicará o que entendeu ser a operação Fronteira.

¹⁵⁸⁷ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 37, 17.04.1971; os resultados inesperados da operação Nô Górdio levam a que o governo rodesiano critique, em Setembro de 1971 e Novembro de 1972, a actuação do General Kaúlza de Arriaga como comandante chefe das forças armadas em Moçambique. O General irá pedir, no início de 1973, um alargamento das suas competências, o que lhe será recusado, tendo sido substituído em Julho desse ano, pelo general Bastos Machado. Sobre este assunto ver, nomeadamente, a entrevista realizada com o marechal Costa Gomes em Cruzeiro, Maria Manuela (1998), *Costa Gomes, o Último Marechal*, Lisboa, Editorial Notícias.

¹⁵⁸⁸ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 36, 06.03.1971.

¹⁵⁸⁹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 38, 02.05.1971.

¹⁵⁹⁰ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 38, 15.05.1971.

A minha companhia continua com azar e ontem lá se foi ao ar mais uma viatura (o que de resto não faz mal nenhum), o pior foi outro homem que teve de ser evacuado ferido. A actividade dos turras tem aumentado muito, desdizendo os êxitos teóricos do Snr. Arriaga.....”¹⁵⁹¹

Ainda ontem, o dia do 14 mês do Batalhão, sucedeu cá um desastre bastante chato. Uma viatura que ia para o vale (próximo do lago) a 3 kms daqui accionou uma mina reforçada, causando 9 mortos e o resto feridos graves (4). Safou-se apenas um furriel que nasceu positivamente outra vez. Hoje, uma coluna que vinha de Mueda para cá foi atacada havendo 5 mortos e n feridos. Não digo isto para te alarmares, pois sabes que corro um risco mínimo e que não saio do quartel, mas para veres como esses animais que mandam só bocas, mentem descaradamente. Já no dia em que cheguei cá, a coluna que ia para Palma teve 1 morto e n feridos. Claro que isto passa-se aqui num bocadito de nada (zona de acção de 1 Batalhão), não falo do resto de Moçambique. Enfim, eles lá sabem....”¹⁵⁹²

Há 2 dias morreram 2 capitães de uma assentada. Um aliás bem meu conhecido, era dos comandos e tinha cá a esposa. A desgraçada da senhora quando soube da notícia tentou suicidar-se (estava grávida ainda por cima) de forma que teve de ser evacuada de avião para o Hospital de Nampula... Como vês a guerra está praticamente acabada!!!!... como dizia o Kaúlza mentiroso.”¹⁵⁹³

A propósito de capitães não te alarmes mas só em 15 dias lerparam 3 e 1 tenente... (...) Aliás os meus “passeios” jeep, ou a pé, para fora do arame farpado acabaram, depois de tais significativos exemplos.” ¹⁵⁹⁴

Durante a estadia de Luís em Nangade, são muitas as visitas de altas individualidades que o quartel recebe, desde o governador do distrito e sua mulher, “respectivamente um burro e uma saloia”,¹⁵⁹⁵ ao “Governador-Geral e camarilha”,¹⁵⁹⁶ até dava para “uma enciclopédia de ridicularias.....”,¹⁵⁹⁷ uma “fantoçada”,¹⁵⁹⁸ uma “cambada” deles”,¹⁵⁹⁹ “pena é que hajam tantas vítimas.”¹⁶⁰⁰

¹⁵⁹¹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 38, 17.05.1971.

¹⁵⁹² Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 39, 21.07.1971.

¹⁵⁹³ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 41, 21.09.1971; Kaúlza de Arriaga havia declarado em 19 de Março de 1971 que estava iminente a vitória das forças portuguesas em Moçambique. http://www.guerracolonial.org/index.php?content=18&category=&dateBegin=1975&dateEnd=1959#_self (consultado em Maio de 2017)

¹⁵⁹⁴ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 42, 07.10.1971.

¹⁵⁹⁵ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 33, 03.12.1970.

¹⁵⁹⁶ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 33, 31.12.1970.

¹⁵⁹⁷ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 33, 31.12.1970.

¹⁵⁹⁸ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 35, 20.02.1971.

¹⁵⁹⁹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 36, 22.03.1971.

¹⁶⁰⁰ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 35, 20.02.1971.

Kaúlza de Arriaga visita, também, o quartel de Nangade, “mais uma grande comitiva”. Luís avalia muito negativamente as opções militares do general considerando que “nós estamos nitidamente a perder”.¹⁶⁰¹ Será uma questão de tempo, observa:

mais tarde ou mais cedo (0 a 20 anos) nós acabamos por sair de cá, com todas as consequências que sofre quem não vê com tempo a realidade dos factos. O “Meirim” (general Kaúlza) apesar de se rodear duma propaganda soberba para o meio, não pode deixar de contar por derrotas todas as onerosas tentativas para desarticular o In. ou impedir a sua progressão para Sul. Aliás a falta de meios materiais e humanos é tão confrangedora que no distrito de Cabo Delgado e não só (maior que a Suíça!!!) o Inimigo faz o que quer e o que bem lhe apetece...

De resto era manifestamente impossível (portanto é desculpável) que o país mais miserável da Europa pudesse arcar com êxito com guerra de tal envergadura. Por enquanto continuamos como é lógico a enganarmo-nos uns aos outros...”¹⁶⁰²

Por cá a guerra lá vai consumindo vidas e fazendas. Lenta mas inexoravelmente a guerrilha fortalece-se, estende-se, propaga-se. Neste momento já há acções violentas a SUL DO ZAMBEZE, o que à primeira vista é pelo menos incrível.¹⁶⁰³

Numa longa carta para Teresa, Luís vai dar conta da referida reunião:

presidida pelo Kaúlza aqui em Nangade em que se disserem n alarvidades. Claro que da mentira alguma coisa fica como diria Goebells mas, tão descaradamente é impossível. (...) veio o general, a mulher, cónsules não sei de onde, jornalistas....¹⁶⁰⁴

Luís analisará de forma crítica o que se pretende fazer a partir de Nangade, a chamada operação Fronteira:

aldeamento modelo, núcleo urbanizado com todas as características que o tornam digno desse nome, (luz, água, escolas, oficinas, etc.) e numa exploração agrícola que possibilite a curto prazo à satisfação das necessidades alimentares da população que cá está e daquela que há-de vir (?) e até a exportação de produtos.¹⁶⁰⁵

No livro da unidade, a operação Fronteira é apresentada da forma que se segue:

consiste na criação de um conjunto de vilas e aldeias espalhadas ao longo da Fronteira do rio ROVUMA, futuramente em regime de auto-defesa, onde será desenvolvida uma intensa ação de promoção sócio-económica das populações que permita a conquista e adesão destas e que as leve, portanto, a participar activamente na luta a nosso lado, constituindo, assim, um tampão à penetração do IN. Simultaneamente, favorecer o regresso das populações de MOÇAMBIQUE

¹⁶⁰¹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 34, 23.01.1971.

¹⁶⁰² Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 34, 23.01.1971.

¹⁶⁰³ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 34, 23.01.1971.

¹⁶⁰⁴ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 41, 02.09.1971.

¹⁶⁰⁵ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 41, 02.09.1971.

refugiadas na TANZÂNIA, pelo desequilíbrio criado pelas suas actuais condições de vida neste País e as que se lhe oferece em TN.¹⁶⁰⁶

O militar confessa-se descrente de tal empreendimento, discutido num “clima de fantasia e mentira”, um verdadeiro “golpe político do Kaúlza que não surtirá efeito”. Com o passar do tempo e a impossibilidade prática de cumprir o objectivo desta operação, os resultados são descritos por Luís desta forma:

Acontece que, como ao cabo e ao resto o que há para vêr é escasso e de nenhum interesse, acabamos por dar umas voltitas com as visitas pelos 2 aldeamentos de indígenas, a quem eu chamo de “Jardim Zoológico”.¹⁶⁰⁷

Um dos acontecimentos mais marcantes na estadia de Luís em Nangade passa-se numa noite em que se encontra de serviço: “um preto veio à messe” chamar o médico “dizendo que a mulher estava doente”. Luís, acompanhado por outro soldado, escolta o médico até ao aldeamento. O que vê, o desenlace de um parto, dá origem a uma longa e emocionada carta para a mulher:

Era melhor não ter ido pois assisti ao quadro mais patético de toda a minha vida. Estou impressionadíssimo.”

A descrição do que vê com o recém nascido morto e a mãe a esvaír-se em sangue leva Luís a reflectir sobre o modo como a população vive:

vivem como animais, não têm casas, nem comodidades, nem mobílias, nem pratos, nem talheres, nem roupa, as casas são palhotas a cair aos pedaços. (...) Que miséria! Que desumanidade! E é isto, este stato-quo, esta sociedade que o teu marido aqui anda a defender.... brilhante!!! (...) como me sinto revoltado com tudo isto.¹⁶⁰⁸

Esta revolta estará presente em várias cartas, desde o início até ao fim da sua estadia em Moçambique. Liga-se ao que Luís chama as “perspectivas futuras”.¹⁶⁰⁹ Como oficial do quadro permanente das Forças Armadas, tem à sua frente a probabilidade de fazer outras comissões enquanto a guerrar durar, o que rejeita:

ando aqui a arriscar (e muito) o meu físico, o que pessoalmente não me é grato e não me dá compensação de qualquer espécie. Posto o problema neste pé estou absolutamente decidido, a não vir mais nenhuma vez ao ultramar, arrote eu com a situação, a mais difícil, que tiver que arrostar. Deixo também de bom grado aos outros o privilégio de serem, heróis, mártires, patriotas e sobretudo defensores estúpidos de causas perdidas. Por mim estou absolutamente elucidado sobre a natureza de determinadas políticas e valor de certos sacrifícios. Apenas vim confirmar a

¹⁶⁰⁶ AHM, 2/7/110/3.

¹⁶⁰⁷ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 42, 23.10.1971.

¹⁶⁰⁸ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 42, 08.10.1971.

¹⁶⁰⁹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 28, 21.07.1970.

Moçambique, e definitivamente, a impressão que tinha disto tudo, e que passadas para o papel (e talvez o faça) dará um testemunho válido.... É claro que não posso deixar de “admirar” ou de “me admirar” com a passividade de espírito de tantos que revoltando-se, com problemas acessórios não são capazes de dizer de caras que “não suportam esta porcaria”.¹⁶¹⁰

A atitude decorrente destas considerações leva-o, desde o início, a poupar-se a riscos:

sabes muito bem o meu estado de espírito, que te amo e que nunca arriscaria, nestas circunstâncias, a vida de ânimo leve. Simplesmente esta disposição não funciona como um escudo invisível que me proteja de todos os males. Portanto tens que estar preparada e sê forte. Claro que se me “safo” desta, noutra não me meto, disso podes estar certa.¹⁶¹¹

A concluir dirá:

não suporto pensar que poderei morrer por uma causa que não é minha, nem nossa, e em que não acredito um milímetro.¹⁶¹²

Teresa escreve no mesmo sentido, como percebemos pelas cartas de resposta de Luís:

“Pedes-me para não sair para o mato, e podes ter a certeza que por minha iniciativa não o faço, gosto demasiado de vocês para ser maluco.”¹⁶¹³

É mais ou menos por esta altura que Luís vai saber que o irmão mais novo está mobilizado para a Guiné. Sobre esta notícia dirá: “...espero que se “ponha na alheta”.¹⁶¹⁴ A avaliação da situação leva-o a confessar-se

dispôsto a tudo, e nesse tudo incluo soluções extremas que desde já e dentro de poucos meses estou dispôsto a tomar.¹⁶¹⁵

Luís dará notícias que, na sua opinião, vão comprovando a avaliação que faz da situação e do futuro do conflito:

Há dias um capitão que estava aqui no Cabo Delgado foi passar as férias aí e “cavou” para a Suécia. Não há justificação alguma para se levar uma vida tão miserável e tão sem sentido.¹⁶¹⁶

Um pouco inesperadamente, Luís é enviado alguns dias para Lourenço Marques, indicado para tirar um curso de fotografia. Visita a irmã e cunhado que vivem na capital da província. No regresso ao aquartelamento irá proceder à identificação das populações, actividade comum de

¹⁶¹⁰ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 28, 21.07.1970

¹⁶¹¹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 29, 15.08.1970

¹⁶¹² Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 29, 15.08.1970

¹⁶¹³ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 30, 01.09.1970

¹⁶¹⁴ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 32, 18.11.1970

¹⁶¹⁵ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 34, 30.01.1971.

¹⁶¹⁶ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 35, 07.02.1971.

recenseamento que consistia em inventariar o número de habitantes que viviam nas povoações que estavam dentro da área de actuação dos batalhões.

A partir de certa altura, o batalhão aguarda a ordem de rotação para uma zona sem guerra e posterior rendição por tropas que acabam de chegar da Metrópole e que Luís avalia negativamente:

no conjunto, é das piores coisas que me poderiam ter aparecido e ultrapassa de longe as expectativas mais pessimistas. São desconfiados, indelicados e maus camaradas.¹⁶¹⁷

As notícias que chegam ao quartel são contraditórias. Por vezes diz-se que não sairão de Nangade: “O meu pessoal, desde que soube que não roda entrou em crise psicológica que espero não desague em problemas sérios.”¹⁶¹⁸

Para passar o tempo, Luís lê jornais e livros que Teresa lhe manda, outros que são emprestados por camaradas oficiais e o livro vermelho de Mao Tsé Tung, encontrado em grande número nos assaltos aos acampamentos do inimigo.¹⁶¹⁹ Quando está de serviço, Luís junta-se com outro capitão que, no regresso de férias, trouxe uma cassete com baladas inéditas de Zeca Afonso. Ouvem-nas às escondidas do Comandante que também não gosta de saber que Luís lê a Seara Nova e o Tempo e o Modo.¹⁶²⁰

Quando faltarem 207 dias para o final da comissão, dirá:

Cada vez há mais turras e a tropa é sempre a mesma.¹⁶²¹

ontem foi mais um dia azarento para a minha companhia. Em duas acções uma mina e uma série de emboscadas “tive” 2 feridos graves. Como deves calcular, a saturação está a atingir os limites e com azares destes o moral desce na vertical. (...) Nalguns locais isto está um inferno.¹⁶²²

O quartel será atacado, pela primeira vez, já perto da rotação do Batalhão:

fica como um aviso sério para quem tanto se tem descuidado com os assuntos de defesa, como é o caso deste Batalhão. Por sorte soprava na altura do ataque um vento fortissimo que influenciou a trajectória das granadas de morteiro dos turras de tal ordem que caíram todas a cerca de 100, 200 metros do quartel. Gerou-se como é óbvio uma confusão indiscriminável e por sorte temos cá 2

¹⁶¹⁷ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 45, 14.02.1972 (1ª carta deste dia).

¹⁶¹⁸ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 41, 30.09.1971.

¹⁶¹⁹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 43, 11.11.1971.

¹⁶²⁰ Por exemplo, Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 28, 14.07.1970, documento 36, 12.03.1971, 14.03.1971, documento 38, 17.05.1971.

¹⁶²¹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 42, 26.10.1971.

¹⁶²² Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 43, 13.11.1971.

canhões 8,8, senão os turras acabavam por gozar connosco. A besta do Comandante, que é o principal responsável pela situação caótica de defesa, infelizmente está de férias.¹⁶²³

Luís irá pela segunda vez de férias a Lisboa para estar com a família. No regresso, é informado que o Batalhão vai rodar para Ribaué, localidade perto de Nampula, a sul de Nangade, uma zona onde não há guerra. Terá um novo Comandante e a rendição aproxima-se: “Amanhã chegam a Porto Amélia os desgraçados que vêm para cá.”

Luís chega a Ribaué de noite, depois de uma viagem morosa:

O quartel à primeira vista parece-me bonzinho (...) Enfim ao menos está-se em paz e as pessoas podem respirar à vontade. Por sinal ainda hoje de madrugada atacaram um quartel mesmo ao lado de Nangade e fizeram bastantes baixas.¹⁶²⁴

O militar informa Teresa que alguns oficiais têm as suas famílias no quartel:

Podias cá viver se quisesses pois a messe tem “flats”, numa das quais eu estou sózinho. (...) Se cá estivesses passavamos com certeza um tempo agradabilíssimo. Tenho pena que o teu curso não te possibilite a vinda.”¹⁶²⁵

Embora falte pouco para o regresso,. Luís regista que “depois de uma grande enxurrada de papeis, agora isto acalmou e vejo-me aflito para preencher o tempo.”¹⁶²⁶ No entanto, confessa que “basta o simples facto de estar longe da guerra para ser um grande alívio.”¹⁶²⁷

De acordo com a história da unidade, a partir de fevereiro de 1972, “a actividade do Batalhão é agora no novo sector muito menos intensa, limitando-se a patrulhamentos.”¹⁶²⁸ Nas folhas que se seguem não haverá qualquer ocorrência, registando-se apenas o dia previsto para o embarque, 21 de julho. Mas as notícias de mortos e ataques noutras zonas continuam a chegar:

Um amigo meu da Força Aérea, capitão, morreu no Cabo Delgado, onde o avião foi abatido. Era um rapaz de quem te falei e de quem um dia te mandei perguntar se conhecias a esposa pois ela andava na Faculdade de Letras. Coitada da moça tinham um filhito pequeno e ela estava cá em Nacala. Tudo isto me faz odiar ainda mais esta choldra. Oh Teresa a minha grande esperança é “safar-me desta organização detestável”.¹⁶²⁹

¹⁶²³ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 43, 16.11.1971.

¹⁶²⁴ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 45, 14.02.1972.

¹⁶²⁵ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 45, 17.02.1972.

¹⁶²⁶ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 45, 28.02.1972.

¹⁶²⁷ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 46, 16.03.1972.

¹⁶²⁸ AHM, 2/7/57/1, relatório do Comando e CCS.

¹⁶²⁹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 47, 16.04.1972.

A parte final da comissão, “o “mata-bicho”, como aqui chamam ao tempo que se dá a mais além da comissão normal”¹⁶³⁰, é vivida com grande expectativa e ansiedade pelo regresso. É também altura para Luís fazer balanços vários, a partir do que viu e viveu:

Isto é de facto insuportável para quem tendo o mínimo de personalidade não concorda com o sistema. Um miliciano está bem. É justo que compre a “sua” liberdade por 2 anos de sacrifícios. Agora um profissional ou concorda, gosta e é militante, ou só tem uma saída se não quiser ser toda a vida um falhado e um covarde: ir-se embora.”¹⁶³¹

Quanto à instituição militar, Luís observa:

Tenho assistido a uma inexorável corrupção da disciplina militar, eu que nem por isso sou militarista, sinto o facto. A indisciplina grassa, o desinteresse é evidente, a corrupção manifesta, e a ignorância um facto. É difícil hoje ser-se profissional das armas, porque ninguém percebe nada disto nem quer perceber, ninguém está disposto a trabalhar ou fazer o mínimo de sacrifício. Vem-se para aqui dois anos e na generalidade vegeta-se e “batem-se sornas”. Dormir é uma Instituição dentro do exército. Depois os problemas têm à mesma que ser resolvidos porque com trabalho ou não, com disciplina ou sem ela, aparecem sempre. Segue-se evidentemente o atropelo desenfreado das regras e é uma espécie de salve-se quem puder. Dou mais 10 anos de vida a esta organização... depois deve ser o colapso e a liquidação final. Os turras serão apenas picadelas de mosquito comparados com as contradições internas desta, tristemente ainda de pé, instituição.

O que pensa ser o atropelo desenfreado das regras será explicado numa outra carta:

Ainda há semanas no Cabo Delgado foi abatido um avião tendo desaparecido (ainda não foi encontrado) tanto o aparelho como o piloto, um rapaz do meu curso, meu amigo, casado até com uma rapariga que tu devias conhecer. Para ele aplica-se o velho ditado popular: “tantas vezes vai o cantaro à fonte que um dia lá deixa a asa...” Assim foi. O Gomes, como se chamava, violou repetidas vezes o espaço aéreo da Tanzânia e mais, chegou a abater pessoas com as suas metralhadoras, que ele nem sequer sabia que eram terroristas ou não, até porque não era “bruxo” para adivinhar. Descia em Nangade com o seu T-6 e entre uns whiskeys e uns arrotos contava as suas aventuras. Chegou a perseguir indivíduos com o avião antes de os liquidar. E ficava muito chateado quando as metralhadoras se encravavam, ou quando avistava um acampamento de turras no meio do mato e não trazia bombas para lançar..... Durante as buscas em que colaborou o Santos, vários aviões entraram na Tanzânia e bombardearam uma aldeia indefesa matando civis e destruindo casas. Parece que foi feito por vingança. Daqui podes avaliar os actos de heroicidade fabulosos.... (...) à medida que a guerra evolui os meios aéreos vão ficando mais vulneráveis.”¹⁶³²

Enquanto espera pela data para embarcar, Luís continua a dar conta a Teresa das suas reflexões:

¹⁶³⁰ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 43, 20.11.1971.

¹⁶³¹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 48, 02.05.1972.

¹⁶³² Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 48, 13.05.1972.

Não posso deixar de reconhecer que parto fartíssimo disto e sem a mais pequena ponta de saudade apesar de cá ter vivido longos meses. Amigos não deixo pois os negros não conhecem sentimentos desses.¹⁶³³

Partirá em breve,

convencido que a guerra não acaba, tende a agravar-se e se eu não me for embora do Exército passo pelo menos metade da minha vida no Ultramar e com fortes possibilidades de ser no mato e na guerra.¹⁶³⁴

Luís depositará mais alguma correspondência esparsa que trocou com alguns amigos e familiares. De um militar amigo, mobilizado na Guiné em 1963, ano em que Luís entrou para a Academia Militar, receberá, nessa altura, um aerograma sobre a situação:

Os verdadeiros incidentes começaram no dia 18 de Janeiro do corrente ano, ao sul do rio Geba, numa localidade que dista de Bissau cerca de 40 km. Desta data por diante, tem-se verificado uma certa subida nas possibilidades bélicas dos “nossos amigos”. Desde então verificaram-se bastantes ataques, quer a aquartelamentos quer a forças em reconhecimento. Até há 1 mês, todos estes incidentes aconteciam no sector Sul da província. Desde então para cá, tem-se verificado certa agitação na parte Norte e Leste da província. Actualmente, os terroristas apresentam-se bem armados; pistolas, pistolas metralhadoras (e até metralhadoras) e granadas de mão de grande efeito destruidor. (...) desde 18 de Janeiro do corrente ano, devemos ter entre 25 a 28 baixas em combate.”

Na avaliação que faz, este amigo compara a situação com a que se viveu na Índia, aquando da perda de Goa e afirma que o mesmo não poderá acontecer na Guiné:

O Ultramar não caiu, o Ultramar não cairá (...) Já me esquecia de te perguntar como corre aí essa “marmelada”. Ouvi a E.N. notícias da prisão de alguns elementos cumunistas. Que querem eles? Barulho? Que venham para cá esses valentes. (...) Quando a Pátria mais necessita de apoio dos seus filhos é quando “meia dúzia” se lembram de a atraiçoar. Nós necessitamos de portugueses e não de bandidos... Paciência...¹⁶³⁵

Luís irá receber aerogramas de um outro amigo mobilizado. Dá-lhe a notícia de que fugiu um capitão para o estrangeiro e refere as cunhas que permitiram que o filho de um general ficasse na metrópole: “Cada vez gosto mais da “tropa”! (aquela organização onde eu já cheguei a acreditar haver uma seriedade que não existia noutros meios.”¹⁶³⁶

Luís receberá do seu pai um aerograma a explicar o empenho que tem de meter para que ele fique perto de casa quando regressar, a pessoa de muita “influência nos altos mandantes

¹⁶³³ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 45, 14.02.1972 (1ª carta deste dia).

¹⁶³⁴ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 48, 26.05.1972.

¹⁶³⁵ Fundo R2, caixa 11, série 3, documento 111, 05.08.1963.

¹⁶³⁶ Fundo R2, caixa 11, série 3, documento 112, 09.11.1967.

da Nação”, “pai do chefe de contabilidade do Banco Espírito Santo”, “amigo pessoal do Sr. Presidente do Conselho”, “sem dúvida uma pessoas de muito boas relações e faz o favor de sêr muito meu amigo.”¹⁶³⁷

Do seu irmão, mobilizado na Guiné, o que não se pôs “na alheta”,¹⁶³⁸ como Luís desejou, irá depositar um único aerograma. Da guerra na “Spinolândia”, o irmão escreverá pouco:

“então como te encontras? Todo contente concerteza, só te faltam três mesitos! Bem eu também só tenho mais meio ano de guerra (...) tem-se resumido aos ataques a aquartelamentos e à porrada que a tropa especial dá e tem sido bastante. A chamada tropa macaca lá vai levando aquela vida de contacto com as populações e pouco mais.”¹⁶³⁹

Américo, um outro amigo a quem Luís mete empenhos para ser colocado perto de casa quando voltar de Moçambique, escreve-lhe uma carta sobre o desconhecimento da real situação em que o Império se encontra:

creio que a razão fundamental é a teimosia em aumentar a espessura das rendas que querem por nos olhos das pessoas, em vez de as ajudarem a limpar a terra que lhe vai para os olhos. Enfim, políticos!¹⁶⁴⁰

Luís escreve a sua última carta a 15 de Julho de 1972, tendo regressado no final do mês. Talvez, nalgum momento do seu regresso, ao reencontrar a família, se tenha lembrado das últimas palavras de Américo:

suba a uma montanha bem alto para que o seu ar varra a parte mais pesada do que lhe restar na memória.¹⁶⁴¹

Da passagem deste batalhão por Moçambique ficará uma “modesta marca gravada em Ribaué” último posto dos militares desta unidade.¹⁶⁴²

“... E O MENOS QUE SE PODERÁ DIZER / É QUE TODOS SOUBERAM CUMPRIR O SEU DEVER.”
/ 30.JUN.72

Luís ficará colocado no distrito de Lisboa, junto da família. Participará na conspiração que irá dar origem ao levantamento militar que em 25 de Abril de 1974 irá por fim ao regime político que governava Portugal e à guerra que se desenrolava há 13 anos.

¹⁶³⁷ Fundo R2, caixa 11, série 3, documento 115, 27.03.1972.

¹⁶³⁸ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 32, 18.11.1970.

¹⁶³⁹ O termo “Spinolândia” está relacionado com o facto de, nesta altura, ser Comandante Chefe e Governador da Guiné o general António de Spínola. Fundo R2, caixa 11, série 3, documento 115, 21.04.1972.

¹⁶⁴⁰ Fundo R2, caixa 11, série 3, documento 115, 07.06.1972.

¹⁶⁴¹ Fundo R2, caixa 11, série 3, documento 115, 07.06.1972.

¹⁶⁴² AHM, 2/7/57/1, relatório de CMD e CCS, p.20.

I.10 ANGOLA 1973-1974, O ESPÍRITO COMANDA A MASSA

Para responder ao apelo do AHM, Paulo depositou dez missivas que trocou com um amigo. Embora sejam em número reduzido, cremos que se revestem de grande interesse não só porque são escritas já na fase final da guerra mas, também, porque são únicas no género de reflexão e narrativa que são estabelecida com o destinatário. O autor das missivas, Alberto, é um furriel miliciano de Cavalaria e está mobilizado em Angola desde Janeiro de 1973.

De acordo com David Martelo, o ano de 1973 confirmou a necessidade de mais efectivos. Em Dezembro estavam nos três territórios em guerra 149 090 militares, o valor mais alto desde 1961. A situação em Angola registava uma aparente melhoria mas agravara-se em Moçambique e, de forma determinante, na Guiné.¹⁶⁴³

A primeira carta escrita por Alberto vem do Luso, localidade na zona Leste de Angola.¹⁶⁴⁴ O militar escreve ao amigo, estudante de engenharia, que vai pedindo sucessivos adiamentos à incorporação:

estava longe de imaginar que ainda estudasses. Julgava-te algures em território Ultramarino lutando pela “integridade Nacional”. A concretizarem-se as tuas previsões entrarás para a tropa na precisa altura em que eu lhe aplico o maior pontapé que até hoje por ninguém foi chutado.

A carta continua, analisando a diferença entre ser civil ou militar:

Falando abertamente, deixa que te diga: também eu me interessei por problemas e me entusiasmei com a crítica de tudo aquilo que não está certo e nos mantém no estado sub-desenvolvido em que jazemos. Isso tornou-se para mim uma verdadeira obsessão. Tudo interpretava, a tudo dava explicações e tudo observava à luz duma inteligência pura na razão natural das coisas.

A partir, porém, do momento em que fui incorporado no Exército, tudo isso teve um fim prematuro para dar lugar a não sei quê que nos põe estúpidos, porcos, mal educados e até selvagens. O pensamento é atrofiado de uma forma tal que até achamos graça a quem nos fala em estruturas, integração e renovação.

Na Metrópole a tropa satura, pois que vamos para lá habituados a ser tratados como pessoas e, de um dia para o outro, somos tratados como um animal nojento a quem convém impôr maus tratos de toda a ordem. Tira-se-lhe a personalidade para lhe dar “desenrasca-te”. Com toda a facilidade os graduados nos chamam alto e bom som: filho da puta, paneleiro, corno, cabrão e as outras todas por demais conhecidas. Passam todos a encabeçar o nosso vocabulário e são usados e abusados

¹⁶⁴³ Martelo, David (2009), “1973 Síntese Militar” em Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1973 – Perder a guerra e as ilusões*, Volume 14, Matosinhos, QuidNovi, pp.6-7.

¹⁶⁴⁴ Fundo R132, caixa s/numeração, 13.01.1973.

esses termos do pôr ao nascer do Sol e assim é que eu e tantos outros, ao entrar na primeira Unidade deixamos os colhões pendurados na porta de armas. A partir daí é o fim.

Alberto observa, de seguida, a diferença entre estar na Metrópole e na guerra:

No Ultramar, o caso muda de figura. A gente aqui dá mesmo o corpo ao manifesto. E em cada dia que se regressa vivo ao quartel foi para mim uma vitória na guerra. Para teu governo devo dizer-te que alinho todos os dias no mato, onde se vêem coisas interessantíssimas entre as quais se contam: minas, obuses, mísseis telecomandados, armadilhas, emboscadas e coisas mais no género. Eu percorro diariamente grande parte da zona Leste. Isto é que dá saúde: as rações de combate, o dormir ao relento com os mosquitos a foder o corpo da malta, a chuva a bater na tromba de um gajo, a sede, o calor e assim sucessivamente. Acredita, Paulo, sinto pena de ti por saber que ainda nem sequer começaste. Às vezes só dá vontade é de desaparecer.

O militar vai informar o amigo que a sua “guerra é sempre feita em carros (se possível carros de combate)”. Para passar o tempo organiza “farras” com os camaradas, “onde nunca falta o whisky, a cerveja”, terminando geralmente com uma “desgarrada”, que acompanha à viola e uma “memorável carraspana”. Esta é, segundo Alberto, a maneira exterior como se faz a guerra porque no “interior, na política vêem-se as coisas mais disparatadas do mundo, mas ao mesmo tempo interessantes.” Esclarece que o que chama “política da guerra” é a guerra operacional que levam a cabo. Remata: “No meio disto tudo, vou-me entretendo a conhecer os negros, os seus costumes e tradições.”

Na carta seguinte, escrita a 5 de Fevereiro, Alberto informa o amigo que tomou conhecimento da morte de Amílcar Cabral:

há aqui muita facilidade em se sintonizar a rádio Conakry e outras. Tenho a impressão que foi assassinado por próprios partidários dado que, ultimamente, havia perdido a confiança de alguns que o acusavam de ser demasiado “português”.¹⁶⁴⁵

Paulo terá contado a Alberto os problemas decorrentes da contestação na universidade. Alberto mostra-se crítico em relação à actuação dos estudantes:

têm a pretensa mania de ser e saber mais que todos os outros homens e que só eles sabem ser homens. (...) deviam vir todos para aqui que acabavam todos esses problemas. Só pensavam em livrar a pele.

Paulo terá perguntado ao amigo sobre as zonas controladas pela guerrilha:

escolas, hospitais... Até dá vontade de rir. Eles só têm controlado o buraco onde se escondem (...) Eu gostava que tu observasses um “turra”. Esqueléticos, pálidos, por vezes descalços, com um saquito de sal no bolso como alimento, e a triste arma. (...) Aí na metrópole há muitas bocas, só bocas. (...) posso garantir-te que não têm em Angola qualquer zona controlada. Muito menos

¹⁶⁴⁵ Fundo R132, caixa s/numeração, 05.02.1973.

hospitais e escolas. O M.P.L.A não tem sequer tática de e para o apoio populacional. Ele, quando consegue entrar num povoado é para exigir do soba homens para combater, e para roubar e raptar mulheres.¹⁶⁴⁶

Alberto escreverá de novo a 16 de Fevereiro. Descreve detalhadamente as rotinas militares em que está envolvido e que são “de estourar”: “diariamente a escolta a Dala – 200 km” e a “patrulha nocturna” da “pista do aeroporto de molde a evitar que esta seja sabotada”. Paulo terá observado ao amigo que não parecem andar muito à vontade na zona onde se encontram. Alberto responde:

Eu ando perfeitamente à vontade em zonas habitadas, nem que seja um quimbo. Claro que, a partir do momento em que me meto numa picada pela mata, levo sempre a arma na mão, pois o caso muda de figura. A casa dos “Turras” é a mata. Dentro dela, eles “controlam” o acampamento onde se encontram instalados pois se a mata esconde até animais selvagens, quanto mais não pode esconder homens armados!

De acordo com as afirmações que o amigo cita nas cartas, Paulo será contra a guerra e terá alguma formação política.¹⁶⁴⁷ Alberto, argumentando sempre com a autoridade conferida a quem está na guerra de realmente poder falar sobre ela, rebate as suas afirmações, enfatizando o desconhecimento de quem está longe e pertence à elite. Começa por redefinir a actuação dos guerrilheiros:

Quanto ao facto de dizeres que um homem que aparece magríssimo e com fome representa para ti todo um esforço e resistência abnegada pela defesa do que é seu – alto aí. Essa resposta é muito sádica (desculpa o termo). Para teu governo, devo advertir-te de que eles se dirigem de noite aos quimbos mais isolados e exigem do soba homens para eles. O soba diz que não, limpam-lhe o sebo, e acabam por os roubar pela força, e obrigam-nos a ir com eles para o mato. Isso para estes últimos é abnegação e luta pela defesa do que é seu? E as mulheres que raptam? Também só quer dizer que não são “paneiros”? Ou é a imposição de 2 ou 3 fanáticos?

De seguida, Alberto mostra-se contra a ideia de que “o Exército Português” é um “agressor imperialista”:

é constituído por gente como eu e soldados como os meus e oficiais milicianos, cujo único pecado é termos a obrigação de cumprir 2 anos de comissão normal. E somos nós os que fazemos a guerra e a apalamos. Não a regemos nem negociamos. E a nossa preocupação mais directa é defender a “integridade” física do “coirão” até que passem esses 2 longos anos.

¹⁶⁴⁶ Fundo R132, caixa s/numeração, 05.02.1973

¹⁶⁴⁷ Várias vezes ao longo desta curta correspondência, Alberto dá indicações que permitem esta ideia. Na carta de 6 de Abril de 1973, por exemplo, ficamos a saber que Paulo é admirador de José Afonso, Adriano Correia de Oliveira e outros cantores de protesto.

Alberto vai reafirmar que não acredita no que se diz, só no que vê, no que observa e sente: “No que ouço ou leio quase não acredito.”

Sobre a missão dirá:

Aqui não se pensa a sério na libertação de Angola nem na integridade portuguesa mas sim no que será passar à disponibilidade, ir de novo para junto da família e acabar esta merda! Isso sim, são coisas materiais, sensíveis, interessam directamente. É isso o que todos pensam e tantos virão a pensar.

A vida resume-se a esperar o regresso à vida anterior:

O resto que se foda, quero lá saber disso, puta que pariu, não há meio é de eu acabar esta merda, faltam só X meses” – são as frases mais faladas e repetidas ao dia inúmeras vezes por toda a minha gente, por todos nós.

Remata a carta:

Já deixei de pensar. Agora vivo e luto para viver. Como, bebo, durmo e sacrifico-me “nas horas do caralho”, mas esta merda há-de ter fim. Já faltou mais tempo. (...)

A guerra é por mim aproveitada para me valorizar até certo ponto e tornar cafre por outro. Gosto de aprender estes hábtios indígenas, bem como o dialecto dos negros. Aqui, no Moxico, fala-se o Quioco. É bastante interessante. E outra coisa mais, como a fotografia. Eu tenho já uma colecção jeitosa...¹⁶⁴⁸

A carta seguinte chega mais de um mês depois. Alberto desculpa-se do atraso na resposta com a vida operacional. O quartel em Gago Coutinho, onde se encontrava de passagem, terá sido atacado à “morteirada”:

Mas a guerra não era comigo. A minha era deitar-me para, às 3h da madrugada me levantar com os meus homens e regressar ao Luso. Assim aconteceu. Eu encostei-me tranquilamente junto da minha arma e dormi ao som de: bôm, bôm, intervalados. Estou farto da guerra até à raiz dos cabelos.¹⁶⁴⁹

Na carta seguinte, escrita a 6 de Abril, o militar faz uma avaliação sobre a política portuguesa:

é das mais firmes e estruturadas que por aí se vêem. A verdade é que aguentar a guerra que Portugal enfrenta há tantos anos, fazer face a duas políticas: a daqui e a daí (interna, ideológica e social) com o consequente perigo de guerra civil, Portugal tem aguentado sem ver por aí os distúrbios que noutros países se verificariam (disso tenho a certeza). Isso ainda não é para todos.

¹⁶⁴⁸ Fundo R132, caixa s/numeração, 16.02.1973.

¹⁶⁴⁹ Fundo R132, caixa s/numeração, 23.03.1973.

Confessa-se da “oposição democrática” mas diz não entender as “bombas que deflagraram em Lisboa, em estabelecimentos militares. Só mentalização? Guerra psicológica?”¹⁶⁵⁰

A carta seguinte chegará a 1 de Maio. Nela, comunica ao amigo que saiu do grupo de combate e está agora na secção de justiça do esquadrão, deixando “assim o perigo mais directo”. Esta mudança veio a calhar porque “nos últimos dias, a guerra se reacendeu no Leste. Os turras rondam aqui nas bordas da cidade do Luso.”¹⁶⁵¹

Alberto entrou de licença e partiu para a Metrópole. A carta seguinte está datada de 20 de Janeiro de 1974. Paulo continua a pedir adiamentos à incorporação para concluir os estudos. Alberto concorda mas contrapõe a ideia “desagradável vir ‘velho’ para a tropa.” E conta o caso de um amigo, alferes, com quem trabalhou na vida civil:

Era Delegado do Procurador da República em Gouveia. Tem 27 anos. Pois, meu amigo, anda aqui com uma “canhota” na mão, na mata, colocado numa unidade quase só de pretos, como é o Esquadrão onde trabalho. De que lhe serve ser licenciado em Direito e ter exercido funções como as que exerceu, durante 2 anos?

Dá notícias de que a guerra continua, com os “tiros, os raptos e as emboscadas”. Custa-lhe

a suportar a “guerra” dos brancos de 2ª (civis). Não os suporto. O racismo continua. Isso de sociedades multi e pluriraciais são coisas muito interessantes na teoria. Na prática são coisas simplesmente IMPOSSÍVEIS. Não posso com os civis “brancos” e até me enojam com as suas atitudes. Nós, o Exército da Metrópole, somos os menos racistas.

¹⁶⁵⁰ A 9 de Março de 1973 deflagraram engenhos explosivos no edifício do Distrito de Recrutamento e Mobilização nº1 e nos Serviços Mecanográficos do Exército, em Lisboa, tendo as acções sido reivindicadas pelas Brigadas Revolucionárias. Morais, João e Luís Violante (1986), *Contribuição para uma cronologia dos factos económicos e sociais, Portugal 1926-1985*, Lisboa, Livros Horizonte, p.235. As Brigadas Revolucionárias foram fundadas em 1970 por Isabel do Carmo e Carlos Antunes, dissidentes do Partido Comunista Português. Em 1973 transformam-se em Partido: Partido Revolucionário do Proletariado – Brigadas Revolucionárias. Levaram a cabo várias ações violentas contra o regime. Sobre as Brigadas e outros grupos que enveredaram pela oposição armada ver, por exemplo, Carmo, Isabel do (2017), *Luta Armada – As Brigadas Revolucionárias, a ARA e a LUAR, contadas pelos próprios protagonistas. E os dias de fúria da Europa rebelde da segunda metade do século XX*. Alfragide, Dom Quixote.

¹⁶⁵¹ Fundo R132, caixa s/numeração, 01.05.1973.

Remata a carta com a transcrição de um discurso de Mobutu, Presidente da República do Zaire, ouvido na rádio em 30 de Novembro de 1973. Nesse discurso Mobutu critica os portugueses por não terem ainda compreendido “l’irreversibilité de l’Histoire”.¹⁶⁵²

Em Fevereiro chegará nova carta onde Alberto dá conta do agravamento da situação militar:

creio que o nosso País caminha a passos largos para a derrocada. Ninguém se entende e a situação crítica dos problemas é patente em todos os sectores, inclusive, no do Exército.

Aqui a situação militar é alarmante e estamos todos a postos para terríveis acontecimentos. A guerra a sério está iminente e, francamente, não compreendo muito bem o que se está a passar. Não te posso fornecer certos dados por muitas razões, mas estou com muito receio do que irá acontecer neste período Fevereiro - Março.

Se pensas que só agora comecei a raciocinar enganas-te redondamente. Desde há muito que estou compenetrado do que se passa aqui. O que eu sempre defendi e continuo a defender é que os pormenores da guerra somos nós quem os conhece e não quem apenas está habituado a regular-se pela notícia escrita. Nós VEMOS e somos a própira guerra e, mais do que ninguém, estaremos à altura de dar uma opinião e de fornecer dados. Defendo e continuo a defender que essa MALTA daí berra, fala, grita... antes da tropa. Uma vez incorporados.... que silêncio.... que resignação.... que medo.... que tropa...

Chegam a calar-se pelo simples receio que lhes cortem... um fim de semana. E têm muita razão, sim senhor. Porque, na guerra, um fim de semana em casa tem um valor incalculável.¹⁶⁵³

Na última carta, escrita a 8 de Março de 1974, Alberto informa o amigo que vai voltar a gozar férias na Metrópole. Analisa a situação de Portugal e interroga-se sobre o futuro:

Não compreendo o que irá resultar da discordância visível entre o último discurso de M. Caetano e o livro “Portugal e o Futuro” do Gen. A. Spínola. A verdade é que o que consta daquele livro é a negação absoluta daquilo que se tem posto em prática na guerra da política ultramarina. O certo é que o último discurso de M.C., que por todo o lado era esperado com excepcional curiosidade, nada trouxe de novo e ele se mostrou totalmente vazio de coisas e dele ressalta o caos em que este estado de coisas colocou o País.¹⁶⁵⁴

Por todo o lado, a tropa está saturada, cansada. É pedir demasiado esforço.

Alberto vai queixar-se da falta de “novas e modernas armas” e também de “novos e mais cómodos meios de intercomunicação”. São necessárias “regalias” pois “têm sido massacrados com mais e mais serviços”. O que há é “restrições e cortes”. Os carros de combate que havia na unidade de cavalaria a que pertence, “um a um foram sendo evacuados por falta de peças”.

¹⁶⁵² Fundo R132, caixa s/numeração, 20.01.1974.

¹⁶⁵³ Fundo R132, caixa s/numeração, 01.02.1974.

¹⁶⁵⁴ O livro Portugal e o Futuro de António de Spínola foi publicado no dia 22 de Fevereiro de 1974.

Quanto aos militares, “o pessoal vem da mata e não descansa. Se fôr preciso, nessa noite entra logo de reforço e no dia seguinte vai de novo para a mata.” Conclui com uma curiosa avaliação da africanização da guerra:

Angola está a tornar-se um perigo. Ao princípio da guerra recrutámos soldados nativos, tal como agora. Mas eram então estúpidos e faziam-no a medo. No convívio com a tropa branca aprenderam muito e começaram a ver os nossos pôdres e o nosso fraco. Começaram a perder a noção do que é o “poderio” branco e já se convenceram da sua (deles) capacidade de guerra. E há muitos soldados brancos de cuja incultura e atrazo os negros se riem e até comentam. E já lá vão 12 longos anos...¹⁶⁵⁵

O golpe militar que derrubou o regime em 25 de Abril terá surpreendido Alberto em Angola, onde continuava ainda em comissão militar. Terá regressado pouco tempo depois, talvez cumprindo o objectivo que estabelecera na sua primeira carta para o amigo Paulo, mais de um ano antes: “Sobretudo pensamos: livrar o coirão dos projecteis e chegar à Metrópole porreiros e, depois, apagar um bocado da vida e então, só então, casar.”¹⁶⁵⁶

II. PARTE

SOBRE VIVER A GUERRA

Na primeira parte deste capítulo tratámos das narrativas individuais presentes nas missivas que os militares mobilizados em África escreveram para os seus correspondentes. As cartas deram a ver como cada soldado descreveu o tempo que passou na guerra, como entendeu a missão que lhe foi atribuída, como encarou o inimigo e a instituição militar, ao longo do tempo de comissão, na maioria dos casos, mais do que os 24 meses estabelecidos para a estadia em África.

Nesta segunda parte, vamos observar esta mesma vivência considerando agora o conjunto destas narrativas dos militares no tempo total em que foram escritas e que

¹⁶⁵⁵ Fundo R132, caixa s/numeração, 08.03.1974; Oito dias depois desta carta, a 16 de Março, deu-se o chamado “golpe das Caldas”, o primeiro levantamento militar contra o regime político. Este pronunciamento do Regimento de Infantaria 5 das Caldas da Rainha falhou, levando à prisão de cerca de 200 militares. Sobre o Golpe das Caldas, ver, entre outros, Afonso, Aniceto e Carlos de Matos Gomes (2009) (orgs.), *Os Anos da Guerra colonial, 1974-75 A revolta dos capitães e o fim da guerra*, Volume 15, Matosinhos, QuidNovi, pp. 46-55.

¹⁶⁵⁶ Fundo R132, caixa s/numeração, 13.01.1973.

praticamente coincide com a duração da guerra, conforme se pode ver no Quadro B.4 do Anexo B.

Da leitura e estudo deste conjunto, tendo como ponto de partida 1961, ano em que José é mobilizado para Angola e terminando em 1974, ano em que a guerra teve fim, encontrando-se Alberto a cumprir comissão na mesma colônia, observámos tendências, algumas comuns e outras marcadamente diferentes, como se segue.

A primeira conclusão que se pode tirar deste conjunto é a vontade expressa de regressar à Metrópole. Este desejo vai enquadrar o comportamento dos militares em campanha, manifestando-se, embora de diferentes formas, praticamente desde o início da comissão de cada soldado e ao longo do tempo da guerra. Se podemos considerar como natural este desejo, em quem vai estar longe e afastado de casa durante mais de dois anos, há que perceber se ele se sobrepõe ou compromete a realização das tarefas próprias à missão que justifica esse afastamento.

O que observámos permite duas considerações: em primeiro lugar, a vontade de regressar torna-se, para cada um, crescente e mais premente, à medida que os meses vão passando e atinge um valor máximo a partir do momento em que é ultrapassado o tempo esperado para a rendição. Em segundo lugar, a sobreposição do desejo de regressar sobre o cumprimento do dever é maior à medida que a guerra decorre e se torna, do ponto de vista militar, globalmente mais intensa, alastrando a três territórios e envolvendo a mobilização de um número crescente de efetivos.

Na nossa opinião, para esta evolução que se nota ao longo do tempo da guerra, tem particular e decisiva importância o acesso às narrativas de outros militares que ainda estão em África ou já regressaram. Nota-se na correspondência que quem ainda não partiu tenta perceber o que vai encontrar, sendo as suas expectativas determinadas por esse conhecimento assim transmitido. Quem acaba de chegar, os maçaricos ou checas, tentam inteirar-se igualmente do que os espera, desta feita no terreno. As recomendações que chegam à Metrópole ou aos novos soldados vão no sentido de “nunca me oferecer voluntário para nada”¹⁶⁵⁷, e fazer o que for possível para “levar os ossos direitos”¹⁶⁵⁸. Estes dois enunciados retirados do acervo de Francisco são o exemplo condensado do sentido de outros, encontrados em praticamente todos os acervos e ao longo do tempo: “é uma vida fodida”¹⁶⁵⁹,

¹⁶⁵⁷ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 24, 02.09.1971.

¹⁶⁵⁸ Fundo R53, caixa 26, série 1, documento 10, 17.10.1967.

¹⁶⁵⁹ Carta de amigo mobilizado para José, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 7, 21.01.1962.

“não volto cá mais ao ultramar”¹⁶⁶⁰, “Os novos do Batalhão dizem – como é que vamos viver aqui 24 meses – que fará nós que já estamos aqui à perto de 24 meses”¹⁶⁶¹.

A segunda conclusão, comum a praticamente todos os acervos e intimamente ligada à vontade de regressar é o desejo de o fazer “a salvamento”, expressão muito utilizada na correspondência¹⁶⁶², que se traduz em não arriscar e fazer o possível para que o tempo passe sem incidentes. Ir para o Hospital, por exemplo, pode ser útil porque o tempo vai passando em segurança, longe da guerra. Ter um pequeno problema evita os grandes problemas que podem suceder no mato. São disto exemplo os casos de José e António que passaram temporadas internados no hospital militar em Luanda. Como ambos escrevem, de forma semelhante, “sempre passo melhor o tempo e mais seguro”¹⁶⁶³ e “não me interessa estar cá pouco tempo”.¹⁶⁶⁴

Outra das maneiras de não correr riscos é, como aconselha Luís, “fazer só o estritamente necessário”. Esta ideia, a que o militar chama o seu “lema” pode levar à narração de episódios semelhantes que aparecem na sua correspondência e na de Alberto, em que ambos descrevem um ataque noturno aos quartéis onde se encontravam. No momento do ataque, preparavam-se para descansar, conforme Luís escreve a Teresa:

Ontem à noite os “turras” vieram á vila e houve tiros. O André chegou ao quarto alvoraçado a dizer q havia tiroteio, eu muito paulatinamente disse-lhe q não me levantava, “nem que o quartel fosse bombardeado” e não o fiz, dixei-me estar no “quentinho” e os maçaricos lá foram atrás deles!!!!....¹⁶⁶⁵

Por seu lado, Alberto escreve ao amigo sobre o ataque com morteiros ao quartel onde se encontrava de passagem:

Mas a guerra não era comigo. A minha era deitar-me para, às 3h da madrugada me levantar com os meus homens e regressar ao Luso. Assim aconteceu.¹⁶⁶⁶

E continuou a dormir.

Na correspondência presente noutros acervos encontramos igualmente o desejo expresso de não sair do quartel em operações. Os militares acolhem com agrado alterações nas suas tarefas que lhes dêem essa possibilidade, como é o caso de Manuel quando passa a

¹⁶⁶⁰ Carta de António para a noiva, Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 81, 03.04.1965.

¹⁶⁶¹ Carta de Manuel para a noiva, Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 10, 02.03.1966.

¹⁶⁶² Por exemplo, Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 1, 21.07.1961, Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 7, 24.03.1968 e Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 130, 19.12.1964.

¹⁶⁶³ Fundo R11, caixa 16, série 2, documento 30, 17.05.1963.

¹⁶⁶⁴ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 80, 21.03.1965.

¹⁶⁶⁵ André era oficial miliciano. Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 20, 17.08.1967.

¹⁶⁶⁶ Fundo R132, caixa s/numeração, 23.03.1973.

escriturário da companhia, ficando assim livre de sair para o mato.¹⁶⁶⁷ Por seu lado, Alberto mostra-se animado por ter sido transferido do grupo de combate para a secção de justiça do esquadrão: “Deixei assim o perigo mais directo”.¹⁶⁶⁸ Outros há que se mostram satisfeitos por ter cunhas que lhes permitem ficar na cidade ou, por sorte, em serviços sem perigo ou recuados, em zonas sem guerra. São os casos de dois amigos de António, mobilizados para Angola. Um deles vai destacado para o QG, em Luanda: “parece que a minha comissão vai ser em beleza, podendo até dizer, que são umas férias se tudo correr como até aqui”¹⁶⁶⁹. O outro ficará “todo o tempo de missão estacionada no Grafanil, não tenho razão para me assustar (...) não irei nem uma só vez ao mato.”¹⁶⁷⁰ Os que ficam em zonas de paz manifestam também o seu contentamento: “Primo isto aqui é formidável, não faço quase nada (...) temos por nossa conta um chalé com uma classe (...) melhor unidade não arranjará.”¹⁶⁷¹

Apenas Carlos e Joaquim, respetivamente paraquedista e comando, preferem estar no mato em operações. O treino e a mentalização que lhes foram dados nas tropas especiais prepararam-nos para a ação na guerra. Para Carlos, estar na cidade causa-lhe saturação e leva o grupo a ter problemas com os civis e outros militares: “Sabe já tenho saudades de ir pra o mato e que na cidade não é vida para nós pois costuma-se dizer que bicho do campo não quer casa e assim estamos nós”¹⁶⁷²

Joaquim está empenhado na operação Nó Górdio, embora o facto de estar em ação continuamente e sem as habituais pausas previstas para as tropas especiais o leve a confessar-se “saturado”, “farto” e a precisar de descanso.¹⁶⁷³

A terceira conclusão que pode ser retirada deste conjunto de narrativas está relacionada com a reduzida familiaridade e adesão à missão a desempenhar, o que poderá estar associada à ausência de compreensão, em sentido lato, da questão colonial. Junto com alguns enunciados em que se fala na defesa da Pátria, a grande maioria refere estar a combater em África por obrigação, sem refletir sobre o que está em causa.

¹⁶⁶⁷ “sou o único na companhia que estou ao par de tudo, todos vêm ter comigo, seja Furrieis, alferes, praças, todos, para os desenrascar, vêm ter comigo”, carta para a noiva, Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 9, 06.02.1966.

¹⁶⁶⁸ Fundo R132, caixa s/numeração, 01.05.1973.

¹⁶⁶⁹ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 140, 26.11.1969.

¹⁶⁷⁰ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 124, 19.02.1964.

¹⁶⁷¹ Carta de primo de Carlos, pertencente ao copro de marinheiros, destacado para Moçambique. Fundo R71, caixa 56, série 3, documento 24, 09.08.1966.

¹⁶⁷² Carta de Carlos para a mãe. Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 4, 28.11.1966.

¹⁶⁷³ Na altura em que morre por efeito do rebentamento de uma mina, estava a regressar à base em Montepuez, uma vila entre Nampula e Mueda, para descanso. Fundo F133, caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 22.08.70.

Há poucas exceções. Um militar, amigo de Luís, escreve em 1963, a partir da Guiné:

O que aconteceu na Índia não poderá acontecer na Guiné. Foi necessário vir para o Ultramar para compreender a nossa política ultramarina. Actualmente, sou um grande admirador daquele que traçou este caminho a seguir. Enquanto não nos desviarmos dele podemos dizer, como disse “Mestre” Afonso Domingues referindo-se à abóbada: “o Ultramar não caiu, o Ultramar não cairá.”¹⁶⁷⁴

Juntamente com esta convicção, o militar fará um balanço da situação militar na Guiné, descrevendo um inimigo bem armado com “pistolas, pistolas metralhadoras (e até metralhadoras) e granadas de mão de grande efeito destruidor” e que se “acoita” onde não existem aquartelamentos”, tendo registado “uma certa subida nas possibilidades bélicas”. Terminará descrevendo a vida “estúpida” que leva na guerra.

Carlos, outra exceção, é um militar patriota que tem uma posição ligeiramente diferente da quase indiferença da maioria embora o que diz sobre a missão se centre no facto de ser paraquedista, de não ser cobarde e de ser um verdadeiro homem e não na questão mais lata da manutenção do Império:

hoje estou aqui tenho agarrada ao corpo uma farda que envergo com muito orgulho e uma arma que é preciso honrar, reconheço que a missão dos Pára-Quedistas são duras e para tudo isto conto com a ajuda de Deus.¹⁶⁷⁵

No caso de Joaquim, militar comando, natural e a residir em Moçambique, a questão da razão da guerra e da missão nunca se coloca, como o fazem os soldados metropolitanos, embora de diversas formas e com distintos graus de superficialidade. Esta ausência de questionamento poderá dever-se ao facto de estar a defender o modo de vida da família, instalada em África há 32 anos.

Para os outros, a questão do cumprimento do dever é um “martírio” que é preciso “dar por fim”. Luís jura que “Não desejo estar aqui nem mais um dia do que aqueles que sou obrigado”¹⁶⁷⁶. Alberto refere, em 1973,

as frases mais faladas e repetidas ao dia inúmeras vezes por toda a minha gente, por nós todos (...)
O resto que se foda, quero lá saber disso, puta que pariu, não há meio de eu acabar esta merda, faltam só X meses (...) esta merda há-de ter fim.¹⁶⁷⁷

A maioria dos militares lamenta estar a passar na guerra, separados dos seus, os melhores anos da juventude. A ideia que este tempo passado na guerra não contribui para a vida futura aparece em praticamente todos os outros acervos. Alberto remata uma das cartas

¹⁶⁷⁴ Fundo R2, caixa 11, série e, documento 111, 05.08.1963.

¹⁶⁷⁵ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 3, 30.06.1966.

¹⁶⁷⁶ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 17, 30.05.1967

¹⁶⁷⁷ Fundo R132, caixa s/numeração, 16.02.1973.

para Paulo escrevendo que anseia “como todos os outros, que este pesadelo termine nas melhores condições para, finalmente, gozar... gozar... gozar...”¹⁶⁷⁸. Esta ideia aparece mesmo nos acervos dos militares que se ofereceram como voluntários, como são os casos de Mário e Carlos.¹⁶⁷⁹ Embora por razões diferentes, ambos expressam o desejo de voltar à vida civil quanto antes.

O que verificamos é a inexistência de um enquadramento político da guerra, resultante, muito provavelmente, da ausência de formação política da generalidade da população. A existência de censura e controle da informação, bem como a falta de eleições livres e a perseguição da oposição ao regime, levaram à quase inexistência de debate político.

Não há, excepto no caso de Luís, a colocação da situação em perspectiva, o que podemos supor que terá a ver não só com o facto de aquele militar vir da AM e pertencer ao QP mas também por ter acesso a informação confidencial que reporta por várias vezes a Teresa.

Luís e Alberto, os que mais aproximam as suas considerações à questão política, fazem-no a partir da observação no terreno e, também, por contacto com outras maneiras de ver, designadamente através de amigos e namoradas a frequentar a universidade, de onde chegam ecos da contestação à guerra e da repressão policial.¹⁶⁸⁰ O acesso nos quartéis a emissões de rádio em ondas curtas onde se fala contra o regime português - casos das Rádio Moscovo, Rádio Brazaville, também designada Maria Turra¹⁶⁸¹, que fazia propaganda do MPLA e a Rádio Conakry que trazia as notícias da Guiné - terá tido alguma influência, assim como o contacto com oficiais milicianos que trouxeram para o mato outras maneiras de pensar e, nalguns casos, a música de contestação, como a de José Afonso e de Adriano Correia de

¹⁶⁷⁸ Fundo R132, caixa s/numeração, 01.02.1974.

¹⁶⁷⁹ Não estamos a considerar o acervo de Vítor, também voluntário, por possuir apenas oito cartas relativas ao mesmo período e quase nada se saber da sua vida ou do seu pensamento.

¹⁶⁸⁰ Pacheco Pereira faz notar que a circulação de publicações clandestinas, ligadas a movimentos radicais de esquerda, teve uma importância determinante na disseminação de informação, alcançando públicos muito para além dos estudantes: “Todas as publicações dão relevo a notícias sobre o colonialismo e a guerra, e a reprodução de documentos dos movimentos de libertação, assim como entrevistas e declarações dos seus responsáveis, mostraram a importância da imprensa clandestina em fornecer um fluxo de informações que a censura impedia de serem conhecidas.” Pereira, José Pacheco (2013), *As Armas de Papel*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates, p.96. A dissertação de doutoramento de Guya Accornero sobre o movimento estudantil português entre 1956 e 1974 pode contribuir para compreender a intensa mobilização dos estudantes, os mais radicalizados e politizados no final do regime político, e a forma como este processo atingiu as Forças Armadas: Accornero, Guya (2009), *Efervescência Estudantil. Estudantes, acção contenciosa e processo político no final do Estado Novo (1956-1974)*. Dissertação de Doutoramento em Ciências Sociais na especialidade de Sociologia Histórica, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa.

¹⁶⁸¹ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 15, 01.03.1967.

Oliveira, bem como alguma imprensa crítica ao regime, como são os casos do Diário de Lisboa, do Tempo e o Modo e da Seara Nova, publicações conhecidas de ambos.

A quarta conclusão, que pode ser retirada do conjunto das narrativas e decorrente das anteriores, é a observação de que a crença na virtude do sacrifício exigido a todos para defender a Pátria se vai esbatendo ao longo do tempo da guerra. Na primeira metade dos anos 60, ainda se encontram alguns enunciados de exortação patriótica, principalmente vindos de quem ficou na Metrópole, tentando motivar quem partiu.

Os militares que mobilizados no início da guerra, em 1961, exprimem a ideia que levam do cumprimento da missão, como refere um amigo de José: “quando saímos de nossa casa já sabíamos para o que vínhamos destinados que era para passarmos trabalhos”¹⁶⁸². Nos tempos que se vão seguir, a ênfase continuará a ser nos “trabalhos” a realizar no âmbito da missão, embora esta apareça matizada.

Em 1964, um soldado amigo de António escreve-lhe dizendo: “sabemos que é esta a nossa missão, viemos para cá para trabalhar, não para gozar”.¹⁶⁸³ Manuel dirá, em 1966 que “eu vim para cumprir o meu dever, combater em defesa da Pátria”¹⁶⁸⁴, ao mesmo tempo que afirma “nunca mais cá venho, só se for obrigado, como desta vez”¹⁶⁸⁵. Estes enunciados em que a missão, como serviço à Pátria, aparece formulada em termos simples e estereotipados terão sido assimilados e estarão de acordo com a retórica do regime.

Apenas Luís será, mais uma vez, a excepção, questionando-se sobre razão do sacrifício exigido a todos:

A não ser os laços pessoais de carácter sentimental que liga determinado número dos q cá lutam, com determinado número dos que aí ficam, tudo o mais se reduz a um monte de incompreensão e intolerância que se reflecte irremediavelmente nas frentes de combate. Ninguém aqui sabe porque razão luta (nem eu próprio).¹⁶⁸⁶

Alberto, mais crú na expressão, dirá em 1973 que o que se torna relevante é “defender a ‘integridade’ física do ‘coirão’ até que passem esses 2 longos anos.”¹⁶⁸⁷

A quinta conclusão que se pode tirar da observação deste conjunto ao longo do tempo da guerra, diz respeito ao entendimento da evolução do conflito. De uma forma geral, os relatos dos militares correspondem, apenas, a episódios pontuais, não sendo inseridos e

¹⁶⁸² Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 6, 06.12.1961.

¹⁶⁸³ Fundo R72, caixa 61, série 8, documento 130, 02.12.1964.

¹⁶⁸⁴ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 10, 29.03.1966.

¹⁶⁸⁵ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 9, 01.02.1966.

¹⁶⁸⁶ Carta de Luís para a namorada, Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 16, 19.04.1967.

¹⁶⁸⁷ Fundo R132, caixa s/numeração, 16.02.1973

compreendidos no contexto da manobra geral. Embora na correspondência sejam de registrar tentativas, de quem ficou ou de quem partiu, de saber mais e de conhecer o que se passa de facto na guerra, aparecendo por vezes a ideia difusa de que talvez não se saiba de tudo, o que os militares reportam, com frequência e ênfase, é o agravamento da situação em que se encontram e daquela de que ouvem falar por outros camaradas de armas. Para esta narrativa tem uma importância determinante a tomada de conhecimento do número de mortos e feridos, muitos dos quais gente deles conhecida. O facto de haver censura e controle sobre a informação terá tido pouca importância nos relatos que fizeram. Como observa Hynes, as guerras são combatidas e recordadas por homens “unaware of events and meanings beyond their own vision, because their attention is on other, closer, mortal things.”¹⁶⁸⁸

Luís, pela informação privilegiada que tem como oficial do QP e pelo que vai observando no terreno, pensa a guerra nas três frentes, vai refletindo sobre as operações que vê em marcha e sobre o que pensa ser os resultados da colonização portuguesa, deduzindo, desde cedo, uma visão pessimista que aponta para a derrota militar a prazo. São disso bom exemplo as cartas escritas na 1ª comissão, em 1967, à chegada a Angola.¹⁶⁸⁹

Alberto, o outro militar que escreve de forma diferente da generalidade, apresenta-se dividido entre a verdade proposta pelo regime e interpretações alternativas de contestação à guerra, que desconsidera. A verdade da guerra é a sua verdade, como constata ao chegar a África: “A gente aqui dá mesmo o corpo ao manifesto. E em cada dia que se regressa vivo ao quartel foi para mim uma vitória na guerra. (...) A guerra conhece-se aqui.” A partir desta convicção, Alberto acusa os estudantes contestatários à guerra de ter “a pretensa mania de ser e saber mais que todos” e de na Metrópole a propaganda sobre a “existência de zonas controladas pelos movimentos de libertação, designadamente escolas e hospitais... até dá vontade de rir. Eles só têm controlado o buraco onde se escondem e, por vezes, nem isso.”¹⁶⁹⁰

Com a passagem do tempo, Alberto vai contar outra versão, contraditória com a anterior, dando conta do agravamento da situação militar na penúltima carta que escreve, já em 1974: “A guerra a sério está iminente e, francamente, não compreendo muito bem o que se está a passar.”¹⁶⁹¹ A sua posição final será contra a guerra e muito clara quanto às perspectivas da “derrocada”¹⁶⁹² que pressente face aos acontecimentos que presencia.

A sexta conclusão que podemos avançar prende-se com a questão do aquartelamento que aparece na correspondência de forma repetida. O modo de vida precário e com poucas

¹⁶⁸⁸ Hynes, Samuel (1998), *The soldiers' tale. Bearing witness to modern war*, London, Pimlico, p.14.

¹⁶⁸⁹ Fundo R2, caixa 8, série 1, documento 13, 20.01.1967.

¹⁶⁹⁰ Fundo R132, caixa s/numeração, 05.02.1973.

¹⁶⁹¹ Fundo R132, caixa s/numeração, 01.02.1974.

¹⁶⁹² Fundo R132, caixa s/numeração, 01.02.1974.

condições, descrito em quase todos os acervos, terá desmoralizado e afetado de forma determinante os militares. Come-se mal, com frequência rações de combate, mesmo quando os militares não se encontram em operações, e o alojamento é de fraca qualidade: instalações precárias, pragas de percevejos, baratas, mosquitos, água escassa ou de má qualidade. O clima é doentio, muito quente e húmido.

Ao longo do tempo em que se desenrola a guerra, encontramos nas cartas estas dificuldades, quer no início, quando José se encontra em Angola em 1961, quer em 1974, quando Alberto cumpre a sua comissão.

Em 1961, na história da unidade a que pertence José, o excesso de trabalho numa “região muito acidentada e densamente arborizada” e as más condições em que vivem, passando com frequência fome e sede, levam ao registo da existência de “muitos doentes e cansados”, num “pessoal cujas condições físicas não são as melhores”¹⁶⁹³.

Em 1964, Manuel chega a Fingoé, em Moçambique, e a sua companhia terá de construir o quartel a partir de instalações precárias, estando referidas no livro da unidade as dificuldades de alojamento e abastecimento.

O mesmo sucede quando Luís chega a Moçambique em 1970. As instalações “não têm o mínimo de condições”¹⁶⁹⁴ e as dificuldades de abastecimento são inúmeras. Na história da sua unidade está registada a necessidade de conferir aos militares “um mínimo de condições de vida”, tendo eles de construir “o próprio quartel” e levar a cabo “a batalha dos abastecimentos (...) problema constante que teve que ser resolvido à custa de esforços invulgares”.¹⁶⁹⁵

Estes esforços invulgares são referidos em vários relatórios que constam do livro desta unidade. Num deles, ainda no primeiro ano de comissão, relata-se a saída de um grupo em operação para “montar uma rede de emboscadas”. Rapidamente surgem dificuldades graves com o abastecimento de água, “uma vez que o percurso a corta mato foi extenuante”, tendo começado a surgir “desmaios e delírios” entre os militares. Em pouco tempo, “mais de 10% do pessoal estava inoperacional”.¹⁶⁹⁶ É curioso notar que o comandante do batalhão, num

¹⁶⁹³ AHM, 2/2/157/3, p.28 e p.50.

¹⁶⁹⁴ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 29, 09.08.1970.

¹⁶⁹⁵ AHM, 2/7/57/1, p.11.

¹⁶⁹⁶ AHM, 2/7/110/3, relatório operação nº12/70, em 13.11.1970. No relatório são descritos os actos levados a cabo pelos soldados para minorar o problema da falta de água, após terem sido esgotados “os estimulantes das bolsas de enfermagem” e antes de ter aparecido ajuda: “uns aproveitando a seiva de raízes para mitigar a sede”, outros, “contra tudo o que está indicado e fora da vigilância dos graduados beberam urina pelo que foram severamente admoestados” e “outros ainda arranjaram forças para abrir um poço numa língua e como não houvesse água chuparam a terra húmida”, tendo sido evacuados 4 militares.

comentário a estes acontecimentos, refere que “A comer ração de combate, ou conservas e sem local para se descontraír e descansar um pouco, é impossível prolongar acções destas.” Esta situação motivou um relatório do comandante das tropas paraquedistas que acompanharam tropas de artilharia deste batalhão. De forma curta e seca, o coronel põe à consideração superior o estado de esgotamento das tropas de artilharia lembrando que o prazo de duração da operação conjunta era indeterminado.¹⁶⁹⁷

O continuado “grau de saturação físico e psíquico” dos militares, torna algumas operações muito difíceis de levar a cabo, sobretudo quando implicavam a permanência de vários dias no mato, sem o apoio logístico regular do quartel.

Jorge, militar mobilizado em Moçambique, em 1973, na zona do lago Niassa escreve à namorada sobre o quartel em que se encontra:

“isto é o que era um antigo convento de missionários de estarem a dar instrução aos indígenas e que quando começou a guerra a nossa tropa teve que tomar conta do convento para transformá-lo em quartel de fuzileiros da Marinha, pois a sua construção é triste e ao mesmo tempo irrisória esta quase tudo a cair a baixo as paredes ameaçarem ruir de um momento para outro o telhado com grandes rombos parecendo quase um chuveiro quando chove e como não tem tecto vê-se as telhas cheias de aranhas e na armação cheia de morçêgos a alimentação é fraca a água para tomar banho é às prestações por vêzes o banho fica em meio e ensaboados temos que ir ao lago, cá quando toca postos de combate e quando calha à noite como não há luz andamos uns por cima dos outros o que embora muito chato é de rir às gargalhadas e de andar a dar cabeçadas onde calha é triste mas tem os seus bons bocados como vês.”¹⁶⁹⁸

Estas descrições tornam-se mais suaves quando os militares, na segunda parte da comissão, rodam com os seus batalhões para zonas sem guerra. Aí, a vida é mais fácil e melhor para todos. Como refere António, “é só comer e dormir”¹⁶⁹⁹, “a comida é muito bôa pois todos os dias se come carne”¹⁷⁰⁰ e “as casernas são cubatas de palha, mas dorme-se quentinho, e não há pulgas.”¹⁷⁰¹

É preciso notar que durante a guerra, a ocupação do território foi feita através do estacionamento em quadrícula da generalidade dos efetivos, o que “implicava a responsabilidade directa por uma zona de acção, perfeitamente delimitada, e a ocupação permanente de aquartelamentos fixos”¹⁷⁰², através da instalação de batalhões e companhias

¹⁶⁹⁷ AHM, 2/7/110/3.

¹⁶⁹⁸ Fundo R57, caixa 29, s/ série e numeração de documento, 03.04.1973.

¹⁶⁹⁹ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 15, 18.08.1964.

¹⁷⁰⁰ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 74, 21.08.1964,

¹⁷⁰¹ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 15, 12.08.1964.

¹⁷⁰² Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2000) (orgs.), *Guerra Colonial*, Lisboa, Editorial Notícias, p. 97.

em pontos vitais, a partir dos quais se realizavam vários tipos de operações, desde o controle das populações, proteção de itinerários e ações ofensivas com o objetivo de destruir o inimigo. A criação desta “malha de forças”¹⁷⁰³ constituiu o princípio organizador das forças do exército. Funções de segurança e apoio logístico, necessárias a este tipo de organização, deixavam de fora um reduzido número de efetivos para a realização de ações de combate ou contacto com as populações com o objectivo de as trazer para a causa nacional.¹⁷⁰⁴ A vida das unidades em quadrícula, como refere David Martelo, provocava uma “lassidão”, o que levava a que as “unidades se preparassem e se preocupassem, sobretudo, com a sua sobrevivência”, situação que as cartas confirmam ao longo do tempo da guerra.

É possível encontrar em praticamente todos os acervos, enunciados que refletem esta incomodidade permanente sentida durante a mobilização. Palavras como saturação, pesadelo, sacrifício cruel e martírio são usadas com frequência e a ideia de fugir aparece pelo menos em três acervos diferentes: no de José, no de Luís e no de Mário.

Na correspondência de Carlos e Joaquim surge uma narrativa diferente. Membros das tropas especiais, não apresentam queixas em relação ao aquartelamento nem ao material, o que está de acordo com a lógica de constituição, treino e regime operacional destes grupos.¹⁷⁰⁵ Na correspondência de Joaquim, por exemplo, o militar refere que recebeu “equipamento de guerra, que por sinal é todo novo. Isto é que os comandos têm de bom.” Joaquim inventaria o material recebido e termina escrevendo: “deram-me uma metrelhadora novinha em folha que a tirei do plástico e é de fabrico 1969, é deste ano. Finalizando material não me falta.”¹⁷⁰⁶ A vida de comando, como mais tarde dirá aos pais, é “uma vida bestial querem ver: 1 mês no mato e 15 dias de descanso depois 1 mês no mato e 30 dias de descanso, portanto resumindo dois meses em operações e 1 mês e meio de descanso”.¹⁷⁰⁷

Do mesmo modo, Carlos fala da vida de paraquedista: “isto é maravilhoso (...) aqui somos uns senhores”¹⁷⁰⁸. Na correspondência dará ênfase ao grupo e à alegria pois “uma vida como

¹⁷⁰³ Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2000) (orgs.), *Guerra Colonial*, Lisboa, Editorial Notícias, p. 109,

¹⁷⁰⁴ Para resolver este problema, foi pensada a existência de forças de intervenção que pudessem realizar ações ofensivas, o que não foi possível por dificuldades várias. Sobre estas dificuldades, notadamente de instrução e enquadramento, ver Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2000) (orgs.), *Guerra Colonial*, Lisboa, Editorial Notícias, pp. 148-149.

¹⁷⁰⁵ A formação de tropas especiais - comandos, paraquedistas e fuzileiros - foi a solução encontrada para resolver o problema da escassez de efetivos bem treinados e equipados que pudessem responder prontamente e com eficácia às necessidades da guerra.

¹⁷⁰⁶ Fundo R133, caixa s/numeração, série 1, 14.12.1969.

¹⁷⁰⁷ Fundo R133, caixa s/numeração, série 1, 17.02.1970.

¹⁷⁰⁸ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 3, 21.05.1966.

igual não pode haver aqui somos todos amigos”, rematando “cada vez estou mais contente por ser Pára-Quedista.”¹⁷⁰⁹

O que Carlos e Joaquim referem na sua correspondência vai no sentido do tratamento diferenciado que era dado às tropas especiais se as compararmos com as mobilizadas pelo contingente geral, a chamada “tropa macaca”. Conforme refere David Martelo, as tropas especiais estavam “bem instruídas, melhor equipadas, dispendo de grande mobilidade táctica” para cumprir missões de “carácter ofensivo”, sendo-lhes pedidos “sacrifícios pontuais extremamente violentos e de elevado risco”. Entre missões, como Joaquim refere, gozavam de “excelentes condições de repouso e contacto com os meios urbanos mais desenvolvidos”¹⁷¹⁰, estando desta forma altamente motivados.¹⁷¹¹

A sétima conclusão refere-se ao que podemos avançar quanto ao que foi descrito relativamente ao inimigo e ao equipamento. A correspondência refere, embora de forma pontual, o material utilizado por ambos os lados em conflito. Em relação ao inimigo, as diferenças vão no sentido de uma evolução ao longo do tempo no sentido da utilização de mais e melhor armamento. A princípio, com alguma surpresa, dois militares amigos de José, referem que o inimigo “tem material como nós até com granadas de mão nos tem atacado”, utilizando minas anti carro, anti pessoal e armas automáticas.¹⁷¹² Estamos em 1962. Durante algum tempo, há ainda algumas notícias da apreensão de canhangulos e catanas, armas gentílicas mais rudimentares, à semelhança das “azagaias e setas”, utilizadas num ataque que Luís descreve em 1967.¹⁷¹³ A referência a estas armas irá desaparecer com o tempo. O inimigo vai apresentar melhor equipamento, surgindo mais moralizado e combativo.

Como refere a história da unidade a que Luís pertenceu na segunda comissão, em Moçambique, o inimigo, na zona onde se encontravam, possuía “uma organização político-

¹⁷⁰⁹ Fundo R71, caixa 56, série 1, documento 3, 30.06.1966.

¹⁷¹⁰ Martelo, David (2009), “1966 Síntese Militar” em Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1966 – Construir um bastião branco na África Austral*, Volume 7, Matosinhos, QuidNovi, p. 8.

¹⁷¹¹ Esta motivação é referida, por exemplo, na história do batalhão de caçadores de que Luís é adjunto na segunda parte da sua comissão em Angola. A chegada de uma companhia de comandos ao local onde se encontrava uma das companhias de artilharia, com “todo o seu poderoso material e viaturas”, é considerada um “estímulo”, tendo ajudado “a recuperação psicológica” das tropas, devido à actuação directa “sobre os refúgios do IN”, aliviando “a pressão sobre os itinerários”. AHM, 2/2/179/5, II, p.86, (4).

¹⁷¹² Fundo R11, caixa 16, série 1, documento 13, 08.07.1962 e documento 14, 07.08.1962.

¹⁷¹³ “O armamento dos guerrilheiros era, no início, muito antigo (...) e incluía armas gentílicas.” Pouco tempo depois já faziam ataques utilizando “armas automáticas e lança granadas foguete.” ver Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2000) (orgs.), *Guerra Colonial*, Lisboa, Editorial Notícias, p.133.

administrativa de enquadramento das massas populacionais que controla, que pode considerar-se perfeita”.¹⁷¹⁴

Os grupos que atacam as FAP, como refere Luís a Teresa, dispõem de armamento de fabrico russo e chinês, na sua opinião superior ao das tropas portuguesas que sofrem de falta de meios e equipamento.¹⁷¹⁵

Os problemas com o material utilizado pelas tropas portuguesas vão surgir nas cartas de Alberto, militar de cavalaria, que escreve ao amigo já em 1974¹⁷¹⁶:

Eu tenho a especialidade de carros de combate. Todavia, não a pus em prática. Já cá tivémos carros de combate, mas, um a um foram sendo evacuados por falta de peças, etc, etc.

deviam municiar-nos de novas e modernas armas, de novos e mais cómodos meios de intercomunicação. (...) Regalias, nenhuma. Pelo contrário, só se recebem restrições e cortes.

Alberto, em 1973, chama a atenção para a existência na zona Leste de Angola, onde se encontra, de “minas, obuses, mísseis telecomandados, armadilhas, emboscadas e coisas mais no género”¹⁷¹⁷ Ao longo do tempo, o inimigo havia “aperfeiçoado a técnica de implantação de engenhos explosivos”, causando inúmeros mortos e feridos graves e um grande desgaste físico e psíquico às tropas portuguesas.

Quanto ao inimigo, o “turra”, visto inicialmente como bárbaro, selvagem, incapaz e covarde, é identificado com os pretos. Para Mário, todos os pretos são terroristas¹⁷¹⁸ ou, numa outra formulação “terroristas na cidade não há mas são todos”.¹⁷¹⁹ Nos outros acervos, quando se fala de terroristas, fala-se dos pretos.

À medida que o tempo passa, o facto de os guerrilheiros se apresentarem como experientes, bem armados e enquadrados, leva a que sejam referidos de maneira diferente, surgindo menos considerações de cariz racista que os identifica como porcos, sornas,

¹⁷¹⁴ AHM, 2/7/57/1, Documento “Resultados obtidos e ensinamentos colhidos”.

¹⁷¹⁵ Esta falta de meios e de equipamento é referida no estudo que o Comando-Chefe das FAP na Guiné apresentou em 1968. Neste estudo diz-se expressamente que “O armamento ligeiro de que o inimigo dispõe, fundamental para a guerra subversiva, é tecnicamente muito superior ao distribuído às nossas forças. (...) as nossas forças continuam a utilizar o armamento ligeiro de apoio que, sendo na sua quase totalidade anterior à II Guerra Mundial, está necessariamente sujeito a avarias e tem provocado situações críticas frente ao inimigo.” Esta situação agravou-se, especialmente na Guiné e em Moçambique. Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2000) (orgs.), *Guerra Colonial*, Lisboa, Editorial Notícias, pp114-115.

¹⁷¹⁶ Fundo R132, caixa s/numeração, 08.03.1974.

¹⁷¹⁷ Fundo R132, caixa s/numeração, 13.01.1973.

¹⁷¹⁸ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 28.02.1967.

¹⁷¹⁹ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 2, 26.03.1967.

estúpidos e inferiores. Este género de adjectivação desaparece e o que fica é o relato dos operações, emboscadas e ações em que têm contacto.

Apenas nos acervos de Joaquim e de Alberto, já de comissões relativas aos anos 70, para lá da palavra “turra”, surge a palavra “guerrilheiro” e “movimentos de libertação”¹⁷²⁰.

Por outro lado, o que se chamou a africanização da guerra leva à presença de nativos africanos nas unidades, muitos dos quais integram as forças de combate portuguesas. Luís refere a presença de um oficial negro na sua unidade, com quem joga às cartas. Sai para operações com milícias constituídas por africanos.¹⁷²¹ Estes apresentam-se mais adaptados ao terreno. Na correspondência de Manuel aparece a distinção entre pretos do mato e da cidade, “em Tete lá já existem muitos pretos tão limpos como os brancos”.¹⁷²² Há pretos que podem ser bons ou maus. António conta à noiva que “estes terroristas são uns bandidos (...) vão atacar os desgraçados dos bailundos que andam a trabalhar na fazenda e sem armas para se defenderem”.¹⁷²³ Na carta à mãe, rematará a história, escrevendo que “ainda bem que foi um prêto se era um branco era muito pior”.¹⁷²⁴ Apesar deste comentário, nota-se uma ligeira evolução na designação inicial de

pretos = terroristas = todos. Falar-se-á menos de pretos e mais de terroristas e em dois acervos, de guerrilheiros. O governo de Portugal continuava a fazer propaganda de um país vasto, do Minho a Timor, plurirracial, como evidenciado no selo e no carimbo de Angola nas



Figura 3.1 Selo de Angola alusivo ao povoamento

¹⁷²⁰ Respetivamente, Fundo R133, caixa s/ numeração, série 1, documentos 1-10, 02.08.1970 e Fundo R132, caixa s/ numeração, 05.02.1973.

¹⁷²¹ As milícias fizeram parte de forças militares não regulares, estando sob a alçada do Exército, juntamente os GE, grupos especiais, os TE, antigos guerrilheiros que se apresentaram às forças armadas portuguesas, os Flechas, criados pela DGS e os Fiéis e Leais, grupos de ex-combatentes zambianos e catangueses. “Estas forças, particularmente adaptadas à guerra (...) foram ganhando importância com o arrastamento do conflito”. Afonso e matos Gomes, p.87. No relatório de operações nº12/70 presente no livro do batalhão a que Luís pertenceu na 2ª comissão, analisando o problema que a falta de água teve nos soldados, refere-se: “as tropas Africanas da Ccaç (...) que pertenciam ao Agrupamento acabavam a água antes das tropas metropolitanas, se bem que mesmo sem água, nenhum tivesse desmaiado ou delirado.” AHM, 2/7/110/3 de 13.11.1970.

¹⁷²² Fundo R 54, caixa 26, série 2, documento 6, 03.01.1965.

¹⁷²³ Fundo R72, caixa 60, série 5, documento 68, 04.01.1964.

¹⁷²⁴ Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 9, 04.01.1964.

figuras 3.1 e 3.2, em que todos desejam a prosperidade em paz.

Alberto mostrará a sua descrença, a partir do que vê no terreno:

Isso de sociedades multi e pluriraciais são coisas muito interessantes na Teoria. (...) Não posso com os civis “brancos” e até me enjoam com as suas atitudes. Nós, o Exército da Metrópole, somos os menos racistas.¹⁷²⁵

Alberto exprime-se com ironia traçando o caminho percorrido:

Ao princípio da guerra recrutámos soldados nativos, tal como agora. Mas eram então estúpidos e faziam-no a medo. No convívio com a tropa branca aprenderam muito e começaram a ver os nossos pôdres e o nosso fraco. (...) E há muitos soldados brancos de cuja incultura e atrazo os negros se riem e até comentam.¹⁷²⁶

Chegamos à oitava conclusão que a observação da correspondência ao longo dos anos permite avançar e que se relaciona com o que foi um dos problemas de maior gravidade e de mais difícil resolução, a vivência da monotonia da vida de todos os dias no mato. Como escreve Jorge à namorada, “Hoje mais um dia como tantos outros em que a diferença dos demais é nula.”¹⁷²⁷ O isolamento em que os militares se encontravam dentro do arame farpado torna a permanência no quartel uma vivência dolorosa, “nesta vida aqui vivida no mato como selvagens”¹⁷²⁸, “morremos estúpidos podes crer metidos nesta prisão”¹⁷²⁹.

Este isolamento, referido por quase todos e ao longo da guerra, junta-se às más condições de aquartelamento e equipamento e leva a excessos vários, que vão desde o consumo imoderado de álcool até aos comportamentos dos soldados “cacimbados”, como seja o tiroteio sem alvo e sem justificação. Os dias são contados um a um e o que realmente interessa é a sobrevivência, acima de tudo: “É a obsessão, a cabeça em água, é a guerra.”¹⁷³⁰

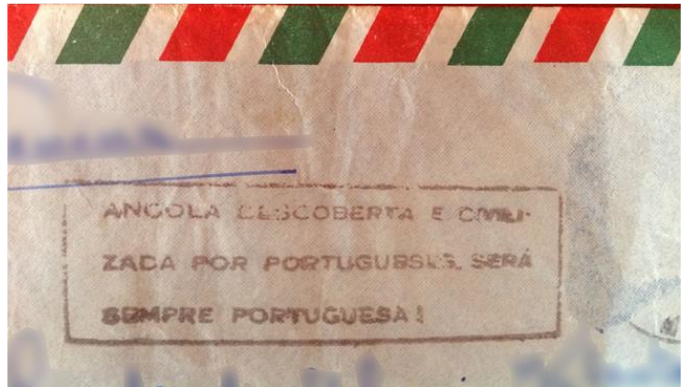


Figura 3.2 Carimbo aposto pelos CTT

¹⁷²⁵ Fundo R132, caixa s/numeração, 20.01.1974.

¹⁷²⁶ Fundo R132, caixa s/numeração, 08.03.1974.

¹⁷²⁷ Fundo R57, caixa 29, s/série e numeração do documento, 28.07.1973.

¹⁷²⁸ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 10, 12.03.1966.

¹⁷²⁹ Fundo R54, caixa 26, série 2, documento 9, 01.02.1966.

¹⁷³⁰ Fundo R132, caixa s/ numeração, 16.02.1973.

Passar o tempo torna-se um desafio difícil de enfrentar. Como dirá Luís, em 1972, “ninguém está disposto a trabalhar ou a fazer o mínimo de sacrifício. Vem-se para aqui dois anos e na generalidade vegeta-se e ‘batem-se sornas. Dormir é uma instituição dentro do exército.”¹⁷³¹ Alberto, um ano depois, em 1973, em Angola, irá expressar-se de forma semelhante:

Aqui não se pensa a sério na libertação de Angola nem na integridade portuguesa mas sim no que será passar à disponibilidade, ir de novo para junto da família e acabar esta merda! Isso sim, são coisas materiais, sensíveis, interessam directamente. É isso o que todos pensam e tantos virão a pensar.¹⁷³²

A nona e última conclusão diz respeito ao modo como os militares se vão expressando ao longo do tempo relativamente à instituição militar. Em termos gerais, pouco a mencionam, aumentando o número de referências à medida que se aproxima o final do tempo de mobilização. Nessa altura, os atrasos relativos ao embarque para a Metrópole motivam enunciados com elevado número de críticas, pouco fundamentadas e apresentadas de forma emotiva. Em quase todos os acervos surgem, também, julgamentos negativos dos superiores, geralmente pontuais e relacionados com situações concretas que contrariam pedidos, rotinas e o conforto do dia a dia.

Em 1963, no final da comissão, José queixa-se da existência de mais uma operação:

esto já não nos pertencia a nós, mas o Comandante quer ganhar ainda mais louvores dos cú que tem e ofereceu-se para fazer mais esta para ganhar mais um.¹⁷³³

Mário escreve a Carmo criticando com aspereza o comandante do navio onde está embarcado:

encontro-me muito chatiado e tudo porquê já debes de saber que o meu irmão Nuno regressa a casa e passa por aqui hoje ou amanhã, fiz três pedidos para ficar em terra visto andarmos a navegar e a veta do comandante não me deicha é que nem aceitou uma troca com outro rapaz de outro navio parado, e por tál motivo não posso estar com o meu irmão por causa de esta veta deste animal selvagem¹⁷³⁴

Há, também, alguns elogios aos superiores, havendo referência a gestos de compreensão e camaradagem, bem vistos por todos. Antero, por exemplo, conta a José que “o nosso capitão é porreiro”¹⁷³⁵ e leva-o com alguns camaradas a Luanda, para lá passarem uns

¹⁷³¹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 48, 02.05.72.

¹⁷³² Fundo R132, caixa s/numerção, 16.02.1973.

¹⁷³³ Fundo R11, caixa 16, série 2, documento 30, 28.05.1963.

¹⁷³⁴ Fundo R52, caixa 26, série 1, documento 3, 12.06.1968.

¹⁷³⁵ Fundo R11, , caixa 16, série 1, documento 7, 27.01.1962.

“bocadinhos valentes”.¹⁷³⁶ António, por outro lado, conta à mãe como o capitão os protege: “o nosso capitão não gosta que se jogue a bola, que é para dar a companhia incapaz”.¹⁷³⁷ Joaquim refere que “o meu capitão ou seja o Comandante de Companhia tem 23 anos e é um autêntico miúdo ou antes jovem e é um tipo porreiro para as farras”.¹⁷³⁸

A correspondência de Luís, oficial do QP, é novamente uma exceção pois apresenta um discurso crítico, argumentado e consistente, relativamente aos problemas da condução da guerra e do funcionamento da instituição militar, conforme se pode ver nos excertos presentes na primeira parte deste capítulo. Exprime nas cartas a sua revolta por estar a “defender”¹⁷³⁹ uma sociedade injusta, onde os brancos são racistas, e confessa-se “elucidado sobre a natureza de determinadas políticas e valor de certos sacrifícios”,¹⁷⁴⁰ considerando-se distante de “causa que não é minha, nem nossa, e em que não acredito um milímetro”.¹⁷⁴¹ Observa que há “uma inexorável corrupção da disciplina militar”, sendo “o desinteresse evidente, a corrupção manifesta, e a ignorância um facto.” Preconiza mais “10 anos de vida a esta organização... depois deve ser o colapso e a liquidação final”.¹⁷⁴²

Da mesma forma, Alberto, furriel miliciano, não sendo do quadro das forças armadas, possui instrução suficiente, informação geral e contactos para observar o que chama a provável “derrocada” do país, considerando que “a situação crítica dos problemas é patente em todos os sectores, inclusive, no do Exército.”¹⁷⁴³ Na última carta que terá escrito ao amigo, anuncia para maio a ida de férias à Metrópole, congratulando-se com a aproximação do fim da comissão. Centra a sua análise no que chama “a discordância visível” entre o discurso que Marcello Caetano faz após a saída do livro do general Spínola, Portugal e o Futuro:

“A verdade é que o que consta daquele livro é a negação absoluta daquilo que se tem posto em prática na guerra e na política ultramarina! O certo é que o último discurso de M.C., que por todo o lado era esperado com excepcional curiosidade, nada trouxe de novo e ele se mostrou totalmente vazio de coisas e dele ressalta o caos em que este estado de coisas colocou o País.

¹⁷³⁶ Fundo R11, , caixa 16, série 1, documento 4, 21.10.1961.

¹⁷³⁷ “Dar a companhia incapaz” tinha como objetivo forçar a rotação do batalhão para uma zona sem guerra, o que poderia acontecer na segunda fase da comissão militar. Fundo R72, caixa 59, série 1, documento 11, 14.03.1964.

¹⁷³⁸ Fundo R133, caixa s/numeração, série 1, documentos 1-10, 08.04.1970.

¹⁷³⁹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 42, 08.10.71.

¹⁷⁴⁰ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 28, 21.10.70.

¹⁷⁴¹ Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 29, 15.08.70.

¹⁷⁴² Fundo R2, caixa 9, série 1, documento 48, 02.05.72.

¹⁷⁴³ Fundo R132, caixa s/numeração, 01.12.1974.

Por outro lado, a tropa está saturada, cansada. É pedir demasiado esforço. (...) E já lá vão 12 longos anos...”¹⁷⁴⁴

Ao fim de 13 anos revelava-se difícil continuar. O que as cartas mostram em termos de motivação dos militares é compatível com os factos subsequentes, nomeadamente o derrube do regime político que governava Portugal e, conseqüentemente, o fim da guerra.

¹⁷⁴⁴ Fundo R132, caixa s/numeração, 08.03.1974.

EPÍLOGO

No início deste trabalho traçámos como objetivo olhar para o período que decorreu entre 1961 e 1974, treze anos da nossa história recente, em que decorreu uma guerra nos territórios africanos sob administração portuguesa, para a qual foram mobilizados cerca de 800 000 soldados, dos quais 700 000 partiriam do que então se chamava a Metrópole, a parte europeia de Portugal. O nosso ponto de partida foi a correspondência privada, trocada durante a guerra entre gente comum e recolhida pela Liga dos Amigos do Arquivo Histórico Militar, no âmbito do *Projeto Recolha*. O interesse historiográfico por este grupo, tradicionalmente silenciado, situou-se no que pensámos poder ser, por um lado, a possibilidade da restituição de detalhe a este acontecimento marcante, uma contribuição para a história baseada até agora, principalmente, nas fontes institucionais e nos principais protagonistas, através das narrativas singulares passadas a escrito pelos envolvidos, militares e civis, homens e mulheres. Por outro lado, compreender, através dos enunciados presentes na correspondência, como foi vivida em privado esta missão pública e ainda de que maneira a evolução do pensamento dos militares em relação à guerra terá sido determinante para o fim do regime político que vigorava em Portugal.

O que vimos, num primeiro momento, foi que a correspondência trocada entre quem partiu e quem ficou cumpriu a função a que se destinava, a de unir os ausentes, garantindo a todos a preservação da vida que momentaneamente se interrompeu. Aos militares, as cartas asseguraram a continuidade do mundo que deixaram, o que lhes deu segurança e, ao mesmo tempo, a possibilidade da existência de uma voz individual no seio de uma organização masculina, fortemente hierarquizada, contribuindo para reforçar a sua identidade própria.

Por outro lado, cartas e aerogramas atingiram um elevado nível de comunicação, apesar da baixa proficiência de escrita da maioria dos escreventes, o que revelou a falta de prática de escrita anterior à mobilização, num país com elevados índices de analfabetismo e pouca literacia. As soluções encontradas para comunicar foram diversas e variadas, registando-se, apesar disso, surpreendente uniformidade textual e dos conteúdos, para lá das singularidades próprias resultantes da capacitação de quem escreveu. Esta uniformidade está relacionada

com a vivência comum de uma situação de afastamento de casa e da família durante um período longo, que foi, na generalidade, igual para todos.

Num segundo momento, observámos que os temas tratados na correspondência são semelhantes em todos os acervos, sendo este facto decorrente da existência de preocupações e anseios transversais derivados das mesmas motivações e necessidades. A distância a que se encontraram e o tempo de separação dos correspondentes foram determinantes para esta homogeneidade. Escrever e receber cartas convocou todos para a vida real conhecida, por momentos interrompida, e deu a ver um outro mundo, o da mobilização, que se desejou temporário. Permitiu, também, dar conta de uma sociedade em rápida transformação onde se soube de conhecidos que emigraram, de outros que foram para a cidade onde encontraram melhores empregos e novas oportunidades. As cartas deram notícias de quem começou a ter férias pagas, a partir em excursões e a deixar a agricultura pobre e pouco produtiva para trabalhar nas fábricas. A correspondência foi o espelho que refletiu esse mundo em mudança onde surge a televisão, ideias novas e outros modos de viver trazidos pelos turistas que chegavam a Portugal, pelos emigrantes que voltavam com dinheiro às terras que haviam deixado e pelos militares que regressavam de um mundo com outra dimensão e abertura.

Finalmente, um terceiro momento permitiu a observação do modo como os militares entenderam não só a missão que lhes foi confiada mas também a sua participação na guerra. O que surgiu na correspondência mostrou-nos a pouca familiaridade quer com a questão colonial quer com a missão que foram desempenhar.

O testemunho que se segue, dado por Adriano Moreira, Ministro do Ultramar entre 1961 e 1963, foi gravado em 2002 e condensa, hoje, o sentido do que encontrámos na correspondência ao longo do tempo de duração da guerra:

A população portuguesa, eu julgo que apoiou com autenticidade a resistência à violência. Apoiou em nome dos valores históricos, não em nome da informação sobre a realidade. A realidade foi sendo descoberta a pouco e pouco pelos envolvidos, designadamente até pelos quadros militares.¹⁷⁴⁵

O que se apresenta na correspondência que consta dos acervos depositados é esta descoberta de uma realidade até então apenas concebível através da retórica patriótica do regime que apresentava Portugal como um país uno, pluricontinental e multirracial, do Minho a Timor. Esta descoberta acontece nos primeiros tempos da guerra. O que se passou a seguir teve uma importância determinante: em 1963 regressaram à Metrópole os primeiros contingentes com os militares mobilizados em 1961. Os soldados trouxeram não só a

¹⁷⁴⁵ Pontes, Joana et al (2002), "A Guerra anunciada" em *Século XX Português*, 7º episódio, Lisboa, SIC, dos 35'54 aos 36'16.

experiência única de ter vivido a guerra mas também a de um mundo diferente do que até aí conheciam. As histórias, que durante esse tempo de afastamento contaram por escrito e, mais tarde, de viva voz, vão influenciar de forma decisiva o futuro do conflito, nomeadamente o modo como os que ainda não haviam sido mobilizados irão encarar a sua participação na guerra. A correspondência deu a ver este diálogo de antecipação da vida que havia para viver.

Como vimos, as candidaturas à Academia Militar diminuem a partir do ano letivo de 1962-1963 e é esse também o primeiro ano em que ficam vagas por preencher, atingindo este o valor mais alto no ano letivo de 1971-1972. Estes valores são consistentes com os números relativos ao recrutamento militar na Metrópole. O número de faltosos aumenta a partir de 1961, atingindo o valor mais alto em 1970, 20,9%. Nesse ano, cerca de 18 500 jovens não se apresentaram à inspeção.

Esta situação, como chama a atenção Costa Pinto, não terá sido devida a “uma grande politização anticolonial”¹⁷⁴⁶, ausente na maioria da população portuguesa. No entanto, na nossa opinião, as narrativas que os soldados trouxeram da guerra terão certamente pesado na decisão de emigrar, provavelmente de forma clandestina, de um número não quantificável de faltosos. Mais importância terão tido nos refratários, os que ficavam apurados na inspeção mas que não se apresentavam à incorporação e nos desertores, os que não compareciam nas instalações militares para onde já estavam destacados.¹⁷⁴⁷

A ideia persistente de que a guerra estava para durar, ligada à ausência de perspectivas futuras, terá contribuído para um clima de cansaço e saturação que é central na correspondência. Como refere Hynes¹⁷⁴⁸, na guerra os homens morrem por uma causa que fazem sua, o que não aconteceu com os militares presentes nestes acervos depositados, tal como o expressaram na correspondência. A estranheza e distância que manifestaram em

¹⁷⁴⁶ Pinto, António Costa (2001), *O Fim do Império Português – A cena internacional, a guerra colonial e a descolonização (1961-1975)*, Lisboa, Livros Horizonte, p.49.

¹⁷⁴⁷ Miguel Cardina e Susana Martins, investigadores do CES, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, calculam, por defeito, que cerca de 8 000 soldados terão desertado. Este valor foi apresentado no colóquio “O (AS)SALTO DA MEMÓRIA: Histórias, narrativas e silenciamentos da deserção e do exílio”, realizado em 27 de outubro de 2016 na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O livro *Exílios, Testemunhos de exilados e desertores portugueses na Europa (1961-1974)*, Carcavelos, Associação de Exilados Políticos Portugueses. Disponível em: <http://aep61-74.org>

Os oficiais milicianos que cumpriram a comissão militar, muitos vindos da universidade, onde a contestação era clara e visível, levaram para África ideias e esclarecimento que contribuíram para o ambiente que se vivia nos quartéis. A correspondência de Alberto e Luís disso dão conta.

¹⁷⁴⁸ Hynes, Samuel (1998), *The soldiers' tale. Bearing witness to modern war*, London, Pimlico, p.262.

relação aos motivos da guerra reforçou o desejo de regresso a casa, enunciado praticamente em todos os acervos e desde o início. Os militares disseram estar na guerra obrigados e juraram não voltar. Não fizeram sua a causa desta guerra. Esta atitude terá contribuído, na nossa opinião, para uma desmobilização geral dos envolvidos, militares e civis, o que contribuiu para a degradação da situação militar e, uma vez que este não oferecia soluções, para o fim do próprio regime.

Passados 43 anos sobre o fim da guerra, urge ir mais além do que a memória privada dos militares, alguma dela publicada em livros, em blogues e nos jornais, e do que a história política e militar deste período, baseada em documentos oficiais e na ação das elites. As narrativas individuais dos envolvidos devem ser tomadas não só como a experiência de cada um mas como testemunhos de uma época, testemunhos esses que dão a conhecer as representações individuais e coletivas da guerra. O que falta é um trabalho de integração destas memórias na narrativa histórica da guerra. A não existir esta integração, haverá condições mais favoráveis para o aparecimento de uma reelaboração e reinterpretação históricas enviesadas, por desligadas do contexto e realidade social da época.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES PRIMÁRIAS

Correspondência presente nos Fundos R2, R11, R12, R31, R52, R53, R54, R57, R71, R72, R85, R87, R95, R102, R104, R132 e R133, Projecto Recolha, Arquivo Histórico Militar.

Livros das unidades militares relativos aos Fundos R2, R11, R54 e R72, Arquivo Histórico Militar.

BIBLIOGRAFIA

A.A.V.V. (1969), “O Caso de Angola”, *Cadernos militares*, 6, Lisboa, SPEME.

A.A.V.V. (1988), *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974)*, volume 1, Lisboa, Estado-Maior do Exército.

A.A.V.V. (2008), “Tomo I, Comandos – Grupos Iniciais”, *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974)*, volume 14, Lisboa, Estado-Maior do Exército e Associação de Comandos.

A.A.V.V. (2014), *A Engenharia Militar na Guiné, O Batalhão de Engenharia*, Lisboa, Direcção de Infra-Estruturas do Exército.

A.A.V.V. (2016), *Exílios, Testemunhos de exilados e desertores portugueses na Europa (1961-1974)*, Carcavelos, Associação de Exilados Políticos Portugueses. Disponível em: <http://aep61-74.org>

A.A.V.V. (desde 2016), “1914-1918-online. International Encyclopedia of the First World War”, Freie Universitaet Berlin, Friedrich-Meinecke-Institut. Disponível em: http://www.geschkult.fu-berlin.de/en/e/fmi/institut/arbeitsbereiche/ab_janz/Forschungsprojekte/Projekt_1914-1918-online/index.html

Aboim, Sofia (2011), “Vidas conjugais: do institucionalismo ao elogio da relação”, em José Mattoso (org.), *História da Vida Privada em Portugal, Os Nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates.

Accornero, Guya (2009), *Efervescência Estudantil. Estudantes, acção contenciosa e processo político no final do Estado Novo (1956-1974)*. Dissertação de Doutoramento em Ciências Sociais na especialidade de Sociologia Histórica, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa.

Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2016), *A conquista das almas. Cartazes e panfletos da acção psicológica na guerra colonial*. Lisboa, Tinta da China.

Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2000) (orgs.), *Guerra Colonial*, Lisboa, Editorial Notícias.

Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2009) (orgs.), *Os anos da guerra colonial*, 16 volumes, Lisboa, QuidNovi.

Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2009) (orgs.), *Os anos da guerra colonial, Antecedentes – Os anos que geraram um novo mundo*, volume 1, Matosinhos, QuidNovi.

Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2009) (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1961 – O Princípio do fim do império*, volume 2, Matosinhos, QuidNovi.

- Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2009) (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1963 – Guiné, uma nova frente de combate*, volume 4, Matosinhos, QuidNovi.
- Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2009) (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1964 – Três teatros de operações*, volume 5, Matosinhos, QuidNovi.
- Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2009) (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1966 – Construir um bastião branco na África Austral*, volume 7, Matosinhos, QuidNovi.
- Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2009) (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1967 – África para sempre*, volume 8, Matosinhos, QuidNovi.
- Afonso, Aniceto e Carlos de Matos Gomes (2009) (orgs.), *Os Anos da Guerra colonial, 1969 Acreditar na vitória*, Volume 10, Matosinhos, QuidNovi
- Afonso, Aniceto e Carlos de Matos Gomes (2009) (orgs.), *Os Anos da Guerra colonial, 1974-75 A revolta dos capitães e o fim da guerra*, Volume 15, Matosinhos, QuidNovi
- Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2012), “Notas sobre as Conclusões do Seminário ‘Guerra de África – Portugal Militar em África 1961-1974 – Atividade Militar’ realizado no IESM em 12 e 13 de Abril de 2012, p.1. Disponível em: <http://www.jpaires.org/wp-content/uploads/2013/07/PDF-Matos-Gomes-e-Aniceto-Afonso.pdf>
- Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2013), *O Acordo Secreto do Colonialismo: Portugal, África do Sul e Rodésia na última fase da guerra colonial*, Lisboa, Divina Comédia.
- Afonso, Aniceto, Joana Pontes e Rodrigo Sousa e Castro, (2012), *A Hora da Liberdade*, Lisboa, Editorial Bizâncio.
- Ageron, Charles-Robert (1995), “Guerre d’Algérie” em Jean-François Sirinelli (org.), *Dictionnaire historique de la vie politique française au XX siècle*, Paris, Press Universitaires de France, pp.462-470.
- Alexandre, Valentim (1993), “Ideologia, economia e política: a questão colonial na implantação do estado Novo”, *Análise Social*, volume XXVIII (123-124) (4º-5º), pp 1117-1136.
- Alexandre, Valentim (1995), “A África no imaginário político português (séculos XIX-XX)”, *Penélope*, 15, pp 39-52.
- Almeida, João Miguel (2008), *A oposição católica ao estado Novo 1958-1974*, Lisboa, edições Nelson de Matos.
- Almenara, Julio Cabrero e Felicidad Loscertales Abril (1996), “Elaboración de un sistema categorial de análisis de contenido para analizar la imagen del profesor y la enseñanza en la prensa”, *Revista de pedagogía*, 48, nº4, pp 375-392.
- Andrade, Mário Pinto de (1997), *Origens do nacionalismo africano. Continuidade e ruptura nos movimentos unitários emergentes da luta contra a dominação colonial portuguesa, 1911-1961*. Lisboa, Dom Quixote.
- Andréu Abela, J. (2000), “Las técnicas de análisis de contenido: una revisión actualizada”, Fundación Centro Estudios Andaluces, Universidad de Granada, 10 (2), pp 1-34.
- Antunes, Maria José Lobo (2015), *regressos quase perfeitos, memórias da guerra em angola*, Lisboa, Tinta da China.
- Altman, Janet (1982), *Epistolarity: approaches to a form*, Columbus, Ohio State University Press.
- Artières, Philippe, Arlette Farge e Pierre Laborie (2002), “Témoignage et récit historique”, *Sociétés et Représentations*, 13, Paris, Publications de la Sorbonne, pp. 199-206
- Artières, Philippe e Dominique Kalifa, (2002), “Présentation. L’historien et les archives personnelles: Pas à pas”, *Sociétés & Représentations*, 13, Paris, Publications de la Sorbonne, pp. 7-15.

- Austin, France (2000), "Letter Writing in a Cornish Community in the 1790s" em David Barton e Nigel Hall (orgs.), *Letter Writing as a Social Practice*, Philadelphia, John Benjamins North America, pp.43-61.
- Baganha, Maria Ioannis (1994), "As correntes emigratórias portuguesas no século xx e o seu impacto na economia nacional", *Análise Social*, volume XXIX (128) (4º).
- Barreiros, Luís e Eduardo Barreiros (2004), *História do Serviço Postal Militar / History of Portuguese Military Postal Service. Aerogramas Militares – Catálogo. Guerra Colonial 1961-1974*, Lisboa, Edição dos autores.
- Barreto, António (2000), "Portugal e a Europa" em António Barreto (org.), *A Situação Social em Portugal 1960-1999*, II, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Barreto, António e Joana Pontes (2007), *Portugal, Um Retrato Social*, 7 episódios, Lisboa, RTP
- Barreto, Xavier, José Pedro Correia e Joana Pontes (2012), *Nascido para Viver*, documentário, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos. Disponível em: <https://youtu.be/A6GketN3FbU>.
- Barrocas, Rita Alpiarça (2016), Contributo para o estudo da organização médica nos territórios de Angola, Guiné e Moçambique (1961-1974), Dissertação de Mestrado em História Militar, Lisboa, Faculdade de Letras, (Online), p.26. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26268/1/ulfl221663_tm.pdf
- Barroso, Luís (2012), *Salazar, Caetano e o "Reduto Branco": A Manobra Político-Diplomática de Portugal na África Austral (1951-1974)*, Porto, IESM, Fronteira do Caos Editores.
- Barton, David e Nigel Hall (2000) (Orgs.), *Letter Writing as a Social Practice*, Philadelphia, John Benjamins North America.
- Barton, H. Arnold (2000) (Org.), *Letters from the Promised Land: Swedes in America, 1840-1914*, 4th ed., Minneapolis, University of Minnesota Press.
- Bebiano, Rui (2003), *O Poder da Imaginação. Juventude, Revolta e Resistência nos Anos 60*, Coimbra, Angelus Novus.
- Bebiano, Rui (2000), "Sobre a história como poética", Coimbra, s.n.
- Beevor, Anthony (2009), "Beevor viaja al Día D," entrevistado por Guillermo Altares, 5 de setembro de 2009, *El País, Babelia*.
- Beevor, Anthony (2009), *D-Day: The Battle for Normandy*, New York, Viking.
- Blanchard, Pascal (2010), "Il passato coloniale in Francia. Commemorazioni, memoriali, monumenti e conflitti di memoria", *Memoria e Ricerca*, 34, pp.63-80.
- Bonifácio, M. Fátima (1999), "A narrativa na 'época pós-histórica', *Análise Social*, volume xxxlv, (150), pp.11-28.
- Borges Coelho, João Paulo (1994), "A 'Primeira' Frente de Tete e o Malawi", *Arquivo, A. H. Moçambique*
- Borges Coelho, João Paulo (2003), "Da violência colonial à ordem pós-colonial violenta. Sobre um legado das guerras coloniais nas ex-colónias portuguesas", *Lusotopie*, pp.175-193.
- Bossis, Mireille (2002), "Une correspondance paysanne en Normandie (1863-1866): Quelle approche?", em Anne-Marie Sohn (org.), *La correspondance, un document pour l'histoire*, Cahiers du GRHIS, (12), Rouen, Publications de l'Université de Rouen.
- Brito, Armando Assis de Sousa e (2005), "Os Materiais na História da Escrita (das placas de argila da Suméria às pastilhas de silício dos processadores actuais)", *Ciência e Tecnologia dos Materiais*, 17 (3/4).
- Broyles, Jr., William (2002), "Foreword" em Bernard Edelman (org.), *Dear America*, (ed. for The New York Vietnam Veterans Memorial Commission), New York, W.W.Norton & Company, pp.14-15.
- Burke, Peter (2007), *Eyewitnessing, The Uses of Images as Historical Evidence*, London, Reaktion Books.
- Caffarena, Fabio (2005), *Lettere dalla grande guerra*, Milano, Edizioni Unicopli.

- Caffarena, Fabio (s.a.), “La grande guerra raccontata dai soldati”, *Fonte e Percorsi della storia Contemporanea*, (1), (Online), Disponível em: <http://www.liceograssi.gov.it/%5Bmateriale-vecchio%5D/storia%20del%20novecento/didattica/Archivio%20Ligure%20della%20scrittura%20popolare/Fonti%20e%20percorsi%20Grande%20Guerra%201.htm> .
- Calvet de Magalhães, José (1996), Portugal e as Nações Unidas. A Questão Colonial 1955-1974, Lisboa, Instituto de Estudos Estratégicos Internacionais.
- Candeias, António e Eduarda Simões (1999), “Alfabetização e escola em Portugal no século XX: Censos Nacionais e estudos de caso”, *Análise psicológica*, XVII (1), pp. 163-194.
- Cann, John P. (2005), *Contra-subversão em África, Como os portugueses fizeram a guerra em África, 1961-1974*, Lisboa, Prefácio.
- Cann, John P. (2017), *Os Páras em África 1961-1974*, Cascais, Príncipia Editora Lda.
- Cannadine, David (2004) (org.), *History and the Media*, London, Palgrave Macmillan.
- Cardoso, Dulce Maria (2012), *O Retorno*, Lisboa, Tinta da China.
- Carmo, Isabel do (2017), *Luta Armada – As Brigadas Revolucionárias, a ARA e a LUAR, contadas pelos próprios protagonistas. E os dias de fúria da Europa rebelde da segunda metade do século XX*. Alfragide, Dom Quixote.
- Carreiras, Maria de Fátima Chaves (2013), *Entre o silêncio e a memória: as mulheres portuguesas que acompanharam os maridos militares na Guerra Colonial*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, ISCTE, (Online). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/6358> .
- Casimiro, Cláudia (2011), “Tensões, tiranias e violência familiar: da invisibilidade à denúncia”, em José Mattoso (dir.), *História da Vida Privada em Portugal, Os Nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates.
- Castillo Gómez, Antonio (2010), “Les écrits du for privé en Espagne de la fin du Moyen Âge à l’époque contemporaine. Bilan et perspectives”, em Jean-Pierre Bardet, Elisabeth Arboul e François-Joseph Ruggiu (orgs.), *Les écrits du for privé en Europe, du Moyen Âge à l’époque contemporaine. Enquêtes, Analyses, Publications*, Bordeaux, P. U. Bordeaux, pp. 31-47.
- Castillo Gómez, Antonio (2011), “Me alegraré que al recibo de ésta... Cuatrocientos años de prácticas epistolares (siglos XVI a XIX)”, *Manuscripts: Revista d’història moderna*, 29, pp. 19-50.
- Cazals, Rémy (2008), “Les Français dans la Grande Guerre: nouvelles approches, nouvelles questions”, *Matériaux pour l’histoire de notre temps*, 91.
- Chakrabarty, Dipesh (2000), “Subaltern Studies and Postcolonial Historiography”, *Nepantla: Views from the South*, 1(1), Duke University Press.
- Chakrabarty, Dipesh (2007), *Provincializing Europe*, Princeton, Princeton University Press,
- Chartier, Roger (1991) (org.), *La correspondance. Les usages de la lettre au XIXe siècle*, Paris, Fayard.
- Clemente, Manuel (2010), *A Igreja no tempo, história breve da Igreja Católica*, Grifo Editores.
- Confino, Alon (1997), “Collective Memory and Cultural History: Problems of Method”, *American Historical Review* 102, (5).
- Coutau-Bégarie, Hervé (1988), “Henry Rousso. Le syndrome de Vichy (1944-1987) [compte-rendu], *Politique étrangère*, 53 (3).
- Cruzeiro, Maria Manuela (1998), *Costa Gomes, o Último Marechal*, Lisboa, Editorial Notícias.
- Cruzeiro; Maria Manuela (2002), *Vasco Gonçalves: Um general na revolução*, Lisboa, Editorial Notícias.
- Cruzeiro, Maria Manuela (2004), *Melo Antunes, O sonhador pragmático*, Lisboa, Editorial Notícias.

- Cruzeiro, Maria Manuela e Rui Bebiano (2006), *Anos Inquietos, Vozes do Movimento Estudantil em Coimbra (1961-1974)*, Porto, Afrontamento.
- Connelly, Matthew (2002), *A Diplomatic Revolution. Algeria's Fight for Independence and the origins of the Post-Cold war Era*, Oxford, Oxford University Press.
- Cubitt, G. (2007), *History and Memory*, Manchester, Manchester University Press.
- Dauphin, Cécile (2004), "Les correspondances comme objet historique. Un travail sur les limites", *Sociétés & Représentations*, 13.
- Dauphin, Cécile e Poublan, Danièle (2010), "Édition électronique d'une correspondance familiale du XIXe siècle", em Jean-Pierre Bardet, Elisabeth Arboul e François-Joseph Ruggiu (orgs.), *Les écrits du for privé en Europe, du Moyen Âge à l'époque contemporaine. Enquêtes, Analyses, Publications*, Bordeaux, P. U. Bordeaux, pp.631-642.
- Desbois, Evelyne (1988), "L'observation au pied de la lettre: carnets et lettres, des matériaux pour l'enquête retrospective sur le terrain", *Social Science Information*, 27, pp. 461-480.
- Desbois, Evelyne (1990), "Paroles de soldats, entre images et écrits", *Mots*, 24, pp. 37-53.
- Devi, Naorem Binita (2009), "Understanding the qualitative and quantitative methods in the context of content analysis", QQML2009, Chania Crete Greece.
- DFG Research Group 530, (desde 2004), Self-Narratives in Transcultural Perspective, Department of History and Cultural Studies at the Free University in Berlin. Disponível em: <http://www.geschkult.fu-berlin.de/en/e/fg530/index.html>
- Dias, Geraldo J. A. Coelho (1992) "Origem medieval do compasso – visita pascal. A Benção das Casas", *Lusitania Sacra*, 2ª série, 4, pp.83-98.
- Dias, Jill R. (1991), "Photographic Sources for the History of Portuguese-Speaking Africa, 1870-1914", *History in Africa*, 18, pp.67-82.
- Droz, Bernard e Evelyne Lever (1982), *Histoire de la guerre d'Algérie*, Paris, Éditions du Seuil.
- Duarte de Jesus, José Manuel (2010), *Eduardo Mondlane. Um Homem a Abater*, Coimbra, Livraria Almedina.
- Dulucq, Sophie e Colette Zytnicki (2005), "Penser le passé colonial français, Entre perspectives historiographiques et résurgence des mémoires", *Vingtième Siècle*, 86, (2), pp.59-69.
- Earle, Rebecca (1999) (org.), *Epistolary Selves: Letters and letters-writers 1600-1945*, Aldershot, Ashgate Pub..
- Ebbeler, Jennifer (2008), "Antony, Cicero, and the Colloquium Absentium Amicorum", *CAMWS, The Classical Association of the Middle West and South*, (online). Disponível em: <https://camws.org/meeting/2008/program/abstracts/07e6.Ebbeler.html> .
- Edelman, Bernard (2002) (org.), *Dear America* (ed. for The New York Vietnam Veterans Memorial Commission), New York, W.W.Norton & Company
- Eley, Geoff (2005), *A Crooked Line, from cultural history to the history of society*, Ann Arbor, The University of Michigan Press.
- Elliot, Bruce S., David A. Gerber e Suzanne M. Sinke (2006) (Orgs.), *Letters across Borders: the epistolary practices of international migrants*, New York, Palgrave Macmillan.
- Estevão, Nuno (2000), "Os meios católicos perante a guerra colonial: reconfigurações da questão religiosa em Portugal", *Lusitania Sacra*, 12, 2ª série, pp 221-265.
- Fabre, Daniel (1993) (org.), *Écritures ordinaires*, Paris, Éditions P.O.L/Centre George Pompidou.

- Fedorowich, Kent e Martin Thomas (orgs.), *International Diplomacy and Colonial Retreat*, London, Frank Cass.
- Ferreira, Carolina (2013), *Os Média na Guerra Colonial. A manipulação da emissora nacional como altifalante do regime*. Coimbra, Minerva.
- Figueiredo, Fábio Baqueiro (2012), *entre raças, tribos e nações: os intelectuais do Centro de Estudos Angolanos, 1960-1980*, tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia.
- Figueiredo, Isabela (2009), *Caderno de Memórias Coloniais*, Coimbra, Angelus Novus.
- Foucault, Michel (1973) (org.), *Moi, Pierre Rivière, ayant égorgé ma mère, ma sœur et mon frère ... un cas de parricide au XIXe siècle*, Paris, Gallimard.
- GEPE/ME/INE, I.P. (2009), *50 Anos de Estatísticas da Educação*, volume I, Lisboa, p.17.
- Ginzburg, Carlo (2003), "On the dark side of history", entrevista conduzida por Trygve Riiser Gundersen, (online) *Eurozine*. Disponível em: www.eurozine.com/articles/2003-07-11-ginzburg-en.html
- Gleijeses, Piero (2002), *Conflicting Missions. Havana, Washington and Africa, 1959-1976*, Chapel Hill, University of North Carolina Press.
- Gomes, Ângela de Castro (2004) (org), *Escrita de Si, Escrita da História*, Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas.
- Gomes, Maria do Carmo (2002), *Literacia e educação de adultos: percursos, processos e efeitos. Um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado, IV Curso de Mestrado em Ciências Sociais, Lisboa, ICS.
- Grassi, Marie-Claire, "La lettre en archives: approche méthodologique", em Anne-Marie Sohn (org.), *La correspondance, un document pour l'histoire*, Cahiers du GRHIS, (12), Rouen, Publications de l'Université de Rouen, pp. 78-81.
- Gregório, Maria do Carmo (2006), *L'Enseignement de la lecture et de l'écriture au Portugal (1850-1974) Trois facettes d'un rituel*, Paris, L'Harmattan.
- Hämmerle, Christa (1999), "You let a weeping woman call you home? Private correspondences during the First World war in Austria and Germany" em Rebecca Earle (Org.), *Epistolary Selves: Letters and letters-writers 1600-1945*, Aldershot, Ashgate Pub., pp 153-182.
- Hanák, Péter (1998), "Vox Populi: Intercepted letters in the First World War" em *The Garden and The Workshop*, New Jersey, Princeton University Press, pp 179-212.
- Hanna, Martha (2014), "War Letters: Communication between Front and Home Front" em Ute Daniel, Peter Gatrell, Oliver Jan, Heather Jones, Jennifer Keene, Alan Kramer e Bill Nasson (orgs.), 1914-1918 – online. *International Encyclopedia of the First World War*, Berlin, Freie Universität Berlin. Disponível em: https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/war_letters_communication_between_front_and_home_front .
- Hartley, Jenny (1999), "Letters are everything these days: mothers and letters in the Second World War", em Rebecca Earle (Org.), *Epistolary Selves: Letters and letters-writers 1600-1945*, Aldershot, Ashgate Pub., pp. 183-195.
- Hellbeck, Jochen (2009), "The Diaries of Fritzes and the Letters of Gretchens: Personal Writings from the German–Soviet War and Their Readers", *Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History*, 10, (3), pp 571–606.
- Hobsbawn, Eric (1997), *On History*, London, Abacus.
- Hodgkin, Katharine e Susannah Radstone (2003) (orgs.), "Introduction: contested pasts", *Memory, History, Nation: Contested Past*s, London, Routledge.

- Hogan Teves, Vasco (2007), *RTP 50 anos de história*, Lisboa, RTP, pp. 22-115.
- Hynes, Samuel (1998), *The soldiers' tale. Bearing witness to modern war*, London, Pimlico.
- Jerónimo, Miguel Bandeira (2013) (org.), *O Império Colonial em questão (sécs. XIX-XX). Poderes, saberes e instituições*. Lisboa, Edições 70.
- Krippendorff, Klaus, (2004), "Measuring the Reliability of Qualitative Text Analysis Data", *Quality and Quantity* 38, pp 787-800.
- Krippendorff, Klaus, (2011), "Discourse and the materiality of its artifacts", em Timothy R. Kuhn (Editor), *Political, Cultural, and Technological Challenges to Communication Theorizing*, New York, Hampton Press, pp 23-46.
- Kullberg, Carlos (2006), *Selos de Portugal – Álbum II (1910 / 1953)*, Edições Húmus Lda, Biblioteca Filatélica Digital, (Online) Disponível em: http://www.fep.up.pt/docentes/cpimenta/lazer/html/ebook/bfd004_p.pdf .
- Lejeune, Philippe (1993), *Le moi des demoiselles: Enquete sur le journal de jeune fille (La Couleur de la vie)*, Paris, Seuil.
- Lemalet, Martine (1992), *Lettres d'Algérie : la guerre des appelés, la mémoire d'une generation*, Paris, J. C. Lattès.
- Lewis, Justin (2001), *Constructing public opinion. How political elites do what they like and why we seem to go along with it*, New York, Columbia University Press.
- Litoff, Judy Barrett e David C. Smith (1991), *Since You Went Away: World War II, letters from American women on the front*, Oxford, Oxford University Press.
- Lledó, Emilio (1998), *El silencio de la escritura*, Madrid, Espasa Libros.
- Lobo Antunes, Maria José (2015), *Regressos quase perfeitos, memórias da guerra em Angola*, Lisboa, Tinta da China.
- Lourenço, Salvador J. N. (2015) *A Política Externa Portuguesa face aos apoios dos Movimentos de Libertação Angolanos – os casos da República Democrática do Congo/Zaire e da Zâmbia*, dissertação de Mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Luard, Evan (1989), *A History of the United Nations: The Age of Decolonization 1955-1965 volume 2*, London, Macmillan.
- Keegan, John(2006), *Uma História da Guerra*, Lisboa, Tinta da China, nomeadamente o capítulo 5.
- Klein, Kerwin Lee (2000), "On the Emergence of Memory in Historical Discourse", *Representations*, 69
- Mabeko Tali, Jean-Michel (2001), *Dissidência e Poder de Estado: o MPLA perante si próprio: 1962-1977*, 2 volumes, Luanda, Editorial Nzila.
- MacQueen, Norrie (2004), "As guerras coloniais", em Fernando Rosas (org.), *A Transição Falhada: O Marcelismo e o Fim do Estado Novo*, Lisboa, Editorial Notícias.
- MacQueen, Norrie (1999), *The United Nations since 1945: Peacekeeping and the Cold War*, Londres, Longman.
- MacQueen, Norrie (1999), *The Decolonization of Portuguese Africa. Metropolitan Revolution and the Dissolution of Empire*, Londres, Longman.
- Magalhães, Justino (2005), "Escrita escolar e oficialização da Escola Portuguesa", comunicação apresentada no Congresso *Cultura Escrita*, realizado no âmbito do VIII Congresso Internacional Historia de la Cultura Escrita, Madrid, Universidad de Alcalá, 5 a 8 de julio de 2005.
- Marcos, Daniel (2007), *Salazar e de Gaulle: a França e a Questão Colonial Portuguesa 1958-1968*, Lisboa, Ministério dos Negócios Estrangeiros.

- Martins, Fernando (2011), “Amor em Tempo de Guerra: As ‘madrinhas de Guerra’ no contexto da guerra colonial portuguesa (1961-1974)”, *Historiae*, (Online), 2 (2) pp.65-74. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/8306> .
- Marquilhas, Rita (2011), “Layouts and drawings in a corpus of Portuguese letters (16th to 20th century)”, comunicação apresentada na conferência da Historical Sociolinguistics Network, *Touching the Past: (Ego) documents in a Linguistic and Historical Perspective*, University of Leiden, 22 e 24 de junho de 2011.
- Marquilhas, Rita (2011), “Cartas e diferenças: a comunicação por escrito no Portugal do século XX”, comunicação apresentada no ICS em 1 de Julho de 2011, Lisboa, (s.l.).
- Martelo, David (2009), “1964, Síntese Militar”, em Aniceto Afonso e Carlos Matos Gomes (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1964 – Três teatros de operações*, volume 5, Matosinhos, QuidNovi, pp. 6-9.
- Martelo, David (2009), “1966 Síntese Militar” em Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1966 – Construir um bastião branco na África Austral*, Volume 7, Matosinhos, QuidNovi, pp. 7-11.
- Martelo, David (2009), “1970 Síntese Militar” em Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1970 – A ilusão das grandes operações*, Volume 11, Matosinhos, QuidNovi, pp. 6-10.
- Martelo, David (2009), “1973 Síntese Militar” em Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1973 – Perder a guerra e as ilusões*, Volume 14, Matosinhos, QuidNovi, pp. 6-10.
- Mateus, Dalila Cabrita (1999), *A luta pela independência. A formação das elites fundadoras da FRELIMO, MPLA e PAIGC*, Mem Martins, Editorial Inquérito.
- Mateus, Dalila Cabrita (2004), *A PIDE/DGS na Guerra Colonial (1961-1974)*, Lisboa, Terramar.
- Mattoso, José (2011) (dir.), *História da Vida Privada*, Temas e Debates.
- Maurício, Carlos (2013), “Um longo degelo: a guerra colonial e a descolonização nos écrans portugueses (1974-1994)”, *Ler História*, 65, pp. 159-177.
- Mayring, Philipp (2000), “Qualitative Content Analysis”, *Forum: Qualitative Sozialforschung / Qualitative Social Research*, 1, (2).
- McKenzie, Andrea (2001), “Correspondence, Constructs and Qualification in World War I”, *Canadian Journal of Communication*, 26 (2), pp. 255-275.
- Medeiros, Paulo de (2002), “War Pics: Photographic Representations of the Colonial War”, *Luso-Brazilian Review*, 39, (2), Special Issue: Portuguese Cultural Studies, pp.91-106.
- Michel, Cécile (2010), “Writing, counting and scribal Education in Assur and Kanesh”, em F. Kulakoglu e S. Kangla (orgs.), *Anatolia’s prologue Kultepe Kanesh Karum. Assyrians in Istanbul*, Avrupa Kultur Baskent, pp.82-93.
- Mingas, Amélia (2000), *Interferência do Kimbundu no português falado em Lwanda*, Porto, Campo das Letras.
- Monteiro, Pedro da Silva (2013), “A logística de Portugal na guerra subversiva de África (1961 a 1974)”, *Revista Militar*, 2539/2540, pp. 725-764.
- Moraes, Roque (2003), “Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva”, *Ciência & Educação*, 9 (2), pp 191-211.
- Morais, João e Luís Violante (1986), *Contribuição para uma cronologia dos factos económicos e sociais, Portugal 1926-1985*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Morão, Paula e Carina Infante do Carmo (2008) (Org.), *ACT 16 – Escrever a vida: verdade e ficção*, Porto, Campo das Letras.

- Mordenti, Raul (2010), “La contribution de la critique littéraire aux recherches sur les ‘Livres de famille’ italiens et BILF, la Bibliothèque Informatisée des Livres de Famille”, em Jean-Pierre Bardet, Elisabeth Arboul e François-Joseph Ruggiu (orgs.), *Les écrits du for privé en Europe, du Moyen Âge à l’époque contemporaine. Enquêtes, Analyses, Publications*, Bordeaux, P. U. Bordeaux, pp. 49-64.
- Moreno Haro, Yaiza (2009), “Correspondencia privada” em V. Sierra Blas, L. Matinez Martín e J. I. Monteagudo (orgs.), *Esos papeles tan llenos de vida... Materiales para el estudio y edición de documentos personales*, Girona, CCG Edicions, pp.134-138.
- Narciso da Silva, Joaquim P. (2013), *Resumo elementar de archeologia cristã*, Library of Alexandria.
- Neves, J. César das (1994), “O crescimento económico português no pós-guerra: um quadro global”, *Análise Social*, XXIX (128), pp. 1005-1034.
- Nicholson, Blair (2011), “Viewpoints on the Veldt: Attitudes and Opinions of New Zealand Soldiers during the South African War, 1899-1902, Dissertação de Mestrado, Master of Arts in History, Hamilton, University of Waikato, New Zealand. Disponível em: https://www.academia.edu/5646840/Viewpoints_on_the_Veldt
- Nora, Pierre (1989), “Between Memory and History: Les lieux de Mémoire”, *Representations* (26), pp. 7-24.
- Nunes, A.S (1964), “Portugal: sociedade dualista em evolução”, *Análise Social*, II. pp. 407-462.
- Nwaubani, Ebere (2003/3), “The United States and the Liquidation of European Colonial Rule in Tropical: Africa, 1941-1963”, *Cahiers d'études africaines*, 171, pp.505-551.
- O’Brien, Patrick (2006), “Historiographical traditions and modern imperatives for the restoration of global history”, *Journal of Global History*, (1), pp-3-39.
- Olabuénaga; José Ignacio Ruiz e María Antonia Ispizua Uribarri (1989), *La descodificación de la vida cotidiana, Métodos de Investigación cualitativa*, Bilbao, Universidad de Deusto.
- Oliveira, Pedro Aires (2007), *Os despojos da Aliança. A Grã-Bretanha e a Questão Colonial Portuguesa 1945-1975*, Lisboa, Tinta-da-China.
- Pacheco, Carlos (1997), *MPLA. Um nascimento polémico*, Lisboa, Vega.
- Paiano, Maria (2015), “Religious Mobilization and Popular Belief (Italy) em Ute Daniel, Peter Gatrell, Oliver Janz, Heather Jones, Jennifer Keene, Alan Kramer e Bill Nasson, 1914-1918 – online. *International Encyclopedia of the First World War*, Freie Universitaet Berlin, Friedrich-Meinecke-Institut.
- Palmer, Svetlana e Sarah Wallis (2004), *A War in Words. The First World War in Diaries and Letters*, London, Pocket Books.
- Pappámikail, Lia, (2011), “Juventude: entre a fase da vida e o tempo de viver” em José Mattoso (dir.), *História da Vida Privada em Portugal, Os Nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates.
- Pélissier, René (1979), *Le naufrage des caravelles. Études sur la fin de l’empire portuguais 1961-1975*, Orgeval, Editions Pélissier.
- Peralta, Elsa, Bruno Góis e Joana Oliveira (coord.) (2017), *Retornar, Traços de Memória do Fim do Império*, Lisboa, Edições 70.
- Pereira, José Pacheco (2013), *As Armas de Papel*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates.
- Pereira, S.M (2011), “Cenários do quotidiano doméstico: modos de habitar”, em José Mattoso (dir.), *História da Vida Privada em Portugal, Os Nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates.
- Pereira, Victor (2009), “Emigração e desenvolvimento da previdência social em Portugal”, *Análise Social*, volume XLIV (192) (3º), pp.471-510.
- Pereirinha, José A. e Daniel F. Carolo (2009), “A construção do Estado-Providência em Portugal: evolução da despesa social de 1935 a 2003”, Working paper nº36, Lisboa, Gabinete de História Económica e Social.

- Perrot, Michelle (1990), "Introdução", em Philippe Ariés e Georges Duby, *História da Vida Privada*, Porto, Edições Afrontamento.
- Pesavento, Sandra Jatahy (2006), "Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado", *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, (online), *Débats*. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/1499>
- Petrucci, Armando (2002), "Un paseo por los bosques de la escritura", entrevistado por Antonio Castillo Gómez, *Litterae, Cuadernos sobre Cultura Escrita*, 2, pp. 9-37.
- Petrucci, Armando (2002), *Prima Lezione di Paleografia*, Roma-Bari, Laterza.
- Pimenta, Fernando Tavares (2013), "A ideologia do Estado Novo, a guerra colonial e a descolonização em África" em João Paulo Avelãs Nunes e Américo Freire (orgs.), *Historiografias portuguesa e brasileira no século XX: olhares cruzados*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp.183-201.
- Pinto, António Costa (2001), *O Fim do Império Português – A cena internacional, a guerra colonial e a descolonização (1961-1975)*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Piovezan, Adriane (2013), "Atitudes diante da morte: religiosidade e pragmatismo nos objetos dos mortos na Segunda Guerra Mundial", *Revista Brasileira de História das Religiões*, 15, (Online) pp. 5-7 e 10. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/anais4/st4/3.pdf> .
- Pires, Nuno Lemos (s.a.), *A participação da Engenharia Militar nas Campanhas de África: o caso da Guiné*, https://www.academia.edu/9894951/A_participação_da_E Engenharia_Militar_nas_Campanhas_de_Africa_o_caso_da_Guiné.
- Prost, Antoine (1999), "The Algerian War in French Collective Memory" em Jay Winter e Emmanuel Sivan (orgs.), *War and Remembrance in the twentieth century*, Cambridge, Cambridge University Press, pp.161-179.
- Radstone, Susannah (2008), "Memory Studies: For and against", *Memory Studies*, 1.
- Ramada Curto, Diogo e Bernardo Pinto da Cruz (2015), "Destribalização, regedorias e desenvolvimento comunitário: notas acerca do pensamento colonial português (1910-1965)", *Práticas de História*, 1 (1).
- Ramos, Afonso (2014), "Angola 1961, o horror das imagens" em Filipa Lowndes Vicente (Org.), *O Império da Visão. Fotografia no contexto colonial Português (1860-1960)*, Lisboa, Edições 70, pp.399-434.
- Reis, Bruno Cardoso (2006), *Salazar e o Vaticano*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Reis, B. C. e Pedro Aires de Oliveira (2012), "Cutting heads or winning hearts: late colonial Portuguese counterinsurgency and the Wiryamu Massacre of 1972", *Civil Wars*, 14, (1), pp.80-103.
- Remédio, Maria Margarida Rodrigues (2013), *A Lição de Salazar e a Iconografia do Estado Novo, Contributo para a História da Educação em Portugal (1933-1939)*, Dissertação de Mestrado em Didáctica da História, Lisboa, Departamento de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/9382>
- Ribeiro, Margarida Calafate (2004), "África no feminino: As mulheres portuguesas e a Guerra Colonial", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (Online), 68. Disponível em: <http://rccs.revues.org/1076> .
- Rocha, Edmundo (1998), *O Clube Marítimo Africano, a sua contribuição para a luta pela independência nacional dos países sob domínio colonial português 1955-1961*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- Rochebrune, Renaud e Benjamin Stora (2016), *La guerre d'Algérie vue par les Algériens. 2. Le temps de la politique (De la bataille d'Alger à l'indépendance)*, Paris, Denoël.
- Rodrigues, Luís Nuno (2002), *Salazar e Kennedy: A crise de uma aliança*, Lisboa, Editorial Notícias.
- Rodrigues, Luís Nuno (2008), *Marechal Costa Gomes, No centro da tempestade*, Lisboa, Esfera dos Livros.
- Rodrigues, Luís Nuno (2010), *Spínola*, Lisboa, Esfera dos Livros.

- Rosas, Fernando (1994), "O Estado Novo 1926-1974" em José Mattoso (dir.), *História de Portugal*, volume 7, Lisboa, Círculo de Leitores.
- Rosas, Fernando (1998), "A oportunidade perdida" em Iva Delgado, Carlos Pacheco e Telmo Faria (orgs.), *Humberto Delgado, as eleições de 58*, Lisboa, Vega, p.XI.
- Rosas, Fernando e Pedro Aires de Oliveira *et al* (2004), (orgs), *A Transição Falhada, O Marcelismo e o fim do Estado Novo (1968-1974)*, Lisboa, Editorial Notícias.
- Rouso, Henry (1987), *Le syndrome de Vichy de 1944 à nos jours*, Paris, Éditions du Seuil.
- Sanchez Cervelló, Josep (2000), "Tribalismo e Nacionalismo UPA FNLA" em Aniceto Afonso e Carlos Matos Gomes (orgs.), *Guerra Colonial*, Lisboa, Editorial Notícias, pp.34-35.
- Sánchez Cervelló, Josep (2009), "Da criação da OUA à Guerra da Guiné", em Aniceto Afonso e Carlos Matos Gomes (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1963 – Guiné, uma nova frente de combate*, volume 4, Matosinhos, QuidNovi, pp. 95-111.
- Sánchez Cervelló Josep (2009), "1964 O início da guerra em Moçambique", em Aniceto Afonso e Carlos Matos Gomes (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1964 – três teatros de operações*, Volume 5, Matosinhos, QuidNovi, 2009, pp. 91-115.
- Sánchez Cervelló, Josep (2009), "1967 Projectos em África: Cahora Bassa e Cunene", em Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes, *Os anos da guerra colonial, 1967 – África para sempre*, Volume 8, Matosinhos, QuidNovi, pp. 92-108.
- Santo, Sílvia Espírito (2003), *Adeus, Até Ao Teu Regresso, O Movimento Nacional Feminino na Guerra Colonial (1961-1974)*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Santos, Nelson Lima e Inês Gomes (s.a.), "Literacia: da escola ao trabalho", (s.l), (Online), p.172. Disponível em: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/636/1/169-177FCHS2004-3.pdf> .
- Schulte, Regina e Xenia von Tippelskirch (2004) (Orgs.), *Reading, Interpreting and Historicizing: Letters as Historical Sources*, Florence, European University Institute.
- Sedas Nunes, A. (1970), "A Universidade no sistema social português – Uma primeira abordagem", *Análise Social*, 32.
- Sembou, Evangelia (2011), "Foucault's genealogy", comunicação apresentada no *10th Annual Meeting of the International Social Theory Consortium*, University College Cork, 16 e 17 de junho de 2011, Cork.
- Sierra Blás, Verónica (2003), *Aprender a escribir cartas. Los manuales epistolares em la Espanha contemporânea (1927-1945)*, Gijón, Ediciones TREA.
- Sierra Blas, Verónica (2008), *Letras Huérfanas. Cultura escrita y exilio infantil en la Guerra Civil española*, Dissertação de Doutoramento em História, Madrid, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Alcalá.
- Sierra Blas, Verónica e Laura Martínez Martín (2010), "Le voyage des mots. Lettres d'émigrés et secrets de famille (Espagne et Amérique, XIXe et XXe siècles)", em Jean-Pierre Bardet, Elisabeth Arboul e François-Joseph Ruggiu (orgs.), *Les écrits du for privé en Europe, du Moyen Âge à l'époque contemporaine. Enquêtes, Analyses, Publications*, Bordeaux, P. U. Bordeaux, pp 185-204.
- Silva, Duarte (1995), "O litígio entre Portugal e a ONU (1960-1974)", *Análise Social*, vol.xxx (130).
- Silva Lopes, José (1996), "Panorama geral da evolução económica entre 1960 e o início da década de 90" em António Barreto (org.), *A Situação Social em Portugal, 1930-1995*, Lisboa, ICS, pp 233-246.
- Simpson, Duncan (2014), *A Igreja Católica e o Estado Novo Salazarista*, Lisboa, Edições 70.
- Skinner, Quentin (1969), "Meaning and Understanding in the History of Ideas", *History and Theory*, 8 (1), pp.3-53.
- Sontag, Susan (1979), *On Photography*, London, Penguin Books.

- Sontag, Susan (2003), *Regarding the pain of others*, London, Penguin Books.
- Spiegel, Gabrielle (2009), "The task of the historian", *The American Historical Review*, 114, pp.1-15.
- Spiegel, Gabrielle (2005) (org.), *Practicing History: New Directions in historical Writing after the Linguistic Turn*. New York, Routledge.
- Starobin, Robert S. (1974) (Org.), *Blacks in Bondage: Letters of American slaves*, New York, New Viewpoints.
- Stiaccini, Carlo (2009), *L'anima religiosa della Grande Guerra, Testimonianze popolari tra fede e superstizione*, Roma, Aracne.
- Stora, Benjamin (1993), *Histoire de l'Algérie*, Paris, Éditions La Découverte, 2º volume.
- Stowe, Steven (2002), "Making Sense of Letters and Diaries", *History Matters: The U. S. Survey Course on the Web*, (Online) Disponível em: <http://historymatters.gmu.edu/mse/letters/>
- Telo, António (1994), "As Guerras de África e a Mudança nos Apoios Internacionais de Portugal", *Revista de História das Ideias*, 16, pp.347-369.
- Telo, António (1996), *Portugal e a NATO: o reencontro da tradição atlântica*, Lisboa, Edições Cosmos.
- Telo, António (2000), "A mudança, 1959", em Aniceto Afonso e Carlos Matos Gomes (orgs.), *Guerra Colonial*, Lisboa, Editorial Notícias
- Themudo Barata, M. F. et al (1988-2009), *Resenha Histórico Militar das Campanhas de África 1961-1974*, 8 volumes, Lisboa, Estado-Maior do Exército.
- Tomás, António (2007), *O fazedor de utopias*, Lisboa, Tinta da China.
- Torgal, Luís Reis (2009), *Estados Novos, Estado Novo*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Tosh, John (2009) (org.), *Historians on History*, Harlow, Pearson Education Limited.
- Torres, Sílvia (2016), *O jornalismo português e a guerra colonial*, Lisboa, Guerra e Paz.
- Traverso, Enzo (2005), *Le passé, modes d'emploi: histoire, mémoire, politique*, Paris, La fabrique éditions.
- Traverso, Enzo (2011), *L'Histoire comme champ de bataille. Interpréter les violences du XXe siècle*, Paris, La Découverte.
- Treistman, J. (2012), "Home Away From Home: Dynamics of counterinsurgency warfare", *Comparative Strategy*, 31 (3), pp.235-252
- Treistman, J. (2012), "The Colonial War revisited: Coding the military outcomes", *African Security Review*, 21 (3), pp.68-74;
- Tumblety, Joan (2013) (org.), *Memory and History, understanding memory as source and subject*, London, Routledge.
- Ulbrich, Claudia (2010), "Les écritures de soi dans une perspective transculturelle. Pistes de recherche en Allemagne", em Jean-Pierre Bardet, Elisabeth Arboul e François-Joseph Ruggiu (orgs.), *Les écrits du for privé en Europe, du Moyen Âge à l'époque contemporaine. Enquêtes, Analyses, Publications*, Bordeaux, P. U. Bordeaux.
- Vaz, Nuno Mira (1977), *Opiniões Públicas durante as Guerras de África 1961/74*, Lisboa, Quetzal Editores.
- Vicente, Ana (2002), "situação das mulheres" em António Barreto e Maria Filomena Mónica (coords.), *Dicionário da História de Portugal*, volume 8, suplemento F/O, Porto, Figueirinhas.
- Vicente, Filipa Lowndes (2014) (Org.), *O Império da Visão. Fotografia no contexto colonial Português (1860-1960)*, Lisboa, Edições 70.
- Wall, Karin (2011), "A intervenção do estado: políticas públicas de família" em José Mattoso (dir.), *História da Vida Privada em Portugal, Os Nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates.

- Wesley, Jared J. (2009), "Building bridges in content analysis: quantitative and qualitative traditions", The Annual Meeting of the Canadian Political Science Association, Carleton University, Ottawa, Ontario.
- Wheeler, Douglas L. (1976), "African Elements in Portugal's Armies in Africa 1961-1974", *Armed Forces and Society*, 2, pp. 235-250
- Williams, Raymond (1983), *Keywords, A vocabulary of culture and society*, New York, Oxford University Press.
- Winter, Jay (2006), "War letters: cultural memory and the 'soldiers' tale of the great war", em *Remembering War: the Great War and Historical Memory in the 20th century*, New Haven, Yale University Press.
- Zaretsky, Yuri (2010), "Requestioning old russian autobiographical writings (12th-17th cent.)", em Jean-Pierre Bardet, Elisabeth Arboul e François-Joseph Ruggiu (orgs.), *Les écrits du for privé en Europe, du Moyen Âge à l'époque contemporaine. Enquêtes, Analyses, Publications*, Bordeaux, P. U. Bordeaux.
- Zarri, Gabriella (2004), "Sixteenth Century Letters: typologies and examples from the monastic circuits", em Regina Schulte e Xenia von Tippelskirch (orgs.), *Reading, Interpreting and Historicizing: Letters as Historical Souces*, Fiesole, European University Institute, pp.39-52.

FONTES AUDIOVISUAIS

- Furtado, Joaquim (2017), *A Guerra*, 42 episódios, série documental, Lisboa, RTP.
- Pontes, Joana et al (2002), "A Guerra anunciada" em *Século XX Português*, 7º episódio, documentário, Lisboa, SIC.
- Pontes, Joana et al (2002), "Evolução na continuidade" em *Século XX Português*, 8º episódio, documentário, Lisboa, SIC.
- Pontes, Joana et al (2002), "O Fim do Império" em *Século XX Português*, 13º episódio, documentário, Lisboa, SIC.
- Pontes, Joana e António Barreto (2007), *Nós e a Televisão*, Lisboa, RTP.
- Pontes, Joana e António Barreto (2010), *As Horas do Douro*, Lisboa, Filmes do Tejo.

ANEXOS

ANEXO A

FIGURAS

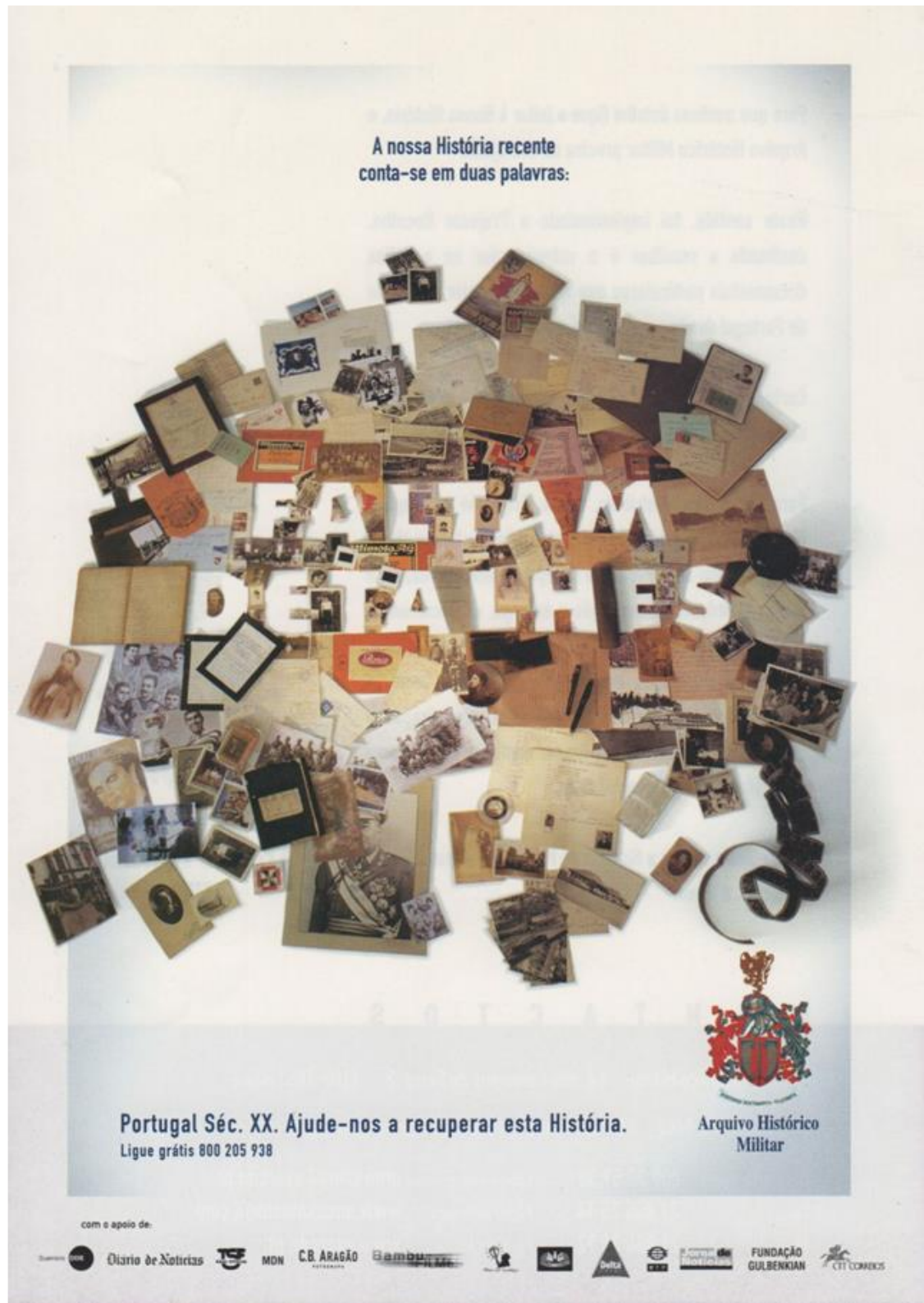


Figura A.1 Panfleto divulgação, Projecto Recolha, face

Para que nenhum detalhe fique a faltar à Nossa História, o Arquivo Histórico Militar precisa da sua ajuda.

Neste sentido, foi implementado o Projecto Recolha, destinado a recolher e a salvaguardar os espólios documentais particulares que ajudem a contar a História de Portugal desde a monarquia até ao século XX.

Cartas, aerogramas, diários, memórias, fotografias, diapositivos, postais, filmes, etc... tudo é importante.

Para dar o seu contributo, basta dirigir-se ao Arquivo Histórico Militar e depositar a documentação. Nessa altura receberá uma declaração de recepção salvaguardando a sua propriedade. Mesmo após a entrega, os documentos continuam a pertencer-lhe podendo, em qualquer altura, solicitar a devolução dos mesmos. Por seu turno, o Arquivo Histórico garante o tratamento, organização e inventariação de tudo o que lhe for confiado, assim como a sua absoluta confidencialidade.

Ajude-nos a contar a História de Portugal, porque a Nossa História... é a sua!



**Arquivo Histórico
Militar**

C O N T A C T O S

Arquivo Histórico Militar Lg. dos Caminhos de Ferro, 2 1100-105 Lisboa

Remessa Livre 8802 EC Cabo Ruivo 1806-960 Lisboa (Serviço grátis de cartas e encomendas)

Linha Verde (Grátis) 800 20 59 38

Endereço electrónico: ahm@mail.exercito.pt

Fax: 21 884 25 14

Página do Projecto: www.anossahistoria.com

Tel. 21 884 24 92

Página do Arquivo: www.exercito.pt

Figura A.2 Panfleto divulgação, Projecto Recolha, contraface

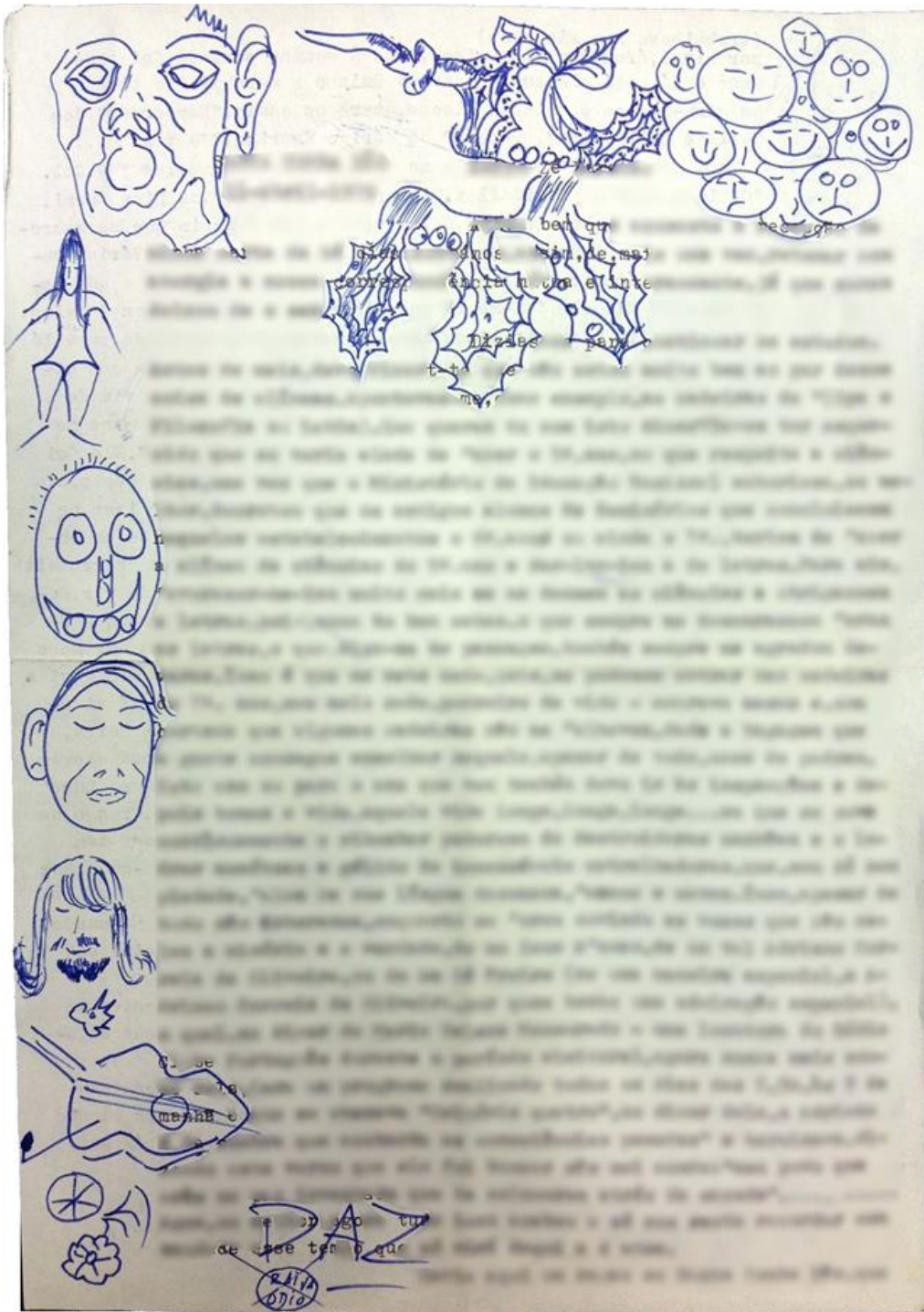


Figura A.3 Desenhos nas margens de carta

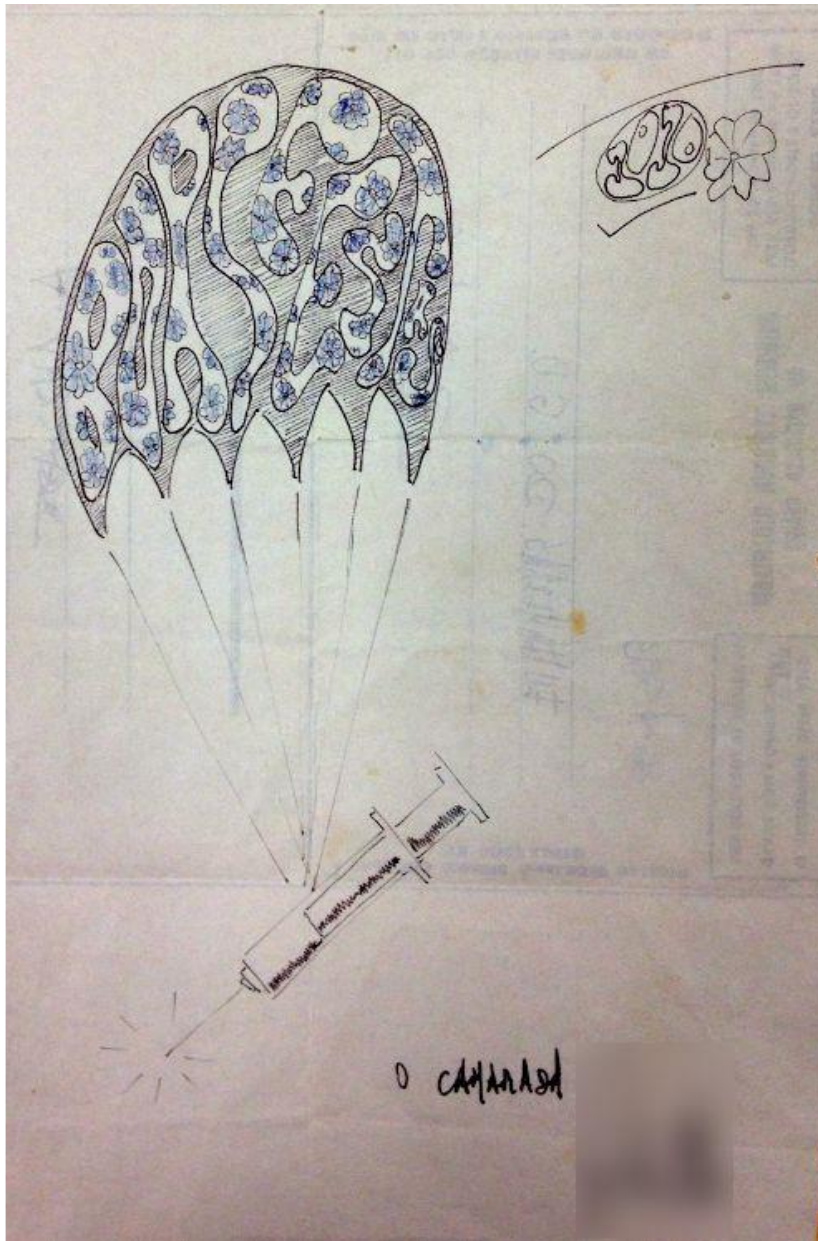


Figura A.4 Aerograma de boas festas, com desenho

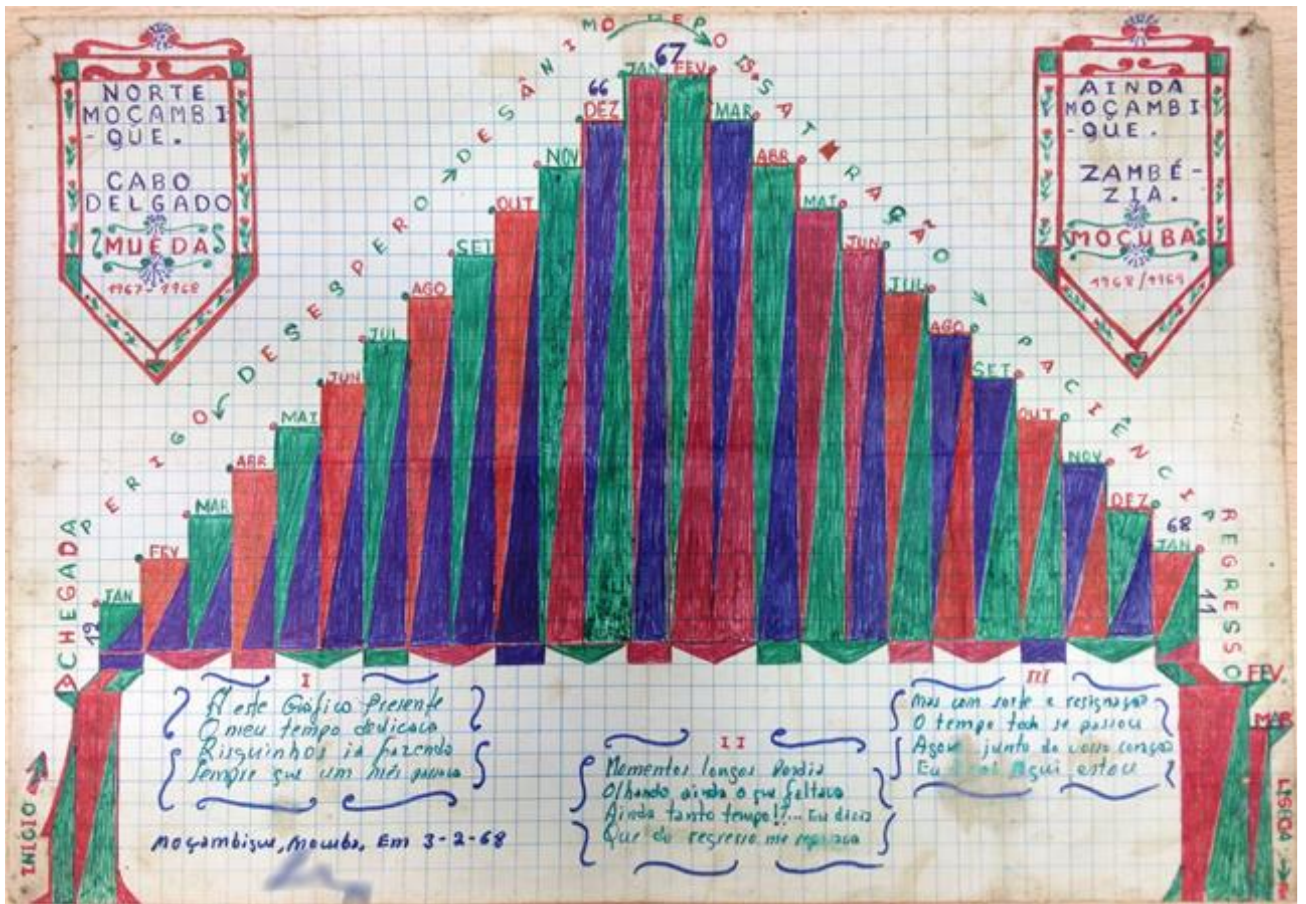


Figura A.5 Desenho alusivo ao tempo de comissão

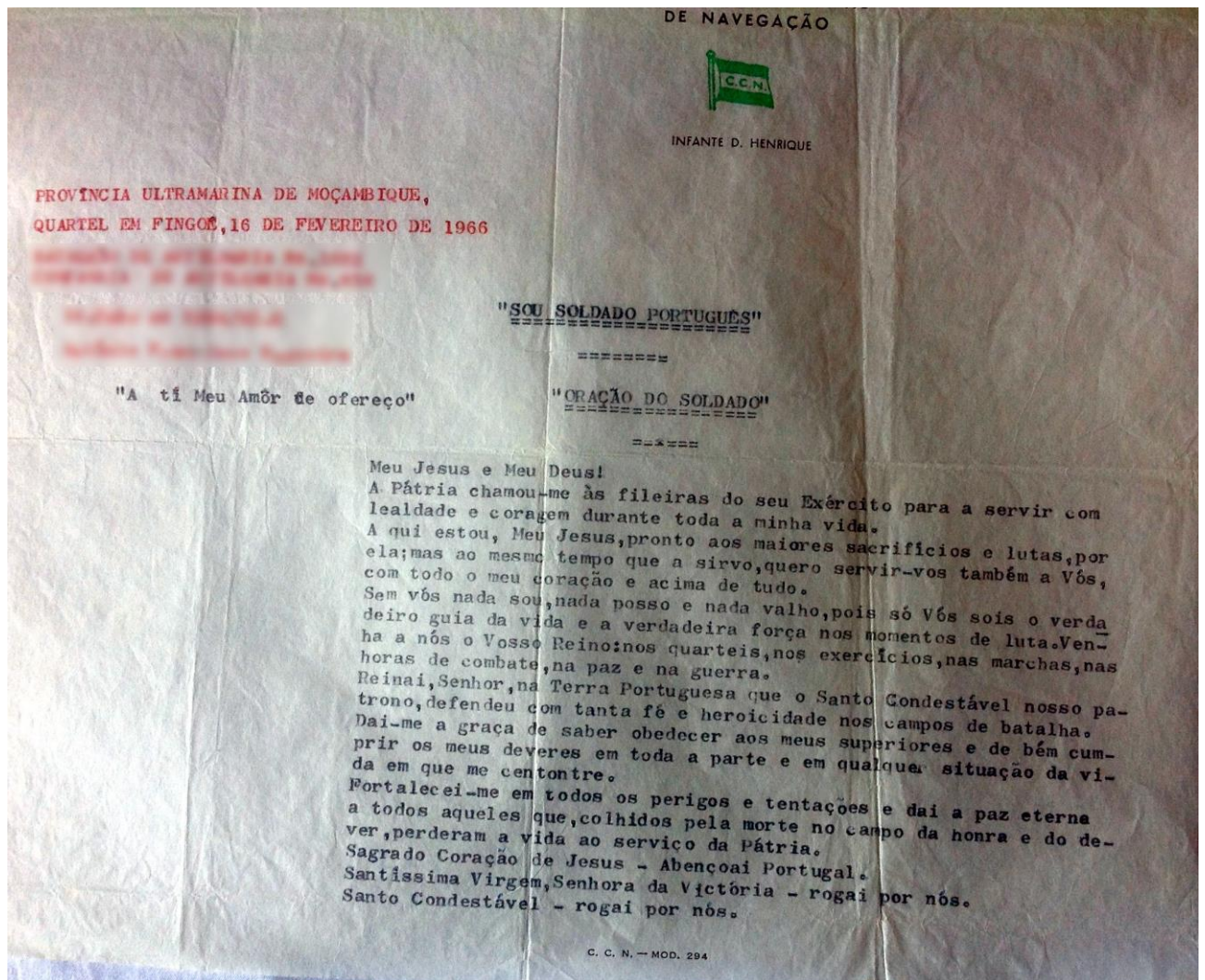


Figura A.6 "Oração do Soldado"

ORAÇÃO A NOSSA SENHORA DE ÁFRICA
PELA CONVERSÃO DOS PRETOS

Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, Tu, que és o refúgio dos pecadores e recebeste a incomparável missão de distribuir as graças celestes a todos e a cada um dos filhos de Eva, baixa os Teus olhos de Mãe piedosa para os desditosos filhos das selvas africanas, que ainda vivem envolvidos nas trevas do paganismo. Eles são Teus filhos, Maria. Mas quantos desses infelizes nunca pronunciaram, nem sequer ouviram pronunciar o Teu doce nome! Foram remidos com o preciosíssimo sangue do Teu Divino Filho, mas aos seus ouvidos ainda não soou a Boa-Nova! Acolhe-os no Teu coração, ó boa Mãe, e não permitas que sejam inúteis para eles as incomensuráveis dores, que sofreste junto à Cruz. Ó doce Mãe de Misericórdia, digna-Te fazer que se multipliquem as vocações apostólicas; inspira e protege os beneméritos obreiros da vinha do Senhor, para que vão levar aos nossos irmãos de África, e especialmente aos que vivem no Ultramar português a graça divina que os santifique e lhes dê direito à vida eterna. E quando esse infelizes tiverem aprendido a pronunciar com fé os doces nomes de Jesus e Maria, então, ó amada Padroeira de Portugal, eles se unirão a nós para Te bendizermos na terra, enquanto não vamos bendizer-Te no Céu.

100 dias de indulgência
Lisboa, 7 de Set. de 1892

† DOMINGOS, Arcebispo de Tiro
Núncio Apostólico

Coração, Imaculado de Maria, rogai pelos infelizes e pelos que lhes anunciam a Boa Nova.
(P. N. A. M.).

100 dias de indulgência
† «Aquilés», Arceb. de Tessalonica
Núncio Apostólico

Com aprovação eclesiástica.



Nossa Senhora de África

ASSOCIAÇÃO DE NOSSA SENHORA DE ÁFRICA
PARA A CONVERSÃO DOS PRETOS

Aprovada e abençoada por S. S. Bento XV (audiência de 24-XI-1920) e pelos Ex.^{mos} Prelados Portugueses

SEDE: Rua de Santo Amaro, à Estrela, 47 — LISBOA-2 — Telef. 66 14 24

FINS

- 1.º — Pedir a Deus a conversão dos Africanos, especialmente dos que estão a cargo dos Missionários do Espírito Santo nas nossas Províncias Ultramarinas.
- 2.º — Coadjuvar o mais possível as obras de formação dos Missionários.

CONDIÇÕES

- Para todos:** 1.º — Dar o nome à sede da Associação, de preferência por intermédio de um Zelador.
- 2.º — Oferecer orações e sacrifícios pelas Missões, recomendando-se a reza diária de um Pai Nosso e uma Ave-Maria com a invocação: «Coração Imaculado de Maria, rogai pelos infelizes e pelos que lhes anunciam a Boa Nova».
- Para os Associados ordinários:** Contribuir com um donativo (1\$50, por ano, pelo menos — 5\$00, Benfeitores — 20\$00, Beneméritos) para a Obra Missionária.
- Para os Associados remidos:** Contribuir, por uma só vez, com o donativo de 30\$00 por cada remissão individual e de 100\$00 por cada família.
- N. B. 1.º** — A Família compõe-se das pessoas que pertencem a um lar e o constituem permanentemente, se bem que ausentes ou já falecidas.
- 2.º — As pessoas falecidas podem ser inscritas como Associados ordinários ou remidos, segundo preferirem os parentes ou amigos que por elas ofereçam o donativo fixado.

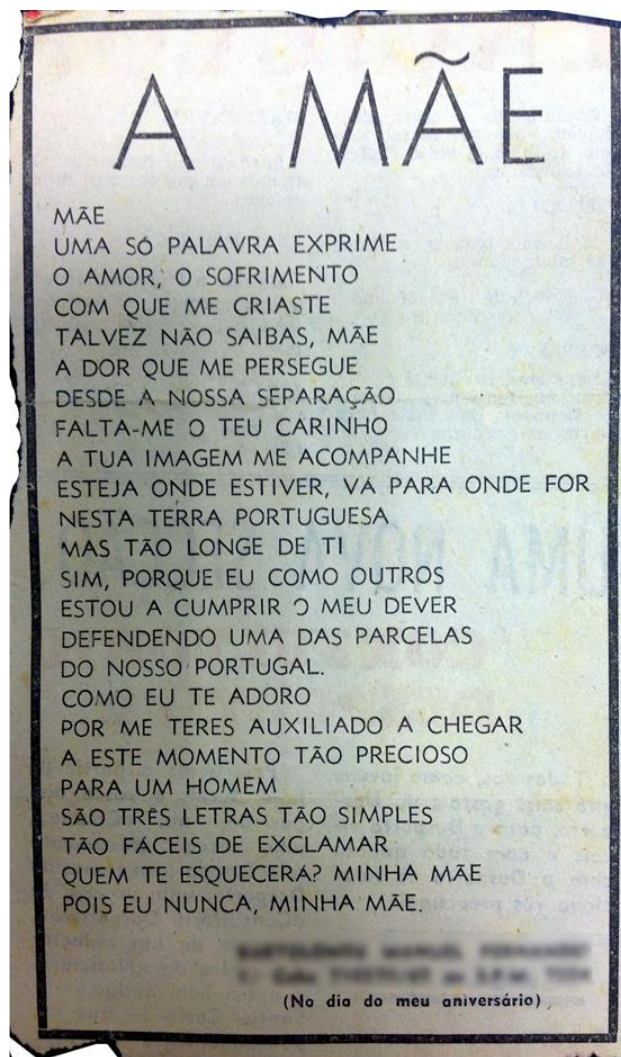
VANTAGENS

- Para todos os Associados:** 1.º — Remissão inteira dos pecados à hora da morte, se invocarem, ao menos de coração, o Nome de Jesus.
- 2.º — Indulgência plenária duas vezes por mês e bem assim nas Festas do Espírito Santo e dos Reis, visitando a própria Igreja, a lucrar pelos Associados que se confessem e comunguem, rezando pelas intenções da Santa Igreja e do Sumo Pontífice. (Pio IX, 9-VIII-1852; Leão XIII, 18-VIII-1899).
- 3.º — Participação na missa que mensalmente celebra cada Sacerdote da Congregação do Espírito Santo pelos amigos, vivos e defuntos, do Instituto. Actualmente (1961), são mais de 40.000 missas por ano. Participação ainda nos sofrimentos e trabalhos dos Missionários do Espírito Santo.
- N. B.** — As pessoas que contribuírem com 10\$00 anuais receberão, por intermédio do Zelador, se o pedirem, o jornal «Acção Missionária».
- Para os Zeladores:** 1.º — Uma missa celebrada segundo as intenções de cada um, no 1.º Sábado de cada mês, honrando assim o Imaculado Coração da Senhora de África.
- 2.º — Tendo o mínimo de 20 Associados recebem o diploma e o órgão da Associação — o jornal «Acção Missionária».
- 3.º — Atingindo 100 Associados, recebem o diploma de honra.
- Para os Sacerdotes Associados:** Cinco anos de indulgência por cada Memento pelas intenções da Associação, concedidos por Leão XIII.
- Para os Sacerdotes Promotores:** A faculdade de benzerem e imporem com uma fórmula única, os escapulários da Trindade, Paixão, Carmo, Dores e Imaculada Conceição, sem obrigatoriedade de inscrição nos registos respectivos.

O Sr.
foi admitido como Associado, aos .. de de 19 64

O Zel.

Figura A.7 Folheto N. Sª de África pela conversão dos pretos (face e contraface)



A MÃE

MÃE
UMA SÓ PALAVRA EXPRIME
O AMOR, O SOFRIMENTO
COM QUE ME CRIASTE
TALVEZ NÃO SAIBAS, MÃE
A DOR QUE ME PERSEGUE
DESDE A NOSSA SEPARAÇÃO
FALTA-ME O TEU CARINHO
A TUA IMAGEM ME ACOMPANHE
ESTEJA ONDE ESTIVER, VÁ PARA ONDE FOR
NESTA TERRA PORTUGUESA
MAS TÃO LONGE DE TI
SIM, PORQUE EU COMO OUTROS
ESTOU A CUMPRIR O MEU DEVER
DEFENDENDO UMA DAS PARCELAS
DO NOSSO PORTUGAL.
COMO EU TE ADORO
POR ME TERES AUXILIADO A CHEGAR
A ESTE MOMENTO TÃO PRECIOSO
PARA UM HOMEM
SÃO TRÊS LETRAS TÃO SIMPLES
TÃO FÁCEIS DE EXCLAMAR
QUEM TE ESQUECERA? MINHA MÃE
POIS EU NUNCA, MINHA MÃE.

(No dia do meu aniversário)

Figura A.8 Poema “A mãe”, escrito por um soldado, publicado em Moçambique.

Texto do telegrama dirigido à comissão organizadora do Congresso dos Combatentes, no Porto, em 1973:

Cerca de quatro centenas de militares do quadro permanente e combatentes do ultramar com várias comissões de serviço, certos de que interpretam o sentido de outras centenas de camaradas que, por motivo de circunstâncias múltiplas, ignoram verdadeiramente o congresso, desejam informar VV. Ex.^{as} e esclarecer a Nação do seguinte:

1. Não aceitam outros valores nem defendem outros interesses que não sejam os da Nação.
2. Não reconhecem aos organizadores do 1.º Congresso do Combatente do Ultramar, e portanto ao próprio congresso, a necessária representatividade.
3. Não participando nos trabalhos do congresso, não admitem que pela sua não participação sejam definidas posições ou atitudes que possam ser imputadas à generalidade dos combatentes.
4. Por todas as razões formuladas se consideram e declaram totalmente alheios às conclusões do congresso, independentemente do seu conteúdo ou da sua expressão.

Solicita-se que ao presente telegrama seja dada publicidade igual à realizada para as conclusões do congresso.

Assinam-no dois dos militares mais condecorados das Forças Armadas Portuguesas: o Comandante Rebordão e Brito, da Armada, e Marcelino da Mata, oficial dos "Comandos" Africanos da Guiné.

Figura A.9 Telegrama dirigido ao Congresso dos Combatentes, 1973



Figura A.10 Navio patrulha NRP Madeira ¹⁷⁴⁹



Figura A.11 Navio patrulha NRP São Tomé ¹⁷⁵⁰

¹⁷⁴⁹ Fonte: <http://osrikinhus.blogspot.pt/2011/10/navio-patrulha-classe-principe-1948-1970.html>

¹⁷⁵⁰ Fonte: <http://osrikinhus.blogspot.pt/2011/10/navio-patrulha-classe-principe-1948-1970.html>



Exma. Senhora,

Dr.^a Joana Pontes
Rua Dr. António Loureiro Borges, 8 -7º Dto

1495-131 Algés

quinta-feira, 27 de janeiro de 2016

Assunto: Consulta de espólio documental do Projecto Recolha (correspondência de guerra)

Referência:

Exma. Senhora, Dr.^a Joana Pontes,

Em resposta ao pedido de autorização para consulta da correspondência de guerra pertencente a acervos de particulares depositados no Arquivo Histórico Militar no âmbito do Projecto Recolha, levado a cabo pela Liga dos Amigos do Arquivo Histórico Militar, e tendo como objetivo a elaboração de uma dissertação de doutoramento, essa autorização é concedida a Joana Pontes, aluna do Programa Inter Universitário de Doutoramento em História. Fica também autorizada a possibilidade de estudar todos os acervos com interesse para o fim em vista, assim como o uso na dissertação de citações e excertos, sendo que em todos os casos deve ser preservada a identidade dos intervenientes e mantido o anonimato das respetivas fontes.

Lisboa, 25 de Outubro de 2015

Com cordiais cumprimentos,

António J. Branco
(Presidente da Direcção)

ANEXO B
QUADROS

Quadro B.1

Relação dos Fundos com correspondência à guarda do AHM

Militar Fundo/Nome	depósito	Comissão		Situação militar				Situação civil à data da incorporação					Nr docs
		início/fim	Local	Ramo/Arma	Patente	Incorpor.	Obs.	Residência/origem	Data Nasc	Instrução	Profissão	Estado	
F85/Vitor	esposa	1961-62	Angola	F.Aérea/Mecânico	1º sarg./mecânico	voluntária	falecido em serviço	Lisboa	1925	5ºano	militar	casado	8
F11/José	próprio	1961-63	Angola	Exérc./Infantaria	Praça	obrigatória		distrito de Braga	1940	alfabetizado		solteiro	272
F104/Maria	destinatária	1962	Índia	Exérc./Cavalaria	Furriel	NS		Beira Baixa		5º ano			1
idem	destinatária	1962	Angola	Exérc./Cavalaria	1º cabo	NS		Beira Baixa		alfabetizado			1
F95/João	próprio	1961-1963	Angola	Exérc./Infantaria	Praça	obrigatória		concelho de Sintra	1939	alfabetizado		solteiro	1
F102/Fátima	destinatária	1963	Guiné	NS	NS	NS		NS		alfabetizado			1
F72/António	próprio	1963-65	Angola	Exérc./Infantaria	1º cabo	obrigatória		distrito do Porto	1942	2º grau	emp.comercial	solteiro	1006
F87/Fátima	destinatária	1965	Angola	F.Aérea?	NS	NS		NS		alfabetizado			1
F54/Manuel	próprio	1964-67	Moçambique	Exérc./Artilharia	1º cabo	obrigatória		distrito do Porto		alfabetizado	trabalhava		84
F2/Luís (1ªC)	próprio	1966-67	Angola	Exérc./Artilharia	Alferes QP	NA, QP		Lisboa/distr. Braga	1944	Acad.militar	militar	solteiro	570
F71/Carlos	próprio	1966-68	Moç./Angola	Exérc./Páraqued.	Praça	voluntária		Alenquer, distr. Lisboa		alfabetizado		solteiro	1041
F53/Francisco	próprio	1967-69	Guiné	Exérc./Infantaria	Soldado sapador	obrigatória		distrito de Braga		alfabetizado		casado	170
F52/Mário	próprio	1967-69	Angola	Marinha	Marinheiro	voluntária		distrito do Porto	1942	2º grau		casado	336
F31/Domingos	outro	1968	Angola	Exérc./	1º cabo	NS		NS		alfabetizado			2
F102/Fátima	destinatária	1968	Guiné	NS	NS	NS		NS		alfabetizado			1
idem	destinatária	1968	NS	NS	Praça	NS	internado	NS		alfabetizado			1
idem	destinatária	1968	Guiné	NS	NS	NS		NS		alfabetizado			1
idem	destinatária	1968	Guiné	NS	NS	NS		NS		alfabetizado			1
F12/Henrique	irmão	1969	Moçambique	Exérc./Artilharia	Soldado condutor	NS	falecido em serviço	distrito do Porto		alfabetizado			2
F132/Paulo	amigo	1969	Angola	Exérc./	Alferes mil	obrigatória		distr. Castelo Branco		7ºano			1
F102/Fátima	destinatária	1969	Guiné	Armada	NS	NS		NS		alfabetizado			1
F133/Joaquim	mãe	1969-71	Moçambique	Exérc./Inf./Comando	Alferes	NS	falecido em serviço	Lourenço Marques		7ºano	estudante	solteiro	53
F2/Luís (2ªC)	próprio	1970-72	Moçambique	Exérc./Artilharia	Capitão	NA, QP		Amadora/distr. Braga	1944	Acad.militar	Militar	casado	745
F57/Luís	esposa	1972-74	Moçambique	Armada/Fuzileiro	NS	NS		distrito do Porto?		alfabetizado		solteiro	10
idem	cunhada	1973-74	Angola	Exérc./	NS	NS		distrito do Porto?		alfabetizado			3
F132/Paulo	amigo	1973-74	Angola	Exérc./Cavalaria	Furriel	obrigatória		distr. Castelo Branco		5º ano		solteiro	10
NS - não se sabe	NA - não aplicável		QP - Quadro permanente										4323

Quadro B.2

Recrutamento Militar na Metrópole

Ano	Recenseados	Apurados		Faltosos		Distribuição do Contingente		
		Total	%	Total	%	CGM(%)	CSM(%)	COM(%)
1961	75366	48832	64,8	8722	11,6	88,5	9,5	2,0
1962	79357	57073	72,0	10211	12,8	87,7	10,2	2,1
1963	85410	59676	69,8	13328	15,6	87,4	10,7	1,9
1964	86977	61249	70,4	14357	16,5	86,4	11,3	2,3
1965	90289	64805	71,7	16972	18,8	84,1	13,4	2,5
1966	87506	63342	72,3	16008	18,4	82,3	14,4	3,3
1967	86065	62017	72,6	16512	19,2	89,8	7,0 a)	3,2
1968	95634	70504	73,7	17838	18,6	90,2	6,7	3,1
1969					19,6			
1970	88693	63996	71,5	18554	20,9	86,5	10,0	3,5
1971	91363(b)	65746	72,0	15644	20,3	85,2	10,1	4,7
1972	92613	66 681	72,0	18841	20,3	84,5	10,7	4,8

a) Foi neste ano agravado o nível de habilitação literária para o CSM; b) Primeiro recenseamento feito aos 18 anos

Fonte: Estado Maior do Exército, *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974)*, Lisboa, 1988, p. 258.

Quadro B.3

Candidaturas à Academia Militar

Ano Académico	Vagas	Candidatos	Admitidos	Vagas não preenchidas	Sargentos promovidos	Défice líquido
1961-1962	265	559	257	8	-	8
1962-1963	266	444	266	0	-	0
1963-1964	200	392	180	20	-	20
1964-1965	262	307	137	125	-	125
1965-1966	350	283	129	221	42	179
1966-1967	377	199	90	287	118	169
1967-1968	410	175	90	320	236	84
1968-1969	430	149	58	372	261	110
1969-1970	460	112	33	427	226	201
1970-1971	400	151	62	338	287	51
1971-1972	550	169	103	447	200	247
1972-1973	495	154	72	423	-	423
1973-1974	243	155	88	155	-	155

Fonte: John P. Cann, *Counterinsurgency in Africa. The Portuguese Way of War, 1961-1974*, Westport Conn., Greenwood Press, 1997, p. 92.

Quadro B.4

Comissões associadas aos acervos depositados

	1961	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	1974
José		Angola												
António			Angola											
Manuel				Moçambique										
Luís						Angola				Moçambique				
Carlos						Moçambique/Angola								
Francisco							Guiné							
Mário							Angola							
Joaquim											Moçam			
Abílio												Moçambique		
Alberto													Angola	

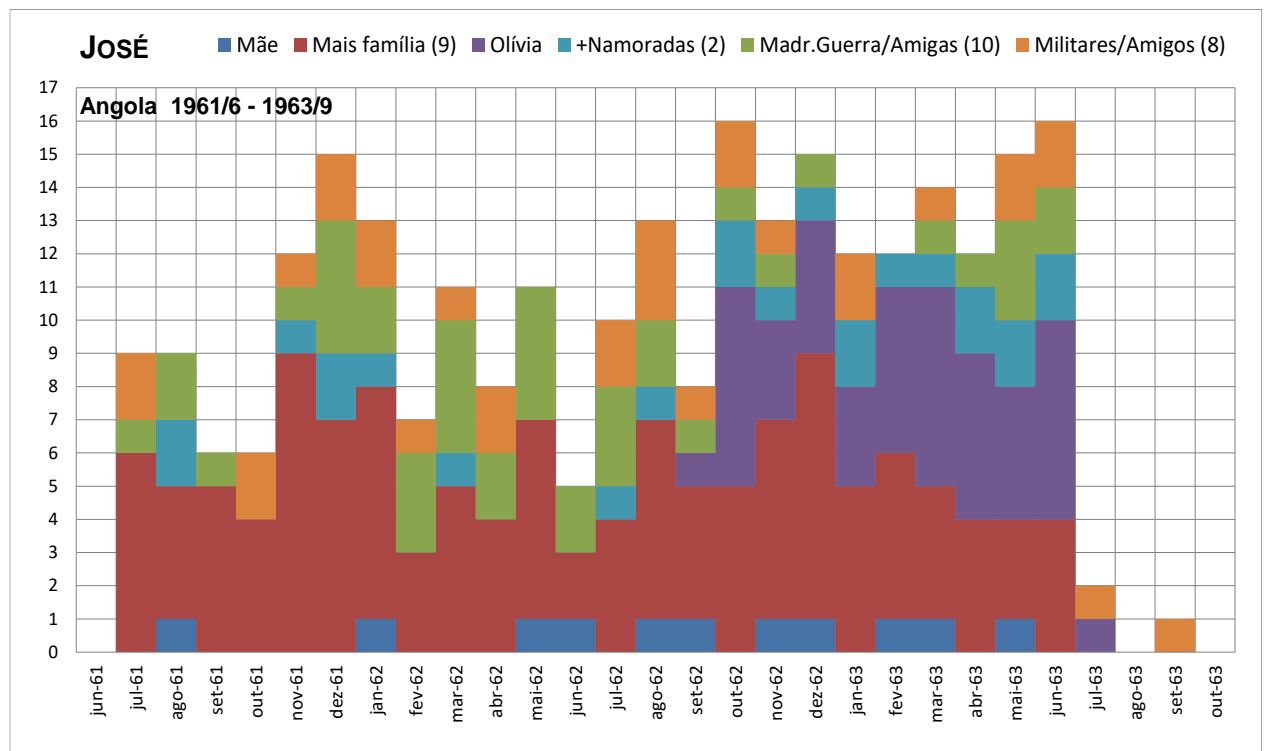
Quadro B.5

José – Síntese da correspondência

Nr de docs	total	272	Olívia	
Nr de docs	Emitidos	24	23	
Nr de docs	Recebidos	248	21	
Nr de docs	entre terceiros	0		
Nr de	carta	250	92%	
Nr de	aerograma	22	8%	
Nr de	postal	0	0%	272
Nr	com envelope	242		
Nr	manuscritos	269		
Nr de	Mãe	11	4%	
Nr de	Mais família (9)	120	44%	
Nr de/para	Olívia	44	16%	
Nr de	+Namoradas (2)	23	8%	
Nr de	Madr.Guerra/Amigas (10)	43	16%	
Nr de	Militares/Amigos (8)	31	11%	272

Quadro B.6

José – Diagrama de fluxo epistolar



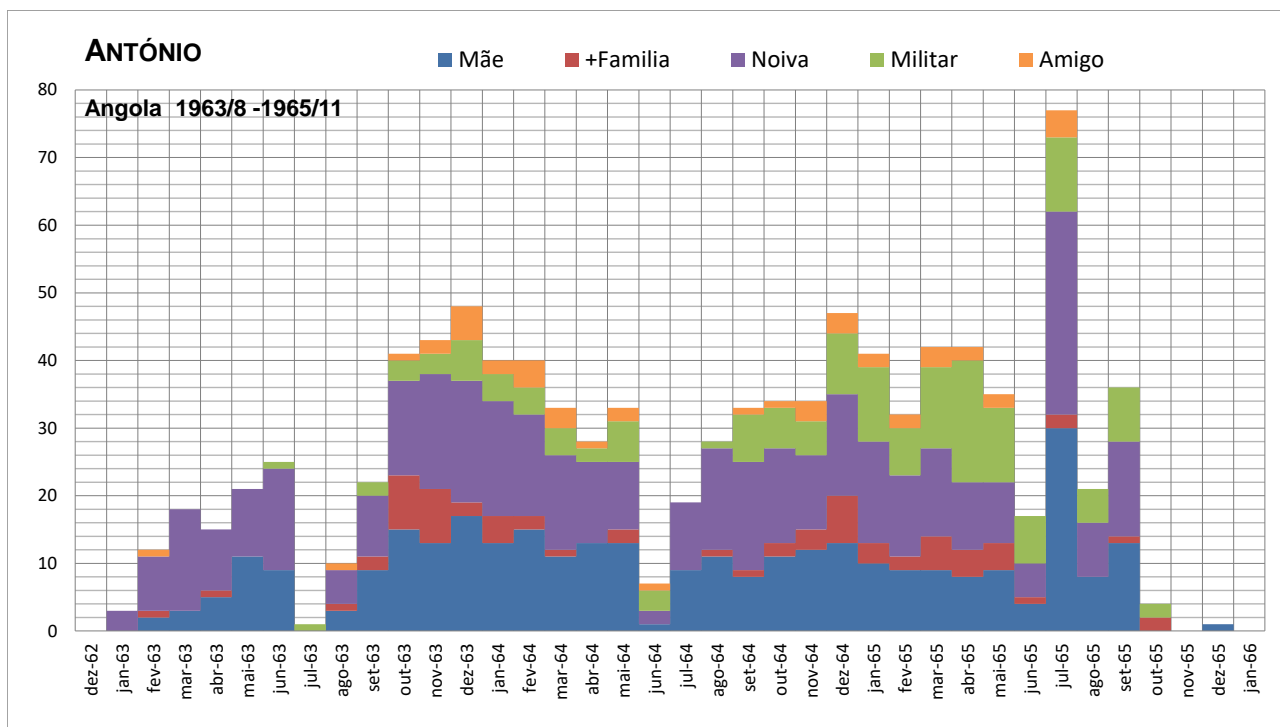
Quadro B.7

António – Síntese da correspondência

Nr de docs	total	1006	Mãe	Noiva
Nr de docs	Emitidos	353	155	180
Nr de docs	Recebidos	652	166	212
Nr de docs	entre terceiros	1	1	
Nr de	carta	767	77%	
Nr de	aerograma	196	20%	
Nr de	postal	31	3%	
Nr de	telegrama	8	1%	1002
Nr	com envelope	761		
Nr	manuscritos	975		
Nr de/para	Mãe	322	32%	
Nr de/para	Mais Família (4)	70	7%	
Nr de/para	Noiva	392	39%	
Nr de	Militares (29)	170	17%	
Nr de	Amigos (7)	46	5%	1000
	sem remetente ou ilegível	6		

Quadro B.8

António – Diagrama de fluxo epistolar



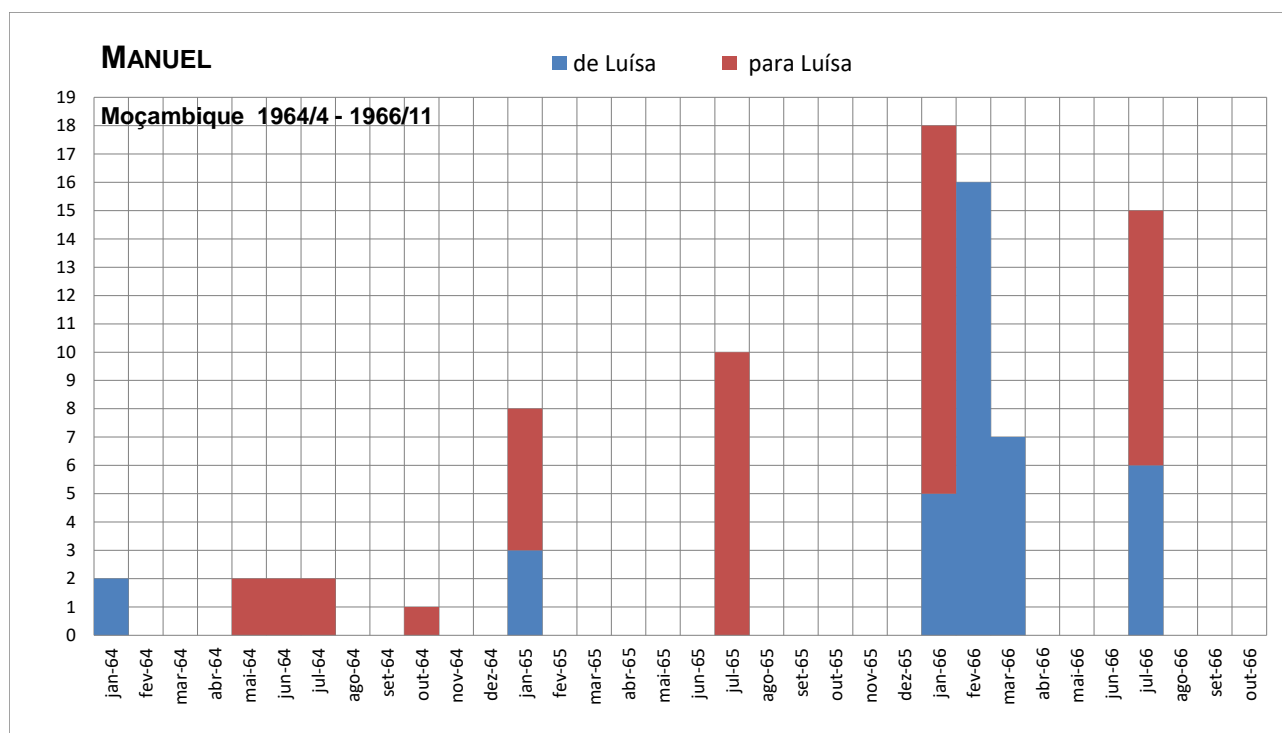
Quadro B.9

Manuel – Síntese da correspondência

Nr de docs	total	84		
Nr de docs	Emitidos	39		
Nr de docs	Recebidos	45		
Nr de docs	entre terceiros	0		
Nr de	carta	66	79%	
Nr de	aerograma	18	21%	
Nr de	postal	0	0%	84
Nr	com envelope	1		
Nr	manuscritos	71		
Nr	de Luísa	39	46%	
Nr	para Luísa	45	54%	84

Quadro B.10

Manuel – Diagrama de fluxo epistolar



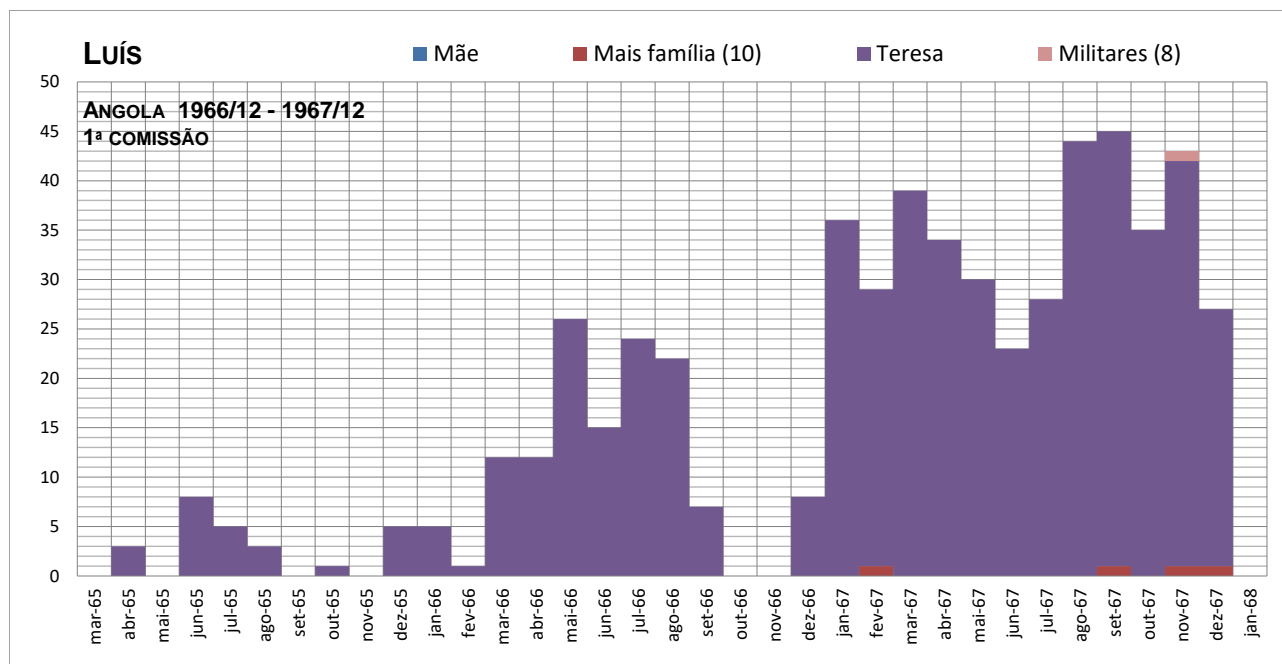
Quadro B.11

Luís (1ª Comissão) – Síntese da correspondência

Nr de docs	Total	570	Teresa	
Nr de docs	Emitidos	284	283	
Nr de docs	Recebidos	283	279	
Nr de docs	entre terceiros	3	3	
Nr de	carta	515	91%	
Nr de	aerograma	42	7%	
Nr de	postal	11	2%	
Nr de	telegrama	1	0%	569
Nr	com envelope	251		
Nr	manuscritos	562		
Nr de	Mãe	0	0%	
Nr de/para	Mais família (10)	4	1%	
Nr de/para	Teresa	565	99%	
Nr de	Militares (8)	1	0%	
Nr de	Amigo	0	0%	570

Quadro B.12

Luís (1ª Comissão) – Diagrama de fluxo epistolar



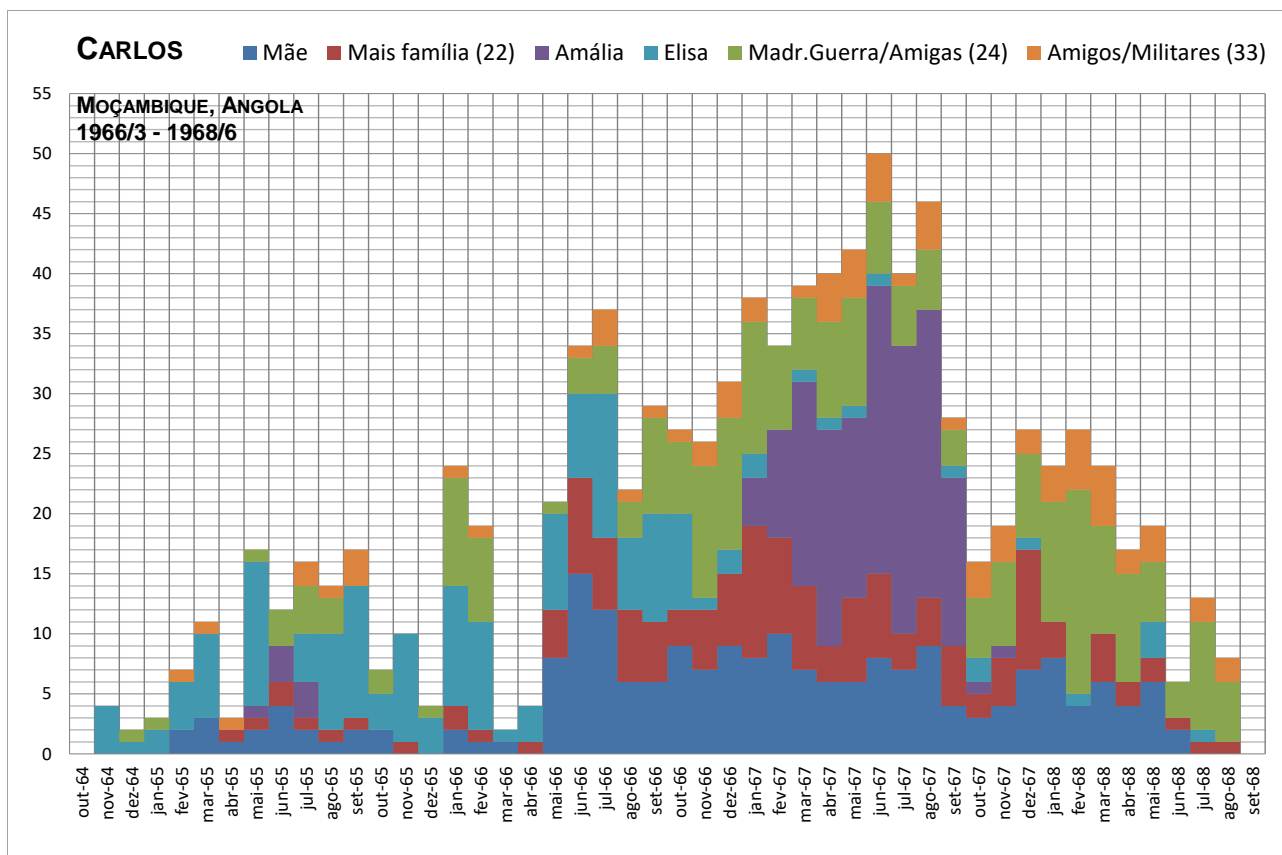
Quadro B.13

Carlos – Síntese da correspondência

Nr de docs	Total	1041	mãe	
Nr de docs	Emitidos	94	86	
Nr de docs	Recebidos	902	132	
Nr de docs	entre terceiros	45	9	
Nr de	carta	803	78%	
Nr de	aerograma	215	21%	
Nr de	postal	16	2%	1034
Nr	com envelope	620		
Nr	manuscritos	1034		
Nr de/para	Mãe	227	22%	
Nr de/para	Mais família (22)	149	15%	
Nr de	Amália	161	16%	
Nr de	Elisa	173	17%	
Nr de/para	Madr.Guerra/Amigas (24)	237	23%	
Nr de/para	Amigos/Militares (33)	78	8%	1025
	entre outros, instituições, ilegível ou anónima	16		

Quadro B.14

Carlos – Diagrama de fluxo epistolar



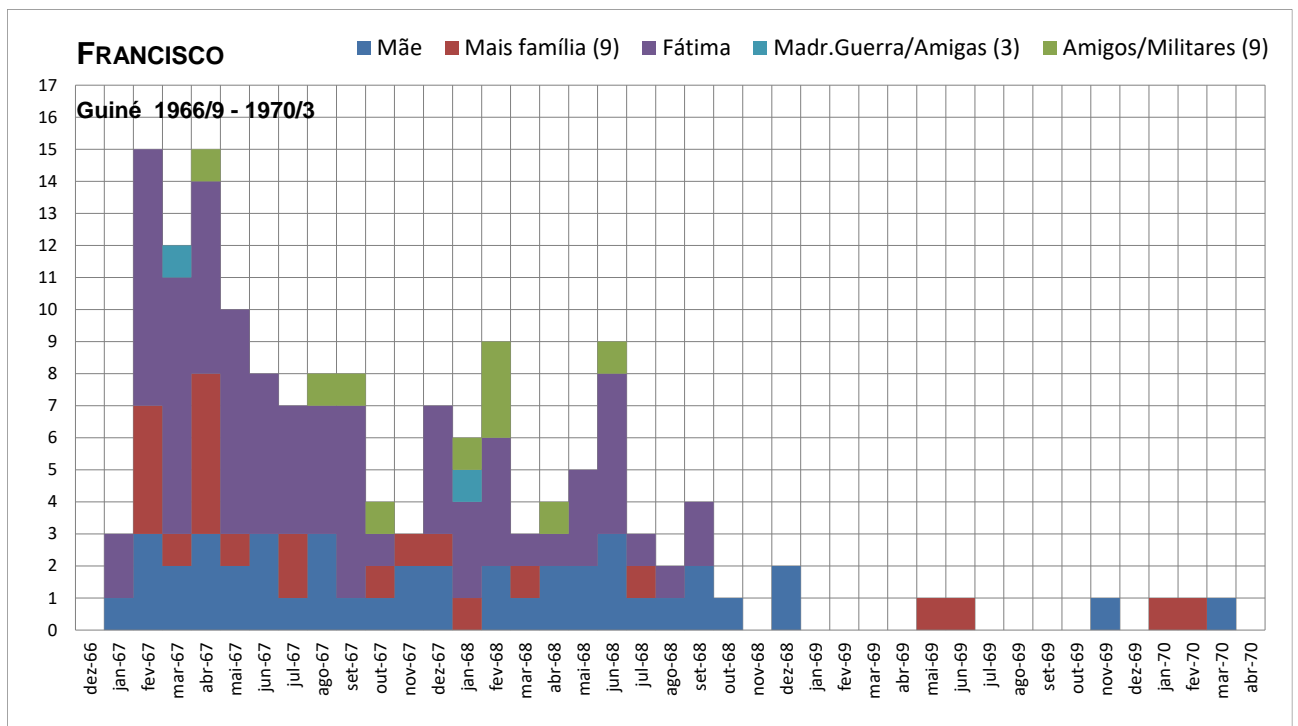
Quadro B.15

Francisco – Síntese da correspondência

Nr de docs	Total	170	Mãe	Fátima
Nr de docs	Emitidos	1	0	1
Nr de docs	Recebidos	166	44	75
Nr de docs	entre terceiros	3	0	0
Nr de	carta	27	16%	
Nr de	carta+outro	3	2%	
Nr de	aerograma	140	82%	
Nr de	postal	0	0%	170
Nr	com envelope	24		
Nr	manuscritos	170		
Nr de	Mãe	44	26%	
Nr de	Mais família (9)	26	16%	
Nr de/para	Fátima	76	46%	
Nr de	Madr. Guerra/Amigas (3)	5	3%	
Nr de	Amigos/Militares (9)	16	10%	167

Quadro B.16

Francisco – Diagrama de fluxo epistolar



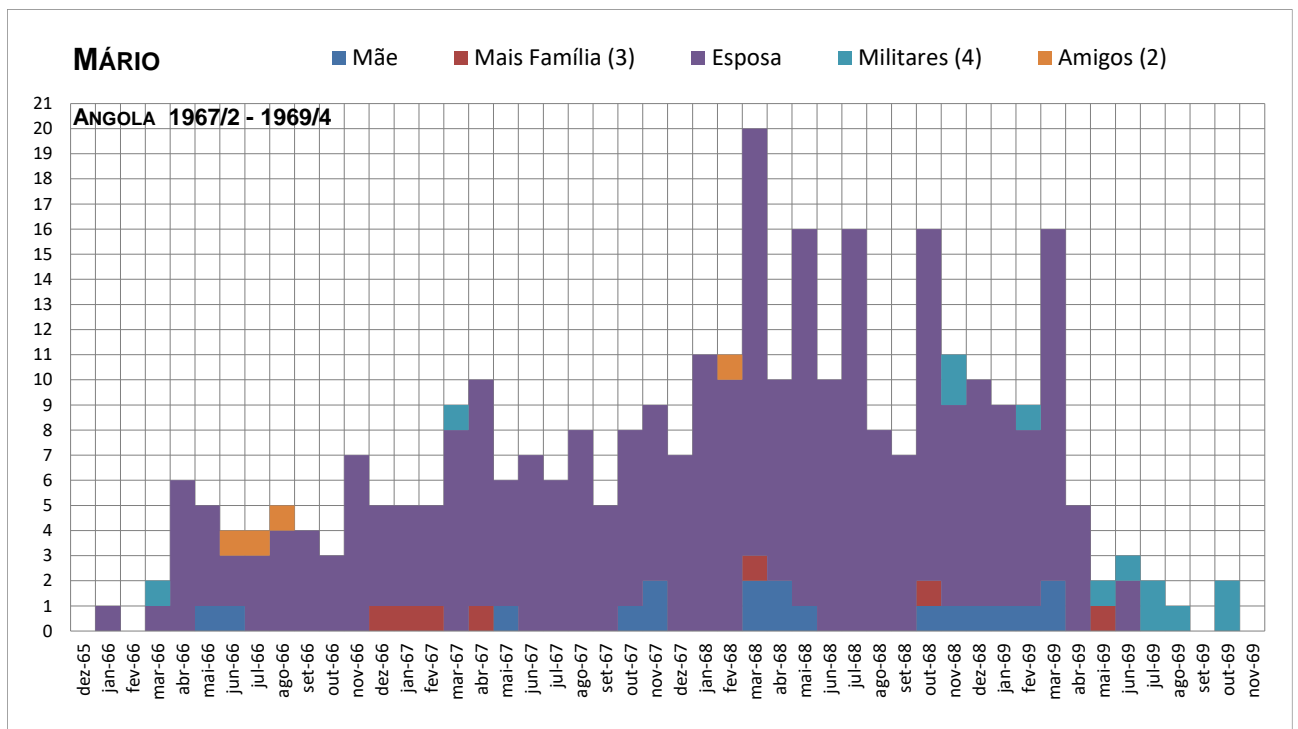
Quadro B.17

Mário – Síntese da correspondência

Nr de docs	total	336	Esposa	
Nr de docs	Emitidos	202	202	
Nr de docs	Recebidos	134	85	
Nr de docs	entre terceiros	0		
Nr de	carta	330	98%	
Nr de	aerograma	4	1%	
Nr de	postal	2	1%	336
Nr	com envelope	30		
Nr	manuscritos	335		
	Mãe	18	5%	
	Mais Família (3)	7	2%	
	Esposa	287	86%	
	Militares (4)	19	6%	
	Amigos (2)	4	1%	335

Quadro B.18

Mário – Diagrama de fluxo epistolar



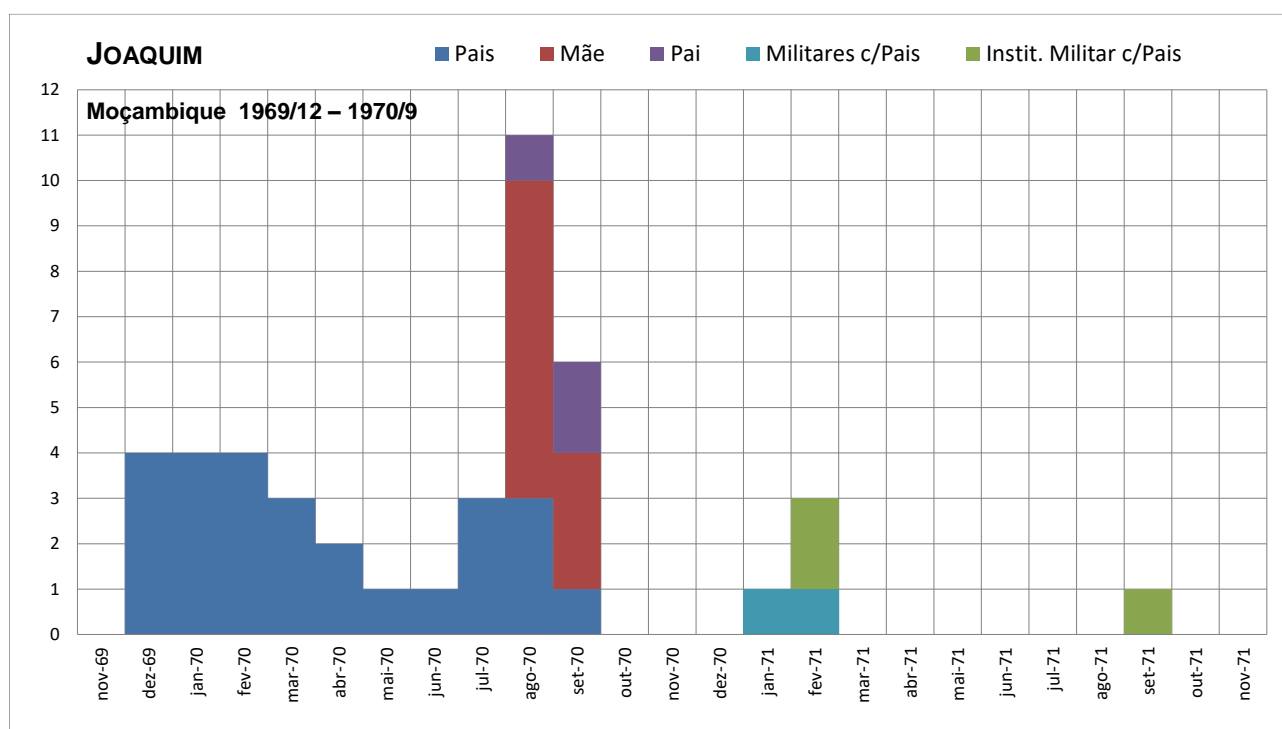
Quadro B.19

Joaquim – Síntese da correspondência

Nr de docs	total	53		
Nr de docs	Emitidos	26		
Nr de docs	Recebidos	13		
Nr de docs	entre terceiros	14		
Nr de	carta	36	68%	
Nr de	carta/ofício	2	4%	
Nr de	aerograma	14	26%	
Nr de	telegrama	1	2%	53
Nr	com envelope	16		
Nr	manuscritos	50		
Nr para	Pais	26	49%	
Nr de	Mãe	10	19%	
Nr de	Pai	3	6%	
Nr	Militares c/Pais	10	19%	
Nr	Instit. Militar c/Pais	4	8%	53

Quadro B.20

Joaquim – Diagrama de fluxo epistolar



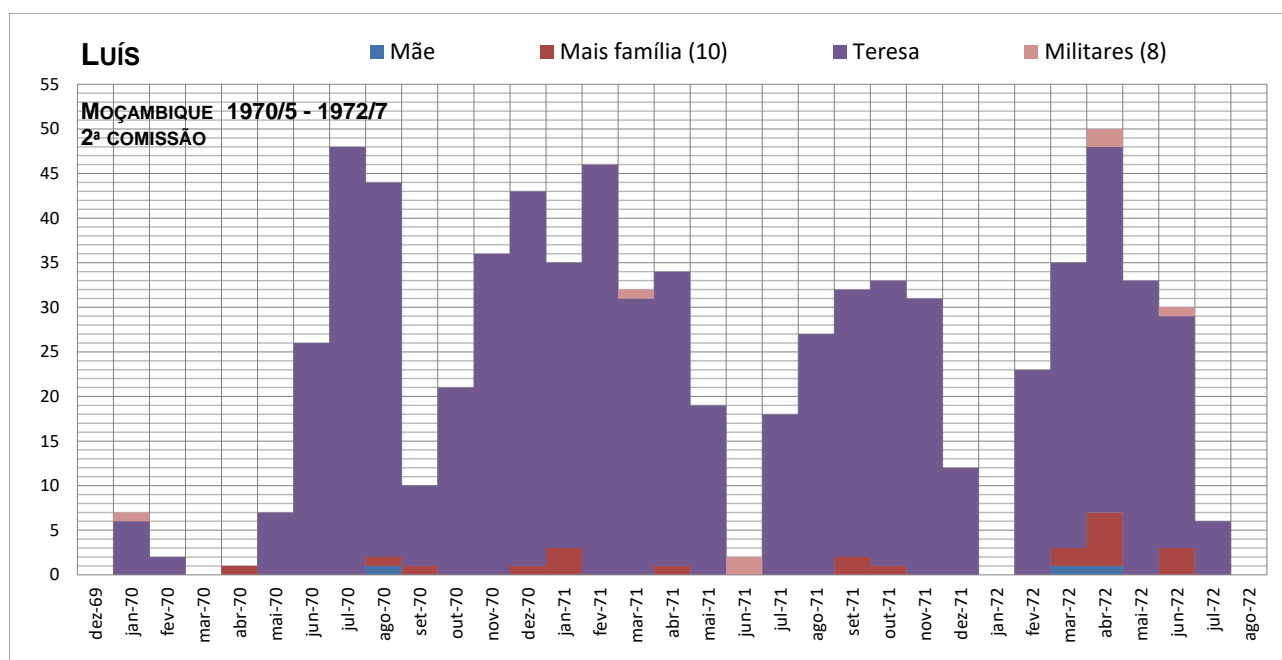
Quadro B.21

Luís (2ª Comissão) – Síntese da correspondência

Nr de docs	Total	745	Teresa	
Nr de docs	Emitidos	376	373	
Nr de docs	Recebidos	367	337	
Nr de docs	entre terceiros	2	1	
Nr de	carta	731	98%	
Nr de	aerograma	10	1%	
Nr de	postal	2	0%	
Nr de	telegrama	1	0%	744
Nr	com envelope	119		
Nr	manuscritos	743		
Nr de	Mãe	3	0%	
Nr de/para	Mais família (10)	22	3%	
Nr de/para	Teresa	711	96%	
Nr de	Militares (8)	7	1%	
Nr de	Amigo	0	0%	743

Quadro B.22

Luís (2ª Comissão) – Diagrama de fluxo epistolar



Quadro B.23

Emissores/recetores por relação e género

	de/para Mulheres					de/para Homens				
	Mãe	Esposa/namoradas/ /mad.guerra/amigas	Mais Família	Total	%	Pai	Militares/Amigos	Mais Família	Total	%
José	11	110	79	200	74%	0	31	41	72	26%
António	322	392	7	721	72%	6	216	57	279	28%
Manuel	0	84	0	84	100%	0	0	0	0	0%
Luís (2 comissões)	3	1315	21	1339	98%	1	12	10	23	2%
Carlos	227	571	84	882	86%	0	78	65	143	14%
Francisco	44	81	8	133	80%	1	16	17	34	20%
Mário	18	287	2	307	92%	0	23	5	28	8%
Joaquim (*)	10	0	0	10	77%	3	0	0	3	23%
Totais	635	2840	201	3676	86,3%	11	376	195	582	13,7%
% absoluta	14,9%	66,7%	4,7%		86,3%	0,3%	8,8%	4,6%		13,7%
% idem, no género	17,3%	77,3%	5,5%		100,0%	1,9%	64,6%	33,5%		100,0%
% média 7 acervos	12,9%	66,6%	6,4%		85,9%	0,2%	8,3%	5,6%		14,1%
% idem, no género	15,0%	77,5%	7,5%		100,0%	1,3%	58,7%	40,0%		100,0%

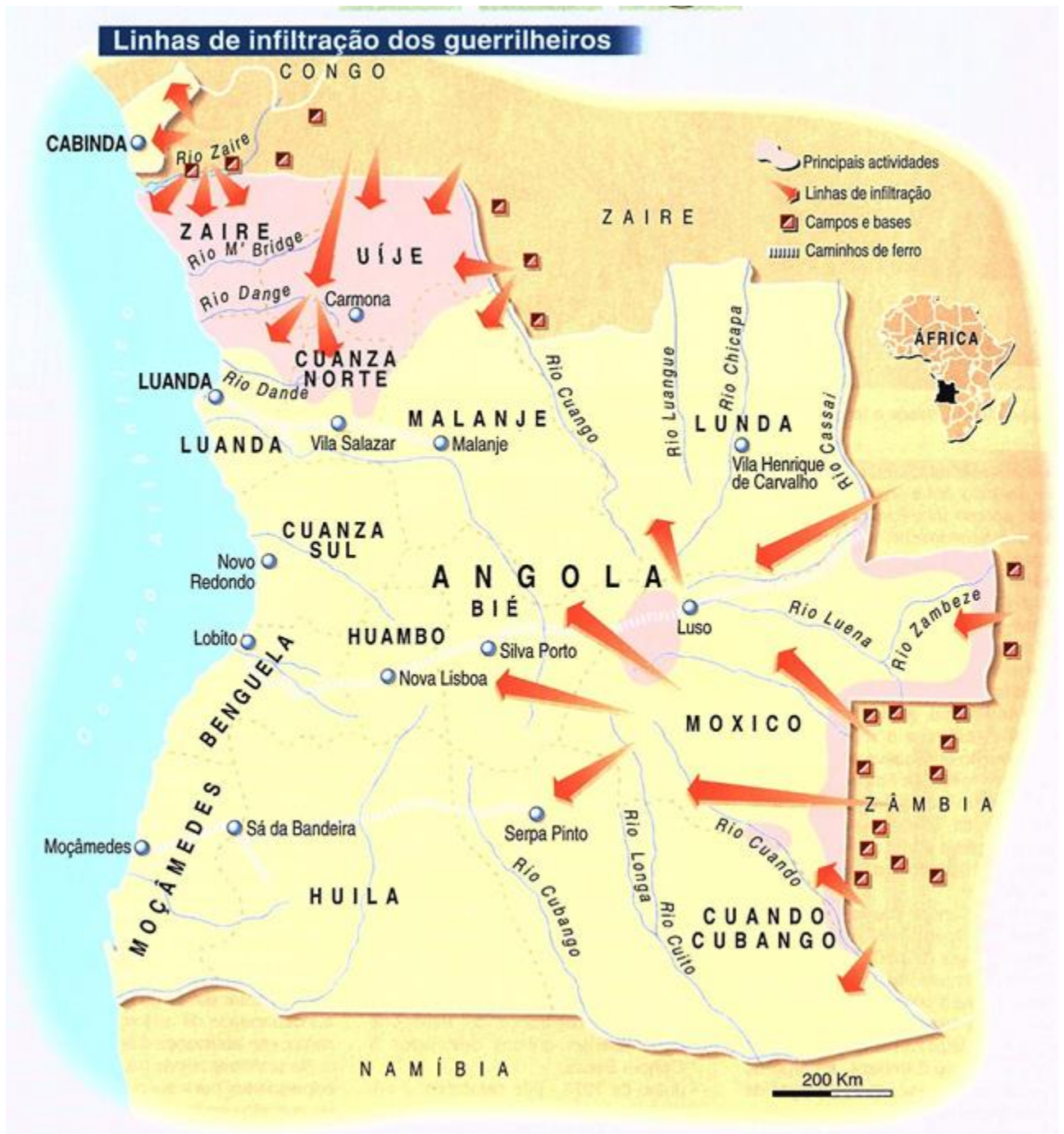
(*) desconsideradas as cartas em que se dirige aos pais, em conjunto, e desconsiderado para determinar a média dos acervos

ANEXO C

MAPAS

Mapa C.2

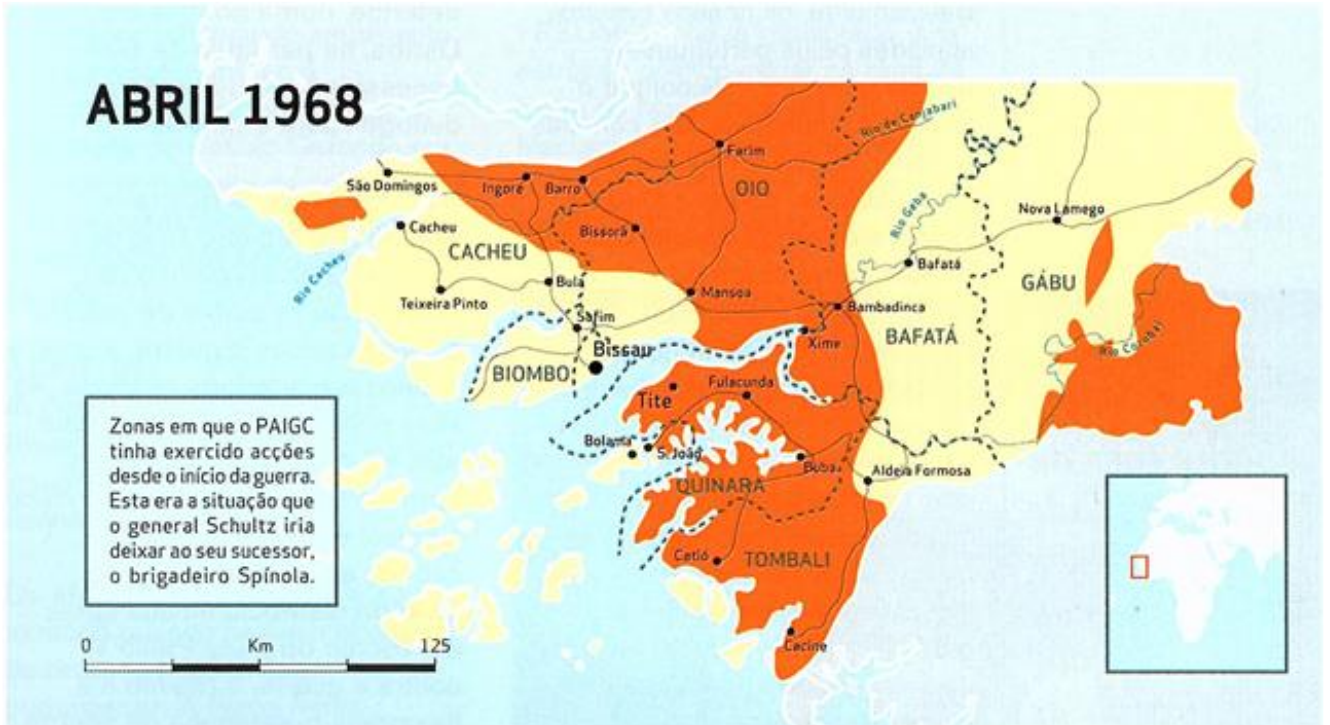
Angola – Linhas de infiltração dos guerrilheiros



Fonte: Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2000) (orgs.), Guerra Colonial, Lisboa, Editorial Notícias, p. 138

Mapa C.4

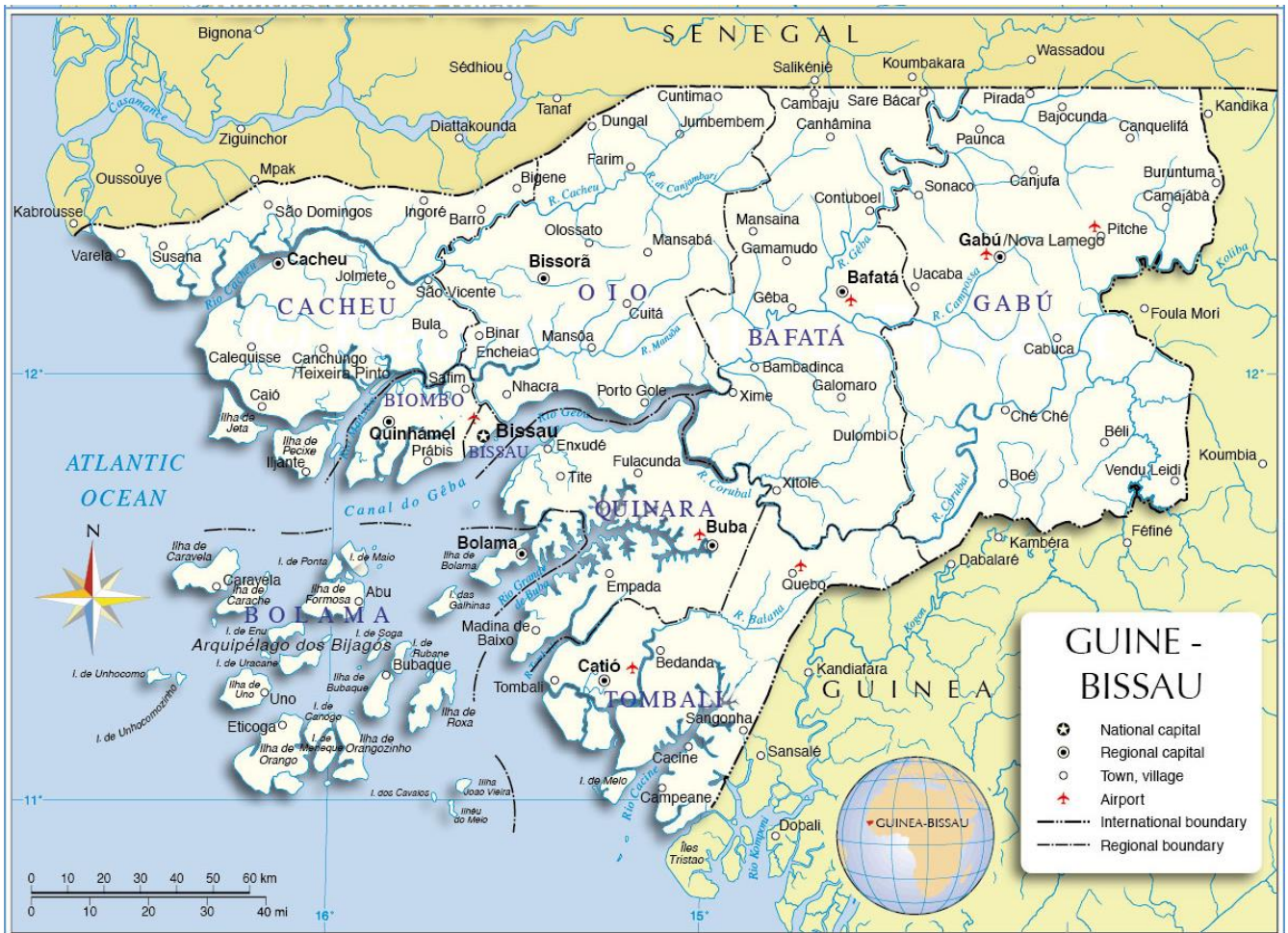
Guiné abril 1968 – Zonas de influência da guerrilha



Fonte: Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2009) (orgs.), *Os anos da guerra colonial, 1968 – Continuar o regime e o império*, volume 9, Lisboa, QuidNovi, p39

Mapa C.5

Mapa da Guiné (atual)



Fonte: Nations Online Project, <http://www.nationsonline.org/oneworld/map/guinea-bissau-administrative-map.htm>, modificado para incorporar a toponímica colonial

Mapa C.6

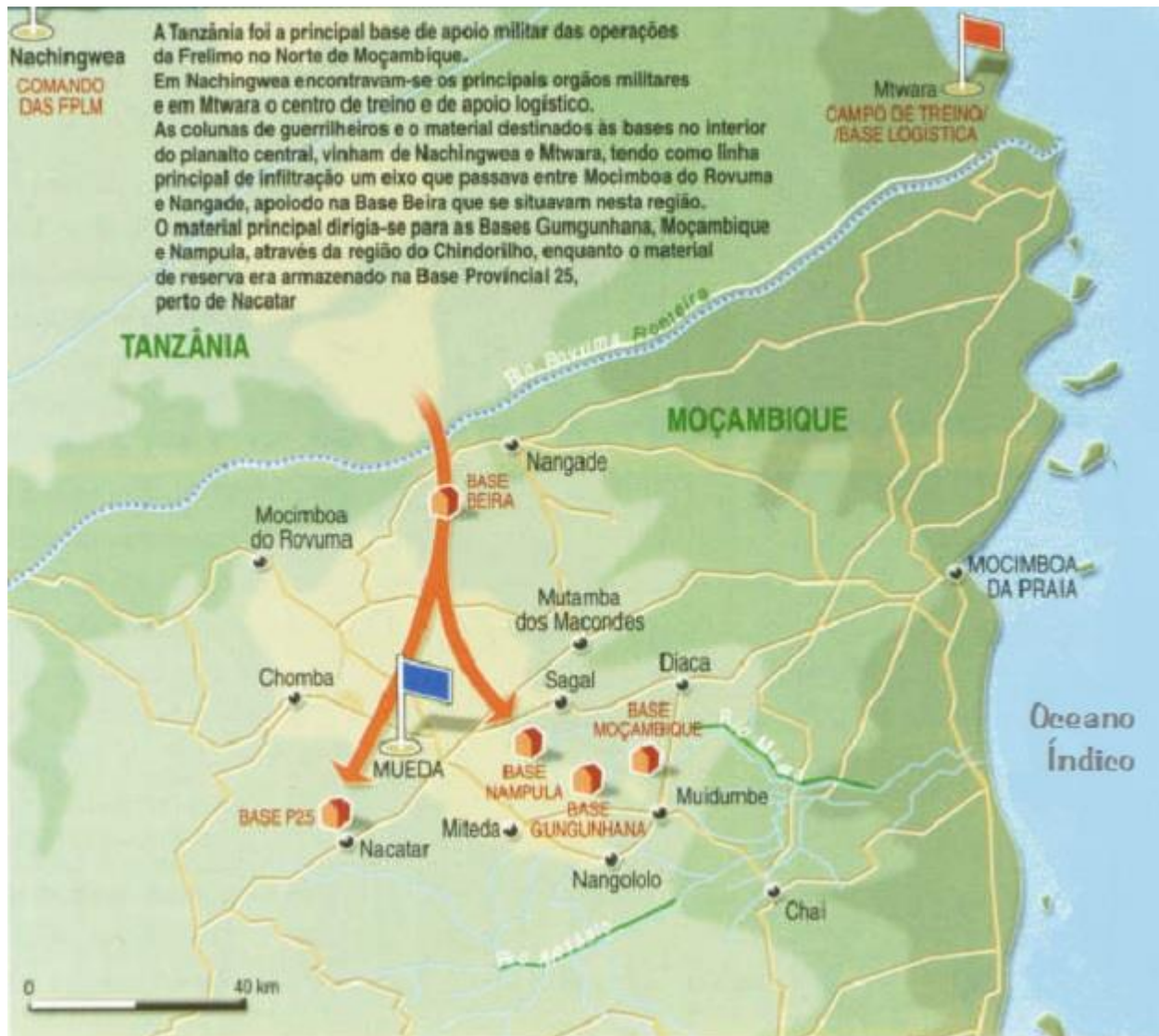
Moçambique – Linhas de infiltração dos guerrilheiros



Fonte: Afonso, Aniceto e Carlos Matos Gomes (2000) (orgs.), Guerra Colonial, Lisboa, Editorial Notícias, p.

Mapa C.7

Moçambique – Mapa de Cabo Delgado



Fonte: original desconhecido, <http://bcac4213.blogspot.pt/2012/06/mocimboa-da-praia-cabo-delgado.html>

Mapa C.8

Mapa de Moçambique (atual)



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mo%C3%A7ambique#/media/File:Mozambique_map_cities.png,
modificado para incorporar toponímica colonial.

ANEXO D

SOBRE A BASE DE DADOS

O tratamento dado ao conjunto dos documentos foi realizado em duas fases. A primeira consistiu na construção de uma base de dados onde foram inseridos cronologicamente todos os acervos e, dentro de cada um, todos os documentos, procedendo-se de seguida à classificação de unidades de sentido através de um processo de categorização. A segunda fase consistiu na análise dos resultados obtidos por este processo.

A base de dados foi dividida em duas partes: uma primeira onde foram recolhidos os elementos relativos à identificação dos documentos presentes em cada acervo, tais como, a cota dada pelo arquivo, a data de produção, quem é o emissor, o grau de parentesco entre este e o recetor e o local onde ambos se encontravam em cada momento de escrita. O militar depositante foi sempre colocado como centro da correspondência presente em cada acervo.

Esta parte ficou completa com informações acerca da materialidade dos documentos entregues tais como o suporte – carta, aerograma, postal ou outro – número de páginas, presença de desenhos, carimbos, folhas rasuradas, amachucadas, sublinhadas ou outros sinais distintivos. Em relação à grafia de cada documento, se é correta ou incorreta e quanto à autoria, se é autógrafa ou heterógrafa. Os dados recolhidos foram tratados estatisticamente e organizados em quadros, reunidos no Anexo B. Os resultados apresentados desta forma permitiram tornar mais clara a rede de correspondentes de cada acervo e saber, por exemplo, com quem mais se escreveu o militar, qual foi a época em que foram trocadas mais missivas, entre outros elementos que permitiram uma caracterização geral do conjunto da correspondência. Outros elementos, como as fórmulas de aberturas e fechos de cada missiva e a disposição do texto na página, por exemplo, contribuíram para uma perceção mais aprofundada sobre os escreventes presentes em cada rede.

A segunda parte da base de dados teve como objetivo a recolha de enunciados.¹⁷⁵¹ Este segmento específico de conteúdo que se caracteriza ao ser situado numa determinada categoria, compreende uma ideia comunicada que pode ser expressa de muitas maneiras, uma palavra, um desenho, uma sequência de palavras ou de frases. A recolha destes enunciados implicou a fragmentação do texto de acordo com categorias manejáveis e a sua compreensão tendo em atenção o contexto de escrita.

¹⁷⁵¹ O termo enunciado foi definido como se faz em semântica. De acordo com Rita Marquilhas, designa “um objecto observável, empírico e irrepitível. É um conjunto unitário de expressões linguísticas situadas no contexto pessoal, físico e social em que foram formuladas e interpretadas.” Marquilhas, Rita (2011), “Cartas e diferenças: a comunicação por escrito no Portugal do século XX”, comunicação apresentada no ICS em 1 de Julho de 2011, Lisboa, (s.n), p.2.

Num primeiro momento, procedeu-se a uma leitura da totalidade da correspondência. A familiarização com os textos levou a que fosse possível, nesta fase de imersão nos documentos, identificar uma quantidade considerável de temas ou dimensões que surgiram como relevantes e permitiram caracterizar os textos individuais como conjunto. A primeira série de categorias utilizadas saiu desta primeira leitura e foi pensada para aproveitar o que estava presente nos documentos, incluindo informações, à primeira vista, sem interesse. Foram definidas categorias principais, cada uma contendo outras mais específicas, que estabeleceram relações entre si e com a categoria principal. Num segundo momento, as categorias foram sendo revistas à medida que prosseguiu a classificação de enunciados, mediante um processo de afinação contínua, num vaivém entre os dados e as categorias. Cada documento foi tratado como um caso e cada caso teve diversas unidades de análise. Utilizou-se a análise qualitativa de conteúdo, técnica adequada aos propósitos desta investigação.¹⁷⁵²

Após a classificação dos enunciados, estando os conteúdos agrupados por semelhança e parentesco, passámos à segunda fase, a verificação da existência de padrões, identificados

¹⁷⁵² Sobre a análise de conteúdo, ver, entre outras as seguintes obras: Olabuénaga; José Ignacio Ruiz e María Antonia Ispizua Uribarri (1989), *La descodificación de la vida cotidiana, Métodos de Investigación cualitativa*, Bilbao, Universidad de Deusto; Almenara, Julio Cabrero e Felicidad Loscertales Abril (1996), “Elaboración de un sistema categorial de análisis de contenido para analizar la imagen del profesor y la enseñanza en la prensa”, *Revista de pedagogía*, 48, nº4, pp 375-392; Moraes, Roque (2003), “Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva”, *Ciência & Educação*, 9 (2), pp 191-211; Mayring, Philipp (2000), “Qualitative Content Analysis”, *Forum: Qualitative Sozialforschung / Qualitative Social Research*, 1, (2). Disponível em <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs0002204>; Andréu Abela, J. (2000), “Las técnicas de análisis de contenido: una revisión actualizada”, Fundación Centro Estudios Andaluces, Universidad de Granada, 10 (2), pp 1-34; Disponível em <http://public.centrodeestudiosandaluces.es/pdfs/S200103.pdf> Krippendorff, Klaus, (2004), “Measuring the Reliability of Qualitative Text Analysis Data”, *Quality and Quantity* 38, pp 787-800; Krippendorff, Klaus, (2011), “Discourse and the materiality of its artifacts”, em Timothy R. Kuhn (Editor), *Political, Cultural, and Technological Challenges to Communication Theorizing*, New York, Hampton Press, pp 23-46; Devi, Naorem Binita (2009), “Understanding the qualitative and quantitative methods in the context of content analysis”, QQML2009, Chania Crete Greece. Disponível em http://isast.org/proceedingsQQML2009/PAPERS_PDF/Devi-Understanding_the_Qualitative_and_Quantitative_Methods_PAPER-QQML2009.pdf; J Wesley, Jared (2009), “Building bridges in content analysis: quantitative and qualitative traditions”, The Annual Meeting of the Canadian Political Science Association, Carleton University, Ottawa, Ontario. Disponível em https://www.poltext.org/sites/poltext.org/files/wesleyca1._23062009_112228.pdf. Para a reflexão sobre as categorias foi ainda utilizada a obra de Williams, Raymond (1983), *Keywords, A vocabulary of culture and society*, New York, Oxford University Press.

no texto escrito. Procuraram-se significados nas unidades de observação em que foram transformadas as missivas, objetos da nossa observação.

A questão prévia que presidiu à investigação – a existência de evolução no pensamento dos militares acerca da guerra – determinou o processo de categorização e a definição dos enunciados. Não foi aplicado o critério de exclusividade pois enunciados houve que foram classificados em mais do que uma categoria, adquirindo vários sentidos e, desta forma, superando a fragmentação do texto em direção a descrições mais amplas. Foram definidas três categorias principais para a classificação dos enunciados presentes na correspondência: serviço militar, cotidiano e sociedade. Posteriormente foi criada uma categoria para o registo das emoções.

Relativamente ao serviço militar, esta categoria envolveu todos os enunciados relacionados com a vivência da incorporação, mobilização e desmobilização militar. Desdobrou-se em quatro sub-categorias específicas: instituição militar, vida militar, operações militares e inimigo. Quanto à instituição militar, os enunciados incluem: referências à preparação para o cumprimento do serviço militar desde a fase inicial de recrutamento à formação geral e outros cursos de especialidade frequentados dentro deste contexto; referências à movimentação dos militares desde a partida para o território de mobilização, deslocações até aos aquartelamentos e transferência para outros locais, bem como licenças gozadas no âmbito do serviço militar, regresso à Metrópole e desmobilização; referências à estrutura organizacional militar, hierarquia, cadeia de comando, administração da disciplina, incluindo sanções e distinções; referências às visitas programadas aos aquartelamentos de personalidades políticas, artistas do teatro, canção e cinema, profissionais da comunicação social, nacionais e estrangeiros, membros do MNF e da secção feminina da Cruz Vermelha; e referências relativas a acontecimentos relevantes celebrados em conjunto como as festas do Natal, Páscoa, passagem de ano e outras efemérides.

Em relação à vida militar, incluem enunciados: relativos ao ingresso na vida militar como dar o nome, inspeção e incorporação na instituição; relativos a funções e tarefas desempenhadas no cumprimento do serviço militar; e relativos à vivência do quotidiano tais como distribuição e circulação do correio, envio e recepção de dinheiro e de encomendas, compras de bens incluindo preços, vivência do clima e da geografia e acontecimentos fora do contexto operacional tais como relacionamento com civis, formação profissional, acidentes e ocupação de tempos livres.

Em relação às operações militares, enunciados que incluem: referências a ações militares no terreno – patrulhamentos, reconhecimentos e movimentos logísticos – missões, ataques,

combates, feridos, mortos, prisioneiros e desaparecidos, bem como ao armamento utilizado, apreendido e perdido; e referências à situação militar concreta no terreno.

Em relação ao inimigo, enunciados que incluem: referências específicas ao inimigo, à sua capacidade militar e às suas instituições de enquadramento; e referências que incluem apreciações do inimigo e do seu comportamento, baseados na ideia de raça.

A segunda categoria principal é relativa ao quotidiano. Contém os enunciados relacionados com a vivência diária dos escreventes, fora do contexto militar. Inclui as seguintes sub-categorias: vida familiar, atividade profissional, corpo e alimentação, entretenimento.

Quanto à vida familiar, encontram-se enunciados: referentes às rotinas diárias, à economia doméstica, rendimentos e dívidas, preços de bens diversos – alimentos, transportes, mobiliário, electrodomésticos, vestuário e calçado, saúde e lazer –, referentes à casa de habitação, à educação dos filhos, deslocações para o emprego, médico, escola, estação dos correios, visitas sociais, e referentes ao clima e estado do tempo.

Quanto à sub-categoria actividade profissional, estão aqui os enunciados referentes à ocupação que os escreventes desempenham, incluindo a instrução, formação, bem como referências a ordenados e subsídios.

Na sub-categoria corpo e alimentação estão: referências à anatomia e fisiologia do corpo bem como enunciados relativos à saúde, doença, medicamentos, tratamentos e operações, incluindo o aborto; referências à higiene e cuidados pessoais bem como ao vestuário e adereços. Inclui-se, também, tudo o que é relativo ao nascimento, envelhecimento e morte, à vivência da sexualidade e enunciados relativos à alimentação, bebidas, tabaco e drogas.

Finalmente, a sub-categoria relativa ao entretenimento inclui as referências à forma como os escreventes ocupam o tempo livre: leitura, cinema, teatro, televisão, desporto, jogos, passeios à praia e campo, festas populares e religiosas, viagens, convívio com amigos, incluindo o modo como valorizam estas diversas formas de estar.

A terceira categoria principal é relativa à sociedade. Contém os enunciados relacionados com a forma como os escreventes vêem a sociedade e se integram nela. Inclui três sub-categorias, a saber, as que dizem respeito à política, papéis e valores sociais e religião.

Em relação à política, encontramos os enunciados que incluem referências à política nacional, colonial, oposição ao regime, censura, eleições, repressão política e manifestações e política internacional.

Em relação à sub-categoria papéis e valores sociais, inclui: referências ao modo de vida na Metrópole, nos espaços rurais e urbanos; referências ao modo de vida nas colónias, no mato e nas cidades, incluindo referências aos africanos, colonos e seu relacionamento; referências à

vivência da intimidade – sexualidade, prostituição e relações – e ao exercício dos diversos papéis sociais desempenhados nos contextos familiar e social: filho(a), pais, mãe, pai, irmãos, cônjuges; e apreciações relativas ao género, diferenças, direitos e deveres.

Em relação à sub-categoria religião, encontramos enunciados com referências a práticas e rituais de natureza religiosa bem como a festas e celebrações populares de cariz religioso e enunciados com referências a relações causais entre acontecimentos e intervenção divina, mediada por santos ou por objectos investidos de um cunho mágico e protetor.

No que diz respeito à última categoria, onde se regista a expressão das emoções, foram considerados como classificáveis os enunciados relativos a estados psicológicos que envolveram experiências subjectivas, descrição de respostas fisiológicas e respostas de comportamento como ações, estados e processos emocionais. Foram também consideradas nesta categoria referências relativas à percepção da passagem de tempo, ao papel e função da correspondência, bem como referências a emoções específicas como o medo, o ódio, o amor, a ansiedade, a dor, o sofrimento, a saudade, entre outras. Regista-se aqui, também, a expressão das expectativas relativas à vida futura do militar e dos seus, bem como as reflexões acerca do momento do regresso.

À fragmentação inicial dos textos em unidades de sentido, os enunciados, categorizáveis, seguiu-se o movimento inverso, o de estabelecer relações e uma nova compreensão sobre os dados. Uma das principais dificuldades foi a de conseguir um equilíbrio entre a análise e a apresentação dos dados, evitando o uso excessivo da voz dos participantes. Um momento houve em que nos pareceu que a comunicação dos resultados iria assemelhar-se a compilações de citações ligadas entre si, de forma lógica. Tentámos estabelecer um equilíbrio entre dar a quem lê toda a informação tendo como risco um quase silêncio do investigador ou apresentar os dados com muitas considerações, deixando pouco lugar ao que as fontes puderam dar a ver.

A construção da base de dados e a utilização da análise de conteúdo, como técnica de análise qualitativa do discurso escrito, levou a um conjunto de precauções, desde logo a consciência da inexistência de leituras neutras e do papel da interpretação do investigador tendo em atenção a sua percepção dos dados. A validação desta análise foi realizada tendo em atenção o facto de que os textos não têm um significado inerente nem falam por si próprios. No entanto, como referem Almenara e Abril, a análise de conteúdo “assume como principio, que los documentos reflejan las actitudes y creencias de las personas e instituciones que los

producen, así como las actitudes y creencias de los receptores de éstos.”¹⁷⁵³ Assim foram considerados. O objetivo foi o de construir uma narrativa que permitisse a comunicação de resultados – o que se encontrou no processo de categorização – e compreender os fenómenos investigados utilizando citações dos documentos originais.

O contexto de produção, distribuição e receção foi tomado como marca de referências das mensagens e dos seus significados. A comparação com outros trabalhos que utilizaram as mesmas fontes e a identificação na literatura de categorias prévias, adaptadas e revistas em função deste caso concreto, permitiu desenvolver o processo, evitar o enviesamento e reduzir a incerteza, dando a ver o que é relevante.

¹⁷⁵³ Almenara, Julio Cabrero e Felicidad Loscertales Abril (1996), “Elaboración de un sistema categorial de análisis de contenido para analizar la imagen del profesor y la enseñanza en la prensa”, *Revista de pedagogía*, 48, nº4, p.1.